
6 a 10 de outubro 2025
10ª ReACT
REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA
PRÁTICAS GERMINANTES

RESUMOS



ST 01: A TECNOPOLÍTICA DAS INFRAESTRUTURAS URBANAS: ENTRE O REPARO, A RENOVAÇÃO E AS RUÍNAS

Coordenação: Camila Pierobon (Museu Nacional), Marcos Lopes Campos (CEBRAP), Mariana Cavalcanti Rocha dos Santos (UERJ)

Sessão 1 — ST 01: A tecnopolítica das infraestruturas urbanas: entre o reparo, a renovação e as ruínas - Emergências climáticas, extrativismos e infraestruturas urbanas

A vida nas ruínas de Atafona: erosão costeira, deslocamentos e a memória da pesca artesanal

Julia Dias Pereira (UERJ)

Nesta comunicação apresento dados da pesquisa de doutorado, que está em andamento desde 2022. Nela, descrevo e analiso como as famílias de pescadores artesanais residentes no distrito de Atafona - situado em São João da Barra, Rio de Janeiro - lidam com o contínuo avanço do mar e com as constantes alterações causadas por este fenômeno. Ao todo o mar destruiu, desde 1970, mais de 500 construções, engolindo diversos quarteirões na praia de Atafona. Os moradores explicam que a principal causa do avanço do mar é o assoreamento do rio Paraíba do Sul. Além disso, citam ações locais da prefeitura que alteram a dinâmica das águas, as mudanças climáticas e a recente construção do Porto do Açu. Neste processo, foram afetados majoritariamente pescadores artesanais, veranistas e comerciantes. Os pescadores e comerciantes foram realocados em momentos distintos ou aderiram à política pública de aluguel social. Parte dos veranistas que mantêm laços fortes com Atafona compraram novos imóveis. Destaco que o avanço do mar em Atafona se tornou um exemplo internacional dos efeitos do avanço do mar, sendo palco de reportagens, filmes e pesquisas. As casas que se tornam símbolos do arruinamento da praia de Atafona são majoritariamente de veranistas, que ganham destaque pelos tamanhos e robustez das estruturas. Em Atafona, torna-se possível observar as estratégias e tecnologias sociais de

enfrentamento da erosão costeira, refletindo sobre como é a vida em ruínas em um constante processo de mudança.

A(s) Baía(s) de Florianópolis (SC): infraestruturas urbanas e o espaço marítimo

Vitória da Silveira Alves (UFSC)

A Baía de Florianópolis tem uma divisão simbólica hoje representada por uma de suas pontes de ligação da ilha com a parte continental da cidade, a ponte Colombo Salles que foi construída nos anos 70. Assim, temos uma divisão marcada entre a Baía Sul e a Baía Norte. Ambos estes lados das Baías têm sido ocupados por pescadores artesanais (Diegues, 2004) a tempo suficiente para eles, e a Baía como um todo, terem sido afetados pelas mudanças infraestruturais e da paisagem. Dentre essas mudanças, algumas delas são: a ameaça do estabelecimento de ETEs; pescadores com dificuldade para moverem seus barcos do mar para a praia por conta da lama gerada por aterros; microalgas invasoras que comprometem a qualidade do pescado; ameaças devido a construção de prédios e marinas em áreas que comprometem o transitar entre ranchos - praia - mar. Essas infraestruturas são perturbações (Tsing, 2015; 2019) não somente para a realidade dos pescadores, mas também das águas da Baía como um todo. No entanto, as infraestruturas já estabelecidas indicam um modo de habitabilidade simbiótica entre o espaço urbano e o marítimo. Com isso, a proposta do presente trabalho é tensionar a relação entre as infraestruturas, a permanência dos pescadores nesse espaço e as divisões invisíveis (Sul e Norte) geradas por conta das mudanças (Morita; Suzuki, 2019). Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC).



Estradas, portos e estuários: fricções entre infraestruturas multiespécies, paisagens costeiras e habitabilidades anfíbias

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira (UFSC)

Esta comunicação propõe apresentar uma etnografia multissituada em andamento, que trata sobre os efeitos de grandes infraestruturas em paisagens ricas em água. A pesquisa articula três manchas (patches) no sul do Brasil - a rodovia BR-101 e o estuário do rio Itapocu (SC), as monoculturas cultivadas na antiga floresta Ombrófila Mista (Planalto Norte Catarinense) e o porto de São Francisco do Sul na baía da Babitonga (SC) — com investigações realizadas na ilha de Okishima, no Lago Biwa (prefeitura de Shiga - Japão). Em Okishima, me interessei especialmente por formas locais de percepção ambiental, habitabilidades anfíbias e técnicas de agricultura, pesca artesanal e bricolagem, atravessadas por pressões de envelhecimento populacional, mudanças econômicas recentes no Japão, alterações na dinâmica das águas e perturbações ecológicas causados por espécies ferais e por intervenções hidráulicas no lago. Mobilizando noções como infraestruturas multiespécies, cosmotécnicas de resposta, habitabildiades anfíbias e artes de notar, proponho uma leitura etnográfica das práticas de adaptações multiespécies coordenadas presentes nessas paisagens. A proposta busca contribuir para os debates contemporâneos em antropologia da paisagem, da técnica e da ciência, especialmente em paisagens ricas em água sob pressão ecológica.

Viver entre ruínas e obras: Reflexões etnográficas sobre o desastre da Braskem em Maceió

Luiza Fonseca de Souza (UERJ)

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre o desastre em curso em Maceió, causado pelo afundamento do solo devido à exploração subterrânea de sal-gema pela petroquímica Braskem. Como consequência desse processo, desde 2019, mais de 60 mil pessoas foram deslocadas compulsoriamente de suas casas a partir do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (PCF), além de milhares que vivem em áreas de risco e se encontram ilhadas socioeconomicamente. Desde um viés etnográfico, proponho discutir os efeitos do desastre a partir das transformações na paisagem de Maceió. Proponho essa abordagem devido à atuação da empresa tanto na área atingida pelo desastre, ao executar práticas de demolição e gerenciamento

do território em arruinamento, quanto nas demais áreas da cidade, ao realizar obras de mobilidade urbana junto ao poder público. Em paralelo, moradores não incluídos no PCF lidam cotidianamente com os efeitos do afundamento do solo sem possibilidade de indenização, realizando obras e reparos em suas casas e ruas de maneira autônoma. Diante disso, argumento que narrar o desastre a partir dos reparos, obras e demais intervenções no espaço urbano possibilita refletir sobre como o desastre se estende espacial e temporalmente para além das representações oficiais, como mapas e relatórios institucionais.

Um assassino silencioso: a infraestrutura de crise para lidar com o calor extremo

Camila Miranda Ventura (UERJ)

Um assassino silencioso – por meio desta metáfora a Organização Mundial da Saúde alerta sobre os impactos à saúde provocados pelos episódios de calor extremo. Nos últimos anos, as ondas de calor vêm aumentando em frequência, duração e intensidade, se revelando como uma das facetas da crise socioambiental atual. Possuir uma infraestrutura urbana de gestão de crises que seja robusta e capaz de enfrentar este problema é um desafio que vem abatendo diversas cidades pelo mundo.

No campo da saúde, protocolos de calor estão sendo desenvolvidos com objetivo de criar fluxos de atendimento médico e planos de ação para lidar com os dias de calor extremo. Esta solução, ao mesmo tempo em que busca oferecer algum conforto e resposta imediata à crise, por outro lado revela a sua dimensão trágica: o fracasso em frear o aumento do aquecimento global nos conduziu a um mundo cada vez mais quente. Esta é a realidade das ruínas dos nossos tempos.

Este recorte integra uma pesquisa de doutorado em andamento que visa analisar os efeitos da crise climática sob a ótica do enfrentamento ao calor extremo. Sobretudo, como o calor se tornou um agente catalisador de políticas públicas de saúde, mediando relações entre ciência, gestão e sociedade. Proponho como discussão correlacionar os temas de crise climática, biopolítica e infraestrutura de crise a partir da criação de protocolos de calor que integram serviços de saúde, monitoramento climático, planos de ação e sistemas de alerta para a população.



Conquistar água: práticas de mobilização popular comunitárias na produção de infraestruturas hídricas em Florianópolis

Priscila Oliveira dos Anjos (USFC)

Nesta comunicação oral pretendo compartilhar reflexões produzidas a partir de trabalho de campo realizado na comunidade Morro da Caixa, em Florianópolis/SC. Os dados etnográficos construídos entre 2022 e 2023 comunicam como as práticas comunitárias de luta pelo acesso às infraestruturas de água informam sobre as dinâmicas de poder nos processos de produção da vida na cidade. O verbo conquistar, na forma infinitiva, acompanhado da palavra água, é uma categoria que elaborei ao observar a continuidade da luta dos moradores do Morro da Caixa pelo acesso à água. Conquistar a água é ação diária dos moradores dessa localidade, já que manter a água mobiliza os líderes comunitários em torno das obras e manutenções necessárias para que o cotidiano seja possível nas casas. A conquista da água tem sua dimensão histórica. A ocupação do Morro da Caixa remonta à década de 1920, e somente 60 anos depois a comunidade teve acesso à água encanada em suas casas. Foi só após a formação do Conselho Comunitário que foram iniciadas as negociações entre a comunidade e o Estado para o acesso à água tratada. Atualmente, o município afirma que 100% da população acessa água em Florianópolis. Mas o que meus três últimos anos de pesquisa etnográfica sugerem é que esse "100% de acesso" não dá conta das diferentes formas desse acesso, dos conflitos e das histórias sociais, das lutas e das práticas cotidianas de populações que fazem as águas circularem (Pierobon, 2018) por tubulações e torneiras da cidade.

Infraestruturas e paisagens mais-que-humanas de um rio urbano: pensando relações por meio das águas do Rio dos Macacos

João Novello Whately (PUC-RIO)

Este trabalho tem como foco as infraestruturas existentes ao longo do curso do Rio dos Macacos, um rio localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Construídas em diferentes momentos e com objetivos diversos (tais como os de captação de água, paisagismo e domesticação das águas em meio ao ambiente urbano), essas infraestruturas possuem trajetórias históricas e tecnopolíticas próprias, as quais pretendo explorar neste trabalho. Os objetivos desta comunicação, nesse sentido, são: 1) abordar a história dessas intervenções infraestruturais, bem como seus efeitos

sobre as paisagens locais e sobre as relações entre humanos e não-humanos na região; 2) discutir como, no presente, essas infraestruturas ressignificam as águas em cada trecho do rio, modelando as relações que diferentes atores estabelecem com elas - e através delas - ao longo do seu percurso. Argumento que a investigação das conexões existentes entre o Rio do Macacos e diferentes grupos sociais, ambientes e infraestruturas oferece uma contribuição para as investigações socioambientais desenvolvidas no Rio de Janeiro, à medida em que representam uma via para desdobrarmos uma série de questões próprias de nossa realidade urbana. Tais questões envolvem a relação da cidade com os corpos hídricos, a contaminação das águas, as enchentes, as transformações sociais e ecológicas provocadas por reformas urbanas e por projetos infraestruturais, as lutas pelo espaço urbano e contra a remoção de moradias, entre outros.

Sessão 02 — ST 01: A tecnopolítica das infraestruturas urbanas: entre o reparo, a renovação e as ruínas - Arruinamento, tecnodispositivos e segurança

Redes privadas de vigilância e a plataformização da segurança: infraestruturas urbanas entre o controle e a colaboração

Valentina Fonseca da Luz (UFRJ)

Este trabalho examina a emergência de empresas de vigilância digital que oferecem redes privadas de monitoramento como infraestruturas urbanas “inteligentes”, articulando vizinhanças, tecnologias e agentes estatais em arranjos colaborativos de controle territorial. Inspiradas pelas lógicas de plataforma e gestão de dados, essas iniciativas operam como sistemas distribuídos de segurança por meio de aplicativos, mapas em tempo real e protocolos de acionamento direto das forças policiais. A partir de um estudo de caso da Gabriel, maior empresa desse setor no Brasil, o objetivo é refletir sobre como tais redes sociotécnicas, formadas por câmeras, softwares, moradores e agentes públicos, transformam práticas de policiamento e sociabilidades cotidianas nos bairros monitorados, em especial na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa, em estágio inicial, reflete sobre as formas como essa empresa e seus dispositivos reconfiguram o cotidiano da segurança, ao mobilizar formas de participação e responsabilização coletiva que deslocam o eixo

da vigilância do Estado para o território. Argumenta-se que essas redes privatizam e distribuem o olhar vigilante, constituindo um regime de segurança gerencial e colaborativo, sustentado por idealizações de eficiência, militarização e tecnicidade. São utilizadas abordagens etnográficas para examinar essas infraestruturas privadas de governança urbana, em que ruínas institucionais e promessas de modernização se entrelaçam.

Cabos e nuvens: Traçando dinâmicas e impactos da agenda tecnopolítica de cidades inteligentes

Jess Reia (University of Virginia)

Da eletrificação dos espaços públicos à inteligência artificial (IA), a história compartilhada entre tecnologias e cidades se reflete nas transformações de espaços urbanos e nas interações entre humanos, não-humanos e infraestruturas. A cidade inteligente, como agenda tecnopolítica, representa uma tentativa de promover a tecnologia no âmbito urbano a partir de interesses corporativos. Na busca por inteligência, governos municipais adotam abordagens tecno-solucionistas para problemas históricos, com soluções proprietárias que amarram cidades a acordos que não promovem futuros duradouros. O tecno-solucionismo se intensifica com a expansão de modelos de linguagem de larga escala, IA generativa, supercomputadores e data centers. A aquisição tecnológica costuma ignorar o curto ciclo de vida dessas infraestruturas, o alto consumo de água e energia, a falta de manutenção e o acúmulo de lixo eletrônico. Este trabalho destaca a necessidade de ancorar a complexa relação entre cabos e nuvem na sua materialidade histórica e no papel desses sistemas na crise climática. Com base em oito anos de pesquisa de campo etnográfica no Brasil, o artigo apresenta as dinâmicas de poder na construção (física e simbólica) de cidades inteligentes e detalha narrativas corporativas que promovem tecnologias ineficazes e ambientalmente insustentáveis. A contribuição empírica é a análise crítica das cidades inteligentes brasileiras como redes de atores, discursos e infraestruturas que moldam mundos vividos.



Comparações entre Teleporto e Porto Maravalley: contextos e dispositivos para um Rio de Janeiro tecnocentrado

João Felipe Pereira Brito (USP)

O Rio de Janeiro há muito articula investimentos materiais a investimentos simbólicos, buscando reabilitar zonas do seu tecido urbano e reformular seus imaginários e futuros. Este trabalho tem o intuito de analisar duas infraestruturas que, em minha hipótese central, expressam em suas arquiteturas, localizações e discursos fundantes dois momentos da história recente da cidade que (i) se aproximam nas expectativas lançadas sobre a inovação tecnológica para futuros desejáveis e (ii) se distinguem nas formas e conteúdos de inserção da cidade na competição interurbana global por atração de capitais: os edifícios Teleporto (1994) e Porto Maravalley (2024). Pergunta norteadora: como Teleporto e Porto Maravalley se aproximam e distanciam no que se refere a estratégias de "empreendedorismo urbano" (Harvey, 1989) vinculadas a "imaginários sociotécnicos" (Jasanoff, 2015)?

O objetivo é compreender como, em diferentes momentos do processo de internacionalização e de busca por competitividade interurbana do Rio de Janeiro, infraestruturas centradas em inovação tecnológica produzem e, concomitantemente, representam gramáticas de empresariamento urbano e tematização da cidade que se combinam e se sobrepõem.

Quanto aos métodos lógicos, trata-se de uma análise comparativa entre dois equipamentos e momentos da cidade baseada em sociologia compreensiva. Quanto aos métodos técnicos, utilizarei:

- pesquisa bibliográfica;
- pesquisa documental;
- pesquisa etnográfica;
- pesquisa hemerográfica.

A praça da Sé, a meio caminho o canteiro de obras e os escombros

Artur Boligian Neto (FAU USP)

Esta exposição propõe uma reflexão sobre a dimensão destrutiva dos processos de modernização urbana a partir do caso emblemático da Praça da Sé, em São Paulo. Inspirados na

provocação de Claude Lévi-Strauss, que descreveu a cidade como um espaço que cresce sobre seus próprios escombros e definiu a Praça da Sé como estando "a meio caminho entre o canteiro de obras e a ruína", analisamos como, ao longo do século XX, o local foi alvo de sucessivas intervenções demolidoras sob o pretexto de "melhoramentos", especialmente nas décadas de 1910 e 1970. A reforma dos anos 1970, marcada pela implantação da estação Sé do Metrô, promoveu uma transformação radical que subordinou o espaço público às exigências técnicas e políticas da circulação e da mobilidade, contribuindo para a sua decadência social. Em uma cidade onde as transformações urbanas são abruptas e capazes de valorizar ou degradar um lugar em pouquíssimo tempo, a Praça da Sé torna-se paradigma das contradições entre o progresso urbano e o arruinamento. Propomos, assim, o conceito de escombro como ferramenta crítica para pensar a "face negativa" da modernização.

Tecnopolítica da securitização e militarização no projeto piloto de reconhecimento facial

Adriano de Carvalho Mendes (PUC-RIO)

Desde 2011, o setor público brasileiro tem adotado o reconhecimento facial em áreas como segurança, transporte e educação (IGARAPÉ, 2022). Hoje, a tecnologia está presente em todos os estados e integra mais de 195 projetos, sobretudo no videomonitoramento. No Rio de Janeiro, o Projeto Piloto de Reconhecimento Facial (PPRF), iniciado em 2019, surgiu no contexto dos megaeventos e da crescente militarização urbana (CARDOSO, 2018; GAFFNEY, 2016). Lançado no carnaval com caráter experimental, tornou-se prática permanente, refletindo zonas de exceção jurídico-legais.

Apresentado como ferramenta neutra e eficiente, o reconhecimento facial deve ser analisado pelos modos como exerce controle e reforça estruturas de poder (KRAUS, 2022). Em um país marcado por desigualdades, a segurança pública tem justificado sua aplicação, especialmente em espaços populares. Em 2020, 2.098 pessoas foram baleadas no Rio — média de 3 tiroteios por dia — a maioria durante operações policiais (MATTOS ROCHA E MOTTA, 2020). Isso reforça estigmas sobre favelas e legitima ocupações violentas (LEITE, 2001; MAGALHÃES, 2021).



Reparo e retrofit no centro de São Paulo

Nate Millington (University of Manchester)

Nos últimos anos, na geografia e disciplinas alinhadas, o conceito de 'reparo' tornou-se um conceito central nas discussões sobre política urbana e o cotidiano dos moradores urbanos em condições de precariedade generalizada. Ao focar nas relações entre pessoas e o 'ambiente construído' - a partir do trabalho manual e das práticas de conserto - o conceito de reparo dá ênfase às relações entre pessoas e materiais nas cidades contemporâneas. Nesta apresentação, visa-se entender o ambiente construído do centro de São Paulo a partir das teorias de reparo e das políticas da infraestrutura. A cidade de São Paulo é entendida como uma cidade e paisagem infraestrutural, construída na época do consagrado 'ideal moderno de infraestrutura' (modern infrastructural ideal). Neste sentido, a paisagem de São Paulo se torna tanto um um peso, quanto uma possibilidade, uma infraestrutura que estrutura o presente e o futuro.

Nesta apresentação serão apresentadas duas formas e práticas de reparo em São Paulo: as ocupações dos movimentos de moradia, que ocupam espaço de forma radical, e as práticas de retrofit, que exploram o passado urbano para facilitar a expansão do mercado imobiliário no centro. Nesta apresentação, considero as geografias dessas práticas e as formas em que os proponentes visualizam a cidade e as possibilidades de reparo para gerar uma outra cidade. Indaga-se, portanto, o que significa reparo na cidade atual? E este conceito pode gerar uma cidade mais justa?

Infradesconexão: processos de pesquisa artística com infraestruturas da telecomunicação e mudanças climática no Rio de Janeiro

Ruy Cézar Campos Figueiredo (UFF)

Data centers, cabos submarinos e antenas de telecomunicação são diferentes tipos de infraestruturas das mídias. Em seu conjunto, formam uma megaestrutura que sustenta a distribuição de sinais audiovisuais e dados digitais e cuja operacionalidade é crítica para o funcionamento da sociedade em seus mais diversos aspectos. Apesar disso, as infraestruturas das mídias ainda são um tema pouco estudado pelas ciências humanas e sociais.

O projeto aqui apresentado buscou começar a ampliar as discussões em torno do tema e o fez chamando atenção para a presença dessas infraestruturas em territórios do Rio de Janeiro, bem

como reconhecendo e apontando a vulnerabilidade desses territórios e dessas infraestruturas para as mudanças climáticas. A proposta foi visitar os territórios e colocar em prática uma abordagem multidisciplinar pautada em metodologias das Artes.

Os territórios visitados pelo projeto foram: Praia da Macumba, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro e local de ancoragem de cabos submarinos; Pavuna, local onde estão instalados data centers e centros de logística; Morro do Sumaré, local onde há um parque de antenas de transmissão de rádio e televisão.

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto tiveram caráter transdisciplinar, envolvendo ações de pesquisa de campo, produção artística, registros audiovisuais, articulação teórica e metodológica, além de atividades docentes e de divulgação científica e podem ser visualizados na página web www.infradesconexao.art.

Sessão 03 — ST 01: A tecnopolítica das infraestruturas urbanas: entre o reparo, a renovação e as ruínas - Pessoas como infraestrutura: usos cotidianos, resíduos e mobilidades

Infraestruturas e Vida cotidiana dos moradores da Ocupação Hospital São Sebastião.

Felipe Mendonça Chagas (UERJ)

A presente proposta tem como objetivo compreender os sentidos e interpretações atribuídos pela população residente da Ocupação Hospital São Sebastião, no bairro do Caju - RJ, na autogestão das infraestruturas de água, energia elétrica e saneamento. Nesse sentido, procura-se investigar sobre a dimensão das infraestruturas urbanas na vida cotidiana dos moradores para questionar modos objetivos de fazer cidade e visibilizar as condições de desigualdade no espaço urbano. Tendo a Ocupação como campo, este estudo busca compreender os períodos marcados por intensa disputa, conflitos e reapropriação, contribuindo para os estudos urbanos ao analisar obstáculos, avanços e rupturas na produção e gestão de infraestruturas que sustentam a vida social e biológica em contextos definidos pelo poder público como irregulares.



Barracões Carnavalescos como Infraestruturas Racializadas: Etnografia do Trabalho na Cidade do Samba

Mauro Cordeiro de Oliveira Junior (UFRJ)

Analiso os barracões das escolas de samba do Rio de Janeiro como infraestruturas urbanas que materializam hierarquias raciais na produção cultural. A partir de etnografia multissituada (2019- 2023) na Cidade do Samba, investigo como a organização espacial replica desigualdades urbanas, constituindo arranjos sociotécnicos instáveis refeitos por práticas cotidianas. A Cidade do Samba é entendida como uma infraestrutura urbana concebida para substituir os antigos barracões precários da zona portuária onde as escolas da divisão de elite do carnaval carioca produziam seus desfiles. Contudo, sua distribuição funcional espacializa divisão do trabalho racialmente organizada e materializa hierarquias entre diferentes concepções de trabalho, coincidindo sistematicamente com diferenciações raciais. A etnografia evidencia contradições: se os barracões representam conquista material das escolas, mantêm estruturas que naturalizam concentração de trabalhadores negros em funções subalternas. Os "invisíveis do espetáculo" - ferreiros, costureiras, aderecistas, escultores - desenvolvem saberes sofisticados e redes colaborativas sustentando produção carnavalesca e reprodução social comunitária. Mobilizando "pessoas como infraestrutura" (SIMONE, 2004), demonstro como trabalhadores constituem plataformas sociais vitais através de práticas colaborativas flexíveis. A pesquisa revela estratégias articulando necessidade material e realização artística na ideia de um "trabalho sonhado" (FACINA, 2022).

Das ruínas ao mercado: a reconstrução do Mercado São José (RJ)

Nina Pinheiro Bitar (UFRJ), Nino Bariola (University of Toronto), Thiago Gomide Nasser (Junta Local)

Apesar de sua importância para a vida urbana cotidiana, os mercados de alimentos têm recebido atenção insuficiente dos cientistas sociais da “virada infraestrutural”. Os mercados não apenas refletem transformações históricas nas estruturas políticas e econômicas, mas também moldam mudanças nas dinâmicas sociais, culturais e ambientais das cidades. Uma análise granular das biografias de mercados de alimentos nos permite examinar como mudanças nas lógicas complexas de abastecimento estão ligadas à criação e expansão de formas de desigualdades

urbanas—o que o sociólogo Andrew Deener (2020) chama "exclusão infraestrutural"—e à formação de redes de apoio e outras formas de capital social. Combinando a análise de fontes de arquivo, etnografia e entrevistas, este artigo busca reconstruir a história do Mercado São José, no Rio de Janeiro, para oferecer uma visão sobre o papel dos mercados como infraestruturas alimentares e na formação de desigualdades e oportunidades na cidade. Tal mercado está sendo reconstruído, restaurado e ampliado para abrigar comerciantes, dialogando com atuais questões urbanas e ambientais. Novos padrões de consumo surgiram desde a década de 60 afetando a atuação dos mercados a partir da expansão do produtivismo neoliberal da monocultura. Buscaremos captar as percepções dos atores sociais sobre as mudanças nas dinâmicas do abastecimento na cidade do Rio de Janeiro e as formas de exclusão (e solidariedade) que emergem em torno das infraestruturas alimentares.

Reciclagem de resíduos têxteis: uma análise dos caminhos percorridos pelo jeans, seu descarte e reuso nas confecções de roupas em Caruaru (PE)

Adriana Eidt (UFRPE)

O presente trabalho acompanha o percurso de uma peça de jeans descartada por uma confecção em Caruaru (PE) até a cooperativa "Mulheres de Argila", que recebem as "ourelas" do jeans e as transformam em produtos de artesanato. O grupo explora as possibilidades de reutilização das sobras dos tecidos, buscando identificar oportunidades de criação de novos produtos ou materiais.

A economia circular é apresentada como uma alternativa à lógica "do berço ao túmulo" (extração, uso e descarte), promovendo fluxos contínuos de reutilização e renovação (McDonough & Braungart). O jeans, como mercadoria, é analisado dentro dessas tensões entre funcionalidade, valor simbólico e impactos ambientais.

Trazendo a perspectiva das "jornadas" (Knowles), que acompanha o caminho dos objetos — desde a produção até o descarte — para entender a circulação de materiais e os vínculos entre pessoas e coisas. Dentro dessa perspectiva, o trabalho procura refletir esses caminhos dentro de duas abordagens: considera tanto a história social dos objetos, inspirada por autores como Appadurai e Miller, assim como a análise partindo da noção de infraestrutura, entendida aqui em suas dimensões materiais, estéticas e políticas. Para noção de infraestrutura é pensado o conceito

de “infraestruturas residuais” (Lima,M.R.P), útil para analisar as múltiplas dimensões e escalas dos resíduos e das práticas de gestão associadas, que muitas vezes escapam às visões técnicas tradicionais.

Programa Bira Carvalho – Território, Acessibilidade e Mobilidade na Maré: um novo olhar sobre infraestrutura e mobilidade urbana

Lino Teixeira (PUC-RIO), Antonio Pimentel Sequeira Junior (UFF), Ana Clara Pereira Monteiro Macedo (UERJ), Victoria Alves de Oliveira (Observatório de Favelas)

Nossa proposta é discutir a temática das mobilidades urbanas (Sheller; Urry, 2006; Freire-Medeiros; Lage, 2020) a partir de um ponto fundamental que permite ou impossibilita o movimento de determinados sujeitos: a acessibilidade. Com base em uma pesquisa em andamento sobre acessibilidade no território da Maré, conduzida pelo Eixo de Políticas Urbanas do Observatório de Favelas em conjunto com o Especiais da Maré, buscamos tensionar o conceito de mobilidade, articulando-o às práticas cotidianas dos sujeitos e às infraestruturas que viabilizam ou obstruem fluxos de deslocamento.

A pesquisa baseia-se em um mapeamento georreferenciado realizado por um grupo de 30 pesquisadores com deficiências diversas e de rodas de conversa qualitativas, em que são evidenciadas experiências urbanas e as redes de cuidado. A partir de análise preliminar, emergem questões como: a quem é permitido o movimento? Quando há fricções e obstáculos, quais estratégias são acionadas para seguir vivendo e se movimentando? Como o trabalho de cuidado cotidiano de Pessoas com Deficiência revela dinâmicas de gênero?

Através da análise de duas infraestruturas – as estações do BRT e passarelas no entorno da Maré, e inspirados na crítica de Cavalcanti (2023) – compreendemos esses dispositivos como lentes para acessar problemáticas embutidas no fazer da cidade e no contínuo processo de reparo e arruinamento que restringe ontologicamente o mover-se e evidencia a invisibilidade de determinados atores no espaço urbano.



Não se pode comprar o chão: garimpo urbano, resíduos e disputas infraestruturais na Feira da Glória (RJ)

João Vítor Velame (UERJ), Taiany Braga Marfetan (Colégio Pedro II)

Este trabalho etnográfico investiga os efeitos sociopolíticos da gentrificação e da proibição de um dos muitos "circuitos inferiores da economia urbana" (Santos, 1979) no Rio de Janeiro: o "shopping- chão" da Feira Livre da Glória. Durante um ano, acompanhamos garimpeiros urbanos que coletam, selecionam e revendem objetos descartados, observando "a vida 'pós-descarte' dos objetos" (Lima, 2021) e os corpos envolvidos nessas práticas, frequentemente associados à sujeira, perigo e desordem (Douglas, 2014). O garimpo urbano reconfigura infraestruturas de limpeza e disputa o direito à cidade, na medida em que "vidas baratas são produzidas pelo aparato da ordem social moderna" (Patel & Moore, 2017). O chão da feira torna-se um campo de disputa entre políticas de revitalização e práticas populares de reutilização. Em 2024, mapeamos 81 expositores organizados por categorias flexíveis e analisamos como esse mercado paralelo articula saberes locais, redes de valor e relações afetivas. Acompanhamos a mobilização de um grupo de mulheres — em sua maioria negras, mães e trabalhadoras — que, em resistência, organizaram passeatas, criaram redes sociais e estratégias contra o "choque de ordem" da prefeitura. Ao tratar os descartes como matéria em mobilidade, refletimos sobre a tecnopolítica das infraestruturas urbanas e os impactos da "violência lenta" (Nixon, 2011), social e ambiental, em mundos por vir.

Caminhos para a sustentabilidade: a infraestrutura urbana do Complexo Desportivo da Rodovia-Braga-Portugal

Claydivan Wesley dos Santos Souza (Universidade do Minho), Joel Felizes (Universidade do Minho)

As transformações no planejamento urbano têm fomentado debates que envolvem a governança local, os grupos sociais e as questões ambientais. O complexo desportivo da Rodovia, localizado na freguesia de São Victor, na cidade de Braga, no norte de Portugal, após um processo de renovação, foi reinaugurado em 2018, consolidando-se como um dos principais espaços verdes da cidade. Nesse contexto, é pertinente investigar as práticas de uso e apropriação social realizadas neste espaço, com especial atenção à promoção da sustentabilidade. Observa-se que as demandas urbanas e os compromissos ambientais, tanto em âmbito nacional quanto internacional, têm

gerado mudanças significativas na configuração e nas funções dos espaços verdes. Para a análise, foi adotada uma metodologia qualitativa, que incluiu uma etapa de observação sistemática. Foram examinadas quatro áreas específicas do complexo desportivo: a pista de skate, o caminho pedonal, a área adjacente ao parque infantil e o espaço próximo ao "canil". Em etapas futuras da pesquisa, espera-se aprofundar a compreensão das negociações e planejamentos políticos e tecnológicos realizados para a implantação da infraestrutura, além de identificar as dinâmicas sociais relacionadas ao uso e à apropriação do espaço por diferentes segmentos da sociedade. Espera-se que os resultados tenham o potencial de contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais alinhadas às políticas públicas locais, inclusivas e voltadas para a sustentabilidade.



ST 02: ANTI-FUTURISMOS E ALIANÇAS VEGETAIS: MUNDOS EM DISPUTA E PRÁTICAS DE REGENERAÇÃO

Coordenação: Karen Shiratori (Universidade de Coimbra), Ana Gabriela Morim de Lima (UFES), Renato Sztutman (USP)

Sessão 01 — ST 02: Anti-futurismos e alianças vegetais:mundos em disputa e práticas de regeneração - Monocultura industrial, Agronegócio, habitar colonial x sistemas agroflorestais, agrobiodiversidade, retomadas, políticas de regeneração

Coordenador/a: Renato Sztutman (USP)

Debatedor/a: Karen Shiratori, Marina Vanzolini Figueiredo

A recusa ao monomundo: composições e coexistências kaiowá (Guarani) frente ao agrocapitalismo

Diógenes Egidio Cariaga (UEMS)

As famílias e lideranças kaiowá têm vivido um intenso processo de destruição das paisagens que habitam pelo avanço das frentes de expansão econômica desde o fim do século XIX. Para algumas pessoas não há mais possibilidade de garantir a reprodução dos modos de existência devido a impossibilidade da manutenção de roças, do fim das florestas e da contaminação dos rios devido a introdução de espécies vegetais exóticas, como a soja. Contudo, para outra parcela há possibilidade de investimento criativo em formas de não sucumbir ao monomundo, seja agrícola ou ontológico, há medida que se engajem em multiplicar as formas de produção de alteridades, ampliando a diversidade dos modos de existir kaiowá (Guarani) frente os modos de captura produzida pelos brancos e suas tecnologias e poderes.



Manejo vegetal e histórias de vida: tempos entrelaçados nas margens do rio Xingu

Dannyel Sá Pereira da Silva (UNICAMP)

"A gente veio do Pará", destacam os Yudja mais velhos que atualmente vivem ao norte do Território Indígena do Xingu. Antigos habitantes das ilhas do baixo e médio rio Xingu, os Yudja tiveram seu território invadido pelos karai a partir do século XVII. Após conflitos com seringueiros e outros povos, se dividiram em dois grupos. Um deles empreendeu uma longa migração subindo o curso do rio Xingu à remo até se estabelecer ao sul da Amazônia. Nas últimas três décadas, as monoculturas de capim, soja e milho que engendram mercadorias circuladas em escalas nacional e transcontinental dizimaram as florestas no Mato Grosso. Esse projeto de escalabilidade colocado em marcha pelo agronegócio global tem causado impactos como o aumento da temperatura regional, alteração no ciclo hidrológico e incêndios florestais nunca antes registrados. Nesse contexto de afronta contínua aos seus mundos, apresentarei como as atividades de extrativismo de plantas estão meticulosamente implicadas na produção e reconstituição dos modos yudja de conhecer. Derrubar árvores de kadïka para produzir cauim conecta as florestas às roças, aldeias e casas. Cortar ramos de tïtï e kï̃'ï para fazer flautas mobiliza negociações entre humanos e espíritos. Assim, pretendo analisar como o mundo Yudja que emerge a partir de tais práticas em florestas cercadas de latifúndios e vistas do rio relaciona-se com o deslocamento pelo território e a Ecologia para pensar possíveis arranjos de vida nas ruínas do desmatamento.

Diversificando aldeias e roçados: plantas e política em retomadas guarani

Lucas Keese dos Santos (USP)

A partir de uma experiência recente de conformação de novas aldeias e de retomada territorial na Terra Indígena Tenondé Porã, do povo Guarani em São Paulo, essa apresentação propõe a análise de uma possível homologia para os Guarani entre uma certa condução política de suas lideranças e o manejo de canteiros agroflorestais, ambos caracterizados pelo compartilhamento da abundância em função do incremento e manejo de sua diversidade. A associação entre diversificação e compartilhamento, algo que aproxima essas lideranças e os cultivadores de roças megadiversas, pode revelar uma lógica comum na maneira como os Guarani concebem a dinâmica dos seres em geral.



Compartilhar a vida para aumentar sua variedade, e assim compartilhar ainda mais, parece operar tanto na aldeia, entre humanos, quanto na roça, entre humanos e diferentes espécies, e também entre não-humanos entre si. Para explorar essa hipótese, abordaremos entrecruzamentos em dois casos de relações com vegetais: o plantio das variedades de milhos guarani (avaxi) e o manejo de alguns remédios das matas (moã'i), e como essas práticas se expressam também em termos políticos, seja no interior da aldeia — nas relações entre as parentelas —, bem como nas disputas e ameaças oriundas do mundo não-indígena.

Rede Terra do Meio: notas sobre um experimento amazônico de biodiversidade e soberania alimentar

Moisés Souza de Sena (USP)

A Rede Terra do Meio (RTM) é uma iniciativa protagonizada por ribeirinhos, indígenas, extrativistas e agroextrativistas da Terra do Meio — mosaico de áreas protegidas situado na região do médio-baixo rio Xingu —, voltada ao fortalecimento das cadeias produtivas da agrobiodiversidade da floresta, por meio de arranjos cooperativos e comerciais alinhados aos interesses desses povos. Essa articulação surge como resposta à expansão de uma economia baseada na monocultura no contexto amazônico, mas também como estratégia para atenuar as dependências assimétricas que historicamente vinculam esses grupos às dinâmicas econômicas locais, como o comércio fluvial dos regatões e as relações contratuais desiguais com grandes corporações. Mais do que uma alternativa econômica, contudo, a RTM tem sido compreendida por esses povos como um projeto de valorização de modos tradicionais de coleta, cultivo e manejo de uma ampla diversidade vegetal. Nesta comunicação, abordo a atuação da RTM a partir da experiência específica dos Xipai, primeiro povo indígena a integrar o projeto, procurando compreender como essa iniciativa se articula aos esforços coletivos dos Xipai para retomar práticas tradicionais de plantio e manejo, em busca de regenerar sua cultura alimentar.

Exploro, assim, tanto os elementos que estruturam a RTM quanto seu potencial, no caso Xipai, de promover formas de autonomia e soberania alimentar no cenário amazônico.



Anti-futurismo desde a roça: filosofia, produção técnico-científica e agricultura quilombola em Pedra Negra da Extrema (BA)

Gabriel de Araujo Silva (UNICAMP)

No Brasil e na América Latina, a história da filosofia frequentemente é vista como mera transplantação de ideias europeias, como se povos indígenas e afro-diaspóricos fossem incapazes de criar pensamento próprio. Autores como Fanon, Graeber, Wengrow e Bhabha invertem essa lógica, mostrando que as metrópoles coloniais se construíram através da expropriação material e intelectual dos colonizados.

Em minha pesquisa de mestrado, realizo uma etnografia da agricultura no quilombo Pedra Negra da Extrema (BA), analisando as roças de várzea e de caatinga. Busco compreender como técnicas e saberes agrícolas se relacionam com bases filosóficas, cosmológicas e sociais próprias, considerando o papel da comunidade na formação da paisagem e suas relações ecossistêmicas entre rio, vegetais, animais e outros seres.

O sistema agrícola quilombola não é um repositório estático de conhecimentos ancestrais, mas um modo dinâmico de produzir inovações. Nesta comunicação, correlaciono a inversão da história das ideias com a agricultura tradicional como meio de produção de novos saberes e tecnologias, refletindo sobre seus aspectos políticos, culturais, étnico-raciais e técnico-científicos. O objetivo é delinear o reconhecimento crescente dessa agricultura no contexto da emergência climática global.

Cultivos Cosmopolíticos: saberes agroflorestais e crítica à agricultura cosmofóbica

Fernanda de Araújo Chagas (UFMG)

O trabalho investiga as relações cosmológicas entre humanos e vegetais nas práticas agroflorestais contemporâneas, com base na proposta teórica da cosmopolítica vegetal. A partir de referências como Antônio Bispo e Malcom Ferdinand, aproxima saberes de povos tradicionais e técnicas agroflorestais atuais, analisando falas de agricultores e agricultoras que praticam a chamada Agricultura Sintrópica. A autora propõe que a monocultura industrial e a agricultura convencional operam sob uma lógica cosmofóbica e bélica, marcada pela exclusão e pela ruptura das conexões entre humanos e natureza.

Em contraste, as agriculturas tradicionais e agroflorestais baseiam-se em relações de cuidado, cooperação e comunicação interespecífica. Nessas práticas, as plantas são entendidas como sujeitos com agência, e o cultivo é concebido como um processo de familiarização. Ao mapear essas ontologias e vocabulários divergentes, o texto destaca a potência da agrofloresta como espaço de fronteira, onde diferentes formas de habitar e cultivar o mundo se encontram. A pesquisa articula antropologia da ciência e da técnica com epistemologias decoloniais, propondo um olhar sensível às múltiplas formas de conhecimento que sustentam modos de cultivo não hegemônicos e suas contribuições para enfrentar as crises ecológicas do Antropoceno.

Os Jerivás e o aceno a outros futuros

Luiza de Albuquerque Leite Vieira (UFSM), José Marcos Froehlich (UFSM)

Em tempos marcados pelo colapso ecossocial e por futuros engendrados no sonho modernizante da tecnociência, urge pensar o lugar da esperança. No modo colonial de habitar a Terra, que opera pela simplificação e escalabilidade da plantation, a esperança oscila entre o otimismo globalizante da tecno-salvação e o mergulho no desespero. A partir de uma experiência etnográfica com agricultores ecológicos e suas espécies companheiras na Estação de Permacultura Jerivá (Agudo-RS), mobiliza-se a noção de "esperança fragmentada" sugerida por Anna Tsing, como uma forma de permanecer com o problema do "fim do mundo", pois já não podemos contar com a possibilidade de uma "crise" que irá passar. A esperança precisa lidar com a realidade da extinção, da catástrofe, reconhecendo oportunidades de florescimento multiespécies entre ruínas – ainda que de forma desigual e localizada. Criar refúgio não implica livrar-se do fracasso, ou do "colapso", como falou um dos permacultores.

Não há contradição entre a certeza que o planeta "vai colapsar", e, ainda, buscar caminhos para compor outros mundos, mesmo sem garantias de solução. Assim, práticas de cuidado mútuo, como vistas na Estação, reativam esforços para que a Terra não vire as costas a certas formas de existência – humanas, inclusive. Invocar a resistência dos Jerivás como prática vegetal e política, abre possibilidade para criação de refúgios em paisagens "limpas" por ecologias da plantation.



Sessão 02 - ST 02: Anti-futurismos e alianças vegetais:mundos em disputa e práticas de regeneração - Donos, agências vegetais, espíritos-imagens, cosmopolíticas do cultivo, cuidado, predação e precaução

Coordenador/a: Karen Shiratori

Debatedor/a: Ana Gabriela Morim de Lima (UFES)

Invasões/invasores vegetais

Emanuele Fabiano (Universidade de Coimbra)

Se os vegetais têm sido um tema frequente na ficção científica, que muitas vezes os retrata como seres inteligentes ou monstruosos, hoje, com a expansão das frentes agroindustriais e dos monocultivos, o universo vegetal está ganhando maior protagonismo em um contexto em que as plantas parecem tomar conta vorazmente das socialidades e dos territórios. Na minha apresentação, analisarei a noção de invasões/invasores vegetais e como ela nos ajuda a pensar nas plantas não apenas como seres biológicos, mas também como seres históricos, sociais e políticos que podem potencialmente subverter noções arraigadas de agência, inteligência, formas de estar no mundo e até mesmo as fronteiras que delimitam o conceito de humanidade.

Espécies vegetais mehinako e seus donos: agentes cosmopolíticos de força e resistência

Aline Regitano (USP)

Entre os mehinako do Alto-Xingu, povo Aruak do Brasil Central, as espécies vegetais e seus donos são fundamentais para a continuidade da vida em seus próprios termos, resguardadas suas especificidades. São agentes cosmopolíticos de resistência, remediam os danos causados pelo contato, aos corpos dos seres humanos e também à terra. Como mostra Ailton Krenak (2025), se há algum futuro possível ele é ancestral. As plantas promovem limpezas em corpos intoxicados por comida industrializada e enfraquecido por práticas medicalizadas de cuidado, dão força a eles, assim como regeneram o ar, estabilizam a temperatura e umidade sendo refúgio para diversas espécies animais e vegetais em meio a extensas áreas desérticas de monoculturas de soja para

exportação e de gado. Em suas aldeias, que ficam em uma zona de transição ecológica do cerrado e da floresta amazônica, a presença de dois deles se destacam: a mandioca-brava e o pequi. Sua vida cotidiana gira em torno do calendário de festas dedicadas a eles, e ao seu cultivo, que geralmente coincidem, são base de sua alimentação, das relações de afinidade e alteridade. E além deles, uma variedade de plantas, sementes e raízes são protagonistas de seu cotidiano, como, por exemplo, os eméticos que produzem limpeza e manejam o sangue de puérperas na volta do hospital. Esta comunicação se debruça, assim, sobre a agentividade das espécies vegetais do território mehinako na atualização de suas cosmopolíticas e em suas tentativas de adiar o fim.

Os tempos Yawanawá, alianças e projetos de futuro

Lígia Duque Platero (Instituto Chacruna)

Nesta apresentação, busco dialogar com os projetos de futuro do povo indígena Yawanawá (Pano) associado às alianças interculturais que eles vêm estabelecendo com os não indígenas em contextos das redes da ayahuasca nas cidades e, também, em contextos de vivências turísticas (turismo étnico ou ayahuasqueiro) nas aldeias. Aqui também busco pensar com as plantas, e ver a própria etnografia a partir da agência do uni (ayahuasca) ao longo do meu trabalho de campo, além de dialogar com as noções de tempo histórico Yawanawá, a partir de suas noções de tempo cíclico. A história dos Yawanawá pode ser entendida como uma espiral, como a jiboia que busca morder o próprio rabo, pois os ciclos são sempre novos, mas se busca sempre realizar um reencontro com o passado. Nesse sentido, a utopia Yawanawá é fazer com que o passado e o futuro se encontrem no tempo presente. O que os Yawanawá buscam na atualidade pujança econômica, parece ser o aprofundamento do conhecimento espiritual (a pajelança) e sua difusão entre os Yawanawá e aliados e aliadas nawa.

Buscam também a continuidade da reprodução da sociedade Yawanawá, por meio de casamentos promissores, com afins (aliados) que possam ajudar a alcançar a utopia Yawanawá de prosperidade material e fortalecimento da cultura. O tempo Yawanawá é profético e utópico: os pajés e os chefes veem o futuro em suas visões, criam profecias.



Fazer-com a Ayahuasca: etnografia do feitio do Daime e a agência vegetal na (re)criação de mundo(s)

Ana Carolina de Andrade Evangelista (UFES)

Fundamentada em uma abordagem etnográfica, esta pesquisa explora a experiência do feitio do Daime (Jagube e Chacrona) na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Esse fazer-com, entrelaçado ao fazer etnográfico por afetos e subjetividades, constitui uma lente para imergir nas cosmologias do ritual do Santo Daime. O estudo busca evidenciar como a agência e a senciência da Ayahuasca transcendem a categoria de substância psicodélica, conectando outras epistemes e possibilidades de (re)conexão com a Mãe Terra e, assim, de engendrar novos mundos. Ao emergir em arranjos cosmopolíticos que envolvem inter-relações multiespécies, lança luz ao vegetalismo. Essa perspectiva, ao conceber as plantas como seres ativos e co-criadores de realidades, desafia e redefine as fronteiras entre natureza e cultura, e entre humanos e não-humanos. Essa abordagem expande as teias de interações e interdependências, evidenciando as assembleias com humanos e vegetais, e imbrica a ontologia relacional no devir-com do feitio. Alinhando-se às discussões sobre anti-futurismos e alianças vegetais, este estudo investiga a agência, o conhecimento e o protagonismo das plantas-mestras na (re)criação de mundo(s) e futuro(s). Portanto, ao explorar a capacidade dessa entidade vegetal em (re)criar alianças interespecíficas e conceber mundos, o trabalho propõe o fazer-junto como uma abordagem para imaginar, compor e construir futuros decoloniais.

Amizades vegetais: o protagonismo e a sabedoria das plantas em contextos de práticas de cura e cuidado de mulheres do estado do Ceará

Maria Aline Sabino Nascimento (MN/UFRJ)

Este trabalho reflete sobre o protagonismo e a sabedoria das plantas nas práticas de cura e cuidado de mulheres em contextos rurais e periféricos da Serra da Ibiapaba, Sobral e Fortaleza, no Ceará. A partir de etnografia nessas regiões, observa-se que as plantas ocupam um lugar de parceria e amizade, atuando como agentes vivos presentes, sobretudo nos quintais, espaços centrais do cuidado. As plantas ocupam um lugar não apenas de recursos medicinais, mas são interlocutoras ativas que absorvem doenças, assumem males - muitas vezes adoecendo ou morrendo para que a cura da pessoa enferma se efetive - e participam dos processos terapêuticos,

inclusive por meio de intervenções em sonhos. As mulheres pesquisadas expressam uma relação afetiva profunda, sintetizada na ideia de “a gente cuida das plantas que elas cuidam da gente”, revelando práticas cotidianas que ultrapassam o uso utilitário e fortalecem vínculos interespécies por meio de conversas e trocas diárias. Este estudo, portanto, propõe uma compreensão da amizade entre plantas e mulheres como um modo de vida integrado, que desafia o modelo monocultural da existência e aponta para formas de saúde e cuidado que regeneram corpos, territórios e saberes em diálogo com outras formas de habitar o mundo.

Plantas que regeneram: imbróglios na recomposição de áreas degradadas na Amazônia

Bruno Campelo Pereira (UNICAMP)

Este trabalho parte de uma investigação em andamento na região em torno do município de Altamira (PA), onde comunidades agroextrativistas e laboratórios de biotecnologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) participam de iniciativas de recomposição ecológica de áreas degradadas. A pesquisa acompanha as trajetórias de mudas produzidas em ambientes laboratoriais como agentes que mobilizam e atravessam distintos modos de conhecer e intervir em áreas devastadas. Seguindo os circuitos que conectam viveiros laboratoriais e áreas de plantio, o trabalho se volta para os encontros entre saberes comunitários e técnico-científicos, e para como esses saberes se reconhecem, se complementam ou se reconfiguram mutuamente. Discute-se como critérios de eficiência e de cuidado se articulam ou se tensionam nas decisões práticas, e como se definem, situadamente, as fronteiras do que conta como uma “boa recuperação". Trata-se, por fim, de seguir essas plantas como portadoras de memórias e ritmos próprios, para investigar sua existência nesses terrenos feridos e, com elas, questionar: que futuros os seus agenciamentos tornam possíveis, e para quem?

Imagens, Plantas e Saberes Kaiowá nas Técnicas de Anto e Fitotipia

Letícia Espadim Martins (UFGD)

Este estudo apresenta reflexões preliminares de uma pesquisa de doutorado em andamento, que visa estabelecer uma confluência entre técnicas fotográficas alternativas e saberes dos povos Kaiowá Guarani relacionados à vida vegetal. As técnicas de fotografia alternativa,

como a Anto e a Fitotipia, que utilizam pigmentos vegetais para a impressão fotográfica, tem um ritmo mais lento, dependente de fatores externos como a luz solar e a disponibilidade de folhas, frutos e flores, permitindo uma escuta e observação atenta aos tempos da natureza, do clima e do ciclo das plantas. O diálogo com as temporalidades não-humanas também é encontrado nas práticas de cultivo Kaiowá e na relação desse povo com as plantas, que envolve negociação contínua com os espíritos guardiões, os jara. Diante disso, esperamos que o diálogo entre fotografia e saberes indígenas possa oferecer uma abordagem metodológica inovadora para traduzir as complexas relações entre humanos e não-humanos nas dinâmicas espaciais dos territórios Kaiowá, onde a interconexão e a mutualidade entre humanos e plantas se manifestam de maneira profunda e estruturante.

Sessão 03 - ST 02: Anti-futurismos e alianças vegetais:mundos em disputa e práticas de regeneração - Histórias de árvores e paisagens, extinções, ruínas, ressurgências, alianças multiespécie, fabulação, ficção científica

Coordenador/a: Ana Gabriela Morim de Lima (UFES)

Debatedor/a: Diógenes Egidio Cariaga (UEMS)

Florestas secundárias e memória ecológica: Seguindo árvores de Cupiúba

Alci Albiero Júnior (UFSC)

Florestas secundárias (FS) ou capoeiras, são sistemas socioecológicos interessantes para compormos contra-histórias da paisagem, pois marcam movimentos e negociações em diferentes estados sucessionais intra-ativos. Minha proposta é seguirmos árvores de Cupiúba (Goupia glabra) que regeneraram em alta densidade (110 indivíduos/ha) em experimentos científicos arruinados da engenharia florestal, localizados em FS na Amazônia/Manaus. A Cupiúba é uma espécie abundante das FS amazônicas e muito valorizada por sua alta capacidade regenerativa, rápido crescimento e elevada densidade da madeira, sendo atualmente uma das árvores nativas mais comercializadas. A presença da espécie foi favorecida pelo histórico de remoção da floresta madura para a implementação de experimentos científicos com monocultivos de castanha,

associada a suas habilidades funcionais de rápido recrutamento em áreas abertas e perturbadas. Os castanhais foram abandonados e a Cupiúba cresceu. Devido à alta densidade e potencial econômico, novos experimentos silviculturais foram implantados através do corte de todas as lianas que estavam sobre as Cupiúbas e da derrubada de todas as árvores com diâmetro à altura do peito ≥10 cm dentro de um raio de 2 m da espécie. A remoção da floresta madura e o abandono dos castanhais criaram oportunidades que favoreceram a ressurgência da espécie e através das práticas silviculturais hoje performam o máximo da sua capacidade produtiva - até atingirem o diâmetro mínimo de corte.

Paisagens de recuperação ou substituição? Notas sobre as plantações de Acacia Mangium Willd na Amazônia amapaense.

Queiton Carmo (UFMG)

Em 1985, no Amapá, algumas árvores estranhas criavam em um novo tipo de floresta, em uma região onde acapus, andirobas, castanheiras e outras plantas eram abundantes. As sementes dessa árvore chamada de Acacia Mangium Willd vieram de Sabah, Malásia, e foram tratadas para serem adaptadas ao ambiente amazônico e plantadas nos sítios das áreas destruídas pela mineração de manganês.

Depois de meio século entre 1957 e 1998, com o esgotamento das minas, a "cidade modelo" de Serra do Navio, criada para fins dessa exploração, entrava em decadência. O trabalho aborda como a falência do modelo de desenvolvimento posto à vida social dessa região foi baseado na "substituição", primeiro sobre as antigas comunidades ribeirinhas e povos das florestas que deveriam ser operários, e o segundo sobre a diversa floresta tropical que deveria ser monocultura. Esse tipo de substituição fizera emergir também quais espécies deviam ser cuidadas e quais exploradas. A empresa responsável pela mineração, Icomi, dirigiu um Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), junto de outra empresa privada a Revecom, para efetivar como se deveria recuperar tal ambiente devastado. As plantações de Acacias m. em outras partes da Amazônia vêm sendo vistas como espécies invasoras provocando "ecohistórias-de-novo". Diante de uma terra perturbada pelo "Anthropos" e futuros incertos, investiga-se como múltiplas ecologias conectam e contam outras histórias, em especial, fora do controle e política meramente humana.



Alianças multiespécies e crítica ao tempo-capital: fabulando com Uýra Sodoma

Pol Debb Miki Iryo Silva (USP)

A presente comunicação tem como norte a obra da artista Uýra Sodoma, que investiga a natureza através de multiplas linguagens artisticas. Nossa metodologia partira de uma abordagem feminista queer. Em tempos de urgência climática, Donna J. Haraway propõe em Ficar com o problema (2016), uma obra que explora a relação entre multiplas espécies para viver em um planeta cada vez mais degradado. Não buscamos a salvação, mas o presente enredado, onde o vegetal se faz por meio de parentesco, corpos, saberes. Haraway propõe "fazer parentes", enquanto Uýra encarna isso com raízes e folhas, tornando-se corpo-ponte. Ambas apontam para fabulações insurgentes, não como retorno, mas como reinvenção. Articulamos também a crítica de Denise Ferreira da Silva à ontologia separadora da modernidade colonial, propondo um tempo compostado, multiespécie. Em ressonância com o manifesto Rethinking the Apocalypse (2020), nos voltamos contra o tempo-capital-colonial em busca de outros rit(m)os. "Nosso mundo vive quando o mundo deles deixa de existir": a floresta como presença, não recurso. Essa comunicação propõe uma escuta das alianças vegetais como gesto ético- estético de resistência, onde imaginar é regenerar. Um tempo da floresta: vivo, relacional, impuro.

Alianças juçareiras: cosmopolíticas vegetais e a (re)existência dos territórios tradicionais da Mata Atlântica

Bruno Vilela Vasconcelos (UFRJ)

A pesquisa pretende descrever etnograficamente alianças, conflitos, histórias e diferentes modos de viver com a palmeira-juçara (Euterpe edulis) dentro do território tradicional da Mata Atlântica.

Alimenta-se de vivências entorno da colheita e relacionalidades com o fruto, nas matas e nas roças, em eventos e oficinas, com agricultores(as) juçareiros(as) junto à frente de agroecologia do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) - uma articulação política e socioambiental entre povos indígenas, quilombolas e caiçaras - da região da Bocaina, um segmento da Serra do Mar (SP-RJ). A palmeira é marcada pelas fraturas do contínuo colonial no espaço, no tempo e no imaginário que assolam uma ancestralidade pindorâmica biocultural, desde múltiplas destruições

do território-floresta à exploração predatória do palmito, que levou-a à vulnerabilidade de si e de ecologias conviventes. Atravessado por conflitos históricos ecopolíticos e ontológicos, "A juçara é nossa!" é um grito de insurgência das comunidades a partir de alianças vegetais com a juçara e com a Mata Atlântica, como uma cosmopolítica da (re)existência do território, de identidade e de pertencimento frente à criminalização das práticas e saberes tradicionais, à monocultura e à iminência da comoditização do fruto. Nesse emaranhado multiespécies, busco seguir os movimentos e envolvimentos da juçara enquanto espécie companheira de luta em defesa do território e "ponta de lança" para retomada aos modos de vida tradicionais das roças.

O avô da Mata: histórias sobre viver e morrer com o Pau-brasil

Ana Gabriela Morim de Lima (UFES), Haroldo Cavalcante de Lima (JBRJ)

O pau-brasil (Paubrasilia echinatta) é uma árvore endêmica da Mata Atlântica ameaçada de extinção pela intensa exploração predatória, que remonta os primeiros anos do século XVI e perdura nos dias atuais. Mas o que se perde, afinal, com a extinção dessa espécie? O que está implicado nas atividades humanas que ameaçam seu modo de vida ou, ao contrário, que atuam em sua preservação? Que alianças e cuidados entre pau-brasil, humanos e outras espécies companheiras são possíveis para remanejar e reflorestar mundos devastados? Como pensar extinção, conservação e restauração do pau-brasil no contexto da sociobiodiversidade? Essa apresentação se baseia numa conversa inicial entre uma antropóloga, um botânico e um artista visual, e tem por objetivo recontar algumas das histórias de destruição e também de re-existência do pau-brasil. Inspirados na proposta da etnografia multiespécie, buscaremos apresentar o pau-brasil por meio de suas associações interespecíficas, em contextos locais multisituados, e que entrelaçam múltiplas temporalidades: a história coevolutiva da espécie, suas características botânicas, diversidade e relações ecológicas; a história colonial e do extrativismo capitalista que ameaça o pau-brasil, a Mata Atlântica e os entes que nela cohabitam; bem como mitos e histórias silenciadas, trajetórias de vidas, narrativas de amor e de luta entre o pau-brasil e suas espécies companheiras, humanos e outros que humanos, vivos e não vivos.



Jatobá refugiado

Karen Shiratori (Universidade de Coimbra)

Um jatobá (Hymenaea courbaril) foge do seu território na Amazônia brasileira em busca de refúgio. Com o aumento das invasões de territórios indígenas e áreas de conservação, as únicas que ainda mantêm suas florestas, as árvores não estão mais a salvo da ação de madeireiros, mineradores e dos incêndios intencionais que se espalham por todo o país. O jatobá, uma espécie frondosa que se destaca no dossel da floresta amazônica, é uma das mais cobiçadas por sua madeira. Neste texto, apresento a ação política promovida pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), na qual um jatobá pede refúgio na embaixada da Noruega como estratégia de mobilização contra o desmatamento na Amazônia.

Narrativas anti-futuristas: cruzando experimentos indígenas na literatura e no cinema

Renato Sztutman (USP)

Esta comunicação pretende cruzar dois conjuntos de obras anti-futuristas indígenas contemporâneas. O primeiro consiste na coletânea Walking in the clouds, organizada por Grace Dillon, e que reúne contos do gênero ficção científica, assinados por autores indígenas norte-americanos. Dillon cunha o termo “futurismos indígenas", em franco diálogo com o afrofuturismo. Seu propósito é descolonizar o próprio gênero, ao se perguntar o que viria a ser “ciência” e “ficção” para os povos em questão. O segundo conjunto são os filmes do Coletivo Karrabing, uma parceria entre a antropóloga Elizabeth Povinelli e um grupo de realizadores indígenas do território Norte. O Coletivo lança um olhar crítico ao liberalismo tardio (que estaria ligado ao que a autora chama de geontopoder), traduzindo em imagens o universo dos sonhares (dreamings). Os filmes do Coletivo unem experimentos de “ficção científica ou especulativa” (por exemplo, “Mermaids: Auden in Wonderland”, de 2018) e experimentos com imagens de arquivos (por exemplo, Night Fishing with Ancestors, de 2024, e Night time Go, de 2017), propondo uma reflexão preciosa sobre o tempo. O cruzamento de obras literárias norte-americanas e filmes australianos nos permite articular três temas: 1) a co-presença de tempos (o tempo do mito e o do sonho), 2) o descentramento do humano na narrativa, 3) a recusa de um futuro planetário unidirecional e a vontade de recontar o próprio passado.



ST 03: ANTROPOLOGIA DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: MATERIALIDADES, PRÁTICAS E IMAGINÁRIOS SOCIOTÉCNICOS

Coordenador(a): Rafael Damasceno Ramalho Pereira (Université Paris Nanterre), Paulo Faltay Filho (UFPE)

Sessão 01 - ST 03: Antropologia das inteligências artificiais: materialidades, práticas e imaginários sociotécnicos - Infraestrutura, securidade e políticas públicas

Coordenador/a: Paulo Faltay Filho (UFPE)

Debatedor/a: Rafael Damasceno Ramalho Pereira (Université Paris Nanterre)

IA, territórios soberanos e justiça energética

Lorena Lucas Regattieri (UFRJ)

Este trabalho investiga as imbricações entre infraestruturas energéticas e sistemas de inteligência artificial (IA) no Brasil, com foco na lógica de conversão que transforma a terra, a energia e os modos de vida em unidades de cálculo. A hipótese central é que os contratos de autoprodução energética instituem uma ontologia infraestrutural que integra sistemas de IA a circuitos racializados de abstração territorial e desarticulação cosmológica. Operando por meio de arranjos jurídicos e dispositivos financeiros, esses contratos reorganizam territórios tradicionais como ativos logísticos a serviço das exigências operacionais da computação intensiva. A terra, viva e relacional, é convertida em substrato técnico, subordinada à previsibilidade e à eficiência. Esse regime não constitui uma ruptura, mas a continuidade de uma gramática político-jurídica que historicamente desloca, silencia e instrumentaliza povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. Em sintonia com a noção de logisticalidade (Moten e Harney), e com a crítica ao dispositivo racial formulada por Denise Ferreira da Silva, o trabalho propõe compreender como a governança energética dos sistemas de IA se apoia na conversão da diferença em disponibilidade,

instaurando uma presença operacional que esvazia o território de suas cosmologias e formas de mundo.

Satélites e representações científicas da floresta amazônica na era das inteligências artificiais

Rafael Damasceno Ramalho Pereira (Université Paris Nanterre)

O céu sobre a Amazônia é hoje atravessado por uma diversidade de satélites que incarnam, talvez de maneira pouco evidente, os conflitos e controvérsias da Inteligência Artificial. Embora seis décadas tenham se passado desde o lançamento do primeiro satélite artificial – o Sputnik 1 – foi apenas com o avanço dos sensores e a implementação de sistemas de IA que o sensoriamento remoto viveu uma revolução. Essa transformação tem impactado tanto a coleta quanto o processamento do volume colossal de dados gerados a partir do monitoramento orbital. Neste trabalho apresentarei algumas reflexões sobre essas transformações, tendo como base um trabalho etnográfico em andamento no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em São José dos Campos, onde acompanho as atividades do Programa de Monitoramento por Satélite dos Biomas Brasileiros (o BiomasBR) e do Programa China-Brazil Earth Resources Satellite (CBERS). Esse tipo de observação remota da floresta amazônica suscita toda uma série de questionamentos sobre os diferentes modos de ver e ser visto, de entender e ser entendido, desde o nível micropolítico até o geopolítico. Além disso, diante dos sensores hiperespectrais dos satélites, um novo mundo se revela – transformando não só as representações científicas da floresta, mas também as imagens e imaginários que fazemos dela.

Política organizacional do ciberespaço: uma etnografia das práticas de regulação da Internet e de IAs

Alessandro Novaes Pereira (UFES), Jonatan Jackson Sacramento (UFSJ)

Para o líder quilombola e político Antônio Bispo, a concepção de “confluir” é central para entender e compartilhar diferentes culturas, a essência de cada grupo, o fortalecimento e preservação de uma estrutura política densa em detrimento da diluição dessas comunidades. Nesse sentido, pensar na governança da internet em contextos democráticos, principalmente em um cenário de ascensão das Inteligências Artificiais Generativas, é pertinente de modo que exista um

diálogo entre as diferentes esferas que constituem o ciberespaço democrático e plural. Por isso, o intuito deste paper é pensar o Projeto de Lei nº 4.557/2024 (Republicanos), que propõe uma reestruturação ao transferir para a Agência Nacional de Telecomunicações as responsabilidades atribuídas atualmente ao Comitê Gestor da Internet no Brasil. Segundo atores do campo, tal transferência seria um equívoco, pois fragmentária a estrutura que prioriza a participação social e priorizaria a regulação dos aspectos tecnológicos. A partir de uma etnografia das controvérsias sociotécnicas, nosso objetivo é analisar quais práticas de governança e regulamentação emergem destes serviços, assim como o uso e a instrumentalização de determinados discursos no espaço cibernético a partir de contextos como os do PL. Partindo de reflexões como as de Winner e Cesarino, nossa hipótese é entender que affordances as IAs desenham e quais possibilidades de ações esses sistemas sociotécnicos possuem em sua interface com o discurso político geral.

Quais corpos? Quais territórios? Notas sobre tecnovigilância e o “Outro”

Paulo Victor Melo (ISCTE)

Em ruas e avenidas de diferentes cidades do mundo, na entrada e saída de aeroportos, nas vias de acesso a estações de trem e metrô. A circulação dos sujeitos pelos espaços públicos ou ambientes de livre circulação é partilhada com a presença de dispositivos tecnológicos que trazem anúncios como “local vigiado”, “para sua proteção, você está sendo filmado”, “área monitorada por câmeras de segurança”.

Essa expansão da tecnovigilância não é algo isolado, mas um componente do mesmo ideal que forja as chamadas “cidades inteligentes” ou “hiper-conectadas”, portanto parte fundamental da ideia de modernidade (Bauman e Lyon, 2013), sustentada em sensações de insegurança, no medo do Outro e na sua categorização como suspeito.

Mas quem é este Outro que justifica a tecnovigilância como uma prática onipresente e rotineira (Brayne, 2022)? Quais corpos se quer segregar quando políticas de segurança pública são batizadas por “Muralha Digital”? Quais territórios se pretende vigiar com programas como “Cercamento eletrônico da cidade”? De que modo o uso de tecnologias de reconhecimento facial por polícias se relaciona com práticas de vigilância coloniais? E, na resistência a esses processos, como sujeitos coletivos têm pautado o banimento dessas tecnologias?



Por meio de reflexões teórico-conceituais e observações de estudos empíricos, e com base nos debates sobre colonialismo digital, tecnologias e racialidades, este trabalho apresenta apontamentos sobre as questões aqui elencadas.

Entre "dados" e "evidências": interrogando as práticas com dados, ciência de dados e novos arranjos sociotécnicos no setor público

Maria Fernanda Valeriano Benevides Viana (UFPE)

Com o imenso volume de dados advindos das plataformas digitais e artefatos tecnológicos, cada vez mais técnicas, inteligências artificiais e ciência de dados têm sido acionadas para processar e interpretar massivas quantidades de informações. Este arranjo sociotécnico tem possibilitado, para as ciências, governos e mercados, novas maneiras de conhecer e intervir no mundo, este cada vez mais "datificado". No âmbito público, chama atenção que governos estão se tornando "orientados por dados" e encarando as conclusões produzidas a partir destes como "evidências" para embasar ações nas mais diversas áreas de atuação. Tais evidências muitas vezes parecem ser legitimadas como ferramentas "neutras" e "objetivas" capazes de afastar a "mancha da política" (Jasanoff e Kim 2015) dos processos decisórios. Diante disso, esta pesquisa, a partir de um trabalho de campo em organizações públicas que gerenciam bases de dados e plataformas de governo digital na cidade do Recife-PE, busca interrogar como diversas técnicas e práticas com dados e "ciência de dados" estão sendo colocadas em ação nesse contexto. Longe da noção de "objetividade", a observação etnográfica nesses espaços enfatiza a qualidade dos dados como situados, contingentes e relacionais: produto de muitas práticas, agências e escolhas que definem as "questões legítimas" e "as respostas aceitáveis" que se impõem pela força da "evidência" (Stengers, 2018) e produzem modos específicos de conhecer e agir sobre os problemas públicos.

'Debugging': experimentação, fricções, reuso e expansão de uma inteligência artificial para segurança

Thallita Gabriele Lopes Lima (UFRRJ)

Este trabalho propõe uma etnografia difrativa da Clearview AI, sistema de reconhecimento facial que tem sido reconfigurado e reutilizado em contextos diversos, como segurança pública, justiça criminal e zonas de guerra. A pesquisa compõe saberes dos Estudos de Ciência e

Tecnologia (STS) com a crítica feminista da tecnociência, especialmente as contribuições de Haraway (2016) e Barad (2007), para sustentar uma abordagem ontoepistemológica, compreende os aparatos de conhecimento como formas de conhecer inseparáveis da produção das realidades que tornam possíveis. Metodologicamente, sigo o algoritmo em sua circulação e reconfiguração, rastreando suas materializações parciais em arquivos jurídicos, feiras de segurança, apresentações comerciais, decisões judiciais, documentos técnicos e práticas cotidianas de uso. A metáfora do 'debugging' é mobilizada para pensar como falhas, críticas e resistências são incorporadas como parte da otimização contínua desses sistemas. Da polícia brasileira às forças ucranianas, do policiamento ostensivo à defesa criminal, a IA é recodificada e expandida, performando sua autoridade algorítmica, entendida como "suficientemente boa" e eficiente (Lima, 2024). Nesta perspectiva difrativa, o algoritmo não é um objeto a ser desvendado, mas aparato onde se rearranjam normas, verdades e possibilidades. Habitar essas fricções é permanecer com os emaranhados humano-algorítmicos, cuidando dos cortes que (re)produzem formas de insegurança e violências.

Sessão 02 - ST 03: Antropologia das inteligências artificiais: materialidades, práticas e imaginários sociotécnicos - Produzindo imaginários e subjetividades

Coordenador/a: Rafael Damasceno Ramalho Pereira (Université Paris Nanterre)
Debatedor/a: Paulo Faltay Filho (UFPE)

"E aí eu perguntei para o chatgpt": entre os significados sociais atribuídos ao uso de chatbots como recurso psicoterapêutico e as novas questões à saúde mental

João Gabriel Pires de Queirós (UERJ)

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é investigar os significados sociais construídos em torno do uso de chatbots como recurso psicoterapêutico. A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica de artigos encontrados em bases de dados de saúde a fim de analisar o que tem sido produzido sobre a interseção saúde

mental e inteligência artificial; e uma etnografia digital em redes sociais, contando com notícias, postagens, memes e comentários em publicações, por exemplo, do instagram. Parte-se de um estranhamento à entrada deliberada de chatbots no cotidiano com base em discursos que defendem sua superioridade frente a outros humanos, de modo que um "robô terapeuta" apresentaria vantagens diante de profissionais de psicologia ou psicanalistas. Assim, a proposta é discutir alguns elementos que constroem esses discursos, como o valor ou acessibilidade, a presença, o não julgamento e a revelação de verdades, e o que se consolida socialmente enquanto expectativa e possibilidade de trabalho em saúde mental, especialmente no cenário de agravamento de crise e reorganização do capital, de acirramento de disputas geopolíticas em torno das ias e de desvelamento dos efeitos do uso massivo desses recursos no aquecimento global.

Individuação e subjetivação algorítmicas: qual inconsciente hoje?

Gustavo Deister Dias Barbosa (PUC-RIO), Monah Winograd (PUC-RIO)

Esta comunicação explora a atual hibridação entre o inconsciente e os processos tecnológicos, abordando os conceitos de individuação e subjetivação em relação com as estruturas algorítmicas das inteligências artificiais e outras ferramentas digitais. Propomos uma abordagem que abranja tanto parte das críticas aos modelos tecnológicos de automação e dominação quanto possíveis aberturas, glitches, falhas, transformações e devires que emergem da e na interação humano-máquina. Contrariando as formulações modernas que consideram o indivíduo como algo dado e autônomo, capaz de se separar e se unir aos meios e objetos por livre vontade, acreditamos que não existam indivíduos consolidados, somente processos de individuação informados pelos meios, conforme Gilbert Simondon sugere. Assim, ao nos considerarmos também "meios técnico-científicos-informacionais" – na expressão de Milton Santos –, nos aproximamos de Donna Haraway quando ela afirma que os ciborgues são nossa ontologia atual. Não apenas nos individuamos com as máquinas que criamos e programamos, mas também nos subjetivamos hibridados com elas, isto é, criamos e desenvolvemos coletivamente práticas e tecnologias de nós mesmos. Ao elaborarmos a noção de inconsciente cibernético-informacional, buscaremos adotar uma abordagem afirmativa, embora crítica, dessa hibridação, refletindo sobre o inconsciente a partir de suas forças vivas e reterritorializantes, sem deixar de considerar o tecnopoder que nos é imposto diariamente.



Imaginando a Máquina: Imaginários Sociotécnicos e Ficções Científicas sobre Inteligência Artificial aplicada à Saúde

Pedro Henrique Rocha (UFMG), Nayara Ariel Alquimim Pacheco (UFMG)

A consolidação da Inteligência Artificial (IA) como campo técnico e discursivo não pode ser compreendida apenas pelos seus avanços computacionais, mas deve ser analisada como um fenômeno atravessado por disputas simbólicas, políticas e materiais. Esse texto propõe uma reflexão ampliada sobre os imaginários sociotécnicos (Jasanoff; Kim, 2015) da IA, articulando duas frentes principais: (1) os usos cotidianos da IA, especialmente em interações afetivas como o uso terapêutico do ChatGPT, e (2) o debate público mediado por veículos jornalísticos. É nesse entrelaçamento entre experiência cotidiana, discurso público e ontologia da técnica que se articulam os imaginários sociotécnicos. A IA aparece como condensadora de ficções, expectativas e tensões. Não é coincidência que filmes como Blade Runner e Her sejam constantemente mobilizados para ilustrar o que se espera, ou teme, de uma IA. As fronteiras entre ficção e ciência, como aponta Jasanoff, são porosas, e a ficção funciona como um laboratório ético e político da tecnociência. A partir de conceitos de teóricos como Jasanoff, Ingold, Latour, Haraway, dentre outros pensadores na áreas dos ESCT e Antropologia da Ciência, pretendemos articular ciência, técnica e imaginação, nosso trabalho convida à reflexão sobre os limites da dicotomia sujeito/objeto e sobre os modos contemporâneos de mediação afetiva e epistemológica entre humanos e não humanos.

À procura da autoria: uma análise das interações entre artistas e inteligências artificiais geradoras de imagens

Marcus Paulo dos Santos de Freitas (UFRJ)

Com base em uma perspectiva analítica simétrica entre artistas que utilizam inteligências artificiais geradoras de imagens e dispositivos tecnológicos que integram redes sociotécnicas, este trabalho tem o intuito de investigar as interações entre diferentes actantes (humanos e máquinas) na construção da autoria em obras artísticas híbridas. Com foco nas trajetórias de dois artistas brasileiros que integram inteligência artificial em suas práticas (Arnaldo Belotto e Jesso Alves), a pesquisa destaca diferentes concepções contemporâneas de autoria artística, dando ênfase às

controvérsias que surgem, especialmente, nas perspectivas dos estudos dos campos do Direito e das Artes Visuais.

Zequinha, o robô mediador: práticas, materialidades e imaginários na construção de uma IA local para mediação cultural

Ana Claudia da Cunha (UFRJ), Elisa Granha Lira (UFRJ)

Esta proposta explora as materialidades, práticas e imaginários sociotécnicos envolvidos na criação do Zequinha, um robô mediador concebido como um "dispositivo híbrido entre máquina e obra bonequeira". A partir de um estudo de caso etnográfico sobre seu desenvolvimento, investigamos como a opção por tecnologias locais — um Small Language Model (SLM) como o Gema 3, síntese de voz, visão computacional e sistemas de movimento corporal treinados especificamente para o projeto — reconfigura a mediação cultural. Em contraste com os Large Language Models (LLMs) que operam em nuvem, a abordagem local permite autonomia, controle curatorial e funcionamento offline, sendo mais sustentável para instituições culturais. A trajetória do projeto, que parte de um inventor com experiência em teatro de bonecos, revela um processo dinâmico de agenciamentos. Analisamos a arquitetura técnica que articula múltiplos pacotes de IA para criar um "personagem" com comportamentos customizáveis (gentil, cínico) e com a capacidade de interagir com o público de forma complexa, podendo até mesmo sintetizar conversas coletivas. O Zequinha materializa, assim, um campo de experimentação sobre os limites da interação humano-máquina no tecido social e o potencial de novas presenças algorítmicas em espaços de conhecimento. Site: https://anacunha.xyz/z1-robotica-artistica/



Sessão 03 - ST 03: Antropologia das inteligências artificiais: materialidades, práticas e imaginários sociotécnicos - Padrões e desvios: práticas do sensível

Coordenador/a: Mirella Ramos Costa Pessoa (PPGCom - UFPE)

Debatedor/a: Lorena Lucas Regattieri (Green Screen Coalition)

‘’Meu pâncreas artificial’’: ambivalências e encruzilhadas nas tecnologias em saúde no contexto do Diabetes Mellitus tipo 1

Eduardo Akira Suzumura (UFSC)

Sob o mirante da biomedicina, o Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1) é definido como uma doença metabólica autoimune, a qual causa a destruição das células beta, produtoras do hormônio insulina (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Como medida terapêutica, o monitoramento constante dos níveis de glicemia combinado com as injeções de insulina é considerado como uma virada de chave que permitiu uma maior longevidade e qualidade de vida das pessoas detentoras do diagnóstico raro. Nesse processo, diversos dispositivos tecnológicos são criados e comercializados para auxiliarem no gerenciamento da doença. Entre eles, as bombas de insulinas, softwares de contagens de carboidratos e transmissores de glicemia são elegidos como tecnologias de ponta, que se utilizam de sistemas de algoritmos autocalibrantes e inteligências artificiais para seu funcionamento, aludindo a uma forma de ‘’pâncreas artificial’’.

Assim, a partir de uma pesquisa etnográfica com jovens diabéticos tipo 1, este trabalho discute os usos e desafios empíricos destes novos artefatos em saúde, pensando, centralmente, em suas relações com os corpos, riscos e processos de subjetivação de seus usuários. Neste movimento, atravessado por questões políticas e sociais sobre desigualdades e regulamentações, aufere-se diversas ambivalências pelos seus sentidos biopolíticos (FOUCAULT, 2008), e um gama complexa de encruzilhadas nas decisões sobre seus (des)usos, resultando em um contexto social desafiador para os fazeres antropológicos.



Cora no COR Rio: características da inteligência artificial e agência sociotécnica urbana

Raphael de Almeida Mariano (COR), Márcia Fernanda Taveira (uerj), Marcus Belchior Correa Bento (Centro de Operações e Resiliência do Rio)

A personalidade digital "Cora", inteligência artificial do Centro de Operações e Resiliência da Prefeitura do Rio (COR), é atualmente uma agente virtual assistida que atua como interface inicial entre o COR e seus cidadãos. Embora ainda não possua autonomia generativa plena, Cora foi projetada com características discursivas específicas — voz humanizada, linguagem acessível e presença simbólica — que apontam seu potencial para se tornar uma mediadora sociotécnica na comunicação do COR. Este artigo propõe uma análise antropológica das características e do papel da Cora, destacando seu funcionamento atual e as expectativas em torno de sua evolução para uma inteligência artificial generativa, capaz de estabelecer uma comunicação mais dinâmica e direta com a população, além de apoiar processos de tomada de decisão. A partir dessa perspectiva, a pesquisa discute as práticas, os imaginários e os sentidos sociais que envolvem essa persona digital, situando-a como um agente em construção, que mobiliza ideias de agência, confiança e inovação na gestão urbana. O estudo contribui para os debates sobre o papel das inteligências artificiais nas cidades contemporâneas, ressaltando a importância de abordagens críticas e situadas para compreender as relações entre tecnologia, instituições públicas e sociedade.

Lugares previsíveis e visão maquínica: (in)visibilidade das pessoas com deficiência em imagens geradas por IA

Mirella Ramos Costa Pessoa (UFPE), Claudia Linhares Sanz (UnB), Fabiane da Silva de Souza (UNB)

Considerando o modo como o regime de imagens produz e reforça modos de ver a pessoa com deficiência, investigamos de que forma as imagens geradas pelo ChatGPT expressam a demarcação dos "lugares previsíveis" (Araújo e Azevedo, 2022; Norden, 1994) destinados a esse grupo. O experimento, realizado a partir de uma funcionalidade que se popularizou, é desdobramento das atividades do grupo (In)Vis, que analisa como se constituem as (in)visibilidades da pessoa com deficiência nos circuitos hegemônicos (Sanz e Palatucci, 2024).

Para tanto, entendemos máquinas e "visão computacional" enquanto dispositivos que operam entrelaçados por relações de poder e saber (Agamben, 2009), moldando campos de visibilidade, produzindo novas formas de exclusão e controle. Sabendo que a IA opera com base no reconhecimento de padrões e agrupamentos por modelos estatísticos — e que tende a repetir associações semânticas recorrentes —, solicitamos a criação de imagens de profissionais de sucesso, sinopses e cartazes de filmes protagonizados por pessoas com deficiência, além de capas e matérias fictícias de revistas e jornais. A partir dessas respostas, refletimos sobre as dinâmicas de funcionamento da máquina e a produção de lugares previsíveis. Observamos a presença da jornada de superação, tragédia individual e excepcionalidade, aliadas a uma eugenia maquínica do olhar (Beiguelman, 2024) sobre esses corpos, sugerindo uma combinação entre cultura da normalidade e a narrativa de superação individual.

Uma política estetizada: Sobre o uso da inteligência artificial no bolsonarismo

Juliana Antunes de Lima Costa (UERJ)

Em 2024, foram convocadas pelos núcleos bolsonaristas, manifestações em prol da libertação dos presos do 08 de Janeiro. Na divulgação dos atos, o uso de imagens que retratavam uma multidão de verde e amarelo nas ruas, guiadas por anjos. Já em 2025, circulava um vídeo curto onde era retratado um homem na praia de Copacabana, construindo uma grande escultura de areia do ex-presidente Jair Bolsonaro. Outro conteúdo que circulava em 2025, por fim, se tratava de uma série de vídeos de convocatória de caminhoneiros, entregadores e profissionais do agronegócio a uma grande paralisação em defesa do ex-presidente Bolsonaro. O que todos os conteúdos guardam em comum? Todos eles foram produzidos e veiculados a partir de técnicas da inteligência artificial.

Tendo como elemento norteador, dentre outros recursos teóricos, o ensaio "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", de Walter Benjamin, onde o autor descreve que "[...] a técnica da reprodução liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição [...] e esse abalo da tradição é o reverso da atual crise e renovação da humanidade. Relaciona-se intimamente com os movimentos de massas dos nossos dias." (Benjamin, 2021, p.15), o objetivo do presente trabalho consiste em tecer uma reflexão acerca do uso de técnicas da inteligência artificial no âmbito da

extrema-direita bolsonarista. Evidencia-se, assim, a dimensão da geração de conteúdos e seus objetivos, além das suas formas de circulação nas plataformas digitais.

IA's e Acessibilidade, a luta pelo Memorial Ferroviário Pelotense

Isadora de Leon Torres (UFPEL)

Há uma década os ex-ferroviários da cidade de Pelotas/RS, clamam por um memorial que demonstre a importância de sua história na formação do município. Esse trabalho tem como propósito pensar o memorial da antiga Estação Férrea de Pelotas, sobre a ótica da acessibilidade atitudinal. Parte dos interlocutores são hoje pessoas idosas, com limitações físicas e/ou cognitivas. Para isso, essa pesquisa navega em meio a uma proposta de intervenção, pensando na forma como pessoas surdas, cegas e diferentes corporeidades acessam a arte. Pretendemos explorar ferramentas de IA's que auxiliem nessa inclusão, em experimentações que tangenciam sensorialidades. Acessibilizar é o verbo para essa pesquisa, pensando as IA's nesse processo como facilitadoras. Para analisarmos essas reflexões e buscarmos alternativas, convocaremos as reflexões de Bateson (1936), transcendendo uma visão tradicional e pensando os aspectos afetivos e emocionais das culturas. Além disso, Tim Ingol (2000) nos dá uma percepção de como os sentidos criam uma nova forma de observar e sentir. Finalmente com Camila Alves (2020) falando sobre corpos e como nós devemos pensar os processos de mediação, analisando não apenas a mediação entre indivíduos, mas também entre seres humanos e máquinas (LATOUR, 2012). Nesse sentido, exploraremos as possibilidades de utilizarmos as IA's como também mediadoras do processo de vivência em museus e espaços culturais, o fomento a experiências de sinestesia, criando ambientes inclusivos.

Histórias, formas narrativas e conteúdos sintéticos: narrar e poder dizer em tempos incertos

Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes (Departamento de Antropologia - UFF)

A proposta propõe discutir formas narrativas e conteúdos sintéticos que circulam nas redes sociais, à luz da emergência das inteligências artificiais (IAs). Pretende-se refletir sobre o estatuto desses conteúdos em termos de sua pertinência, veracidade, intencionalidade e significação — ou seja, interrogar o que pretendem narrar, a quem se dirigem e com que propósitos são produzidos, consumidos e compartilhados.

Sabe-se que o engajamento nas redes sociais ocorre majoritariamente no plano das emoções, afetos e impulsos — um campo performativo marcado pela instantaneidade, pela estetização da experiência e pela produção de subjetividades (Butler, 1997; Lupton, 2014).

Ao contrário, interações com IAs ainda exigem reflexividade e letramento técnico. Pesquisadores, profissionais liberais e executivos — têm empregado IAs generativas com finalidades pragmáticas, como otimização de tarefas, criação de conteúdos e análise de dados. (Floridi, 2019; Bender et al., 2021).

Diante da massificação projetada pelas Big Techs, IAs poderão disseminar conteúdos que simulam estilo humano, além de produzirem efeitos reais de sentido, autoridade e convencimento. Tal como ocorreu com a plataformização das interações sociais (van Dijck, 2013), este problema não se deve à tecnologia em si, mas no modo como será apropriada por corporações e interesses marcados pela ausência de regulação pública e fragilidade das competências interpretativas nos públicos massivos.



ST 04: ANTROPOLOGIA DAS PARACIÊNCIAS E DAS FORMAÇÕES CONSPIRATÓRIAS

Coordenador(a): Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG), Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

Sessão 01 - ST 04: Antropologia das paraciências e das formações conspiratórias - Negacionismos e paraciências

Coordenador/a: Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG)

Debatedor/a: Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG)

O Anti antinegacionismo: "pseudociência" e "ceticismo" na produção do Instituto Questão de Ciência

José Szwako (UERJ), Felipe Marques Esteves Lamarca (IESP-UERJ)

Criado em 2018, o Instituto Questão de Ciência (IQC) se define como o primeiro instituto brasileiro voltado à defesa do uso de evidências científicas nas políticas públicas. Organização sem fins lucrativos, o IQC atua no debate público por meio de discursos de autoridade e, não raro, autoritarismo científico, como quando afirma que “questões de ciência – que deveriam ser resolvidas com base em lógica e evidência – viram questão de opinião”. Neste trabalho, analisamos como o instituto mobiliza as noções de “pseudociência” e “ceticismo” em sua Revista Questão de Ciência. O objetivo é compreender se essas categorias operam como instrumentos político-ideológicos acionados para fabricar pânicos. Foram extraídos 728 artigos do site (98% do total) por meio de web scraping. As tags mais recorrentes são “saúde”, “método científico”, “covid-19”, “pseudociência” e “políticas públicas”. O termo “pseudociência” aparece em cerca de 18% dos textos, enquanto “ceticismo” surge em apenas 5,9%. Tais dados indicam a centralidade discursiva da “pseudociência” no repertório do IQC. Como apontaram Gordin e Notowny, a menção à "pseudociência" é, via de regra, feita como uma categoria acusatória voltada para empreender uma visão ideal de ciência. No restante de nosso trabalho, ainda nos falta explorar como essa noção opera na construção de pânicos e hierarquias contra saberes alternativos e paracientíficos.



Paraciências como (contra)saberes emergentes: o caso da Conscienciologia

Diogo Felipe Tenório de Barros (UFRJ)

Tomando como ponto de partida as reflexões de Isabelle Stengers sobre a emergência de outros devires científicos, pretendo analisar a trajetória da Conscienciologia, paraciência fundada pelo médico Waldo Vieira. Professando um peculiar hibridismo entre espiritualidade e racionalidade, Vieira inaugura novas frentes de estudo centradas em uma metodologia de experimentação individual, vinculando-as a uma proposta divergente do paradigma científico hegemônico. Em torno deste programa, a partir dos anos 90 começa a se formar uma comunidade de pesquisadores-sensitivos na cidade de Foz do Iguaçu, PR, a qual passa a adotar inúmeros procedimentos científicos não-convencionais, a despeito de compartilhar modelos e orientações comuns ao meio acadêmico. Meu objetivo neste trabalho é o de identificar alguns elementos-chave da proposta conscienciológica, tendo como base três eixos fundamentais: (i) ressignificação de noções científicas clássicas, como hipótese, técnica, laboratório, experimento, etc.; (ii) fenomenologia vinculada a uma perspectiva cosmoética, multidimensional e pluriexistencial; (iii) universalismo de cunho enciclopédico, evocando preceitos neo-evolucionistas e teleológicos. Por fim, reflito sobre as possíveis ambiguidades, tensões e polissemia envolvendo os usos da noção de ciência, bem como de seus conceitos derivados: pseudociência, paraciência, neociência.

"Incelology" como ciência menor: uma etnografia dos saberes e ontologias incel

Kayah Nicholas de Souza (USP)

Esta comunicação propõe uma análise antropológica da Incelology, um corpo de saberes sistematizados e reivindicados como científicos por comunidades digitais da chamada Incelosphere, habitadas por pessoas (majoritariamente homens) que se identificam como “celibatárias involuntárias” (incels). A partir de conteúdos produzidos em fóruns como o extinto r/Braincels e na enciclopédia colaborativa IncelsWiki, investigo como esses coletivos constroem uma racionalidade própria, baseada na apropriação seletiva de conceitos da psicologia, da genética e das neurociências, conformando um saber vernacular que mimetiza dispositivos de validação acadêmica (Burton, 2022; Bachaud & Johns, 2023). A Incelology parece operar como uma matriz classificatória: organiza hierarquias, fixa categorias de valor afetivo-sexual e estrutura uma

cosmologia do ser incel. Situo essa racionalidade no marco dos regimes de verdade, como forma de cientificidade marginal que disputa a autoridade epistêmica sem romper com o campo científico (Bourdieu, 1975; Latour, 1987). A investigação se ancora na antropologia da ciência, nos estudos sobre autoridade epistêmica e na circulação de saberes digitais. Com base em etnografia digital e de arquivos, argumento que a Incelology constitui uma tecnologia classificatória que captura a "condição incel" numa ontologia de derrotas e determinismos, atualizando um modo de cientificidade vernacular que reifica o sofrimento.

Nem céticos, nem ufólatras: como navegam os paracientistas no ambiente da pós-verdade?

Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

A revista OVNI Pesquisa foi fundada em 2018 com o objetivo de realizar uma ufologia científica. Em seus artigos é frequente o desmascaramento de certas teses ufológicas como pseudocientíficas, as observações de que outros ufólogos teriam aderido às teorias da conspiração sem fundamentos e a defesa do uso do método científico. Considerando que o início da publicação coincide com um momento histórico em que se assistiu, no Brasil, ao aumento da intensidade da circulação de teorias conspiratórias, da propagação de notícias falsas e do questionamento dos cientistas no espaço público, interessa a este artigo pensar de que forma o grupo formado em torno da OVNI Pesquisa navega no ambiente da pós-verdade. Ao estabelecer um diálogo com (Costa,2021) e (Cesarino, 2022), este texto se pergunta se, no caso do grupo em tela, a defesa de uma concepção particular de ciência e a adesão super conformista ao seu ideal normativo não teriam curiosas afinidades com variedades de negacionismo científico.

Los milagros de la Virgen María: una aproximación a los modos de producción de evidencia en el catolicismo contemporáneo (Córdoba, Argentina)

Julieta Romina Arndt (UNSAM)

En Argentina el catolicismo es una identidad mayoritaria y una forma de vida que atraviesa el cotidiano de las personas (Sanchis, 1986, 1992). Desde una mirada que considera la agencia de humanos y no humanos (Latour, 1991; 2013), entendemos que hay una pluralidad de catolicismos

donde no solo se disputan identidades e identificaciones, sino que se construyen mundos conformando una pluralidad ontológica. El catolicismo entonces conforma una cosmopraxis (Viveiros de Castro, 2011) ya que lo real es el resultado de interacciones entre agencias humanas y no humanas. Bajo esta idea y a partir del trabajo de campo que llevo a cabo en Córdoba (Argentina) en contextos católicos devotos de la Virgen María y sus milagros, el siguiente trabajo buscará analizar los diferentes modos de producción de la prueba (Claverie, 2010) en uno de estos regímenes ontológicos y sus tensiones con las formas de prueba científica, en donde el milagro conforma una regímen de realidad en el mundo racional moderno (Mol, 1999).

Parapsicologia como ciência de fronteira: um estudo de caso da Division of Perceptual Studies

Pedro Augusto Pereira Francisco (Universidade da Virgínia)

Em 1967, o psiquiatra Ian Stevenson criou a Division of Perceptual Studies (DOPS) na Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, nos EUA, com o objetivo de pesquisar fenômenos paranormais com base na parapsicologia. Após 58 anos, o DOPS segue ativo, com um corpo consistente de pesquisadores e ritmo de publicações compatível com centros de pesquisa de universidades R1 nos EUA, tornando-se um dos últimos remanescentes de uma tendência extinta que, no século XX, levou à criação de institutos semelhantes em outras universidades. Desde sua fundação e até sua morte, em 2007, Stevenson dividiu-se entre conduzir suas investigações e justificar sua legitimidade científica. Mesmo quando a parapsicologia de laboratório esteve em seu auge, essa legitimação era parte central do trabalho no campo. Neste trabalho, analiso como Stevenson mobilizou os primados epistêmicos da ciência para defender um campo considerado “proibido” nas ciências da mente, ao mesmo tempo em que criticava a estrutura acadêmica por restringir avanços científicos. A análise parte de uma leitura antropológica de textos acadêmicos, ensaios e entrevistas de Stevenson, bem como de publicações de alunos e críticos. Ao examinar tais esforços de legitimação, o trabalho contribui para a discussão antropológica sobre como se constroem — e contestam — as fronteiras do conhecimento científico.



Sessão 02 - ST 04: Antropologia das paraciências e das formações conspiratórias - Conspirações e rumores

Coordenador/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

O rumor das máquinas: repensando a antropologia dos rumores e as discursividades do oculto na era do digital

Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG)

As narrativas diversas que reconhecemos na antropologia como rumores sempre estiveram diretamente ligadas a ambientes considerados não modernos. As discursividades produtoras de rumores também sempre foram vinculadas à redes de informação e de saberes cujo primado de verdade está conectado com diferentes dimensões ocultas de ação e de poder. O alcance analítico da antropologia em relação aos rumores não mudou muito desde meados do século XX até os dias atuais. No entanto, há uma mudança central na consideração da análise dos rumores na atualidade que implica, tanto em uma mudança qualitativa, como escalar, por meio da proliferação de discursividades do oculto na internet, trazendo ao seio da produção dessas narrativas a intromissão de agências maquínicas como os algoritmos, as redes sociais, o surgimento da IA e a dimensão manipulatória das tecnologias audiovisuais. A partir da leitura de alguns casos particulares de proliferação de rumores e de incertezas pela internet, a proposta desta apresentação é trazer à baila a necessidade de redimensionar a antropologia dos rumores para que ela possa reelaborar em suas análises as novas paisagens sociotécnicas e as novas interações discursivas, cada vez mais semiótico-materiais, em que os rumores proliferam a dúvida e propagam a negação dos meios pelos quais a modernidade efetua a verdade como valor transcendente e universal.

“Que tipo de mal está impregnado nessas fitas?”: Análise de uma narrativa conspiratória acerca da cidade de Memphis, Tennessee

Giovanna Gabrielle dos Santos Guilherme (UFMG)

O objetivo deste texto é analisar a forma e o conteúdo de uma teoria assumidamente conspiratória acerca da cidade de Memphis no Tennessee. O relato caracteriza Memphis como

um lugar sombrio, palco de agências ocultas que se entrelaçam em recorrências traumáticas e se propagam pelo som, no caso, pela música. A narrativa surgida online em 2017 acusa rappers e DJs da cidade de terem imbuído de Magia do Caos, na década de 1990, suas fitas cassete; a energia macabra de seu conteúdo seria carregada toda vez que as fitas são escutadas. Incorporando ao texto a estranheza do som de baixa fidelidade de fitas amaldiçoadas e seguindo digitalmente os relatos acerca da trama, assim como seu rescaldo em redes conspiratórias mais amplas, argumento que algo do caráter de economia de almas, de como o branco e o negro aparecem na estória e de como a tecnologia se insere na trama e no formato de sua disseminação, contém as conflitantes dimensões de aprisionamento e liberdade, ressonantes na temporalidade complexa da experiência social estadunidense (Lepselter, 2017). Ao mesmo tempo pretendo deslocar o olhar para como esse enredo se integra a um sistema de interações digitais e disputas entre humanos e não humanos, algo já muito familiar a Memphis (haja visto os empreendimentos fáusticos da xAI na cidade), aqui disposto na dimensão do infamiliar (unheimlich).

Três abordagens (e muitas provocações) sobre a sociologia das teorias da conspiração

Leonardo Calau da Cruz (USP)

No geral, o estudo das teorias da conspiração nas ciências humanas pode ser dividido em três grandes correntes. A primeira, normalmente descrita como como “corrente patologizante”, compreende que as teorias da conspiração emergem de uma percepção profundamente paranoica da realidade, cabendo às ciências humanas descrever as características distorcidas desta forma de compreensão e avaliar as suas consequências. A segunda corrente pode ser descrita como construtivista. Tal abordagem propõe mover o foco de estudo da compreensão individual dos atores, para os processos históricos e culturais que influenciaram na criação e manutenção das teorias da conspiração. Já o terceiro eixo teórico de estudo das teorias da conspiração pode ser descrito como paradigma político, voltado ao estudo do fenômeno de forma analítica, definindo e diferenciando as mais diversas formas de teorias da conspiração e analisando quais fatores podem promover a crença conspiratória pelos atores individuais.

A partir da experiência do autor na análise do grupo conspiratório satírico “Birds Aren’t Real”, serão abordados os limites e as consequências metodológicas da abordagem de cada uma

das três correntes teóricas mais comuns de análise das teorias da conspiração. Será dada atenção especial aos processos práticos e vívidos envolvidos no fazer sociológico da pesquisa e quais os possíveis caminhos para compreender o fenômeno conspiratório de modo irônico e provocativo.

"Rejeição acadêmica ou seria despeito?": o jogo de autoridade científica e um caso de conspiracionismo

Jaqueline de Araújo Vieira (UFRJ), André Luiz Coutinho Vicente (UFRJ), Izabela Henriques Feffer (UFRJ)

Esta comunicação dá continuidade a uma pesquisa em andamento desde 2023 a respeito do grupo "Dakila Pesquisas", responsável pela difusão de ideias sobre "Ratanabá" e outras narrativas conspiratórias e negacionistas, especialmente ligadas ao campo da arqueologia. Mantendo a etnografia digital como eixo metodológico, investigamos agora as relações entre o cientificismo e o anti-intelectualismo para tentar responder às seguintes perguntas: como o Dakila entende o trabalho de pesquisa? Para isso, analisamos estratégias linguísticas pelas quais o grupo mobiliza vocabulário e formatos tipicamente acadêmicos para produzir um efeito de cientificidade, ao mesmo tempo que reivindica ser hostilizado e incompreendido pela "academia tradicional". Isto é, trata-se de uma comunidade que simultaneamente almeja e recusa os critérios de validação científica. Nosso objetivo é duplo: (1) descrever os mecanismos retóricos que possibilitam aos integrantes e à plataforma Dakila oscilar entre a busca de reconhecimento científico e o reforço de uma identidade própria, alternativa; (2) analisar como essa ambivalência se articula às crescentes práticas de desinformação online. Para isso, mapeamos publicações em redes sociais de 2023-2025. Argumentamos que a fronteira entre "dentro" e "fora" da ciência torna-se, no caso, um recurso performativo: quanto mais rejeição pública recebem, maior o capital simbólico reivindicado perante sua audiência. Essa tensão, mostraremos, não é incidental.

O militar-ufólogo e as redes de conspiração da ufologia brasileira

Renan Klepa (USP)

Ao longo do século XX, relatos de avistamentos de Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) passaram a integrar o cotidiano da sociedade brasileira, especialmente a partir de 1947, quando a imprensa passou a difundir narrativas sobre possíveis naves extraterrestres ou

tecnologias militares experimentais, em um contexto marcado pela Guerra Fria. Diante da repercussão social e geopolítica desses relatos, as Forças Armadas brasileiras, em especial a Força Aérea Brasileira (FAB), iniciaram investigações sobre os fenômenos. Nesse cenário, emerge a figura do militar-ufólogo, um agente híbrido que atua simultaneamente no interior das estruturas estatais e nas redes civis interessadas na temática ufológica. Ocupando uma posição singular, esse ator mobiliza os recursos do aparato militar para empreender pesquisas sobre o fenômeno, ao mesmo tempo em que estabelece vínculos com comunidades de entusiastas e pesquisadores civis. Sua atuação evidencia a sobreposição entre o saber institucional e o imaginário da ufologia, contribuindo para a construção de um campo discursivo em que práticas oficiais e crenças conspiratórias se entrelaçam.

Antecipando o fim: sobrevivencialismo e a construção de comunidades de preparadores no espaço digital brasileiro

Heitor Martins Guimarães (INPE), Caio Mattos Santos (UFRJ)

O "movimento sobrevivencialista" vem ganhando força no Brasil. Ele combina práticas de preparação para catástrofes e antecipação de eventos em escala mundial. De um lado, homens armamentistas trocam manuais de construção de abrigos, sobrevivência na floresta e estratégias de defesa perimetral, à expectativa de cenários de colapsos súbitos: sejam climáticos, políticos e/ou nucleares. De outro, donas de casa publicam tutoriais no YouTube sobre como armazenar e conservar arroz por mais de 20 anos dentro de garrafas PET, com métodos caseiros de vedação, controle de umidade e de esterilização. No universo dos super-ricos, esses preparativos se materializam num mercado de bunkers: dos refúgios fortificados na Nova Zelândia às ilhas privadas, bilionários acumulam "casas de férias" armadas para emergências em estilo "Mad Max". Porém, o surgimento de microcosmos sobrevivencialistas entre populações de classe média e baixa, amplificado pelos espaços de fóruns, grupos e canais no youtube, mostra que essa forma de pensar extrapolou as cercanias do Vale do Silício. No Brasil, o movimento pode conjugar especulações sobre um colapso financeiro nacional, antecipando greves de caminhoneiros, escassez de alimentos e sanções dos Estados Unidos de Trump. Dessa forma, este trabalho busca entender a dimensão especulativa desse movimento e a articulação promovida a partir de rumores,

práticas de campo, compras de materiais militares, estoque de alimentos e redes de aprendizado entre “preparadores”.

Sessão 03 - ST 04: Antropologia das paraciências e das formações conspiratórias - Ciência e política

Coordenador/a: Guilherme José da Silva e Sá (Universidade de Brasília)
Debatedor/a: Guilherme José da Silva e Sá (Universidade de Brasília)

Os aparatos da cisgeneridade nas semânticas da 'destransição de gênero': intra-ações entre comunidades evangélicas e teorias do comportamento

Nora Dalva Arantes Lima (UFMG), Luana Rodrigues Nascimento (UFMG), Yuri Alexandre Estevão Rezende (UFMG)

Este trabalho analisa como teorias do comportamento têm sido mobilizadas, em especial a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e o behaviorismo, no interior de comunidades evangélicas brasileiras para construir uma semântica da "destransição de gênero" ligada à conversão. Em um cenário marcado pela expansão das redes sociais e pela reconfiguração das disputas morais sobre sexualidade e identidade, observa-se um crescente alinhamento entre terapeutas autodeclarantes cristãos e ministros evangélicos — como Libertos por Deus, Luz na Noite e Jocum — na formulação de discursos que articulam ciência e fé de forma intra-ativa. A "destransição" é tratada, nesses contextos, como evidência de restauração moral e cura ‘espiritual e natural’, sendo reforçada por vídeos e testemunhos amplamente difundidos em plataformas como YouTube e Instagram. O estudo parte da observação de que terapias de conversão antes centradas na “cura gay” passaram a direcionar a repressão de identidades trans* as associando a ‘traumas’ e ‘disfunções comportamentais’. A partir da análise de conteúdos digitais e das redes de autoridade que se formam entre igrejas e terapeutas, busca-se compreender e evidenciar como se constroem novas semânticas discursivo-materiais acerca do gênero que bricolam doutrinas religiosas, cisgeneridade, vocabulário clínico, materializações genderizadas, e tecnologias de engajamento afetivo nas redes, gerando efeitos de grande lastro em tempos de políticas anti-trans.



Mapeando narrativas e variações no interesse sobre o Great Reset

Alisson Magalhães Soares (inde)

Durante a Pandemia de Covid-19, Klaus Schwab e o Fórum Econômico Mundial apresentaram um projeto chamado de "Great Reset", de reforma da economia global para um mundo mais justo, igualitário e sustentável. Apesar de ser, ao mesmo tempo, ambicioso e vago, os mais desconfiados viram ali (mais) uma proposta de domínio totalitário comunista global disfarçado de boas intenções: "Green is the new red". Através de métodos computacionais utilizados na coleta e tratamento dos dados, apresentamos aqui um duplo mapeamento da teoria, tanto do interesse do público como de algumas opiniões e narrativas presentes. O mapeamento do interesse público se baseia em amostragem de buscas no Google e no YouTube, apresentando o interesse mundial nesta teoria em comparação com outras teorias da conspiração famosas, em que países seu interesse foi mais forte, onde no Brasil isto ocorreu, bem como a variação temporal do interesse por esta teoria. Quanto ao mapeamento de opiniões e narrativas presentes, analisamos livros de autores proeminentes na defesa desta teoria, como Alex Jones, Alexandr Dugin e Glenn Beck; identificando ali os principais inimigos e perigos vistos, e o que pensam destes.

Direitas Radicais, Negacionismo Científico e a defesa da Ciência purificada

Lucca Palmieri (USP)

Essa pesquisa tem por objetivo etnografar fragmentos de um movimento heterogêneo que pode ser denominado de Direitas Radicais. Entende-se como Direita Radical os diferentes movimentos ao redor do globo que apresentam um viés político à direita, mas que também concentram em seus enunciados uma forte identidade antissistêmica e disruptiva. Assim, circulam-se dois fragmentos dessa constelação para a análise: os casos do(s) negacionismo(s) científico(s) e da redpill.

Ambos os casos demonstram a centralidade da operação de categorias como verdade e realidade para as Direitas Radicais. Tanto em um caso quanto no outro, indivíduos se entendem enquanto "pessoas despertas" em um mundo que trabalha para esconder a verdade. Assim, lutam contra um amálgama que reúne instituições do Estado, a grande mídia e a comunidade acadêmica, integrantes da Catedral que trabalha pela implantação das agendas Woke. Dessa maneira, todas as camadas da realidade se mostram corrompidas pela ‘’politização da esquerda’’, e devem ser

desconsideradas. Dessa maneira, se olharmos por lentes microscópicas, é possível entender que ao mesmo tempo que há o ataque à ciência, vide os casos da Pandemia ou do negacionismo climático, há uma defesa à ciência pura, desinteressada e neutra. Nesse sentido, pode-se entender o(s) negacionismo(s) a partir não só da recusa e da construção de práticas pseudocientíficas, mas também como uma defesa de uma ciência moderna, no sentido latouriano, mesmo enquanto não a praticam.

Pluralismo epistemológico e crise do sistema de peritos: esboço de uma saída anarquista

Evandro Monea Leal (UFABC)

A metáfora oceânica é um modelo de ciência pluralista construído por Feyerabend. Nesse modelo a ciência é "um crescente oceano de alternativas mutuamente incompatíveis" (FEYERABEND, 2011). O autor de "Contra o método" é conhecido por sua concepção anarquista da ciência na qual um dos conceitos chave é o de proliferação. A abundância de teorias, pontos de vistas, cosmologias - científicos ou não - em constante competição é o que faz desenvolver as capacidades humanas e o conhecimento.

Para Cesarino (2020) "a eficácia da 'ciência em ação' está em sua capacidade de reduzir a entropia, ou a tendência à desordem." A objetividade da ciência não resulta de uma correspondência com a realidade, pois "todo acesso ao mundo é sempre mediado" (CESARINO, 2020), mas na capacidade de estabelecer a confiança em um sistema de peritos. Sistema esse em crise no contexto da pós-verdade.

Como poderíamos pensar a crise do sistema de peritos, se com Feyerabend entendermos a ciência como essencialmente anárquica? Nosso objetivo é apresentar alguns apontamentos sobre negacionismo científico desde uma perspectiva pluralista.



Da cabeça de javali ao pneu: O contexto da invasão americana ao capitólio e sua influência na invasão dos três poderes no Brasil

Yuri de Aguiar Xavier Sepulveda (Universidade de Lisboa), Maria Leão de Aquino Silveira (UERJ)

Este trabalho analisa a circulação de discursos conservadores no Twitter entre 2020 e 2024, com ênfase na Invasão ao Capitólio (06/01/21) e no Ataque à Praça dos Três Poderes (08/01/23). Esses eventos revelam como as fronteiras entre o online e o offline se dissolvem nas práticas políticas contemporâneas (HARAWAY, 1991; HINE, 2015), evidenciando o caráter transnacional do avanço da extrema-direita. Na construção de "nações imaginadas" conservadoras (ANDERSON, 1990), emergem símbolos como o “xamã” do Q-Anon, nos EUA, e o “cidadão de bem”, no Brasil — ambos associados a cultos à morte e à guerra (ECO, 1995). A consolidação dessa identidade política depende da criação de inimigos morais (COHEN, 1972), que nos anos 2020 se materializam em professores, pessoas LGBTQIAPN+ e “ideólogos de gênero” (MISKOLCI & CAMPANA, 2021; SEPULVEDA, 2024). Observa-se também a repetição de narrativas de deslegitimação eleitoral: nos EUA, o voto impresso simboliza a negação da derrota de Trump; no Brasil, é apresentado como solução à suposta fragilidade das urnas eletrônicas em. Em ambos os casos, a retórica de ataque ao judiciário foi central durante os governos Trump (2017–2021) e Bolsonaro (2019–2022). A análise destaca que, apesar das diferenças entre as democracias e culturas políticas dos dois países, o Brasil permanece numa posição subalterna diante do imperialismo norte-americano, mesmo quando setores conservadores buscam alinhar-se ideologicamente com o fascismo global (SAID, 1978).

Vetores políticos do negacionismo climático de pensadores conservadores

Ricardo de Almeida Gonçalves (Instituto de Matemática Pura e Aplicada)

Este trabalho pretende apresentar um modelo de análise de vetores políticos do discurso negacionista climático propagado pelo think tank conservador Instituto Mises brasil. A partir do cruzamento das definições dos atratores “Local”, “Global”, “Terrestre” e “Fora-deste-mundo” feitas por Bruno Latour em Onde aterrar? (2020) e dos “estágios de negação” sobre a mutação climática propostos por Mann e Toles em The Madhouse Effect (2016, p. 67), elaboramos um modelo que mapeia propriedades políticas que consideramos típicas do negacionismo climático,

focado principalmente em como os discursos operam ou não uma aproximação do "Terrestre", considerando a relação destes com a cisão entre Natureza e Humanidade e quais práticas atuam como "mediadoras" de sua negação. Aplicando o modelo aos artigos de pensadores conservadores veiculados pelo site do Instituto Mises Brasil, pretendemos identificar por meio da análise dos textos e atribuindo-lhes marcadores, quais tendências e estratégias de negação da mutação climática são mais relevantes para estes atores.



ST 05: ANTROPOLOGIA DIGITAL: NOVAS FRONTEIRAS E DESAFIOS EMERGENTES

Coordenador(a): Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (UFSC), Leonardo Fernandes Nascimento (UFBA), Gabriel Banaggia (PUC-RIO)

Sessão 01 - ST 05: Antropologia Digital: novas fronteiras e desafios emergentes - Trabalho, economia e ativismo

Coordenador/a: Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (UFSC)

Fonogramas em rede: territorialidades sônicas, algoritmos e afetos na circulação digital da música

Ollivia Maria Gonçalves (UFSC)

Este trabalho propõe uma análise antropológica da circulação dos fonogramas digitais nas plataformas de streaming, observando como esses arquivos sonoros desmaterializados se tornaram agentes ativos nas disputas por visibilidade, escuta e afeto na contemporaneidade. A pesquisa parte de uma abordagem de coprodução humano-máquina para entender como algoritmos, playlists e classificações emocionais influenciam a escuta e moldam práticas culturais, afetivas e econômicas. A metodologia combina autoetnografia reflexiva — enquanto musicista e produtora — com etnografia digital em redes de escuta, análise de playlists e interações em plataformas como Spotify e Instagram. São exploradas as territorialidades sonoras e as camadas afetivas que emergem da relação entre usuários, plataformas e fonogramas, discutindo como esses objetos sonoros participam da produção de sentido, identidade e pertencimento. O trabalho dialoga com os debates sobre plataformização, soberania digital e Inteligência Artificial, propondo uma reflexão sobre como os fonogramas se tornaram vetores de coprodução entre sujeitos e sistemas técnico-algorítmicos. A pesquisa contribui para os debates da Antropologia Digital ao propor uma leitura densa e situada da escuta contemporânea, em que a técnica não apenas media, mas transforma a experiência estética e afetiva da música.



Jackpot Familiar: Parentesco, Precariedade e Esperança Nas Apostas Online

Aline Correia Antonini (UFGD)

O presente trabalho faz parte de uma etnografia em andamento, realizada junto a famílias de contextos urbanos populares, vinculada ao doutorado em Antropologia Social (PPGANT/UFGD). O estudo busca compreender como núcleos familiares das camadas populares, residentes em Campo Grande (MS), têm se envolvido com apostas esportivas e jogos de cassino online, em especial por meio de plataformas digitais acessadas por celulares e redes sociais. A pesquisa acompanha adultos e jovens em idade inferior à permitida por lei, cujas experiências com as apostas são frequentemente compartilhadas, transmitidas e acompanhadas entre os membros da família. Nesse processo, observam-se circuitos intergeracionais que combinam dinheiro, endividamento, vínculos afetivos e subjetivos. Com base nessas observações, propõe-se o conceito de Parentesco Jackpot, para pensar uma nova forma de organização familiar caracterizada pela promessa de mudança material por meio do jogo. Nesse cenário, há tensões entre cuidado e controle, risco e proteção, em situações em que a dívida e a esperança se transformam em mecanismos de sustentação e desejo. Ainda que se apoie em abordagens da antropologia digital para acessar os circuitos online, o trabalho se ancora sobretudo nas discussões sobre neoliberalismo e parentesco, reconhecendo nas apostas não apenas um fenômeno tecnológico, mas um modo de viver sob condições precárias em que algoritmos, promessas de prêmio e economias domésticas se entrelaçam.

Muito além das cinco estrelas: avaliações, controle e subjetividades no trabalho por aplicativo

Gabriella Lima Festivo Vieira (UFRJ)

A pesquisa investiga as dimensões do sistema de avaliações da empresa Uber e seus efeitos sobre a experiência laboral, as interações interpessoais e a construção de subjetividades de motoristas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Em um território marcado por intensas desigualdades socioespaciais, o estudo analisa como gênero, raça, classe e território atravessam as avaliações mútuas entre motoristas e passageiros, mediadas por percepções associadas ao território, à segurança e às representações sociais sobre os corpos que circulam nesses espaços. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa combina entrevistas semiestruturadas com

motoristas e passageiros, etnografia digital e observação participante em grupos virtuais frequentados por trabalhadores/as de aplicativo. O objetivo é compreender as estratégias cotidianas desenvolvidas pelos motoristas para alcançar boas avaliações e garantir sua permanência na plataforma, enfrentando pressões, expectativas e instabilidades características do trabalho por aplicativo. O projeto dialoga com debates sobre plataformização do trabalho, capitalismo de vigilância, gamificação, trabalho emocional e divisão sexual do trabalho. Ao evidenciar como as avaliações funcionam como mecanismos de controle, reconhecimento e exclusão, a pesquisa contribui para refletir sobre as novas formas de precarização e gerenciamento subjetivo que marcam o trabalho nas plataformas digitais.

Chat GPT terapeuta: a instrumentalização de um chatbot como interlocutor em processos terapêuticos

Nayara Ariel Alquimim Pacheco (UFMG)

A partir de uma etnografia digital realizada na plataforma Reddit, este artigo propõe investigar as formas pelas quais usuários apropriam o ChatGPT como interlocutor emocional significativo, mobilizando-o em processos de cuidado subjetivo, aconselhamento e escuta afetiva. Pautada nos relatos de interações entre usuários e a IA generativa, investigo como sujeitos atribuem afeto e agência a um chatbot, transformando-o em mediador de processos emocionais. Tais práticas, embora não reconhecidas como "terapêuticas", articulam-se a imaginários derivados da ficção científica e confrontam discursos científicos e normativos acerca dos usos possíveis da IA.

Essas interações envolvem desde dilemas éticos e regulatórios — como privacidade, segurança emocional e eficácia terapêutica — até disputas sobre o que deve ser reconhecido como "cuidado legítimo" na era da plataformização. Na relação estabelecida entre usuários e IA generativa, a fronteira entre sujeito e objeto, humano e máquina, se dissolve, formando aquilo que Haraway chama de 'entidades ciborgues' — híbridas, tecnicamente mediadas e politicamente situadas

Mesmo que o ChatGPT não possua consciência, sua participação na relação comunicacional gera efeitos reais — pois, como sugere Bateson, o sentido é construído no processo relacional, e não em um polo único da interação. Com isso, proponho compreender a

relação estabelecida entre o ChatGPT e meus interlocutores, como agente na coprodução de novas formas de cuidado na era digital.

Infoativismo: Aspectos da Apropriação Social da Informação

Antonio Paulo Carretta (USP)

Esta reflexão aborda três eixos no debate sobre cultura digital, infoativismo e apropriação da informação, em diálogo com a Antropologia Digital. Inicialmente, discute-se a disseminação de tecnologias sociais e redes de conexão que, embora representem avanços no acesso à internet, ainda enfrentam desafios no Brasil. As interações entre pessoas, informação e tecnologia revelam desigualdades que extrapolam os indicadores de conectividade, usos efetivos de informação e controle da desinformação na esfera pública digital.

Em seguida, analisa-se o infoativismo como vertente do ativismo digital que mobiliza dados, visualizações e ações comunicativas para engajar e mobilizar em torno de causas sociais. A informação, nesse contexto, torna-se instrumento de ação coletiva.

Dois casos ilustram essas práticas: o Data_Labe, laboratório de dados na favela da Maré (RJ), que elabora visualizações e narrativas participativas para fomentar cidadania e avaliar políticas públicas; e uma iniciativa de design ativista centrada no visativismo, que usa linguagem visual para comunicar injustiças e articular resistências. Ambas traduzem dados e vivências em artefatos gráficos e interativos que tornam visíveis desigualdades e catalisam a ação.

A proposta mostra como o infoativismo opera como prática crítica de circulação de informação, ampliando interatividade entre indivíduos e coletivos na era das plataformas.

Ecologia do combate à doutrinação: a produção da crise de confiança nas escolas

Renata da Conceição Aquino da Silva (USP)

Em diálogo com a literatura sobre a reorganização da direita que ocorreu no século XXI (Rocha, 2019), que demonstra o interesse consistente dessas figuras antissistema (geralmente parlamentares) na ocupação de cargos dentro do sistema, temos elaborado a relação ecológica entre as atuações legislativa (Aquino; Moura, 2025) e empreendedorística. Essa utilização síncrona de lugares muito diferentes para atuar politicamente indica um uso consciente e uma

leitura cibernética por parte desses atores dos processos sociais e políticos que eles geram, participam ou buscam se inserir. Essa expertise desenvolvida por esses sujeitos coloca o direito à educação em perigo, uma vez que eles usam diferentes lugares dentro da ecologia (mídias digitais, cargos legislativos, judiciário, Poder Executivo) para avançar suas pautas em diferentes frentes. Ante sujeitos vulneráveis nas escolas – professoras/es precarizadas/es em vínculos frágeis e climas escolares pouco democráticos – o empreendedorismo político da direita não encontra mecanismos que interrompam seu uso predatório da energia (Bogdanov, 2024) produzida nas relações de ensino-aprendizagem. Nessa linha, essa pesquisa reune fontes de sites, redes sociais, casas legislativas e pesquisas sobre perseguição contra educadoras/es para entender os ciclos cibernéticos estabelecidos a partir dessa ecologia para deslegitimar os professores enquanto peritos identificados como inimigos das famílias.

Etnografia Digital em Plataformas: reflexões a partir de um estudo de grupos de WhatsApp de motoristas de aplicativo

Waldo Almeida Ramalho (UFRJ)

Este trabalho apresenta reflexões metodológicas sobre etnografia digital em plataformas, baseando-se em pesquisa realizada com motoristas de aplicativo em grupos de WhatsApp. A investigação acompanhou cerca de 20 grupos durante 18 meses, explorando como trabalhadores uberizados desenvolvem estratégias cotidianas de sobrevivência frente ao gerenciamento algorítmico.

A escolha do WhatsApp como campo etnográfico revelou-se duplamente significativa: além de constituir ferramenta essencial para o trabalho dos motoristas, a plataforma emergiu como espaço privilegiado para observar a circulação de conhecimentos práticos e formas de resistência. Esta abordagem metodológica permitiu acessar dimensões do trabalho plataformizado frequentemente invisibilizadas. A etnografia digital em grupos de mensagens apresentou desafios específicos: a velocidade e volume das interações, a multiplicidade de temporalidades, e questões éticas sobre privacidade e consentimento.

Esta experiência sugere que plataformas digitais não devem ser vistas apenas como ferramentas ou objetos de estudo, mas como campos etnográficos complexos onde se articulam práticas laborais, sociabilidades e formas de resistência. A reflexão proposta contribui para o

desenvolvimento de abordagens metodológicas sensíveis às especificidades do trabalho plataformizado no Sul Global.

Sessão 02 - ST 05: Antropologia Digital: novas fronteiras e desafios emergentes - Subjetividades, corporalidades e identidades

Coordenador/a: Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (UFSC)

Contrapúblicos Gaymers: esferas públicas queer e videogames no Discord

Gabriel Borges Farias (UNIFESP)

Este trabalho investiga como jogadores LGBTQ+ no Brasil constroem contrapúblicos queer em comunidades gamer no Discord. A partir de uma abordagem etnográfica digital, o estudo analisa como essas comunidades organizam formas alternativas de sociabilidade, representação e engajamento político por meio dos jogos eletrônicos. Ancorado nos estudos sobre esfera pública e contrapúblicos (Fraser; Warner) e nos estudos queer de jogos, o projeto considera os videogames como campo atravessado por normas de gênero e disputas simbólicas. A pesquisa é realizada em três servidores brasileiros do Discord com perfis distintos de organização, buscando compreender como as affordances da plataforma moldam as práticas culturais dos interlocutores. O objetivo é analisar como esses jogadores subvertem os códigos normativos da cultura gamer, criando espaços de resistência e invenção coletiva. A proposta se alinha à antropologia digital ao explorar as coproduções sociotécnicas entre sujeitos e plataformas e ao integrar métodos qualitativos com foco na complexidade das interações online. Em um contexto marcado pela plataformização e pela disputa de sentidos na cultura digital, os contrapúblicos gaymers emergem como arenas políticas que tensionam a hegemonia cis-heteronormativa e produzem novas formas de estar no mundo.



Autodiagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade via Tiktok: Um estudo da influência de conteúdos na rede social sobre TDAH na identificação com o transtorno

Paula Mázala Pacheco (UERJ)

Introdução: O TDAH é um tópico em alta na atualidade. Nas redes sociais, conteúdos com intuito de conscientização, relatos pessoais ou que mobilizam o humor para falar do diagnóstico são frequentes. Tomando o TikTok como plataforma de destaque, faz-se necessário atentar para a sua influência no autodiagnóstico do transtorno. Objetivos: Investigar a ocorrência de sugestões diagnósticas em vídeos sobre o TDAH publicados no TikTok que correlacionam comportamentos com sintomas do transtorno e seus possíveis impactos em termos de promoção autodiagnóstica. Metodologia e discussão: Foi realizada uma netnografia na rede social TikTok, onde pesquisou-se por TDAH; os resultados obtidos foram ordenados através do filtro de contagem de curtidas, com o propósito de selecionar os cem primeiros vídeos de maior alcance. A observação destes conteúdos demonstra um reforço positivo da relação entre situações como distrações, confusões ou esquecimentos, bem como comportamentos e características triviais, e o transtorno. Considerações finais: No contexto brasileiro em que os acessos formais a diagnósticos e tratamentos são desiguais, o universo mais democrático das redes sociais encurta a distância entre a demanda e a informação. Dado que um diagnóstico não se dá isoladamente, mas de modo coletivamente performativo, a propagação de conteúdos sobre TDAH em uma plataforma amplamente utilizada, especialmente entre jovens, tem impacto direto na forma como o transtorno é interpretado diante do social.

Sexo, substâncias e sigilo: desafios éticos e metodológicos de uma etnografia digital sobre o chemsex no Grindr

Marina Provençano Del Rei (USP), Jorge Wilton da Silva Santos Junior (USP), Matheus Vinicius Gomes de Lima (USP)

A internet comercial e as redes sociais abriram um campo investigativo fértil nas áreas de gênero, sexualidade e saúde ao possibilitarem espaços de sociabilidade percebidos como mais seguros por pessoas cujas práticas sexuais e culturais são historicamente marcadas pelo estigma e pelo julgamento moral (Pelúcio, 2016). Este trabalho apresenta uma experiência de pesquisa sobre

chemsex, conduzida com base na etnografia digital (Hine, 2015; Horst & Miller, 2012). Definido como o uso de substâncias psicoativas em contextos sexualizados com o objetivo de intensificar, prolongar ou melhorar a experiência sexual, o chemsex (também conhecido como sexo químico, aditivado ou colocado) está profundamente articulado às transformações sociais promovidas pelos aplicativos de relacionamento (Stuart, 2019). Plataformas como o Grindr atuam simultaneamente como ambientes de sociabilidade e dispositivos de mediação, construindo e revelando dinâmicas específicas de relação e negociação afetivo-sexual e do uso de drogas entre homens que fazem sexo com homens. A partir da criação de um perfil voltado para redução de danos no aplicativo, foi possível observar como o fenômeno se apresenta digitalmente e estabelecer trocas com pessoas envolvidas com a prática. Os resultados da investigação apontam para reflexões sobre as potencialidades e os desafios éticos e metodológicos que emergem no âmbito da antropologia digital.

Transcelato kawaii — radicalização e transfeminilidade via subjetivações virtuais

Eduarda Neves Camargo (UNESP)

A seguinte comunicação analisa através da produção e circulação de memes a interseção entre subjetivações de corpos dissidentes, com ênfase no termo guarda-chuva transfeminilidades, e espaços de radicalizações de extrema-direita. Pensando nas observações anedóticas de ex-usuários do 4chan, na discursividade de usuários do X e plataformas como Discord, descreveremos como a captura do desejo por uma inserção social tem gerado discursos emergentes tais como "incel to trans pipeline" e "transmaxxing". Se, por um lado, a transição aparece como linha de fuga para a coerção dos padrões de gênero para essas pessoas, por outro ela tem operado por uma reterritorialização com tons de supremacismo branco entre algumas das pessoas trans que tem suas relações de comunidade alicercadas estritamente nesses espaços. Dessa maneira, buscamos elucidar como um mundo estético coletivo, hoje em dia grosso modo feito por via memes, serve de base para o entendimento de certas identidades.



Uma proposta de estudo sobre gênero no jogo World of Warcraft (WoW)

Denize da Silva Mesquita (UFMT)

O presente estudo faz parte de pesquisa que está em desenvolvimento, propondo um estudo sobre o gênero no ambiente virtual do World of Warcraft (WoW) para a dissertação de Mestrado em andamento, no Programa de Antropologia Social (PPGAS/UFMT). O campo a ser estudado é que chamamos de "ambiente virtual", com objetivo de análise antropológica das experiências de jogadoras, tendo como foco uma etnografia virtual e, também, para se pensar as formas de construção de feminilidades e masculinidades em um espaço onde se observa predominante presença do que é o "masculino" e de comportamentos associados à performance de masculinidade. O estudo aborda autores como Judith Butler, questionando o que é colocado como masculinidade e feminilidade em um ambiente que possibilita criar uma extensão do "eu", por meio de um personagem (avatar). Afinal, há uma separação do que é online e do que é off-line? Minha pesquisa atravessa, também, a vivência enquanto uma mulher cisgênero, que já teve sua presença questionada durante partidas (in game), por conta de um preconceito de gênero. O problema da pesquisa aborda as possibilidades de se construir personagens que não sejam necessariamente uma réplica de seus jogadores e jogadoras, mas sim, uma extensão da pessoa em um ambiente virtual e com uma história previamente definida, bem como o impacto disso na construção do que seria "feminino", "masculino" e, também, para além da binariedade, pensando as classes apresentadas no jogo (elfas, orcs, etc).

"Coisa do Tumblr": identidades sexuais em plataformas digitais

Inácio Saldanha (UNICAMP)

Os últimos anos foram de notável multiplicação de categorias classificatórias relacionadas à sexualidade e que aludem a bandeiras, definições específicas e à noção de "identidade". Para além da bissexualidade e da pansexualidade, a formação do chamado espectro assexual e arromântico, a abrossexualidade e as identidades polissexuais ou multissexuais ganharam terreno em um período de ampliação do acesso à internet e de consolidação das redes sociais no Brasil e no mundo. O objetivo deste trabalho é analisar a produção de novas classificações da sexualidade a partir dos usos de plataformas digitais no contexto brasileiro. Para tanto, busco entender como a "migração de plataforma" se relaciona com as mudanças históricas nesse campo criativo de

classificação que passa a ser percebido como um desafio para as políticas de gênero e sexualidade, educação e juventude. As plataformas escolhidas são o Facebook, Tumblr, Twitter/X, Instagram e TikTok, que são investigadas em uma perspectiva histórica que cruza revisão de literatura e observação participante. Como principais procedimentos metodológicos, realizo entrevistas semiestruturadas com usuários identificados como dotados de prestígio em suas redes de comunicação e relatórios com dados de uso, recursos dos sites e políticas das empresas que os administram, além de reflexão sobre minha própria participação pessoal nessas plataformas nos últimos anos.

Radicalização do sujeito liminar: uma análise acerca da formação de communitas algoritmizadas

Luciana Barbosa de Carvalho (UERJ), Ana Claudia André Teixeira Muhlethaler (UERJ)

O uso massificado de redes sociais hoje se configura não apenas como um fenômeno novo que se atualiza a cada nova tecnologia disponibilizada, mas como espaços híbridos nos quais comunidades se formam através dos vínculos sociais. São os espaços híbridos que permitem o transbordamento de ações tomadas virtualmente para o mundo real, off-line. Diante dessa concepção, faz-se importante compreender se os algoritmos favorecem discursos radicalizantes e se estão contribuindo para a formação de um tipo específico de comunidade: as communitas (Turner, 1998). Conceito desenvolvido pelo antropólogo para explicar as relações de vínculo social formadas por sujeitos liminares em ritos de passagem, foi usado por Cesarino (2021) para pensar o bolsonarismo como um público antiestrutural e por Luciana (2025) para pensar a audiência da Brasil Paralelo. A partir do pressuposto que os algoritmos não são neutros porque as empresas de tecnologia e informação estão inseridas em um mercado influenciado por diferentes atores políticos, destacando representantes das novas direitas, produziu-se a análise de comentários em uma comunidade do Reddit sobre a Brasil Paralela a partir da revisão bibliográfica sobre a influência dos algoritmos nos usuários de plataformas digitais. Concluiu-se que os usuários favoráveis a conteúdos da BP replicam os argumentos da empresa, e seu vocabulário, sendo assim, as communitas se formam não circunscrito a um espaço geográfico, mas a partir dos vínculos lexicais.



Sessão 03 - ST 05: Antropologia Digital: novas fronteiras e desafios emergentes - Dataficação, estética e Inteligências Artificiais

Coordenador/a: Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (UFSC)

O lugar das infraestruturas na antropologia digital: analisando as políticas de atração de data centers no Brasil

Louise Lima Karczeski (UFSC)

Desde seu surgimento, a inteligência artificial (IA) construiu-se a partir de concepções sobre o humano e a natureza, sustentando-se também em "falsificações epistêmicas", que atribuíram a essas tecnologias características como universalidade e objetividade, favorecendo o distanciamento de seus processos materiais. Mais recentemente, com o avanço de técnicas de aprendizado de máquina e do complexo industrial associado, as ciências sociais passaram a dedicar maior atenção à infraestrutura física que sustenta a IA.

Nesse contexto, os data centers materializam os processos de datificação, em contraste com metáforas como a "nuvem", que sugerem imaterialidade no armazenamento de dados. Como esses centros demandam exorbitantes recursos naturais e energéticos e operam com "termotemporalidades" próprias, sua inserção em diferentes territórios envolve promessas climáticas, políticas e infraestruturais.

Este trabalho mobiliza a figura do data center para aproximar a antropologia digital da antropologia das infraestruturas. A reflexão parte da análise de duas políticas do governo federal - o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial e a Política Nacional de Data Centers -, além da cobertura jornalística sobre a instalação de data centers nas regiões Sul e Nordeste do país. Ao adotar a perspectiva cibernética perante a digitalização, olhamos para o data center como objeto para o estudo da coemergência entre infraestruturas computacionais e uma "infraestruturalização" do ambiente.



Data Poetics in Brazil: towards a situated theory of the social performance of data

Guilherme Queiroz Alves (University of Antwerp (Institute of Development Studies)

Within Critical Data Studies, scholars are increasingly investigating grassroots realities that challenge dominant ways of thinking about and making data. As a result, there is growing recognition of non-mainstream, small-scale, and situated data practices that open new horizons for what data is, can be, or should be. In the Global South, this debate has gained traction, urging critical data studies not just about or in but with the margins. Drawing on ethnographic research with Abrario, a Brazilian organization that mobilizes audiovisual testimonials to advocate for cannabis-based treatments, this paper adds new layers to the conversation by showing how their practices lie at the intersection of: a) data inequality (Fisher and Streinz, 2022), understood here as the unequal power to decide what counts as data, and b) the social performance of data, shaped by plural truth-making, testimonial narratives, and resistance aesthetics. By incorporating memory, compassion, and imagination, Abrario not only challenges the "coldness" and neutrality often associated with data but also blurs the boundaries between archive and political action. What is at stake is not only the information conveyed through audiovisual materials but also how this data orients activism and is received in contexts marked by historical violence, erasure, and ongoing struggles for justice. Through this discussion, I seek to offer groundwork for a situated theory of the social performance of data in Brazil.

Relações tecnostálgicas sonoras: as IA’s no lofi hip hop

Sidarta Corrêa da Silva Landarini (UFRJ)

O lofi hip hop é uma forma expressiva gestada em 2015 e performada prioritariamente na Internet. Sonoramente, há beats desacelerados de Hip Hop e samples e/ou composições de harmonias e melodias do jazz e da bossa nova. Visualmente, cores mornas e/ou pastéis representando cenas da natureza ou de personagens estudando são recorrentes. É comumente referenciada às funcionalidades de servir para relaxar e estudar através de uma estética definida pelos sujeitos como nostálgica. A partir de uma longa etnografia digital e sonora, na qual, se ‘perseguiu’, nos termos de George Marcus, o lofi, o objetivo deste trabalho é apresentar as diferentes formas relacionais entre os produtores (artistas) de lofi com as ferramentas de IA. Entre

o segredo e a indiscrição, as IA's são utilizadas em diversas esferas da sua composição estética, com maior uso nos textos produzidos, como os denominados "pitchs" – textos para propaganda da música e/ou álbum – mas também nas imagens que acompanham os sons. Já na questão sonora é condenado seu uso e é argumentado que quem faz uso de tais ferramentas são, em sua maioria, os "ghosts producers" que surgiram por causa do crescimento do estilo, sejam sujeitos humanos ou não, acabam por capitalizar dinheiro para selos "fakes". Logo, tais dinâmicas no lofi fornecem material para refletir sobre a autenticidade, co-autoria ciborgue, disputas de poder e economia no encontro entre a arte e o digital.

Um olhar sociotécnico sobre bens comuns digitais: as recorrentes controvérsias entre abertura e qualidade

Henrique Rabelo de Andrade (UFRJ), Luiz Arthur Silva de Faria (UFRJ)

Este trabalho apresenta uma análise sociotécnica de controvérsias entre abertura e qualidade na constituição de Bens Comuns Digitais (BCD) (Lessig, 1999). A partir da Teoria Ator-Rede (Latour, 1987), argumentamos que essa tensão — recorrente em projetos colaborativos digitais — não é resolvível a priori, mas performada de modos diversos conforme o arranjo heterogêneo de humanos e não-humanos envolvidos e traduções/translações (Callon, 1984) (Law, 1992) inescapáveis para possibilitar a construção de cada Bem Comum Digital.

Analisamos dois estudos de caso que aplicam abordagens de cartografia de controvérsias (Venturini, 2012) e de descrições densas (Geertz, 1973) etnográficas de objetos técnicos (Cukierman et al., 2007) em diferentes tipos de Bens Comuns Digitais: a produção de conteúdos educacionais e suas regras editoriais no caso da Wikipédia em Português (Andrade, 2022) e a produção de softwares em casos de utilização para economia solidária e moedas sociais (Faria et al., 2020; Sanches et al., 2022).

Ao articular esses contextos, evidenciamos como a controvérsia entre abertura e qualidade assume formas específicas — ora técnicas, ora sociais — e como essas formas moldam a própria ideia de "bem comum", deslocando e configurando os enquadramentos e transbordamentos (Callon, 1999) que estabilizam não somente o próprio artefato como redefinindo as próprias ideias de "abertura" e "qualidade".



Autômatos Digitais de Imagens Médias, Máquinas de Aprendizado Profundo ou Tradutor Parafrástico: Inteligência Artificial entre reflexão e prática estética

Patricia Helena dos Santos Felício (USP)

Propõe-se um breve panorama de como a reflexão estética e a prática artística de um grupo de artistas e pensadores nos últimos anos auxiliam na construção de instrumentos tradutórios a respeito dos discursos em voga sobre a natureza e funções da Inteligência Artificial. Acreditamos na produtividade desta análise, por meio de uma metodologia comparativa, por entendermos que muitas das questões com as quais artistas e pensadores da estética tem enfrentado em sua lida com a IA propiciam discussões frutíferas sobre a natureza deste dispositivo, seus limites e potencialidades. Na abordagem interdisciplinar destes artistas, que passa pelos campos da estética, da antropologia digital e da sociologia do trabalho, eles têm elaborado conceitos próprios e instrumentalizado outros de diversas áreas para definir a natureza destes programas. Assim, numa discussão que parte de entendê-los como softwares de design, passando por compreensões destes como máquinas de aprendizado profundo, chegando a entendimento destes como autômatos digitais de última geração ou meros tradutores parafrásticos, por meio de reflexões de artistas, escritores e pensadores da área da estética contemporânea como Mat Dryhurst e Holly Herndon, Ted Chiang e, principalmente, Hito Steyerl, acreditamos que a tradução aí operada sobre do que a IA é, pode e deve ser, auxilia no entendimento não apenas de seus benefícios e malefícios na prática artística, mas sim nas novas formas que elas propiciam de ser e estar no mundo.

Blockchain como construcción de mundos: una etnnografía artística del MuseuXYZ en el metaverso

Carlos Sánchez (UFRJ)

Al estudiar Blockchain, Bill Maurer (2023) señala las visiones de utopía digital que motivaron la invención de estas tecnologías disruptivas (Turner 2008). Del mismo modo, Frieman (véase 2022) describe cómo las visiones de capitalismo utópico con matices reaccionarios patriarcales y racistas siguen informando su desarrollo. El presente trabajo etnográfico se enfoca en el MuseuXYZ, localizado en el metaverso y creado por participantes en Río de Janeiro, Brasil. En este metaverso encontramos una serie de galerías en las que algunos artistas exhiben sus obras,

también una exposición sobre el choro, sobre su historia, estamos ante una meta-arquitectura múltiple. El objetivo de este trabajo es dar foco a la exposición AMAZÔNIA E ARTE EMERGENTES, lanzada en uno de los espacios digitales del MuseuXYZ y que contó con la participación de varios artistas, así como del uso de tecnologías como Inteligencia Artificial, renderización, y sonidos que recreaban estar en el Amazonas. Esta experiencia etnográfica muestra que los utopianismos conflictivos están en continua lucha entre sí y los marcos tecnológicos que buscan calcular y mitigar los riesgos vinculados a las innovaciones disruptivas, motivando nuevas tecnologías que continuamente reconfiguran las comunidades de Blockchain ¿Cómo responder a este sitio de construcción del mundo y a las visiones potencialmente dañinas de lo que será, protegiendo su potencial creativo y disruptivo?

Antropologia e Design de Experiência do Usuário (UX Design): o que isso tem a ver?

Taísa Vitória Feliciano da Silva (UFRJ)

Desde sua fundação, a antropologia foi marcada por reflexões acerca do seu objeto, objetivo e principalmente, de ser antropólogo. Com essa constante revisão de si própria enquanto disciplina, o lugar onde ela deveria estar situada foi se modificando e a sua apropriação também. Partindo da revisão de clássicos como Peirano (1995, [1991]) que define o “ser antropólogo”, Boas (2004, [1889]) e Geertz (2008, [1973]) sobre limitação do pesquisador e perspectiva situada, e Gluckman (2010, [1958]) sobre agentes em contextos complexos. O objetivo deste estudo é explorar como a antropologia vem sendo entendida, e principalmente, utilizada em outras áreas, neste caso, na área de Design de Experiência do Usuário (em inglês, user experience, conhecida por UX Design). Para isso, realizo uma revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos sobre o “ser antropólogo” e sua prática etnográfica, além de análise de conteúdos online (relatos profissionais, artigos e cursos) que abordam a aplicação de métodos antropológicos em UX. Entre os achados preliminares, é possível perceber que cursos como "UX Research e Antropologia Digital" da ESPM e "Antropologia, Inovação e UX Design" de Eros Sester, hospedado na plataforma Udemy, aplicam conceitos ditos antropológicos como diversidade cultural, etnografia e netnografia/etnografia digital para entender o usuário e criar soluções mais

empáticas, num exercício de unir os vocabulários nativos do meio acadêmico e do mercado de trabalho.



ST 06: ANTROPOLOGIA, DIREITOS HUMANOS E CIÊNCIAS FORENSES

Coordenador(a): Flavia Medeiros Santos (UFSC), Desirée de Lemos Azevedo (UNIFESP), Liliana Sanjurjo (UERJ)

Sessão 01 - ST 06: Antropologia, Direitos Humanos e Ciências Forenses - Ciências forenses, desigualdades e novas tecnologias de vigilância e controle social Coordenador/a: Flavia Medeiros Santos (UFSC)

Debatedor/a: Liliana Sanjurjo (UERJ)

Soluções fáceis, problemas difíceis: Reflexões sobre a política de câmeras corporais em Santa Catarina (2019-2024)

Jo Pedro Barros Klinkerfus (UFSC)

Neste trabalho proponho reflexões sobre a implementação da política de Câmeras Policiais Individuais, conhecidas como câmeras corporais, pela Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), como forma de destacar questões importantes para o debate mais amplo da implementação de câmeras corporais como política pública de segurança. Contrario o debate público em esferas progressistas que defende a introdução da tecnologia das câmeras como política de direitos humanos contra a letalidade policial, argumentando que essa política seja uma solução fácil para problemas mais complexos. Para explicitar tal argumento, aciono três fontes de pesquisa: a dissertação da autora sobre o uso de câmeras corporais na produção de vídeos para o YouTube da PMSC, o relatório sobre violência de Estado em Florianópolis produzido pelo Instituto Memória e Direitos Humanos (IMDH/UFSC) e as reportagens investigativas do jornal Desterro. Entre essas pesquisas e as narrativas da própria PMSC, teço três discussões que visam complexificar a visão sobre as câmeras corporais, a partir das quais debato essa tecnologia em seu contexto de produção de imagens (condições materiais, legais e corporativas), no seu uso para a criação de documentos de caráter comunicacional (propagandas políticas pró-letalidade policial) e nas condições de

transparência de acesso a essas imagens como documentos de caráter jurídico (dificuldade de acesso a essas evidências em casos de violência policial).

Qual é o papel da perícia nos casos de mortes por intervenção de agente do Estado?

Ana Carolina Lucas Leite (UFF)

O trabalho tem por objeto o papel da perícia em casos de mortes decorrentes de intervenção de agentes do Estado no Brasil, com ênfase no contexto do Rio de Janeiro. Ainda, busca abordar a discrepância entre a importância teórica da perícia como prova técnico-científica imparcial e suas limitações práticas no sistema de justiça criminal. Por meio da análise de casos de repercussão, documentos oficiais e entrevistas, o trabalho demonstra como a subordinação institucional da perícia às forças policiais, aliada à predominância conferida à prova oral, pode impactar na responsabilização das mortes. Além disso, aborda as moralidades envoltas em tais casos e qual o seu impacto no curso processual.

Saliva, sangue e castigo: seletividade penal e violência carcerária na política forense de perfilamento genético

Ricardo Urquizas Campello (IMS)

Fluxos de amostras de saliva de dezenas de milhares de pessoas encarceradas estabelecem novas conexões materiais entre unidades prisionais e laboratórios periciais de Genética Forense. Procedimentos ilegais de punção intravenosa são relatados por presos e presas geneticamente cadastrados/as no banco de DNA. Isolamentos em celas de castigo e sanções disciplinares extrajudiciais são empregados contra aqueles/as que se recusam a conceder seu material biológico. Esta comunicação analisa o recente processo de implementação e expansão do Banco Nacional de Perfis Genéticos (BNPG/SENASP/MJSP). Com base em pesquisa etnográfica realizada em unidades prisionais e laboratórios periciais de Genética Forense nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, argumento que: 1) o encarceramento em larga escala e suas diferentes modalidades de violência institucional se estabelecem como condição de desenvolvimento da política de identificação por DNA e dos próprios saberes e técnicas que constituem a Genética Forense no Brasil e 2) as formas pelas quais a Genética Forense vem se estruturando no contexto brasileiro

tornam os bancos de DNA tecnicamente propensos à produção majoritária de provas contra pessoas negras e pobres que já tiveram contato com a justiça criminal, constituindo novas formas de circularidade epistêmica e institucional em torno da tríade gene-fenótipo-raça.

Digitalização de corpos encarcerados

Vitor Simonis Richter (Fiocruz)

A digitalização consiste no processo de transformação de objetos, dinâmicas e relações analógicas em um conjunto de dígitos binários (bits) possível com o advento da microinformático e intensificado pela internet. A biotecnologia dos bancos de DNA forenses se insere neste processo. Esta tecnologia de estabilização de suspeição depende do processamento de amostras biológicas extraídas dos corpos de suspeitos e locais de crime através da infraestrutura da genética forense que transforma saliva, sangue, sêmen, bulbos capilares e gorduras corporais em um perfil genético numérico. Desta forma, uma versão dos corpos de pessoas presas pode ser armazenada e automaticamente comparada com os perfis genéticos dos locais de crime. Nesta comunicação, parto de pesquisa etnográfica sobre a introdução dos bancos de DNA forenses no Brasil e análise dos relatórios da gestão do banco de DNA para descrever os imaginários sociotécnicos e os scripts de distribuição de agencias e moralidades que o modelo de banco de dados escolhido para o país promove e sustenta. Ao final, apresento algumas reflexões e questões sobre a corporificação e materialização de injustiças envolvendo a introdução dos bancos de DNA no Brasil e as dificuldades desta biotecnologia cumprir suas promessas de resolução de crimes e agilidade para investigações policiais.

Corpos monitorados: tecnopolíticas de gênero e dispositivos de segurança no enfrentamento à violência doméstica

Ísis de Jesus Garcia (UFSC), Ísis de Jesus Garcia (UFSC)

Esta pesquisa investiga como tecnologias de controle e proteção — tornozeleiras eletrônicas, botões do pânico e aplicativos de monitoramento — intervêm nos corpos, subjetividades e relações de gênero no contexto da violência doméstica e familiar em Santa Catarina. A partir de uma etnografia realizada em uma Delegacia da Mulher e do acompanhamento de casos no projeto “OAB Por Elas”, voltado ao apoio jurídico a mulheres em

situação de violência, analisa-se como esses dispositivos operam na interface entre justiça e segurança pública, transformando práticas institucionais, agências femininas e a própria experiência da violência. Argumenta-se que essas tecnologias compõem um regime tecnopolítico de visibilidade, cuidado e controle, no qual proteção e vigilância se tornam ambivalentes. Ancorado nos Estudos de Gênero, na Antropologia da Ciência e Tecnologia e nos Estudos Críticos do Direito, o estudo contribui para compreender os modos como técnicas de rastreamento e monitoramento reconfiguram os sentidos da prova, do risco e da responsabilização, colocando em cena uma coprodução entre tecnologias, instituições e sujeitos. Em última instância, busca-se refletir sobre os limites e possibilidades dessas ferramentas na produção de justiça para as mulheres.

Lembranças de uma guerra sem fim: a atuação da GASPEM Seguranças Ltda na produção de desaparecimentos de lideranças Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul

Arthur Paiva Octaviano (UFSC)

Entre os anos de 2011 e 2013, a Grande Assembleia do Povo Guarani e Kaiowá a Aty Guasu, emitiu uma série de notas públicas denunciando a atuação da GASPEM Seguranças Ltda - empresa de segurança privada de Mato Grosso do Sul - em casos de morte e desaparecimentos de lideranças Kaiowá e Guarani no estado pela contratação direta de fazendeiros ligados ao agronegócio. Listo aqui, como proposta de trabalho, três casos de grande notoriedade e amplamente repercutidos entre os movimentos indígenas, são eles os de Nísio Gomes, morto e desaparecido em 2011 na retomada Guaivyry no município de Aral Moreira-MS, e dos primos Rolindo e Genivaldo Vera, mortos e desaparecidos na retomada Ypo'i em Paranhos-MS no ano de 2009, a GASPEM figura como principal suspeita dos assassinatos. Analisando tanto as notas produzidas pela Aty Guasu, quanto os discursos de lideranças que evocam a memória dessas vítimas como elementos prístinos para sua mobilização por justiça e reparação, o presente trabalho busca descrever a atuação do dispositivo de desaparecimento como forma de intimidação e repressão às lutas dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, em especial aos Kaiowá e Guarani, bem como fornecer elementos de descrição sobre as atualizações de uma etapa específica dos

conflitos fundiários que se trata, justamente, de sua terceirização pela ação direta de grupos paramilitares.

Sessão 02 - ST 06: Antropologia, Direitos Humanos e Ciências Forenses - Articulação de saberes, tecnologias digitais e experiências práticas de contra-investigação forense

Coordenador/a: Liliana Sanjurjo (UERJ)

Debatedor/a: Desirée de Lemos Azevedo (Unifesp)

A Arte como Fonte da Ciência

Heitor Antonio Cofferri (UNICAMP)

No dia 26.03.2025 a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal, compostas pelos Ministros Alexandre de Moraes, Cármen Lúcia, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Flávio Dino, julgou a Petição 12100 (autuada por prevenção ao inquérito 4.784/DF). O teor do julgamento foi a análise da denúncia proposta pela Procuradoria Geral da República para apurar a existência de crimes, principalmente, a tentativa de Golpe de Estado e de Abolição violenta do Estado Democrático de Direito no Brasil. Dado este contexto, um dos argumentos utilizados para justificar a possível incidência de crime foi realizado pelo Ministro Flávio Dino, o qual vinculou que "a arte também é fonte do direito", citando como exemplo específico o não esquecimento da história retratada no filme "Ainda Estou Aqui", sob direção de Walter Salles, a qual revela os crimes realizados durante a ditadura militar. O objetivo desta discussão é demonstrar que a arte é uma fonte da ciência e que se relaciona diretamente com o direito. O método utilizado é o dedutivo e o indutivo, sendo uma pesquisa exploratória. Esta discussão pode servir como inspiração, crítica social, formas de interpretação do direito e maneiras de resolver conflitos. Então, entender a arte como fonte da ciência, significa evoluir com os conceitos jurídicos, atitudes, práticas e valores de diferentes culturas e sociedades em relação às complexidades do sistema jurídico contribuindo para a efetivação de um estado democrático de direito.



Mapeando chacinas policiais: Operação Escudo e a proposta de produção de uma plataforma cartográfica

Luciana Costa Fernandes (UFF), Marilia Fabbro de Moraes (UFRJ)

Este trabalho apresenta o processo de construção e apresentação, para famílias, de uma plataforma cartográfica voltada ao mapeamento de chacinas policiais no Brasil, com ênfase na produção de dados e evidências sobre violações aos direitos humanos cometidas durante operações policiais que resultam em mortes. A plataforma foi concebida como uma ferramenta de investigação e visualização espacial das ações letais de agentes do Estado, permitindo o registro e a análise contínua de eventos marcados por graves violências, sobretudo contra populações negras, pobres e periféricas, colaborando com a garantia dos direitos à memória, verdade, justiça e reparação das vítimas. O desenvolvimento metodológico do projeto parte do estudo da Operação Escudo, realizada na Baixada Santista (SP), que resultou em 28 mortes durante os meses de julho e agosto de 2023. Foram definidos critérios de sistematização dos dados sobre as ocorrências e sobre os mecanismos de controle do uso da força policial que podem contribuir com o debate sobre a importância das ciências forenses aplicadas aos direitos humanos. Além de analisar parte do percurso de construção do mapeamento e da plataforma, buscamos também apresentar a experiência que tivemos durante a apresentação de uma versão prévia da plataforma para familiares das pessoas assassinadas

A produção de evidências na disputa pela verdade do caso Emily e Rebecca - RJ

Marilia Fabbro de Moraes (UFRJ)

Em 4 de dezembro de 2020, as primas Emily e Rebecca brincavam na rua onde moravam quando foram atingidas por um disparo de fuzil, na Favela do Sapinho, Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Um único disparo atingiu Emily, de 4 anos, na cabeça e Rebecca, de 7 anos, no tórax. A autoria do disparo no processo instaurado para apurar o homicídio foi atribuída a dois suspeitos que se encontravam no fundo da rua. Familiares e moradores que se encontravam no local no momento do ocorrido alegam que o disparo partiu de uma viatura policial que passava pela via transversal, em baixa velocidade, no momento em que as crianças foram atingidas. O caso foi arquivado com relação aos policiais.



O presente trabalho busca descrever e refletir sobre o processo de produção de evidências e análises forenses no caso Emily e Rebecca, considerando a interação dos atores envolvidos, as técnicas utilizadas, e o resultado final da investigação do Projeto Mirante (GENI/UFF), que ensejou o pedido de reabertura do caso pelo Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (NUDEDH/DPRJ), em 04 de dezembro de 2024.

Os dados apresentados neste trabalho foram coletados na minha pesquisa de campo, onde trabalhei em conjunto com o grupo de pesquisadores e técnicos do Projeto Mirante desde o início do ano de 2023 e pude acompanhar o desenvolvimento da investigação, em diálogo com os familiares das vítimas e apoiadores da sociedade civil organizada.

O uso de evidências em vídeo na condenação de policiais por homicídio

Ana Clara de Almeida Nascimento (UFRJ)

O presente trabalho apresenta algumas considerações sobre o uso de imagens de câmeras de vigilância como evidência em casos de condenação de policiais. O trabalho parte de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre a condenação de policiais por homicídio no Rio de Janeiro que tiveram como diferenciais o uso de imagens de câmeras de videomonitoramento. Este trabalho busca alimentar a discussão sobre a utilização desse tipo de evidência, suas possibilidades e problemáticas, contrastando com o uso de imagens amadoras de casos de violências policial, a partir da experiência de video-advocacy, citzen journalism e copwatching, como maneiras de produzir novas evidências sobre a violência policial no contexto carioca da luta por justiça e reparação. Como metodologia serão apresentados estudos de casos, a partir da análise de procedimentos criminais, materiais jornalísticos e das evidências em vídeo.

Comum Maré: um ensaio sobre a metodologia de análise forense comunitária

Natasha B. R. Elbas Neri (UFF), Maykon Sardinha (redes da maré), Felipe Souza dos Santos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Esse paper vai apresentar o processo de construção da metodologia de análise forense comunitária, a partir do trabalho de documentação e análise de evidências de casos de violência de estado na Maré. Os autores vêm trabalhando na reconstrução 3D de casos de violência policial, através da conjugação da investigação comunitária com técnicas de arquitetura forense, no grupo

interdisciplinar Comum, um projeto da Redes da Maré, em parceria com o Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI)/UFF.

Serão compartilhadas as experiências de investigação forense do caso de Maiara, uma jovem de 19 anos que estava grávida de quatro meses quando foi baleada no abdômen durante uma operação da Polícia Civil, em 2020. Maiara ficou gravemente ferida e perdeu o bebê. O caso não teve perícia de local e o inquérito segue sem solução há 5 anos. Serão apresentados os resultados da pesquisa forense comunitária realizada a partir da análise do inquérito, do testemunho local da vítima sobrevivente, da modelagem 3D feita a partir dos ferimentos de Maiara e das fotografias do dia dos fatos, e das análises georreferenciadas da localidade.

A metodologia de análise forense comunitária busca a construção de novas possibilidades de reparação comunitária, com o protagonismo das pessoas diretamente afetadas pela violência de estado em todo o processo de investigação e da estratégia de advocacy e litigância dos casos de violência policial na Maré.

Migração e plataformas digitais: narrativas e apoio entre brasileiros em Londres

Letícia de Luca Torres (UFSCAR)

Este trabalho analisa como as plataformas digitais, com foco no YouTube, influenciam a experiência migratória de brasileiros em Londres, servindo de espaço pedagógico para migrantes e possíveis aspirantes. Utilizando uma abordagem netnográfica e análise qualitativa de conteúdo, foram estudados canais (Nathalia Lambranzi, Livrestrada, Guri in London, Vida na Inglaterra, Na Vibe, Realidade Inglesa-Londres, Alvaro Azevedo, Enjoy Londres, Everton Eduardo-Vida de Imigrante UK, Situação do Imigrante, Nova Utopia, Destino Inglaterra, DK Vlogs e Uai Londres) e interações que moldam narrativas (comentário dos vídeos), oferecendo suporte emocional, informações práticas, troca de experiências, insights culturais e criação de redes de apoio. A pesquisa revela como essas plataformas facilitam a transição e adaptação dos migrantes, promovendo a construção de identidades híbridas, oportunidades profissionais, conexões sociais e espaços de pertencimento. Além disso, discute as contradições das narrativas migratórias, que oscilam entre a romantização e a realidade vivida, influenciando expectativas, desafios cotidianos e perspectivas futuras.



Sessão 03 - ST 06: Antropologia, Direitos Humanos e Ciências Forenses - Ciências forenses, racismo, práticas de documentação e memórias

Coordenador/a: Desirée de Lemos Azevedo (Unifesp)

Debatedor/a: Flavia Medeiros Santos (UFSC)

Entre laudos e feitiços: o resgate memorial da vida religiosa no Rio de Janeiro do século XX

Ana Cecília Freitas de Oliveira (USP)

Com a transferência do Acervo Nosso Sagrado do Museu da Polícia para o Museu da República, novas possibilidades de investigações antropológicas surgiram no campo de pesquisas científicas sobre as religiosidades brasileiras. Composto por objetos sagrados e ritualísticos, apreendidos em batidas policiais a terreiros do final do século XIX à metade do século XX, a coleção foi a primeira a ser tombada pelo Sphan no ano de 1938 sob o nome "Coleção Museu de Magia Negra". Após a retomada das peças sagradas por lideranças afro-religiosas, iniciou-se um processo de reconstruções simbólicas, históricas e patrimoniais do acervo no qual os inquéritos policiais referentes às apreensões religiosas denotam a construção de um conhecimento científico acerca da noção de feitiçaria. Diante deste material, o presente estudo propõe a investigação dos laudos das perícias criminais realizados pelo Gabinete de Pesquisas Científicas durante o período de repressão religiosa a fim de analisar a construção de argumentos jurídicos que justificaram a apreensão dos objetos ritualísticos. Pretende-se ainda examinar os tempos históricos que atravessam as peças sagradas e como eles são encruzilhados pelo Acervo Nosso Sagrado, assim, objetiva-se compreender como as classificações dos objetos ritualísticos enquanto evidências criminais foram retomadas e reelaboradas no contexto contemporâneo.



A Mente como Cena do Crime: Psicologia Forense e Produção da Verdade em Crime e Castigo

Miguel Ferreira Barroso (UFRRJ)

O trabalho parte do debate sobre a evolução da investigação forense para propor uma genealogia do olhar investigativo. Se a ascensão dos vestígios materiais marca uma mudança de paradigma na busca por justiça, este estudo se volta ao período que o antecede, analisando um contexto em que a produção da verdade dependia quase exclusivamente do testemunho direto ou da confissão. Para isso, o estudo se debruça na análise da Rússia czarista do século XIX, utilizando Crime e Castigo como estudo de caso. Analisa-se um sistema jurídico corrupto e elaborada para proteção das classes dominantes, cuja exigência de uma "prova completa" para a condenação, na prática, marginalizava a prova física. Isso tornou a confissão judicial o pilar do sistema, o que gerou impunidade e injustiça. Argumenta-se que, neste sistema, emerge uma proto-psicologia forense. O investigador Porfiry, ciente das falhas sistêmicas, abdica da busca por vestígios e empreende o que se pode chamar de "perícia da alma", moldando a mente de Raskólnikov. Em paralelo, a mentalidade revolucionária do protagonista, com sua teoria sobre os homens extraordinários, é analisada como uma resposta à falência do sistema jurídico estatal. Assim, o artigo buscará oferecer um contraponto à história e evolução forense, complexificando a relação entre testemunho, psicologia e poder. A análise da produção de verdade em um contexto de ausência de prova material enriquece o debate sobre as múltiplas formas da investigação e da justiça.

Leonídio Ribeiro: o uso da antropometria e do discurso médico para apagamento de corpos dissidentes de gênero e sexualidade

Felipe Grassine de Oliveira (UERJ)

A intenção desta escrita é evidenciar como o Brasil passou e ainda passa por processos higienistas com relação a corpos dissidentes de gênero e sexualidade (LGBTIAPN+), e como a antropometria física foi essencial para potencializar discursos médicos e a vigilância de estado como forma de controle sobre esses corpos, a partir da abjeção. Tendo como base dois livros: O problema médico-legal do homossexualismo (1936) e Homossexualismo e Endocrinologia (1935), o médico legista brasileiro Leonídio Ribeiro Filho, influenciado pelos estudos dos

cientistas e médicos espanhóis Gregório Marañon e Cesare Lombroso, responsável por estudos que identificam criminosos da cidade do Rio de Janeiro, justificando seu mau caráter a partir de características homossexuais, traz ferramentas e pesquisas, difundindo em livros médicos e códigos penais como em Medicina Legal e Criminologia (1949) e o Novo Código Penal e a Medicina Legal (1942). A partir disso, esta pesquisa, além de apresentar esses estudos, faz um paralelo com o campo de Design, pensando como ainda hoje utilizamos ferramentas ergonômicas e antropométricas para reforçar estereótipos, principalmente dentro de uma lógica binária.

Da Vassoura ao Cadáver: Quem mete a mão na massa no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues?

Amanda Gonçalves Prado Quaresma (UFF)

A partir de uma etnografia realizada no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (IMLNR), em Salvador/BA, este trabalho analisa a produção de laudos periciais como artefatos atravessados por dinâmicas de poder, desigualdade e desumanização. O foco recai sobre os trabalhadores terceirizados da limpeza, em desvio de função, que "metem a mão na massa" nos corpos necropsiados, apesar de os laudos serem assinados por peritos médicos concursados. A partir da observação participante e da análise de inquéritos civis do Ministério Público do Trabalho, evidencio como a produção da prova pericial — tomada como verdade técnico-científica — se apoia no trabalho invisibilizado de trabalhadores negros precarizados, que lidam cotidianamente com cadáveres racializados, muitas vezes reflexo de si próprios. O artigo tensiona os limites entre o saber autorizado e o saber encarnado, e propõe refletir sobre os efeitos ético-políticos e jurídico-probatórios da terceirização, além do racismo institucional na construção dos laudos periciais. Em um cenário de genocídio negro e escassez de concursos públicos, os corpos mortos e vivos se entrelaçam como matéria-prima de uma verdade forense que se pretende neutra, mas é sustentada pela desigualdade. Trata-se, assim, de pensar antropologicamente com os laudos: não apenas como documentos, mas como artefatos produzidos no cruzamento entre violência estrutural, silêncio institucional e práticas cotidianas de resistência.



O caso de Tutxi Ãwa: como estão sendo documentados os desaparecimentos de pessoas indígenas no Brasil?

Carolina Silva Nogueira (UFRJ)

A pesquisa visa fomentar uma discussão sobre o desaparecimento de pessoas no Brasil a partir do recorte indígena. Em particular, discute-se o desaparecimento de Tutxi Ãwa, do povo (Avá-Canoeiro do Araguaia), com o objetivo de entender como ocorre a mobilização da categoria do desaparecimento dentro da esfera indígena. Ademais, procura-se compreender qual o sentido do desaparecer para os Avá-Canoeiro e como isso é - ou não - abarcado pela literatura contemporânea sobre o desaparecimento de pessoas. Utilizando uma metodologia qualitativa e exploratória, analiso o fluxo burocrático de solicitações jurídicas em torno do reconhecimento de Tutxi Awã enquanto desaparecido político da Ditadura Militar. Ao tomar esses documentos técnicos enquanto artefatos (Lowenkron e Ferreira, 2014) argumento como eles simultaneamente testemunham e produzem violências, contribuindo para a ocorrência de múltiplas formas de desaparecimento. Exponho como o estudo de caso torna-se representativo dentro de uma coleção de desaparecimentos e violências cometidas contra os povos originários desde a colonização. Sustento que o desaparecimento indígena tem particularidades que precisam ser observadas, como suas respectivas cosmovisões e relações com a morte. O estudo argumenta sobre a urgência de abordar o desaparecimento indígena como uma necropolítica estatal que perpetua o genocídio dos povos originários. O trabalho também busca contribuir para a lacuna de dados acerca do fenômeno.



ST 07: ANTROPOLOGIAS RIBEIRINHAS: À BEIRA DAS ÁGUAS, POÉTICAS E POLÍTICAS DE TRANSFORMAÇÕES DOS TERRITÓRIOS RIBEIRINHOS E SEUS CONFLITOS SILENCIOSOS, DIANTE DAS CRISES AMBIENTAIS GLOBAIS

Coordenador(a): Igor Luiz Rodrigues da Silva (FASVIPA), Luana Rocha de Souza (UFMG), Emili Almeida da Conceição (UNB)

Sessão 01 - ST 07: Antropologias Ribeirinhas: À beira das Águas, poéticas e políticas de transformações dos Territórios ribeirinhos e seus conflitos silenciosos, diante das crises ambientais globais

Coordenador/a: Emili Almeida da Conceição (Dan-UnB/ UESB)
Debatedor/a: Beatriz Demboski Búrigo (PPGAS/UFSC)

A festa do Bom Jesus dos Navegantes no Baixo São Francisco: Disputas e conflitos envolvendo as comunidades ribeirinhas

Ulisses Neves Rafael (UFF)

Apesar do grande volume de participantes verificado nas últimas procissões promovidas nos vários municípios situados dentro dessa extensa faixa de rio que se convencionou chamar de Baixo São Francisco, o fato é que a festa do Bom Jesus dos Navegantes se enquadra perfeitamente dentro daquilo que muitos autores denominaram de “tradição inventada” (Hosbsbawn e Ranger, 1997).

Contudo, independente da longevidade dessa celebração, o fato é que a festa coloca em contato nas cidades onde ela se realiza, pessoas das mais diversas procedências, a exemplo dos romeiros vindos de regiões próximas, além dos próprios filhos da terra que escolhem essa época para revisitar seus familiares.

A festa, portanto, enseja a conjunção de uma série de fatores e elementos que, reunidos por ocasião desta celebração, também atualizam as questões relacionadas ao cotidiano dos que

permanecem no lugar e que, frequentemente são desafiados a refletir sobre as condições socioecológicas que envolve o rio e seu entorno.

Entre os municípios que cobrem o conjunto hidrográfico, observam-se conflitos silenciosos em torno do reconhecimento, visibilidade e ostentação exibidos por ocasião da festa, disputas e articulações que são reproduzidas em nível interno, a partir da concorrência entre associações de bairros pela organização e promoção de cerimônias particulares nos seus lugares específicos de residência.

A Ecologia Espiritual e a proteção do rio Maués-Açu: o mito do Anselmo como guardião ambiental nas comunidades tradicionais

Carla Raiane de Souza Rangel (UEA)

A narrativa do mito do Anselmo revela uma dimensão profunda da relação entre comunidades tradicionais da Amazônia e o meio ambiente, destacando o papel do encantado como protetor dos pescadores e guardião do rio Maués-Açu. A pesquisa discute como essa figura mitológica promove uma ética ambiental baseada na Ecologia Espiritual, uma perspectiva que reconhece a interconexão entre o mundo humano e o mundo espiritual, valorizando práticas de respeito e cuidado com a natureza. Por meio do diálogo com autores como Hoefle (2009) e Neto (2020), o estudo aborda os contrastes entre a ética ambiental mecanicista e a ética da reciprocidade presente nas culturas tradicionais. O mito do Anselmo exemplifica a dimensão biocultural e espiritual da conservação ambiental, ressaltando a importância da transmissão intergeracional desses saberes para a sustentabilidade local e para o Bem Viver (Sumak Kawsay) proposto por Krenak (2020).

Cartografia social na malha fluvial da grande Aracaju/SE: um mergulho nas águas do Rio do Sal

Antonio Lucas Andrade Mendes (UFS)

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise antropológica centrada nas dinâmicas sociais das populações que vivem nas áreas ribeirinhas de Aracaju e sua região metropolitana, especialmente nas comunidades cujas vidas estão diretamente ligadas às águas do Rio do Sal. Essas populações, historicamente invisibilizadas pelas políticas públicas, apresentam

modos de existência marcados por fortes vínculos com o território, com o trabalho, com as práticas culturais e com os ciclos das águas. Embora a escolha de Aracaju como capital tenha ocorrido por razões logísticas ligadas ao rio Sergipe, é fundamental destacar que foram as comunidades ribeirinhas que sustentaram, com seus saberes e práticas, parte importante da formação social da cidade. A análise propõe uma revalorização dessas experiências sociais, entendendo os rios não apenas como elementos naturais, mas como espaços de vida, memória e resistência. A partir da observação das territorialidades marginalizadas, busca-se construir uma cartografia social capaz de revelar trajetórias, redes de solidariedade, conflitos e estratégias de sobrevivência. O trabalho defende, assim, o reconhecimento do papel ativo dessas populações na construção da cidade e a importância de se ouvir suas vozes na formulação de políticas públicas mais justas e sensíveis às realidades locais.

Um mar de ambivalências: casos de indenização e reassentamento durante a construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho

Daniel Seidel da Silva (UFRJ)

Entre 1973 e 1979, foi construída a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, no estado da Bahia, alagando parcialmente os municípios de Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Juazeiro e Xique-Xique, localizados na região submédia do rio São Francisco. Em consequência, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) removeu cerca de 70 mil pessoas que viviam nas regiões que foram alagadas. Nesse processo, duas principais opções foram oferecidas pela CHESF: indenizações ou reassentamentos em agrovilas construídas pela empresa. Em ambos os casos, as populações ribeirinhas expressaram insatisfação, seja pelos valores das indenizações, seja pelas condições das novas moradias, que não garantiam os meios de subsistência que eram proporcionados pelo rio São Francisco. A partir disso, proponho apresentar relatos de pessoas que foram reassentadas e indenizadas, traçando uma comparação com os discursos da CHESF, que descrevia a região do submédio São Francisco como "uma das mais pobres e marginalizadas do País" e que prometia que a hidrelétrica traria "melhorias para toda a região Nordeste". A partir dessa análise comparativa, proponho visualizar as ambivalências de Sobradinho. Tais melhorias não apenas não foram solicitadas, como também se mostraram distantes da realidade vivida por

aqueles que foram forçados a abandonar suas terras, ao mesmo tempo que proporcionava a tão prometida geração de energia elétrica para o Nordeste.

Materialidades animadas: a capela do João Guabiraba, médio Tapajós

Carlos Roberto Calenti Trindade (UFAM)

Em um ponto do médio Tapajós, a algumas centenas de metros da margem, percorridos em uma trilha levemente inclinada na terra indígena Sawré Muybu, encontra-se a capela do João Guabiraba. Em algumas das histórias contadas pelos beiradeiros da região, ele era um seringueiro que morreu por crueldade do patrão, abandonado doente no terreno onde hoje fica a capela, sem comida e água. Quando seu melhor amigo se acidentou e quase morreu, ele pediu interseção do Guabiraba e se curou. Desde então as relações com esse santo animam a paisagem do médio e alto Tapajós. Nessa comunicação, procurarei pensar na materialidade da capela e em como as relações com seres espirituais constroem a paisagem dali.

Dentro da capela, há uma profusão de objetos, materializações de promessas feitas pelos devotos do santo. Pedaços de corpos talhados em madeiras; uma imagem do Guabiraba; roupas jogadas na imagem ou numa cruz; latas de óleo 2 tempos usadas como lamparinas; dois túmulos (do Guabiraba e de seu amigo); e vários outros materiais. Segundo me foi contado, a própria capela como existe hoje, uma construção de alvenaria pintada de azul, foi o resultado de uma promessa. Assim, a relação com o santo tem efeitos concretos na paisagem, paisagem esta que nunca está dada, mas está sempre se transformando, sempre sendo construída e cuidada. A comunicação buscará, então, refletir sobre essas materialidades vibrantes e suas implicações políticas numa região em constante ameaça de grandes empreendimentos.

Malhas, peixes e botos: pescadores quilombolas da comunidade Arapucu - PA

Matheus Pereira de Andrade (UNB)

Essa apresentação aborda a pesca na comunidade quilombola de Arapucu, localizada no Baixo Amazonas, onde o peixe e a farinha são os pilares da alimentação. A pesca para "boia", destinada ao consumo, ocorre tanto no Lago Arapucu quanto no Rio Amazonas, utilizando a malhadeira como principal ferramenta. A malhadeira varia em características como espessura do fio e material, e existem tipos específicos para cada espécie de peixe, apelidadas de "maparazeira"

e "surubinzeira". Os pescadores relatam transformações técnicas nas malhadeiras — como a diminuição da espessura dos fios —, mas também observam que "o peixe evolui com a ciência". Essa expressão traduz a percepção da capacidade de aprendizado do peixe. Assim como as malhadeiras se transformaram, os peixes também se tornaram mais sorrateiros: "chegam a bater a cauda na rede, mas não entram nela". Além disso, o boto-cor-de-rosa é visto por alguns pescadores como um protetor dos peixes, sendo considerado responsável por retirá-los das malhadeiras. A rede malhadeira, dessa forma, transcende a própria utilização do pescador, uma vez que o boto identifica e acompanha a soltura da rede. O pescador frequentemente tem que "lutar" com o boto pelo peixe, e quando o peixe dá sinal na malhadeira, busca ser mais rápido que o boto.

Águas profundas, raízes antigas: trajetórias etnográficas pelas estearias em Penalva – Maranhão

Lalia Diniz dos Santos (PUC-RIO)

Em diversas partes do mundo, construções tradicionais sobre as águas revelam saberes ancestrais, enraizados em contextos de resistência e em identidades culturais diversas, frequentemente invisibilizadas pelas lógicas urbanas contemporâneas. Nessa perspectiva, a presente pesquisa apresenta um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo (UEMA), dedicado ao estudo das estearias da Baixada Maranhense — sítios arqueológicos lacustres pré-coloniais palafíticos localizados no município de Penalva (MA). Esses vestígios, cravados nos lagos maranhenses revelam modos de habitar conectados às águas e à autoconstrução indígena. A investigação, de caráter etnográfico, articula revisão bibliográfica, observação de campo, entrevistas e levantamento de fontes arqueológicas. Como contribuição prática, a pesquisa resultou na elaboração de uma cartilha educativa voltada à comunidade Penalvense, fortalecendo memórias e resistências locais. Espera-se não apenas ampliar o conhecimento acadêmico sobre o tema, como também evidenciar a centralidade da água na organização simbólica, espacial e cotidiana das comunidades tradicionais – em que a água não é um obstáculo a ser superado, mas um elemento vital que moldou sociedades e sustentou culturas, conduzindo a arquitetura palafítica não apenas como um objeto de estudo histórico, e sim, fonte de inspiração para novas abordagens construtivas sensíveis e que dialoguem com as águas.



Sessão 02 - ST 07: Antropologias Ribeirinhas: À beira das Águas, poéticas e políticas de transformações dos Territórios ribeirinhos e seus conflitos silenciosos, diante das crises ambientais globais

Coordenador/a: Igor Luiz Rodrigues da Silva (FASVIPA/CANOA-UFSC)

Debatedor/a: Emili Almeida da Conceição (Dan-UnB/ UESB)

Comunidade da Prainha: uma história de resistência às pressões urbanas no Bairro Industrial

Igor Tadeu Dias dos Santos (UFS)

Banhados por um leito hídrico importante da paisagem da cidade de Aracaju-SE, a comunidade pesqueira da Prainha fica às margens dos rio Sergipe. Ela resistiu e resiste ao processo de desenvolvimento urbanístico de Aracaju, que foi marcado, principalmente, pelos aterramentos de rios ou mudanças nos seus cursos naturais. Isto favoreceu a grande degradação dos cursos aquáticos, e que afetam decisivamente as diversas comunidades ribeirinhas no seu modo de vida. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo a compreensão da maneira como os habitantes dessa comunidade percebem os impactos socioambientais de suas comunidades residenciais e como isso afeta diretamente as suas condições socioeconômicas, estando a Prainha situada na zona norte e banhada pelo Rio Sergipe, em uma área marginalizada na cidade. Desse modo, é possível analisar como ela existe na paisagem urbana de Aracaju, ao explorar os conflitos socioambientais gerados pelos processos urbanos, observando ainda as particularidades que a perpassam. Assim, pode-se explorar a realidade que essa comunidade enfrenta na atual configuração urbana em Aracaju, como explorar também os processos de articulação, por parte dos seus moradores, pelo direito à permanência ali e na relação com a região que os rodeiam.

Representações Paisagísticas: Descrições Sobre as Práticas Sociais Desenvolvidas às Margens do Rio Poxim

Ana Caroline da Paz Santos (UFS)

Aracaju, capital de Sergipe, é uma cidade que surgiu em meio ao embate contra natureza hostil do seu ambiente físico, marcado pela presença de mangues e rios. Sob este aspecto, os

primeiros anos de sua fundação (1855–1921) foram marcados pela luta do homem contra a natureza. Com o tempo, a lógica de aterros se sobrepôs à natureza anfíbia da cidade. O processo urbano gradual não pode acompanhar o contingente populacional que vinha para Aracaju em busca de melhores condições de vida. A expansão urbana posterior, resultou em um desenvolvimento que deixou atrás de si regiões com baixa qualidade de vida. Na atualidade esse complexo habitacional criou uma espécie de isolamento fisicoantropológico que imprime a algumas regiões um certo tipo de insularidade, ao manter a população em meio a enclaves habitacionais. Trata-se da malha fluvial que perpassa a capital e seu entorno. Assim, este trabalho busca apresentar, de forma panorâmica, a realidade dos moradores que se encontram em áreas recônditas, onde habitam segmentos que passam quase que despercebidos pelas estatísticas, das políticas públicas e dos olhos daqueles que habitam o centro da capital. O recorte específico da pesquisa que resultou nestas reflexões, corresponde ao trecho do rio Poxim, o qual perpassa uma região fortemente urbanizada de Aracaju. Uma vez que ao percorrer as suas margens foi possível observar diversas interações e a cada uma delas a perspectiva da paisagem se altera, como se o rio também reagisse à cidade.

Lutas Ribeirinhas: Reflexões sobre tácticas planetárias a partir de experiências urbanas

Laura Kemmer (USP)

O projeto “Lutas Ribeirinhas” reúne ribeirinhos urbanos entre Jakarta, Berlim e São Paulo. Este trabalho apresenta as “táticas planetárias” (cf. Achille Mbembe) desenvolvidas com um grupo de ativistas, artistas e acadêmicos, incluindo práticas de evidenciar, corresponder e circular. Evidenciar, no sentido de construir argumentos contra a poluição, a asfaltização e a especulação sobre a terra, des-cobrindo ecologias de resistência em torno de corpos d’água para ativar horizontes de cuidado, reparo/reparação e cura. As correspondências multiespécies abrem canais de escuta e de comunicação afetiva e sensorial entre humanos, plantas, animais e espíritos. A táctica de circular significa seguir em movimento e transformação, misturar-se sem apagar as diferenças. Com Negô Bispo, aprendemos que circulações, como correntes d’água, ganham força ao confluírem. Apresentaremos eventos e artefatos socio-materiais como máscaras, garrafas d’água, estilingues, herbários bordados, sementes, sedimentos, mapas, cartas, cortejos, exibições

e oficinas, que compõem uma infraestrutura auto-organizada de circulação dessas táticas e de criação de relações socioecológicas de solidariedade e de aprendizado mútuo. A partir de experiências recentes no litoral Santista e no Rio Negro, o trabalho abre reflexões sobre como essas estratégias são protocoladas e compartilhadas, visando questionar as possibilidades e os limites de sua mobilização por outros ribeirinhos em luta em outros lugares do planeta.

Espectros do mangue: degradação ambiental e invisibilidade em tempos de crise

Márcio Antônio Farias de Freitas (Ambiências/UFES - Laboratório de estudos, pesquisas e experimentos em naturezas-culturas)

Às margens do rio Piraquê-açu, no município de Aracruz, no Espírito Santo, vivem ribeirinhos e povos indígenas Tupiniquim e Guarani, que, ao lado da Mata Atlântica, do manguezal e de sua foz - que se encontra com o Oceano Atlântico -, formam uma rica biodiversidade de ecossistemas naturais, fundamentais na produção e reprodução material e simbólica dos coletivos humanos. No entanto, desde a década de 1960 essa paisagem passa a sofrer com os impactos causados pela chegada da monocultura de eucalipto da Aracruz Celulose S/A, e a instalação de indústrias, dentre outras, ligadas à cadeia produtiva da celulose, bem como o complexo logístico da região, composto por grandes portos e estaleiros. E como se já não bastassem tais impactos, esse cenário foi agravado em decorrência do crime ambiental da Samarco/Vale/BHP Billiton, com o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), em novembro de 2015, já que, após a lama de rejeitos de minério atingir o rio Doce e percorrer cerca de 880 km, alcançou o oceano Atlântico, através de sua foz, no município de Linhares (ES), espalhando-se pelo litoral capixaba, atingindo, dentre outros, o rio Piraquê-açu. Nessa paisagem, pretendo discutir sobre a situação dos ribeirinhos do rio Piraquê-açu, impactados desde novembro de 2015 pelo crime ambiental da Samarco/Vale/BHP Billiton, mas ainda invisibilizados no processo de reparação.

Contra-plantation e cosmopolíticas das margens: reexistência vazanteira na Ilha de Pau de Légua (MG)

Cledisson Geraldo dos Santos Junior (UFRRJ)



Esta proposta apresenta uma reflexão situada sobre as formas de reexistência da comunidade vazanteira da Ilha de Pau de Légua, localizada na Bacia do São Francisco, norte de Minas Gerais. Inserida nos perímetros de conflito produzidos pelo Projeto Jaíba e pela criação do Parque Nacional da Mata Seca, essa comunidade enfrenta múltiplas camadas de expropriação, invisibilização e controle territorial associadas ao regime histórico e ontológico da plantation. Mais do que um modelo econômico, a plantation é aqui abordada como dispositivo de ordenamento do sensível, fundado na monocultura da terra, da vida e da linguagem. A partir de uma etnografia em curso, propõe-se o conceito de contra-plantation como operador analítico que ilumina práticas e alianças cosmopolíticas que desobedecem à ontologia moderna. Ao se enraizarem nas temporalidades das cheias e nas dinâmicas das vazantes, essas práticas afirmam modos plurais de habitar e regenerar mundos nas margens. A comunicação busca, assim, contribuir para os debates sobre resistências territoriais e epistemológicas no contexto da expansão do agronegócio e da conservação colonial.

Desafios e Potencialidades da Comunidade Remanescente de Quilombo Barrinha no Território de Identidade do Velho Chico

Claudia Cristina Rezende Puentes (UFF)

Nas andanças pelos territórios tradicionais no Brasil, paisagens, histórias, sorrisos e desafios permeiam as entrevistas. Enquanto buscamos captar imagens que possam corroborar com as potencialidades vislumbradas, o som das águas, dos pássaros e das máquinas ecoam pelo território. O Velho Chico é o cenário de integração, mas também de disputa e de tristezas, como acontece quando as águas grandes chegam, engessadas pelo avanço capitalista e invadem o território, levando consigo as esperanças de uma boa colheita, da regularidade econômica e social dos comunitários.

É nesse contexto que as epistemologias sussurram, esbarrando na colonialidade que mina as heranças da sustentabilidade nas terras e nas águas. As famílias da comunidade de Barrinha, sucumbem sem políticas públicas estaduais que assegurem as características essenciais do Velho Chico e do território.



Empresas invadem o território em busca de implantar seus empreendimentos energéticos, empresários molestam o rio que alimenta e banha a comunidade. A nocividade se espalha e forma uma barreira para a subsistência dos comunitários.

Apesar de sua importância para a população local e para o turismo, o rio não tem sido contemplado por políticas públicas efetivas de preservação ambiental. Em razão disso, costuma-se dizer que a cidade se desenvolveu "de costas para o rio". É nesse contexto que nos debruçamos neste artigo para dar visibilidade e voz aos que são normalmente silenciados.

A mobilização das várzeas urbanas frente a controvérsias socioambientais nas vésperas da COP30 em Belém

Uriel Melquisedeq Lopes Coelho (UFPA)

Embora esteja prevista para ocorrer somente em novembro de 2025, a COP30 já está sendo marcada por uma série de controvérsias e tensões entre moradores das regiões de várzea da cidade de Belém e a governança local. De um lado, os organizadores do evento apostam no embelezamento da cidade para fins turísticos, com investimento massivo em obras paisagísticas que evocam ideais de sustentabilidade e harmonia com a natureza. De outro, moradores de comunidades periféricas localizadas às margens dos rios denunciam os impactos negativos destas e de outras intervenções, apontando contradições entre os discursos promovidos pela COP e as práticas do governo. Este trabalho tem por objetivo evidenciar as estratégias de mobilização que têm sido adotadas pelos moradores destas comunidades para denunciar os prejuízos e contradições socioambientais associadas às obras da COP. A metodologia combina a análise de dados secundários, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que apesar de limitações para a atuação política, os moradores destas regiões têm se utilizado de múltiplas estratégias e tecnologias que têm ampliado o potencial de alcance de suas denúncias e articulação das suas ações. Além de evidenciar as contradições da COP30, estas estratégias também vêm ressignificando o debate sobre mudanças climáticas a nível local, destacando a relevância dos povos amazônicos na produção de conhecimentos contra-hegemônicos.



Sessão 03 - ST 07: Antropologias Ribeirinhas: À beira das Águas, poéticas e políticas de transformações dos Territórios ribeirinhos e seus conflitos silenciosos, diante das crises ambientais globais. - Artes e vidas em lentidões para adiar fins de mundo

Debatedor/a: Carlos Roberto Calenti Trindade (PPGAS/UFAM)

Escutar os rios como tecnologias da demora

Carlos Henrique Rezende Falci (UFMG), Nayara Santos Rufino (UFMG), Mariana Carvalho Jorge (UFMG)

Nossa proposta parte do modo de conviver com os rios, baseado em narrativas de memória de ribeirinhos da região do Médio Rio Solimões para entender tais comportamentos como tecnologias da demora. Quando falamos de tecnologias da demora, pensamos em técnicas/tecnologias como maneiras de conviver com a Terra (Abya Yala) no tempo ou nos tempos dela. Nos vários tempos dos seres não-humanos, que funcionam em outras temporalidades. Ouvir as narrativas dos rios e sobre os rios significa reconhecer a identidade e a existência daquele que narra, seja humano ou não-humano. Quando ouvimos e reconhecemos tais narrativas estamos reconhecendo o modo de vida das pessoas, o comportamento dos seres não-humanos, a maneira como as populações lidam com os rios. Quando paramos para ouvir os rios, experimentamos a demora. Essa espera é também uma forma de fazer memória; afinal, ela nada mais é do que a demora no tempo, ou do tempo. Apresentamos aqui as narrativas das populações ribeirinhas do Médio Solimões como tecnologias da demora criadas com os rios, paranãs e igapós da região. Criamos ilustrações baseadas nas memórias, para instigar a escuta com o rio. Trabalhar a partir das tecnologias da demora significa estarmos abertos para outras e novas afecções, para sensibilidades que não conhecemos. Para sermos capazes de nos individuarmos junto com a própria Terra, e com as tecnologias que essas populações criam, em temporalidades que respeitam essas afecções e suas demoras.



ALMA RIBEIRINHA: autoetnografia e resistência nas florestas do Jucuruçu

Ywmalay Pataxó Carrilho Soluna McReynolds (ufsb)

Este texto nasce às margens do rio Jucuruçu, ou rio do Prado, no Extremo Sul da Bahia. Aborda um período histórico que parece ser, ao mesmo tempo, passado e presente e retrata uma comunidade que se recusa a assumir as formas urbanas e comerciais da vida, mantendo viva uma cultura centenária, se não milenar: a dos ribeirinhos, ou caboclos, que vivem junto às águas dos rios em vários cantos do país. Estes ribeirinhos resistem a todo tipo de violência pelo simples direito de viver como querem viver, serem o que são e o que foram seus avós e ancestrais. Sou também cabocla, ribeirinha do Prado, não retrato um mundo externo, mas uma parte de mim. Umas poucas entrevistas se misturam a imagens e memórias de minha família, da comunidade em que fui criada em boa parte da minha vida, a melhor e a mais importante. Pode ser também interpretado como o estudo de um passado-presente vivo e longínquo, de raízes profundas, bem fincadas nas margens dos rios e florestas da região. Esta história antiga foi perturbada pela chegada do mundo colonial em tempos recentes, com o desmatamento e a expulsão dos nativos por fazendeiros e grileiros. Neste processo de extrema violência muitos dos parentes caboclos terminaram por se render à dependência do dinheiro, à escravidão disfarçada de emprego nas fazendas e cidades. Este trabalho prefere olhar para aquelas famílias que escolheram resistir e manter sua integridade, os hábitos herdados de seus avós, a alegria da vida nas florestas e beiradas de rio.

Entre vivência e experiência ribeirinhas: (sobre)viver nas águas do rio Acutipereira a partir de memórias intergeracionais

Maria de Nazaré Palheta da Luz (UNIFAP), Camila Soares Lippi (UNIFAP)

O presente trabalho se propõe a escrever memórias sobre a vivência ribeirinha a partir de experiências entre pessoas de gerações diferentes, do mesmo núcleo familiar, escutando as impressões que cada um possui sobre o espaço, o tempo e as transformações que atravessam a realidade ribeirinha no rio Acutipereira, localizado no município de Portel, no estado do Pará, Ilha do Marajó. As transformações que impactam diretamente o modo de vida de quem habita às margens dos rios possuem grau distinto, formas diversas de enfrentamento, mas desencadeando a mesma reação de desestruturação nas relações desses indivíduos com o seu meio ambiente,

forçando migrações, causando crises e impondo modos de vida alheios ao que se tem experimentado. O registro dessas memórias busca refletir sobre o impacto dessas mudanças em experiências individual e comunitária, evidenciando assim as estratégias de sobrevivências traçadas por cada um. As memórias são experiências vividas, escutadas e trocadas entre quatro pessoas do mesmo rio, com idades distintas. As conclusões encontradas no registro e reflexão a partir dessas memórias narram a trajetória de cada um, compreendendo que as circunstâncias ambientais, políticas e mudanças globais afetam diretamente a complexa relação entre o ser e o meio ambiente, que se sustenta no conhecimento, nos saberes e no fortalecimento da identidade ribeirinha como ferramenta de enfrentamento em resposta às crises que ameaçam o bem viver dessas comunidades.

Artes de notar em sequências audiovisuais da pesca com botos

Rafael Victorino Devos (UFSC)

Nesta apresentação comento o processo de produção e de edição de imagens audiovisuais do "Projeto Saberes e Práticas Associadas à Pesca Artesanal com Auxílio de Botos em Laguna (SC) e demais ocorrências no Sul do Brasil". Trata-se de um projeto de extensão, coordenado pelo Prof. Caetano Sordi e realizado com colegas do CANOA PPGAS UFSC. O objetivo do projeto é a instrução do registro como patrimônio imaterial brasileiro dessa pesca artesanal com auxílio de botos, que acompanhamos em Laguna (SC), Araranguá (SC) e Tramandaí (RS). Apresento algumas edições de vídeos que produzimos durante a pesquisa, como forma de nos aproximarmos das artes de notar que ocorrem na comunicação entre pescadores e botos: os botos conduzindo e mostrando a direção em que cardumes de tainhas entram no espaço de captura dos pescadores; os pescadores respondendo aos botos com suas redes lançadas no momento e direção eficazes para a captura. Para produzir as imagens, precisamos aprender a esperar e antecipar, com os pescadores, o momento breve dos gestos dos botos emergindo das águas e a sequência de ações que desencadeiam em segundos. Para a edição, precisamos encontrar o ritmo dessa oscilação entre longas esperas na beira d'água pontuadas pelo encanto com os botos e por breves e precisos gestos sincronizados entre a saída dos botos da superfície da água, o mergulho das tarrafas em direção aos cardumes e a revelação dos personagens ocultos dessa dança multiespécie – os cardumes trazidos para terra.



Chão da Caatinga, caminho das águas: seguindo as águas que sangram

Emili Almeida da Conceição (UNB)

A presente proposta de comunicação busca explorar a relação da caatinga com as águas, a partir da experiência de pesquisa etnográfica com o rio Paraguaçu, localizado no estado da Bahia, e com algumas localidades catingueiras em sua borda. Mais da metade dos municípios baianos tem suas fronteiras na caatinga, em um desenho que a entrelaça com algumas bacias hidrográficas e permite a comunicação entre as águas dos rios e esse bioma. Ao longo dessa paisagem, açudes, caldeiras, lagoas e poços fazem parte do cotidiano das pessoas, animais e plantas que a habitam. Cabras e ovelhas trilham os caminhos para o encontro com a água; crianças esperam as chuvas para que açudes e caldeiras transbordem, fazendo sangrar a água, que lava os caminhos e movimenta o que estava assentado no fundo dos reservatórios. Diante disso, proponho que pensar em como a água atravessa a caatinga, do céu até o rio, é um bom meio para imaginarmos como, onde se costuma enxergar a escassez, habitam tempos de recolhimento e renovação, fundamentais para a vida em tempos de crise.

O Tempo da espera e a arte da caceia: rastreando técnicas, habilidades e relações multiespecies nas profundezas do Velho Chico em tempos de mudanças climáticas

Igor Luiz Rodrigues da Silva (FASVIPA)

A Espera na pesca artesanal do Rio São, sob os impactos das mudanças climáticas, revela relações intricadas entre tempo, técnica e ecologia. A "caceia" prática tradicional de pesca, demanda paciência e conhecimento profundo do rio, suas variações e espécies, forjando relações humanas colaborativas, multespecies a partir de e com transmissões de saberes ancestrais, cosmológicos e suas interações. entretanto, a escassez hídrica e as mudanças climáticas, impõem novos desafios, prolongando o tempo da espera e exigindo adaptações nas práticas tradicionais, nos saberes e modos particulares de se relacionar com o rio, suas águas e suas espécies companheiras, para garantir a sobrevivência e a sustentabilidade do ecossistema, em uma intricada teia de relações que se estabelecem dentro e fora do rio. Neste sentido, este trabalho se objetiva, em narrar, a partir de experiências sensoriais, percepções e práticas colaborativas, a "caceia" não apenas como técnica de pesca, mas também, como ato de co-criação e sobrevivência. Além disso,

essa prática pode inspirar novas formas de pensar a relação entre humanos e natureza, promovendo uma ética de convivência que valorize o saber tradicional e a biodiversidade. Como uma arte, a caceia desafia a visão utilitarista e destrutiva do mundo, propondo uma estética da sustentabilidade e do respeito ao ambiente, em um mundo que se transforma globalmente e que requer exercícios e respostas locais, especialmente para um rio em crise.

Terras caídas, corpos caídos: cuidado, adoecimento e cura em São Paulo de Olivença/AM

Gabriel Andion (Museu Nacional da UFRJ)

Este trabalho descreve etnograficamente experiências cotidianas de cuidado, adoecimento e cura em São Paulo de Olivença/AM, tomando como ponto de partida a convivência com a família Abreu e interlocutores locais, sobretudo rezadores e rezadeiras. A pesquisa busca articular três dimensões interconectadas — corpo, território e comunidade — a partir de transformações nos modos de viver e ocupar a cidade, especialmente diante do fenômeno das terras caídas, que destrói espaços de memória, festa e moradia. A crise ambiental local é interpretada tanto por narrativas míticas — como as da Cobra Grande ou da maldição de um padre — quanto por disputas cotidianas de territorialidade e pertencimento, como mostram os conflitos em torno da ocupação de bairros e o medo da perda de vínculos comunitários. Inspirado na antropologia simétrica de Latour e nos debates sobre multiespécies (Tsing, Kohn), o texto recusa uma oposição simplista entre agentes humanos e não-humanos, destacando como rezadores, encantados, espíritos e rios integram redes de cuidado e ameaça. Entre a instabilidade das margens ribeirinhas e os deslocamentos dos moradores, emerge a figura da borboleta azul — símbolo da cidade e metáfora para um tempo e espaço em transformação — como chave para compreender como a saúde da terra, do corpo e da coletividade se entrelaçam, em um cenário marcado por conflitos silenciosos, degradação ambiental e reinvenções da vida ribeirinha.



ST 08: ARTES DE NOTAR: EXPERIMENTOS COM SOCIALIDADES MAIS QUE HUMANAS

Coordenador(a): Rafael Victorino Devos (UFSC), Anelise dos Santos Gutterres (LACED/MN, UFRJ), Thiago Mota Cardoso (UFAM)

Sessão 01 - ST 08: Artes de notar: experimentos com socialidades mais que humanas - Artes de notar socialidades mais que humanas

Coordenador/a: Thiago Mota Cardoso (UFAM)
Debatedor/a: Rafael Victorino Devos (UFSC)

Saberes intemperizados, imersos no tempo, no clima e em suas mudanças – e a respeito deles

André Secchieri Bailão (Casa de Oswaldo Cruz)

Esta apresentação explora possibilidades de descrever trajetórias e produções de conhecimento intemperizadas, feitas e refeitas pela atmosfera e suas intempéries, imersas no tempo e no clima. A partir de exemplos de minhas pesquisas em diferentes contextos – histórias e antropologias das ciências no Brasil, nos séculos XIX-XXI, sobre pessoas que escreveram a respeito do tempo, do clima e suas mudanças – procuro explorar qual o lugar e as agências dos fenômenos atmosféricos na produção de saberes e ciências. Muitos autores apontaram a falta do tempo e do clima nos estudos sociais e históricos, que enfatizam a agência de seres sobre superfícies materiais, relegando os fluxos atmosféricos a um céu distanciado (Chakrabarty, Degroot, Fleming & Jankovic, Hulme, Ingold, Jerstad, Krause, Neimanis e Walker, Serres) – o que também ocorre nos estudos de ciências. Procuro notar as particularidades e diferenças desses fenômenos em relação aos seres, já que não são "entidades", mas um conjunto de relações, mudanças constantes, fluidos, rítmicos, cíclicos, às vezes extremos. Possuem materialidade, agem e nos fazem fazer. Contra os determinismos climáticos simplistas, muitas vezes racistas, ainda persistentes em narrativas populares sobre o papel do clima no passado e em outros povos, o intuito é pensar em como viver, se deslocar, experimentar, perceber e conhecer o mundo ocorrem

entre os limites e as possibilidades dos fenômenos atmosféricos, imersos em mundos-tempo e mundos-clima.

Observar la atmósfera. Nociones de tiempo y clima en las prácticas científicas

Santiago Moya (UNSAM)

La meteorología, como otras ciencias, forma parte de la historia de expansión de las tecnologías de visualización que hicieron de la vista una herramienta de distanciamiento. Medir la atmósfera es, para los meteorólogos, principalmente observarla: con satélites que ven desde el cielo, radares que ven desde el suelo e infinidad de sensores que recortan pequeños fragmentos del clima. Algunos autores han señalado que estos dispositivos dieron a la ciencia meteorológica una visión exterior y distante del ambiente. Sin embargo, como señaló Tim Ingold, ello no se corresponden con la experiencia en la que se ven involucrados los habitantes del planeta (humanos y no humanos), inmersos en las corrientes del medio ambiente y expuestos a las vicisitudes del tiempo. Antes bien, los propios científicos son también habitantes, cuyos estudios no son solamente sobre el ambiente sino también (y principalmente) en un ambiente (Ingold, 2012: 22). A partir de mi trabajo etnográfico con meteorólogos y científicos del clima en Argentina describo cómo las variaciones atmosféricas no son reductibles al cálculo y las métricas de la ciencia, sino que son sentidas en dominios de la experiencia que exceden las tecnologías de medición. Describo, asimismo, las relaciones entre humanos y no-humanos que posibilitan la composición de aquello que los meteorólogos llaman "tiempo atmosférico". Y señalo que esas relaciones tienen lugar de forma situada, inmersos en la atmósfera.

Direção do Vento: uma epistemologia poética

Diego Kern Lopes (UERJ)

A pesquisa “Direção do Vento: uma epistemologia poética” tem como objetivo investigar as mudanças climáticas contemporâneas a partir das relações entre humanos e não humanos sob a ótica dos campos da arte e da antropologia. O antropólogo Tim Ingold (2012) em seu texto Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais nos alerta sobre a constante necessidade de rever e repensar as estruturas de nossa epistemologia. De forma semelhante Marcel Duchamp (1957) em seu texto O ato criador apontava que a manifestação

poética de um trabalho artístico se dá a partir de um jogo de intenções/acasos e resistência/comunicação na relação entre o artista, o trabalho e o público. Associando-o à perspectiva do meshwork encontra-se no conceito de infra-mince (infrafino) também desenvolvidos por Duchamp. Nesse sentido, esse ano, pretendo apresentar para o grupo um dispositivo artístico sonoro chamado "Palavras ao Vento" - onde o vento define os modos de edição de um conjunto de depoimentos e registros sonoros já realizados. Da mesma forma pretendo apresentar partes de uma entrevista realizada com Tim Ingold, em sua casa em Aberdeen, Escócia, no ano de 2024.

Agências minerais entre fraturas coloniais e ambientais: uma investigação acerca da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha-MG

Ana Carolina Santino de Sá (UNICAMP), Marisol Marini (USP)

O lítio, mineral essencial para a produção de sistemas elétricos baseados em energias renováveis e dispositivos eletrônicos, é considerado um mineral estratégico no atual contexto global, que pauta a urgente necessidade da transição energética frente ao aprofundamento da crise climática. Diante deste contexto, propomos neste trabalho olhar para o lítio presente no subsolo do Vale do Jequitinhonha-MG, um território ocupado por grupos indígenas e quilombolas reconhecidos e em processo de etnogênese. Que foi historicamente marcado pelo processo colonial e suas atualizações por meio dos discursos e projetos desenvolvimentistas, e que atualmente tem sido alvo da extração massiva de minério de lítio. Trata-se de Fabular uma narrativa que toma o lítio não como um mero recurso a ser extraído, mas enquanto produtor de suas próprias histórias intra-específicas e das histórias inter-específicas de suas relações com humanos e outras agências em um cenário permeado por relações de colonialidade.

Cantar diferente: fazendo antropologia junto a uma ave noturna.

Maria Beatriz Barmaimon Garcia (UFRJ)

Dia desses me peguei pensando sobre o como seria fazer antropologia como se faz poesia. Não obtive ainda nenhuma resposta, muito menos fui capaz de concebê-la. Mas insisto que seja uma boa questão, afinal nossos modos de fazer, acredito eu, ganham muito com estarem sempre se reinventando. Uma das últimas poesias que fiz foi em conversa com um Bacurau da telha, uma

ave noturna, moradora de lugares altos e planos, como os muitos prédios do bairro em que vivo, no Rio de Janeiro. Gosto de pensar que me relaciono com ele, afinal aguardo ansiosamente seu canto, todas as noites. Nessa poesia, como me ensinou a antropologia, tentei rabiscar seu canto, a fim de aprendê-lo, afinal é primordial conhecer a língua de seu interlocutor. Nessa tentativa gráfica, o Bacurau mudou sua forma de cantar. Segundos depois de eu descrever aquilo que acreditava ser sua vocalização, o Bacurau cantou de outra forma, que não correspondia mais ao que eu havia anotado. Eu ri, tentei reescrever a nova toada e me dei conta do como estamos acostumados a coletar, categorizar e catalogar tudo à nossa volta. Assim, proponho, a partir da referida experiência, a possibilidade de aprender novas formas de nos organizar, intelectual e politicamente, com aqueles que quase não vemos, que raramente ouvimos, mas que seguem estando e vivendo. Buscar formas outras de lidar com o território, de marcar o tempo, de nos movimentar. Em suma, aprender a cantar diferente, toda vez que esquematizarem nossa música.

Conhecer sobre e com as aves: como os Ingarikó cuidam da ecologia na região Wîi Tîpî

Maria Virgínia Ramos Amaral (UFRJ)

Serão apresentados resultados parciais de uma pesquisa intercultural e interdisciplinar sobre o conhecimento ornitológico dos Ingarikó. Localizado no norte da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, seu território tem a sobreposição parcial do Parque Nacional do Monte Roraima. Em atividades de monitoramento da biodiversidade organizadas pelo ICMBio, os Ingarikó reivindicam que seu conhecimento seja valorizado. Considerando esta demanda, a pesquisa tem registrado as práticas de conhecimento dos Ingarikó em interações com aves da região da Wîi Tîpî (Serra do Sol,) considerando sua própria classificação para diferenciá-las e em diálogo com a taxonomia não indígena. Mas não apenas: a pesquisa tem compreendido que, para os Ingarikó, aves podem lhes comunicar ensinamentos ecológicos, sobretudo, através de suas vocalizações (seus "cantos" e sua "língua"). Ademais, a comunicação com as aves não é concebida unicamente como transmissão unilateral de saberes, mas também como capaz de afetar os Ingarikó ontologicamente, em conformidade com sua premissa filosófica de que, assim como os humanos, animais e plantas são sujeitos cujas práticas de conhecimento implicam relações que podem transformar eles próprios e seus diferentes interlocutores.



Especulando em um cultivo hidropônico de cheiro verde: sociabilidades mais-que-humanas, infraestruturas improvisadas e precariedade no bairro Bonsucesso em Coelho Neto (MA)

Jennifer Maria Gonçalves Pereira (UNICAMP)

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado, na qual busco compreender as dinâmicas do cultivo de cheiro verde em sistemas hidropônicos construídos por meio de "gambiarras" e reaproveitamento de objetos, no bairro Bonsucesso, em Coelho Neto (MA). Minha mãe, inspiração da pesquisa e moradora do bairro, maneja esses sistemas com bombas de máquina de lavar, canos reutilizados e garrafas PET. Com isso, me interessa, aqui, investigar como as relações entre humanos, plantas, águas, espécies invasoras e materiais produzem outras formas de vida em territórios atravessados pela precariedade hídrica e socioeconômica. As plantas reagem às estações, à salinidade e ao calor, tornando-se testemunhas do Antropoceno em escala doméstica. Inspirada pelas artes de notar, por abordagens multiespécies e atenta às sociabilidades multiespécies pode, assim, visualizar a emergência dessas relações nos vazamentos, entupimentos, ruídos de bombas, amarelamento das folhas, em que os ritmos de cuidado, plantio e colheita funcionam como sinais de uma ecologia instável e em constante negociação. A pesquisa propõe formas de escuta e descrição que tornem visíveis as redes de codependência entre espécies e materiais, colocando em relação os modos de existência que se constroem em meio às incertezas. Pretendo, com isso, demonstrar como uma atividade aparentemente tão rotineira, em uma cidade do interior nordestino, revela práticas de (re)sistências frente às crises sistêmicas do liberalismo tardio.



Sessão 02 - ST 08: Artes de notar: experimentos com socialidades mais que humanas - Artes de notar com engajamentos ecopolíticos e experimentações etnográficas mais-que-humanas

Coordenador/a: Anelise dos Santos Gutterres (Anelise Gutterres)

Debatedor/a: Thiago Mota Cardoso (UFAM)

Tratar Abelhas: o arranjo da paisagem pela cooperação e socialidades mais-que-humanas

Patrícia Postali Cruz (FURG)

Estar em campo em espaços rurais é descobrir um universo de relações e detalhes no qual germinar a vida e manter corpos é tarefa diária para aqueles que se dedicam ao entrelaçamento do mundo com não humanos. A tarefa de descrever técnicas entremeadas com temperaturas, sons, plantas, chuvas, animais e tantos outros agentes era um grande desafio. Na certeza de que assumir esta provocação não seria tarefa fácil é que buscarei, neste trabalho, descrever um conjunto de práticas que talvez tenham sido as mais excitantes, mas também a mais turbulenta descoberta neste tempo de trabalho de campo: o trato com as abelhas e a consequente extração do mel nas colheitas de novembro e março/abril. Assim, este trabalho, desenvolvido com agricultores na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, discute e analisa as relações da ordem da manipulação feita por agentes importantes do cenário agrícola, as abelhas. Estas trabalhadoras são evocadas pelos agricultores como grande parceiros na produção de alimentos e de tornar as paisagens cada vez mais habitáveis pelo processo de polinização. Junto a isso, formas de comunicação e de aprimoramento técnico permitem a humanos e abelhas ampliarem a produção de mel através da cadeia operatório que convencionei descrever aqui como o tratar abelhas.

Escutar a floresta, notar a jaqueira: práticas de atenção e ecologias emergentes nas matas carioca

Alexandro Solórzano (PUC-RIO), Thomaz de La Rocque Amadeo (PUC-RIO)

O que significa pensar a cidade e a sociabilidade multiespécie a partir da floresta? O Rio de Janeiro, situado entre a contradição e a continuidade entre urbe e mata, oferece um cenário

fértil para a observação, escuta e atenção aos entrelaçamentos multiespécies. Embora camufladas, as ecologias emergentes são manifestações visíveis dessas interações, contaminações e resistências humanas na paisagem. Adotamos uma perspectiva geográfica e histórico-ecológica para notar os fios que tecem as trocas e a co-construção de uma floresta híbrida, o que exige atenção aos detalhes e escuta do que a floresta revela. A arte de notar, como desenvolve Anna Tsing, emerge na interface etno-ecológica e se ancora no trabalho de campo. Visamos demonstrar como essa prática, centrada na jaqueira e seus entrelaçamentos com humanos, abre caminhos para compreender relações multiespécies no passado e no presente. Quando não dizimadas pelo sistema de plantation, as matas foram ocupadas por populações africanas que buscaram evadir o regime colonial e formar modos de vida alternativos em aliança com outros seres. A jaqueira e seus frutos expressam essa aliança, cuja distribuição está associada a antigos caminhos, habitações e áreas de produção de carvão. Hoje, ela protagoniza uma controvérsia socioambiental ao ser considerada invasora e revela as contradições entre colonialismo, ambientalismo e resistências na paisagem. A lente multiespécies complexifica esse debate e propõe que fiquemos com o problema.

No pousio das bananeiras: resiliência ecológica e resistência quilombola no Vale do Ribeira

Frederico José Coffani dos Santos Sabanay (USP)

As bananeiras (Musa spp.) são vegetais comuns nas paisagens do Brasil e da América Latina, gerando um dos frutos mais consumidos no mundo. No Vale do Ribeira, a relação de agricultores quilombolas com uma variedade de bananeiras ganha contornos específicos diante dos encontros entre uma agricultura voltada para a comercialização e as tecnologias ancestrais diversificantes da agricultura quilombola do Médio Ribeira. A partir de uma pesquisa de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), o presente trabalho pretende apresentar a experiência de notar a diversidade de bananais que brotam nas capoeiras e sertões dos territórios quilombolas que compõem o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola (SATQ) do Vale do Ribeira, reconhecido como patrimônio cultural e imaterial brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O SATQ do Vale do Ribeira inventariou um conjunto de práticas e saberes dos modos de vida de 19 quilombos da região, fortalecendo a luta pelo reconhecimento de seus

territórios. A associação de uma tecnodiversidade (HUI, 2020) nos usos e cultivos de bananeiras com a ocupação ancestral de territórios florestados motivam uma análise sobre os modos de criação de paisagens do refúgio quilombola, que resistem e coexistem com as estabilizações técnicas e conceituais da monocultura e das políticas restritivas de Unidades de Conservação na Mata Atlântica.

Pistas para uma etologia vegetal indígena e ribeirinha no baixo Amazonas

Miguel Aparicio Suárez (UFOPA)

Comunidades indígenas e ribeirinhas do baixo Amazonas identificam qualidades singulares em vegetais que consideram como plantas-pajé. Subjaz nessa relação uma lógica multinaturalista que se expressa em concepções de engeramento. Há seres –humanos, animais, plantas, encantados– capazes de engerar-se, ou seja, experimentar transformações corporais de uns nos outros. A perspectiva que as comunidades apontam indica uma semelhança de comportamentos entre essas plantas e os animais a elas associados. Percebe-se portanto um isomorfismo comportamental em que as plantas mestras se caracterizam por habitus ferais. Nesse jogo de transformações, é possível identificar também um isomorfismo corporal, uma vez que estas plantas se caracterizam pela beleza feral peculiar da Amazônia, onde corpos perigosos fundam paradigmas estéticos. Deparamo-nos com regimes de socialidade que desafiam a lógica naturalista, e problematizam nossas fronteiras taxonômicas entre animalidade e vegetalidade. As plantas não podem mais serem caracterizadas a partir de negatividades (imóveis, irracionais, incomunicantes), pois a pajelança do baixo Amazonas insiste nos seus entrelaçamentos com hábitos animais. Sua vida vegetativa compreende a possibilidade de identificar uma etologia vegetal em que além das aparências morfológicas comportamentos animais definem maneiras vegetais de estar-no-mundo. Fazer etnografia dessas plantas nos permite uma aproximação às tecnologias xamânicas de transformação dos corpos vegetais.

O Sonho da Terra

Nicole Soares Pinto (UFES)

Do ponto de vista de uma antropóloga não indígena interessada nas cosmologias e modos de vida indígenas, eventos climáticos e ações xamânicas mantém uma zona de indiscernibilidade.

Para revelar essa dificuldade, situo-me etnograficamente entre um grupo de falantes de uma língua Macro-Jê, habitantes do sudoeste da Amazônia, os Djeoromitxi, e seus vizinhos do Complexo do Marico, em sua capacidade de fazer ou "descobrir" lugares antigos/novos e de se conectar com seres antigos/novos. Parentes; inimigos; donos de espíritos de caça, peixes e árvores; mortos; espíritos malignos; ancestrais míticos; trovões, raios, rios e incêndios formam uma rede de relacionamentos e afetos composta assimetricamente por sujeitos-objetos "não escaláveis" (Tsing). Considerando a importância dos modos de vida indígenas na constituição de territórios inscritos por diferentes seres e suas perspectivas, este artigo aponta para essa rede e seus protocolos como "sonho da terra", enquanto tecnologias de continuidade da vida em ambientes perturbados.

Um mundo numa cesta: entre fungos e outras espécies companheiras

Mariana Spagnuolo Furtado (UFSC)

O përisi (Marasmius yanomami) é um fungo rizomorfo que cresce na serrapilheira, conectando múltiplos seres. Antes de adornar os cestos das mulheres yanomami, já está inserido numa complexa rede de relações. Para encontrar seus finos fios de micélio, as Yanomami desenvolveram um conhecimento refinado acerca de sua socialidade. Há muito tempo sabem que o përisi anda junto a outro fungo, conhecido como mãe-do-përisi (Polyporus spp.), assim como as crianças fazem com suas mães, seguindo-as pelos caminhos. Uma florzinha branca (Voyria spp.) também indica sua presença no chão da floresta. Por serem heterotróficas, essas flores não fazem fotossíntese, mas se alimentam interceptando a rede ectomicorrízica que une alguns outros tipos de fungo às raízes das árvores para transportar nutrientes e informações de um lado a outro na floresta. Além das mulheres, só o pássaro kuxiximi sabe como usar os fios do përisi, nesse caso para fazer ninhos. Os cientistas de laboratório arriscam dizer que, nos locais onde manejam o përisi com frequência, as Yanomami são suas melhores dispersoras. Tão eficientes que com o tempo ele foi deixando de produzir a quantidade exuberante de pequenos cogumelos que era esperada para espalhar os esporos. A reprodução por fragmentação é cada vez mais comum, criando clones que se juntam novamente à rede micelial, tornando difícil distinguir o que seria um indivíduo nessa imensa trama.



"Minha força vem dos encantados": agência e performance esportiva nos Jogos Indígenas Pataxó

Pedro Diniz Marques Vieira (UFRJ)

Este trabalho foi pensado a partir de uma cena etnográfica registrada em meu trabalho de campo nos Jogos Indígenas Pataxó, no contexto da atual pesquisa que desenvolvo sobre eventos esportivos indígenas. Na cena, um indígena pataxó que se preparava para a prova de arremesso de takape, uma das modalidades do evento, foi interpelado por um professor de Educação Física não indígena se o uso de fumos e do rapé antes da prova não seria prejudicial para sua performance no certame. O indígena pataxó respondeu a ele que não, afirmando que, na verdade, tratava-se do contrário. O uso dos fumos e do rapé o conectam com a força dos encantados, que potencializaria sua performance. Acredito que a cena coloque em evidência o contraste entre as visões de mundo do educador físico, em que a performance esportiva está pautada na epistemologia das ciências biomédicas, e do indígena pataxó, que enxerga sua performance em relação com o mundo espiritual, onde habitam os encantados. Assim, o objetivo é, a partir desta cena etnográfica, refletir sobre as relações entre agência e performance esportiva nos Jogos Indígenas a partir do ponto de vista pataxó, que parece considerar relevante a cooperação com agentes não humanos. Entendo que tal esforço pode ser profícuo para avançar em reflexões sobre as práticas esportivas para além dos clichês humanistas, passando a perceber como os atores que vivenciam o campo esportivo, o fazem invocando socialidades múltiplas, que também participam da performance.



Sessão 03 - ST 08: Artes de notar: experimentos com socialidades mais que humanas - Artes de notar com dispositivos gráficos, fotográficos, audiovisuais, sonoros, performáticos

Coordenador/a: Rafael Victorino Devos (UFSC)

Debatedor/a: Anelise dos Santos Gutterres (Anelise Gutterres)

Percepções do desenho na etnografia multiespécie: da paisagem costeira aos vírus

Sthevson Lourran de Melo Santos (USP)

Este trabalho propõe explorar a trajetória e o potencial do desenho como ferramenta descritiva-etnográfica (Santos, 2024) na pesquisa antropológica, articulando uma etnografia realizada na graduação em Ciências Sociais aos desdobramentos metodológicos que ela inspira na pesquisa atual de mestrado. A reflexão parte de uma etnografia multiespécie conduzida entre 2020 e 2024, na praia do Dique de Cabedelo/PB, durante a construção de uma orla turística, na qual o desenho foi experimentado como forma de aproximação ao campo, técnica de observação e instrumento de análise. A apresentação acompanha o percurso dessa prática — da observação de paisagens costeiras às atuais investigações no mestrado — voltadas a compreender as relações entre vírus e gripe aviária. Parte-se da premissa de pensar antropologicamente os vírus da influenza aviária e os modos como são acionados em diferentes contextos, afetando não apenas organismos, mas também sistemas econômicos, políticos e de saúde. Ao estabelecer esse deslocamento entre uma pesquisa concluída e outra em andamento, o trabalho busca refletir sobre como uma antropologia desenhada (Azevedo, 2016) pode contribuir para descrever relações mais-que-humanas.

Oficina de Grafismo indígena dos povos guarani e kaiowá

Angelica Quevedo Gonçalves (UFGD)

O grafismo indígena é uma arte originária que simboliza as identidades sociais e culturais de um povo através de pinturas corporais. Segundo a cultura dos povos Guarani e Kaiowá, o grafismo corporal representa a continuidade das suas existências, enquanto povos indígenas

habitantes do estado de Mato Grosso do Sul (MS). Enfatizamos que as pinturas corporais não são iguais, os traços são diferentes, os locais corporais que são inseridos, assim como, a pessoa que recebe a pintura possuí significados e contextualizações especificadas que devem ser consideradas como, por exemplo, o gênero e a idade. A Oficina "Grafismo indígena Guarani Kaiowá online" busca ensinar as formas de pinturas corporais, a confecção das tintas vegetais e os significados histórico e social dos desenhos inseridos no corpo. No decorrer das ações formativas, realizadas no primeiro semestre de 2021, compartilhamos vídeos - através de um canal na plataforma digital do Youtube - .Objetivo central da oficina é democratizar o conhecimento sobre arte indígena. Como resultados das oficinas pudemos observar o resgate da identidade dos Guarani e Kaiowá, entre a população de crianças e jovens que acompanham as oficinas e, também, a participação de não indígenas que buscam conhecer os povos originários residentes no município de Dourados-MS. Até o momento, o canal "NAIN Jaguapiru" conta com mais de 200 inscritos. Concluímos com nossa experiência da oficina o quanto as ferramentas digitais estão potencializando.

Das formas de sonhar: reflexões sobre exercícios de construção de mundos em meio às pinturas rupestres do Vale do Peruaçu

Lucas Morais D'Assumpção Soares (UFMG)

Ao norte de Minas Gerais, já quase na Bahia, o rio Peruaçu, um dos muitos que brotam da margem esquerda do Velho Chico, correu em meio ao calcário por milênios, esculpindo um formidável cânion chamado de Vale do Peruaçu. Sensível a água como é, o calcário ficou cravejado de lapas e abrigos rupestres com o passar dos anos. Esses abrigos, protegidos por densa mata de galeria - indiferente à caatinga e ao cerrado que rodeiam - são lugares familiares para uma sorte de seres afetados pelo espetáculo proporcionado pelo Vale. Nos últimos anos, venho me aproximando de um dos muitos conjuntos de seres que frequentam as lapas – as pinturas rupestres, encontradas aos montes em intensos entrelaçamentos nas paredes. Assaz sociáveis, as pinturas peruaçuanas protagonizam encaixes e desencaixes entre si, são companheiras de longa data – ao menos 40 anos – de pesquisadorus do setor de arqueologia da UFMG, no qual demoradas relações de campo foram transformadas em títulos acadêmicos, além de serem, primeiramente, parte do corpo-território xakriabá, que ensina e cuida de sues filhes compartilhando com elus sua beleza, para que fiquem psedi (bem-feito e bonito em Akwê). Aqui, pretendo compartilhar algumas

reflexões sobre as relações mantidas entre arqueólogues não-indígenas e as pinturas encontradas nas lapas, e pensar em diferenças com as relações de ensino e aprendizado realizado por conhecedores do povo Xakriabá quando investigam os "presentes dos antigos" que colorem seus corpos e paredes.

Pesca artesanal da tainha em praia recém alargada

Lorena da Luz Bertoldi (UFSC)

Esse trabalho decorrente de uma pesquisa de campo realizada na temporada da pesca da tainha, após a obra de alargamento de uma das praias de Florianópolis em que ocorre a pesca de arrasto, busca por meio da fotografia apresentar e desenvolver compreensões dos encontros humanos e mais-que-humanos que acontecem nessa dinâmica da sazonalidade das temporadas de verão e inverno na cidade e em um arranjo duplamente novo após a obra de alargamento. Se é verdade que o alargamento de praia trouxe mudanças perceptíveis para a pesca artesanal, também é verdade que a pesca não deixou de acontecer mesmo assim. É dentro das novas perturbações e dinâmicas que foram assimiladas no jogo perceptual das técnicas de pesca e modos de percepção do ambiente que a pesca aconteceu e que tentei capturar com a câmera o cotidiano na praia. Pensando na imagem como ferramenta contrária à retórica da perda e como artes de notar, busco demonstrar com esse trabalho de que maneira as modificações geoestratigraficas da terra, decorrentes do antropoceno não configuram, necessariamente, o fim da pesca artesanal, mas apresentam novas relações e informações no jogo perceptual de peixes, pescadores e seus artefatos técnicos.

Somos holobiontes: germinando outras escutas para outros imaginários corporais

Renata de Oliveira Ramos (PUCSP)

Assistimos ao colapso do imaginário moderno sobre o corpo como entidade biologicamente individualizada e separada do mundo. Contra esse modelo hegemônico, os estudos do microbioma humano sugerem que somos holobiontes: associações simbióticas entre hospedeiro e micro-organismos; assembleias interespecíficas em negociação com o ambiente. Esse deslocamento epistemológico implica também uma transformação sensível: é necessário um

aparato simbólico e imaginativo que sustente o paradigma de um corpo povoado, poroso, em escuta e co-presença.

Nesta pesquisa, busco perceber o entrecruzamento entre os estudos do microbioma humano e práticas artísticas contemporâneas. Dialogo com obras de Flavia Pinheiro, Sonja Bäumel, Joana Ricou e Anna Dumitriu, vistas como dispositivos de desestabilização paradigmática ao convocarem práticas de escuta e fabulação que reconfiguram o sensível. Essas obras cultivam imaginários corporais baseados no contágio e proliferação como potência, não como ameaça, ressignificando a relação com o invisível que nos habita.

Se o olhar foi o sentido privilegiado de determinação do real na modernidade, essas obras ativam outros sentidos e percepções. Metáforas bélicas que dominaram a medicina moderna cedem espaço a metáforas ecológicas, resgatando o corpo como território vivo, poroso, em constante coemergência com o mundo.

Trata-se de propor um corpo à altura do Antropoceno, que traz, como potência, outra política do cuidado de si: corpo-floresta em cuidado e expansão.

Fermentações multiespécies no noroeste amazônico: insurreições cosmopolíticas e microbiopolíticas

Melanie Theresia Peter (UFAM)

Nessa comunicação viso pensar os processos de disputa por futuros, a conexão com passados e a potência do presente onde seres encontram-se e criam linhas de existência a partir de processos fermentativos, mais especificamente das bebidas fermentadas indígenas. Especulo, a partir do trabalho etnográfico realizado junto a mulheres indígenas dos povos Tukano e Dessano, que a insurreição fermenta nas frutas caídas, nos tonéis, nos galões, nas mentes, nas casas, nos coxos de caxiri; na festa e no sonho, nas canoas de transformação. Parto das fermentações presentes em práticas alimentares e em rituais das comunidades do noroeste amazônico para compreender a emergência de relações bioculturais que envolvem humanos e outras gentes. Nessas ficções abrangentes do Antropoceno, pensar a dimensão cósmica da fermentação é pensar o mundo que enreda microorganismos, xamanismo feminino, encontros entre distantes, trabalho coletivo, cosmologias e técnicas de transformação dos alimentos e dos corpos. O conceito de fermentação, esse que envolve os processos metabólicos como a transformação química do açúcar

em ácidos, essa prática culinária milenar ganha contornos cosmológicos e possibilita destacar processos dentro dos quais substâncias e palavras ainda podem transformar, fermentar. Isso porque os povos indígenas da Amazônia ainda tem muito a ensinar sobre a microbiopolítica (Paxson, 2008) das relações com microorganismos companheiros na construção de mundos inclusivos de bem viver.

As Escalas do Desmatamento na Amazônia: Materialização e Montagem em Broken Spectre, de Richard Mosse

Caio Dayrell Santos (UFMG)

Este trabalho analisa Broken Spectre (2022), de Richard Mosse, como um experimento estético-político que articula diferentes escalas do colapso ecológico na Amazônia. A instalação combina imagens multiespectrais, registros em ultravioleta, retratos e tomadas aéreas em um filme de 74 minutos projetado em tela panorâmica, entrecruzando linguagens da fotografia científica, do documentário de denúncia e do western. Ao tensionar modos de ver, o trabalho propõe uma experiência sensorial e crítica que desnaturaliza a devastação da floresta.

A análise parte do conceito de materialização, formulado por Karen Barad (2007), segundo o qual as imagens não apenas tornam algo visível, mas produzem as condições pelas quais esse algo pode ser visto, sentido e politicamente significante. Materializar é tornar sensível uma ausência ou presença, mesmo quando não nomeada, por meio de dispositivos que envolvem não apenas o aparato técnico, mas também as condições atmosféricas, ecológicas, políticas e sensoriais que afetam a captura e a forma final da imagem.

A partir da noção de estética forense (Weizman, 2014), argumenta-se que Broken Spectre opera no limiar entre arte, laudo pericial e intervenção política. Ao estetizar a destruição, a obra não busca agradar o espectador, mas provocar uma reação pública. Essa abordagem recusa a separação entre o material e o social, tratando a floresta e sua devastação como eventos históricos, contingentes e atravessados por conflitos que demandam resposta.



ST 09: CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM INTERAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS NOS MUNDOS ALIMENTARES

Coordenador(a): Leonardo Vilaça Dupin (USP), Maria Isabel Trivilin (UFRJ), Rosângela Pezza Cintrão (UFRRJ)

Sessão 01 - ST 09: Ciência e Tecnologia em interações entre humanos e não humanos nos mundos alimentares

Coordenador/a: Rosângela Pezza Cintrão (NUCANE/INU/UERJ; CERESAN/UFRRJ)
Debatedor/a: Leonardo Vilaça Dupin (USP)

A vida do pescado: cardumes em movimento em sistemas de distribuição e conservação de alimentos

Viviane Vedana (UFSC)

Este trabalho baseia-se na pesquisa que realizei em entrepostos comerciais de grande escala, como a CEAGESP – Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo, seguindo as cadeias de beneficiamento, armazenamento e distribuição do pescado. Busco refletir sobre os processos de tradução dos peixes de mercadoria a alimento que emergem do encontro entre práticas, infraestruturas e objetos técnicos neste entreposto comercial que distribui pescado para todo país. Fala-se, na CEAGESP, de "peixe bom" e "peixe fraco", categorias relacionadas às temporalidades de deslocamento dos peixes das águas até o mercado. Peixe bom ou peixe fraco se fazem em mediações técnicas e em movimento. Caminhões frigoríficos, caixas e gelo, diferentes tipos de instrumentos, forças e gestos, mediam estas transformações dos peixes. Um conjunto de habilidades estão envolvidas nesta tradução: habilidades gerenciais relacionadas a negociação com produtores, com o transporte e conservação, habilidades de comercialização entre vendedores e compradores, habilidades técnicas de veterinários na avaliação dos pescados que chegam ao entreposto. Pretendo mostrar que a qualidade do "peixe bom" se realiza na qualidade da cadeia técnica, desde o manejo do peixe na pesca e suas formas de armazenamento no barco,

até as formas de conservação do pescado que vai ser vendido nas plataformas do entreposto, procedimentos técnicos que devem garantir o sabor e o frescor do peixe para que ele não se torne "fraco".

A vida no Queijo Serrano importa: etnografia sobre um queijo produzido no sul do Brasil

Guilherme Rodrigues de Rodrigues (UFPEL), Renata Menasche (UFPEL)

Nos Campos de Cima da Serra, região situada ao nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, é realizada a produção tradicional de Queijo Serrano. O queijo é um produto artesanal, feito à base de leite cru recém ordenhado, sal e coalho. As condições ambientais, climáticas, territoriais e microbiológicas fazem deste queijo um produto único, com aromas e sabores característicos.

Cultura, identidade, tradição, saber fazer e outros elementos são traços distintivos deste queijo. No entanto, no Brasil, as normas sanitárias para produtos de origem animal são rígidas e incompatíveis com a realidade dos pequenos produtores, pois atendem majoritariamente às demandas da indústria, dificultando a inclusão formal do queijo artesanal familiar.

Partindo dessa questão em direção a um diálogo possível, esta pesquisa propõe uma abordagem que visa aprofundar a compreensão desses conflitos, examinando as noções de vida que estão em questão. Propõe-se pensar sobre uma coevolução do ser humano com a fermentação (KATZ, 2011), abordagem que se distancia da que propõe uma relação antropocêntrica com o ambiente (SÜSSEKIND, 2018), aproximando-se de uma Antropologia da Vida (INGOLD, 2015). A urgência da questão está na necessidade de uma mudança de paradigma: trocar a ideia de um mundo asséptico pelo entendimento de que – como no estudo de Benemann (2021) – cozinhamos com outras vidas. Ou, pensando no queijo, produzimos com outros vivos.

Cozinhando a Diferença: Alimentação e os Limites da Mestiçagem

Natalia Velloso Santos (UFRJ)

Este trabalho analisa a alimentação como metáfora e campo de disputa nas teorias da mestiçagem, a partir de dois eixos: um etnográfico, baseado em pesquisa de campo realizada em 2016 na cidade da Praia, e outro teórico, centrado na obra de intelectuais como Gilberto Freyre e

Gabriel Mariano, que abordaram a intersecção entre alimentação e mestiçagem em contextos coloniais. Discute-se como a culinária tem sido mobilizada para reforçar ideias de fusão cultural e harmonia racial, com destaque para metáforas como o "caldeirão cultural", nas quais a mistura de ingredientes simboliza a integração de culturas e raças. No entanto, ao examinar mais atentamente as formas como a alimentação aparece nas narrativas da mestiçagem, percebe-se que ela vai além de uma simples ilustração metafórica: a culinária constitui também um campo privilegiado de reflexão sobre os processos sociais desencadeados pela colonização e as formas de resistência a ela. Em contraponto ao modelo de fusão, são apresentadas narrativas que desafiam essa perspectiva, como a noção etnográfica de kumida di tera, que contesta o modelo colonial estruturado na ideia de origem dos alimentos e técnicas. Essa noção dialoga com a visão de Fernando Ortiz sobre o ajiaco cubano, que enfatiza a heterogeneidade dos processos culturais. Assim, propõe-se compreender a alimentação não apenas como símbolo da mestiçagem, mas como um campo autônomo de conhecimento no qual lógicas de composição das diferenças são elaboradas e disputadas.

Ativismo alimentar, racismo epistêmico e inter-mundos alimentares: O caso das plantas alimentícias não convencionais (PANC)

Rebeca Rose dos Santos Leandro (UFRRJ)

A partir da perspectiva da encruzilhada, que nos ajuda a pensar e transitar entre diferentes campos do saber científico e das correntes de pensamento e teorias, e do conceito de Oralitura, tal qual descrito e definido por Leda Maria Martins (2003), a memória dos saberes e ciências não se inscreve apenas no papel, mas também no corpo e na voz (e por que não nas folhas?), em gesto e performance. Ao ler, por exemplo, as folhas de uma pitangueira, um corpo que dança ou uma voz que faz mediação com outros mundos, a pesquisa pretende tecer diálogos entre ativismo alimentar, consumo político, racismo epistêmico e o caso das plantas alimentícias não convencionais (PANC). Nesse sentido, os principais objetivos do trabalho são; conduzir uma breve exploração acerca da história social do termo PANC, bem como suas problematizações, e investigar as aproximações e tensões entre a politização da comida e do comer, o ativismo alimentar contemporâneo no Brasil, o racismo epistêmico e a cultura alimentar dos povos tradicionais.



Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de mestrado “Ativismo Alimentar no Brasil: Os movimentos em torno das Plantas Alimentícias não Convencionais (PANC)” do programa de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRRJ, defendido em dezembro de 2023.

Cogumelos para comer e para pensar: indo além da alimentação num projeto de inovação na fungicultura

João Phillip Tilopa Barbosa de Oliveira Neuen (Aut)

O quê se entende por “cogumelos”? No Brasil, frequentemente, se entende como “cogumelos alucinógenos”, particularmente da espécie Psilocybe cubensis. No interior de Portugal ouve-se “míscaros”, “frades” e “boletos”. Na antropologia pensamos “Anna Tsing”, na contracultura “Terence McKenna” e na biologia talvez “Paul Stamets”. Neste trabalho, apresento um projeto de inovação no cultivo de cogumelos, estabelecido por um brasileiro no interior de Portugal, na “vila do cogumelo” da região. Este projeto acabou fracassando, com pequenos malogros se acumulando. Cada um destes momentos ensaiava um tipo de esperança, uma renovação que, finalmente, ofereceria chances de uma retomada. Central foi a polissemia dos “cogumelos”, cujo sentido era modificado, restringido e, principalmente, expandido, conforme novos aliados se juntavam ao projeto. Ali, cogumelos como alimento, que eram os protagonistas da forma inicial do projeto, foram apenas um ingrediente entre outros nesta sopa controversa que são os fungos e, ao passo em que se perdia terreno na vila, outros usos, acepções e agências dos fungos entraram em destaque. Por fim, parafraseando Lévi-Strauss, porém, num sentido diferente do dado por ele, mostro como cogumelos não são bons apenas para comer, mas também para pensar. Pensando em fungos, meus interlocutores foram além do cogumelo alimentício, desenvolvendo uma série de produtos e, inclusive, deixando-o para trás, pelo menos em sua roupagem usual.



Sessão 02 - ST 09: Ciência e Tecnologia em interações entre humanos e não humanos nos mundos alimentares

Coordenador/a: Leonardo Vilaça Dupin (USP)

Debatedor/a: Stephanie Ferreira Sacco (UFPB)

Paneles y Palenque: Africanized honey bees, race, and Indigeneity in Caribbean multispecies worlds

Andrés Triana Solórzano (Yale University)

Formally collectivized in the aftermath of Hurricane María in 2017, La Colmena Cimarrona is a grassroots organization led by women of color that actively advances food sovereignty through the apiculture of Africanized honey bees. Rooted on the island of Vieques, part of the Puerto Rican archipelago, their activism challenges and reimagines the enduring settler-colonial violences of plantation economies, militarism, and the tourism industry. Rooted in radical Caribbean histories and thought, their work embodies a self-proclaimed aspiration to form a palenque—a Maroon community—that nurtures sustainable livelihoods despite the persistent encroachment of U.S. occupation. Here, marooning is not understood in the traditional sense of flight and settlement beyond the plantation, but rather as a contemporary political praxis: a strategic (dis)engagement with the settler state and a resistance to colonial plantation logics. Drawing on ethnographic fieldwork and archival research, this article traces how La Colmena Cimarrona, as a contemporary Maroon geography, is anchored in deeper histories of anti-colonial resistance in Vieques and broader traditions of radical Caribbean, Indigenous, and Afro-Latin American thought. By thinking alongside the Colmena's engagement with bees as an emergent form of cimarronaje, this research critically explores how the construction and critique of racialized place and belonging are not only interspatial and intertemporal—but also interspecies.



Colonialismo, gafanhotos e marginalidades no Antropoceno: Reflexões sobre entomofagia entre passado e presente a partir dos documentários Nsenene (2021) e Grasshopper Republic (2023)

Isabela Quint Martins (Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz)

O trabalho reflete sobre a coleta de nsenene (Ruspolia differens) em Uganda a partir dos documentários Nsenene (2021) e Grasshopper Republic (2023). As obras retratam a importância da migração de gafanhotos, durante as temporadas anuais de acasalamento da espécie, para a continuidade do consumo de nsenene por diferentes populações localizadas na Região dos Lagos. As narrativas descrevem majoritariamente o ponto de vista dos coletores: suas visões sobre as causas do fenômeno, as tecnologias empregadas e seus riscos à saúde, além de suas expectativas econômicas. Tal entrelaçamento de agências humanas e não-humanas indicam mudanças históricas pertinentes ao Antropoceno, como a crítica às contraposições entre "natureza" e "cultura" na formação do pensamento científico ocidental e os impactos localizados e assimétricos das mudanças climáticas ao redor do mundo. A pesquisa relaciona o avanço capitalista em África, demarcado pelo imperialismo europeu a partir do século XIX, com a marginalização de práticas alimentares africanas. Em especial, objetiva-se demonstrar como o racismo foi um elemento articulador entre a produção de conhecimentos sobre as regiões tropicais e a implantação de políticas coloniais excludentes. A pesquisa considera a emergência do tema na contemporaneidade, tendo em vista que a entomofagia tem sido reconhecida como alternativa no combate à fome e à substituição de proteínas animais consideradas ambientalmente mais degradantes, sobretudo em países tropicais.

Da amilase salivar às enzimas de laboratório: uma releitura do cauim pela gastronomia brasileira

Cassandra Dalle Mulle Santos (UFRJ), Renato Augusto da Silva Monteiro (UFRJ), Nina Pinheiro Bitar (UFRJ)

A produção de bebidas fermentadas remonta às mais longínquas práticas ritualísticas da humanidade. No contexto das cauinagens as mulheres possuíam um papel fundamental (Fernandes, 2004), já que a sua saliva era utilizada para a fabricação do cauim, através da técnica de mascar os produtos amiláceos para sacarificá-los. Tal processo acontece pela ação sacarificante

da saliva onde se encontra a enzima ptialina, que contribui para a transformação do amido em açúcar fermentescível (Lima, 1997). Propomos apresentar uma discussão acerca da experiência de produção de bebidas fermentadas alcoólicas desenvolvida em um curso de bacharelado em gastronomia. Além do conteúdo sobre produção do cauim, foram realizadas aulas sobre cosmologia ameríndia (Viveiros de Castro, 2004) e sobre o problema da indústria da cerveja no Brasil (Monteiro, 2004), buscando pensar o resgate da produção de bebidas indígenas. Ao invés do uso da técnica de insalivação foram utilizadas enzimas liofilizadas (alfa-amilase) para a sacarificação do amido e leveduras para fermentação. Logo, propomos neste estudo problematizar em que medida o uso controlado da produção de bebidas de forma artesanal se distancia ou se aproxima do uso originário de bebidas fermentadas indígenas. Por fim, apresentamos os resultados da produção de bebidas fermentadas de mandioca e milho e a atual fase de melhoramento.

Experimentos com socioalidades como catalizadoras da saúde

Isabella Simões Bissiatti Ferraz (UNEB)

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a saúde a partir do conceito de epistemicídio, elaborado por Sueli Carneiro (2023), que critica o eurocentrismo socioteórico por privilegiar o conhecimento científico em detrimento de saberes diversos. A autora denuncia como a colonização consolidou uma experiência social hegemônica, reduzindo outras formas de conhecimento (Cornell, 2012). Leitora de Michel Foucault (1975), Carneiro utiliza o conceito de dispositivo para evidenciar um "dispositivo de racialidade" operante no Brasil, que marginaliza saberes alternativos por meio da centralidade do sujeito ocidental. A metodologia baseia-se em revisão de literatura, com foco nos estudos de Carneiro e Foucault, que evidenciam a urgência de novas assembleias de vida. A discussão sobre a complexidade dos processos sociais e seu movimento contínuo evoca a destruição de pressupostos epistemológicos herdados da modernidade, incorporando sociabilidades mais-que-humanas e compreensões ampliadas sobre a ecologia antropocênica. Propõe-se pensar a saúde como processo que ultrapassa o humano, protagonizando outros entes em sua constituição e promovendo outros eixos de experimentação. Exemplo disso é a relação com as águas no Vale do Jequitinhonha, que nutrem o bem-estar do território, assim como a mandioca nutre os afetos dos almenarenses. A saúde não se reduz ao biofisiológico; exige abertura para a arte de notar o mundo e os saberes mais-que-humanos.



Las comidas y bebidas entre lo global y lo local: prácticas de resistencia en México y Uruguay

Pablo Piquinela (Universidad de la Republica), José Tenorio (Unam)

Nos proponemos trabajar el consumo de alimentos locales en dos casos de estudio, a partir de dos trabajos de campo etnográfico. El primero de ellos, realizado en Chiapas, México, analiza cómo las bebidas a base de maíz coexisten con los refrescos, en un marco de mercantilización de la dieta, donde el refresco opera como símbolo de modernidad. El segundo, situado en el departamento de Rocha, Uruguay, aborda el consumo de frutos nativos y alimentos del mar; en el marco de relaciones de producción, distribución y consumo de alimentos marcadas por la "Revolución Verde" y los circuitos agroexportadores. Se analizarán también aspectos relacionados con las técnicas de preparación de alimentos y las tradiciones alimentarias. Nos apoyamos en los análisis sociológicos que articulan matriz productiva, condiciones materiales y hábitos alimentarios (Contreras y Arnaiz, 2015; Mahoney, 2015; Pollan, 2016).

La presentación hará foco en la disputa de mundos en torno a los circuitos que posicionan a los consumidores como portadores de tradiciones a la vez que participan de circuitos económicos que los ubican como agentes vendedores y compradores de productos globales.

Deuses, humanos, animais e plantas: Ontologias em disputa na antiguidade greco-romana

Pedro Ribeiro Martins (UFRJ)

Na antiguidade greco-romana, havia um amplo debate entre filósofos e mitógrafos sobre a classificação de deuses, humanos, animais e plantas. A posição hegemônica era representada não só por poetas como Hesíodo, como também por filósofos como Aristóteles, Estóicos e Epicureus. Nessa perspectiva, há uma divisão hermética entre deuses, humanos, animais e plantas. Hesíodo diz que os humanos teriam vivido antigamente com os deuses, mas que perderam acesso a eles ao serem expulsos de Mecone. Também Hesíodo afirma que os seres humanos receberam a justiça diretamente de Zeus, ao contrário dos demais animais. Seguindo uma lógica similar, Aristóteles defende que as plantas existem para os animais e os animais para os humanos e que há uma guerra justa entre homens e animais. Uma perspectiva alternativa, entretanto, entende que

as fronteiras entre os seres são mais fluidas. Desenvolvida pelos Pitagóricos e por Empédocles, essa visão teve defensores na Academia platônica, foi aplicada por Plutarco e, finalmente, por Porfírio. Essa posição entende que todas as almas compartilham algum grau de parentesco ou familiaridade em razão das similaridades dos corpos e das almas. Mesmo ainda havendo uma hierarquia entre os seres, há a possibilidade de equivalência ou intercâmbio entre eles. Isso é refletido, por exemplo, não só na teoria pitagórica da Transmigração das almas, mas também na noção de que há uma comunidade entre humanos e animais.



ST 10: COEXISTÊNCIA MULTIESPÉCIE EM TEMPOS DE CRISE ECOLÓGICA: ENTRELAÇAMENTOS, AGENCIAMENTOS E DESTINOS COMUNS

Coordenador(a): Felipe Süssekind Viveiros de Castro (PUC-RIO), Felipe Vander Velden (UFSCAR), Ana Paula Perrota (UFRRJ)

Sessão 01 - ST 10: Coexistência multiespécie em tempos de crise ecológica: entrelaçamentos, agenciamentos e destinos comuns - Territórios em disputa: ruínas, mineração e regeneração

Coordenador/a: Ana Paula Perrota

Da cruz ao lítio: fricções mais-que-humanas em um território suspenso pela mineração

Samuel Perini Nunes (UFMG)

Este trabalho etnográfico parte da experiência vivida em Pomarolli, uma comunidade rural no interior de Minas Gerais, que recebeu, em 2023, a visita silenciosa da mineradora Atlas Lithium. O que poderia parecer apenas uma fase técnica de sondagem mobilizou uma rede densa de relações entre humanos e outros-que-humanos: afetos, veios subterrâneos, rezas, práticas de cuidado e presenças espirituais que compõem o cotidiano do território. Inspirado por Anna Tsing e Donna Haraway, investigo como a presença da mineração instaurou fricções entre diferentes regimes de valor — espiritual, mineral, comunitário — e como a terra respondeu não como objeto, mas como agente. O Morro dos Cruzeiros, espaço sagrado para a comunidade, foi marcado para sondagens, revelando um conflito entre cosmologias que tensiona as formas de imaginar o futuro. Após a retirada da empresa, o que restou foi um estado de suspensão: mapas traçados, estradas reativadas, mas nenhum projeto realizado. É nesse intervalo, povoado por rezas, rumores, silêncios e ritmos subterrâneos, que modos de existência brotam nas frestas. A terra se recusa a ser apenas depósito mineral; ela insiste como lugar de cuidado, memória e coabitação. Essas práticas revelam modos de coexistência com a terra que resistem à homogeneização minerária e sustentam ecologias relacionais em cenários de suspensão e disputa.



Relatos do fim do mundo: a produção de ruínas em ambientes veredeiros no Norte de Minas Gerais

Luzimar Paulo Pereira (UFJF)

Esta apresentação é o recorte de uma pesquisa mais ampla iniciada em 2025, cujo interesse é etnografar a emergência das "veredas" - ambientes úmidos e biodiversos, associados a inúmeras formas de vida social humana e não-humana no cerrado — como marcadores de territórios de resistência, onde as autodenominadas "comunidades veredeiras" desenvolvem estratégias dissidentes de preservação e regeneração ecológica diante da expansão do agronegócio nos municípios de Januária e Bonito de Minas, Norte de Minas Gerais. Pretende-se destacar aqui um conjunto de relatos produzidos pelos camponeses da região que justificam e revelam as premissas que orientam suas lutas. As descrições do uso de "correntões" para a derrubada de "matas" e da implementação de "projetos de irrigação" em áreas de "várzeas" e "pantâmes", dentre outras atividades conduzidas e fomentadas pelas "firmas" (empreendimentos colonizadores vinculados ao agronegócio), indicam a ocorrência de eventos-catástrofes que transformam em ruínas antigas paisagens multiespécies. Um experimento etnográfico voltado à tradução destes relatos camponeses ajudaria a dar alguma inteligibilidade às motivações e aos sentidos que orientam as ações do "movimento veredeiro".

Ruínas férteis: etnografia de uma horta agroecológica em um território atingido pela Braskem

Laryssa Owsiany Ferreira (Instituto de Estudos da Religião (ISER)

O maior crime corporativo socioambiental em área urbana em curso no mundo deixou uma ferida aberta na cidade de Maceió (AL). Mais de 200 mil famílias foram afetadas pela subsidência do solo causada pela extração de sal-gema realizada pela Braskem, e um "apocalipse embaixo d'água" causou a extinção dos sururus e a morte de toneladas de peixes. A Defesa Civil, ao apresentar justificativas para a completa devastação destes territórios afirma que casas em ruínas "podem gerar epidemias, zoonoses e problemas ambientais". Uma superpopulação de gatos, escorpiões, aranhas, insetos, ratos, focos de dengue, fungos e "plantas descontroladas" são também utilizados de forma frequente para descrever o cenário distópico da capital.



Por meio de uma etnografia que percorre as paisagens multiespécies dos bairros afetados pela mineração, este trabalho se debruça sobre o projeto de uma horta agroecológica desenvolvida por uma igreja. Um dos aspectos que mais chamam a atenção é o modo como a Igreja Batista do Pinheiro se compromete com a proclamação de uma "fé comprometida com todas as existências", não apenas as humanas. A comunidade tem investido neste projeto como um forte símbolo de que "onde a Braskem plantou morte e destruição, seguimos plantando sonhos e esperanças de dias mais justos e ecologicamente responsáveis", disputando a narrativa de que ruínas não são apenas sinônimos de um mundo colapsado, mas também podem ser espaços onde novas formas de resistência e adaptação podem emergir.

Escala do toque: escrever as ruínas de Minas em companhia dos fungos

Vitor Chiodi (UNICAMP)

Este trabalho deriva de uma parte da minha tese. Na tese desenvolvi o que chamei de "escrita micelial" — encontro entre teoria feminista e o estudo etnográfico dos fungos. Como essa escrita afeta a ideia de fim do mundo? Explorei três possibilidades. Este trabalho focará em uma delas, que aborda a literatura de Drummond sobre as ruínas de Minas a partir de uma "escala do toque" micelial. Mineiro, articulei minhas próprias experiências pessoais com a mineração, um campo em Itabira e a poesia de Drummond, deixando-as apodrecer. A escala do toque, onde a tentacularidade feminista e a radialidade fúngica se encontram, sugerem um caminho para lidar com o sentimento de fim iminente que impõe o choque de mineiros e mineração.

As mycelia crescem radialmente, dissolvendo dentro/fora: tudo que tocam torna-se parte da colônia. Essa exploração ecoa a teoria da bolsa e a tentacularidade feministas, onde tocar provoca transformações ontológicas constantes e os corpos individuais se tornam inconcebíveis. Micelial, a escala do toque guiou a coleta de histórias findomundistas, dentre elas, as ruínas de Minas. Fins de mundo aparecem em escalas diversas: do pó de minério em nossos pulmões e nas superfícies das cidades, às barragens que podem ser vistas do espaço. Os fungos sugerem reações possíveis ao fim do mundo que recusam a paralisia boquiaberta à catástrofe. Abrir novos caminhos pela escala do toque, ao alcance dos dedos. Distante das mudanças planetárias e perto dos pulmões de ferro.



Arquitetura em regeneração: Práticas de cuidado com o solo no ‘’Minhocão’’ da gávea

Ana Clara dos Santos Mesquita (PUC-RIO)

Mobilizada por inquietações de um mundo em colapso, em um planeta ‘’quebrado’’, esta pesquisa pretende revirar os sedimentos de uma tradição modernista de longa vigência no campo da Arquitetura e Urbanismo, tendo como foco práticas de cuidado no Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, conhecido como Minhocão, projeto de Affonso Eduardo Reidy dos anos 1950, no bairro da Gávea, Rio de Janeiro, que será campo, mas é também lugar onde nasci e cresci. Pretende-se com isso buscar possíveis caminhos em práticas contemporâneas sensíveis à complexidade da emergência climática, no contexto do Plantationceno, tendo como base o solo urbano, o cuidado como atividade ética e a contra cartografia como ferramenta de participação e sensibilização para o tema. O destino do caminho proposto neste trabalho será o de investigar possíveis modos de fazer ver ações espontâneas de cuidado que interagem com a arquitetura no seu aspecto talvez mais primordial: o de garantir habitabilidade. E aqui, sobretudo, uma habitabilidade multiespécie. Assim o trabalho desenvolve por meio de entrevistas e desenhos coletivos cartografias das práticas de cuidado laboradas pelos moradores e moradoras do Minhocão, que se sensibilizando com o cuidado com o solo em seu território, dão a ver as fissuras dos binômios hegemônicos como local e planetário, natureza e cultura, tão fundantes do paradigma do desenvolvimento moderno, mobilizando assim o território da arquitetura pela chave da biodiversidade.

Redes de Cuidado Multiespécie em contextos de Desastre: uma Etnografia a partir das Enchentes de 2024 em Porto Alegre

Bernardo Lewgoy (UFRGS)

Esta comunicação apresenta resultados de pesquisa etnográfica sobre as redes de cuidado multiespécie que emergiram durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, o maior desastre socioambiental da história do estado. A partir da articulação entre antropologia dos desastres e estudos multiespécie, examino como práticas de resgate, acolhimento e assistência a mais de 12,5 mil animais revelaram vulnerabilidades compartilhadas e formas emergentes de "sobrevivência colaborativa" (Tsing, 2022). A análise foca nas "artes da atentividade"

(VanDooren et al., 2016) desenvolvidas por voluntários, veterinários e famílias acolhedoras, examinando como as "temporalidades do cuidado" (Bellacasa, 2017) desafiaram ritmos institucionais de emergência. Investigo as infraestruturas digitais de cuidado mediadas por redes sociais e as transformações políticas que resultaram na criação do primeiro Plano Estadual de Ações de Resposta à Fauna do Brasil. A pesquisa evidencia como eventos críticos catalisam o reconhecimento de "espécies companheiras" (Haraway, 2021) e contribuem para políticas mais inclusivas diante da intensificação de desastres climáticos, revelando destinos entrelaçados em tempos de crise ecológica.

Sessão 02 - ST 10: Coexistência multiespécie em tempos de crise ecológica: entrelaçamentos, agenciamentos e destinos comuns - Cidades mais que humanas: cooperação, cuidado e conflitos

Coordenador/a: Felipe Vander Velden (UFSCar)

Pensar-com mamoeiros na cidade: ensaios para uma inteligência vegetal urbana

Bruno Amadei Machado (UFRJ)

Deslocando o foco para além do humano, que presenças, agências e inteligências podem ser notadas no chão da cidade? De forma mais ampla, como a virada vegetal também pode revirar a agenda urbana? Partindo da hipótese de um Urbanismo Multiespécies, esta comunicação aposta em uma abordagem relacional e contingente para questionar o viés antropocêntrico dos estudos urbanos, refletindo desde a perspectiva fornecida pelas suas camadas vegetais. Como caso exemplar, acompanho o mamoeiro (Carica papaya), frutífera tropical muito apreciada por aves, insetos, fungos e humanos.

Introduzido no Brasil nos primórdios da colonização, o mamoeiro carrega consigo a violência das conquistas, a expansão dos impérios, a devastação do plantation... e a esperança nos desvios. Inclusive urbanos. Considerados cosmopolitas pela sua ampla distribuição biogeográfica e ruderais pelos seus hábitos ecológicos, são comumente vistos crescendo fora, dentro e nas bordas difusas da cidade.



Nesta comunicação, sigo em aliança com mamoeiros cariocas, descrevendo seus movimentos por interstícios infraestruturais, canteiros ornamentais e parques patrimonializados. A partir deles, ensaio cinco proposições acerca de uma possível inteligência vegetal e ao mesmo tempo urbana. Em cada proposição, inspirado por Donna Haraway para pensar-com espécies companheiras, destaco traços de co-constituição, finitude, impureza, historicidade e complexidade que envolvem mamoeiros e nos envolvem nos seus mundos urbanos.

Modos de ver e voar: a prática de observação de aves no Pantanal mato-grossense

Igor Costa Oliveira (PUC-RIO)

Este trabalho investiga a prática da observação de aves no Pantanal mato-grossense, entendendo-a não apenas como prática turística ou de lazer, mas como forma de atenção cultivada às transformações socioambientais em curso. As aves, sensíveis às transformações ecológicas, tornam-se indicadores vivos das alterações no território, enquanto os observadores se engajam em complexos sistemas de percepção. O "ver pássaro" é uma operação que envolve um engajamento ativo e corporal com o ambiente, manifestado em técnicas perceptivas modernas e intuitivas, que demandam improvisação e aprendizagem contínua, articulando aspectos objetivos e subjetivos. Ao analisar as passarinhadas como prática ecológica, o estudo revela seus efeitos na paisagem, na economia local, na produção de conhecimentos e no fortalecimento da ciência cidadã. As paisagens pantaneiras resultam desses encontros parciais, verdadeiros projetos de fazer-mundo entre pássaros e humanos. O desafio é explorar os contatos parciais nesses emaranhamentos, percebendo o que emerge nas bordas desses projetos de mundo e seus efeitos inesperados. Propõe-se pensar como essa atividade configura zonas de contato e efeitos de borda ontológicos entre humanos e aves, onde se entrelaçam modos de existência, sendo a divergência base para relações simétricas e situadas. Passarinhar convoca outros modos de habitar os mundos, com cuidado e responsabilidade, trazendo à tona debates mais amplos sobre ciência, conservação e Antropoceno.



Cães, lobos e hibridações: as cidades e refúgios como espaços de relação interespécies

Arthur Arruda Leal Ferreira (Instituto de Psicologia/HCTE - UFRJ)

Esse trabalho está vinculado a relação interespécies em dois cenários: refúgios e espaços urbanos. Mais precisamente, a relação estudada será entre humanos e canídeos em um refúgio para cães-lobos no Canadá e nas cidades chilenas. O Refúgio Yamnuska de cães-lobos em Calgary não busca preservar espécies em extinção, mas oferecer um espaço mais adequado dentro da controversa presença destes canídeos como objeto de comércio, aquisição e adoção por humanos. O que se entende é que o problema de cruzamentos dentro de uma mesma espécie (canis lupus) vem da relação com os humanos e da expectativa de possuir animais com fenótipo de lobo e conduta de cão, o que muitas vezes leva a resultados frustrantes para os proprietários, e muitas vezes abandono. Esse cenário é completamente diferente se abordamos as cidades como uma espécie de um novo refúgio para os cães de rua no Chile (quiltros). Aqui eles não são considerados como espécie em extinção ou problemática no convívio com os humanos, mas inclusive seria possível delinear condições de cidadania e atividade política nestes espaços urbanos. Os problemas mais agudos nessa relação ocorrem na periferia e no campo, espaços que teriam características de refúgio, onde matilhas e grupos supostamente perigosos se formam. Nesta última pesquisa, em três fases (antes, durante e após o estalido social de 2019/20), pôde ser observada a presença de quiltros nas manifestações de rua, levando à discussão do sentido político desta conexão interespécies.

Conflitos morais acerca da humanidade de humanos e cães em situação de rua: Humanidade(s) além do humano

Matheus Soares Ferreira (UFRRJ)

O debate sobre a humanidade não é novo nas Ciências Sociais (LEACH, 1982) e nem abraça apenas a espécie humana (PERROTA, 2015). Ailton Krenak (2019) se indaga se a humanidade no ocidente é a razão - e um meio - de justificar usos de violência entre os seres viventes (KRENAK, 2019). Assim, observa-se que humanos e animais em situação de rua estão sujeitos a violência urbana e a invisibilidade, colocando em debate a sua humanidade e a perda dela. Esta pesquisa, parte da minha monografia, procura compreender como o recorte analítico da

ideia de humanidade nos permite entender o trabalho necessário para tornar-se um ser moralmente digno de vida pensando as categorias de "quase-humanos" e "muito-humanos" (Krenak, 2019). Portanto, pretende-se analisar as perspectivas morais e as controvérsias acerca da humanidade, conforme os distintos contextos relacionais que envolvem humanos e cães e o ambiente que vivem: a rua. Este trabalho utiliza de uma pesquisa bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos das ciências sociais e uma análise dos relatos de humanos em situação de calçada nas redes sociais da ONG "SP Invisível", adotando uma abordagem compreensiva a respeito dos grupos sociais que proponho o estudo. Logo, nota-se na pesquisa como a humanidade "universal" não inclui todos os seres, inclusive os da espécie humana, e como a relação entre humanos e cães em situação de rua produz um valor moral à vida destes indivíduos.

A história de uma harpia em cativeiro

Iara Maria de Almeida Souza (UFBA)

Os zoológicos foram por longo tempo lugares de entretenimento e exposição de "animais exóticos". Depois de terem contribuído parcialmente para a extinção de espécies, ao estimular o tráfico de animais silvestres para compor suas coleções, atualmente eles têm se reconfigurado como instância importante na conservação de espécies, através da reprodução de animais em cativeiro (ex situ). Este trabalho reconstitui a trajetória da reprodução de uma filhote de harpia no zoológico de Salvador. A harpia (Harpia harpyja), uma grande águia habitante das Américas, é uma espécie à beira da extinção. Mesmo sendo de difícil reprodução em cativeiro, zoológicos se esforçam para ampliar sua população visando a soltura de espécimes em ambiente livre. A ave, cuja história será narrada, passou os dois primeiros meses de vida na casa da veterinária responsável por seus cuidados, depois foi criada no zoológico de Salvador até atingir a maturidade, quando foi enviada para outro zoo a fim de acasalar. Recuperar a história dessa harpia nos permite compreender como o trabalho de reprodução desenvolvido no local se vincula a redes mais amplas voltadas para a conservação de espécies, assim como abre uma perspectiva para examinarmos as relações entre animais silvestres e profissionais do zoológico que precisam lidar com as ambivalências encarnadas na existência desses bichos classificados como selvagens, mas que vivem em cativeiros com humanos.



“Como perdigueiros amestrados”: sensibilidades humano-animais e infraestruturas do capitalismo nos relatos sobre a pesca com botos em Laguna/SC (1900-2000)

Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (UFSC), Sara Pereira da Silva Vinter Schmitt (UFSC), Bruno Guth Oliveira (UFSC)

A cooperação entre golfinhos e pescadores artesanais para a captura de tainhas é um fenômeno biossocial raro, registrado em alguns estuários do litoral sul do Brasil. Em Laguna, no sul de Santa Catarina, a memória social dos pescadores e os poucos registros escritos disponíveis apontam que a prática tem ocorrido continuamente desde a segunda metade do século XIX, envolvendo várias gerações de humanos e botos. Nesta comunicação, analisamos um conjunto diverso de relatos – folclóricos, jornalísticos e científicos – produzidos ao longo do século XX sobre a pesca com botos, com especial atenção às diferentes formas de sensibilidade humano-animal que emergem dessas descrições. Mais do que testemunhos sobre as transformações técnicas e socioeconômicas vividas pela prática, entendemos esses registros como expressões metonímicas dos modos de percepção, identificação e relação com a animalidade (selvagem e domesticada) vigentes em diferentes contextos históricos. Assim sendo, os relatos revelam os quadros de referência mobilizados por distintos segmentos da sociedade para compreender um fenômeno que desafia concepções convencionais nas ciências biológicas e humanas, bem como as consequências não-intencionais de infraestruturas do capitalismo fóssil sobre formas de interação entre humanos e vida selvagem. A comunicação decorre da instrução técnica do registro da pesca com botos no sul do Brasil como Patrimônio Cultural Brasileiro (CANOA-UFSC/IPHAN).



Sessão 03 - ST 10: Coexistência multiespécie em tempos de crise ecológica: entrelaçamentos, agenciamentos e destinos comuns - Cosmopolíticas e ecologias do futuro

Coordenador/a: Felipe Süssekind Viveiros de Castro

Para Onde Os Pássaros Voam Em Tempos De Guerra? Pensando os Antropos e a Pandemia de Covid-19 a partir da Respiração dos Povos Afro-Pindorâmicos no Ceará

Suzana Saynara Paiva de Sousa (UNILAB)

Em uma metáfora, a respiração é tida como um caminho para refletir sobre cenários de violências vivenciados pelos povos afro-pindorâmicos no Ceará, tendo como recorte temporal a pandemia de covid, em uma guerra biológica e simbólica pelo ar. A discussão se localiza, territorialmente, com os indígenas Pitaguary, localizados nos municípios de Maracanaú e Pacatuba, e os quilombolas do Quilombo do Cumbe, localizado no município de Aracati. A base teórica se desenvolve com Marras e Taddei (2020), Donna Haraway (2016; 2018), Anna Tsing (2015; 2021), Malcolm Ferdinand (2019) e Ailton Krenak (2018; 2019; 2022). Para considerar os povos afro-pindorâmicos, referencio Bispo dos Santos (2015) e, para pensar as privações da respiração, dialogo com A. Mbembe (2020). A Introdução situa o levantamento bibliográfico e documental e a utilização de diferentes linguagens para a pesquisa. É feito o uso do documentário "Tudo o que respira", do diretor Shaunak Sen, e da música "Passarinhos" do cantor Emicida, para traçar alguns paralelos entre o ar, as formas de violências estruturais e relações entre espécies em natureza. O desenvolvimento é dividido em três momentos: "Reflexões sobre os antropos"; "Respiração e a Pandemia de Covid-19" e "Povos Afro-Pindorâmicos no Ceará". A síntese vem em uma tentativa de pensar as guerras territoriais e de sobrevivência também dentro do campo simbólico e metafórico do direito à respiração nas relações das múltiplas espécies que respiram.



Dimensões humanas nas translocações de fauna para conservação no Mosaico Central Fluminense

Natalia Barros Silva (UFRJ), Maron Galliez (IFRJ), Joana Macedo (Refauna)

O histórico de ocupação e exploração da Mata Atlântica levou a um cenário crítico, com remanescentes que correspondem a apenas 23% da cobertura original, além de extinções locais de espécies animais, perda de interações ecológicas e de resiliência dos ecossistemas. A restauração ecológica é uma forma de reverter esse cenário e conta com a translocação de fauna como ferramenta. Contudo, é comum que ações de translocação considerem apenas aspectos biológicos e ecológicos, relegando as dimensões sociais. O projeto de refaunação do Mosaico da Mata Atlântica Central Fluminense, conduzido pelo Refauna, busca integrar esses três eixos. O projeto teve início com a reintrodução de antas (Tapirus terrestris) a partir da Reserva Ecológica de Guapiaçu, em 2017, e atualmente planeja translocar ao menos mais duas espécies para a região. Nosso estudo descreve uma análise das percepções da comunidade do entorno da área de reintrodução sobre as antas e espécies candidatas à translocação futura, a partir de 199 entrevistas semiestruturadas. Os entrevistados apresentam percepção positiva sobre a reintrodução realizada e a maioria se mostra a favor de outras translocações, sobretudo as que consideram não oferecer risco ou afetar a agricultura local. Os resultados são relevantes para aproximar a comunidade, integrando a opinião dos grupos envolvidos nos processos de decisão em translocações de fauna na Mata Atlântica do Rio de Janeiro, além de auxiliar outros projetos de translocação no Brasil.

“Cada corpo tem a cara do mundo onde se criou”: As contingências ecológicas nas políticas de proteção à biodiversidade e farmacopeias

Priscila Ambrósio Moreira (UFSCAR)

O conceito de biodiversidade tem sido intensamente mobilizado, da disputa no ordenamento territorial à salvaguarda do patrimônio genético. Contudo, pautado na Biologia clássica neodarwinista, esta noção traz consigo um ponto-cego: ao privilegiar unidades ao invés de relações, as espécies são consideradas entidades acabadas e programadas em códigos genéticos; portanto, passíveis de cópias e lastro para uma “política da Arca de Noé”, como evocado por Malcom Ferdinand. Ignora-se, assim, que a biodiversidade é um índice necessariamente contextual, moldado pelas contingências ecológicas, como busco argumentar ao

considerar que a existência de uma farmacopeia depende da comunicação, condutas e sociabilidade entre os organismos em um território. Este argumento contrasta com a Farmacologia, que a partir do isolamento de moléculas, compreende a função das substâncias, mas não como acontecem os processos vitais, estes sempre relacionais, imersos no mundo. Mesmo estudos em etnofarmacologia permanecem alheios às relações ecológicas pelas quais as substâncias são produzidas. A partir de um levantamento bibliográfico e observações de outros modos de conhecer tais fenômenos inter e intraespecíficos em diferentes contextos territoriais, investigo como as ecologias químicas e sensoriais, justamente por seu caráter dinâmico e contingente, retratam a performance contemporânea da biodiversidade nos territórios.

Nascidos e Criados na beira do rio: práticas de afinidade, aliança e cuidado na cocriação do mundo multiespécie

Izadora Pereira Acypreste (UFSCAR)

Os quilombolas que habitam as margens do rio São Francisco, em Minas Gerais utilizam a expressão “nascido e criado” quando querem dizer que nasceram e cresceram no lugar. Apesar disso, muitos outros moradores, que vieram de outras regiões também podem utilizar a expressão para indicar que chegaram e foram criados pelas pessoas do lugar. A criação neste caso funciona como uma mecanismo de integração com as condutas, costumes e moralidades locais. Através dessa noção quilombola de criação - que envolve práticas de afeto e reciprocidade, trocas simbólicas e o compartilhamento de experiências sensíveis, procuro mostrar como elas se estendem ao mundo vivente não-humano. Estes viventes — entre eles, plantas, animais e entidades espirituais — se apresentam mais do que simples “recursos”, mas como sujeitos dotados de agência, sensibilidade, e capacidade de estabelecer relações com os viventes humanos. Estes vínculos entre humanos e outros mais-que-humanos produzem e são produzidas por meio de alianças, amizades, ajudas, intimidades, cuidados e afetos. Baseada na experiência etnográfica com estas comunidades quilombolas e na observação de práticas relativas aos cuidado com os quintais, roças entre outras atividades, a pesquisa revela como viventes humanos e não humanos partilham a produção dos seus territórios, de suas moradias, de suas próprias vidas e constroem juntos uma ética de convivialidade mais que humana.



Renascer terras, fazer mundos: cosmopolítica indígena no sul de Minas Gerais

Fernanda Borges Henrique (Unicamp)

Esta proposta parte de uma etnografia junto ao povo Kiriri do Acré, que habita o sul de Minas Gerais desde 2017, quando algumas famílias kiriri ocuparam uma terra no bairro rural Rio Verde, no município de Caldas/MG. Embora a terra pertença legalmente ao estado de Minas Gerais, foi com seu "verdadeiro dono" — um velho tapuia que ali viveu há muitos anos — que as famílias Kiriri trataram de negociar sua estadia assim que chegaram ali. Inicialmente autodenominados Kiriri de Caldas e depois Kiriri do Rio Verde, passaram a se identificar como Kiriri do Acré, a partir de um processo de "resgate da língua indígena" que envolve humanos e outros-que-humanos e que só é possível na terra que habitam.

Ao olhar para o modo de habitar essa terra, somos apresentados a seres outros-que-humanos com quem é preciso estabelecer relações de respeito e cuidado: encantados que ensinam cantos e línguas, donos que permitem sua estadia, ou que guardam matas e águas. Em vez de um "nós" abstrato e planetário, pensamos o Antropoceno a partir dessas histórias compostas por pactos e alianças situadas. Esta proposta visa explorar, então, como os Kiriri do Acré fazem renascer essa terra — e como ela, por sua vez, os faz surgir enquanto coletivo. Nesses entrelaçamentos, produzir futuro não é abstração, mas compromisso cotidiano. Ao dialogar com os estudos multiespécies e com as propostas deste ST, o trabalho propõe pensar destinos comuns não como unidade, mas como composição — onde cada relação importa.

More-than-Forests: Toxicity, Healing, and the Politics of Learning with Brazil's Urban Mangroves

Frank I. Müller (USP), Camila Pierobon (Museu Nacional), Laura Kemmer (USP)

This paper foregrounds mangroves as critical sites for learning with, rather than simply about, more-than-human entanglements in polluted worlds. Engaging with planetary perspectives on health, toxicity, and climate change effects, we look at mangroves as complex, contested, and vital estuaries. We explore how they invite us to engage with the lived realities of toxicity, urbanisation, and contamination in the emergence of the so-called anthropocene. Through a place-

based case study in Magé, Rio de Janeiro, we examine how mangroves have historically been sites of healing, exposure, resistance, and negotiation between diverse mangrove species such as plants, crabs, toxicants and pathogens, fishers, as well as saline and fresh waters. We trace these entanglements across four domains: mangroves as contested forest spaces of historical and cultural de- and revalorization; as landscapes under urban-industrial assault; as planetary actors in climate mitigation; and as sites of economic valuation and quantification in the context of carbon trade. We draw on collective, multimodal research methods, including filmmaking, sound recording ("listening to the crab"), and image analysis to reimagine how diverse actors produce, share, and mobilize knowledges with different intents. In doing so, we propose mangroves as more-than-human classrooms where we might learn practices of habitability with toxicity and challenge dominant paradigms of ecological purity and forest imaginaries.



ST 11: COLETIVIDADES, IMAGINAÇÕES E ENFRENTAMENTOS DIANTE DAS PROMESSAS DESENVOLVIMENTISTAS E DAS POLÍTICAS PREDATÓRIAS DE CONFISCO DA VIDA

Coordenador(a): Stella Zagatto Paterniani (UNICAMP), Ana Alves De Francesco (unicamp), Thaís Regina Mantovanelli da Silva (Instituto Socioambiental)

Sessão 01 - ST 11: Coletividades, imaginações e enfrentamentos diante das promessas desenvolvimentistas e das políticas predatórias de confisco da vida - Imaginações e práticas insurgentes negras, quilombolas e indígenas

Coordenador/a: Stella Zagatto Paterniani (Unicamp)

Debatedor/a: Ana Alves De Francesco (Unicamp)

A gente brinca porque não sabe o dia de amanhã: a brincadeira contra o necropoder

Gustavo Belisário d'Araújo Couto (UFPB)

Desenvolvendo formulações que se iniciaram na pesquisa de mestrado, há cerca de dez anos, com crianças e adultos do acampamento Canaã (MST-DF), a ideia deste trabalho é expandir reflexões sobre a brincadeira como uma tecnologia insurgente de questionamento às estruturas do poder estatal em suas diversas expressões. Parto de um apanhado das matizes teóricas que tematizaram vida e morte na teoria social - como biopolítica, necropolítica, geontologias, ikupolítica - para pensar a política brincante como desafiante da morte, e, portanto, como parte integrante da vida de humanos e menos-que-humanos. As seções do texto se organizam a partir de distintas figuras encarnadas do poder - o rei, o burocrata e o xamã - onde a brincadeira emerge como princípio contra narrativo fundante e, dessa forma, nos convida a imaginar a política desde uma mirada radicalmente antievolucionista, antirracista e contracolonial. A proposta é de entender as formas de poder - e entre elas o Estado - como resultados, em última instância, de brincadeiras.

Assim, desde uma mirada criancista decolonial, essa chave brincante evoca um movimento desembruxador da passividade que o medo paralisante da morte pode promover e abre caminhos para ludicidades, criatividades e vínculos que tornam o conceito de vida mais saboroso.

Das Ocupas ao Estudo Negro: 10 anos de experimentos de ex-secundas na cidade-plantation de São Paulo

João Pedro Cabral da Silva (UNICAMP)

Em minha pesquisa de mestrado venho me debruçando sobre os experimentos realizados por pessoas que ocuparam suas escolas entre os anos de 2015 e 2016 em áreas como a política, arte e educação/ciência. Proponho para isso uma leitura a contrapelo da produção científica sobre as ocupações secundaristas que, operando numa lógica branca de produção de conhecimento silencia e/ou minimiza o lugar da raça nas ocupações, subsumindo-o, na grande maioria das menções dessas produções à raça, à sua relação com repressão e violência contra pessoas negras.

Através do referencial teórico-metodológico fornecido pelo que podemos chamar de Pensamento Negro Radical ou Tradição Radical Preta, reivindica-se as ocupas como momento que inaugura, para aqueles estudantes, espaços para aquilo que Moten (2024) chama de Estudo Negro, que aqui refere-se à encontros nos quais experimentos de liberdade sejam tornados possíveis, utilizando de estratégias políticas-artísticas-intelectuais para que se possa escavar brechas nas quais se consiga produzir fugitividade e resistência à captura pelo mundo branco e pelas formas como ele se expressa nas políticas de Estado.

Trata-se, portanto, de acompanhar o movimento que começa na objeção à política de reorganização escolar do então governador de São Paulo Geraldo Alckmin e que se expande para muito além dela, convocando a imaginação a um engajamento com outras formas de fazer política, arte e ciência.

Fabulando imaginários negros: IA e Afrofuturismo

Bruno Almeida (UERJ), Nathalia de Souza Castro Barros (UFRJ)

Para imaginarmos futuros possíveis temos que agir no presente. E para construir o hoje precisamos conhecer o passado. Só que a história, enquanto verdade, é parcial. A história que foi construída e passada é uma história branca, do ponto de vista do grupo racial branco com objetivo

de manter o negro e a mente negra na subalternidade. É majoritariamente transmitido o passado de dor e sofrimento. A história e a cultura negra afirmativa se perpetuaram e foram transmitidas através da oralidade; e a história e a cultura branca através de diversos documentos escritos e imagéticos. O conceito de Afrofuturismo se baseia na possibilidade de vivência negra em mundos que não são marcados pelo racismo e pela opressão, funcionando como crítica à realidade atual. A inteligência artificial se tornou uma grande aliada na fabulação imagética de passados possíveis que provavelmente existiram mas que não temos registros imagéticos. E a imagem é extremamente poderosa porque ela age no inconsciente e cria imaginários. E imaginários tornam presentes e futuros possíveis. Diversos artistas e intelectuais negros contemporâneos tem feito uso dessa tecnologia para projetar passados e fornecer discursos afirmativos da negritude para que se possa conhecer mais afundo a sua história e imaginar a sua potência assim como fabular futuros possíveis.

Violência sem refúgio, existências quilombolas: antinegritude institucional e linhas de fuga

Tábata Silveira dos Santos (UFRGS)

Como a formalidade, a legitimidade ou a oficialidade operam enquanto linguagem? Como e porque essa linguagem [constituída por palavras e práticas] se converteu na linguagem do poder instituído? De que formas essa linguagem não apenas exclui mas inviabiliza a existência negra? Se por um lado a linguagem do poder dá suporte à violência sem refúgio (WILDERSON 2020), por outro lado ela também demarca o que pode existir, e o que deve deixar de existir. Que mundos merecem registro e que mundos podem ser apagados. E, ainda, que registros são válidos, e quais não possuem valor. O desafio que esta escrita sustenta, num primeiro plano, é o de aliar uma escrita de inspiração etnográfica sobre os acontecimentos no Quilombo Von Bock, situado no interior profundo de São Gabriel, na região da campanha gaúcha, marcados por uma sobreposição de violências, a uma abordagem teórica afropessimista que dê suporte às questões elencadas com relação à forma pela qual os documentos e a linguagem formal são mobilizados contra a existência negra pelo poder instituído.



Teologias do capital: pensando através de desertos.

Laura Carvalho (Univesity of Toronto)

Este trabalho propõe refletir sobre a constituição de uma teologia política do capital a partir da imagem do deserto. Deserto, não como ente ecossistêmico, mas como operação de valor — uma operação que produz e projeta ausência, escassez e improdutividade sobre territórios e populações determinadas. O deserto, assim, torna-se dispositivo de produção de vazios, configurando-se como condição para a extração, o deslocamento e o apagamento, servindo tanto a lógicas econômicas quanto ontológicas.

Essa operação ancorada em fundamentos teológicos herdados da tradição cristã, na qual o deserto ocupa papel central como espaço de provação, sacrifício e revelação, como também de purificação e redenção. A articulação entre essa imagética teológica e as práticas contemporâneas de gestão territorial evidencia como o capital mobiliza um léxico religioso para sustentar e legitimar projetos de expulsão e despossessão. em contextos ditos seculares.

A partir dessa perspectiva, busco mapear os contornos dessa tecnologia do deserto — seus modos de constituição, as gramáticas morais que ativa e os valores que institui — para, em seguida, interrogar contrateologias possíveis que se recusem a aceitar o deserto como destino. Interesso-me, finalmente, em indagar quais formas de presença, memória e insubmissão tornam possível resistir às operações de esvaziamento, tanto em sua dimensão material quanto espiritual.

Currículo e formação docente em Ciências Biológicas: Confluir e resistir às Ciências Colonizada

Karen Daniela de Sousa Custodio (UFU)

Este trabalho propõe uma confluência entre a formação de professoras/es de Biologia frente ao micro-nicho universitário e escolar, mais especificamente sobre a construção dos currículos e propostas pedagógicas desenvolvidas. Parte-se do princípio que o objetivo dos currículos maiores, mesmo que velados, é perpetuar a subordinação colonial, capitalista e hierarquização de “saberes legitimados” centralizados no Norte global. A construção das Ciências, sobretudo das Ciências Ocidentais e Africanas são atravessadas historicamente pela colonização, escravidão e fenômenos que ancoram e alicerçam os processos capitalistas. A reflexão proposta é parte do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em

Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal. Partimos da compreensão de que a construção do currículo de Ciências Biológicas é resultado de processos históricos de exploração colonial, racismo científico e Darwinismo social, como apontam autores como Fanon (1968), Quijano (2020), Dos Santos (2023) e Rufino (2019). A pesquisa, de caráter teórico-reflexivo, ao cartografar tais documentos curriculares, ancorada em perspectivas problematizadoras e contracoloniais, evidencia que existem intencionalidades na elaboração do currículo e como consequência uma "desclassificação" de saberes ancestrais. Entendemos que a educação, além de elucidar, precisa ultrapassar práticas e teorias aliadas ao sistema capitalista e colonial.

Sessão 02 - ST 11: Coletividades, imaginações e enfrentamentos diante das promessas desenvolvimentistas e das políticas predatórias de confisco da vida - Alianças criativas de regimes existenciais diferenciais

Coordenador/a: Thaís Regina Mantovanelli da Silva (ISA)
Debatedor/a: Ana Alves De Francesco (Unicamp)

Baobáfricanizando as Américas: imaginação radical e cosmopoética afrofuturista dos Baobás na Casa de Cultura Tainã

Marilia Chupel Freire Carvalho dos Santos (UNICAMP)

Partindo da promessa de Baobáfricanizar as Américas - proposta política do quilombo urbano Casa de Cultura Tainã - neste ensaio etnográfico apresento a agência cosmopoética afrofuturista dos Baobás na tessitura da Rede Mocambos - uma rede de conexão e comunicação livre inspirada na arquitetura política do Quilombo de Palmares que articula territórios quilombolas, indígenas, assentamentos e ocupações urbanas na luta por terra e autonomia. Símbolos da ancestralidade africana, os Baobás operam como dispositivos de (re)conexão e enraizamento dos territórios, sonhos e tecnologias que compõem a Rede, participando de processos de retomada territorial, apropriação tecnológica e imaginação política. Sustentada por uma infraestrutura formada por raízes de Baobás, tecnologias digitais livres e sonhos de um futuro

ancestral, tais enredamentos descrevem estratégias e narrativas de hackeamento dos dispositivos de racialidade (CARNEIRO, Sueli) e de reconfiguração ontológica baseadas na recusa e na cicatrização das fronteiras impostas pelo capitalismo racial entre natureza e cultura.

Políticas territoriais e luta pela terra em comunidades tradicionais do sertão baiano

Gabriela de Paula Marcurio (UFSCAR)

Nesta apresentação, proponho examinar modos de lutar pela terra e empreitadas desenvolvimentistas em territórios de fundo de pasto no Sertão do São Francisco. Considerando o investimento do estado da Bahia em projetos visando a transição energética e a extração de minerais, comunidades tradicionais sofrem com invasões para o mapeamento do solo e a pesquisa do subsolo a fim de viabilizar novos empreendimentos. Simultaneamente, o governo baiano promove iniciativas de regularização fundiária, que prometem assegurar as terras devolutas ao demarcá-las temporal e espacialmente. A despeito das tensões da forma Estado, observa-se a prática comum de mapear e regularizar áreas em função da exploração do território. A partir de pesquisa de campo com comunidades tradicionais apoiadas pela Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Juazeiro, sigo a tese de que o direito à terra se dá pela posse, garantida pela ocupação territorial de famílias camponesas e pela criação de caprinos e ovinos na Caatinga. Apesar de políticas territoriais servirem como ferramentas para identificar, defender e fortalecer as comunidades, essas práticas permitem a conversão da terra em propriedade para a mineração, o agro e hidronegócio e a implantação de parques eólicos. Diante desse impasse, interessa-me analisar como as comunidades desviam-se de formas restritivas ao evitarem a judicialização de conflitos e impedirem invasões em seus territórios.

Dos ilegalismos às pequenas rebeldias: mobilizações políticas de moradores em um bairro cigano na Catalunha

Nathalia Ferreira Gonçales (UFRJ), Celso Alexandre Souza de alvear (UFRJ)

Esta apresentação aborda os processos de rebaixamento que marcam o cotidiano dos moradores de Font de la Pólvora, zona leste de Girona, comunidade autônoma da Catalunha, a partir dos sucessivos cortes de eletricidade que afetam o bairro há anos. Diante da acusação

pública de "delinquência" proferida pela prefeita de Girona - que responsabiliza os moradores, majoritariamente de etnia cigana, pelas interrupções no fornecimento de energia -, procuro mapear como a transposição dos limites entre legal e ilegal é operada de forma gradual e sempre vacilante. Ao trazer passagens etnográficas sobre procedimentos arbitrários e extralegais, como as recorrentes batidas policiais e a apreensão de medidores de luz sem mandado judicial, destaco tanto as formas pelas quais os moradores contornam a lei, quanto os modos pelos quais o Estado produz zonas de indeterminação jurídica.

Perseguindo a "terrível beleza" do gueto, chave analítica coreografada por Saidiya Hartman (2022), a apresentação percorre os agenciamentos dos moradores na criação de uma associação - suas resistências, improvisos, amizades e experimentos que conferem outras possibilidades de sentido às vidas desses sujeitos. Os enfrentamentos, expressos nas manifestações e reuniões com representantes do poder público, revelam uma recusa ativa ao conjunto de rebaixamentos disparados pelo Estado, permitindo a criação de narrativas para além das rotinas de precarização e do perpétuo repertório de acusações.

Retomada(s), reinvindicação e luta por moradia digna a partir na/da ocupação Marielle Franco em Teresina, Piauí

Clara de Assis Soares Nunes (UFPI)

Parte da minha dissertação em andamento, este trabalho busca discutir etnograficamente como se reivindica a luta por moradia digna a partir dos processos de retomada e reconstrução da ocupação Marielle Franco em Teresina, após sucessivos despejos. Esta comunicação versará sobre as estratégias coletivas e modos de resistência frente às violências produzidas em articulação das forças estatais e do capital, mobilizando Policia Militar e seguranças privados, "seguranças" que se instalaram em uma parte do terreno após primeiro despejo, e seguem diariamente buscando intimidar as famílias. A ocupação surgiu em 12 de outubro de 2024, quando famílias sem casa romperam com a lógica da acumulação por espoliação (Harvey,2004) e ocuparam um terreno que não cumpria função social há mais de uma década, cedido para uma empresa avícola por meio de acordo com a prefeitura nos anos 1970. Embora a empresa reivindique 3 ha de terreno, nos documentos apresentados em processo, menos de 1ha os pertenceria, a empresa inclusive tenta usar terreno que não possui legalmente como pagamento de empréstimos milionários. A luta e a

existência da ocupação Marielle Franco se estende para além do terreno; seja nas ruas, nos atos em órgãos públicos, nos jornais produzidos e distribuídos e sobretudo na articulação com movimentos sociais e outras ocupações em Teresina. A cada retomada, reconstroem em mutirão seus barracos, porque, diante da branquidade do estado (Paterniani, 2016) retomar não é opção, é condição.

Sobreviver as ruínas: Estratégias de comunicação de risco de desastres centradas nas comunidades

Talita Novacoski (UFRJ)

Desastres socioambientais têm escancarado falhas estruturais na comunicação de riscos no Brasil. Casos recentes, como as enchentes no Rio Grande do Sul (2024), em Recife (2022) e os deslizamentos em São Sebastião (2023), evidenciam que, mesmo quando o risco é detectado antecipadamente pelo Cemaden, as informações muitas vezes não chegam de forma efetiva às comunidades mais expostas. Este cenário é reflexo de um modelo de comunicação de riscos de desastres centralizado, emergencial, tecnocrático e com baixa participação popular, que aprofunda desigualdades históricas e sustenta um regime de invisibilidade em torno dos corpos e territórios mais afetados. Nesse cenário, as próprias comunidades assumem a linha de frente, articulando redes locais de comunicação e cuidado para sobreviver e reduzir os danos. Uma gestão de riscos efetiva exige práticas de comunicação territorializadas, que reconheçam saberes locais e promovam o engajamento das populações afetadas. A partir de uma Revisão Sistemática de Literatura, esta pesquisa investiga experiências de comunicação de riscos centradas nas comunidades, mapeando estratégias que ampliam a participação popular e fortalecem a resiliência local. Ao sistematizar essas evidências, o estudo visa contribuir com a formulação de políticas públicas de comunicação de riscos de desastres enraizadas na participação democrática, que possam promover o acesso a direitos e a justiça climática.



Mulheres Quilombolas com-e-apesar: convivências tensionadas e práticas de resistência nos espaços cotidianos do Vale do Jequitinhonha

Gabriela Cassiano Martins (UFMG)

O trabalho aborda a compreensão do espaço cotidiano implicado nas comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha e sua relação com-e-apesar da lógica de produção capitalista. A partir das conversas-aprendizados que surgiram de encontros ocorridos no primeiro semestre de 2025, busco dialogar com a necessidade de se discutir tais tensionamentos e práticas de resistência através das narrativas das mulheres quilombolas que frequentemente são relegadas a um papel secundário nos debates sobre seus territórios e no entanto, se destacam como agentes de transformação social, desafiando as dinâmicas de poder existentes e reivindicando um espaço de protagonismo na defesa de seus direitos e modos de fazer e existir.

Através da imersão em eventos no Quilombos de Bem Posta, Cabeceiras do Ribeirão da Folha, Córrego do Rocha e Água Suja, entendo como possibilidade a co-etnografia de vivências que evidenciam as lideranças femininas e suas compreensões e estratégias de resistência acerca da vida cotidiana frente a opressões de gênero, raça e classe.

O texto considera que apesar das dificuldades impostas pelo Estado, as mulheres demonstram, através da organização comunitária, que a luta por reconhecimento e transformação social continua sendo uma realidade em suas vidas. A necessidade de fortalecer a crítica ao Estado, juntamente com a valorização de formas autônomas e comunitárias de resistência, é enfatizada.



Sessão 03 - ST 11: Coletividades, imaginações e enfrentamentos diante das promessas desenvolvimentistas e das políticas predatórias de confisco da vida - Etnografias engajadas contra práticas de confisco

Coordenador/a: Ana Alves De Francesco (Unicamp)

Debatedor/a: Thaís Regina Mantovanelli da Silva (ISA)

A Candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio da Humanidade

Jorge Mattar Villela (UFSCAR), Amir Geiger (dcs - cch - unirio)

Desde 2019 a Fundação Casa Grande, situada no município de Nova Olinda, Ceará, promove, aliada a 10 instituições e financiados pelo SESC/CE, seminários cujo objetivo é o de formular um dossier à Unesco para a chancela de Patrimônio da Humanidade. Essa candidatura assenta-se em estratos cronológicos cuja profundidade chega a 650 milhões de anos, mas que se firma há 150 milhões de anos, numa formação geológica chamada Santana em que se fossilizaram, em quantidades volumosas, sobretudo a ictiofauna do Cretáceo em condições inéditas (suas vísceras e, em alguns casos, suas presas ainda não digeridas). A Candidatura tenta, com o auxílio da paleontologia, arqueologia, e da geologia das universidades do lugar (UFCA e, sobretudo, URCA), preservar uma região cujo cerne é a Floresta Nacional do Araripe-Apodi (a primeira em território brasileiro), auxiliada pela existência do primeiro Geoparque das Américas, desde 2006 chancelado pela UNESCO. Sem aderir à noção de patrimônio nem à de preservação, este trabalho pretende mostrar como no sertão nordestino somaram-se esforços internacionais visando constituir um cronotopo cujos objetivos são, declaradamente, impedir que o agronegócio que invade já a APA que circunda a Flona promova mais um processo de evicção territorial-existencial.



Etnografia da linha de ferro: o que a Ferrovia de Integração Oeste Leste (FIOL) cria e atropela em seu caminho

Mario Agostinho Campagnani (USP)

A Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL), em construção, pretende ligar a região do Oeste da Bahia ao futuro Porto Sul, em Ilhéus. Parte de um projeto maior, que no futuro pode chegar até o Oceano Pacífico pelo Peru, ela vem mobilizando atores em diferentes contextos. De que maneira a forma como é enxergado muda de acordo com os humanos com os quais se relaciona? É possível pensar um megaprojeto como um agente sobre um território? A proposta deste trabalho, baseado na minha pesquisa de mestrado, é pensar como uma ferrovia pode ser etnografada, colocando em relação diferentes comunidades e grupos políticos-econômicos e seus efeitos.

No oeste da Bahia, no chamado MATOPIBA, ela chega vendendo o sonho de "nova fronteira", estimulando a chegada do agronegócio, que entra em conflito com comunidades tradicionais da região, em especial as de Fundo e Fecho de Pasto, acionando novas formas de resistência, mas também apagamentos.

Em Caetité, no sudoeste baiano, vemos que o trecho da FIOL está mais desenvolvido. Pensar essa cidade, único lugar do Brasil com exploração de urânio, é pensar possibilidades de vida entre rios radioativos e pilhas de rejeito de mineração, e falar de criação em meio a um fim de mundo.

Por fim, a chegada ao Porto Sul em Ilhéus, atualiza novamente a estrutura de expropriação do projeto colonial. Além da pesquisa de mestrado, a apresentação contará com elementos do meu trabalho como educador popular e comunicador nesses territórios nos últimos quatro anos.

Marimba, Memória e Vida: A Congada como Estratégia Coletiva na Era da Rodovia Rio-Santos

Guilherme Yoshio Agata Evangelista (UNICAMP)

O trabalho examina disputas territoriais, políticas e simbólicas em torno da Congada do Bairro São Francisco, em São Sebastião/SP, desde 1970, tendo como pano de fundo a

turistificação do litoral norte paulista e os reordenamentos urbanos impulsionados pela construção da rodovia Rio-Santos. Manifestação caiçara enraizada na Festa de São Benedito, a Congada mobiliza corpo e memória como forma coletiva de produção do território — não como resistência idealizada, mas como organização concreta da vida diante da captura institucional e da expropriação fundiária.

A partir da trajetória de Casemiro Camilo dos Santos, liderança comunitária e marimbeiro, a análise articula história oral e bibliografia crítica para compreender os efeitos das políticas culturais que, sob o pretexto da preservação, desarticulam sentidos históricos e práticas de pertencimento. O trabalho dialoga com autoras e autores como Kilza Setti, Ilka Boaventura Leite, Fernanda Folster de Paula, David Harvey, Giovanni Cirino, Rodrigo Ribeiro de Castro e Adriana de Souza de Lima, entre outros, para evidenciar os mecanismos de folclorização e a reinvenção das formas coletivas de vida frente às promessas do capital.

Fundado na memória ancestral e na vivência compartilhada com a comunidade, o trabalho ancora-se na observação participante, permitindo uma escuta situada das territorialidades que a Congada expressa e reafirmando o compromisso com formas de vida que organizam o território diante do avanço do capital.

Modos de cheirar no território Awa-Guajá: dos aromas de vida ao odor do minério

Dominick Lattuada Abreu Barbosa (USP)

Este resumo é parte da pesquisa de mestrado intitulada “Cheirar a floresta: um estudo sobre os odores e sua influência na vida dos Awa-Guajá”, onde venho discutindo o modo como o povo Awa experiencia a floresta por meio da dimensão olfativa. Na ocasião, buscarei construir reflexões de cunho teórico-etnográfico, tendo em vista a proposta do GT, trazendo à tona alguns debates que perpassam a escrita de minha dissertação. Esta discussão se ancorará no campo da Antropologia dos Sentidos (Le Breton, 2016), colocando em evidência o odor e o modo como ele permeia as interações e atravessa o cotidiano deste povo, influenciando seu modus vivendi, bem como suas relações com as alteridades extra-humanas que constituem sua cosmologia. Os primeiros contatos dos Awa com não indígenas datam da década de 1940, e foram feitos oficialmente pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) nos anos 1970. Desde então,

essas comunicações tornaram-se parte de uma história marcada por doenças, genocídios e violência, tendo seu território tradicional atravessado e cortado ao meio por rodovias a partir da década 1960 e desde os anos 80 pela Estrada de Ferro Carajás, da mineradora Vale do Rio Doce. Em vista disto, propõe-se refletir acerca da possibilidade do olfato enquanto instrumento de insurgência diante da degradação ambiental no território dos Awa, considerando a influência que a Estrada de Ferro Carajás exerce na dinâmica dos modos de vida na floresta e na fragmentação de seus territórios.

O olhar através da janela e a paisagem da memória através da estrada: Um olhar dos mais velhos da Comunidade Quilombola Gavião sobre seu território do outro lado da BR

Taina Oliveira (UFPA)

Diante do reconhecimento institucional da existência de comunidades quilombolas formadas a partir de uma origem comum, os conceitos de território, identidade e pertencimento evidenciados pelo conceito de memória surgem como uma forma de compreender sobre as estratégias utilizadas para a garantia da vida e permanência do grupo.

Para a Comunidade Quilombola Gavião o território surge personificado por Juvêncio Pedro, um dos primeiros moradores. Suas terras, passadas de geração a geração, são identificadas na memória coletiva da comunidade. No entanto, com a instalação de empreendimentos e a expansão de grandes fazendas, a comunidade enfrenta a redução de seu território. Histórias orais dos mais velhos revelam a conexão dessa luta pela terra com uma memória coletiva, que destaca seu passado e a importância da manutenção da cultura e tradições.

O conceito de memória é apresentado como um processo contínuo de resistência e afirmação cultural, frente aos desafios históricos enfrentados por essas comunidades. A janela é usada como metáfora, e foi através dela que me foi apresentada as memórias dos mais velhos, simbolizando a relação entre passado e presente, e como os membros da comunidade revisitam suas memórias ao refletirem sobre seu território. Este vínculo com a terra e sua resistência significa o seu processo para reafirmar sua identidade e direitos, evidenciando a relevância da memória na construção de sua história e na luta contínua por reconhecimento e direitos territoriais.



Infraestruturas digitais e capitalismo planetário: imaginários sociotécnicos contemporâneos sobre a Amazônia

Luisa Cruz Lobato (PUC-RIO), Luisa Cruz Lobato (PUC-RIO), Brenda Thainá Cardoso de Castro (UEPA)

Este trabalho se debruça sobre os imaginários sociotécnicos que amparam a atual articulação entre projetos de ocupação e desenvolvimento da Amazônia e a realização das ambições planetárias do capitalismo através de uma vasta e distribuída infraestrutura digital. Propomos compreender como estes imaginários dialogam com desejos conflitantes de securitizar a região, articulados, internamente, pelo debate em torno de sua soberania e, globalmente, a partir de discursos salvacionistas ou que defendem a exploração como forma de desenvolvimento. Estes impulsos se expressam na expansão de infraestruturas comerciais como a Starlink no território e as tecnologias que estas viabilizam. A partir do caso da atuação da empresa na região, problematizamos esta expansão e seus imaginários, argumentamos que estes partem do pressuposto do desenvolvimento associado à expansão da infraestrutura tecnológica e reproduzem imagens coloniais de civilização e progresso tecnológico. Essas imagens, por sua vez, são pautadas na ação salvacionista de referências de poder e racionalidade, de masculinidade e branquitude, como Elon Musk, que se coloca à disposição para “conectar” os "desafortunados", ocupando um pretenso espaço “vazio” ao mesmo tempo em que estabelece os termos nos quais esta conexão ocorrerá. Concluímos que as soluções imaginadas dificultam a elaboração de políticas que visem a autonomia (tecnológica).



ST 12: CONTANDO COM OS ESPÍRITOS

Coordenador(a): Vânia Zikàn Cardoso (UFSC), Miriam Rabelo (UFBA)

Sessão 01 - ST 12: Contando com os espíritos - Modos de existência de/com espíritos: interrogando processos de composição e seus efeitos

Coordenador/a: Miriam Rabelo (UFBA)

Debatedor/a: Marcelo Moura Mello (Universidade Federal da Bahia)

"Nossos mortos têm voz": agência e modo de existência dos mortos vítimas de violência de Estado

Matheus de Araújo Almeida (USP)

O que significa afirmar que os mortos falam? Como escutá-los sem reduzi-los à mera abstração simbólica? Esta apresentação parte de uma etnografia desenvolvida ao longo de 6 anos com o Movimento Independente Mães de Maio, composto por mulheres que perderam filhos para a violência estatal na Baixada Santista (SP), para explorar como os mortos atuam, comunicam-se e persistem como presença efetiva no mundo social. Que tipo de existência têm esses mortos? Como se dão as suas aparições? Quais os seus agenciamentos? De que modo participam da constituição da noção de pessoa de suas mães, atravessam as redes políticas do movimento e se comunicam entre si? Em que medida os sonhos com os mortos são modos de relação e não apenas mecanismos psíquicos? Ao mobilizar debates ontológicos sobre modos de existência e o estatuto dos mortos como agentes (Despret, Souriau, Latour, Viveiros de Castro, Wagner), a apresentação interroga como esses mortos instauram um tempo outro — não linear —, e como sua agência perturba as fronteiras entre passado e presente, vida e morte, ausência e presença. A partir disso, proponho que analisar os modos de atuação dos mortos permite compreender também como as mães agenciam técnicas de ativação de sua presença, tornando-os aliados na luta contra o genocídio negro. A comunicação contribui, assim, para os estudos antropológicos sobre a morte ao reinscrever as vítimas de violência estatal como agentes políticos junto às suas mães insurgentes.



Antropologia com incapturáveis: sobre a humanidade e a espitirualidade relacionais na ontologia dos candomblés e (no) além.

Thomás Antônio Burneiko Meira (UEM)

Desde uma etnografia cuja realização foi proposta pelo espírito do fundador de um terreiro de candomblé em São Paulo, este trabalho parte, por isso, da crítica geral aos clássicos divisores antropológicos – natureza/cultura, realidade/representação, conceitos/crenças etc. – e do incômodo com as suas assimetrias, que, todavia denunciadas, ainda caracterizam o sistema hegemônico de produção dos conhecimentos. Em particular, na seara do interesse pelas religiões de matriz africana no Brasil, presume-se que tais desequilíbrios se expressem sob deslegitimação da agência primordial e autônoma de seres e fluxos de forças centrais nesses cosmos – como as dos ancestres e deidades. Após essa apreciação, de cunho mais teórico, o texto aposta na possibilidade de reavaliar a antropologia majoritária a partir de descrições etnográficas – incluídas falas registradas entre os espíritos – que apontam para o caráter instável da posição "humana" no mundo dos candomblecistas. No limite, as descrições sugerem que, no terreiro etnografado, a humanidade e, por extensão, a natureza, bem como o status sobrenatural de certos entes, ao invés de propriedades estanques e com distintos graus de legitimidade, sejam perspectivas advindas de princípios cosmo-ontológicos ligados, por sua vez, a diferenciações demiúrgicas incessantes, distribuíveis e situacionais. Nesses termos, vislumbra-se aqui uma antropologia que conte com espíritos, e o faça sob toda a potencialidade fugidia das forças incapturáveis.

Composições, afetos e efeitos com/para espíritos e humanos, e vice-versa

Franco Delatorre (UFSC)

Praticantes e pesquisadores de religiões afro-brasileiras sabemos que, da perspectiva religiosa, entidades espirituais e pessoas inter-agem, para além das mediações rituais, influenciando-se mutuamente em suas existências e participando da contínua constituição umas das outras (Bastide, Birman, Rabelo, Opipari, Cardoso). A presença de entidades como orixás, espíritos e outras mais que circulam por essas religiões deixa índices e marcas, que independem dos transes de "incorporação", e que podem ser observadas em eventos do cotidiano, na corporalidade e naquilo que muitos adeptos denominam de "personalidade" das pessoas (Delatorre). Com passagens etnográficas de minhas pesquisas trago também essas influências no

outro sentido – dos humanos à "espiritualidade" –, buscando explorar os modos com que certas composições são (suposta ou alegadamente) co-criadas nessas parcerias. Tais composições têm como efeito o afetar mútuo de pessoas e entidades espirituais, e seus processos de produção e transformação entrelaçam suas agências a ponto de borrar lógicas dicotômicas que por vezes cercam noções de causalidade, de origem, de intencionalidade, autoria, propriedade, diferenças, começos, meios e fins. Essas estórias são marcadas por não mais do que especulações e suspeitas do próprio povo de santo (entidades inclusas), e não pretendo ir além de expô-las e abrir algumas sugestões – mesmo porque desafiam possíveis desejos de esclarecê-las ou desvendá-las.

Correr gira: interações entre pessoas, exus e pombagiras em Corumbá e Ladário/MS

Maria Eduarda Rodrigues da Silva (UFRJ)

Este trabalho considera as relações entre pessoas e entidades, tais como exus e pombagiras, nos municípios vizinhos de Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul. Ao longo do texto pretendo refletir e tecer um diálogo com ênfase nas categorias locais de trabalho, obrigação e demanda, isto é, o que as pessoas e os espíritos fazem. Partindo das narrativas de dona Zizi, a respeito das interferências do exu Seu Corisco em sua vida, penso em interações que são alimentadas, reconhecidas, apropriadas, por meio do contato, do cuidado e da atenção nos rituais, nos pedidos e prescrições das entidades. Procuro destacar o modo em que os espíritos participam ativamente da formulação, criação e circulação de conhecimentos, o que ilumina as implicações e efeitos disso para a compreensão dos espíritos e do cosmos nos quais as pessoas e entidades se relacionam e seguem existindo. Por fim, ressalto que embora os terreiros de umbanda e candomblé tenham servido como base para o trabalho de campo, as discussões aqui propostas não estão limitadas por esses terreiros. Em outras palavras, a etnografia sobre a qual se apoia o trabalho não é resultado de minha participação regular em um ou outro terreiro específico. Ao contrário, procuro mostrar como as relações entre essas entidades e as pessoas extrapolam os limites espaciais das chamadas tendas se desdobrando em efeitos cotidianos, no qual as relações entre o mundo terreno e o mundo espiritual seguem constantemente abertas e entrelaçadas.



"De homem ruim só se pare uma vez!": Temporalidades, afetos e memórias entre vivos e mortos na trajetória de Mãe Xagui

Ricardo Pereira Aragão (UFBA)

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as relações e encontros com espíritos a partir da trajetória de Mãe Xagui, líder religiosa do Terreiro Tumbansé, em Salvador, Bahia. A narrativa explora os caminhos afetivos e espirituais de sua vida, destacando especialmente sua passagem pelo Rio de Janeiro na década de 1950, onde viajou em condições adversas na terceira classe do navio Comandante Capella e teve o apoio fundamental de Waldemiro de Barú, figura central no candomblé carioca.

Ao articular memórias pessoais e relatos orais de Mãe Xagui, este estudo investiga como as histórias de resistência, solidariedade e sobrevivência se entrelaçam com práticas espirituais e comunitárias, configurando uma temporalidade não linear que desafia as narrativas convencionais de progresso. Os diálogos e narrativas apresentados ressaltam a importância dos espíritos e ancestrais como agentes ativos na construção das relações sociais e afetivas.

As histórias de Mãe Xagui demonstram como práticas religiosas afro-brasileiras, tais como o candomblé, podem ser compreendidas não apenas como formas de resistência cultural, mas como modos criativos e especulativos de existência que conectam diferentes tempos e mundos. Nesse contexto, a memória emerge como prática viva e contínua, fortalecendo os vínculos entre os vivos e os mortos, e abrindo possibilidades para novas formas de coexistência.

Entre a Caatinga e seus encantados: a história da mulher-folha que desapareceu na zona rural de Chorrochó-BA

Vlter Hugo Santos De Miranda (UESB)

Este trabalho, parte significante dos meus diários de campo e das memórias que comporão minha monografia, emerge a partir da imersão na história da minha família, em relação com os encantados e ancestrais que nos acompanham e moldam nossos modos de viver na Caatinga, zona rural de Chorrochó-BA. Narro a história da minha avó, Mãe Teté, teus encantados e o seu processo de desaparecimento — ou integração — no cinza da mata fechada da região submédia das corredeiras do Velho Chico ou Opará, como conhecemos o Rio São Francisco. Escolho como fio condutor nossas relações com os encantados pois são eles que orientam nossa forma de habitar a

terra, mas Debruço-me sobre sonhos, aparições mais-que-humanas, o processo de cura realizado por Tupinambá, seu caboco, e outros eventos para refletir sobre nossas formas de lidar com a vida e seus fins passageiros. A expressão "mulher-folha" surge de uma investigação em andamento sobre sua relação com folhas, curas e seu nome popular, considerando que, no Candomblé Ketu, Teté é o nome de uma folha e que suas curas partiam quase sempre das folhas da Caatinga. Seu desaparecimento me convoca — como neto, afro-religioso e pesquisador — a investigar essas experiências. Para tanto, recorro a Kopenawa, Albert, Tsing e Nego Bispo, a fim de dar braços e pernas às relações entre nós, a Caatinga e os encantados: parentes inseparáveis, desafiando as narrativas dominantes que historicamente tentaram soterrar nossas cosmologias sobre a habitabilidade na terra.

Sessão 02 - ST 12: Contando com os espíritos - Antropologia de e com espíritos: narrativas, fotografias e a imaginação de mundos

Coordenador/a: Franco Delatorre (UFSC)
Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ)

A dança de Exu: fotografia e conversas entre vivos e mortos

Rodolfo Teixeira Alves (UFRJ)

Apresento fotografias autorais, que estão entre o documental, etnográfico e o poético, feitas em festas de Exu no meu terreiro de Candomblé, em Nova Iguaçu (RJ), e em giras de Zé Pelintra que acontecem na Lapa, espaço simbólico da cultura de malandragem na região central do Rio de Janeiro. O trabalho é construído a partir da relação dessas imagens com outras grafias e sensorialidades. No percurso de dois anos desse projeto inacabado, esse acervo visual vem rendendo algumas reflexões sobre corporeidade, formas de presença e aparição, vivo e morto, entre outros temas que surgiram no meu diálogo com Exu e da minha percepção de seus gestuais nesse espaço socioespiritual da festa-gira. Aqui, entre em questão também as formas e negociações para fotografar nesses ambientes, seja no espaço privado do terreiro ou no espaço público da Lapa. Por fim, falo dos fatores estáticos que guiam este trabalho, da fotografia feita através de processo analógico e digital, dos movimentos da imagem que insinuam um ambiente de mistério.



Narrativas contra o tempo: "Escrevinhados" e outras histórias dos encantados no tambor de mina

Yasmin Estrela (USP)

Existem diferentes concepções que definem os encantados. Podem ser aqueles que se encontram no folclore brasileiro como o Curupira ou o Anhangá ou espíritos auxiliares como exús e pombagiras. No entanto, a definição discutida neste trabalho é a daquele que não morreu, se encantou, muito predominante nos terreiros de tambor de mina. O encantar-se é uma forma descritiva de um ser humano que não passou pelo processo de transição da morte, mas desapareceu de forma inexplicável, fantástica. No tambor de mina, religião afro-brasileira predominante no Pará e no Maranhão, estas entidades estão classificadas em famílias nas quais diferentes narrativas as definem a partir do que os próprios encantados nos contam. Desde nobres fidalgos europeus, até indígenas, estas entidades possuem uma forte relação com o período histórico em que começam as suas manifestações no Brasil. Sua classificação compõe um rico panteão no qual nos conta diferentes histórias e acontecimentos talvez imprecisos, porém, cheios de ponderações que os próprios encantados nos acrescentam. Portanto, neste trabalho serão discutidas as diferentes narrativas trazidas por estes encantados sobre sua morada, a encantaria, e sobre sua vida social, pois, as famílias de encantados possuem relações e interações. Estes aspectos transmitem sua capacidade de movimento e sociabilidade entre si, entre aqueles que os recebem e aqueles considerados seus amigos na terra.

Narrativas encantadas, saberes insurgentes: terreiralizar o pensamento e imaginar outros mundos a partir da escuta de entidades em terreiros de umbanda

Marina Sirito de Vives Carneiro (Fiocruz), Carolina Noury (Esdi/UERJ)

Trazer os saberes tradicionais para o campo acadêmico é um gesto de enfrentamento à política colonial do desencanto e sua lógica de apagamento de modos de vida diversos. Para evocar imagens de narrativas ancestrais, reunimo-nos em torno da história da Cabocla Jurema, contada em um terreiro de umbanda, onde ela narra sua trajetória de vida e morte. A escuta coletiva, aliada à prática do desenho, permitiu imaginar outras perspectivas de mundo a partir de sua fala, ampliando as possibilidades de existência. Os caboclos na umbanda representam os

espíritos dos povos originários e das matas brasileiras, habitantes desse território antes da colonização. Ouvi-los é convocar saberes silenciados para construir pontes entre mundos diversos. Como lembram Simas e Rufino, resistir à narrativa do progresso exige convocar as gentes massacradas pelo projeto colonial de aniquilação. Didi-Huberman nos lembra que a imaginação é, também, uma prática política. Imaginar outros mundos é, assim, um gesto de resistência. Registrar narrativas encantadas é restituir conhecimentos invisibilizados. Como apontam Carnevalli e Lobato, a academia valida certos saberes enquanto nega outros. Terreiralizar o pensamento, como propõe Helena Silvestre, é deslocar a narrativa do desenvolvimento em direção a práticas de sobrevivência, encantamento e criação de outros mundos possíveis. Os levantes seguem vivos — e com eles, a possibilidade de continuar existindo de outras formas.

Encontrando corpos cerâmicos no Museu da Amazônia

João Pedro Rocha da Cruz (UFMG)

Atentando para perspectivas indígenas na arqueologia e na museologia, este trabalho se propõe a pensar experimentos narrativos como forma de contemplação de humanidades outras presentes nos museus. Os acervos arqueológicos e etnográficos fazem desses espaços grandes casas de mortos, onde encontram-se ancestrais em forma de pessoas-ossos, corpos-urnas, e outros usualmente categorizados como “artefatos”. A partir de um encontro com urnas funerárias no Museu da Amazônia em Manaus (AM), imaginou-se a possibilidade de contar as estórias desses corpos em modos narrativos que flertem com a ficção para dar conta de suas realidades complexas, presentificando uma humanidade apagada no seu novo contexto, as salas dos museus. Um estranho realismo que nos aproxima dessa realidade que, a princípio, pode parecer estranha, onde a separação entre pessoas e objetos, mortos e vivos e suas diferentes temporalidades, não é dada.

Contar e cantar junto aos Léguas: modos de narrar no terecô de Codó (MA)

Martina Ahlert (UFMA), Lior Zisman Zalis (universidade de coimbra), Conceição de Maria Teixeira Lima (UFMA)

Este trabalho se debruça sobre as narrativas cantadas e contadas por pessoas e encantados vinculados ao terecô, uma religião de matriz africana presente, especialmente, no Maranhão. A partir de um trabalho de campo etnográfico realizado em Codó, no interior do estado, buscamos

repensar elementos presentes na bibliografia sobre o tema (inclusive em trabalhos nossos) que associam o terecô à Codó, aos encantados da família de Légua Boji Bua e às matas da região. Na companhia deste trabalhos buscamos dar centralidade às narrativas presentes nas conversas e nas doutrinas "puxadas" por pessoas e entidades para explorar as ideias de que i) Codó, ainda que município, é um território não fixo que remete a uma categoria própria de força; ii) a família de Légua, ainda que relacionada às matas da região, é também caracterizada pelo deslocamento, de modo que se vincula a símbolos de outros contextos e temporalidades. Assentamos nossa análise na percepção de que o que se conta e se canta sobre o terecô - em suas múltiplas formas - são processos de criação, especulação e reinscrição da religião, que atualizam e fornecem sentido às experiências. Ao mesmo tempo, reconhecemos a centralidade dos pontos cantados, as doutrinas ou toadas, como dinamizadores de narrativas e vivências. Concluímos reforçando a importância metodológica e as implicações do contar e cantar; mas também revendo noções estanques de território, terra e encantaria, constantemente desafiadas por terecozeiros e entidades.

Compondo histórias e paisagens com espíritos

Marcelo Moura Mello (UFBA), Rodrigo Charafeddine Bulamah (UERJ)

Não são raras as situações de campo em que nos vemos diante de questões que ultrapassam as formas convencionais de conceber a agência e, consequentemente, nossos modos de narrá-la. Encontros com espíritos, histórias que falam do protagonismo de encantados, locais de morada de entidades espirituais e de conexão com outros mundos, tudo isso tensiona frontalmente com os modos como fazemos etnografia, concebemos a paisagem e contamos nossas histórias. A proposta desta comunicação é abordar exatamente as formas como essas entidades se envolvem com o processo histórico e na produção da paisagem, gerando outros nexos entre tempo e espaço e entre passado, presente e futuro. Com base em nossa experiência de campo em dois contextos caribenhos (Guiana e Haiti) queremos propor uma reflexão que atente para os modos pelos quais espíritos atuam como agentes, narradores e atores de processos históricos, com especial destaque para os modos pelos quais compõem paisagens, seja por meio de narrativas e dinâmicas de mobilidade e imobilidade, seja pela coabitação de espaços com humanos e outros entes espirituais.



Sessão 03 - ST 12: Contando com os espíritos - Ecologias de vidas entrelaçadas: territórios, movimentos e práticas de resistência

Coordenador/a: Vânia Zikàn Cardoso (UFSC)

Debatedor/a: Martina Ahlert (UFMA)

"Se um dia o meu barraco fechar, é porque a matéria foi pro caixote!"

Thaís Cristina Leal Verçosa (UFPE)

Durante a renovação do Tombo de Jurema de Mãe Inajá de Oxum, em maio deste ano, sua mestra, Lusitânia, chegou ao barracão do terreiro usando um longo e bem adornado vestido vermelho, carregando nas mãos um buquê de rosas, também vermelhas, e dançando uma toada em sua homenagem. Sorria e cumprimentava os presentes, que cantavam e a aplaudiam com grande entusiasmo, ao som, entrecortado, de vários “salve, madrinha!”, proferidos por todos que acompanhavam a festa. A segunda cantiga mal havia terminado quando a mestra enunciou, com voz rouca e um tanto debochada: “Não disseram que meu barraco ia fechar?!”, gargalhando em seguida. Sua fala se refere ao futuro processo de mudança do terreiro: há poucos meses, a mãe de santo foi notificada, por meios legais, de que uma grande obra da Prefeitura de Olinda passaria pela rua onde o terreiro está situado, exigindo, portanto, que ele seja deslocado para um novo endereço. Em sua fala, a entidade revela para a comunidade que tem acompanhado a conjuntura na qual estão inseridos, situando-se como parte ativa da questão. Em cidades marcadas por lógicas capitalistas excludentes, terreiros desafiam a noção de propriedade privada ao afirmar um uso coletivo e sagrado do espaço, sendo um locus de resistência e, também, de recriação, cujas trajetórias se constituem, muitas vezes, a partir de deslocamentos que refletem questões ligadas às desigualdades de urbanização e necessidade de adaptação a novas conjunturas, formando cartografias não-lineares.



Eu quero ser semeado: multiplicidade religiosa entre congado, candomblé e o desastre socio-técnico de Brumadinho

Bianca Zacarias França (UFMG)

No dia 25 de janeiro de 2019, ocorreu o rompimento da barragem da Vale S.A. em Brumadinho (MG), causando 272 mortes e afetando 26 municípios. Além dos crimes ambientais e contra a vida, houve danos profundos às populações atingidas, especialmente aos Povos e Comunidades de Tradição Religiosa Ancestral de Matriz Africana (PCTRAMA), quilombolas, indígenas e ciganos. Minha tese busca investigar, etnograficamente, como se articula a multiplicidade religiosa entre o congado e o candomblé nesse contexto de desastre, em especial no Ilê Axé Palácio de Oxóssi e na Irmandade de Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São João Batista de Igarapé. A pesquisa começou em 2022, quando atuei como antropóloga no IDAFRO, identificando danos socioculturais e fortalecendo a matriz de danos dos 41 territórios tradicionais afetados. Inspirada por autores como Achille Mbembe, Zhouri e Valêncio, e por lideranças como Pai Marambaia, a investigação evidencia que o racismo ambiental e a necropolítica, que decidem quem deve morrer, também ampliam a categoria de "atingidos" para incluir orixás, encantados e entidades, pois, como nos diz o ditado candomblecista, "matou a planta, matou o Orixá". Conclui-se que a justiça climática só será possível quando incluir os povos de terreiro e comunidades tradicionais na agenda política, reconhecendo seus saberes e práticas ancestrais como essenciais para enfrentar os conflitos climáticos e territoriais contemporâneos.

Vidas fúngicas nos terreiros afro-brasileiros

Mauricio dos Santos (UFMG), Emmanuel Duarte Almada (UEMG)

Este trabalho trata das relações entre os fungos e as práticas religiosas afro-brasileiras, especificamente no terreiro de ketu, Ile Asé Ogun Ojú Funmilaiyó. A pesquisa destaca a importância dos fungos nas práticas germinantes dos povos de terreiro, onde a simbiose de axé é fundamental para a interação e interdependência entre seres multiespécie. A etnografia realizada desde 2012 nesse terreiro evidencia a presença de fungos em diferentes rituais, como no Ebô de Oxalá, onde o milho é preparado e emerge fungos onde também respondem orixás; no Aruá, uma bebida tradicional fermentada e é oferecida aos santos e a seus filhos; e no Pão de Ogum, um tipo de pão ritual que é distribuído durante as festas do santo guerreiro. Esses exemplos ilustram como

os fungos são necessários para fortalecer as relações entre seres mais do que humanos, desafiando visões antropocêntricas e contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas ecológicas e ontológicas. Além disso, a pesquisa destaca a importância da observação participante e da etnografia de longa duração para entender as complexidades das práticas religiosas afro-brasileiras e a relação com as vidas fúngicas.

Nos escombros da cidade: narrativas das comunidades de terreiros em Manaus

Luiza Dias Flores (UFAM)

Busco nessa apresentação narrar meu encontro com algumas comunidades de terreiro em Manaus, participantes de uma contracartografia que desenvolvemos ao longo do projeto "A mata, as ervas e o axé". Quero me debruçar, sobretudo, nas narrativas vividas e ouvidas por três destes terreiros – dois deles de Mina jeje-nagô e um deles de Umbanda amazônica – sobre a vida que se faz nos escombros por onde a cidade foi e segue sendo erguida. O intuito do trabalho é pensar sobre os modos como conectam temporalidades diversas através de relações eto-ecológicas, por onde emergem quatro formas relacionais que nomeio temporariamente como precaução, fuga, ressurgência e ocupação. Narrar Manaus com os terreiros é romper com os silêncios e silenciamentos que a população negra e afroindígena tem experimentado ao longo dos séculos nos discursos oficiais sobre a Amazônia Ocidental, cujo apagamento tem ceifado possibilidades de participação política, sobretudo com a cada vez maior participação dos setores evangélicos nos espaços de tomada de decisão. Dessa feita, pretendo aqui compartilhar alguns fragmentos etnográficos que possam suscitar pontes, conexões e reflexões sobre ecologia, vida e política para narrar a cidade e suas complexidades. Pensar o que coaduna um comum, um problema comum, seja a cidade, seja o que se convencionou a pensar como Antropoceno, como irredutivelmente problemático, através e com algumas comunidades de terreiro.



Políticas invisíveis: relações com espíritos no médio e alto Tapajós

Thiago Mota Cardoso (UFAM), Carlos Roberto Calenti Trindade (UFAM)

Essa comunicação buscará narrar pelo menos duas relações com espíritos, e suas políticas, na paisagem do médio e alto Tapajós, oeste do estado do Pará. A região é historicamente visada para a produção de energia, com projetos de usinas hidrelétricas assombrando constantemente as vidas das populações dali, mas também pelo agronegócio, garimpo e obras de infraestrutura que arruinam e contaminam paisagens e corpos. Contra as práticas desertificantes de um geontopoder (Elizabeth Povinelli) que tenta esvaziar o rio de vida, populações indígenas e ribeirinhas mobilizam espíritos em suas lutas de defesa do território. No caso do povo Munduruku, diversos locais sagrados, com a presença da mãe dos peixes, por exemplo, seriam destruídos para a construção da UHE São Luiz do Tapajós. Entre os beiradeiros, a capela do santo João Guabiraba, um seringueiro local morto por crueldade do patrão na época da escravidão por dívida, seria alagada pela construção da mesma usina. A aliança entre essas populações, pesquisadores, ativistas e espíritos acabou adiando essa "Catástrofe da Sobrenatureza" (Nicole Soares). Testemunhar e narrar essas lutas, e como os espíritos são (e sempre foram) agentes constitutivos delas e de paisagens, nos parece uma responsabilidade incontornável de nosso tempo. Com isso em mente, apresentaremos também o projeto "Ecologia dos Espíritos", aprovado na chamada Amazônia + 10, do CNPq, do qual as pesquisas com os munduruku e os beiradeiros fazem parte.

Os caminhos dos bichos: uma profusão de histórias perigosas

Caio Mattos Santos (UFRJ)

Baseado em trabalho etnográfico realizado em uma comunidade quilombola no norte capixaba (Conceição da Barra) no ano de 2024, o trabalho se debruça sobre histórias centradas nas trajetórias dos "bichos" — termo nativo que designa pessoas, animais, espíritos e outros seres mais-que-humanos. Através dessas histórias, o que se delineia é uma cartografia do perigo: são relatos que tematizam o risco de ter o corpo invadido e atravessado por forças e circunstâncias das mais diversas – "invasores" não-quilombolas que loteiam pedaços de terra nas vizinhanças, o imprensamento promovido pela monocultura de eucalipto que circunda as casas e os encostos e espíritos cachaceiros que podem afligir qualquer desavisado apoiado em um balcão de bar. No quintal de uma tia, as crianças aprendem a caminhar – pelo território e "para fora" – ouvindo as

histórias daqueles que “viraram bicho”. Por vezes uma metáfora, uma acusação ou o reconhecimento de uma presença, os “bichos” emergem nas histórias como uma virtualidade perigosa, contra-exemplos instrutivos para se seguir um rumo seguro e orientar modos possíveis de se proteger diante dos perigos que correm pela estrada. Assim, pretende-se pensar o que essas histórias contam sobre a porosidade dos mundos e a instabilidade a que estão submetidos os corpos e seus caminhos.



ST 13: COPRODUÇÕES CONTEMPORÂNEAS: INTERVENÇÕES BIOTECNOLÓGICAS SOBRE O CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Coordenador(a): Fabíola Rohden (UFRGS), Fernanda Vecchi Alzuguir (UFRJ), Marina Fisher Nucci (UERJ)

Sessão 01 - ST 13: Coproduções contemporâneas: intervenções biotecnológicas sobre o corpo, gênero e sexualidade - Fertilidade, gestação e maternidades

Coordenador/a: Marina Fisher Nucci (UERJ)

Debatedor/a: Fernanda Vecchi Alzuguir

Gestação de substituição entre homens gays no Brasil: redes de parentesco e amizade nas narrativas das gestantes

Aureliano Lopes da Silva Junior (UFRRJ)

A gestão de substituição é uma biotecnologia reprodutiva em que uma mulher cisgênero (ou pessoa com útero) gesta para outrem a partir de embrião produzido com material genético heterólogo. No Brasil a reprodução assistida é regulada pelo Conselho Federal de Medicina e suas resoluções são reconhecidas pelo Estado. Segundo a resolução mais recente do CFM (nº2320/2022): "a cessão temporária do útero não pode ter caráter lucrativo ou comercial" (CFM, 2022) e a gestante "deve: a) ter ao menos um filho vivo; b) pertencer à família de um dos parceiros em parentesco consanguíneo até o quarto grau" (CFM, 2022). Como a gestão de substituição não pode ser comercial no Brasil torna-se necessário que a gestante seja parente de um dos pais ou seja uma pessoa que tenha vínculos afetivos muito estreitos a ponto de que sua gestação não seja caracterizada como comercial pelo CFM, já que o CFM também estabelece que casos em que a gestante não possua "parentesco consanguíneo até quarto grau deverá ser solicitada autorização do Conselho Regional de Medicina (CRM)" (CFM, 2022). Assim, nesta proposta analisaremos

entrevistas feitas com mulheres cisgênero que gestaram para casais gays no Brasil, discutindo: 1) a experiência da gestação de substituição no corpo; 2) a constituição e gestão dos afetos entre as gestantes e os pais gays; 2) as redes de parentesco e amizade produzidas a partir das gestações de substituição; 3) o lugar da homossexualidade na constituição do parentesco e redes de afetos.

"É como se você fosse um objeto que não faz a função daquilo que foi chamado": ausência uterina, o sonho da maternidade e a esperança na ciência para mulheres com síndrome de Rokitansky

Juliana Rodrigues Vieira (UERJ)

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que busca construir uma etnografia sobre o transplante de útero no Brasil, sob a ótica dos estudos sociais da ciência e dos estudos de gênero. A partir dodiálogo com os diferentes interlocutores (médicos, pacientes e ativistas), verificou-se diferentes motivações em apoio ao desenvolvimento do procedimento experimental que propõe solucionar a condição de Infertilidade Uterina Absoluta. O imenso desejo pela maternidade, relatado por muitas mulheres diagnosticadas com essa condição congênita marcada pela ausência de um útero, atravessa diretamente dimensões objetivas e simbólicas do "gestar" e "gerar". Refletir diferentes condições uterinas possibilita tentar compreender como processos de saúde e doença extrapolam suas dimensões físicas e biológicas, na medida em que são coproduções dos discursos sociais de gênero e ciência. Pensar como a ausência parcial ou total desse órgão afeta pessoas, experiências e trajetórias também possibilita desdobrar (im)possibilidades e anseios de mulheres que convivem com a síndrome de Rokitansky. Diante desse contexto, a inovação do transplante uterino surge enquanto uma esperança e materialização de algo até então irrealizável para essas mulheres e o avanço científico conduzido por esses médicos parece, simultaneamente, encontrar e produzir o desejo, a aceitação e a demanda por parte delas.



Preservar a fertilidade: consumo do congelamento de óvulos entre o desejo e a dúvida de engravidar, e o medo da infertilidade associada ao envelhecimento

Nathália Cariatti Ferronatto (USP), Nathália Cariatti Ferronatto (USP)

O uso do congelamento de óvulos como forma de planejamento reprodutivo cresce no Brasil, sendo adotado por pessoas em idade fértil que buscam assegurar a uma gravidez no futuro, e como recurso para se adiar a própria decisão sobre gestar e maternar ou não. Este trabalho investiga este procedimento da Reprodução Humana Assistida (RHA) através de etnografia com pacientes e em clínicas de RHA, mapeando os sentidos que as pacientes produzem em relação à medicalização de seus corpos ao fazerem o congelamento de óvulos, ou exames hormonais e de imagem usados como indicadores para compreender a idade fértil, e que servem também como instrumento de "alerta" sobre a infertilidade relacionada à idade, sendo usados para prescrever o congelamento. O trabalho busca as motivações que levam mulheres consideradas saudáveis de um ponto de vista médico a buscarem o congelamento de óvulos, investigando como a ideia de preservação da fertilidade é construída e articulada junto de aspirações de autonomia sobre a própria saúde reprodutiva, de prolongar a juventude e afastar efeitos do envelhecimento, e do investimento e aperfeiçoamento de si através do consumo de biotecnologias. O trabalho discute ainda como a adesão a este procedimento acontece junto de uma reificação de papéis de gênero atrelados à biologia, tratando a reprodução como parte do curso da vida de pessoas do sexo feminino, e portanto sendo um processo que deve ser garantido através da criopreservação de óvulos.

Peles que queimam: raça, classe e embranquecimento no processo de seleção de doadores de sêmen

Hugo Henrique Pascoal (UERJ), Anna Paula Uziel (UERJ)

Há negros na sua família? Qual cor a sua pele assume ao se expor ao sol? Estas são duas das perguntas realizadas nas entrevistas com doadores de sêmen em um banco de gametas brasileiro. O presente trabalho, nesse sentido, se propõe a investigar e analisar como raça e etnia atravessam o desejo das/dos clientes no processo de seleção de doadores de sêmen; e como o poder biomédico operacionaliza essas categorias no campo reprodutivo. Por meio da análise, sob

um olhar cartográfico, da entrevista realizada com a diretora do banco e dos perfis virtuais de cada doador presentes no site eletrônico dele, buscamos compreender: I) quais critérios são utilizados na seleção de um doador; II) como se dão a leitura fenotípica e a classificação racial por meio de práticas e discursos institucionais; e III) como o imaginário social, que privilegia a branquitude e a brancura, incide nas tecnologias reprodutivas. Sob uma lógica na qual gametas são tratados como mercadorias, a carga genética destes assume um valor simbólico com base no que é mais valioso na era do capitalismo artista (Lipovetsky; Serroy, 2015): a estética. Socialmente, torna-se fundamental pensar em raça e beleza como fatores indissociáveis, uma vez que a construção social de beleza no Brasil esteve atrelada historicamente ao embranquecimento. Os desdobramentos deste trabalho objetivam suscitar reflexões acerca de como a ciência e as biotecnologias podem ser terreno fértil para a reprodução de desigualdades raciais e de classe.

A gravidez “tardia” de Claudia Raia no Instagram: falsas expectativas?

Miria Cássia Oliveira Aragão (Universidade do Minho), Susana Silva (Universidade do Minho), Débora Allebrandt (UFAL)

A gravidez da atriz brasileira Cláudia Raia, aos 55 anos, tornou-se amplamente discutida no Instagram, gerando debates que rapidamente viralizaram. Um dos recortes desta tese de doutoramento, examina os imaginários sociais refletidos nas críticas sobre gravidez "tardia" com base numa etnografia digital. Foram escolhidos dois perfis públicos relacionados ao tema: o da atriz, @claudiaraia, e o de seu médico, @josebento. A análise concentrou-se nas postagens iniciais e nos comentários associados ao anúncio da gestação. Após o tratamento dos dados, constatou-se que, dos 289 comentários avaliados, 283 foram feitos por usuários com perfis femininos, 4 por perfis masculinos e 2 por perfis não identificados. Esta classificação foi baseada nos nomes autodeclarados nos perfis com base em associações usuais de nomes masculinos ou femininos. Entre as principais críticas nos comentários, destacou-se a questão das limitações relacionadas ao "relógio biológico feminino" no âmbito da reprodução. O relato da atriz sobre uma gravidez supostamente natural, considerando sua trajetória artística, mãe de dois filhos, com um casamento estável e uma carreira consolidada, gerou preocupações sobre a criação de expectativas irreais em outras mulheres, evidenciando a necessidade de tratar o tema com prudência, seja elucidando os

riscos e incertezas em gestações "tardias", seja destacando desigualdades socioeconômicas que dificultam o acesso a tratamentos médicos de reprodução assistida no Brasil.

Monitoramento, vigilância e riscos: reflexões sobre tecnologias pré e pós-natais

Marcos Castro Carvalho (UFRGS), Fernanda Loureiro Silva (UERJ)

A exposição visa discutir práticas de monitoramento, vigilância e gestão de riscos a partir de tecnologias envolvidas desde a pré-concepção até o pós-nascimento. A crescente incorporação de tecnologias à reprodução intensifica a vigilância sobre corpos a partir do monitoramento de riscos, gerando ansiedades e novas formas de iatrogenia, ao mesmo tempo em que busca reassegurar a saúde do feto-bebê. A partir de observações e da análise de entrevistas e de discursos biomédicos, examinamos o papel desses dispositivos na produção e gestão de novos riscos e na reconfiguração das formas de controle e cuidado associadas à reprodução. A experiência de escuta e monitoramento dos batimentos cardíacos fetais, por exemplo, é um fenômeno que comunica não apenas informações objetivas acerca do feto-bebê mas também revelam o entrelaçamento de discursos médicos e morais, no qual a relação entre mãe e filho aparece como um local-chave de intervenção. Tecnologias de monitoramento ganham contornos específicos ao longo dos diferentes usos e momentos, produzindo "janelas diagnósticas" e entrecruzando marcadores sociais da diferença, e sua instrumentalização pode acontecer de diferentes formas a depender do contexto (Brasil e Canadá). Antes restritas ao uso médico diagnóstico, a ampliação para uso doméstico de algumas dessas tecnologias promove controvérsias, borra fronteiras entre conhecimentos leigo e perito, reconfigura subjetividades e reascende dilemas éticos envolvendo decisões reprodutivas.

Novas narrativas sobre o puerpério: uma análise sobre práticas atuais de medicalização do pós-parto

Marcelle Schimitt (UFRGS)

A gestação, o parto e as maternagens protagonizam pesquisas antropológicas há um bom tempo. O puerpério, contudo, este espaço-tempo descrito como liminar, momento de reorganização física e psíquica após o nascimento, ainda recebe pouca atenção na academia. O objetivo desta pesquisa é mapear narrativas atuais sobre o puerpério a fim de entender o que hoje

constitui esse período da vida das mulheres mães - especialmente aquelas de camadas médias, brancas e escolarizadas da população – as quais vêm acionando essa categoria para nomear uma espécie de ruptura entre a vida antes e depois dos filhos. Partindo do questionamento sobre o que seria considerado anormal ou patológico e passível de intervenção quando se trata do puerpério, analiso narrativas médicas, institucionais e provenientes das mídias sociais a partir de uma perspectiva feminista das ciências. Ao mesmo tempo em que há discursos que se recusam em explicar o descompasso entre as expectativas e a realidade do pós-parto em termos de patologia; aqueles que se utilizam de um vocabulário médico podem ser entendidos como um modo de dar visibilidade a sofrimentos coletivos, mas que têm sido vivenciados de modo um tanto quanto individual. Por vezes a depressão pós-parto ou a chamada baixa hormonal são respostas que se adequam mais facilmente à realidade das recém-mães e explicam – sem os incômodos que uma discussão sobre as desigualdades de gênero, raça e classe provocam - o sofrimento que muitas mulheres experienciam.

Sessão 02 - ST 13: Coproduções contemporâneas: intervenções biotecnológicas sobre o corpo, gênero e sexualidade - Diagnósticos, saberes, normas e técnicas científicas

Coordenador/a: Fabíola Rohden

Debatedor/a: Marina Fisher Nucci (UERJ)

Glândulas, hormônios e sociabilidade na América Latina: o livro “Glândulas Sexuaes e Hipophyse Anterior” de Thales Martins (1936)

Isabella Bonaventura (UNIFESP)

Este trabalho analisará o manual “Glândulas Sexuais e Hipófise Anterior”, escrito pelo médico Thales Martins em 1936. Busca-se compreender de que maneira hormônios e glândulas endócrinas foram posicionados como agentes centrais na compreensão dos comportamentos e, ao mesmo, proporcionaram a formação de redes de sociabilidade entre pesquisadores latino-americanos. Thales Martins liderou laboratórios de pesquisa no Instituto Oswaldo Cruz e no Instituto Butantan, entre as décadas de 1930 e 1950, desempenhando relevante papel da

institucionalização da farmacologia e endocrinologia no Brasil. O compêndio "Glândulas Sexuais" permitirá compreender as concepções de Martins, que elaborou um manual para a formação médica e, para tanto, contou com imagens enviadas por colegas, com trabalhos de desenhistas e de fotógrafos, bem como, referenciou produções de outros pesquisadores da América Latina. A obra conta com 134 imagens, dentre as quais se destacam aquarelas e fotografias. A partir desta fonte, o papel dos hormônios e das glândulas endócrinas será discutido mediante duas perspectivas. Abordaremos como a mediação química foi posicionada como principal caminho para compreender os comportamentos de seres humanos. Em seguida, destacaremos como o estudo dos hormônios e das glândulas endócrinas fortaleceu relações de sociabilidade, costurando uma rede científica latino-americana, que conectou laboratórios brasileiros, argentinos e chilenos, na década de 1930.

Sobre corpos, substâncias, diagnósticos e vigilância. Uma etnografia de um objeto científico e de suas práticas

Jonatan Jackson Sacramento (UFSJ)

Na década de 1960, pesquisadores da América Latina se reuniram em torno de uma rede de estudos com vistas à produção de dados epidemiológicos e pesquisas científicas sobre os defeitos e malformações congênitas na América do Sul. O ECLAMC (Estudo Colaborativo Latino-Americano de Malformações Congênitas), hoje presente em 7 países e 23 hospitais, tem construído desde então uma série de instrumentos científicos, como protocolos diagnósticos, atlas de imagens, cartilhas de formação, e orientado políticas de saúde no sentido da prevenção e vigilância da ocorrência de defeitos e anomalias congênitas. O objetivo deste trabalho é analisar a criação de uma rede de vigilância colaborativa mobilizando corpos, substâncias, diagnósticos e processos de vigilância, desde um ponto de vista sóciotécnico e pedagógico. Sociotécnico, pois permite a visualização dos problemas de alterações congênitas que não são objetivo de vigilância compulsória dos sistemas nacionais de saúde. Pedagógico, pois se mostra uma ferramenta de produção de conhecimentos científicos e formação de quadros intelectuais dentro de um estilo de pensamento específico. Minha hipótese é que, como uma objeto científico, no sentido dado por Lorraine Daston, o ECLAMC, seus atores e práticas podem ser entendidos no contexto dos

dispositivos de governança reprodutiva e seus processos de regulação, monitoramento e controle de comportamentos reprodutivos e práticas populacionais.

Intersecções entre ciência, corpo e dor: uma análise das produções biomédicas sobre a fibromialgia a partir das categorias de sexo e gênero

Ana Carolina Verdicchio Rodegher (UNICAMP)

A fibromialgia é uma síndrome caracterizada por dor crônica difusa, fadiga, sono não restaurador e, por vezes, está associada à ansiedade e depressão. Ela é uma afecção com alta prevalência em mulheres e seu reconhecimento médico-científico ainda é repleto de controvérsias, principalmente no que concerne aos processos fisiológicos que a ocasionam. Mobilizando os estudos feministas críticos às tecnociências, este trabalho propõe uma análise sobre a produção científica da fibromialgia, enfatizando como o sexo e o gênero são acionados com frequência enquanto categorias intercambiáveis nas publicações biomédicas sobre a afecção. Buscarei evidenciar não apenas os efeitos discursivos dessas publicações, mas também os processos de materialização que repercutem no cotidiano de pacientes, de suas redes de apoio e de profissionais da saúde, tais quais: a produção do cuidado de si e do gerenciamento da dor crônica, a elaboração de evidências científicas e diretrizes clínicas, a aplicação de diferentes terapêuticas e a politização da fibromialgia como uma deficiência.

Portanto, a partir da análise de trabalhos situados em diferentes especialidades do campo clínico, procuro tensionar as fronteiras entre corpo, dor e sexo e gênero. Em última instância, espero contribuir para a reflexão da fibromialgia como uma condição coproduzida na intersecção dos saberes biomédicos, dos marcadores sociais da diferença, dos regimes de visibilidade da dor e das subjetividades implicadas nesse processo.

O corpo molecular da esquizofrenia e seus modelos experimentais: apontamentos antropológicos sobre materialidade e representação em textos científicos contemporâneos

Arthur Alexandre Maccdonal (UFRGS)

A partir de diferentes estratégias de abordagem experimental da esquizofrenia – como culturas celulares, tecidos post-mortem e plasma sanguíneo – o presente trabalho propõe uma

reflexão antropológica sobre como corpo e transtorno mental são tecnicamente materializados. Nessas práticas, tomadas a partir de artigos científicos, a esquizofrenia emerge como uma entidade clínica instável, situada entre distribuição e coordenação e performada por intervenções que fragmentam e recombinam materialidades visando a inteligibilidade em uma escala molecular. Seja no uso de células-tronco pluripotentes induzidas, na análise de tecidos post mortem ou na quantificação de proteínas e metabólitos no plasma sanguíneo, o transtorno é performado por diferentes tecnologias que produzem variações do corpo, do cérebro e da fisiopatologia. Menos do que buscar um corpo biológico unitário como lócus do transtorno mental, o que estes estudos revelam é que a molecularização dos transtornos mentais passa pela distribuição, fragmentação e manipulação do corpo por meio de séries de intervenções laboratoriais. A abordagem dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, neste sentido, nos permite explorar não apenas o que esses modelos experimentais dizem sobre a esquizofrenia e seu horizonte molecular, mas também os regimes de verdade que sustentam essas práticas, tensionando categorias tradicionais como representação, natureza e cultura, e abrindo caminho para novas formas de ordenação do conhecimento.

Viável, Inviável ou “em Viabilidade”: tecnologias e neonatos

André Luiz Coutinho Vicente (UFRJ)

Tenho me interessado em compreender como uma série de técnicas e tecnologias, sobretudo aqueles classificados como testes e exames, atravessam o nascido, tanto a termo quanto pré-termo, e produzem discursos sobre viabilidade neonatal. O que significa ser viável? Como se parametriza a viabilidade de uma vida extra-uterina? E quais elementos típicos do mundo bio-médico sustentam esta parametrização? Mas, mais importante, como uma série de tecnologias, sobretudo de alta complexidade médica, tornam o inviável em viável (por exemplo, via respiração mecânica, via cirurgias cardíacas) ou apenas atestam uma viabilidade esperada? Nessa comunicação, fruto de uma pesquisa recém-iniciada para doutoramento, busco refletir sobre corpo, saúde tecnologias médicas e discurso a partir de alguns achados iniciais frutos de conversas com interlocutores, profissionais da saúde. Mais do que sair pelo caminho dos saberes bio-médicos que tomam certas características, nomeiam de “sinais vitais” e, assim, formulam a ideia de vida – e de ausência de vida -, importa etnografar as práticas e técnicas que dão base material

a estes discursos. Papéis, substâncias, máquinas, regulamentos, protocolos, profissionais; todos concorrem no período neonatal – dito como crucial – para dizer quais são viáveis, quais são inviáveis e quais e como podem se tornar viáveis.

"Atuemos como juízes com alto grau de sensibilidade": uma investigação do discurso do Conselho Federal de Medicina sobre o corpo da mulher

Carolina Aita Flores (UERJ)

EEste trabalho integra uma pesquisa de doutorado que investiga os discursos normativos do Conselho Federal de Medicina (CFM) sobre o corpo da mulher. Por meio de uma análise qualitativa de documentos oficiais publicados entre 2003 e 2023, buscamos compreender como o CFM regula discursivamente os processos reprodutivos femininos. Foram utilizadas treze palavras-chave ligadas à saúde reprodutiva (como menarca, gestação, parto e menopausa), resultando em um corpus de 89 documentos. A análise se fundamenta na Análise de Discurso de base foucaultiana, aliada aos estudos de gênero e às críticas feministas à tecnociência. Os achados apontam para a centralidade da reprodução na construção normativa do corpo feminino, marcada por um duplo movimento: de um lado, a medicalização e o controle biopolítico da experiência reprodutiva; de outro, a tentativa de simular a reprodução "natural" em práticas tecnocientíficas, como a reprodução assistida. Argumentamos que o CFM atua como instância de regulação moral e política, reforçando normas biomédicas que naturalizam hierarquias de gênero e restringem a agência reprodutiva das mulheres. A proposta dialoga com os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia ao discutir as coproduções entre saber médico, gênero e biotecnologia.

Dinâmicas e moralidades contemporâneas na promoção dos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC) hormonais para a prevenção de gravidez não-planejada entre jovens e adolescentes

Leticia Moutinho Palis (UFRJ)

Este trabalho deriva de pesquisa de doutorado, em curso no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da UFRJ. Objetiva-se investigar, a partir de estudo documental e de pesquisa etnográfica em um serviço público de planejamento reprodutivo, os discursos e práticas que

cercam a promoção dos LARC hormonais - implante subdérmico de etonogestrel e dispositivo intrauterino (DIU) de levonorgestrel - como “opções de primeira linha” a serem indicados para jovens e adolescentes nos serviços de saúde. Os LARC hormonais são celebrados na contemporaneidade por companhias farmacêuticas e associações médicas em razão da alta eficácia, longa ação contraceptiva (superior a três anos) e por seu uso não depender da “disciplina” da usuária. No Brasil, esses métodos não são disponibilizados de forma ampla e universal pelo Sistema Único de Saúde (SUS), embora figurem em políticas públicas de planejamento reprodutivo para grupos femininos “vulneráveis”; como adolescentes, usuárias de drogas ilícitas, trabalhadoras sexuais, entre outros. Diante desse cenário, procura-se problematizar os processos contemporâneos de biomedicalização ligados à contracepção feminina, que produzem os LARC como meios de promoção de cidadania a populações “vulneráveis”, e posicionam os métodos hormonais como mais seguros, modernos e "empoderadores", ainda que preocupações com a eficácia e a presença de efeitos adversos sejam amplamente relatados entre usuárias de implante e DIU de levonorgestrel.

Sessão 03 - ST 13: Coproduções contemporâneas: intervenções biotecnológicas sobre o corpo, gênero e sexualidade - (A)Sexualidades, gênero, binarismos e transformações corporais

Coordenador/a: Fernanda Vecchi Alzuguir
Debatedor/a: Fabíola Rohden

Desdiagnosticando a assexualidade

Júlia Góes Ferreira Barbosa (UFAL)

Ao longo da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), o termo ‘assexual’ aparece por duas vezes, uma relacionado ao Transtorno de Interesse/Excitação Sexual Feminino e outra relacionado ao Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo. Em ambos os casos, a autoidentificação do sujeito enquanto ‘assexual’ seria o suficiente para descartar o diagnóstico relacionado a estes transtornos. Já na edição anterior do DSM, o que hoje compreendemos como assexualidade – termo que inclui assexuais, demisexuais,

gray-a e outros – estava relacionada a ‘perturbações do desejo sexual’. Tendo isso em vista, este trabalho tem como objetivo 1. analisar e comparar a presença da assexualidade na quarta e quinta edição do DSM; 2. discorrer acerca do caráter regulador que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais exerce historicamente sobre a assexualidade; 3. questionar se reconhecimento de sujeitos autodeterminados enquanto assexuais pelo DSM-V é equivalente a despatologização da assexualidade.

Limites morais dos procedimentos estéticos de celibatários católicos: a relação entre beleza e sexualidade na modernidade

Monique Batista do Nascimento (UFRJ)

As cirurgias estéticas têm se tornado mais difundidas na vida moderna, fazendo com que esse tipo de procedimento seja, não só um reflexo, mas também criador de outras concepções de beleza. Uma vez que as cirurgias estéticas não são vistas como “medicamente necessárias”, as questões morais e éticas associadas a elas são intensificadas. O quadro se agrava quando o alvo das críticas são sacerdotes católicos, dado que o desejo por aprimoramento estético pode ser encarado como uma manifestação de narcisismo e vaidade ou uma submissão a uma sociedade que supervaloriza a aparência e o apelo sexual – concepção essa que deturpa a imagem social do clero católico. Esse tipo de procedimento é, comumente, lido como a expressão (in)consciente de sua homossexualidade, nos levando a crer que a vinculação do padre a uma intervenção puramente estética o tira de uma posição “dessexualizada”. Independentemente de serem, de fato, celibatários, os padres precisam manter uma performance de gênero heteronormativa (neutra) – que não se sente ameaçada em sua masculinidade e pode negligenciar sua aparência. Tal dinâmica necessariamente os leva a redobrar sua reflexividade sobre como vivem e performam seu gênero e sexualidade. Nesse sentido, a presente comunicação tem como objetivo analisar os discursos acusatórios diante de procedimentos estéticos realizados por padres e como esses discursos atravessam o corpo e a imagem do celibatário, mas também da própria Igreja Católica enquanto instituição.

“Anabolizantes e mulher é um relacionamento difícil e de longo prazo”: Percepções sobre o uso de drogas de ação hormonal em um fórum online

Camila Cavalheiro Pezzin (UFRGS)



O presente trabalho é uma primeira sistematização de material empírico coletado em um fórum online sobre hipertrofia, compondo parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que analisa debates em torno do uso de anabolizantes e outras drogas de ação hormonal entre mulheres cisgênero no Brasil. Ancorada em uma perspectiva sócio-antropológica, parto da hipótese de que o conjunto de práticas associadas a esse uso visa alterar a molaridade do corpo por meio da intra-ação molecular entre substâncias e receptores hormonais, em busca de aprimoramento estético, sexual e esportivo. Ao analisar os discursos que circulam no fórum, busco compreender como usuárias/os e treinadoras/es mobilizam um conhecimento altamente especializado, ainda que situado à margem da biomedicina contemporânea, com o objetivo de modelar os contornos corporais. Interessa-me, sobretudo, entender como essas pessoas compreendem os efeitos hormonais sobre o corpo feminino. Ao explorar as fronteiras entre beleza, virilização e saúde, proponho uma reflexão sobre os modos como esses discursos atualizam concepções específicas sobre a diferença sexual, que parece se apresentar de maneira cada vez mais molecularizada: dos genitais aos genes, dos genes aos hormônios, dos hormônios aos receptores hormonais.

Genealogia Bombadeira: experimentações laboratoriais dissidentes e corpo-política travesti

Ava Cruz Marchese (USP)

Neste artigo, investigo a maneira como travestis vêm produzindo seus processos de autoconstrução corporal desde os anos 70 no Brasil, tendo como referência a produção e circulação de saberes que transcendem as fronteiras dos saberes médico-farmacológicos

institucionalizados. Partindo das experiências de aplicação de silicone industrial clandestino, recupera-se uma genealogia de práticas laboratoriais dissidentes baseadas em três princípios (I) Autoexperimentação; (II) Subversão técnica; (III)domesticidade. Ao abordar a complexa interseção entre práticas experimentais, corporeidade e epistemologias trans, este artigo busca contribuir para o pensamento sobre a corpo-política travesti, na maneira como saberes subalternos e hegemônicos se entrelaçam de maneiras complexas.



Acesso à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e a hormonização nas experiências de pessoas Trans em Salvador, Bahia

Matheus Felipe Oliveira Costa (UFBA)

Trata-se de uma pesquisa de doutorado em Antropologia, em seus momentos iniciais, que propõe investigar o acesso à saúde de pessoas transsexuais, travestis, transgêneros e não binárias na cidade de Salvador, Bahia. A proposta foca na Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), método preventivo da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Estudos indicam que pessoas LGBTQIA+ enfrentam, com frequência, dificuldades no acesso a serviços de saúde, em razão de discriminações relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero. O interesse por essa temática emergiu durante o trabalho de campo de uma etnografia anterior com homens usuários de PrEP. Nessa pesquisa, foram conhecidas algumas pessoas transmasculinas e de identidades de gênero não binárias que frequentavam ambulatórios voltados à população trans e, por meio deles, realizavam, além da prevenção ao HIV, o processo de hormonização e o acompanhamento psicológico. Embora mulheres trans e travestis também utilizem a PrEP, elas não foram contempladas no recorte da pesquisa anterior. A partir dessa experiência, delineia-se o presente projeto, cuja questão norteadora é: como as identidades de gênero e sexualidade são construídas e manipuladas no acesso a serviços de saúde, como a PrEP e a hormonização? O objetivo principal é analisar o acesso de pessoas trans aos serviços de saúde, os usos da PrEP e da hormonização, bem como as possíveis redes de cuidado.

As mobilizações das categorias de autismo e infância no cerceamento de acesso à saúde da população trans

Lua Gall Gagliardi (UFRJ), Arthur de Menezes Bade (UFRJ), Maria Fernanda Gomes Peçanha (UFRJ), Marcelo Max França Santos (UFRJ)

É crescente os ataques de diferentes setores - médico, legislativo, privado, etc - ao acesso à saúde e aos direitos da população trans. Esses retrocessos afetam em alguma medida toda essa população; porém, é notório como certos grupos são alvo cada vez mais constante dessas investidas e de uma deslegitimação de suas identidades. No presente trabalho, pretendemos nos debruçar sobre dois desses grupos: as crianças e os autistas trans (e as interseções entre essas categorias). O presente trabalho surge a partir do interesse de membros de um grupo de estudo

sobre gênero e sexualidade, composto por estudantes da graduação e da pós graduação em psicologia na UFRJ, ao se depararem com a resolução nº 2.427/2025 do CFM que, dentre suas medidas, proíbe o uso de bloqueadores hormonais e a terapia cruzada para menores de idade e torna contraindicada a hormonização para usuários com transtornos do desenvolvimento graves, incluindo o autismo. Desse modo, nosso objetivo é investigar de que forma o autismo e a infância são mobilizados para o cerceamento do acesso de pessoas trans às biotecnologias de afirmação de gênero - dos hormônios às cirurgias. Para isso, nos utilizaremos da cartografia das controvérsias de Latour e Venturini - mas em diálogo também com autores como Butler e Preciado - para explorar diferentes discursos sobre o tema tanto nas legislações e resoluções vigentes no Brasil e no mundo quanto as tentativas de resistência de movimentos sociais que lutam contra essas medidas.

Corpos em Produção: trajetórias hormonais em um horizonte "Do It Yourself"

Augusto Clara Martins Krueger (PUC-RIO)

Este trabalho é uma descrição analítica do consumo de hormônios sexuais por pessoas que percorrem ou percorriam como trajetória, no horizonte “do it yourself”, a inventividade de gênero. Tem como objetivo refletir os desafios presentes entre (1) as vivências de pessoas transexuais e/ou intersexo que, em algum nível, realizam ou realizaram suas hormonizações rompendo com a conformidade em qualquer uma das recomendações idealizadas por manuais institucionais médicos, (2) os acesso às substâncias e (3) as estratégias e práticas exercidas nos sistemas de saúde - sendo eles público ou privado. No desenvolvimento do trabalho, são expostos alguns dos conflitos e convergências de um uso sócio-psico-biológico de elementos que estão marcados pela presença de um discurso médico-institucional a partir de quatro relatos realizados por meio de entrevistas semi-estruturadas. Desse modo, o trabalho aborda tensões e atritos entre os atendimentos médicos e os saberes difundidos em comunidades transexuais que se aprofundam nas discussões sobre terapia hormonal, observações sobre as estratégias para consumos que transbordam os encaminhamentos institucionais de hormônios e perspectivas acerca dos impactos afetivos/de efeito que ultrapassam as barreiras do que é dito apenas como biológico.



ST 14: CORPO COMUM: VULNERABILIDADES COMPARTILHADAS, ALIANÇAS INTERESPECÍFICAS E DISTINTAS E RENOVADAS FORMAS DE SOLIDARIEDADE E ESPERANÇA

Coordenador(a): Marisol Marini (USP), Henyo Trindade Barretto Filho (UNB), Flávia Melo (UFAM)

Sessão 01 - ST 14: Corpo Comum: vulnerabilidades compartilhadas, alianças interespecíficas e distintas e renovadas formas de solidariedade e esperança - Horizontes de saúde/doença e de dispositivos

Coordenador/a: Flávia Melo (UFAM)

Debatedor/a: Marisol Marini (Universidade de São Paulo)

Entre sentimentos e pressão arterial: a agência das emoções no campo da medicina cardiovascular

María Florencia Chapini (UNICAMP)

Este trabalho apresenta dados e reflexões preliminares sobre pesquisas clínicas que investigam a ação de sentimentos na saúde cardiovascular, com foco na hipertensão arterial. Esses estudos são desenvolvidos por integrantes do Departamento de Espiritualidade e Medicina Cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia, que atuam pela inserção da espiritualidade no campo da saúde. As evidências sugerem que sentimentos considerados “positivos” podem contribuir para a redução da pressão arterial, enquanto os “negativos” tendem a elevá-la, podendo provocar lesões e desencadear outros problemas de saúde. Em uma reportagem do Bom Dia Brasil, uma participante da pesquisa afirma: “minha relação com ela [a pressão] é muito boa, a dela comigo que não”, e completa: “minha pressão sobe de acordo com meu estado mais de espírito”. O trabalho propõe refletir sobre esses dados a partir de artigos científicos e webinários protagonizados por esses pesquisadores, articulando-os com o conceito de transcorporalidade

(Alaimo). Também busca discutir contradições políticas desse campo, especialmente em relação à agência das emoções e sentimentos enquanto forças que podem tanto gerar adoecimento quanto promover saúde.

Entre o Corpo Vivido e o Corpo Patologizado: Uma Fenomenologia da Consciência Corporal na Experiência da Hospitalização

Alberto Neves Santos Cruz (UNEB), Natália Bomfim de Santana (UNEB), Sueli Bonfim Lago (UNEB)

Qual a percepção do indivíduo adoecido sobre o próprio corpo? E como a hospitalização interrompe/potencializa sua agência? Este trabalho reflete sobre a consciência corpórea a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty(1999), compreendendo o corpo não como mero suporte anatômico, mas como expressão encarnada do ser-no-mundo, em sua intercorporalidade e dimensão existencial. Porém, observa-se ainda hoje, um reducionismo ao corpo-objeto, sob olhar técnico e fragmentado, que desarmoniza e condiciona a experiência corpórea à patologia, nos moldes do modelo biomédico. Dialogando com Kabengele Munanga(1999), problematiza-se como racionalização e colonialidade operam na construção social de corpos mais facilmente "patologizáveis", silenciados e desumanizados no contexto hospitalar. Como afirma Canguilhem(1995), ao citar René Leriche, a saúde é "a vida no silêncio dos órgãos"; é na ruptura desse silêncio, na irrupção da dor — voz da doença corpórea — que o corpo antes "invisibilizado", relegado, negligenciado se revela a um sujeito que antes não percebia sua potência e condição encarnada, pois só há vida na dependência de um corpo exposto e posto no mundo. Propomos repensar o cuidado como prática ética, relacional e descolonial, que negue a reprodução de ideias, técnicas e práticas cristalizadas e reconheça o corpo hospitalizado como território simbólico, histórico, afetivo, relacional e que se expressa, emaranhado nas ambiências, vivências e paisagens que experimenta no/com o mundo.

Trabalhar-com o problema: caminhos de compreensão em tempos epidêmicos

Carolina Carey (UFMG)



Ao realizar uma pesquisa sobre a história e a memória de uma instituição que se torna referência em Infectologia, depois de ter sido um sanatório de tuberculose, nos encontramos com questões que motivam este trabalho etnográfico. Além de notar diferentes sentidos de "saúde" ali presentes, pensamos nas relações que surgem desse encontro interespecífico que é a doença infectocontagiosa, e como teremos de nos habituar à ela quando nos situamos em tempos epidêmicos. Uma vez que a equipe hospitalar tem que responder à doença, não há outra opção a não ser ficar com o problema, dessa forma, como trabalhar-com o problema? Recorremos à Stelio Marras para pensar que nós dependemos das experimentações para restabelecer as fronteiras nas relações interespecíficas, pois só assim conseguiremos desenvolver respostas terapêuticas em face ao Antropoceno. À isso, acrescentamos o que Preciado afirma que ao pensar a saúde não podemos nos referir à imposição de fronteiras, mas recorrer a um novo entendimento de comunidade com outros seres. O presente trabalho trata de acompanhar como ocorrem as experimentações que caminham para essa compreensão.

Do vertical ao horizontal: o atlas das baixadas como ferramenta de questionamento institucional e reivindicação urbana em Belém

Wesley Ribeiro Cantão Silva (IFPA), Elinaldo Silva Caldas (UFPA), Erik Mendonça Silva (UFPA)

Com o processo de globalização, os aparatos técnicos e tecnológicos, de forma quase que intrínseca, passaram a permear a vida dos indivíduos em diferentes dimensões do cotidiano (SANTOS, 1994). Quando apropriadas pela sociedade civil, essas redes tornam-se espaços de solidariedade (CASTELL, 2017), uma vez que a horizontalidade presente confronta a verticalidade das estruturas tradicionais (ISRAEL, 2021). Inserido nesse contexto, este trabalho apresenta os resultados das oficinas de construção do Atlas das Baixadas, desenvolvido pelo Observatório das Baixadas, em Belém. A proposta configura-se como uma ferramenta técnica e tecnológica de caráter horizontal, visto que o mapeamento é realizado com a participação direta da comunidade belenense, questionando os dados institucionais estabelecidos. A mobilização ocorre por meio do perfil do Observatório no Instagram, onde é feita a chamada ao público externo para participar das oficinas — presenciais e on-line — de construção do atlas. Durante esses encontros, os pesquisadores explicam e orientam como a comunidade pode realizar o

mapeamento, sempre com base em suas vivências e inquietações espaciais. Tal experiência revelou-se uma ferramenta potente de contestação de dados oficiais, denúncia de desigualdades e reivindicação de políticas públicas voltadas às periferias. Dessa forma, sob mediação do atlas, o urbano passou a ser questionado por todos/as que vivem, de fato, suas contradições impostas pelas verticalidades.

Corporalidades que atravessam o Antropoceno: uma análise interdisciplinar sobre as relações sociotécnicas em ambientes digitais

Maria Eduarda Galvão Dias (UFJF)

Desde o final do século passado, o ser humano passou a ter uma relação regular com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). No entanto, com a pandemia de Covid-19 no início do século XXI, esse processo foi

acelerado devido a uma necessidade maior da Internet, consolidando ainda mais as relações sociotécnicas. Apesar disso, é notável a falta de diálogos interdisciplinares para compreender como estamos lidando com o processo de estreitamento, cada vez mais intensificado, da relação do ser humano (e da sociedade) com as tecnologias digitais. O artigo está dividido em duas partes: na primeira, é apresentada uma espécie de perspectiva macro, refletindo inicialmente sobre a

Modernidade, indo em direção ao Antropoceno e, por isso, abordando as relações sociotécnicas de maneira geral; na segunda seção, são abordadas as questões referentes à hibridização e às corporalidades, partindo para as reflexões sobre

a relação dos seres humanos com as tecnologias. Para tanto, utilizamos uma revisão bibliográfica exploratória que contém obras de autores como Latour (1994), Haraway (2009; 2023) e Sibilia (2002), sem a pretensão de esgotar a temática. Ao final, é realizada uma breve análise comparativa entre os textos selecionados, na tentativa de extrair ideias complementares, visando contribuir para um debate interdisciplinar acerca das relações humanas com as tecnologias digitais, observando o meio onde isso ocorre e a agência de seus atores.



Sessão 02 - ST 14: Corpo Comum: vulnerabilidades compartilhadas, alianças interespecíficas e distintas e renovadas formas de solidariedade e esperança - Horizontes de cuidados e de territórios

Coordenador/a: Marisol Marini (Universidade de São Paulo)

Debatedor/a: Henyo Trindade Barretto Filho (DAN/UnB)

Espaço Acolher: uma experiência com o cuidar de gente, prática germinante no IFBA campus Valença

Keyla Cardoso Santana (IFBA), Malú Santana Campos (UFLA)

O ambiente da pesquisa, IFBA campus Valença, tem seu público formado por jovens, sua maioria em situação de vulnerabilidade social, que precisam administrar suas emoções em um espaço que foi historicamente construído para produtividade e foco conceitual.

As manifestações de saturação psicológica começavam a ficar mais evidentes através de crises de ansiedade choros incontidos, um corpo em desequilíbrio, tentando sobreviver. Entendendo que não era possível dicotomizar, que a escola precisava compreender o indivíduo de corpo-inteiro, surge o Projeto Espaço Acolher.

Criado com o papel de acolhimento destes estudantes, o projeto promove rodas de conversa, massagem, alongamentos, meditação, aromaterapia, musicoterapia, espaços para descanso, diário de bordo, desenho, pintura, crochê e artesanatos. Para ter acesso ao ambiente, é preciso preencher uma ficha de atendimento, onde apontam quais as sensações os acometem naquele momento, para que seja destinada a atividade mais apropriada e ao saírem, fazem um pequeno relato sobre os possíveis benefícios por darem ao seu corpo, a oportunidade de relaxar e se perceber.

Os dados levantados entre 2022 e 2024, através da pesquisa-ação, vem trazendo números preocupantes a respeito das emoções dos discentes desta instituição. O objetivo é fazer com que a comunidade reflita sobre a criação de políticas de redução de danos, para fazer fluir, para germinar práticas do bem viver!



Uma medicina ancestral e uma agricultura ancestralíssima : tomando chá com Josefa

Mayra Nascimento Fonseca (UNB)

A tentativa desta peça é pensar a categoria agricultura (Fonseca, 2023; Van Dooren, 2024), no Cerrado, com foco na medicina ancestral e na agricultura ancestralíssima da raizeira Josefa. A autora compreende que a "ciência" (Lévi-Strauss, 1989; Graber e Wengrow, 2022) que entrelaça a medicina ancestral e a agricultura ancestralíssima de Dona Josefa pode ser pensada no arcabouço conceitual de "Saúde Única" (FAO, 2025), ou seja, da uma abordagem integrada que reconhece a conexão entre a saúde humana, animal, vegetal e ambiental.

"Aqui é todo mundo do mesmo tamanho": secas e vulnerabilidades compartilhadas entre humanos e mais-que-humanos em uma comunidade quilombola na Paraíba

Janice Alves Trajano (UFPEL), Renata Menasche (UFPEL)

"Aqui é todo mundo do mesmo tamanho", disseram-nos mulheres quilombolas da Serra do Talhado, sertão da Paraíba, em uma pesquisa etnográfica realizada ao longo do ano de 2024. Essa ideia se deve ao fato de que lá, humanos e mais-que-humanos partilham dificuldades. As secas foram/são um dos principais empecilhos para cultivos vegetais e para a sobrevivência de animais domésticos e silvestres. Se todo mundo é do mesmo tamanho, é difícil recorrer a algum outro – seja ele humano ou não – em busca de auxílio. Nas últimas décadas, com o acesso a programas como o Bolsa Família, a fome tem se atenuado. Todavia, novas questões surgiram após a chegada de empreendimentos de energias renováveis, que põem em situações de vulnerabilidades compartilhadas mata, animais silvestres, água, solo, animais de criação, plantações e humanos. Pensando a partir de Anna Tsing, identificamos que simplificações modulares ocorreram na paisagem após o desmatamento e a instalação dos equipamentos, levando a proliferações ferais, como o aumento de conflitos entre animais silvestres e de criação. Neste trabalho, que se situa no escopo dos estudos do Antropoceno, também identificamos possibilidades de sobrevivência colaborativa desenvolvidas pela comunidade. Uma delas é a manutenção da tradição de produzir panelas de barro, que pode contribuir com a manutenção da

coletividade como um todo, e se faz a partir de envolvimentos entre mulheres, água, terra e fogo, em uma ligação íntima com o território.

A tríplice fronteira dos Comuns: Relação, território e contra-hegemonia

Caio Cavalcanti Albuquerque Gazziro (UFSCAR), Ian Zanon Pessoa (UFRJ), Lucas Pires Botta (UFRJ)

O seguinte trabalho propõe uma reflexão interdisciplinar acerca do tema dos Comuns, visando evidenciar como este conceito pode operar como ponto de intersecção entre os campos da antropologia, da economia e da psicologia. Para compor tal texto, lançamos mão de autores como Negri, Harvey, Latour, Deleuze e Guattari, McKinnon e Bollier a fim de mostrar como a noção de Comuns permite uma virada interdisciplinar de caráter construtivista e pragmática nas ciências humanas. Os textos The Future of the Commons, de Harvey, e The Growth of the Commons Paradigm, de Bollier, abrem pistas para deslocar a tradicional problemática dos comuns: a escassez deixa de ser a lente explicativa, e a irracionalidade no uso dos recursos passa a ser atribuída à configuração histórica da propriedade privada. Ao abandonarem um estatuto naturalizado, os comuns deixam de figurar como uma categoria abstrata, associada a um problema e solução igualmente universais. Em seu lugar, emerge uma ontologia relacional e não-reducionista centrada no excedente (ao invés da escassez/falta) — ou na presença — que evidencia a constituição política, territorial e situada dos comuns. Com isso, a categoria passa a ser pensada a partir de sua escalabilidade, sua malha política e de implicações, abrindo espaço para um deslocamento epistemológico frente ao saber científico hegemônico. Esse olhar revela nos comuns não um problema a ser resolvido, mas uma potência explicativa para repensar as formas de vida e produção de mundo.



ST 15: COSMOCULINARIAS: TÉCNICAS DA ALIMENTAÇÃO E DA COZINHA AMERÍNDIA NA DISPUTA DE MUNDOS

Coordenador(a): Francisco Pazzarelli (Universidad Nacional de Córdoba y CONICET), Luisa Elvira Belaunde Olschewski (Universidad Nacional Mayor de San Marcos), Luis Fernando de Jesus Reyes Escate (Universidad Nacional Mayor de San Marcos)



ST 16: COSMOPOLÍTICAS DA EMERGÊNCIA: DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS ENTRE OS POVOS INDÍGENAS E O ESTADO NA RESPOSTA À CRISE HUMANITÁRIA NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI

Coordenador(a): Érica Dumont Pena (UNIFESP), Karenina Vieira Andrade (UFMG), Marcelo Moura (Museu Nacional/UFRJ)

Sessão 01 - ST 16: Cosmopolíticas da Emergência: diálogos (im)possíveis entre os povos indígenas e o Estado na resposta à crise humanitária na Terra Indígena Yanomami - Cosmopolítica da Emergência: a circulação de ontologias, imagens e espíritos

Debatedor/a: Marcelo Moura (Museu Nacional/UFRJ)

“Os napëpë não sabem cuidar das imagens”

Marília Garcia Senlle (UFRR)

No encontro dos Yanomami com os não-indígenas, uma atividade trivial para estes últimos revela-se especialmente delicada e movida por concepções profundamente distintas: os registros audiovisuais. Para os Yanomami, o imperativo de destruição dos rastros da pessoa após sua morte implica no apagamento destes registros ou na proibição de sua circulação entre o conjunto intercomunitário dos aliados do falecido. Se, hoje, os próprios Yanomami produzem seus filmes e fotografias, tal produção deve ser compreendida como uma abertura para o outro que opera segundo seus preceitos cosmológicos e sua concepção de imagem (utupë). Faz-se necessário observar o uso destas imagens sob o viés de sua cosmopolítica, considerando-se os valores atribuídos a elas, as formas de controle acionadas pelos diferentes grupos que permitem tal captura e as possibilidades de sua circulação. O contexto de emergência sanitária na TIY tem revelado um novo desafio diante das imagens, agravado com a instalação de inúmeros pontos de internet no território: se, de um lado, as imagens de pessoas doentes sensibilizam a opinião pública e servem como “comprovantes” para os não-indígenas, por outro lado são imagens geralmente interditadas

pelos yanomami, que tem ganhado novas formas de circulação nas comunidades sem que eles tenham controle sobre elas, acionando contextos de sofrimento pela proximidade com os mortos. Esta proposta foi pensada para ser apresentada em diálogo com a abordagem da antropóloga Valéria Vega.

Imagens que matam e brigam: narrativas visuais em torno à crise humanitária Yanomami e Ye'kwana

Valeria Pérez Vega (Museu Nacional)

A crise humanitária foi decretada após a difusão de imagens que exibiam corpos de Yanomami desnutridos e doentes. Desde então, inúmeras imagens foram inseridas em narrativas de diversos atores envolvidos na crise, conformando um complexo campo de diálogos e contraposições visuais. Nesse campo coexistem, imagens dos Yanomami e Ye´kwana que denunciam a invasão garimpeira e seus impactos, imagens da operação governamental submetidas a comprovar as ações realizadas na TIY, imagens de agentes de saúde que atendem a população Yanomami, imagens de meios de comunicação que relatam as ações do governo e imagens dos garimpeiros que resistem à operação.

As imagens matam, são ferramentas perigosas, afirma Dário Kopenawa, cabe assim se perguntar como e para quem essas ferramentas estão operando dentro do contexto da crise. As imagens, junto a seu potencial patogênico ou mortal segundo a concepção yanomami, são um contínuo ato em tensão e brigam entre si por estabelecer versões sobre os acontecimentos. A apresentação refletirá sobre esses encontros e desencontros entre narrativas visuais com propósitos por vezes irreconciliáveis, e incluirá na análise a variável tecnológica, que de maneira acelerada tem permitido a proliferação de imagens mediante uso de celulares, antenas de internet e drones, assim como deixado evidente o papel fundamental das imagens na representação do conflito.

Esta proposta foi pensada para ser apresentada em diálogo com a abordagem da antropóloga Marília Senlle.



Cosmopolíticas editoriais na resposta à crise humanitária Yanomami e Ye'kwana

Felipe Carnevalli De Brot (Instituto Tomie Ohtake), Paula de Souza Carmo Lobato (Cosmopoliticas Editoriais)

Esta apresentação tem por objetivo refletir sobre a elaboração de processos coletivos de design gráfico e edição de conteúdos em conjunto com os Yanomami e Ye'kwana para a criação de uma série de publicações, no contexto do projeto Redes de Cuidado. Neste contexto, práticas editoriais podem ser compreendidas como tecnologias cosmopolíticas capazes de criar zonas de tradução que respeitem as diferenças entre mundos. Se os processos institucionais tendem a condensar saberes em indicadores e normativas que desconsideram os modos indígenas de produzir cuidado e conhecimento, essas "cosmopolíticas editoriais" buscam caminhos para que esses saberes se expressem sem serem capturados ou neutralizados.

Ao trazermos a noção de cosmopolíticas editoriais para este debate, enfatizamos que produzir conhecimento não se resume a registrar e difundir informações, mas envolve escolhas éticas e políticas sobre quais vozes e formas de expressão podem emergir.

Como criar publicações que não apenas traduzam, mas também sustentem as complexidades das relações de cuidado na floresta? Partindo dessa e de outras questões, esta apresentação busca discutir como práticas editoriais podem contribuir para diálogos mais sensíveis e para a construção de mediações que não apenas documentem, mas também fortaleçam as redes de cuidado em suas múltiplas camadas – entre mulheres Yanomami e Ye'kwana, entre profissionais de saúde e comunidades indígenas, entre a floresta e o Estado.

Semióticas da floresta: Balcão, Cesto, Aeródromo, Esfingomanômetro

Carlos Estellita-Lins (Fiocruz)

Um relato de achado arqueológico-etnográfico num posto de saúde indígena – um balcão crivado de pregos – não indica "somente" racismo das equipes de saúde citadinas, mas objeto técnico que viaja para a Uruhi, incrustado de técnicas e semióticas de balcão. Cabe submeter ao caso alguns dados sobre problemas de saúde indígena da TIY, extraídos da literatura etnográfica e de fontes orais de informação. O balcão de atendimento, chegada, recepção é discutido enquanto

dispositivo semiótico ou nó privilegiado de uma rede de assistência e como obstáculo imanente ao cuidado.

O exemplo militar é paradigmático no balcão amazônico nas urgências (risco de vida iminente): o transporte de urgência num aeródromo da mata para um hospital terciário é sempre exceção, favor aeronáutico, oportunidade rara, demora aguardando autorização, etc. A especialização na remoção é ambígua. Contudo indicam que certos instrumentos considerados irrelevantes são actantes que emitem sinais distintos na fronteira entre o sofrente e a tecnologia. A equivocação controlada está em jogo.

Em suma, a porosidade da cestaria contrasta profundamente com a pretensa plasticidade-plástica das técnicas de engenharia da saúde. Creio que apostaria em pesquisas de efetividade e não nos estudos de eficácia. Busco percorrer hipóteses em uma antropologia da ciência radicalmente simétrica. Não tem valor enquanto etnografia ou campo, mas oferece uma propedêutica para as abordagens e práticas visando uma ecologia de saberes.

Fome e crise entre os Yanomami: mutações de Ohinari

Estêvão Benfica Senra (Instituto Socioambiental)

Embora os Yanomami não organizem sua narrativa sobre eventos climáticos e seus impactos a partir do conceito de “Crise climática”, em sintonia com o movimento indígena, muitos deles identificam estes eventos, em especial, secas severas, como um importante fator de produção de “estados de fome coletiva”. Na narrativa histórica dos Yanomae do Catrimani há menção a diversos episódios de penúria ao longo de sua trajetória migratória. Esses episódios, por sua vez, coincidem com os registros de eventos de el niño de média e alta intensidade, quando a floresta setentrional sofre com a seca extrema e incêndios descontrolados. Entretanto, antigamente, quando Ohinari, o espírito da fome, se apropriava da floresta no entorno das casa-coletivas, as comunidades recorriam às cabeceiras, em busca de “alimentos de fome”, que as ajudavam a superar os tempos difíceis. Hoje, porém, os Yanomami já não percebem o fenômeno da fome da mesma maneira, e as estratégias de enfrentamento ao problema são outras. Buscando levar a sério a interpretação êmica do fenômeno, este artigo procura explorar quais seriam os elementos de mudança que levaram a economia Yanomami a perder resiliência climática. A partir do diálogo com pesquisadores indígenas este trabalho argumenta que entre os fatores de transformação

destacam-se: a) a deterioração do quadro sanitário das comunidades; b) mudanças demográficas radicais na sociedade Yanomami; e c) o aumento da frequência e da intensidade de eventos climáticos extremos.

Emergências do mito na resposta cosmopolítica Yanomami

Augusto César Rocha de Alencar (UFRJ)

O artigo busca refletir sobre as questões levantadas por este Simpósio Temático quantos às forças da estima e forças da estimativa, a partir de duas situações vivenciadas em 2024, durante minha atuação como formador e assessor em uma ONG que trabalha com o povo Yanomami há mais de três décadas.

Em um primeiro momento, discorro sobre um curso de capacitação política com lideranças da Associação Parawami, no Alto Rio Demini, em que a discussão sobre o processo de associativismo e a própria noção de política foi "posta de lado" frente à uma emergência cosmológica: a notícia de que o espírito da Associação tinha conseguido fugir. O curso, então, mostrou-se um espaço-tempo privilegiado de tradução, onde política e mito se entrelaçaram evidenciando a política yanomami.

Depois, com base nesta tradução, passo a outro momento: um seminário de retomada do PGTA com lideranças, mulheres e jovens da Associação Kurikama, no Rio Marauiá. Ali, diante de um projeto emergencial — resposta à crise humanitária — a urgência do crédito atropelou os processos de consulta. Frente a essa ausência, o mundo espiritual irrompeu revelando outra lógica de agência: o nome do projeto, inspirado na narrativa do primeiro Yanomami a abrir roça, reatou relações políticas e de afeto.

O artigo aponta a necessidade de que políticas públicas considerem um esforço de tradução. Tradução esta que não advém de uma simples troca de regime de linguagem, mas de uma troca (enquanto dádiva) de regimes cosmopolíticos.

A falácia da "fome de metal": quais facões os Yanomami querem receber?

Clarisse do Carmo Jabur (UNB)

Esse trabalho é parte de um projeto mais amplo, de uma tese de doutorado em andamento, que tem como objetivo principal analisar o relacionamento social, cultural e político entre os

povos indígenas isolados e o Estado brasileiro. Nesse bojo, analiso o processo de contato oficial à luz da noção de sistema sociotécnico (Pfaffenberger, 1992:493), ou seja, enquanto processo composto por técnicas oficiais, normatizadas e institucionalizadas de relacionamento com os indígenas isolados e que interagem na prática com outros objetos e técnicas. Assim, abordo as relações entre os indígenas isolados e agentes do Estado brasileiro concebendo que há uma comunicação própria, não verbal e mediada a partir de objetos e de sinais, vestígios ou de transformações na paisagem.

Para a presente comunicação, acrescento análises a partir de uma atuação profissional recente como especialista em indigenismo pelo Ministério dos Povos Indígenas no contexto da Emergência Yanomami. Contudo, o objetivo dessa oferta atual não é o de "atração", mas de "proteção", tendo em vista a situação de insegurança alimentar apresentada por vários grupos. A análise primária dessa experiência traz elementos para uma discussão mais ampla, como a ideia da existência de um invariável fetiche sobre os objetos de metal, e sobre as características ideais que as ferramentas deveriam ter para cada grupo, seja pelo formato ou pelos materiais que as constituem.

Sessão 02 - ST 16: Cosmopolíticas da Emergência: diálogos (im)possíveis entre os povos indígenas e o Estado na resposta à crise humanitária na Terra Indígena Yanomami - Cosmopolíticas da Emergência: Saúde e cuidado

Coordenador/a: Érica Dumont Pena

Debatedor/a: Karenina Vieira Andrade (UFMG)

O que as crianças Thotixipë podem nos dizer sobre a saúde na Terra indígena Yanomami

Manuela Otero Sturlini (UNV)

Dados consolidados pelo DSEI Yanomami em 2023, indicam que 21 dos 37 Polo Base da Terra indígena Yanomami, apresentam percentuais superiores a 51% de déficit de peso em crianças menores de 5 anos (SIASI, 2024).

Os Yanomami questionam a porcentagem de diagnósticos de desnutrição. No seu entendimento, parte daquelas crianças são Thotixipë. Termo usado para indicar condição específica de uma criança pequena que sendo amamentada, se torna Thotixipë pelo fato de sua mãe engravidar novamente. O ciúmes gerado pelo surgimento da criança gestada faz com que as crianças Thotixipë se tornem magras e choronas. A condição pode ser confundida com desnutrição, mas tem uma natureza diferente que pode ser gerida pelo xamã, não pela medicina ocidental (MACHADO,2023).

O tratamento à desnutrição não é feito pelo xamã, é entendida com uma doença não indígena. Durante o XIV encontro das mulheres Yanomami, as mulheres associaram a desnutrição à incidência de malária, diarreia,doenças respiratórias, verminoses e a falta de assistência em saúde. Na argumentação das mulheres, o contexto de precariedade sanitária era mais relevante a incidência da desnutrição do que a falta de alimentos.

Neste artigo pretendo tratar de como a visão yanomami sobre as doenças não vem sendo abordada no contexto de reestruturação do atendimento à saúde na TIY e tampouco o atendimento decentralizado nas aldeias estão em boa operação, o que compromete a melhoria da qualidade de vida dos Yanomami e dos indicadores de saúde.

Desnutrição infantil: Perspectivas sobre saúde nutricional e a resposta à crise na TIY

Ana Elisa de Figueiredo Bersani (FJLS)

O trabalho se insere no campo da antropologia da saúde, analisando os diálogos (im)possíveis entre as perspectivas indígenas e as abordagens articuladas na resposta à crise humanitária na TIY. Baseando-se em revisão bibliográfica e na experiência prática dos autores em projetos de qualificação de profissionais de saúde, especialmente após a declaração de Emergência (ESPIN) em janeiro de 2023, a pesquisa tem foco nas cosmopolíticas da desnutrição infantil. Nossa análise se concentra na coexistência de diferentes noções e práticas em torno da desnutrição, tanto por parte das equipes de saúde quanto dos Yanomami. Buscamos compreender como as concepções sobre nutrição e adoecimento se encontram – ou se desencontram – com as perspectivas indígenas sobre práticas alimentares e processos de cura, especialmente durante o período de hospitalização em Boa Vista, Roraima. Este cenário revela uma equivocação central

nas percepções sobre o estado de saúde, a cura e a morte, ecoando a tensão entre as forças da "estimativa" e da "estima" que o seminário propõe. O objetivo principal deste estudo é compreender os efeitos da inclusão de novas tecnologias médicas nas concepções e percepções dos indígenas aos processos nutricionais infantis que estão no cerne de equívocos entre os atores envolvidos na resposta à crise. Nosso trabalho se fundamenta na escuta de lideranças e familiares das crianças removidas do TIY para tratamento, buscando refletir sobre as complexas dinâmicas desses encontros.

Práticas terapêuticas de manejo e prevenção da morte auto provocada entre os Ye'kwana

Karenina Vieira Andrade (UFMG)

Desenvolvo pesquisa etnográfica nas comunidades ye’kwana do lado brasileiro desde 2005 e ao longo de duas décadas, tenho acompanhado o aumento nos índices de mortes autoinfligidas entre os Ye’kwana. Neste trabalho, faço algumas reflexões sobre como os Ye’kwana entendem este modo de morrer e esboço alguns pontos de tensão entre a teoria ye’kwana e a maneira como as políticas de atenção à saúde indígena procuram elaborar tanto interpretações sobre o fenômeno da morte auto infligida quanto, a partir delas, políticas de intervenção. São dois os objetivos deste trabalho, a saber: em primeiro lugar, buscar compreender como a morte autoinfligida é significada pelos Ye’kwana; em segundo lugar, refletir sobre as possibilidades, desafios e limites da articulação entre as práticas de cuidado ye’kwana e das ciências psi, tendo em vista a prevenção do suicídio, a partir de encontros pragmáticos possíveis entre os dois sistemas de conhecimento.

A lógica da emergência e a cosmopolítica do diagnóstico

Tomás da Cunha Tancredi (universidade de cambridge)

Esta apresentação apresenta uma análise antropológica sobre a noção de cuidado dentro de uma lógica emergêncial e disputas diagnósticas entre profissionais de saúde e os Povos Sanomá e Yekwana na região de Auaris Terra Indígena Yanomami, na fronteira Brasil-Venezuela. O termo "suicidados" é utilizado como indício da provocação e das disputas sobre a compreensão acerca da causalidade sobre as mortes a partir dos registros de óbitos. PAra tanto, as diferentes noções

de "contágio" são analisadas. A experiência narra situações entre 2019 e 2022, motivada por uma solicitação emergencial de profissionais de saúde indígena, o autor descreve tanto o contexto do fenômeno quanto a micropolítica interpretativa e de intervenção. Além disso, o autor reflete sobre a maneira como discursos sobre fome e dependência são mobilizados pelas comunidades indígenas em interações com o Estado e ONGs, se relacionando tanto à etiologias nativas quanto lógicas institucionais de resposta emergencial.

Itinerários terapêuticos ou caminhos da xawara? Distância, desamparo e adoecimento na remoção de pacientes Yanomami

Marcelo Moura (Museu Nacional/UFRJ)

A partir de uma etnografia do contexto dos primeiros meses da resposta à crise humanitária na Terra Indígena Yanomami (TIY) em 2023, busco refletir sobre os equívocos que emergem no choque entre as perspectivas Yanomami e a dos napëpë (não-indígenas) no sistema de saúde. Quero destacar, principalmente, os conflitos sobre a possibilidade de cura diante do processo de remoção e internação de pacientes que são levados de suas casas e comunidades para tratamento médico nos centros de atendimento à saúde, sejam eles postos na floresta ou hospitais da cidade. Chamo atenção para as discussões ao redor da “evasão de tratamento" nos casos de fuga da internação por parte dos Yanomami removidos. Parte do “itinerário terapêutico" oferecido, os deslocamentos na remoção médica quando tomados do ponto de vista Yanomami se configuram como “caminhos da xawara", pois significam um afastamento das pessoas dos círculos de cuidado e proteção do parentesco comunitário e do acesso à cura xamânica. Ao mesmo tempo, quando são removidos, os Yanomami circulam adoecidos em espaços e zonas de relação hostis, onde circulam inimigos e há o constante risco de feitiçaria e, sobretudo, são locais onde se impõe um modelo de sociabilidade e o manejo da cura desde a lógica dos brancos. Se, para os Yanomami, o adoecimento é um processo de tornar-se outro, a recuperação da saúde só é possível entre os seus e, assim, a evasão do tratamento e a fuga dos hospitais é uma tentativa de corrigir a rota de cura.

Estimas e estimativas no fazer gente Yanomami: duas luas, um ser que mexe bem e uma barriga [quase sempre inadequada] no gráfico gestacional

Érica Dumont Pena (UNIFESP)



Neste texto proponho reflexões a partir de uma etnografia colaborativa com mulheres Yanomami sobre estimas e estimativas relacionadas ao gestar bem/com saúde e fazer gente yanomami. Destaco tensões entre as perspectivas de saúde baseada em evidências científicas e as perspectivas yanomami sobre uma gestação, com atenção para as evidências que essas perspectivas acionam sobre o bebê forte, as quais envolvem uma observação com temporalidades e características distintas, lógicas de estima e estimativa, para dialogar com a proposta deste painel. Também proponho a reflexão sobre co-criações que permitam criar conexões parciais entre esses mundos, tomando como exemplo a produção compartilhada de um vídeo voltado ao cuidado no período gestacional ou pré-natal. Nesse processo, saberes que operam em planos diferentes são colocados em relação, sem que um se traduza completamente no outro, tampouco se reúnam sob uma lógica única ou uma equivalência totalizante, ou ainda de modo que uma engloba a outra numa relação parte-todo.

Diálogo entre os Yanomami e os pesquisadores não-indígenas no contexto de emergência na TI Yanomami

Dario Vitório Kopenawa Yanomami (UFRR)

A partir da vivência como acadêmico yanomami na Universidade Federal de Roraima, no curso de Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena e também como bolsista no projeto do Observatório de Direitos Humanos e Povos Indígenas, busco compreender o trabalho de pesquisa que é realizado nos projetos desenvolvidos no contexto da emergência na Terra Indígena Yanomami. A partir desses trabalhos realizados por tantas pessoas e instituições, como esses resultados vão chegar no Governo? Como podem virar política pública? Como se faz política pública voltada para os Yanomami a partir dessas pesquisas? Mesmo com muito trabalho, muita pesquisa e com um resultado positivo, como tudo isso vai afetar a vida dos Yanomami que estão lá nas comunidades? Muda alguma coisa? Alguém vai ler? Quando mudar o esse governo, o que vai acontecer? Os projetos vão acabar? Os garimpeiros vão retornar e os Yanomami vão voltar a morrer novamente? E as organizações indígenas nisso tudo? O que a própria Hutukara Associação Yanomami vai fazer? Essas são algumas das questões que pretendo refletir e compartilhar nesta reunião.



Sessão 03 - ST 16: Cosmopolíticas da Emergência: diálogos (im)possíveis entre os povos indígenas e o Estado na resposta à crise humanitária na Terra Indígena Yanomami - Cosmopolíticas da Emergência: Escola, tradução e política

Coordenador/a: Marcelo Moura (Museu Nacional/UFRJ)

Debatedor/a: Érica Dumont Pena

Atuações indígenas em rota de colisão: intersecções entre Estado e movimento no enfrentamento à Emergência Yanomami

Marina Albuquerque Regina de Mattos Vieira (UNICAMP)

Pretendo analisar como diferentes instâncias de representação indígena - no movimento e no Estado - interagem no enfrentamento à Emergência Sanitária na Terra Indígena Yanomami (TIY), por meio de análise de documentos e entrevistas com sujeitos chave. O reconhecimento oficial da Emergência em 2023 foi impulsionado pelas inúmeras denúncias das organizações yanomami e ye'kwana e por uma ação impetrada no Supremo Tribunal Federal (STF) pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), principal articuladora do movimento indígena a nível nacional. Também em 2023, foi criada uma instância de representação indígena na estrutura estatal, o Ministério dos Povos Indígenas (MPI), cujos cargos máximos foram ocupados por líderes que estavam à frente da APIB até então. Com isso, as mesmas pessoas que vinham cobrando o Estado de seus deveres na Emergência Yanomami passaram a ser responsáveis por cumpri-los, porém agora à frente de um órgão público com atribuições e orçamento limitados. Por sua vez, as organizações da TIY têm alertado que a resposta do governo à Emergência está aquém do desejável, levando também a APIB a fazer novas cobranças no STF por ações efetivas, inclusive por parte do MPI. Esse cenário escancara as limitações da atuação indígena como parte do governo, ao mesmo tempo em que gera desgastes na interação entre diferentes sujeitos políticos indígenas. Resta a pergunta: o que resulta dessa intersecção entre Estado e movimento seriam mais atritos do que sinergias?



"Pesquisa para quê?": Reflexões sobre um projeto de saúde na emergência yanomami.

Corrado Dalmonego (UNIFESP), Alfredo Himotono Yanomama (UFRR), Hanna Cibele Lins Rocha Limulja (UFRR)

O texto tem como objetivo refletir sobre o trabalho de pesquisa realizado ao longo dos últimos anos (2023 até 2025) dentro do contexto de emergência sanitária na Terra Indígena Yanomami. O trabalho em questão faz parte do Termo de Execução Descentralizada (TED) realizado entre a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e o Ministério de Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), cujo objetivo é a criação do Observatório de Direitos Humanos e Povos Indígenas. Será discutida a ação voltada para a saúde da mulher e da criança Yanomami e Ye'kwana. A partir do diálogo entre três pesquisadores que atuam no projeto, dois não-indígenas e um yanomami, procura-se fazer uma reflexão crítica sobre os objetivos apontados, as atividades realizadas e os resultados alcançados. A partir de diferentes perspectivas, da discussão sobre pesquisa e da situação dos Yanomami, são levantadas indagações sobre a necessidade e a compreensão dos trabalhos colaborativos, por meio dos quais procuramos "pensar junto" (pihi kokaprayuwi), com o intuito de encontrar respostas para alguns dos problemas que atingem os Yanomami atualmente.

Diálogo Entre Bolsistas Indígenas e Não Indígenas no Projeto Redes De Cuidado na Terra Indígena Yanomami

José Eugenio Pereira Leite (UFMG), Lara de Carvalho Guimarães (UFMG), Marciane Rocha (UFMG), Yasmin de Oliveira Aguiar (UFMG)

Com caráter interinstitucional e interdisciplinar, o Projeto Redes de Cuidado na Terra Indígena Yanomami foi construído como uma das tentativas de fazer frente à crise humanitária na Terra Indígena Yanomami (TIY). Por meio de ações de extensão, ensino e pesquisa, com o foco na saúde das mulheres e das crianças menores de cinco, o projeto tem o intuito de enfrentar o atual contexto de desassistência sanitária e invasão garimpeira no território Yanomami. A partir dessa iniciativa, o diálogo entre instâncias estatais e mulheres indígenas se apresentou como um desafio necessário, ao qual respondemos construindo metodologias que possibilitassem a co-criação entre profissionais, pesquisadores e bolsistas, indígenas e não indígenas. O encontro

desses universos distintos demanda o que podemos caracterizar como diálogos cosmopolíticos, contidos nas formulações conjuntas de oficinas, vídeos, materiais informativos e técnicos focados no enfrentamento da crise humanitária na TIY, processo de criação que parte da escuta atenta e articulação dos múltiplos saberes. Nesse grupo de trabalho focaremos em discutir as possibilidades e impossibilidades do diálogos entre bolsistas estudantes não indígenas e indígenas. Considera-se que o desenvolvimento do projeto busca tecer redes entre-mundos através das dinâmicas de co-criação, relação que apresenta potência formativa para os que se integram nela, além de contribuir para a efetivação do diálogo na prática.

A retomada das escolas na Terra Indígena Yanomami

Daniel Stiphan Jabra (UFMG), Ana Maria R. Gomes (UFMG), Clarisse Maria Castro de Alvarenga (UFMG)

A partir de uma etnografia da construção e desenvolvimento do "Programa de Extensão em Direitos Humanos, Educação, Saúde Yanomami e Ye'kwana" na UFMG e seus projetos de extensão, buscamos refletir sobre os tensionamentos cosmopolíticos no contexto contemporâneo de retomada das escolas yanomami. Organizado em resposta à demanda de professores e lideranças Yanomami quanto a necessidade de reiniciar as atividades de educação, considerando o quadro atual de crise humanitária na Terra Indígena Yanomami (TIY), o I Encontro de Professores Yanomami do Amazonas e Roraima, realizado em outubro/2023 na Missão Catrimani oportunizou a escuta de 80 educadores/as e lideranças. O novo cenário na TIY levou à necessidade de se articular uma segunda retomada das atividades escolares levando em conta a reconfiguração de atores e instituições envolvidas. O diagnóstico participativo realizado nesse período proporcionou a elaboração dos projetos de extensão Território Etnoeducacional Yanomami e Ye'kwana (TEEYY) na FaE/UFMG e Espaços comunitários de saberes, cultura e bem-viver yanomami na EA/UFMG. Os projetos buscam retomar os processos de aprendizagem que foram vivenciados ao longo da década de 1990 e nos anos 2000 na TIY, que retrocederam em função da omissão do Estado após a estadualização das escolas na década de 2010. Retomam ainda atividades dos anos 2014-2018 na ação Saberes Indígenas na Escola Yanomami e Ye'kwana com processos de formação/produção de materiais de autoria indígena.



Garimpo, Direitos Humanos e Mais-que-humanos: Crises Teóricas à Luz do Caso Yanomami

Luiz Henrique Reggi Pecora (University of Victoria)

Os interesses da atividade mineradora são uma das principais forças motrizes da violação dos direitos dos povos indígenas da Amazônia, histórica e contemporaneamente. Embora os instrumentos legais de direitos humanos atualmente em vigor prescrevam salvaguardas contra a exploração predatória de terras e recursos indígenas, estas são comumente ignoradas e vistas como um obstáculo ao desenvolvimento econômico. A situação é mais premente em áreas de interesse para o garimpo. No vocabulário dos direitos humanos, o caso Yanomami denota a interdependência dos povos indígenas em relação a suas terras: o garimpo em Terras Indígenas (ilegal pelo ordenamento jurídico brasileiro) está intimamente ligado à grave degradação florestal, bem como à violência, à disseminação de doenças infecciosas, à fome e à contaminação por mercúrio de aldeias adjacentes. O conflito pelo uso da terra também evoca choques epistemológicos entre as visões de bem-estar de seus sistemas de conhecimento indígenas e os projetos de cunho colonialista voltados para o extrativismo e o desenvolvimento econômico. A apresentação busca levantar reflexões sobre desafios teóricos que surgem quando pensamos nas obrigações do Estado em relação às violações de direitos humanos em contextos de povos indígenas, e sobre a adequação de institutos do direito internacional dos direitos humanos para compreendê-las quando envolvem tradições de pensamento, modos de vida, e organização socio-política díspares.

Co-criação de um guia de atenção ao pré-natal para mulheres Yanomami e Ye'kuana: articulação entre saberes tradicionais e científicos para um cuidado adequado e sensível

Julia Motta Siscar Salomao (UNIFESP)

A apresentação relata a experiência de co-criação do Temi Totihi: Guia de Atenção ao Pré-Natal na Terra Indígena Yanomami (TIY), elaborado em resposta às demandas das mulheres Yanomami expressas nos Encontros de Mulheres e à crise sanitária vivida na região. O objetivo foi produzir um material técnico e formativo voltado ao cuidado multiprofissional de gestantes Yanomami e Ye’kwana, de forma ética e culturalmente sensível. A iniciativa reuniu pesquisadoras

indígenas, profissionais do DSEI-YY e pesquisadores da UFMG, UNIFESP e Hospital Sofia Feldman. Durante dez meses, o grupo promoveu oficinas multilíngues de co-criação e diagnósticos de campo na TIY e na Casa de Saúde Indígena (CASAI), resultando em um documento que articula diretrizes clínicas, estratégias de manejo e práticas de cuidado alinhadas aos saberes e modos de vida locais. O guia propõe a flexibilização ora de saberes científicos, ora de saberes tradicionais, de modo a negociá-los ou expor as possibilidades e tensões em suas articulações. Como exemplo, a medicação para anemia, que altera a dosagem preconizada para melhor adaptação às dinâmicas Yanomami. A experiência mostrou que a construção de materiais voltados à saúde indígena requer escuta ativa, respeito às práticas locais e colaboração intercultural. Processos de co-criação são essenciais para a produção de guias efetivos, com valor formativo e potencial de fortalecimento do cuidado materno-infantil na TIY.

A ideia do cuidado sensível e adequado e a experiência de construção do guia de Pré-natal na Terra Indígena Yanomami

Maria Christina Barra (UFMG)

Circulando entre modos diferentes de viver, de conhecer e de cuidar, busco pensar o que se mobiliza e se organiza na proposta de construção de normativas, na linguagem de guias e protocolos, para as ações de saúde. No processo do fazer o guia de Atenção ao Pré-natal na Terra Indígena Yanomami, foi mobilizada a ideia, do início ao fim, da construção de um cuidado sensível e adequado, ao redor da qual, foram organizadas as recomendações protocolares na atenção à gestação, ao parto e nascimento e ao pós-parto. A proposta aqui é apresentar essa experiência coletiva do fazer o guia, buscando entender o que se imagina e se intenciona ao dizer “sensível” e “adequado” e como esses conceitos são mobilizados como possibilidade de diálogo entre as diferenças dos modos de viver, de conhecer e de cuidar. Passa por uma tentativa de mobilização de uma condição comum às diferenças em suas multiplicidades e não necessariamente nas relações entre um e outro, Ciência e saberes, Estado e povos da floresta.



ST 17: CRIAÇÕES COM AS (DAS) ÁGUAS

Coordenador(a): Fernanda Arêas Peixoto (USP), Natacha Simei Leal (UNB), Maíra Cavalcanti Vale (UFNT)

Sessão 01 - ST 17: Criações com as (das) águas - Modos de vida que se fazem nas águas

Coordenador/a: Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo)
Debatedor/a: Natacha Simei Leal (UnB)

Um rio que faz comunidade

Ana Claudia Duarte Rocha Marques (USP)

No município de Floresta (PE) se formaram, até o momento, três associações quilombolas. Os associados de todas elas fazem parte, também, de uma mesma rede de parentesco. Apesar das dissidências na origem dessa subdivisão de coletivos, as três associações elegeram nomes muito semelhantes, sempre referidos ao rio Pajeú. De fato, a memória oral (dos quilombolas, mas não somente) atesta uma porção das margens do Pajeú como região de residência de famílias que formaram essa rede ao longo de pelo menos cinco gerações. Não possuidores de terras, os quilombolas partilham o histórico comum de terem sido "moradores" nas propriedades de uma das tradicionais famílias florestanas, de tal modo que o sobrenome desta última era também marco de identificação entre os primeiros enquanto grupo. Nesta comunicação, meu propósito é refletir sobre a referência ao Pajeú como índice da construção e aspiração de autonomia desses quilombolas como sujeitos de lutas por direitos. Os significados e atributos do rio na história econômica e social da região serão considerados lado a lado das histórias de vida dos quilombolas de Floresta e em vista de outras comunidades quilombolas da região e alhures.



Entre águas e vidas: fluxos, rastros e paisagens na Comunidade Veredeira São José do Barro Vermelho

Victor Dias dos Santos (UFMG)

Esta comunicação apresenta resultados da minha pesquisa de mestrado realizada em São José do Barro Vermelho, comunidade quilombola e veredeira situada no norte de Minas Gerais, no território retratado no romance Grande Sertão: Veredas. “Entendemos as águas como o maior regulador do nosso modo de vida”, afirma o protocolo de consulta da Associação Central das Comunidades Veredeiras do Norte de Minas. Nesse contexto, a água é mais do que um recurso ou elemento da paisagem. Ela designa um povo, os veredeiros, nomeia comunidades e povoados (São José e Barro Vermelho são cursos d’água) e marca o tempo. O ano é dividido em dois, o tempo da seca e o tempo das águas: não se trata apenas de chuvas, mas de todo um regime das águas que estrutura o território, com rios que voltam a correr, lagoas que se formam e vegetação que se transforma. As águas também orientam os deslocamentos e organizam o território. Esta apresentação reflete ainda sobre formulações que emergiram durante o trabalho de campo. A primeira diz respeito a uma inversão na lógica dos fluxos: rios pensados a partir de sua foz, e não de suas nascentes e em que o volume dos galhos (afluentes) é condicionado pelo nível do rio principal, e não o contrário. Outra é a de que rios, ao secarem, por vezes continuam a correr por sob a terra. Pretendo também descrever transformações na paisagem a partir de rios que, ao transbordarem, encontram novos caminhos, remodelando seus leitos e deixando novos rastros pela comunidade.

O que a caatinga pode contar à amazônia? O que os ventos elísios sopram aos rios voadores?

Márcia Maria Nóbrega de Oliveira (Escola de Ativismo)

As técnicas de convivência com variações climáticas extremas é costumaz ao seres viventes no bioma da caatinga. As mudanças climáticam imprimem um novo ritmo ao ciclo das águas no bioma amazônico. A estiagem que não sobe e vira seca. A cheia que não desce e torna-se enchente. Esse trabalho olha para perguntas que animam esta conversa, mas também busca escutar suas respostas: o que a escassez hidrica ensina a sua contraface de abundância? Quais técnicas, seres, dispositivos tecnológicos de convivência com o clima são mobilizados para fazer

a vida perseverar em um cenário em que a catástrofe é profecia vaticinada pelos devoradores de carbono e empreendedores barrageiros. Como área etnográfica e experiência técno-fabulativa, pretende-se formular perguntas-repostas de uma conversa entre, por um lado, uma comunidade rural negra no semiárido nordestino, onde realizei mais de 15 anos de pesquisa, e, por outro lado, ativistas de uma comunidade quilombola amazônica que se mobilizam em torno das pauta ambiental para a COP 30.

Sururu é o nome do rio que volta

Luís Fernando Brinatti (UFSCAR)

O rio Paraguaçu, um dos principais fluxos d'água da região do Recôncavo Baiano, foi durante o período colonial uma rota estratégica para a expansão da monocultura canavieira e da escravização da população negra, funcionando como via de acesso territorial e dominação. Esse rio, por vezes cooptado por uma lógica de extração e exploração, sustenta também modos de vida orientados por fluxos que nutrem e regeneram. A partir do sururu, molusco que vive no rio, filtra a água e integra ciclos naturais e humanos, se nota outros regimes de valor e pertença.

Abundante na região, é uma das principais fontes de renda da comunidade, estando integrado às práticas germinantes de mariscagem, realizadas por mulheres. Além de alimento, o molusco constitui uma tecnologia viva, articulando saberes tradicionais, manejo ambiental e modos de reprodução da vida. Este resumo parte de uma pesquisa em desenvolvimento sobre a Moeda Social Sururu, criada e utilizada na comunidade quilombola do Kaonge, no Recôncavo Baiano. A proposta é realizar um retorno analítico ao sururu (molusco que dá nome à moeda) como elemento anterior e necessário à compreensão dos modos de vida que sustentam tal iniciativa.

A partir dos usos históricos do rio Paraguaçu, buscarei refletir sobre duas formas antagônicas da água: uma que extrai e submete (o caminho que adentra o interior na lógica da economia colonial); outra que conecta, nutre e compõe (uma lógica de outra economia, fundamentada no cuidado e na reciprocidade).



Sessão 02 - ST 17: Criações com as (das) águas - Encontros com as águas entre modernidade, colonialidade e mudanças climáticas

Coordenador/a: Maíra Cavalcanti Vale (UFSCar/UFNT/imuê)

Debatedor/a: Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo)

Rios, ventos e corpos em movimento: "O terror do veranista é a nossa glória"

Daniel Mittmann (UEPG)

No estado Rio Grande do Sul, onde as águas já fizeram do território um "Rio Grande das Alagoas", a força líquida modela a paisagem e a vida há séculos — ora fertilizando, ora transbordando. Em 2024, as grandes cheias reativaram memórias e modos de habitar esse ambiente em constante mutação. No Litoral Norte, entre Tramandaí e Imbé, uma nova onda se impõe: o kitesurf, esporte global que aqui se reinventa no contato com o vento, o solo e as águas gaúchas. O rio Tramandaí — lagoa, enseada, fronteira fluida — atravessa e conecta essas cidades, transformando-se em palco e ator das práticas aquáticas que cruzam lazer, economia, risco e pertencimento (distanciamento. Esta pesquisa, em curso no doutorado em Antropologia (UFSCar) acompanha as dinâmicas corpóreo-sociais e ambientais dos kitesurfistas, buscando entender como suas experiências se entrelaçam com as vidas dos pescadores, moradores e as transformações climáticas que alteram o cenário. Que paisagens emergem desse encontro entre esporte, natureza e sociedade (práticas esportivas e regimes hídricos)? Que redes (in)visíveis se tecem nas margens e águas em movimento, onde o rio é caminho, obstáculo e conexão simultaneamente?

Uma poética dos desobjetos e seus encontros com as águas

Gabriel Teixeira Ramos (UFG)

Esta proposta objetiva apresentar uma investigação que relaciona objetos que outrora tiveram sua destinação e a imagem de seu momento de descarte, sobretudo em margens e várzeas, tornando-se "desobjetos", a partir da imaginação e da reflexão crítica de um mundo em crise. Tais desobjetos abrem um campo especulativo da imaginação crítico à visão dominante e colonial, reimaginada a partir de outros modos de questionar geoposições, disputando uma cartografia impregnada no imaginário, a partir de uma ideia de viagem: no processo de ser estrangeiro do

mundo e de si, no exercício da alteridade, principalmente, a partir de atos do caminhar e parar em territórios aquosos. Tais atos nos auxiliam a pensar ainda sobre como estamos vivos, pois tratamos especificamente do que pensamos como desobjetos a partir do toque, do cheiro, da textura, e, por vezes do sabor, no contexto do Antropoceno. São coisas que outrora tiveram seu destino demarcado, mas que, no ato da descoberta, tornaram-se indestinados, abertos e passíveis de serem reconfigurados como crítica à utilidade e à dominação. Quando coletados em locais marginais – seja por um catador ou por uma pessoa por ele interessada –, passam a tomar outra posição, a do reuso e do retorno a outra objetificação. O que nos interessa particularmente é esse momento especulativo do instante da sua descoberta a partir de um estudo da política das imagens, investigando como as águas podem nos ajudar a desvelar camadas ainda não imaginadas.

Navegando na Guanabara, o tempo das águas

Potira de Siqueria Faria (UFRJ)

A Baía de Guanabara, localizada no Rio de Janeiro, é onde está localizado o campo. Estando a Guanabara neste meio, os fragmentos acontecem ainda na superfície das águas entre barcos, navios, rebocadores, raias e golfinhos. E como a velocidade dos carros que atravessam a baía se comparam aos barcos? Como o avião cruza a barca pelo alto exibindo sua velocidade? Lá encontramos inúmeras temporalidades que se sobrepõem num mesmo espaço.

Pensar a partir do manguezal é pensar um ecossistema de fronteira entre água e terra seca. O manguezal tem um tempo próprio de maré baixa e alta e o oceano mantém o equilíbrio entre os seres daquele lugar. Caranguejos, peixes e árvores de mangue são sujeitas a este mar que no caso do Mangue de Bom Jesus carrega o lixo consigo. Assim, compreendo o Mangue de Bom Jesus como tendo um relógio próprio guiado pela água que acontece nos tempos das marés, mas também captura a história de aterro na Ilha do Fundão no seu solo de construção civil.

Por fim, defendo a experimentação como ferramenta de pesquisa e apresento um ensaio fotográfico feito a partir das reflexões anteriores. Para incorporar o mar nas imagens uso a técnica film soup que consiste em mergulhar o filme após fotografado em alguma mistura líquida com substâncias. E para minha mistura escolhi água do mangue e rabo de tainha.

Portanto, essa pesquisa consiste em investigar as águas da Baía de Guanabara com foco na Ilha do Fundão.



Entre a pedra e as águas: arquivo, memória e reimaginação de um monumento

Edilson Sandro Pereira (UFRJ)

Quando o Rio de Janeiro ainda era a capital federal, em 1906, uma pedra foi erguida junto à Beira-Mar como marco comemorativo da inauguração da antiga Avenida Central. Esta apresentação toma esse monumento — um obelisco hoje pouco lembrado — como ponto de partida para refletir sobre as relações de contato, afastamento e inversão entre a cidade e as águas. Sua construção ocorreu no mesmo momento em que se demoliu o Morro do Castelo — um dos primeiros sítios de ocupação da cidade no século XVI —, operação que recorreu às próprias águas do mar para a remoção e o aterro do morro. A análise das fontes visuais e documentais permite examinar a fabricação cultural e ideológica do monumento, articulada a valores e imaginários de modernização urbana. Simultaneamente, propõe-se uma aproximação experimental às fotografias que documentam a conexão entre as águas do mar e o monumento de pedra, incluindo grandes ressacas, como a ocorrida em 1913, que avançou sobre a orla da zona sul e inundou a casa do fotógrafo Marc Ferrez. Por fim, busca-se reimaginar criticamente o clichê visual do poder, encarnado no monumento, em prol da criação de uma versão alternativa da história, por meio de uma obra ficcional em cianotipia — técnica fotográfica que imprime pela submersão do papel sensibilizado na água.

Registro sobre Pedra. A Toca do Baixão da Vaca e o registro rupestre das transformações hídricas no microclima do Bioma Nacional da Caatinga.

David Almeida Eleutério (UNIVASF)

O sítio arqueológico da Toca do Baixão da Vaca, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, possui um vasto e heterogêneo repertório gráfico e pictórico rupestre, que põe em evidência as transformações ocorridas na fauna e na flora do sudeste piauiense (JUSTAMAND et al., 2022). Neste sítio identificamos a existência outrora de fauna pluvial, como peixes e caranguejos, registos rupestres que testemunham a reconfiguração do ecossistema do desfiladeiro da Capivara e, de forma particular, nesta zona de drenagem do front de cuesta (PESSIS et al., 2018).

Estes registros sobre pedra, relidos à luz dos dados recentes no âmbito do sensoriamento remoto (SURYA et al., 2018) e da análise de elementos climáticos (SURYA et al., 2019), tornam patentes as alterações em curso no bioma nacional da Caatinga, evidenciando a aceleração do processo de degradação das propriedades biológicas, físicas e químicas do solo e as alterações da cobertura vegetal, ocasionada pelo desequilíbrio pluviométrico das últimas décadas (MIRZABAEV et al., 2022). De fato, a conclusão de Luiz Marques, com base no levantamento dos dados do projeto MapBiomas Água, atesta a redução da superfície de água em 17,5% no bioma nas últimas três décadas (MARQUES, 2022:174). Diante deste cenário, a releitura proposta aporta novos elementos com vista a análise do microclima da Caatinga e, paralelamente, propõe mecanismos específicos de salvaguarda do Patrimônio Cultural e Natural no atual contexto de crise climática.

Sessão 03 - ST 17: Criações com as (das) águas - Estética, formas de narrar e rememorar com as águas

Coordenador/a: Natacha Simei Leal (UnB)

Debatedor/a: Maíra Cavalcanti Vale (UFSCar/UFNT/imuê)

Afetação do ouvir e do recontar: memórias vivas de uma família marajoara

Herlani Oliveira Reis Silva (ufg)

A presente pesquisa reflete sobre a oralidade como prática epistemológica em comunidades ribeirinhas amazônicas, a partir da escuta e do recontar de uma narrativa familiar transmitida entre mulheres negras no arquipélago do Marajó, no Pará. A história do “homem encantado”, contada pela avó da autora, Benedita Reis (Bitoca), é analisada como experiência sensível, performática e relacional, que atravessa gerações e corporifica saberes. A metodologia autoetnográfica articula memória, afetividade e escuta situada, em diálogo com Leda Maria Martins (2002), Jeanne Favret-Saada (2005), Catherine Walsh (2009), Antônio Bispo dos Santos (2023) e Adriana Inês Strappazzon (2010). A pesquisa sustenta que a oralidade opera como tecnologia social, epistemologia ancestral e modo de escrever com o corpo, o gesto e a voz. Entendida como prática performativa e política, desafia a centralidade da escrita acadêmica e reinscreve outras formas de saber. A escrita aqui não pretende traduzir, mas reverberar a força da

palavra falada, reconhecendo sua legitimidade e potência poética. A narrativa da avó, entre pausas e tuntuns, funda mundos, regula afetos e inscreve presenças. Contar é participar; escutar é resistir. Esta escrita é também travessia — uma canoa lançada no rio da memória, conduzida pelo som antigo das histórias que ainda vivem.

Modos de conhecer e meios de narrar: oceano(s), corrente(s), grafia(s) e logi(c)a(s)

Maria Letícia de Melo Saraiva (USP), Tatiana de Lourdes Massaro (USP), Maria Letícia de Melo Saraiva (USP), Michel Michaelovitch de Mahiques (USP)

"O mar
Quando quebra na praia
É bonito
É bonito"
O mar, Dorival Caymmi
"Do not panic ...;
Stay Calm and Seek Help ...;
Float ... or;
Swim Parallel to the current ...;
Regularly reassess the situation ..."
Survival safety for beachgoers caught in a rip
in Castelle et al.(2016)

Em um diálogo interdisciplinar, antropologia e oceanografia se encontram para pensar relações entre seres. Com foco no movimento do oceano, temos em vista articulações que moldam e são moldadas pelas chamadas correntes de retorno. Formadas pela quebra das ondas em determinadas praias, essas podem carregar sedimentos, nutrientes, poluentes, animais e até humanos, notabilizando-se por movimentos velozes, riscos, perigos e por seu (amplo) desconhecimento (Castelle et al., 2016).

Inspirados por Strang (2004) e seu trabalho sobre as implicações entre água, usuários e controle, nos voltamos às relações entre correntes, oceanos, pesquisadores, banhistas, salva-vidas e políticas que atravessam as correntes de retorno. Com base em Krause (2023), perguntamos se

o conhecimento sobre estas correntes ressoa na maneira de compreender relações sociais e ecológicas com o oceano e seus fluxos. Via revisão bibliográfica (incluindo Helmreich 2011, 2014; Gasalla e Diegues, 2011 e Dua 2024), propomos compreender modos de conhecer, usar e narrar oceano(s), corrente(s), grafia(s) e logi(c)a(s), adentrando suas densidades em meio a uma imensidão de águas e de conhecimento interdisciplinar.

Pensar com as águas-lama: afluentes para refletir sobre a enchente no Rio Grande do Sul

Milena Weber Rodrigues (UFSC)

A enchente histórica no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, provocou uma infinidade de danos em diferentes regiões do estado. As águas, que precipitaram chuvas intensas em um curto período de tempo, preencheram os complexos hidrográficos e carregaram consigo casas, vilarejos, e municípios de norte a sul do estado, desaguando no oceano Atlântico. Deste modo, proponho pensar nos efeitos destas águas-lama em minha própria trajetória enquanto antropóloga-pesquisadora, "abobada da enchente", e refugiada climática. Reconstruindo algumas etapas do "sobe" e "desce" das águas no município de Porto Alegre, este relato etnográfico busca refletir sobre os arranjos de solidariedade temporária em uma sociedade mais-que-humana, as estratégias para confluir com as águas e atuar nos resgates, e construir locais seguros de habitação. A intenção do relato se constitui, por fim, enquanto uma forma de sistematizar diferentes possibilidades de análise em torno deste tema.

Zona de transição: escutas e memórias de regeneração dos manguezais da Baía de Guanabara

Laís Mendes Toledo (Funrio)

Este texto é um convite de escuta aos manguezais, estes em formas diversas: sufocados, aterrados, alagados, cheios de lama ou cobertos por concreto. Reflexões narrativas estéticas, políticas e cosmológicas que germinam dos mangues da Baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro. A partir de uma abordagem transdisciplinar, não só como arsenal teórico mas como pesquisa e prática, ecoam linhas rizomáticas, tais quais as raízes respiratórias dos manguezais, que brotam sons de forças, regenerações, desafios e violências. De maneira dialógica, propõe uma

conversa entre a história dos aterramentos, de encontro com a história de retomada do sufocamento dos mangues. Esses que resistem brutalmente à queda dos céus. Conecta em rede as diversas temporalidades, espacialidades, seres e saberes, tendo como comprometimento o bem-viver e resistindo às lógicas extrativistas, coloniais e etnocidas. Assim, valoriza as relações coletivas e mais que humanas, busca reconectar histórias, fortalecer saberes e promover rompimento da visão antropocêntrica do sistema colonial e capitalista, escutando e aprendendo com os fluxos de memória e do presente que as águas do mangue tem a nos falar.

"Ser Riozeira, Ser Canoeira": poética, estética e estilística das águas correntes na escrita de Márcia Wayna Kambeba

Thais Viana Barbosa (UFSCAR)

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP (Processo 2024/05792-7). Trata-se de uma reflexão acerca da composição poética, estética e estilística das águas na escrita de Márcia Wayna Kambeba. Na obra De almas e águas kunhãs (2023) - que reúne ensaios e poesias - a autora experimenta, por um conjunto de figuras de linguagem, formas expressivas e discursivas próprias dos rios, igarapés, deságues e quedas d'água a partir da cosmopercepção (Martins, 2021) indígena Kambeba-Omágua.

As águas surgem no texto como metáfora e força vital: morada de seres outros-que-humanos (De La Cadena, 2019), potência da luta das mulheres indígenas, fonte de conhecimento e segredos Kambeba e, constituinte de corporalidades e assinaturas territoriais próprias (Barboza; Tukano; Waiwai, 2019). Em contrapartida, a autora atrela a imagem das barragens dos rios às violências do colonialismo-racismo, da misoginia e a crise ambiental.

A estética da obra evoca os cursos e fluxos dos rios amazônicos, seja pela melodia dos ensaios e poemas, que dão forma e contorno ao deságue sonoro do texto, seja pelos grafismos Kambeba que ilustram as páginas em uma paleta de cores fluvial. A cosmopercepção (Martins, 2021) da escritora molda uma escrita engajada (Morawska, 2021), rítmica e de águas correntes que reflete uma conceituação de mundo ribeirinha característica (Krause, 2023), condensada na identidade do eu-lírico que se apresenta como "ser riozeira, ser canoeira" (Kambeba, 2023).



ST 18: CRIAR NAS FISSURAS, ENTRE MARES E NAS RUÍNAS: ARTE E COLABORAÇÃO EM TERRITÓRIOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS

Coordenador(a): Julia Vilaça Goyatá (UFMA), Alline Torres Dias da Cruz (UFBA), Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro (UERJ)

Sessão 01 - ST 18: Criar nas fissuras, entre mares e nas ruínas: arte e colaboração em territórios latino-americanos e caribenhos - Arte, Terra e Tecnologias

Coordenador/a: Alline Torres Dias da Cruz

Debatedor/a: Julia Vilaça Goyatá (UFMA)

Criações da fratura colonial em Ayti: imaginando o encontro entre Rita Indiana e Joiri Minaya no fazimento de passados e futuros

Victor Miguel Castillo de Macedo (UFPR)

O presente trabalho propõe um encontro entre duas intelectuais/artistas de origem dominicana, Rita Indiana e Joiri Minaya. Inspirado pelo potencial descolonizador e decolonial dos trabalhos, me interessa argumentar a possibilidade de se observar a criação naquilo que Malcom Ferdinand aponta como fratura colonial. Diante da prolífica produção de ambas em diversos tipos de performances, me centro em dois trabalhos de distinta natureza: o romance "La mucama de Omicunlé" de Rita Indiana, e o conjunto de intervenções "The Cloaking series" de Joiri Minaya. Mais que uma comparação, me interessa ressaltar o potencial enredo de contra-silenciamento, que refigura o passado da ilha de Ayti (ou Hispaniola se preferirem), nas criações destes artistas. Nesse enredo, a articulação entre africanos, suas deidades e práticas, e conhecimentos indígenas taíno, a agência de humanos e não humanos livres diante da colonização espanhola em expansão, fabrica outros feitios de futuro. O segundo aspecto que quero chamar a atenção com essa comunicação, diz respeito também a produções intelectuais latino-americanas não heteronormativas e seus afetos. Tanto em Rita Indiana como em Joiri Minaya, é possível

observar técnicas/tecnologias da imaginação que acenam à partilha ou ao que é partilhável desde um mundo marcado pelas violências da imensa fratura colonial da fronteira que divide uma ilha caribenha. O interesse, portanto, é pelas formas de se narrar corpos que partilham a terra e seus elementos.

A Tukaia Asuriní do Xingu como armadilha estética

Isaura de Aguiar Maia (UNICAMP)

Pretendo apresentar algumas práticas expositivas pensadas por um xamã do povo Asuriní do Xingu para a Mostra Altares (Altäre: kunst zum niederknien), realizada em Düsseldorf, na Alemanha, no ano de 2001. A proposta curatorial de Jean Hubert Martin buscou construir um circuito de arte instalação com a reprodução temporária de altares utilizados por povos de diversos lugares do mundo, dentre eles os Asuriní. Assim, o historiador da arte francês traçou um paralelo entre as expressões plásticas destas materialidades voltadas à experiência metafísica em distintas culturas do mundo com a arte contemporânea pensando a partir daí uma espécie de "arte de ajoelhar-se" para provocar modos de produzir e experimentar a fruição estética por meio de práticas não convencionais para o espaço de arte contemporânea, o Museu KunstPalast. Instigada pela proposta deste ST, busco refletir em conjunto com as colegas, em que medida as estratégias cosmológicas do xamã, vistas pelos curadores como soluções estéticas, foram uma forma de criar nas frestas da colonialidade ou mesmo uma experiências de confluência de saberes.

Ainda não é o fim do mundo: Olinda Tupinambá e seu fazer cinema em tempos de crises climática

Leandro Teixeira Da Silva (USP)

Esse trabalho é fruto de pesquisas que venho realizando junto a Olinda Tupinambá ao longo dos últimos 4 anos. Cineasta, artivista ambiental, performer, Olinda é indígena do povo tupinambá e pataxó hã hã hãe. Iniciou sua vida profissional em 2004, na ONG THYDEWA, quando começou a trabalhar como produtora de conteúdo para o projeto "Índios Online". Em 2012 ingressou no curso de Comunicação Social (Jornalismo); em 2015, no processo de conclusão do bacharelado, Olinda produziu e apresentou o documentário "Retomar para Existir", como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social (Silva, 2024).

Desde 2015, Olinda vem utilizando do cinema e da performance como arma de luta em meio às crises climática, utilizando do seu corpo- que é uma extensão do processo de colonização - para tornar visível a luta por terra, território, a luta de outras formas de vida . É neste contexto, que venho por meio deste trabalho propor algumas reflexões sobre a atuação desta Artivista, a partir de sua cosmologia da imagem e da performance, e como isso segura a queda do Céu, adiando o fim do mundo. Olinda, representa essa "insurjência" que luta pela vida, a vida da floresta, a vida dos animais, diversas vidas. Em meio a uma mentalidade dos megaprojetos de exaustão, a partir de suas imagens e das outras vidas que ativam com suas performances, consegue enxergar um território cheio de espíritos e falar com o mundo invisível, trazendo de volta outros viventes, de mundos outros.

A parceria criativa com o eucalipto e a produção de um "nós" transespecífico

Joaquim Pereira de Almeida Neto (USP)

Neste paper discuto o trabalho de pesquisa e criação da artista colombiana aniara rodado e a sua proposta de parceria criativa com o Eucalyptus globulus que dá vazão a uma "dança vegetal" e a um "jardim do fim do mundo". O eucalipto cultivado hoje em mais de 90 países, como bem se sabe, é um produto colonial que foi alçado da condição de espécie endêmica da Austrália à condição de matéria prima ligada à produção de lenha para aquecimento, de celulose para fins industriais, de florestas de crédito de carbono e de insumo para pesquisa farmacêutica. Analisando a obra Transmutation de base - Alien/migration (2016), e atentando para uma série de encontros humanos e mais-que humanos que permitiram sua instauração, bem como o surgimento da ideia de colaboração transespecífica, discuto o trabalho de longo prazo da artista com a espécie vegetal tomada como um sujeito subordinado do qual se deve "falar bem". Analisando também a minha entrada nessa empreitada colaborativa a partir da realização de minha pesquisa de doutorado em antropologia - empreitada esta que passa a ser chamada por nós de "parceria sul-sul-sul" , argumento que "falar bem do eucalipto" está ligado a uma ética de sujeitos subordinados e a um esforço de elaboração de uma história mais que humana da migração de espécies vegetais, de uma história que deliberadamente aproxima as violências coloniais que estão na base da "migração do eucalipto" com os inúmeros problemas sociais e ecológicos associados ao seu cultivo hoje.



Do caminhão ao pedestal: a trajetória de um objeto de arte

Maria Luiza Toral (USP)

A presente comunicação apresenta os resultados parciais de minha pesquisa de mestrado em Antropologia Social (PPGAS/FFLCH/USP), iniciada em 2024 sob orientação da profa. Dra. Fernanda Arêas Peixoto. A partir da proposição metodológica de considerar a montagem da exposição 38o. Panorama de Arte Brasileira como um laboratório (Latour & Woolgar 1997), a pesquisa busca tornar visíveis os múltiplos agenciamentos materiais e conceituais de que depende a criação do objeto de arte como o conhecemos, a partir de uma etnografia do processo de montagem da referida exposição, feita de dentro da equipe de produção. Trata-se de colocar a arte em relação com as

práticas que a compõem, buscando explorar contaminações entre diferentes formas de criação. Contando com inspirações de Martin Holbraad (2011; 2015), Dominique Poulot (2013) e Roger Sansi (2020), acompanhei a trajetória dos objetos que compõem o 38o. Panorama de Arte Brasileira desde o momento em que são descarregados no depósito do museu até seu posicionamento como obras de arte nas paredes do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP).

Agência e colaboração em "Terceiro Mundo: a dimensão descoberta" de Gabriel Massan

Lorraine Pinheiro Mendes (UFRJ)

Terceiro Mundo, a dimensão descoberta é um projeto de arte elaborado pelo artista Gabriel Massan em colaboração com artistas convidados: Castiel Vitorino Brasileiro, Novíssimo Edgar, Ventura Profana e LYZZA. Em formato de video game o trabalho explora a experiência negra brasileira, e a intercessão com os impactos do colonialismo.

Através das lentes de decolonialidade, queer e de descentralização (tecnológica, social, econômica e ideológica), o projeto nos desafia a repensar as maneiras pelas quais entendemos e nos orientamos no mundo. Lançado em junho de 2023, em desenvolvimento desde finais de 2021, o trabalho experimental prioriza a conscientização e a construção do mundo, reunindo uma ampla rede de pesquisadores e profissionais, incluindo artistas, desenvolvedores, animadores e cineastas.

Através de suas múltiplas partes, Terceiro Mundo, a dimensão descoberta reúne respostas interdisciplinares ao que o artista chama de nosso "estado de emergência" contemporâneo.

No período de duração da mostra em 2024 na Pinacoteca de São Paulo, o trabalho de Gabriel Massan desafiou paradigmas do museu, noções de arquivo e arte e tensionou limites daquilo que pode ser entendido como Arte Contemporânea.

Entre catálogos e galerias: mediações femininas e disputas classificatórias na arte haitiana

Joanna Lopes da Hora (UNICAMP)

Este trabalho reflete sobre as disputas classificatórias na arte haitiana moderna e contemporânea, focando na atuação de mulheres galeristas haitianas como mediadoras culturais. Em um cenário artístico marcado por categorias herdadas de regimes coloniais — como "naïf", "popular" ou "arte vodu" —, analiso como essas agentes constroem estratégias para reconhecer e valorizar as artes de seu país, disputando os significados e lugares atribuídos a essas produções dentro e fora do Haiti. A pesquisa se baseia em entrevistas realizadas com quatro galeristas em 2013, revisitadas à luz de uma imersão etnográfica em Porto Príncipe entre 2014 e 2020, somadas à análise de catálogos e exposições.

Ao acompanhar suas trajetórias e estratégias, observo como essas mulheres atuam local e internacionalmente, mobilizando redes transnacionais de visibilidade e legitimação. Elas são protagonistas na inserção de artistas mulheres em acervos, exposições e narrativas canônicas da arte haitiana, colaborando para reconfigurar um campo historicamente masculinizado. Em práticas que tensionam as fronteiras entre tradição e cosmopolitismo, suas experiências revelam ainda o lugar ambíguo ocupado pelas galerias, que se situam entre as demandas do mercado internacional e o compromisso com uma narrativa haitiana sobre as artes do país.



Sessão 02 - ST 18: Criar nas fissuras, entre mares e nas ruínas: arte e colaboração em territórios latino-americanos e caribenhos - Arte, Sons e Danças

Coordenador/a: Julia Vilaça Goyatá (UFMA)

Debatedor/a: Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro (Uerj)

Escrituras bailadas: memorias corporales y diálogos en movimiento entre mujeres en América Latina

Camila Daniel (UFRRJ), Rosa Claudia Lora Krstulovic (ciesas), Suilen Mercedes Torres Mederos (UFRRJ)

Este trabajo tiene como objetivo explorar las danzas negras como posibilidad de construcción de narrativas y territorialidades emancipatorias entre las mujeres de y en América Latina. Como estudio de caso, de un lado, reflexionaremos sobre el trabajo del colectivo Aguasalá Danzas afrolatinas durante la pandemia. El colectivo reúne a un grupo de mujeres de México, Brasil, Italia, Chile, Colombia, Perú, Argentina, República domininacana/EUA y Uruguay que se conocieron en Río de Janeiro. A través de danzas de origen afro de América Latina, como el Mapalé de Colombia, el Tango de Argentina y el Gagá de Haití/República Dominicana, ellas construyeron un vínculo que, durante la pandemia, se materializó en dos producciones de videodanza. Por otro lado, examinamos etnográficamente la experiencia de una artista e investigadora de danza afrocubana de la cultura Arará, en programa de maestría de Río de Janeiro. A partir del concepto de amefricanidad (Gonzalez, 1988), entendemos la inclusión de estas mujeres en las danzas negras como una posibilidad de construcción de territorialidades y colectividades que, al unir arte, academia y afectos, desafían las fronteras geográficas, de género y raza. Metodológicamente, utilizamos una investigación cualitativa, basada en la autoetnografía y el análisis de contenido. Concluimos que las danzas negras permiten resignificar las prácticas académicas y artísticas desde una perspectiva crítica, interdisciplinaria y multimedia.



Memórias da formação de grupos musiciais em El Carmen

Jane Seviriano Siqueira (UFSC)

Os atajos de negritos são grupos musicais que dançam entre outubro e janeiro em casas e praças, pela devoção ao Menino Jesus e à santa padroeira. Com suas músicas, danças e ornamentos eles contam sobre condições compartilhadas entre moradores do litoral e da serra no trabalho da terra, ligado às fazendas e, depois, às cooperativas agrárias. A performance dos atajos emerge como lócus de inscrições destes encontros entre negros e andinos, que aponta a construção de uma realidade na qual importa salientar uma convivência cotidiana, feita em negociações sociais e culturais. Na presente comunicação discorro sobre o processo de formação dos atajos no distrito de El Carmen. As memórias dos praticantes destacam eventos vividos pelos avós e pais que vinculam trabalho, criação dos filhos e a importância dos companheiros na lida da terra para a organização dos grupos. A tríade terra, família e companheiros conecta a formação dos atajos e os lugares visitados pelos grupos nas temporalidades da performance. Os caminhos percorridos por eles no presente são atravessados pelo avanço das construções de condomínios para casas de veraneio no litoral. Também interagem cada vez mais com visitantes interessados na performance central, após a patrimonialização dos atajos do litoral centro sul. Fenômenos que engendram tensões e ambiguidades. Os praticantes reforçam os cuidados rituais e a ampliação de colaborações.

Por políticas culturais colaborativas: mapeando caminhos e agentes para escolas de samba em Campos dos Goytacazes - RJ

Julia Diniz de Moraes Melo (UENF)

Esta pesquisa investigou como as escolas de samba de Campos dos Goytacazes produzem suas próprias políticas culturais de forma autônoma, destacando-se como espaços de resistência e reinvenção da cultura afro-brasileira. Através de práticas coletivas como ensaios, mutirões e rodas de samba, essas agremiações criam teias simbólicas e organizativas que desafiam modelos centralizados de gestão cultural. O estudo analisa três dimensões: (1) as estratégias internas de organização que sustentam suas políticas culturais; (2) as relações com agentes externos (Estado, iniciativa privada e sociedade civil); e (3) as lacunas institucionais que limitam seu pleno desenvolvimento. As questões centrais buscam entender como essas escolas mantêm sua

autonomia cultural e que caminhos podem fortalecer suas práticas sem cooptá-las. A metodologia combina etnografia presencial ("andar e ver") e digital, capturando as múltiplas camadas de seu fazer cultural. Os resultados evidenciam que, apesar de produzirem cultura de forma colaborativa e afetiva, as escolas enfrentam desafios como a falta de financiamento contínuo e o desprestígio da cultura popular. A pesquisa conclui propondo diretrizes para políticas públicas que reconheçam esses processos autônomos, sugerindo modelos de apoio que valorizem suas lógicas internas sem subordiná-las a agendas externas.

"É proibido sonhar, então me deixa o direito de sambar": o samba de Batatinha como músicas para adiar o fim do mundo dos sujeitos negros

Anderson de Jesus Costa (UEFS)

O presente trabalho propõe uma análise das canções do sambista Batatinha como uma tecnologia sonora de resistência às condições coloniais impostas às populações negras pela lógica da plantation. Não se trata aqui da escravidão colonial dos séculos XV ao XIX, mas de refletir sobre como enfrentar o capitalismo racial que o desumaniza. Suas pulsões sonoras emergem como expressão de sua experimentação, enquanto homem negro, de outras formas de viver de maneira contracolonial. Como nos apresenta o trecho da música “Direito de Sambar”, que dá sentido ao título do presente trabalho, as composições de Batatinha estão diretamente associadas às encruzilhadas entre a vida e a morte social produzidas por uma sociedade pós-colonial e racializada. Busco estabelecer uma correlação entre os elementos estéticos, biográficos e sociais presentes nas composições desse artista e o cotidiano por ele vivenciado, enquanto homem negro. O intuito é discutir de que maneira esse contexto de colonialidade se tornou um importante instrumento na formação dos seus modos de composição musical, os quais expressam formas de reexistência das populações afrodiaspóricas. Assim, a partir dessas discussões, analiso como o samba de Batatinha opera, simultaneamente, como denúncia da “morte social” da população negra e como uma tecnologia que catalisa novas paisagens sonoras para adiar o fim do mundo.



Cruzamentos espirais da estética sonora afrodiaspórica

Vítor Henrique Guimarães Lima (UFF)

Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado intitulada "Enredamentos polifônicos da música afrodiaspórica", iniciada em 2025 no PPGCOM/UFF. Enquanto proposta teórica e epistemológica, os conceitos centrais da pesquisa são: ancestralidade, oralidade, corporalidade, circularidade e sociabilidade. A partir deles, e prezando a aproximação entre brasileiros, latino-americanos e caribenhos, intenta-se investigar de que formas a música (em diferentes territórios) pode dar pistas de como grupos sociais da diáspora africana se organizaram em diferentes contextos de enfrentamento ao racismo durante e depois da colonialidade institucional. A presente proposta se debruça no conceito de circularidade e busca essas pistas no lumbalu e no currulao colombiano, e no gwoka das ilhas de Guadalupe.

A circularidade diz respeito a uma série de características musicais. Pode ser entendida em sua manifestação através dos encontros em roda; ou então nos movimentos circulares de dançarinos; ou até mesmo na repetição de palavras e frases acompanhadas de melodias e ritmos em igual repetição, induzindo os participantes a um tipo de transe. Em todos esses exemplos, testa-se a sintonia dos indivíduos com o coletivo ao não permitir que a energia (aqui entendida enquanto força vital, axé) esteja sempre em movimento. Isso coloca a circularidade num lugar de dupla função: o de ritualização de práticas e estéticas sociais que, por suas vezes, atuam como uma resposta à estrutura racista imposta pela hegemonia.

Suingue é o que faz dançar: afeto, corpo e memória nos bailes

Bruna Cristina Pereira da Silva (Museu Nacional)

Este trabalho investiga os bailes de suingue no Rio de Janeiro como espaços onde corpo, memória e performance se entrelaçam. Aqui, o suingue — expressão musical e dançante conectada à da dança de par e, no Rio de Janeiro, especialmente o samba de gafieira — emerge como gênero híbrido, fruto de encontros rítmicos atlânticos entre samba, rock, reggae, soul, R&B, dentre outros (Kuschick, 2011). Sua musicalidade nasce para fazer dançar: DJs e músicos compõem em escuta ao corpo e à pista, agenciando ritmo e afeto. O devir-dança é elemento estruturante — a música só se realiza com a dança, gerando linhas de fuga que atravessam o gênero; nas suingueiras, a pista abre-se a múltiplos ritmos e afetos. Dançar torna-se gesto de

ativação de memórias técnicas e emotivas que remetem a juventudes, relações familiares e experiências compartilhadas. A pesquisa de campo realizada em 2024, com frequência em bailes nos bairros de Padre Miguel e Madureira, explora a complexidade dessa musicalidade pensada para o corpo. Relacionada a práticas associativas, musicais e dançantes de pessoas negras no pós-abolição, o suingue ecoa tal "febre dançante" (Pereira, 2020) como prática de pertencimento, criação e experiência intensiva do espaço e do tempo.

Déboulé, maché e Gwoka: arte e re-existência em Guadalupe/ Caribe

Mariana Vitor Renou (CEFET/RJ)

A presente comunicação busca explorar três práticas de grupos políticos e culturais afroguadalupenses do Caribe francês. O déboulé realizado pelos gwop a po no carnaval, as marchas que percorrem os passos de Joseph Ignace, seus companheiros e companheiras em 1802 contra as tropas Napoleônicas, e as músicas e danças em torno do tambor Gwoka. O que motivou a reflexão dessas ações em conjunto, além de frequentemente se interseccionarem dentro das ações dos grupos, foi a maneira pela qual constiuem-se como criações artísticas e políticas, inscritas em e realizadas por corpos, sons e instrumentos que buscam, ao acionarem temporalidades outras, concretizar projetos de re-existências.

Guadalupe até o presente permanece como departamento ultramarino francês no Caribe. A maioria absoluta dos guadalupenses são negros, seguidos por um grupo de ascendência indiana, e são essas populações que constituem os grupos que acompanhei. As performances aqui evidenciadas, embora centrais, fazem parte de um extenso repertório de criações. Elas são práticas corporais, sonoras e sensoriais, que podem ser compreendidas como artefatos de história, em que, por um lado, se exibe a crítica a situação contemporânea vivenciada e por outro formula-se outros modos de ser. Minha intenção é compreendê-las, o que produzem, envolvem e mobilizam.



Sessão 03 - ST 18: Criar nas fissuras, entre mares e nas ruínas: arte e colaboração em territórios latino-americanos e caribenhos - Arte, Corpos e Cidades

Coordenador/a: Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro (Uerj)

Debatedor/a: Alline Torres Dias da Cruz

Quem pode dizer? A inserção da palavra nas artes visuais contemporânea.

Fabiana Pereira da Silva (UERJ)

A partir dos processos criativos dos artistas André Vargas e Raphael Escobar em seus trabalhos realizados através da centralidade da palavra, este trabalho deseja refletir sobre o processo de inserção de textos no campo das artes visuais contemporânea, e como suas narrativas refletem não só os aspectos socioculturais vividos por seus realizadores, como também pautam a complexidade de seus cotidianos.

Através de análises sociais e históricas, Vargas e Escobar se debruçam em

apresentar imagens inicialmente não pensadas, movendo outras perspectivas educacionais através de um movimento crítico de ressignificação de histórias, construindo debates sobre as noções de classe, intelectualidade e memória.

Desviando o Gênero, Reimaginando a Terra: Performances Monstruosas e Ecologias Outras na Arte Drag Queen de Salvador

Guadalupe do Nascimento Ferreira (UFSCAR)

Este trabalho tem o objetivo analisar os processos de fabricação corporal agenciados por artistas drag queens de Salvador, a partir da criação de uma estética específica: a performance da monstruosidade. Faz parte de uma pesquisa de doutorado em sociologia em andamento desde 2024, na qual através da etnografia como metodologia de pesquisa, procura observar o cotidiano criativo dessas artistas. Partindo da hipótese de que, ao adotarem uma estética monstruosa, elas não apenas desafiam o padrão corporal de feminilidade hegemônica nesse circuito, mas também vão além: podem levantar questões atuais sobre diferentes formas de habitar um mundo em constante crise ambiental, ao reutilizar e reciclar materiais descartados, como resíduos sólidos e

materialidades orgânicas. Ao mesmo tempo, empregam referências imagéticas de seres outros-que-humanos para compor artisticamente suas performances. Considerando a forte presença da ancestralidade africana na vida das artistas, tendo em vista que elas estão localizadas na cidade mais negra do Brasil fora da África, pretendo entender como essas experiências são transformadas em uma estética de resistência afrodiaspórica dentro das suas práticas artísticas a partir da integração de teorias interdisciplinares para avançar na interface teórica entre os estudos queer e raciais com as teorias emergentes sobre à coexistência multiespécie e às ecologias decoloniais nas ciências sociais.

(Re)criando mundos com arte e insurgência – narrativas de mulheres negras grafiteiras

Natália Oliveira de Assis (UERJ), Ana Cláudia Lemos da Silva (UNIRIO), Carla Goncalves Felizardo (CGF Artes e Produções Artisticas)

A presente comunicação visa discutir a atuação de mulheres artistas negras no graffiti, uma forma de arte urbana historicamente associada a movimentos de contestação e contracultura que no contexto abordado torna-se uma ferramenta de insurgência feminina e negra. Produzida por três mulheres negras com diferentes níveis e tempos de atuação nessa forma de expressão artística, procuramos apresentar como esse espaço se constitui como um meio de criação para essas agentes que, em suas obras, promovem o enfrentamento a silenciamentos, apagamentos e violências estruturais, afirmando suas histórias, vivências e identidades. O trabalho tem como aporte metodológico a pesquisa etnográfica, a partir da observação participante em mutirões de graffiti que ocorreram nas favelas e comunidades do estado do Rio de Janeiro, além da realização de entrevistas com algumas dessas mulheres. Outro aporte metodológico que trazemos é o relato de experiência. Como resultado dessas diferentes formas de apreender e abordar essas intervenções, destacamos o objetivo em comum dessas mulheres que ocupam os muros com seus traços, vozes, corpos e assinaturas, mostrando suas histórias, evocando personalidades, memórias e referências culturais negras e indígenas e fortalecendo territórios periféricos. Dessa forma, expressam passados, presentes e futuros possíveis, protagonizados por mulheres negras insurgentes em contestação as destruições promovidas pelas narrativas coloniais/capitalistas.



Quando os trabalhadores e trabalhadoras de Jay Linn Gomez encontram os casarões de David Hockney, quem constrói a cena?

Paulo Victor Santos Dias (UFRRJ), Anna Luíza Sgarbi Duarte (UFRJ)

A partir da década de 1960, o artista britânico David Hockney passou a representar cenas de luxo doméstico nos Estados Unidos, especialmente na Califórnia, onde passou a viver. Suas obras retratam casas, jardins e, notadamente, piscinas, como na icônica A Bigger Splash (1967), em que vemos um trampolim, uma piscina agitada por um mergulho recente, coqueiros e uma grande casa solitária. A ausência de figuras humanas é marcante: o corpo está apenas sugerido pelo rastro na água. A pintura integra uma trilogia sobre o mesmo tema, junto a A Little Splash e The Splash.

Décadas depois, a artista californiana Jay Lynn Gomez, filha de imigrantes mexicanos sem documentação, se apropria e tensiona essa representação paisagística, ao pintar No Splash (2013), obra integrante de uma série em que insere corpos ausentes nas pinturas de Hockney. Em sua versão, pessoas não brancas, uniformizadas, aparecem limpando a mesma casa e piscina, em uma composição quase idêntica à de A Bigger Splash. Nas obras de Gomez, surgem, construindo as cenas e as casas, trabalhadores(as) que naquela região do país, em sua maioria são latino-americanos ou descendentes destes.

A partir das intervenções de Gomez nas obras de Hockney, este texto investiga questões como os regimes de visibilidade na prática da pintura, as possibilidades de intervenção em paisagens representadas em outro tempo e as ausências dos corpos não brancos na construção e manutenção das paisagens americanas.

O B33 Bólide-caixa 18 "Homenagem a Cara de Cavalo": fissura ética e estética na obra de Hélio Oiticica

Lilian Alves Gomes (UCAM), Alexandre Monteiro Gomes (UCAM)

Esta proposta analisa o B33 Bólide-caixa 18 "Homenagem a Cara de Cavalo" (1965-1966) de Hélio Oiticica. Para o artista, a obra é um "momento ético" que "revelou mais um problema ético do que estético" (Oiticica, [1969] 1997, p. 25). O B33 homenageia Manoel Moreira (1941-1964), "Cara de Cavalo", jovem da Favela do Esqueleto, morto pela polícia do Rio em operação

amplamente publicizada. A mídia construiu a imagem de um "bandido violento", acoplando a ele crimes de outros com a mesma alcunha, numa caçada vista como "questão de honra" policial.

A obra é uma caixa-poema tridimensional contendo fotografias e palavras sobre o jovem. As fotos, em preto e branco, são a mesma imagem quadruplicada do assassinato brutal de Cara de Cavalo. Oiticica usa materiais como nylon, formando um véu sobre as imagens, evitando assim a simples exploração sensacionalista da figura de Cara de Cavalo. Seu discurso sobre a obra sugere responsabilidade ao representar, indo além da mera forma artística para tocar na vida e na dignidade do indivíduo.

Assim, entendendo a dinâmica entre arte e questões sociais, e a coprodução de identidades e sensibilidades (Jasanoff, 2004), o B33 será analisado como resposta a configurações de mundo, relações de poder e interesses. Buscaremos pensar se o B33 pode ser entendido como um dispositivo, como aqueles sugeridos por Hartman (2020), que permitem contar histórias sobre sujeitos e não apenas sobre a violência que lhes foi infligida.

"Sentir o que não foi dito": notas sobre usos possíveis das artes visuais na descolonização de monumentos coloniais

Patrícial Lânes (PPGHA/ UERJ)

Monumentos, bustos e estátuas (re)encenam contextos marcados por relações coloniais onde pessoas negras e indígenas são retratadas como "ambiente" para atos de conquista em que o colonizador está em posições de poder. Aqui, tomo a obra de Bruno Lyfe para pensar o potencial desconfigurador da arte visual sobre objetos da arte pública colonial. Na obra “Em silêncio sentido o que não foi dito” (2025), o artista traz para tela o monumento em homenagem a Dom Pedro I, colocando no centro as figuras indígenas (originalmente “elementos secundários”) a fim de "deslocar o foco da narrativa de poder e questionar como certos corpos e histórias são relegadas ao plano de fundo.” Com isso, ele pretende "reverter hierarquias visuais e pensar quem são os verdadeiros protagonistas quando falamos de território e memória.” Elas aparecem como se pintadas sobre azulejos portugueses e são olhadas de dentro da tela por meninos negros, cabelo “na régua”, sentados de costas para nós espectadoras/es. Como nós, eles (ad)miram (?) a representação de um passado inventado por quem nos colocou na posição de coadjuvantes e criou uma estética que expressa narrativas coloniais sobre o país construído nesse processo. Penso as

relações entre tempo, memória, espaço e arte ao fazer dialogar a obra de Lyfe com Saidiya Hartmam, Grada Kilomba, Rosana Paulino, Jota Mombaça e Leda Maria Martins. Busco pensar de que modo arte e memória se produzem mutuamente a partir de olhares outros sobre estéticas coloniais urbanas.

Dos brejos do Sertão Carioca à criação de uma HQ: uma experiência fabulativa com os peixes-das-nuvens em uma paisagem cíclica ameaçada pela expansão urbana

Rachel Paterman (Fiocruz), Luz Stella Rodríguez Cáceres (Fiocruz)

O objetivo desta comunicação é apresentar o processo criativo, imagético-textual, da produção colaborativa de uma história em quadrinhos de inspiração antropológica: Úrsula: uma peixinha do Sertão Carioca. Úrsula, nome que se inspira na fabulação especulativa de Ursula Le Guin, que vem sendo recuperada por Donna Haraway no desafio de imaginar condições de vida no colapso climático, trata da amizade entre uma menina negra e um peixe da espécie Rivulídeo, popularmente conhecida como peixe-das-nuvens. No Rio de Janeiro, costuma ser encontrada nos brejos do Sertão Carioca, áreas pantanosas da Zona Oeste disputadas pela especulação imobiliária. O cerne problemático da história converge com aquele das experiências investigativas das autoras da HQ, como antropólogas atentas e sensíveis a entrelaçamentos entre desequilíbrios ambientais e conflitos sociais nos territórios em questão. Nesse exercício, colocamos em prática jogos experimentais de escrita e desenho contaminando e poluindo o ponto de vista antropocêntrico, borrando as fronteiras entre natureza e cultura. Assim como Donna Haraway, Anna Tsing é aqui uma importante referência, nos instigando a pensar no meio ambiente além dos humanos, e na possibilidade da vida nas ruínas do capitalismo. Conforme pretendemos apresentar, o encontro da peixinha Úrsula com a menina Maya permite explorar potenciais dos quadrinhos para imaginar outros mundos.



ST 19: DISSIDÊNCIAS DO CUIDAR: TENSÕES NAS COEXISTÊNCIAS MAIS QUE HUMANAS

Coordenador(a): Fabiana Maizza (UNIFESP), Ana Cláudia Rodrigues da Silva (UFPE)

Sessão 01 - ST 19: Dissidências do Cuidar: tensões nas coexistências mais que humanas - Cuidados e práticas multiespécies

Coordenador/a: Fabiana Maizza (UNIFESP)

Modos de cuidar das benzedeiras na Serra dos Paus Dóias - Exu, Pernambuco

Camila Correia de Almeida (UFPE)

A partir das reflexões de Bellacasa sobre o potencial disruptivo do cuidado esta proposta é um esforço de pensar o cuidado para além das dicotomias trabalho x afeto compreendendo as complexidades que se dão no cotidiano através de suas contradições sem, entretanto, reforçar o lugar da "mulher que cuida". O benzimento é apenas um dentre os diversos modos de cuidar das benzedeiras. Seu saber fazer cotidiano revela que o cuidado pode envolver situações nem sempre agradáveis, como ter que lidar com "reclamações" de entidades supranaturais, e absorver as dores físicas e emocionais do outro. Além do esforço físico para realizar um "trabalho de cuidado" cotidiano que está por trás das práticas de cura, como levar sol quente na cabeça enquanto trabalha a terra e cultiva seus "remédios do mato" no quintal. Essa teia de relacionalidade indica que as práticas de cuidado das benzedeiras incluem outros que humanos. Agências não humanas que podem absorver o mau-olhado, ou uma abelha que pode anunciar um mau-presságio. E falam de modos de se relacionar que envolvem não apenas um "trabalho de cuidado", mas também afetos e tensões. Cuidar implica assumir riscos e responsabilidades, mas também promove o reconhecimento e a satisfação de ter o "dever cumprido". Esta pesquisa é fruto de trabalho de campo de cunho etnográfico realizado entre os meses de julho e dezembro de 2023, no Município de Exu, Pernambuco.



Matas, roças e quintais: as relações entre mulheres e plantas no Assentamento Maceió

Juliana Monteiro Gondim (UECE)

Pretendo apresentar aqui uma pesquisa ainda incipiente sobre as relações entre pessoas e plantas no Assentamento Maceió, litoral oeste do Ceará. O Assentamento é composto por 12 comunidades, onde vivem por volta de 1400 famílias de agricultores e pescadores, em uma área de aproximadamente 5.800ha, que começa no litoral e vai até a caatinga. O foco deste artigo serão os quintais, principais espaços onde se desenrolam as relações entre as mulheres do Assentamento e as plantas. Nos quintais, as donas de casa vão, cuidadosa, paciente e permanentemente embelezando a paisagem através das composições com as plantas. Para Ingold, o conhecimento não é transmitido através das gerações, é vivido, construído e reconstruído nas práticas cotidianas e, para alcançar tais práticas, é necessário atentar para o movimento de peregrinação dos sujeitos pelos lugares que habitam. Nesta pesquisa, pretendo seguir a peregrinação não só dos humanos, mas também das plantas. Embora os cuidados das donas de casa com suas plantas sejam essenciais nesta pesquisa – na medida em que revelam modos de análise – as plantas não serão aqui tratadas como entidades passivas que estão completamente dependentes da proteção e dos cuidados humanos. Seguindo os fios que tecem tais relações, pretendo responder questões tais como quais as concepções de "natureza" expressas pelos moradores do Assentamento Maceió? Como as relações entre humanos e plantas expressam as formas de conhecer e habitar suas paisagens?

Quando cuidar exige eliminar: a chegada do peixe-leão como desafio à coexistência

Rayana Mendonça do Nascimento (UFPE)

O arquipélago de Fernando de Noronha, com sua vasta biodiversidade marinha, vem atravessando novos desafios desde a chegada da espécie exótica invasora originária do Oceano Pacífico de peixes recifais do gênero Pterois (família Scorpaenida), mais conhecido como peixe-leão. Esse peixe, que passou a habitar os recifes da região a partir de 2020, não possui predadores naturais no local e alimenta-se de forma intensa de peixes nativos, colocando em risco a sobrevivência de diversas espécies. Além disso, seus espinhos tóxicos representam perigo direto para seres humanos. Desde então, o ambiente passou a conviver com estratégias de combate que

incluem planos de manejo e campanhas de captura do animal, com a morte como desfecho necessário. A presença do peixe-leão reconfigura as relações interespecíficas em Noronha, onde o cuidado passa a ser atravessado por decisões que envolvem eliminação e controle. O mar, antes percebido como espaço de biodiversidade em equilíbrio, se torna palco de ações que misturam preservação e destruição. Este trabalho busca refletir sobre essas tensões, pensando o cuidado como algo que não se dá de forma harmônica, mas que envolve escolhas difíceis e práticas que nem sempre resultam em convivência. Em tempos marcados por mudanças climáticas, migrações forçadas de espécies e transformações dos ecossistemas, esse caso expõe os limites e conflitos das coexistências no presente — onde cuidar pode significar, paradoxalmente, eliminar.

Obrigações ecopoéticas e as tensões articuladas na guarda de sementes crioulas

Simone da Conceição Silva (UFF)

A perda de sementes crioulas é um tema multifacetado, que se por um lado nos remete às heranças nefastas deixadas pela empreitada colonial e às consequências da biopirataria capitalista da Revolução Verde, por outro, pode conceder uma oportunidade singular de pensar com um conjunto de questões intrínsecas a ciclos intermitentes de existência. O plantar, selecionar, comer e guardar fazem parte de trajetos superpostos e interdependentes que configuram o fazer-mundo de agricultores e de suas sementes. Cada uma dessas ações, a depender de uma série de fatores, por exemplo, uma estiagem prolongada, ou mesmo uma aposta “equivocada” quanto à semana do plantio, incorre em alguns riscos e figura, assim, uma trama de eventos cotidianos que pode culminar em incontornáveis perdas. O desafio, destarte, é conduzir as tarefas da lida com a terra diante da certeza de que as sementes coalescem, se transformam e, sobretudo, se decompõem. A partir de histórias alternativas de cultivo e de regeneração de sementes crioulas do agreste paraibano, estou interessada em refletir sobre as tensões articuladas pelas cargas afetiva e de trabalho contíguas ao papel de guardiã de variedades crioulas, que é concedido comunitariamente, em sua maioria, a mulheres, no caso da Paraíba, negras. Darei especial destaque às histórias de colapsos (perdas de roçado) para refletir em que medida o “desmantelo" suscita obrigações ecopoéticas (Bellacasa, 2021) alinhavadas à expressiva multiplicação de sementes crioulas.



Conhecimentos e práticas indígenas na conservação ambiental no baixo rio Tapajós

Fabio Ozias Zuker (Fundação José Luiz Egydio)

No Baixo Tapajós, a distribuição do desmatamento revela uma geografia profundamente desigual. Enquanto áreas habitadas por comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, especialmente aquelas situadas em Terras Indígenas ou Unidades de Conservação, preservam densas áreas de floresta, as regiões inseridas no mercado de terras vêm sendo progressivamente ocupadas pela soja e pela pecuária, resultando em paisagens intensamente desmatadas e contaminadas por agrotóxicos. A partir de uma série de encontros e trocas entre oito pesquisadores indígenas da região e cinco pesquisadores não-indígenas, esta apresentação propõe uma reflexão coletiva sobre como práticas e conhecimentos indígenas podem informar estratégias de conservação ambiental. Trata-se de refletir como as ecologias indígenas e formas de cuidado com a terra e outros seres propõem uma alternativa ao avanço do desmatamento. O artigo enfoca-se também nas dinâmicas de cuidado e perigo implicados nas relações com os encantados, seres que habitam e protegem a floresta, os fundos dos rios e os igarapés, no que acontece com eles quando a floresta é desmatada, assim como um olhar sobre o agravamento da insegurança alimentar e os impactos na saúde física e mental das populações. Daremos atenção especial às práticas agroecológicas indígenas, orientadas por ciclos de pousio e valorização da biodiversidade, que contrastam radicalmente com a lógica extrativista dominante e indicam caminhos concretos para a regeneração territorial.

Lidas e lutas cotidianas: imaginação política do cuidado às margens do Ribeirão da Onça (Belo Horizonte/MG)

Elisa Porto Marques (UFMG)

Em minha pesquisa de doutorado em andamento busco caracterizar uma 'imaginação política do cuidado' como contranarrativa à ideia moderna de natureza e seus efeitos sobre as relações cotidianas com as águas urbanas. Tomo como ponto de partida para este texto meu encontro com Elenilza Brito, que na década de 1990 migrou do interior da Bahia para Belo Horizonte, onde construiu sua casa à beira do Ribeirão da Onça, na periferia nordeste da cidade. O Onça e seus afluentes estão entre os últimos cursos d’água a céu aberto da cidade, mas, em um

senso comum e um modo de vida próprios da ética capitalista da dominação, são reduzidos a ideias de insalubridade, tragédia e violência. Contrariando essa visão fragmentada, Elenilza, desde sua aposentadoria em 2015, aprofundou seu envolvimento na militância pela recuperação do rio e passou a se dedicar ao cultivo de uma horta aos pés da Cachoeira da Onça (uma queda d'água com mais de 30 metros de altura, incrustrada em meio à malha urbana). Neste contexto de relações imbricadas ao Ribeirão da Onça e suas margens, articulo temáticas do campo dos estudos urbanos como trabalho, moradia e política socioambiental, com enfoque nos afetos de cuidado – e da falta dele. Abordo as lidas e lutas cotidianas de Elenilza e suas companhias diversas, buscando extrapolar um saber sobre as águas e caracterizar um saber com as águas. A epistemologia do cuidado de Maria Puíg de la Bella Casa é tomada como principal base conceitual do trabalho.

Sessão 02 - ST 19: Dissidências do Cuidar: tensões nas coexistências mais que humanas - Cuidados, interseccionalidades e suas implicações

Coordenador/a: Ana Cláudia Rodrigues da Silva (UFPE)

Semeando outros arranjos de cuidado

Bruna Evangelista Rosa (UERJ), Nayara Rudeck Oliveira Sthel Cock (UERJ)

A mortalidade materna no Brasil é uma das mais graves violações dos direitos humanos das mulheres, por ser uma tragédia evitável em 92% dos casos. Sempre se manteve em patamares considerados elevados e hoje, sua redução, além de compor um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, estrutura a reforma obstétrica. Além da universalidade, a equidade e a integralidade compõem os três princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (SUS). O SasiSUS é um subsistema do SUS e busca integrar os conhecimentos tradicionais indígenas à saúde, com foco na autonomia e no respeito à cultura dos povos indígenas. Porém a reforma obstétrica se pauta no Movimento de Humanização do Parto e Nascimento, no qual são pilares principais: autonomia da pessoa que gesta; percepção do parto e nascimento como evento biopsicossocial; e práticas baseadas em evidência científica atualizada. Como fomentar uma equidade de saberes e práticas de cuidado dentro de um sistema que tem como origem de

suas práticas um passado colonial e suas atualizações tecnocientíficas? Ou como outros arranjos de cuidado tem sido tolerados dentro do SUS? Nesta escrita não serão propostas soluções, mas diálogos com aberturas ontológicas que se fazem exemplo, como a Fundação Mulheres Bachué, uma organização indígena que há mais de três décadas lidera a obstetrícia tradicional na Colômbia. Como estamos acompanhando a semeadura, desenvolvimento e nascimento da semente vegetal e humana, é o que orienta as Bachué.

Por uma poética negra feminista da terra: práticas de cuidado entre agricultoras do Engenho Ilha, Pernambuco

Irene Adryane Marciano da Silva (UNICAMP)

A região de Suape tem sido fortemente marcada por um tipo de ocupação que destaca a presença de grandes projetos de desenvolvimento. Seja nos antigos engenhos de cana-de-açúcar, nas posteriores usinas açucareiras ou na mais atual construção do Complexo Industrial e Portuário de Suape, tem sido imposta uma paisagem cada vez mais homogênea e entrópica. Porém, ao mesmo tempo que se apresenta uma paisagem da plantation que desencadeia conflitos socioambientais, estão as comunidades locais que têm cultivado importantes espaços de biodiversidade, entre elas está o Engenho Ilha. Caracterizando-se como uma periferia rural, situada na cidade do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, suas agricultoras apresentam uma condição de possibilidade de narrativas de vida apresentando o caráter disruptivo de suas práticas. Buscando relacionar as dimensões de território, cuidado e negridade como um fio condutor, este trabalho tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento, onde, por meio de conversas na Associação de Pequenos Agricultores do Engenho Ilha apresentam-se usos e sentidos que as mulheres fazem do território. Assim, busca-se demonstrar como nas suas práticas conformam uma contranarrativa ao passado colonial fortemente presente na região, tendo na atenção dada às relações com os sítios a co-constituição de identidades junto às plantas no emaranhado desses processos.



Mulheres brasileiras e o cuidado em Portugal: Trabalho, estereótipos e violência.

Badr Abou Dehn Pestana (UFSCAR)

A demanda por trabalhadores migrantes no setor de cuidados em países ricos é um reflexo da desigualdade da divisão de trabalho e riqueza global. Nesse contexto é importante considerar como o gênero estrutura as experiências migratórias: mulheres migrantes estão inseridas numa complexa gama de marcadores sociais que refletem e definem suas relações com o trabalho e interações sociais no país receptor. O aumento da feminização das migrações tem levado a uma maior presença de mulheres no setor do cuidado, o que demanda análises, pois o cuidado é frequentemente tratado não como resultante de uma formação profissional, mas sim de um suposto "instinto", reforçando sua vinculação à imagem do feminino e com os estereótipos raciais. No caso da migração brasileira para Portugal observa-se essa tendência em que o trabalho no setor de cuidados recai particularmente sobre as mulheres imigrantes. Diante desse cenário, a presente pesquisa, ainda em estágio de desenvolvimento, por meio de uma etnografia inicialmente realizada por observação digital e posteriormente em um trabalho de campo, busca analisar como dimensões como sexualidade, raça, etnicidade e nacionalidade se interseccionam reverberando nas relações laborais e de que maneira os estereótipos que atravessam o cotidiano dessas mulheres moldam suas trajetórias, desde a inserção no mercado de trabalho até o acesso a direitos e à cidadania.

Cuidado em redes invisíveis: Creches informais, colonialismo e a resistência pericapitalista nas periferias urbanas.

Amanda Costa Cruz Oliveira (UFES)

A presente pesquisa se dedica à compreensão de como o cuidado voltado às pessoas periféricas é impactado pelas lógicas colonialistas e capitalistas, fazendo com que alternativas pericapitalistas de cuidado — tomando emprestado o conceito de Anna Tsing — surjam em resposta. Buscou-se compreender o que são as creches informais, frequentemente ocultas nas estruturas sociais, mas de extrema importância para o desenvolvimento das famílias periféricas e, por consequência, para toda a nossa cadeia social. Parte-se da compreensão de Maria Puig de la

Bellacasa sobre o cuidado como uma teia que envolve todos os seres vivos, mesmo nas camadas mais invisíveis da sociedade.

O trabalho aponta para a noção de que o cuidado é atravessado por interseccionalidades de raça (a partir dos pensamentos de bell hooks, Lélia Gonzalez e Hortense Spillers), gênero (com base nas análises de Bhattacharya, Federici e Fraser) e classe social. Além disso, propõe uma crítica à ideia, recorrente em estudos sobre a história das pré-escolas e creches no Brasil, de que as creches informais teriam desaparecido com o surgimento das instituições formais e com o suposto aprimoramento do sistema educacional. Tal visão contribui para o apagamento de uma parte fundamental do desenvolvimento das periferias urbanas.

Espécies companheiras nas fraturas coloniais

Ana Cecília Oliveira Campos (UFSCAR)

Esse paper reúne ficções especulativas a partir de pesquisa de campo entre elefantes, tartarugas e pássaros, entre os quais desenvolvi investigações ao longo da última década. A partir de relatos etnográficos, proponho mostrar, de um lado, como três contextos distintos em tema e temporalidade enunciam ressonâncias entre racialidade e animalidade. Tais narrativas se movem em direção ao tema dos cuidados técnicos e de seus aspectos políticos e se fazem ver na história da ciência, nos usos coloniais de partes de corpos (peles, marfim e cascos) ou na exotização de espécies ainda exibidas em zoológicos. Em outro sentido, interpela-se também a própria antropologia. Explicito o cuidado com um fazer etnográfico que seja capaz de visibilizar os atravessamentos da história colonial ou das fraturas coloniais, como diria Malcom Ferdinand. O argumento central é que a etnografia multiespécies nesses contextos implica em politizar a discussão, atentando ao violento imbricamento da tríade humanidades-animalidades-racionalidades. Por fim, retomo duas conhecidas proposições de Donna Haraway para destacar camadas políticas delas: "Ficar com o problema" exige reconhecer o peso da história colonial no que cabe dentro dos termos "animal" e "humano"; ao mesmo tempo em que "espécies companheiras" nas narrativas das fraturas coloniais nos instigam nos movimentos de fuga e nas especulações em torno de modos de habitar a terra e resistir em um mundo em ruínas.



Sessão 03 - ST 19: Dissidências do Cuidar: tensões nas coexistências mais que humanas - Cuidado e dissidência

Coordenador/a: Juliana Monteiro Gondim (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ)
Debatedor/a: Ana Cláudia Rodrigues da Silva (UFPE)

"Como a gente vai fazer pra sustentar esse trabalho?": dilemas, sentidos e práticas de cuidado nos Serviços Residenciais Terapêuticos

Monique Torres Ferreira (PPGSA)

O trabalho proposto é um recorte da minha pesquisa de doutorado, em que analiso o processo de "desinstitucionalização" de pessoas egressas de internações psiquiátricas de longa permanência, moradoras dos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs). Proponho analisar sentidos e práticas de cuidado mobilizadas pelas profissionais (cuidadoras, acompanhante terapêutica e técnicas de enfermagem) de dois Serviços Residenciais Terapêuticos da Zona Norte do Rio de Janeiro, a partir da pesquisa de campo que realizei no doutorado acompanhando semanalmente as reuniões de equipe dos SRTs. Trago para o diálogo junto aos significados locais sobre cuidados, autoras que analisam essa categoria, suas múltiplas definições e interseccionalidades com questões de gênero, raça e classe. O objetivo é pensar em conjunto agenciamentos de cuidados e formas de resistência que emergem no dia a dia trabalho de quem atua na ponta das políticas públicas de atenção psicossocial. Ainda, refletir sobre como os desafios expostos pelas profissionais podem trazer ferramentas e perspectivas de análise para outros contextos e políticas públicas.

Árvore Genealógica: pensando uma conectividade mais-que-humana a partir do cuidado e da memória familiar

Caleb Amâncio Machado (UFMG)

O trabalho propõe pensar em como as plantas se associam à família e sua memória, tentando entender se a relação de cuidado rotineiro entre humanos e mais que humanos pode ser entendida como uma forma de conectividade. A partir da análise da rotina da minha própria

família — a Família Machado, que reside em Ipatinga-MG e é majoritariamente protestante — e de seus registros fotográficos, experimento com colagens que misturam fotografias e desenhos, criando uma espécie de álbum de família que evidencia a presença das plantas na memória familiar. Observo também o banner que apresenta a "árvore genealógica" da família junto de um versículo bíblico que relaciona membros familiares à plantas, percebendo a importância da religiosidade nas socialidades mais-que-humanas. Inspirado na presença de diversas plantas na história e memória da Família Machado, ressignifico o termo "Árvore Genealógico" e proponho pensar família através da relações multiespécie entre humanos e plantas através dos diversos atos de cuidado e diversas formas de registrar memória. A divisão do trabalho é feita em conversa com as colagens, apresentando os familiares humanos e mais-que-humanos e detalhando a relação entre estes nos quintais da família, dissertando sobre conectividade e memória familiar.

Cuidado e as suas implicações nas relações de pessoas com deficiência e suas famílias

Vivyan Alexya Ferreira de Barros Amorim (UFAL)

Esse trabalho é uma reflexão etnográfica a partir das teorias antropológicas sobre deficiência, corpo e cuidado e suas problematizações.

O cuidado como centro da análise desses corpos sociais que exercem a dualidade de cuidar e ser cuidado de maneira que têm e exercem a dualidade de ser pensados enquanto são coproduzidos. As possíveis relações, contradições e performances que são colocadas por essas mães em embate sobre o mau e o bom cuidado e as diversas possibilidades que essas famílias falam das questões de agência da pessoa com deficiência, assim como as formas de se relacionar com a família, os vizinhos e nas associações.

A percepção feita por essas famílias de que alguns corpos são considerados menos ou mais aptos que outros e a normalização, perpetuação e possíveis tensões dessa troca com outras pessoas que são externas a esse convívio e cuidado com a pessoa com deficiência, os comentários que são escutados no dia a dia por essas famílias e como elas reagem a esse processo.

Assim, uma análise tendo gênero, raça e classe social como marcadores sociais importantes para entender as intersecções acerca das relações dessas famílias da região

metropolitana de Maceió-AL com as variabilidades corporais e relacionais presentes nesse processo do cuidado.

Cuidar com crianças: práticas de interdependência

Joana Martins Pereira (PUC-RIO)

Nas últimas décadas, pensadores de diversas áreas tem proposto uma mudança de paradigma necessária no Antropoceno: de agressores a cuidadores de um planeta doente. Nesse contexto, o cuidado se apresenta como uma prática cidadã interessada em reparar, nutrir e manter o que é comum. O cuidado é entendido por Joan Tronto e Maria Puig de la Bellacasa como uma relação que envolve assimetrias. Se as relações de cuidado extrapolam as relações afetivas, domésticas e amorosas e são inerentes a todos, é preciso cuidar do que é diferente a nós. Em um esforço de estabelecer "parentescos estranhos" (HARAWAY, 2023), só é possível pensar num cuidado universal se fugirmos de uma lógica antropocêntrica e pensarmos em comunidades mais-que-humanas de cuidado.

Pensando em uma democracia do cuidado (TRONTO, 2013), é possível observar em certas práticas pedagógicas uma abordagem a partir da ideia de cuidado com o território. A partir do entendimento da interdependência do cuidado, pensar com as crianças pode nos ajudar a traçar caminhos para fora da crise e gerar comunalidade (ESCOBAR, 2020) para além de laços sanguíneos, semelhanças e antropocentrismos. Como parte dessa pesquisa, realizo atividades extensionistas em territórios vulnerabilizados do Rio de Janeiro e um levantamento de atividades de educação ambiental/urbana com crianças brasileiras. Como tensionar a categoria do cuidado/care desde uma perspectiva contextualizada no Sul Global? Qual é o entendimento de cuidado para essas crianças?

Extração e Cultivos em Live Streaming: Modos de Habitação no Plantationoceno

Nai Ian Medeiros Valente Alberte (UNICAMP)

Usando "cultivos" como uma tradução livre de nurture (Strathern, 1988), a proposta desse seminário é a partir da apresentação e distensões de um caso etnográfico construído em retalhos,

M. uma produtora de conteúdos em plataformas de Live Streaming na cidade-estado de Singapura (entre outras 'ilhas chinesas' como Hong Kong e Taiwan), desenvolver e reconhecer modos de habitação como conceito para se trabalhar as relações e trocas em processo nas plataformas (Gillespie, 2017; van Dijck at al., 2018) de live streaming nos tempos do plantationoceno (Chao et al.,2023); principalmente via Sophie Chao (2022), Antônio Bispo dos Santos (2023) e Deborah Bird Rose (2002). Amparade pela ideia de maestria da natureza (Plumwood, 1993), e o tecnobiopoder colonial (Haraway et al,. 1997; Preciado 2018), explorar profundidades que M. traz ao sarcasticamente descrever sua prática em termos de cultivo falos. Onde práticas de extração, como produção de engajamento, aumento no número de seguidores ou subscrições, se misturam às possibilidades multiespecíficas e relacionais, o dia-dia das lives e o desenvolvimento performativo dos conteúdos e suas grafias, na constituição ou não de comunidades (Rheingold, 1993), meios de fazer vida e relações (Haraway, 2016; Povinelli, 2016), e seus efeitos manifestos e não manifestos (Strathern, 1988) nos seres e meios sociotécnicos (entre outras entidades) em processo.



ST 20: ENCONTRO DE SABERES E AÇÕES AFIRMATIVAS - TRANSVERSALIDADES E EXPERIÊNCIAS

Coordenador(a): Isabel Santana de Rose (UFSC), Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFMG), Tiago Heliodoro Nascimento (USP)

Sessão 01 - ST 20: Encontro de Saberes e Ações Afirmativas - Transversalidades e Experiências - Sessão 1 - Encontro de Saberes

Coordenador/a: Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFMG)

Debatedor/a: Tiago Heliodoro Nascimento (USP)

A fala da terra: Cosmografia na escrita da pesquisa de acadêmicos indígenas

Amilton Pelegrino de Mattos (UFAC)

A contribuição da presente proposta se baseia em minha experiência na Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta, curso em que atuo desde 2008, na área de Linguagens e Artes. Essa experiência baseia a pesquisa que resulta na tese de doutorado em Antropologia apresentada recentemente (Mattos, 2024) ao PPGSA da UFRJ, resultado de um percurso que também deu origem a uma série de publicações articuladas com trabalhos de acadêmicos indígenas (Mattos, 2020, 2021, Mattos e Huni Kuin 2017).

Nesse trabalho, dedico-me a descrever e analisar processos de pesquisa de acadêmicos indígenas junto a suas comunidades, enfocando os recursos expressivos específicos desses trabalhos, que chamei de escrita. A escrita acadêmica desses pesquisadores em um curso de graduação específico, dedicado aos problemas das comunidades indígenas e suas práticas de conhecimento, é pensada a partir do conceito de coplanaridade (Viveiros de Castro, 2015), quando a pesquisa acadêmica pode servir para atualizar as práticas de conhecimento desses povos em vez de substituí-las, extingui-las ou mesmo “registrá-las”.

Nesse processo de prática de pesquisa indígena (acadêmica e não acadêmica) e de reflexão sobre suas especificidades, chegamos ao problema da relação intrínseca entre linguagem e terra.

Seja nas cosmologias indígenas, seja no pensamento moderno, constata-se um vínculo profundo entre terra e linguagem (Lévi-Strauss, 1955).

Eclipse de saberes na universidade: cosmopolítica da interculturalidade na LINDI-UNIFESP

Valéria Mendonça de Macedo (UNIFESP), Isabela Matilde Rálio Cardoso (UNIFESP), Amanda Signori (UNIFESP)

A interculturalidade pode ser pensada como um encontro de saberes, mas na Licenciatura Intercultural Indígena (LINDI) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por vezes a experimentamos como um eclipse de saberes. Em uma das aulas, um aluno do povo Guarani Mbya discorreu sobre o eclipse como o momento em que Anhã (irmão antagonista do demiurgo Nhanderu Papa Tenonde) tenta devorar seu sobrinho Lua (Jaxy, irmão atrapalhado do Sol, Kuaray). Esse acontecimento pode engendrar aproximações perigosas, potencializando forças disruptivas, violentas, mas também criativas. Na universidade, a interculturalidade pode instaurar um estado de eclipse quando diferentes povos precisam se haver com outros regimes de conhecimento e pertencimento. Ou, no caso das ciências nascidas com a modernidade ocidental, quando as relações entre saberes envolvem profundas assimetrias de poder. Mas o que gostaríamos de enfatizar nessa apresentação remete ao eclipse de saberes de um mesmo povo, quando histórias e conhecimentos são trazidos ao contexto universitário como temas de pesquisa coletiva e produção de materiais para uso nas escolas. Nas aldeias, a multiplicidade desses saberes se equaciona com sua inteireza em cada momento enunciativo. Mas a universidade pode promover aproximações perigosas, em que diferentes versões se interpelam diretamente, disparando potências criativas, mas podendo ser consumidas (nunca completamente, como Jaxy) pelo relativismo cultural universitário e escolar.

Nem Horizontal, Nem Vertical: A complexidade da incorporação de “novas” epistemes no campo de ensino

Emilly Costa Carvalho Souza (UFSCAR)

Este trabalho objetiva problematizar o encontro de saberes em sua aplicação concreta no cotidiano do ensino. Não considero que a proposta consiga substituir um “verticalismo

hierarquizante" por um "horizontalismo democratizante", mas sim acolher melhor essas duas formas de relação no mesmo espaço. Minha crítica se concentra no fato de que, ocasionalmente, obliteramos irrefletidamente outras epistemes que buscamos incorporar. Para superar essa obliteração, não basta simplesmente acolher esses "saberes outros"; é fundamental reconhecê-los efetivamente. Para ilustrar, trago o exemplo de uma banca de defesa de um estudante indígena. Durante a avaliação, uma integrante sugeriu alterar a frase: "A doença pegou aquele homem" para: "O homem pegou aquela doença", buscando maior coesão acadêmica. Contudo, essa inversão apaga uma dimensão importante: a agência conferida à doença. Na formulação original, é a doença que age sobre o homem. O exemplo revela que não basta incorporar sujeitos diversos; é imprescindível reconhecer suas cosmologias e epistemes. Quando nos alinhamos automaticamente ao "discurso oficial", seja pelas normas do português ou pelas convenções acadêmicas, acabamos por obliterar mundos que se expressam de maneiras distintas. Assim, mesmo na intenção de incluir novos saberes, corremos o risco de suprimir, mesmo que de forma sutil, a vastidão de significados que uma "simples correção" pode carregar.

O Encontro de Saberes na UNILAB-CE: a experiência do Inventário Afetivo das plantas medicinais do quilombo da Serra do Evaristo

Bruno Goulart Machado Silva (UNILAB)

Este trabalho apresenta a experiência do Encontro de Saberes (ES) na UNILAB – inspirado no projeto homônimo coordenado pelo INCTI, da UnB, e hoje presente em diversas universidades. O projeto propõe a pluralização epistêmica das universidades por meio da presença de mestras(es) tradicionais no âmbito do ensino, pesquisa e extensão. No contexto da UNILAB o ES pode ser percebido como uma ampliação da pluralidade epistêmica já em curso desde sua fundação em 2010. Em específico abordarei o desenvolvimento do ES na UNILAB, institucionalizado em 2020, por meio dos projetos de extensão e pesquisa, Encontro de Saberes na UNILAB, e da oferta da disciplina optativa do curso de Bacharelado em Antropologia Mestres(as) das culturas e o Encontro de Saberes. Focaremos aqui no relato e reflexão da experiência da oferta da disciplina no primeiro semestre do ano de 2025, que integrou pesquisa e extensão, com a proposta de desenvolver um Inventário Afetivo das plantas medicinais do quilombo da Serra do Evaristo, em parceria com a mestra Maria do Socorro Fernandes, Tesouro Vivo do Ceará e Notório Saber em

Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais pela UNILAB. A experiência do Inventário leva a reflexões sobre as produções textuais coletivas e autorais de mestras e mestres, as formas de relações com as plantas, entendidas aqui como entidades dotadas de emoções e agência, assim como a possibilidade de diálogos e aproximações entre saberes e ontologias quilombolas e o campo acadêmico.

Cartografias do Axé: relatos de experiências em uma disciplina da Formação Transversal na UFMG

Yuri Tomaz dos Santos (UFMG), Amanda do Carmo Ribeiro (UFMG), Victor Dias dos Santos (UFMG)

Este artigo trata da experiência de três estudantes da pós-graduação em Antropologia Social da UFMG na disciplina Cartografias do Axé, ofertada no primeiro semestre de 2025. A disciplina da Formação Transversal em Saberes Tradicionais tem como objetivo percorrer cartografias de terreiro, entendidas como os territórios com os quais as comunidades têm relação, sejam eles aqueles nos quais se cultivam plantas e criam animais, ou onde se tem encontros importantes que refletem o vínculo das comunidades de terreiro com lugares na cidade de Belo Horizonte e região metropolitana. A disciplina previa visitas a matas, cachoeiras, encruzilhadas, aos quais se associam conexões com as pessoas, forças espirituais, lugares e histórias, com a presença dos/as mestres/as tradicionais de algumas comunidades de terreiro. Pensando em Bruno Latour (2008) em sua perspectiva de que o corpo é um treino para ser afetado, sendo a aquisição de um corpo um empreendimento constante que se relaciona ao sensorial e ao sensível, refletimos sobre o impacto de ter ido à mata, dançado samba, participado de uma festa de Exu e outras cerimônias, dentre outras atividades proporcionadas pela disciplina. Desse modo, reflete-se também sobre como o encontro de saberes na universidade é importante na recriação de trajetórias acadêmicas de estudantes, promovendo o diálogo e influência dos saberes tradicionais com a academia (Carvalho et. al., 2020).



A Matuta e as tecnologias afro-diaspóricas: quilombismo e afrofuturismo no falar de terreiro

Bruni Emanuele Fernandes (UFMG), Joicinele Alves Pinheiro (SESC), Juliana Faltz Martins (UFMG), Nicole Faria Batista (UFMG)

O trabalho pretende apresentar reflexões e contribuições da Matuta, uma Comunidade de Pesquisa em Terreiro, acerca de conceitos fundamentais para refletir sobre tecnologias afrodiaspóricas, como o quilombismo (Nascimento, 2019) e o afrofuturismo (Anderson, 2021), a partir do falar de terreiro. A comunidade é formada por filhas e filhos de santo da umbanda da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, localizada na Vila Senhor dos Passos (Buraco Quente), em BH. ORÍentada por Pai Ricardo de Moura, zelador da CCPJO e mestre da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, a Matuta é ação coletiva, partilha da palavra. É verbo atuante em modo imperativo e também um adjetivo que diz sobre mentes matuteiras que se unem, dialogam e partilham entre si suas expertises e espertezas, e constroem juntas. Nosso matutar é o que dá sentido e caminho à nossa comunidade de pesquisa. Enquanto herdeiras/es/os de subjetividades e modos de viver afro-periféricos brasileiros enraizados no terreiro, buscamos convergir esses saberes e tecnologias milenares no ambiente acadêmico-científico hegemônico. Temos por objetivo alimentar nossa própria comunidade e contribuir para a produção de conhecimento científico engajado, trazendo conceitos chave para o lugar de onde falamos e fazemos para pensá-los também como práticas de relação na/para a afroperiferia. Afinal, como nos lembrou o Exu Toninho Babão ao final de um dos nossos encontros, “A gente fazia quilombo desde os navios”. E seguimos fazendo.



Sessão 02 - ST 20: Encontro de Saberes e Ações Afirmativas - Transversalidades e Experiências - Sessão 2 - Trajetórias e Experiências

Coordenador/a: Isabel Santana de Rose (UFSC)

Debatedor/a: Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFMG)

Adaptar, resistir e permanecer: reflexões de um nordestino preto e pós graduando no sul do Brasil

Edilson de Jesus Sá (UFSC)

Este relato autobiográfico reflete sobre os desafios enfrentados durante meu processo migratório a partir do ingresso no doutorado no PPGAS/UFSC, em Florianópolis, como homem preto, egresso de um quilombo urbano em São Luís (MA). A experiência evidencia tensões raciais, econômicas e institucionais: desde o choque cultural em uma cidade majoritariamente branca (apenas 6,7% de população preta) até a luta por permanência acadêmica sem bolsa. A pesquisa, de cunho auto etnográfico e interseccional (Crenshaw, Davis, hooks), problematiza as condições de alunos cotistas na pós-graduação, questionando como garantimos a permanência após o acesso via ações afirmativas. Relato a precariedade financeira (alto custo de vida, falhas na assistência estudantil) e a burocracia para obter uma bolsa emergencial — realidade que me levou a redirecionar meu projeto para estudar políticas de permanência. Destaco ainda a ausência de prioridade para cotistas na distribuição de bolsas, reforçando a crítica à descontinuidade das reparações. Articulamos vivências pessoais com análises estruturais, propondo reflexões sobre racismo institucional, mobilidade acadêmica e as contradições de um sistema que inclui, mas não sustenta.

A Universidade Pública Como Meio Emancipatório: Narrativas de Professores/as Negros/as no Chão da Escola

Alissa Bruna da Silva Souoza (UFGD)

Trata da pesquisa de mestrado, em andamento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Grande Dourados. A proposta do estudo, deita raiz

no Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, intitulado Políticas Públicas de Ação Afirmativas para a População Negra: Um olhar sobre as cotas raciais no curso de Pedagogia/Dourados/UEMS – 2017 a 2022. Por tanto, justifica-se o estudo por compreender a relevância do conceito da representatividade através da ascensão pela educação pública e igualitária, incluindo a relação que há entre formação universitária e mercado formal de trabalho. Por isso, a presente pesquisa busca, analisar se os(as) pedagogos/as, egressos das políticas de ações afirmativas, estão exercendo atividades remuneradas, se ser negro/a afeta a sua docência e, ainda se ser egressos cotistas interferem/interferiu em suas atuações profissionais. Esse trabalho perpassará pelo conceito da zona do ser e não ser de Frantz Fanon (1925-1961), do corpo que é aceito para lecionar e do corpo que é visto para limpar, ponto esse também abordado por Achille Mbembe, no seu livro Razão Negra (2014), que para o capital o Negro é um produto e esse está a serviço da manutenção de um sistema excludente. A pesquisa propõe escutar as narrativas de professores/as negros/as por meio de entrevistas e uma observação participante e trazendo as suas escrevivências. E a pergunta é: o que se encontra para esses/as professores/as negros/as cotistas depois da graduação?

Entre fronteiras: trajetórias de alunas negras e os encontros de saberes na universidade

Victória Vedovato (USP)

Este trabalho acompanha as trajetórias de alunas negras na Universidade de São Paulo, com foco nas experiências de ingresso e permanência por meio de políticas de ação afirmativa. A partir de 11 entrevistas semi-estruturadas com estudantes de diferentes cursos, busco compreender como o racismo, o machismo e as desigualdades de classe atravessam a vivência universitária, afetando tanto o cotidiano quanto os sentidos atribuídos à presença dessas jovens na universidade. Ao mesmo tempo, analiso as formas de resistência construídas a partir de redes de apoio, coletivos estudantis e espaços de troca que possibilitam não só a permanência, mas também a elaboração de um projeto de vida marcado pelo engajamento político, afetivo e intelectual. O trabalho parte do entendimento de que essas experiências colocam em cena encontros entre saberes diversos – acadêmicos, familiares, comunitários – que desafiam as formas tradicionais de organização e produção do conhecimento na universidade. Ao trazer essas narrativas para o centro, a pesquisa propõe refletir sobre os sentidos e tensões desses encontros, sem reduzi-los à mera equivalência

ou à inversão hierárquica entre saberes, mas reconhecendo sua potência como espaços de disputa, criação e transformação.

Mulheres Negras na Educação e Os Desafios de Permanência das Alunas da UFRPE

Alinne Mayara Barbosa de Morais (UFRPE)

Este trabalho analisa os desafios enfrentados por mulheres negras para permanecer na Educação Superior na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Inicialmente, aborda-se o contexto educacional dessas mulheres no Brasil, com base em indicadores do IBGE e do Censo do Ensino Superior. Em seguida, examinam-se os obstáculos vivenciados por alunas negras da UFRPE, à luz das desigualdades estruturais que dificultam seu acesso e permanência na universidade.

Embora as Ações Afirmativas tenham ampliado o ingresso de pessoas negras, o estudo aponta a urgência de políticas de permanência específicas para mulheres negras, considerando seus contextos e demandas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza entrevistas e questionários para investigar barreiras socioeconômicas, raciais e de gênero, fundamentando-se nos conceitos de Sueli Carneiro sobre racismo estrutural e epistemicídio, e na perspectiva de bell hooks sobre ambientes educacionais empoderadores.

A análise evidencia a importância de práticas pedagógicas e políticas inclusivas que reconheçam a interseccionalidade dessas estudantes, promovendo representatividade e autonomia. O estudo contribui para o debate sobre uma educação superior mais justa, diversa e democrática.

Mulheres negras em território acadêmico: uma cartografia social dos desafios, resistência e percursos na formação de alunas cotistas

Camila de Souza Barros da Silva (UERJ)

Este trabalho surge a partir de uma tese de doutorado em andamento vinculada ao Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo é a partir do método cartográfico mapear a trajetória de mulheres negras nos cursos de graduação da UERJ, após o período da implementação das cotas raciais. Muito mais do que uma análise sobre o impacto das cotas na vida dessas mulheres, o que se pretende é analisar como se

dá a experiência acadêmica dessas mulheres e quais os atravessamentos marcam esse percurso. Considerando escutas e narrativas, busca-se compreender quais os desafios se colocam diante da permanência delas dentro da universidade pública. Nesse sentido, outra questão a ser analisada é o modo como essas mulheres criam coletivamente formas de criar estratégias que as permitam se afirmar no espaço acadêmico, bem como pretende-se analisar como esse percurso incide ou afeta um processo de formação identitária.

Por conseguinte, essa pesquisa dialoga com o terceiro eixo temático na medida em que pretendo contribuir para pensar criticamente como os efeitos das ações afirmativas pelo viés das cotas raciais, modificam e afetam a experiência e formação dessas mulheres. Nesse sentido, recorro a bell hooks que pensa a educação como uma prática libertadora, e defendo uma transversalidade criativa no mapeamento da experiência dessas mulheres dentro do território acadêmico.

Um encontro de memórias ancestrais: saberes e produção do conhecimento

Karine de Oliveira Moura (UFPB)

Essa reflexão antropológica germina da necessidade de pensar o encontro entre memórias ancestrais presentes na pesquisa de campo com mestras de saberes denominados “populares ou tradicionais” pelo Registro do Patrimônio Vivo em Alagoas. Esses saberes corporificados são transmitidos predominantemente fora da academia, sendo repassados sobretudo em seus territórios. No contato com essas pessoas há uma retomada de minhas próprias memórias ancestrais, bem como do conhecimento acerca do meu corpo e trajetória. Ao contrário de estabelecer uma dicotomia entre as partes envolvidas nesse fazer, deparo-me com a necessidade de aprofundamento sobre como se constitui esse processo de identificação e de quais dinâmicas são inerentes a esse encontro, pois é de nossas diferenças que emana a potência criativa da tessitura de uma escrita mais íntima e afetiva. Dessa maneira estou inserida em um processo de aprendizado que está para além da busca por compreender a política de patrimonialização de pessoas, mas onde aprendo também sobre produção do conhecimento. Esses encontros reverberam na reflexão de como se dá a organização acadêmica e por isso parto da argumentação de Kilomba (2019) acerca de como esse espaço não é um ambiente de neutro e está imbuído de relações desiguais de poder. É possível, portanto, pensar as diversas camadas presentes na pesquisa, destacando aqui

aquela que envolve uma experiência íntima no trabalho de campo decorrente da retomada dos aspectos da minha subjetividade.

Sessão 03 - ST 20: Encontro de Saberes e Ações Afirmativas - Transversalidades e Experiências

Coordenador/a: Tiago Heliodoro Nascimento (USP)
Debatedor/a: Isabel Santana de Rose (UFSC)

Zora Hurston em travessia: Ações afirmativas e as insurgências negras nas reinvenções didáticas

Steffane Pereira Santos (UFMG), Rafaela Rodrigues de Paula (UFMG), Nicole Faria Batista (UFMG), Ruben Caixeta de Queiroz (UFMG)

O presente trabalho pretende apresentar o processo de criação e experiência de uma disciplina dedicada à obra e à trajetória da antropóloga negra, escritora e folclorista estadunidense Zora N. Hurston, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ofertada para os cursos de graduação de Antropologia, Ciências Socioambientais e Ciências Sociais. Idealizada por estudantes "frutos" de ações afirmativas e apoiada por um professor comprometido com práticas pedagógicas inclusivas, a disciplina surgiu como resposta à ausência de intelectuais negros e epistemicídio nos currículos dos cursos em particular da Antropologia. Mais do que um resgate da relevância acadêmica e política de Hurston — cuja etnografia desafiou e desafia normas de uma antropologia hegemônica —, a iniciativa reflete as transformações trazidas pela presença crescente de estudantes negros/as/es no ensino superior. A disciplina tornou-se um espaço de afirmação coletiva, onde a sala de aula foi vivida como experiência de reconhecimento, afeto e reconstrução crítica do conhecimento. Assim, a partir de relatos de estudantes, como a experiência em sala tensionou as fronteiras entre biografia e pesquisa, reafirmando o lugar de um ensino que escuta, acolhe, transforma e produz deslocamentos epistemológicos com a presença de corpos negros na universidade. Assim, a história da disciplina é também a história de uma universidade que, lentamente, começa a se reconfigurar a partir da presença de Outros/as/es sujeitos/as/es.



Fazendo Cruzos com Antropologias, Artes e Museologias

Leticia Conte Zulian (UFSC), Binah Ire Vieira Marcellino (UFSC), Flavia Medeiros Santos (UFSC)

O Fazendo Cruzos com Antropologias, Artes e Museologias é um evento periódico organizado pelo Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão Ebó Epistêmico, sediado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (CFH/UFSC) - com objetivo de oferecer para a comunidade universitária e a sociedade em geral a transposição didática dos conteúdos ministrados na disciplina Estudos Afro-Brasileiros. O evento acadêmico, científico, artístico e cultural é uma forma de divulgação científica que aprimora políticas afirmativas, envolvendo diretamente estudantes que acessaram a universidade por meio dessas políticas, retroalimentando o acesso e permanência destes estudantes na Universidade. A proposta extrapola os limites acadêmicos ao convidar artistas e intelectuais negros e indígenas, líderes quilombolas, e representates de movimentos sociais para desenvolver junto com a equipe do Programa Ebó Epistêmico as atividades do evento, onde as técnicas e metodologias promovem letramento racial, a amplificação de vozes historicamente marginalizadas e a transformação por meio de tecnologias sociais antirracistas. As antropologias mobilizadas durante o evento vão além das fronteiras da disciplina, trazendo contribuições centrais para a agenda de pesquisa sobre questões raciais e políticas públicas ao articular arte e ciência como formas de saberes e conhecimento sobre a conformação da agenda antirracista no cenário brasileiro.

Ebó nas escolas - o letramento racial como política afirmativa

Binah Ire Vieira Marcellino (UFSC), Luz Mariana Blet (UFSC)

O Projeto “Ebó epistêmico nas escolas” é uma das ramificações do Programa de Pesquisa e Extensão Ebó Epistêmico (2021), coordenado pelas professoras Flavia Medeiros, Alexandra Alencar (PPGAS-UFSC) e Thainá Castro (Museologia-UFSC). O Programa conta com a participação de graduandos e pós-graduandos em diversas áreas do conhecimento interessados em investigar temas relacionados às relações étnico-raciais no Brasil, e promover uma educação antirracista e contra colonial tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. No sentido de contemplar esta interconexão, o Projeto "Ebó nas escolas" oferece oficinas de letramento racial para as escolas estaduais em todas as regiões de Santa Catarina (2024-2026). O Projeto conta com

financiamento do Edital nº 3/2024/PROPG/PROEX PROEXT-PG 2024, que prevê ações de extensão para a Pós-Graduação na UFSC. Acreditamos que esta experiência se configura como uma forma de aprimoramento de políticas afirmativas, pois além de reforçarmos a urgência da aplicação 10.639/2003, que prevê a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar e universitário; levamos informações sobre ações afirmativas na universidade e criamos um vínculo importante entre esta e a escola pública no sentido de fortalecer a educação para as relações étnico raciais e o enfrentamento do racismo no sul do Brasil, onde se localizam muitos grupos neonazistas e onde ainda se nega a existência e presença de pessoas negras e indígenas.

Ações afirmativas, ativismo e afrofuturismo: insurgências e radicalidades negras na universidade

Daniara Thomaz Fernandes Martins (Unicamp)

A partir de uma pesquisa etnográfica sobre o percurso de reivindicação por cotas raciais na Universidade Estadual de Maringá, desenvolvida durante meu mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná, este trabalho propõe uma leitura afrofuturista das formas de ativismo negro que impulsionaram – e seguem impulsionando – a implementação de ações afirmativas nas universidades brasileiras desde o início dos anos 2000. Ao tensionar concepções hegemônicas sobre as cotas raciais nas esferas político-intelectuais, busco refletir sobre como discursos e práticas de ativistas negros em torno desse instrumento político configuram-se como esforços críticos e criativos de imaginação de futuros possíveis, dignos e vivíveis para sujeitos negros, seus saberes e intelectualidades. A análise ancora-se nas premissas do pensamento negro radical, do afrofuturismo e em minha trajetória como pesquisadora e ativista envolvida com a temática das ações afirmativas desde 2015. Dialogando com a produção acadêmica sobre os movimentos negros e as cotas raciais no contexto universitário brasileiro, argumento que uma leitura afrofuturista permite ressignificar o sentido político das cotas raciais, compreendendo-as não apenas como medidas reparatórias, mas como dispositivos propositivos de reinvenção de futuros. Proponho, assim, discutir o caráter insurgente dos ativismos negros universitários que elaboram uma política radical de diversidade nas instituições de ensino superior.



Todo pardo é negro? uma reflexão sobre qual é o público alvo da política de cotas raciais

Mauro Anderson Baracho (UFMG)

A presente proposta de trabalho tem como objetivo discutir qual pessoa autodeclarada "parda" se constitui como pessoa negra, público alvo da politica de cotas raciais. Desde a criação das cotas raciais, uma das criticas mais recorrentes, feitas por pessoas contrarias à politica, seria a "dificuldade em dizer quem é negro no Brasil". Tal apontamento crítico ensejou a discussão e o estabelecimento de procedimentos complementares a autodeclaração racial que visam coibir o uso de autodeclarações raciais falsas feitas por pessoas brancas. No entanto, após quase 10 anos da adoção das comissões de heteroidentificação racial, a categoria "parda" surge como um novo desafio aos procedimentos de verificação. O impasse refere-se ao fato de que parte significativa dos autodeclarados "pardos" podem não ser lidos como negros, embora acreditem fazer parte do público alvo da politica de cotas raciais. Assim, proponho uma reflexão sobre a construção histórica do público alvo da política de cotas raciais, bem como uma análise da heterogeneidade do grupo de autodeclarados "pardos" visando produzir um entendimento maior das leituras raciais feitas no Brasil.



ST 21: ESTUDOS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA: REVERBERAÇÕES NOS TERRITÓRIOS DA EDUCAÇÃO

Coordenador(a): Thiago Ranniery Moreira de Oliveira (UFRJ), Shaula Maíra Vicentini de Sampaio (UFF), Tiago Amaral Sales (UFU)

Sessão 01 - ST 21: Estudos de ciência e tecnologia: reverberações nos territórios da educação - Ambientes, coletivos, paisagens multiespécies

Coordenador/a: Tiago Amaral Sales (Universidade Federal de Uberlâ)
Debatedor/a: Shaula Maíra Vicentini de Sampaio (UFF)

Relações multiespécie e uma formação mais que humana para cultivar relações com uma Terra/terra viva no Coletivo Goiabal Vivo

Ágatha de Jesus Mendes (UFU), Theo Tosta Pereira (UFU), Mike Nascimento dos Santos (UFU), Tiago Amaral Sales (UFU)

Como um coletivo ambientalista atua na formação de biólogos/as e professores/as de ciências e biologia? Esta pesquisa emerge das vivências e ações do Coletivo Goiabal Vivo, em práticas educativas e de divulgação científica, com foco no cuidado do Parque Doutor Petrônio Chaves, conhecido como Parque do Goiabal, em Ituiutaba, Minas Gerais. Inspirada pelos estudos de Donna Haraway (2023) sobre naturezas-cultura e pertencimento à Terra, a pesquisa compreende o Goiabal, tanto o parque quanto o coletivo, como emaranhado de territórios de resistência e conexão entre humanos e não humanos. Nesse espaço, práticas de educação com o ambiente fortalecem vínculos afetivos com uma Terra/terra viva, mobilizando saberes comunitários e experiências sensíveis. Ailton Krenak (2020) propõe resgatar o vínculo com a Terra/terra, reconhecendo-a como um organismo vivo, e não apenas um recurso. As atividades desenvolvidas revelam o Goiabal como um território/ato que pulsa em relações multiespécies. O cuidado da APA e da área de Cerrado é compreendido como ato político e ético, ressignificando

o ambientalismo em tempos de mutações climáticas (Latour, 2020). Valorizar o pertencimento e a convivência com o coletivo reafirma a importância de cultivar práticas comunitárias que resistam às lógicas de exploração e promovam modos formativos de habitar a Terra/terra (Sales; Rigue; Dalmaso, 2023) entre humanos e mais-que-humanos, em um gesto respons-hábil (Haraway, 2023) de respeito mútuo e cuidado com a vida.

Rio Paraíba do Sul: e se fosse uma conversa complicada?

Guilherme de Azeredo Coelho (UFRJ)

Este resumo é fruto de uma pesquisa em teoria de currículo (TC) cujo objetivo é mapear alguns emaranhados da complexa rede de agências no rio Paraíba do Sul. Aproximo o vasto curso do rio (55.500 km2) à "conversa complicada" de William Pinar, tendo em vista a abertura ao encontro incomensurável com a alteridade do outro nas TCs. Tal abertura repousa na estranheza do si em relação ao outro e vice-versa; dessa estranheza resulta a conversa complicada. Assim sendo, concebo a conversa como o contato inusitado entre humanos e o rio na bacia, já que viver coimplicado ao outro parece ser condição de montagem contínua dos moradores à beira da destruição de um rio que extrapola suas margens. Habitar as cidades por ele cortadas indica uma experimentação corporal de tramas de sobrevivência e modos de existir duráveis, não estáveis. Relendo alguns dados geoquímicos do rio com Ranniery e Miller, penso que viver mediante à dissolução e reconstrução põe sob rasura a categoria de sujeito individual e autoconstituído, objeto de desejo da linguagem da aprendizagem. Se currículo é zona de tradução, talvez a coordenação coletiva de vida nos redesenhos de margens auxilie a recontar experiências atentas à matéria, parte delas em mim emaranhadas. Desdobrando o estudo autobiográfico da TC de Pinar, proponho complicar ainda mais a conversa para além do humano, movido pelas questões: o que significa teorizar currículo no curso do Paraíba? Que tipo de conversa complicada sua intrusão parece introduzir?

Quando o tempo se torna feral (e a literatura com isso?)

Victor Anselmo Costa (UFRJ)

Para Anna Tsing (2024), são entidades ferais aquelas que, ao se implicarem com projetos humanos, escapam do controle desses mesmos projetos. O termo renova a atenção às histórias de

nosso tempo de catástrofes, não sendo limitado para designar seres vivos e suas proliferações; assim, são ferais as chamadas "espécies invasoras", tanto quanto o gás carbônico, quando este aquece, sob nossa responsabilidade e à nossa revelia, a pele da Terra. Aqui, arrisco aproximar esse termo da noção de dysphoria mundi (Preciado, 2024) para assumir que o próprio tempo se tornou feral. Entre ressurgências holocênicas (Tsing, 2019) e alianças ctônicas em um porvir imprevisto (Haraway, 2023), experimentamos temporalidades disjuntivas, malcomportadas e indisciplinadas. Temporalidades ferais que erodem nossas lógicas e ecologias, participando do estranho "estado de exceção estético" (Preciado, 2024) que anestesia e planifica modos de existência e habitabilidades comuns. Poderíamos falar, então, na urgência de refúgios temporais, e não apenas climáticos. Poderia a leitura literária constituir tal refúgio? Se reconhecermos, com Alexandre Nodari (2015; 2017), que a ficção guarda em si uma qualidade de quase-evento, que terraformações emergem desse imbróglio entre historicidade e estoricidade? Que forças são liberadas através da enunciação literária, quando conflituamos o tempo feral do "Antropoceno" com o tempo especulativo da ficção? E se não como refúgio, quais complicações derivam desse encontro?

No tempo do desaparecimento: extinção, animais e currículo

Túlio Vieira dos Santos (UFRJ)

Este trabalho deriva de uma pesquisa de doutorado situada na confluência entre os estudos em currículo, os estudos de ciência e tecnologia e os estudos multiespécies, que propõe seguir os animais nos seus modos de existir em um curso de formação de professores de Biologia. Nesse percurso, a ausência inesperada de borboletas durante saídas de campo realizadas por um laboratório de entomologia deflagrou a seguinte indagação: Que questões o desaparecimento de animais suscita para a educação? Junto a Donna Haraway, Vinciane Despret e Thom van Dooren, considero o desaparecimento — e, de forma mais radical, a extinção — como uma perda ontológica de mundos: eventos que colapsam formas singulares de habitar, sustentar e dar continuidade à vida, desfazendo redes de relações, sentidos e agenciamentos entre espécies. Desloco essa reflexão para o campo educacional e pergunto: que mundos deixam de existir quando o desaparecimento de animais se torna parte da experiência curricular? Longe da ânsia de projetar futuros ou de sustentar promessas redentoras diante da catástrofe ecológica, escolho permanecer

com os mundos animais em desmoronamento, apostando que é desde esse terreno instável que se pode experimentar reconfigurações curriculares. Trata-se de cultivar artes de atentividade às ausências, rastros e ruínas como forma de enfrentar os limites da pedagogia moderna e sua insistência no tempo do progresso.

O mangue e suas estórias de fantasmas na educação

Ana Paula Valle Pereira (UFF)

Sentada a alguns metros do mangue na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, ouvi: “Ih, não tem caranguejo mais aqui. Esse aí pega lá na Ilha Grande”. O mangue abre caminhos para se pensar as ausências e as proliferações; em um solo salobro, repleto de matéria orgânica, há algo da morte que alimenta a vida. Nele, as relações se tornam sensivelmente mais complicadas pela poluição e o desaparecimento da biodiversidade, humana (pescadores) e mais-que-humana (caranguejos). A proposta deste ensaio é pensar em uma educação na/da/com as ruínas a partir do conceito de paisagens multiespécies de Tsing (2019) e da coleta de estórias de fantasmas do mangue. O Antropoceno é um cemitério de espécies e modos de vida (Fausto, 2020) em que podemos testemunhar seus fantasmas, as formas de vida que desapareceram e nos deixam vestígios. As paisagens não são cenários inertes, mas arquivos de encontros entre os seres (Tsing, 2019), que possuem uma intricada relacionalidade-com seus habitantes (Haraway, 2021). Como coletar as estórias de um mangue? Seria possível coletar as estórias de seus fantasmas? E se, uma educação na/da/com as ruínas também se implicasse em tais estórias? Estórias que nos remetem ao ensaio de Le Guin (2021) e não às Grandes Histórias, mas às estórias que se proliferam desde a perturbação de áreas degradadas em nosso mundo. Aliar-se com o mangue e testemunhar suas estórias para experimentar uma educação que pode ocupar a ruína e as relações multiespécies enlameadas.

Gestos em respostas à catástrofe: pensar educação com coletivos

Beatriz França Borja (UFRJ)

Este resumo se insere numa pesquisa em educação, que busca acompanhar processos criativos de coletivos artísticos/científicos em resposta às intrusões de Gaia, num gesto de pensar currículo como zonas de contato e de tradução de e entre mundos. Coletivo é entendido aqui como

conglomerados de forças atuantes, que se co-constituem e co-compõem tempo e espaço, num contínuo processo ecológico. Penso coletivo a partir da noção de corpo de Erin Manning, que desvia das ideias cartesianas de individualidade e pré-constituição, e se ampara nos modos relacionais de existência mais que humanos, não fechados em si mesmos. Assim, esta pesquisa se volta aos gestos de inventividade nas zonas de contato com o outro e seus mundos, que tangenciam os atos do currículo para além do humano. Nesse sentido, apresento alguns gestos criativos de dois coletivos: Grupo Erosão (Casa Duna) e o projeto Amazônia Revelada. Interessa mostrar a violência intrínseca nesses contatos com a diferença e no desfazimento de sujeitos, práticas ético-políticas e ecológicas de co-composição de mundos que evocam suspensão do pensamento. Questiono, então, o que pode emergir de uma pesquisa em currículo que arrisca extravasar o sujeito individual moderno e busca alcançar – para falar com Manning – gestos de individuação que não ocorrem na superfície da pele, mas na fricção multidimencional de forças, numa dinâmica relacional não reduzida aos humanos. Que gestos curriculares são criados em respostas à intrusão de Gaia?

Experimentar paisagens multiespécies no Plantroposceno

Mayra Velloso Correa (UFF)

Habitamos um mundo onde variadas formas de existência estão a todo momento construindo mundos em conjunto. Plantas, fungos, bactérias, animais, algas e seres humanos criam alianças e intensificam suas existências por múltiplas simbioses. Considerando os enfrentamentos que o colapso ecológico nos impõe, torna-se urgente buscar maneiras de experimentar com as paisagens multiespécies (Tsing, 2019) que nos rodeiam, descentralizando narrativas que destacam a espécie humana na construção de um mundo único. A partir de movimentos que criam conexões com a diferença, Natasha Myers (2018) especula sobre um possível Plantroposceno, uma proposição para se pensar e criar com plantas mundos outros em meio às ruínas do tempo presente. Por isso, este trabalho sugere articulações entre o Plantroposceno de Natasha Myers e possibilidades de experimentar com plantas outras formas de educar e criar. Essas articulações giram em torno de uma escrita experimental com plantas espontâneas que explora suas histórias complexas. Mobilizar práticas através desses conceitos nos convoca a experimentar o mundo a partir de pressupostos ontológicos que colocam em jogo

relações outras com os demais seres que habitam a Terra conosco, abrindo brechas para que outras ciências possam compor nossas maneiras de ensinar. Assim, talvez seja possível abrir espaço na educação para uma ciência que considere as teias multiespécies que se entrelaçam em uma ciência da vida que opera em uma perspectiva relacional.

Sessão 02 - ST 21: Estudos de ciência e tecnologia: reverberações nos territórios da educação - Corpos, gêneros, sexualidades, educações, afetos

Coordenador/a: Thiago Ranniery Moreira de Oliveira (UFRJ)
Debatedor/a: Tiago Amaral Sales (Universidade Federal de Uberlâ)

Viver com HIV: modos de vida a partir de práticas científicas, institucionais e curriculares

Sol Coutinho Huerta (UFRJ)

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa "Pensar (teoria de) currículo com os vírus: educação, ciências e imaginação queer", com enfoque na educação no antropoceno e ecologia queer, inserido no Grupo de Estudos em Currículo, Ética e Diferença - BAFO! (CNPq/UFRJ). Aqui, o que está em questão é "que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global." (Foucault, 2004) Desta forma, o objetivo estabelecido é investigar as intrincadas redes curriculares no qual se inserem os fazeres científicos, partindo da figura do vírus, explorando suas conexões com os campos da ciência e da tecnologia e suas reverberações na construção de práticas institucionais. A partir da noção de que o HIV agora se refere a modos de vida e não de morte certa (Dean, 2023), estrutura-se uma pesquisa de caráter ensaístico-teórico, centrada no processo de fabricação de práticas científicas e educacionais voltadas ao gerenciamento e tratamento de corpos soropositivos. Para tal, mobilizam-se do Manual de adesão ao Tratamento de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS elaborado pelo Ministério da Saúde em 2008 e de projetos hospitalares-governamentais de promoção à saúde para pessoas soropositivas, a fim de explorar os emaranhados curriculares que formam-se a partir dessas redes virais, e as

configurações tentaculares de produção de ciência que simultaneamente ali moldam e são moldadas.

Concepções de gênero e raça na formação de meninas programadoras em uma perspectiva etnográfica

Simone de Oliveira Mestre (ufscar), Bruna Brajão da Rocha

Visamos apresentar reflexões sobre os desafios e possibilidades de conduzir uma pesquisa etnográfica em um Curso de Programação direcionado exclusivamente para meninas. Tanto a pesquisa quanto o curso fazem parte do Projeto "Meninas Programadoras e Professoras Programadoras: programa de mulher" do CNPQ. O referido projeto iniciou suas atividades em março de 2025 e oferece cursos de Programação para Meninas e Professoras da rede pública. Nossa proposta objetiva mapear quais estratégias podem ser utilizadas para integrar relações étnico-raciais no referido curso, buscando compreender como as relações de gênero e raça se configuram o ambiente virtual de aprendizagem. Neste primeiro momento da pesquisa, iniciamos com as atividades de campo, com observação das aulas semanais e preparação das rodas de conversas temáticas com as estudantes. Concomitantemente, temos nos debruçado sobre a adoção da perspectiva metodológicas amparada nas contribuições da etnografia digital, visando um lançar um olhar interseccional de gênero e raça. Nossa questão de pesquisa consiste em compreender como iniciativas de formação educacional nas áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) podem contribuir para a redução das desigualdades estruturais que afetam especialmente meninas negras. Todavia, nosso relato busca trazer as inquietações iniciais relacionadas ao "fazer etnográfico" em um ambiente virtual formativo de STEM em diálogo com as concepções de gênero e raça.

Educação e atenção: emaranhados, entrelaçamentos no mundo da vida

Sueli Bonfim Lago (UNEB), Leonardo Rangel dos Reis (IFBA), Luísa Lopes Oliveira de Sousa Ribeiro (UNEB)

O objetivo da pesquisa é apresentar uma nova perspectiva de educação: a educação da atenção. A metodologia baseia-se em uma revisão de literatura a partir das teses apresentadas por Ingold(2012), Masschelein(2014), Gibson(2015) e Merlaeau-Ponty(1999). Pensar a educação nos

tempos atuais, requer pensar não só em teorias, conceitos, representações, mas, pensar o que Merleau-Ponty (1999), observou e chamou a atenção acerca do "mundo da vida". Parece-nos que a educação ainda transita na perspectiva instrumental, de preparação para o mundo do trabalho. A vida não se restringe a isso e os efeitos desse direcionamento mantém as dicotomias que nos legou consequências muito caras ao conhecimento. Os ditos "nichos do saber" e seus territórios de domínios, que cindiu a realidade enquanto natureza e cultura. A vida em seus devires, é sempre lacunar. É sobre um "fundo de indeterminação" que ela aparece aos sujeitos, nas paisagens que o mundo lhe oferece. È preciso estar atendo as interações, as múltiplas formas de ver o mundo e experimentar coisas, rejeitando idealizações e resistindo a padrões já sedimentados. O olhar sobre a educação não pode estar restrito ao desenvolvimento da intelectualidade, da instrumentalidade, mas, pensar no sujeito enquanto totalidade. Essa maneira de ver o educar valoriza a presença, às experiências diretas e imediatas de sentir. Nesse sentido, é que se faz necessário pensar na educação, no sentido de uma "pedagogia da atenção".

Educação como gesto de escuta da diversidade que sustenta a vida no planeta Terra

Sanzia Pinheiro Barbosa (UFRN), Maria da Conceição Xavier Almeida (UFRN)

Partindo da crítica à educação humanista, entendendo o humanismo como base estruturante da sociedade, arquitetura que sustenta a ideia de excepcionalidade do ser humano. Este artigo pode ser uma possível contribuição com a crise educacional atual. Por meio da produção poética de Castiel Vitorino Brasileiro, artista, escritora, travesti, negra e psicóloga, que nos oferece uma potente disputa imagética e narrativa, ao afirmar a transmutação como desígnio da vida, sendo a perecividade sua condição essencial. Seus estudos em relações interespecíficas propõem um modo de vida em que humanos, plantas, espíritos, águas e outros seres coexistem em redes de afeto, cuidado e aprendizado mútuo. Procuramos uma escuta sensível e relacional, não para analisar as obras, mas permitir que interrompam o saber que se pensa pronto. Entrelaço a produção imagética e narrativa de Castiel com a fabulação de Conceição Almeida, que defende a educação como experiência da diversidade; com a ideia de implicância profunda de Denise Ferreira da Silva e a brincadeira de barbante de Donna Haraway. As considerações finais apontam as relações interespecíficas e a transmutação como centro, traduzindo-se em uma prática educativa

sensível na qual aprender é um gesto de escuta da diversidade que sustenta a vida no planeta Terra. A prática poética de Castiel inspira uma educação que acolhe a experiência com o diverso. Nesse convite, o saber não é poder, mas vínculo, um chamado para compartilhar, cuidar e conviver.

Dançar junto: estratégias de aprendizagem e prática etnográfica em tempos de crise

Jaqueline de Oliveira e Silva (UFMG)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a dança como forma de conhecimento, prática educativa e metodologia sensível. A partir de experiências etnográficas, investiga-se como o movimento dançado pode constituir um modo de estar no mundo e de produzir saberes em contextos marcados pela crise ecológica do Antropoceno. A proposta articula corpo, sensorialidade e dança, explorando o "dançar junto" como gesto metodológico. A pergunta "como elas aprendem?" orienta a análise de três posições ocupadas pela pesquisadora: acadêmica, aluna de dança e consultora ambiental. Na pesquisa com a dança tufo (Nampula, Moçambique) a aproximação corporal revela que o aprendizado sobre ser mulher estava profundamente ligado à dança, à vida e aos ritos. Como aluna da Rainha Vânia Oliveira, na dança blocos afros (Salvador, Bahia), o corpo foi ponto de partida: o movimento gerou pertencimento, orgulho me leva a reflexões sobre saberes e encruzilhadas. Já no quilombo da Mussuca (Laranjeiras, Sergipe), como consultora, buscando compreender sobre o saber quilombola das marés o corpo, outra vez, foi estratégia de pesquisa num contexto de conflito ambiental: sentir o peso da rede e andar na lama ativou outros modos de saber corporificados.

Por fim, dialogo com a proposta de Maria Acselrad (2022) sobre uma antropologia da dança – que dança, como estratégia situada, em termos de gênero, raça e espacialidade, para uma escrita movente, em que o corpo não é apenas instrumento, mas produtor de conhecimento.

Cartografia das 'imagensafetos' nos espaçostempos do Centro de Tecnologia Educacional (CTE/Uerj)

Letícia Aires de Farias (Proped), Rosemary dos Santos (UERJ)

O presente resumo traz um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento realizada nos espaços do Centro de Tecnologia Educacional na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(CTE/Uerj), que se consolida na criação, produção e preservação de arquivos audiovisuais. Ao longo da sua trajetória o CTE cria a TV Uerj e a Rádio Uerj que disseminam sua programação em plataformas do YouTube e nos principais streaming de podcast, como o Spotify e Deezer, por exemplo. Conta também com um Núcleo de Memória Audiovisual (NuMA) responsável pela guarda de arquivos audiovisuais, derivados tanto de criações autorais quanto de doações. Seu acervo é um 'espaçotempo' vivo e em crescimento com tantas memórias e afetos (Spinoza, 2009), que podem ficcionalizar uma ciência (Certeau, 2023), fabular uma história e consolidar saberes culturais. Essas implicações são o que conceituaremos na tese como 'imagensafetos' que forjam sentidos e saberes com o outro e fazem circular tantos 'conhecimentossignificações' nas tantas redes educativas das quais fazemos parte. Para compreender como isso se consolida, nos respaldamos na metodologia das pesquisas com os cotidianos (Certeau, 1998), com seus respectivos movimentos (Andrade, Caldas e Alves, 2019) articulados com os movimentos da cibercultura (Santos, Pereira e Farias, 2025) em suas dimensões éticas, estéticas, políticas e culturais. Como método, optamos pela cartografia em uma pesquisa-intervenção (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009) com suas pistas.

Educar para Emancipar!: o impacto da educação menstrual na formação de estudantes do Brasil e do México

Janaina de Araujo Morais (UNICAMP)

A Dignidade Menstrual tem ganhado cada vez mais espaço na agenda mundial. Os desafios de garantia aos direitos menstruais, que envolvem acesso a infraestrutura, recursos básicos e conhecimento sobre como lidar com a menstruação, representam barreiras para o pleno desenvolvimento do potencial das pessoas que menstruam, acentuando ainda mais as desigualdades sociais e de gênero. A partir de uma pesquisa qualitativa, conduzida com alunos e alunas de escola pública, participantes do programa de educação menstrual oferecido como parte desta pesquisa-ação, realizada no Brasil e no México, o presente trabalho busca refletir sobre como os conhecimentos construídos na academia, em diálogo com as narrativas e práticas de meninas, mulheres e pessoas menstruantes podem ser utilizados para romper com os estigmas relacionados à menstruação. Assim, procuramos compreender quais são as narrativas e práticas em relação à menstruação mobilizadas por esses jovens e pela comunidade escolar, e de que forma

o conhecimento circulado por meio das oficinas pode contribuir para a disseminação de saberes sobre o tema, promovendo uma transformação social. Para tanto, este trabalho se orienta por meio de uma perspectiva feminista interseccional e decolonial, possuindo também como marco teórico-metodológico a "pesquisa-ação" e o engajamento, envolvimento e vulnerabilidade da pesquisadora em campo e na escrita etnográfica como instrumento epistemológico do trabalho.

Sessão 03 - ST 21: Estudos de ciência e tecnologia: reverberações nos territórios da educação - Ciências, tecnologias, antropologias, poéticas, fabulações

Coordenador/a: Shaula Maíra Vicentini de Sampaio (UFF)
Debatedor/a: Thiago Ranniery Moreira de Oliveira (UFRJ)

Figurações da química: animismo científico no ensino e divulgação científica

Igor Jose de Renó Machado (UFSCAR), Cassiel Nikolaou Renó Machado (FFCLRP), Sofia Nikolaou (FFCLRP USP)

A partir da perspectiva de Descola em seu "As formas do visível: uma antropologia da figuração", propomos uma análise das figurações que circulam nos processos de aprendizado-divulgação de conhecimento da química. Com o desenvolvimento de uma etnografia num laboratório de química inorgânica em universidade pública brasileira analisamos uma série de imagens e discursos sobre as imagens que configuram um cenário muito diferente do que se imaginaria de uma figuração "naturalista" que, na argumentação de Descola, seria o lugar típico para a ciência capitalista. Se os discursos e textos de manuais e divulgação científica apelam para um certo realismo objetivista, como se espera das perspectivas científicas, as figurações que acompanham esses objetos são, entretanto, de uma natureza que poderíamos associar às figurações animistas, com ênfase em agências de não-humanos, como animais, cristais e moléculas. Essa tensão entre um discurso do "realismo científico" (a ideia de que a ciência descobre a natureza real das coisas) e a figuração surpreendentemente animista nos processos de aprendizado e divulgação científica é objeto de reflexão nessa proposta.



O ensino de engenharia para jovens indígenas: desafios práticos e epistêmicos do diálogo intercultural

João Francisco Kleba Lisboa (UNB), Celso Alexandre Souza de alvear (UFRJ), Sandra Rufino (UFRN), Cristiano Cordeiro Cruz (CEUN-IMT)

Esta pesquisa, ainda em andamento, é realizada por uma equipe multidisciplinar de engenheiros e antropólogos, com a colaboração de estudantes, lideranças e intelectuais indígenas, que estão dispostos a um diálogo em torno de suas compreensões e demandas sobre ciência, tecnologia e engenharia, indígenas e ocidentais. O projeto foca nos desafios práticos e epistêmicos em relação à formação universitária em engenharia de pessoas indígenas, visando conversar com indígenas estudantes de (ou já formados em) engenharia e com lideranças e representantes das comunidades e do conhecimento indígena, buscando um diálogo intercultural. Visamos a oferecer caminhos de alargamento epistêmico e ontológico para a engenharia, com a pretensão tanto de fundamentar a legitimidade de uma engenharia indígena (e/ou com povos indígenas), quanto de oferecer à engenharia ocidental/dominante modos de se alargar e, a partir disso, conseguir lidar com desafios prementes de nosso tempo de forma eventualmente mais potente e/ou disruptiva. Ao mesmo tempo, refletimos sobre as dificuldades da própria pesquisa em ter acesso e despertar interesse de todas as partes envolvidas, reconhecendo as assimetrias de fundo colonial ainda presentes no contexto acadêmico. Este trabalho se reconhece dentro de uma tradição de Engenharias Engajadas, disputando e transformando conceitos, práticas e técnicas da engenharia acadêmica e das políticas públicas de ciência e tecnologia.

Pensar com o átomo o impensável na educação

Nathália Terra Barbosa (UFRJ)

Este trabalho se constitui como um exercício de fabulação especulativa em torno da questão: E se a educação mirasse o cosmos, e não o indivíduo a ser formado? Inspirada pelas epistemologias aberrantes da física quântica e pelo realismo agencial de Karen Barad (2017), tomo o átomo de Bohr como intercessor, valendo-me da indeterminação ôntica da matéria como um modo de tensionar os limites da experiência educativa. Tal abordagem busca liberar a agência de sua órbita humanista tradicional e convidar a educação a se pensar não como um percurso linear e teleológico de formação do indivíduo, apartado das relações que o suportam, mas como um

envolvimento afetivo, ético e material com o mundo em sua desordem criadora. Uma vez que conhecer implica a indissociabilidade entre ética, ontologia e epistemologia, em constante intra-ação, a pergunta cosmopolítica aqui formulada se alinha ao esforço de restaurar os vínculos esgarçados pelos processos de ontoepistemicídio herdados da ciência moderna. Reimaginar a educação, torna-se, assim, um trabalho de composição de alianças forjadas por meio de relações de cuidado, atenção e escuta junto ao que não pensa como pensamos, ao que não pensa como humano, ou ao que sequer se pensa. Uma prática que abre espaço para as surpresas e ironias no coração de toda produção de conhecimento como a abertura ao incomensurável para que a complexidade da experiência educacional possa aparecer.

Pedagogias da desterritorialização: cinema, ficção climática e divulgação científica no Antropoceno

Gabriel Cid de Garcia (UFRJ)

Este trabalho investiga como o cinema, no contexto da divulgação científica e cultural, pode operar como dispositivo de pensamento diante do colapso dos horizontes do Antropoceno. Para tanto, nos valemos da noção de pedagogia da desterritorialização como chave conceitual para compreender a potência formativa do cinema em práticas como a do cineclube Pedagogias da Imagem (Faculdade de Educação/UFRJ). Como sugere Travis Holloway, uma nova arte se forma em resposta à experiência atmosférica do tempo presente, tensionando narrativas dominantes e convidando a repensar os efeitos da espécie humana sobre a Terra. Partimos do pressuposto de que a ficção climática mobiliza uma divulgação científica expandida, na medida em que opera um afastamento da estabilidade, das certezas e das garantias. Em assonância com a ideia de ciência nômade, tal qual delineada por Deleuze e Guattari, a imagem fílmica instauraria zonas nas quais se confundem natureza, cultura e artifício, operando como dispositivo de criação de paisagens sensíveis, não humanas, que excedem a lógica da representação, da mediação e transmissão. Nesse sentido, o cineclubismo surge como prática de desaceleração: um gesto coletivo de hesitação, capaz de resistir à urgência paralisante da catástrofe, ao mesmo tempo em que promove abertura de um tempo outro para o pensamento. Desta feita, o cinema se faz campo de experimentação para pedagogias menores, abertas aos deslocamentos e à fabulação de mundos e modos de vida possíveis.



Ensaios de encantamento: notas sobre fabulações educativas em paisagens feridas

Ananda Casanova (UDESC)

Este trabalho traz relatos de campo realizados a partir de uma investigação educativa na bacia hidrográfica do Itacorubi, em Florianópolis (SC), onde córregos urbanos se tornaram invisíveis e poluídos sob regimes modernos de urbanização. Reconhecendo corpos d'água como arquivos vivos de colonialidade, toxicidade e resistência, propõe-se a fotografia artesanal como tecnologia relacional e pedagógica, baseada em práticas de atentividade (Dooren, Kirksey, Münster, 2016) aos emaranhados humanos e não-humanos que compõem as ecologias da vida cotidiana na cidade. Ao mobilizar câmeras de papelão sem lentes como mediadores do encontro, participantes são convidados à lentidão e à escuta como gestos de fabulação analógicas que desafiam os imperativos ecológicos da modernidade. Inspirada por contribuições de Anna Tsing, Donna Haraway e Ailton Krenak, a pesquisa afirma que cultivar o encantamento pelo vivo que pulsa nas águas turvas de um rio poluído é também gesto ético-político de implicação com mundos danificados. Argumenta, ainda, que renegociar os propósitos da educação diante da policrise (Andreotti, 2021) contemporânea exige ir além dos limites das imaginações modernas/coloniais para ativar relações de regeneração e interdependência com os territórios. Neste contexto, o ato de fotografar torna-se prática sensível que experimenta modos de subjetivação abertos à convivência com aquilo que resiste, apesar das ruínas, e um convite a imaginar outros futuros a partir das margens.

Residência artística como modos de comunicar ciência com arte em currículo multiespécie

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho (UFU)

Em um mundo em ruínas torna-se urgente encontrar refúgios que considerem os estudos multiespécies, assim como encontrar modos de comunicar ciência com arte. Educar no contexto do capitaloceno nos faz pensar que a ciência deve passar por outras formas de comunicação, modos de educar que proporcionem vivências multiespécies. Este relato de experiência mostra como a participação na residência artística do Projeto Gramáticas da Natureza provocou uma sensibilização da ciência pela arte: arte de notar, ideia desenvolvida pela antropóloga Anna Tsing.



Na Ilha de Superagui, litoral norte do Estado do Paraná, uma experiência imersiva em diálogo com o rio, o mangue, as areias, a restinga, com humanos e mais que humanos que são constantemente deslocados pelas marés, possibilitaram a criação de narrativas artísticas e de antecipação tendo em Ursula Le Guin, Donna Haraway, Emanuele Coccia e Manoel de Barros suporte para construir pequenos refúgios a partir de fotografias e vivências. Tal vivência reverberou na Mesa de Trabalho Coletora e Acolhedora na disciplina de Biologia e Cultura do Curso de Ciências Biológicas e no Curso de extensão Conexão Universidade-Escola na construção de um currículo multiespécie. Cestos, sacolas, dentre outros recipientes em meio a palavras coletoras e acolhedoras trouxeram questões: Como coletar aconchego? Amizades? Refúgios? Conexões que colocaram professores em formação inicial e continuada a pensar que as ruínas podem produzir refúgios.

Cosmopolíticas, narrativas não-modernas e educação com ciências e tecnologias: um percurso germinando possibilidades

Henrique César da Silva (UFSC), Maria Consuelo Alves Lima (UFMA), Aline Oliveira Soares Arraes (UFSC)

Emergindo nos estudos científicos, a partir de trabalhos de I. Stengers e B. Latour, cosmopolítica é uma das noções que têm intervindo em potentes reflexões, deslocamentos, proposições e invenções no campo da educação com ciências e tecnologias. Essa noção representa também uma das formas de entrelaçamento entre os Science Studies e as antropologias. Vieira (2023), por exemplo, mobiliza essa noção para uma etnografia das resistências quilombolas em Caetité, BA, na vivência dos riscos da mineração e beneficiamento de urânio em seus territórios. Esse entrelaçamento representa, por sua vez, um espaço potente para pensar, inventar e praticar educações com ciências e tecnologias, no sentido da produção de uma simetrização de mundos em conflito que envolve dois movimentos interconectados: o de (re)pensar as ciências e tecnologias como implicadas num fazer-mundo que faz proliferar os híbridos modernos e, ao mesmo tempo, se esforça por apagar suas mediações; e o de aprender a se relacionar verdadeiramente com outros sistemas de produção de híbridos implicados em outros modos de fazer-mundos. Habitando, com estudantes de uma pós-graduação em Educação em Ciências, as controvérsias sociotécnicas e étnico-raciais que configuram a existência de um centro de

lançamento de foguetes em territórios quilombolas em Alcântara/MA, apresentamos um percurso de produção de germinações da noção de cosmopolítica, compreendidas como narrativas não-modernas em territórios educacionais.



ST 22: ETNOGRAFANDO TECNOCIÊNCIAS CAPITALISTAS: INFRAESTRUTURAS DA REPRODUÇÃO DE CAPITAL E UTOPIAS DO ECONÔMICO

Coordenador(a): Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar), Gustavo Gomes Onto (IBRE), Barbara Moraes (UFRJ)

Sessão 01 - ST 22: Etnografando tecnociências capitalistas: infraestruturas da reprodução de capital e utopias do econômico - Economias do petróleo e do minério

Coordenador/a: Gustavo Gomes Onto (FGV)

Debatedor/a: Federico Neiburg (Museu Nacional)

Petrodependência: rendas petrolíferas como impacto socioambiental da cadeia de óleo e gás

Paula Affonso de Araujo Silva (FIA)

Este trabalho discute a distribuição de rendas petrolíferas como um impacto socioambiental da cadeia produtiva de petróleo e gás. Particularmente, proponho a análise da dependência orçamentária, baseada na experiência de uma condicionante de licença do Pré-sal, o Programa Macrorregional de Caracterização de Rendas Petrolíferas (PMCRP), vinculado ao licenciamento ambiental federal. O PMCRP objetiva a coleta sistemática de dados referentes ao recebimento e uso de rendas petrolíferas pelos municípios e estados considerados produtores de petróleo. O órgão ambiental ao exigir o PMCRP, entende que esse impacto orçamentário, inicialmente pensado como positivo, pode produzir efeitos negativos quando sustenta de forma excessiva a máquina pública, criando um quadro de vulnerabilidade fiscal diante da finitude desses recursos. A dependência de fluxos extrativistas expõe os entes federativos à volatilidade do petróleo e à dificuldade de diversificação econômica. Por meio de indicadores de dependência e transparência fiscal, revela-se uma infraestrutura legal e técnica que sustenta formas de governo

pouco participativas. O trabalho propõe uma leitura crítica da petrodependência como externalidade da cadeia de óleo e gás e como mecanismo de reprodução de desigualdades regionais naturalizadas pelo marco jurídico vigente.

Entre o sonho e o sono: identidades embarcadas e a cronopolítica patogênica nas Ilhas de Ferro da Petrobras

Marília Cintra (UNICAMP), Marília Cintra (UNICAMP)

As plataformas Offshore da Petrobras, verdadeiras "Ilhas de Ferro" no mar, operam como infraestruturas tecnocientíficas da reprodução capitalista e do controle do tempo. Este trabalho analisa os impactos do trabalho em turno sobre a saúde mental dos petroleiros embarcados, articulando adoecimento psíquico, gestão do tempo e produção de identidade. O regime 12X12 no decorrer dos 14 dias embarcados, redefine ciclos biológicos e subjetivos, instaurando uma cronopolítica produtivista que corrói o sono e implode o "sonho" de ascensão social atrelado à categoria. O imaginário da Petrobras como pátria tecnológica entra em crise diante do cotidiano marcado por insônia, ansiedade, uso de substâncias e silêncios institucionais. A identidade de trabalhador embarcado, antes sustentada por orgulho técnico e virilidade produtiva, vê-se esgarçada por dinâmicas patogênicas e infraestruturas simbólicas que subordinam o corpo à máquina. Com base em pesquisa qualitativa e referencial da saúde coletiva, propomos que o trabalho offshore seja compreendido como dispositivo temporal do capital, que transforma tempo, corpo e mente em engrenagens de uma racionalidade cronofágica.

Da lama à propaganda: A limpeza de imagem da Vale S.A. após dois grandes desastres

Aleixa Pereira Gomes Figueira (PPGCS)

Os desastres das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), em Minas Gerais, operadas pela Vale S.A., expõem as contradições entre as estratégias corporativas e seus reais impactos socioambientais. A partir disto, o objetivo desta pesquisa é analisar como a empresa mobiliza estratégias de greenwashing (a partir de discursos de sustentabilidade e inovação tecnológica) e trabalha sua imagem na opinião pública a fim de ressignificar suas atividades, enquanto mantém um modelo extrativista predatório. Metodologicamente, examinam-se

campanhas publicitárias pós-desastres, documentos institucionais e relatos de pessoas atingidas pelos desastres, cruzando com a perspectiva da sociologia do desastre e da produção de vulnerabilidade a partir de determinados autores. Pretende-se então investigar como a propaganda corporativa pode operar na construção de uma "identidade" de progresso em cima de suas ações, naturalizando os danos socioambientais decorrentes desse processo. A pesquisa visa contribuir com os estudos sobre atividades predatórias capitalistas e estratégias corporativas que desvinculem a imagem de grandes corporações das consequências negativas de suas ações.

O verde do metal: um olhar para o desenvolvimento sustentável na indústria minero-siderúrgica

Carolina Lara Suzuki de Matos (UFSCAR)

A indústria minero-metalúrgica está fortemente instalada no estado de Minas Gerais, se alimentando de sua ampla disponibilidade de matérias-primas, e seus impactos transpõem escalas, se fazendo presentes não só nas paisagens e no cotidiano do estado, mas também na ordem global, representando 10% das emissões de gases de efeito estufa (GEE). Diante disso, essa indústria tem sido confrontada com demandas de "sustentabilidade" e tem buscado soluções para lidar com seus impactos ambientais. Em meio a este cenário, foi anunciada a chegada da empresa estadunidense Boston Metal a Minas Gerais, trazendo consigo uma nova tecnologia metalúrgica, a “Molten Oxide Electrolysis” (MOE), desenvolvida em laboratório no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Prometida como capaz de extrair metais de alto valor sem a emissão de CO2, a tecnologia foi levada para a cidade de Coronel Xavier Chaves, tendo como diferencial o uso de eletricidade como fonte energética. Seu processo levanta debates em torno da noção de “desenvolvimento sustentável”, associado à redução das emissões de GEE e, ao mesmo tempo, se propõe a reconfigurar os rejeitos da mineração industrial, historicamente marcada por seus impactos socioambientais, como possíveis “ativos”. Tendo isso em vista, esta apresentação busca refletir sobre os processos de reinvenção da indústria minero-metalúrgica a partir da criação e implantação de novas tecnologias que visam a “sustentabilidade” em associação com universidades e com o estado



Sessão 02 - ST 22: Etnografando tecnociências capitalistas: infraestruturas da reprodução de capital e utopias do econômico - Bioeconomia e mercados verdes

Coordenador/a: Barbara Moraes (Museu Nacional)

Debatedor/a: Federico Neiburg (Museu Nacional)

Percebi um erro ali: Traçando erros operatórios em um pagamento por serviços ambientais

Laura Pappalardo (USP)

O trabalho segue um pagamento no PSA Guardiões da Floresta. Parto desta análise como agente de projeto com os agentes indígenas Guarani Mbya na Terra Indígena Peguaoty, em Sete Barras, SP. Traçar a cadeia operatória de um pagamento consiste em traçar uma sequência de negociações entre matrizes cosmotécnicas diversas. Para que a Fundação Florestal (FF) pague uma diária do PSA, os agentes devem comprovar indicadores mínimos em um relatório que será padronizado e processado no Sist. Eletrônico (SEI). Ao mesmo tempo, a ampla tecnodiversidade do mbyareko (modos de fazer) operada pelos agentes indígenas—coletar remédios na mata, ver um rastro de lama fresca de um cateto—não se encaixa nos moldes de indicadores requeridos pela FF. Gregory Bateson propõe que “erros epistemológicos" levam a "erros de ação”, são difíceis de corrigir e promovem auto-validação. Este trabalho, propõe esmiuçar erros onto-epistemológicos, alargando sua análise a erros cosmotécnicos (divergências no "como medir" a qualidade de uma operação técnica). Uma liderança guarani me apontou erros operatórios no PSA: "porque uma caminhada de monitoramento tem que percorrer 8 km? É importante parar, aprender um lugar, sem caminhar quilômetros." Ele me apontou um erro técnico: a métrica da FF, que pretende medir a qualidade de uma ação, está desprogramada da precisão local (quantidade de km não equivale a qualidade do monitoramento). Traçar erros operatórios específicos também faz emergir outros regimes cosmotécnicos.



Mercados da floresta: Impactos nos modos de vida dos ribeirinhos em projetos de crédito de carbono no arquipélago do Marajó (PA)

Lucas Vinícius Albuquerque Pípolos (UNICAMP)

A trabalho propõe uma investigação etnográfica dos empreendimentos do mercado de crédito de carbono, dos parâmetros de sustentabilidade e dos modos de vida dos povos tradicionais, em especial ribeirinhos, a partir do estudo de projetos de Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD+), na categoria de Desmatamento Não Planejado Evitado (AUD) em terras públicas na região do Marajó (PA), tendo como objetivo principal acompanhar os protocolos de consulta, analisar os contratos e mensurar os impactos gerados por projetos de carbono em comunidades ribeirinhas. Nos últimos anos denúncias sobre má condução, grilagem, lucros indevidos, dentre outros assuntos colocam esse mercado sob suspeita para as comunidades tradicionais na Amazônia.

O ekuru e o carbono dos karei (não indígenas): duas concepções sobre a floresta Arara

Clara Roman Pinto da Fonseca (USP)

A chegada do mercado de carbono (REDD+) na Terra Indígena Arara, no Médio Xingu, proporciona um encontro ontológico (Blaser, 2018). De um lado, empresas que, baseadas num imaginário científico, concebem a floresta como átomos de carbono armazenados em estruturas vegetais. Do outro, as concepções nativas dos Arara sobre essa mesma paisagem.

A floresta passa a ser então o que Blaser (2018) chama de mais do que um, menos que muitos. No caso dos Arara, proponho uma exploração etnográfica sobre as concepções do fazer viver na floresta (Pitrou, 2017) e as redes de relações envolvidas ali (Teixeira-Pinto, 1997). Os Arara concebem a vida a partir de uma substância vital, o ekuru, obtida por meio de plantas cultivadas e não cultivadas (Teixeira-Pinto, 1988).

Do outro lado, está a substância do bios, a matéria orgânica da ciência, o carbono. Busco compreender como o carbono foi originalmente imaginado pelos primeiros químicos (Lenard, 1938) e como essa imaginação se concretiza numa teoria do real. Baseio minha reflexão em Vial (2019) para entender dois momentos do fazer científico: até o século XIX, quando a tecnologia proporcionava percepções da realidade, que possibilitavam teorias sobre o real versus o modo de

produzir ciência hoje, em que teorias sobre o real são primeiro concebidas para depois serem materializadas por meio da tecnologia. Duas máquinas estão envolvidas neste processo: a máquina elementar e os aparatos tecnológicos dos percursores da química.

Inovação e tecnotopia: (bio)tecnodiversidade e reconhecimento na bioeconomia amazônica

Salomão Alves Pereira (UNB)

O propósito desta comunicação é discutir propostas bioeconômicas de inovação tecnológica e seus enquadramentos conceituais (e tecnotópicos) da biotecnodiversidade amazônica. A bioeconomia abrange estratégias econômicas de conservação baseadas no uso sustentável de recursos renováveis para a produção de bens e serviços. Reverberando essa racionalidade de diferentes maneiras, as propostas aqui investigadas se destacam também pelo reconhecimento de dois elementos relativos aos povos e comunidades amazônicas: (1) suas participações nas cadeias produtivas baseadas em recursos naturais da região; e (2) os saberes associados aos usos que fazem da biodiversidade. Com base neles, apontam uma bioeconomia incipiente na Amazônia, a qual poderia ser desenvolvida por meio de inovação tecnológica. Através de diálogo com estudos sobre a técnica, e baseando-se na análise etnográfica de fontes documentais diversificadas, buscarei explicitar os pressupostos e condicionantes acionados na construção dessa imaginação de futuro. A partir disso, refletirei sobre as implicações de tais pressupostos para a incorporação das diferentes biotécnicas amazônicas à imaginação de um futuro alternativo à destruição irreversível da região.

Das Terras Pretas ao Biochar: objetos técnicos e tecnodiversidade

Marina Esteves Vergueiro de Almeida (USP)

O biochar é um composto industrial popularizado comercialmente devido a sua capacidade de remover emissões atmosféricas e substituto de fertilizantes químicos no solo. O biochar, como entendido pela pedologia, é um tipo específico de carvão vegetal observado originalmente nas chamadas Terras Pretas Amazônicas. Sua caracterização pelas ciências naturais (pedologia, química e física) permite uma reconfiguração nos processos técnicos que o individualizam, das técnicas indígenas de formação das Terras Pretas, como narradas pela arqueologia e antroplogia,

aos processos industriais narrados pela engenharia de produção. Abordar o biochar enquanto objeto técnico permite explorar como as suas narrativas de origem e suas diversas aplicações estabelecem este devir-biochar, nos termos de Gilbert Simondon (1958). Este processo está instrinsicamente vinculado à uma tradição técnica específica que articula de modo próprio conceitos como natureza e técnica. Este modo próprio purifica elementos naturais e os aplica em contextos comerciais, visando oferecer respostas a problemas contemporâneos como a emergência climática, potencializando a redução de emissões do setor industrial e agropecuário. A apresentação comenta a pesquisa junto a fábrica da empresa NetZero, a primeira fábrica de produção de biochar em escala comercial no Brasil.

Paiter Suruí, criptomoedas e finanças descentralizadas (DeFi): as vias alternativas que operam como forma de inclusão financeira

Arthur Queiroz Serra de Castro (UFRJ)

O presente artigo tem como objetivo apresentar o caso de Uraan Anderson Suruí, Vice cacique dos Paiter Suruí do TI Sete de Setembro (RO), e sua aproximação com o campo das "finanças descentralizadas" permitidas pelas tecnologias de blockchain e criptomoedas. A partir de entrevista com o Vice cacique, há a sinalização da dificuldade encontrada para financiamento dos projetos de seu grupo frente a instituições financeiras, além dos retornos de rendimento baixos nos investimentos feitos pelas vias tradicionais. Nesse contexto, o recurso da tecnologia blockchain como sistema financeiro descentralizado permite que Uraan, realize operações de liquidez, que é um processo de "congelamento" de uma quantia de criptomoedas no sistema, para que haja liquidez, ou suporte para as operações. Denominado como "pool de liquidez", os participantes recebem recompensas em criptomoedas, que podem ultrapassar os rendimentos em fundos de investimento tradicionais.

Dessa maneira, a integração dos povos indígenas a economia global se faz necessária como estratégia de sobrevivência e resistência, pois o sistema global "exclui da vida as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria [...]" (KRENAK, 2020). Portanto, sua participação nas dinâmicas globais de mercado é marcada pela tentativa de equilíbrio entre os mecanismos tradicionais de reprodução dos meios de vida dos Paiter Suruí e o contato com elementos modernos que se tornam parte de seu cotidiano (SILVA e NETO, 2014).



Sessão 03 - ST 22: Etnografando tecnociências capitalistas: infraestruturas da reprodução de capital e utopias do econômico - Novas fronteiras econômicas nas ciências

Coordenador/a: Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar)

Os programas nacionais de genômica humana e as novas fronteiras de desenvolvimento das biociências

Rafael da Silva Malhão (UFPEL)

A presente proposta discute a atual tensão instalada nas ciências genômicas para o seu desenvolvimento científico e tecnológico, que necessita de um amplo compartilhamento de dados genômicos ao mesmo tempo que garante os direitos privados sobre possíveis retornos destes mesmos desenvolvimentos. Parte significativa desta tensão se dá entre os paradigmas de publicização e avaliação do fazer científico. Por um lado, há um apelo a adoção dos princípios da ciência aberta. Por outro lado, historicamente as práticas de publicização, avaliação e aplicação do trabalho científico seguiram parâmetros econômicos próprios do contexto capitalista. Dedico atenção a nove grandes iniciativas em ciências genômicas (nacionais e supranacionais), que atualmente orientam o estabelecimento de programas nacionais de genômica humana e buscam estabelecer padrões técnicos para a produção e compartilhamento de dados genômicos, que interferem ativamente nas disputas por direitos de soberania de dados de populações tradicionais. O Ponto central é a necessidade de compartilhamento de dados e a soberania genômica nacional vêm impactando no desenho de uma cartografia da geopolítica científica do presente. Por fim, volto o olhar para Programa Genomas Brasil, a iniciativa nacional de estabelecimento de uma base de dados genômicos da população brasileira, que busca fornecer as condições para o desenvolvimento das ciências genômicas no Brasil e apoiar a incorporação da genômica e da medicina de precisão no SUS.



Materializando novas tecnologias biomédicas no mercado de inovação em saúde: algumas considerações sócioantropológicas

Marco Antônio Gavério (Fiocruz), Marcos Castro Carvalho (UFRGS)

Esta proposta busca discutir como a absorção e fomento de inovações tecnocientíficas no campo da saúde estão implicadas em práticas e saberes em conformação mercadológica no Brasil contemporâneo. Buscamos articular dois eixos: (i) a constituição de sujeitos funcionais e otimizados em processos de desmedicalização, e reconfiguração das disciplinas terapêuticas; e (ii) a emergência de circuitos sociotécnicos que articulam inovação, tecnologias e moralidades na saúde, evidenciando como Estado, mercado e saberes biomédicos se entrelaçam na (re)produção de capital. Investigamos como próteses, órteses, impressões 3D, modelagens físicas e virtuais, escaneamentos corporais e fetos impressos são mobilizados por engenheiros, médicos, terapeutas e designers, configurando mercados de saúde e biocapital e produzindo noções de aprimoramento carregadas de valores ético-morais e financeiros. Analisamos também como discursos de inclusão, igualdade e funcionalidade se articulam a utopias tecnológicas e sistemas de regulação. Com etnografias em laboratórios, eventos científicos, políticas públicas e práticas clínicas, buscamos contribuir para o debate sobre a produção de sujeitos, mercados e normatividades técnicas na saúde, iluminando ambiguidades entre inovação, cuidado, desigualdade e reprodução de capital no Brasil.

Um discurso científico pragmático: apontamentos sobre a elaboração de projetos de pesquisa por pesquisadores do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron

Theodoro de Carvalho Teles (UNICAMP)

Este trabalho parte de uma pesquisa de campo com cientistas que trabalham em uma infraestrutura de pesquisa atômica e molecular na cidade de Campinas, São Paulo, um acelerador de partículas batizado como Sirius, no âmbito do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM). Este trabalho focaliza a mobilização pragmática, por parte desses pesquisadores, de saberes científicos para a apresentação de um discurso que dialoga com interesses de empresas e da política externa do Brasil.

Ostentando superlativos em termos de infraestrutura e de feitos científicos, por um lado, o CNPEM é diuturnamente procurado por empresas que buscam suas instalações para realizarem experimentos. Como apontam alguns interlocutores da pesquisa, em meio a uma acirrada disputa por acesso a recursos e a equipamentos, os cientistas do CNPEM tem se empenhado em apresentar seus projetos de pesquisa a partir da utilidade desses estudos para o estabelecimento de soluções que representem vantagens econômicas a atores em um determinado mercado ou ao Estado Brasileiro. Por outro lado, as pesquisas realizadas na instituição também têm sido tomadas como um ativo pelo Brasil, em sua política externa, para demarcar um posicionamento de mobilização da ciência para apresentar respostas ao aquecimento global e às demandas da transição para modos de produção supostamente sustentáveis. Dessa forma, o trabalho visa refletir sobre dilemas e compromissos da pesquisa científica no contexto do capitalismo.

Objetivação do direito como tecnologia e seu papel de estabilização econômica: segurança jurídica e financiamento de litígios

Paula Pagliari de Braud (USP)

A aplicação do direito se tornou central na política do Brasil. Isso se deve a dois fatores relacionados: (i) ao constitucionalismo desenvolvido no século XX que influenciou a CF88; e (ii) à abertura da interpretação jurídica, na qual juízes não dizem a lei ao caso, mas participam da sua criação na decisão, entendimento que contaminou inovações jurídicas de interpretação e apostou na "textura" cada vez mais aberta do direito. Os dois fenômenos aumentam a participação do Judiciário na regulação da vida. De um lado, multiplicam-se os conflitos judicias e outros tantos são criados, especialmente relacionados aos direitos agora constitucionais. De outro, o direito é também transformado em dispositivo econômico, e seu papel pacificador (relacionado à previsibilidade das expectativas comportamentais de agentes de mercado) também se fortalece. O presente trabalho, em fase inicial, tem intenção de discutir, a partir do repertório da Socioantropologia do conhecimento: (i) como - e por quais inovações jurídicas - surge uma determinada forma de representar o direito como tecnologia? Ou ainda, nos termos de Descola (2002), quais são as condições de possibilidade que permitem ao direito ser objetivado e operado enquanto uma tecnologia ou instrumento (Riles, 2005)? E (ii) como, dessa objetivação, o direito

se economiciza e passa a operar tanto como dispositivo de regulação - através de institutos como a segurança jurídica, quanto como ambiente especulativo, p.ex. financiamento de litígios.

ST 23: FAZER ANTROPOLÓGICO ENTRE TÉCNICAS, GOVERNAMENTALIDADE E COSMOPOLÍTICAS.

Coordenador(a): Marília Sene de Lourenço (UFRJ), Luana Rosado Emil (UFRGS), Bernardo Bento da Silva Oliveira (UFPR)

Sessão 01 - ST 23: Fazer antropológico entre técnicas, governamentalidade e cosmopolíticas. - Governo dos corpos e do ambiente: técnicas e disputas

Coordenador/a: Luana Rosado Emil (IPOMEA e GEAFRO/NEABI/UFRGS)
Debatedor/a: Bernardo Bento da Silva Oliveira (UFPR)

A Agenda 2030 no Brasil: uma investigação sobre arranjos sociais, políticos e institucionais em torno dos ODS 18, 19 e 20

Luana Marques Figueira (UNB)

Partindo de subsídios iniciais de minha pesquisa de doutorado, propõe-se explorar reverberações da Agenda 2030 em suas múltiplas dimensões, desde instrumento de governança global, passando pelas especificidades do contexto brasileiro - com a recente proposição dos ODS 18 (igualdade étnico-racial), 19 (arte, cultura e comunicação) e 20 (povos e comunidades tradicionais) -, chegando em realidades locais de indivíduos e coletivos aos quais tais 'inovações' se referem. Além de reiterar a liderança e autonomia do Brasil na temática, os ODS propostos reacendem debates basilares acerca dos sujeitos reconhecidos como agentes e/ou beneficiários do desenvolvimento, bem como quais epistemologias são consideradas e legitimadas na formulação de políticas públicas correlatas. Assume-se que os novos ODS emergem em um contexto de disputas que articulam, por um lado, interesses institucionais marcados por racionalidades políticas e econômicas, agregando, ainda, demandas e lutas locais e coletivas por reconhecimento simbólico e material, entrelaçando cosmologias radicalmente diversas. Pela análise documental e

discursiva, investiga-se em que medida os novos ODS tensionam, adaptam ou reiteram os fundamentos economicistas do desenvolvimento no sul global, especialmente no Brasil, observando como tais preceitos são apropriados, reinterpretados ou resistidos por diferentes atores que, engajados pela urgência climática, são atravessados por marcos globais em contextos históricos desiguais.

As políticas dos "acontecimentos" climáticos: contribuições para uma agenda de pesquisa com cientistas e suas práticas

Cristiano Kerber (UFSC), Crislane Oliveira do Nascimento (UFSC)

As tentativas de mensuração das causas e dos efeitos das mudanças climáticas conduziram o debate científico nas últimas décadas à formulação de discursos ancorados em uma percepção generalizada do clima como elemento de risco na sociedade contemporânea (Beck, 2010). Portanto, este artigo propõe uma agenda de pesquisa que siga os experts climáticos sociedade afora (Latour, 2000), buscando compreender como as ciências do clima constroem discursos e dialogam com as ambivalências da sociedade contemporânea. Parte-se da problematização de como as redes científicas traduzem fenômenos climáticos em práticas científicas e intervêm no debate público com base em sua legitimidade. Inspirando-se em Anna Tsing e sua noção de "acontecimento" como política dos encontros multiespécies, observa-se a construção do conhecimento de uma ciência climática global a partir de manifestações locais, como as desertificações, o branqueamento de corais, as extinções e migrações forçadas, alterações em ciclos da terra e da água e impactos à saúde de humanos e não-humanos. Assim, propõe-se um exercício de antropologia simétrica para analisar como os cientistas e seus objetos de pesquisa constroem-se mutuamente, produzindo inscrições sobre a realidade que, muitas vezes, ocultam suas condições sociais de produção. Esta proposta tem caráter exploratório e enfoca aspectos epistemológicos e metodológicos de uma pesquisa acerca das práticas científicas diante das mudanças climáticas.



Políticas públicas para a gestão das águas no Brasil – discursos, técnicas e práticas de poder

Natália Morais Gaspar (UFRJ)

Neste trabalho, analiso discursos, técnicas e práticas de poder de agentes encarregados das políticas públicas para a gestão das águas no Brasil, observando a maneira pela qual são legitimadas intervenções que favorecem a continuidade e a intensificação de modelos desenvolvimentistas intensivos em consumo e contaminação das águas, a despeito de seus efeitos socioambientais negativos. Entre esses agentes, tem predominado uma concepção da água como recurso dotado de valor econômico e insumo de processos produtivos, em detrimento de seus atributos ecossistêmicos e de sua importância para a manutenção dos modos de vida de populações do campo, povos e comunidades tradicionais ou etnicamente diferenciados. Investigo o tratamento conferido a conflitos por água e as referências a povos indígenas ou povos e comunidades tradicionais nos discursos de agentes do campo dos recursos hídricos, de modo a explicitar mecanismos e estratégias que tornam possíveis diferentes formas de expropriação dessas coletividades por meio da limitação do seu acesso à água em qualidade e quantidade suficiente para a manutenção de seus modos de vida. O trabalho se baseia em pesquisa sobre o campo dos recursos hídricos, baseada em observação participante em eventos e atividades governamentais, não-governamentais e de organizações multilaterais e em etnografia de documentos.

A BNCC e a Produção do "Homem-Empresa": Implicações Sociopolíticas e Tecnológicas na Educação Brasileira

Pedro Henrique de Oliveira Germano de Lima (Colégio Piedade)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) formaliza uma lógica educacional centrada na autorregulação individual e na adaptação ao mercado, reforçando a subjetividade neoliberal. Inspirando-se em Dardot e Laval, esta comunicação analisa a emergência do homem-empresa dentro do espaço escolar, evidenciando como dispositivos normativos deslocam a formação educacional para um eixo de autogestão e responsabilização individual. As disciplinas Projeto de Vida e Socioemocional operam paradoxalmente: enquanto a primeira reforça um ethos meritocrático, a segunda regula emoções, subordinando subjetividades à adaptação social. A discussão se insere nos estudos de ciência e tecnologia ao analisar como dispositivos educacionais

e tecnológicos — plataformas digitais, ensino adaptativo e avaliações automatizadas — intensificam a hiperprodutividade e a autoexploração, como denunciado por Byung-Chul Han na Sociedade do Cansaço. Por fim, inspirado em Stengers, propõe-se uma abordagem alternativa baseada na ciência pública, que prioriza a construção coletiva do conhecimento e o caráter político da educação, promovendo diálogos críticos entre educadores e alunos sobre as condições sociais que moldam suas experiências.

O conceito de trabalho e sua aplicação na etnografia: em defesa de (mais) diálogos entre Antropologia e marxismo

Bruno Guth Oliveira (UFSC), Jo Pedro Barros Klinkerfus (UFSC), Gabriel Luz Siqueira de Aquino Vieira (UFSC), Viviane Vedana (UFSC)

O presente trabalho parte das experiências e contribuições de distintas pesquisas etnográficas que se articulam e propõem, por meio da utilização do conceito de "trabalho", estabelecer (mais) diálogos entre a Antropologia e a literatura marxiana. Caracteriza-se o conceito de trabalho a partir do texto marxiano, elaborando-o em relação à ideia de esquema operatório em José Arthur Giannotti e relacionando-o à construção de conhecimento etnográfico enquanto práxis. Em seguida, são descritas dois contextos etnográficos: a) a prática do cultivo de algas no sul de Florianópolis e; b) a produção de documentos por parte de uma polícia militar brasileira. Os trabalhos etnográficos evidenciam como as dinâmicas de trabalho permeiam a realidade social das pessoas com quem foram feitas as pesquisas, não se reduzindo a práticas isoladas e compondo a produção circuitada em cadeia, independentemente do fato das pessoas compreenderem o que fazem a partir da categoria "trabalho" ou não. Na medida em que a insubordinação material dos fatos se faz vista na insuficiência de qualquer análise hilemórfica da técnica e do trabalho em nossa disciplina, ela se faz sentir nas relações sedimentadas com as quais nos confrontamos no trabalho em campo.



Uma compreensão antropológica das “Sequelas da Covid-19”: etnografando experiências de adoecimento de mulheres usuárias de uma USF em João Pessoa

Geissy dos Reis Ferreira de Oliveira (UFPB)

No marco da persistência da Covid-19, minha pesquisa de doutoramento é orientada à compreensão das experiências de adoecimento de mulheres com “sequelas da Covid”. Condição que também é narrada e significada como a vivência de uma corporalidade e/ou de uma condição socioeconómica “outra” depois da Covid-19. Esta etnografia, inserida no bojo da Antropologia da Saúde, foi realizada no bairro das Indústrias, cidade de João Pessoa/PB, entre o ano de 2023 e 2024, com mulheres, moradoras deste território, que é atravessado por diferentes vulnerabilidades e formas de resistência, e usuárias da Unidade de Saúde da Família Integrada Verde Vida. Nos consultórios, acompanhando consultas domiciliares, nas visitas com ACS’s, e em entrevistas, ouvi diversas vezes expressões como “me deu cansaço depois da Covid”, “não sou mais a mesma”, “deixei de fazer o que fazia antes”, “depois da Covid mudou muita coisa”, como formas de narrar essa “condição pós-Covid”. Experiências com as sequelas, no sentido de impacto e persistência da Covid-19, que, ao serem abordadas qualitativa e empiricamente tanto nos permitem uma compreensão contextual e corporificada de impactos da Covid, como dos próprios contextos e expertises locais, ambos atravessados por marcadores sociais, com destaque neste trabalho para o gênero. Questões éticas e cosmovisões concernentes ao campo da saúde também serão abordados em confluência com os deslizamentos metodológicos de etnografias em serviços de saúde.



Sessão 02 - ST 23: Fazer antropológico entre técnicas, governamentalidade e cosmopolíticas. - Governo do território: cosmopolítcas e arquivação de mundos

Coordenador/a: Bernardo Bento da Silva Oliveira (UFPR)

Debatedor/a: Luana Rosado Emil (IPOMEA e GEAFRO/NEABI/UFRGS)

Antropologia Fractal: diálogos possíveis entre a governamentalidade e a tradicionalidade

Orivaldo Nunes Junior (Autônomo)

Os impactos de uma hidrelétrica que freia o fluxo milenar de um rio e altera o ambiente ao seu redor é descrito pelos Nambiquara e Enawene Naue no noroeste do Mato Grosso, como impacto nos espíritos donos dos rios que, por sua vez, impactam os humanos que estão lhe causando o mal. Medir este tipo de impacto necessita de medidas e réguas mais amplas do que as apresentadas pela Geometria Euclidiana e não-Euclidiana (fundamentadas na hipérbole e na elíptica). Há necessidade de medição a partir de Geometrias fundamentadas nos conhecimentos de cada Povo, a partir de suas tradições. Como apresentar esta medição em linguagem técnica que possa ser compreendida pela governamentalidade? A Geometria Fractal vem se apresentando como alternativa quando se trata da relação entre o microcosmos com o macrocosmos que perpassam escalas múltiplas mantendo os mesmos padrões, como muitas cosmologias se fundamentam: alterar o rio altera o macro e o microcosmos a ele relacionado. Ao alcançar o entendimento acerca da medição do impacto, surge o desafio de apresentar a medida mitigadora ou compensatória relacionada, que por sua vez necessita ser medida em valores financeiros para ser efetivada, o que causa novo transtorno à governamentalidade. Deste modo, a Antropologia Fractal se soma aos desafios dos diálogos possíveis entre a governamentalidade e a tradicionalidade trazendo fundamentações com base na Geometria Fractal e no pensamento fraccional, para além do racional.



Colonização portuguesa e técnica em questão: povos indígenas no Ceará colonial e contra-uso das técnicas de colonização (séculos XVII-XVIII)

David Rodrigues Stigger (USP)

O recente estudo de Alida Metcalf (2019) revela o papel fundamental dos intermediários na colonização portuguesa. Mais do que uma operação pontual, eles constituíram uma série de operações de captação, produção e modificação de informações sobre o Novo Mundo. Eram, portanto, parte da técnica portuguesa de colonização. A diversidade de técnicas de colonização já foi descrita em trabalhos anteriores, como nos de Perrone-Moisés(1995) no caso da francesa no Maranhão e no Rio de Janeiro; e de Farage(1991) no caso da colonização portuguesa no rio Branco. Em todos os casos, os indígenas foram cruciais na efetivação ou não dessas técnicas, uma vez que as alianças com as populações nativas eram primordiais para manter o território e os projetos de colonização em questão. Entretanto, nem sempre as técnicas de colonização eram efetivadas tal como os colonizadores esperavam. As populações nativas souberam utilizar-se desse arcabouço técnico para pautar seus próprios projetos de socialidades. É nesse sentido que o presente trabalho busca ressaltar alguns elementos de como um grupo Tupi(os Tobajaras)do Ceará colonial construíram estratégias de contra-uso das técnicas portuguesas durante o avanço da colonização da região. Para isso, nos pautamos nas reflexões de Ginzburg(1989)sobre microanálises em documentos para pensar outros sentidos para os documentos, como relatórios e cartas, produtos dessa técnica portuguesa de colonização que descrevem os contatos entre colonos e nativos na região.

Gestos de território: mapear e caminhar

Mario de Azevedo Brunoro (UFAM)

Este trabalho propõe uma reflexão acerca das práticas de pesquisa e métodos investigativos de localização e confirmação da presença de povos indígenas isolados realizados por servidores da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). A partir de duas experiências de campo em expedições de localização junto à Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus, pretende-se explorar como gestos realizados por indígenas isolados ao caminhar produzem vestígios materiais nas paisagens da floresta, que, por sua vez, são localizados, analisados e mapeados com o objetivo de demarcar, proteger e monitorar o território desses povos.

O caso etnográfico enfoca os Katawixi, povo em isolamento cuja presença é reconhecida por meio de uma Portaria de Restrição de Uso. Evidencia-se, então, a coexistência de dois modelos: a cartografia moderna, que recorta e reproduz indefinidamente representações do território, e o "mapear" sensível, inerente ao caminhar e à observação atenta na floresta. Se, por um lado, "clicar o mouse" ou traçar linhas em um software de geoprocessamento efetiva o território nos registros oficiais, por outro, são os cortes de terçado e as "quebradas" na mata que indicam caminhos, usos e presenças. Assim, propõe-se compreender como essas práticas resultam em uma gestão "cosmopolítica" de um território.

A biblioteca do desenvolvimento e a geografia mobilizada pela política de planejamento da Sudene

Sabrina Maria Gonçalves Luz Barros Bezerra (UFSCAR)

O trabalho tem como objetivo refletir sobre os convênios estabelecidos entre a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e instituições de ensino e pesquisa, voltados à produção de estudos sobre regiões, considerando suas especificidades fisiográficas, demográficas, sociais etc, com vistas ao apoio e ao direcionamento das políticas de desenvolvimento regional. A análise concentra-se no convênio firmado entre a Sudene e a equipe de geógrafos da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife (PE), entre as décadas de 1970 e 1980, bem como nas publicações da Série Estudos Regionais, resultantes da parceria. Busca-se apresentar características dessa produção, e analisar o papel e o estatuto desses volumes e de seus autores na constituição das chamadas "regiões prioritárias" ao desenvolvimento. Destaca-se a relevância de se examinar os saberes envolvidos na elaboração de documentos que formulam diagnósticos e delineiam prospecções como instrumentos de governamentalidade. Por meio das obras publicadas e das políticas de incentivo à pesquisa, torna-se possível rastrear o financiamento promovido pela Sudene junto aos institutos, bem como sua atuação territorial. Ressalta-se, como plano de fundo, o modo como a Sudene incorporou, como prática institucional, a constituição da vasta biblioteca, composta por essas e outras obras consideradas fundamentais para a atuação de seus técnicos e para o "entendimento da realidade nordestina" — muitas vezes requeridas, sem suspeita, em nossos textos.



Produção Audiovisual e Perícia Antropológica: O Uso da Escrita Imagética como Diálogo Interétnico e Intercultural entre Estado, Povos e Territórios Indígenas

Herbert Medeiros Espíndola de Carvalho (PUCRIO)

Partindo de experiências como assistente em duas perícias antropológicas, em contexto de litígio de território indígena, onde se utilizou o audiovisual como componente do laudo antropológico requisitado pelo juízo, a presente proposta objetiva desenvolver reflexões e possibilidades na elaboração de laudos antropológicos, onde muitas vezes o fazer etnográfico se limita na escrita verbal. Pretende-se analisar a pertinência da autoexpressão, oralidade e demais sensibilidades possibilitadas pela escrita imagética através de uma produção audiovisual adaptada ao contexto de um caso. A resolução 454/22 do CNJ traz o Diálogo Interétnico e Intercultural como um dos princípios para efetivar a garantia do direito ao acesso ao Judiciário de pessoas e povos indígenas, citando inclusive a adoção de rotinas e procedimentos diferenciados para atender as especificidades socioculturais desses povos. Nesse sentido, propomos a pertinência do audiovisual como documento jurídico, em conjunto com o laudo escrito, contribuindo para a expansão das condições de diálogo, defesa e resistência de povos tradicionais envolvidos em contextos onde o governo opera nos territórios, os possibilitando uma ampla expressão de si e ampliando expressivamente o ambiente etnográfico através desses mecanismos sensoriais distintos da escrita verbal. Partindo de conceitos da Antropologia Compartilhada, de Jean Rouch, refletimos a construção de relatórios baseados no “diálogo com” ao invés de um “discurso sobre”.



ST 24: MEDICAMENTOS, REMÉDIOS, DROGAS E MAIS: COMPOSIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Coordenador(a): João Balieiro Bardy (UFRJ), Luis Phillipe Nagem Lopes (UERJ), Rogerio Lopes Azize (UERJ)

Sessão 01 - ST 24: Medicamentos, remédios, drogas e mais: composições contemporâneas - Políticas de regulação e incorporação, protocolos e classificações

Coordenador/a: Rogerio Lopes Azize (IMS/UERJ)

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UnB)

Farmacêuticos pelo cuidado: o movimento por uma reforma no manejo dos medicamentos e seus efeitos nocivos

Cíntia Liara Engel (UFG)

Na década de 1960, um grupo de farmacêuticos norte-americanos se envolveu em uma disputa para participar de decisões de cuidado com o objetivo de identificar, resolver e prevenir problemas causados por medicamentos. Argumentando que tais problemas custam bilhões, devido a hospitalizações por reações adversas, uso inadequado, interações medicamentosas e polifarmácia, eles reivindicam – como a profissão especializada em medicamentos – que a área seria a mais qualificada para intervir neste resultado iatrogênico da biomedicina moderna. Conhecido como "a virada para o cuidado na farmácia", o movimento se espalhou mundialmente nas décadas de 1990 e 2000, ganhando relevância considerável na Europa e na América Latina – incluindo o Brasil. Ainda assim, farmacêuticos raramente são protagonistas de etnografias, e sabemos pouco sobre como gerenciam o cuidado em seus protocolos. Este trabalho parte de uma etnografia documental centrada na evolução de protocolos de cuidado em manuais e guias elaborados pelo movimento pelo cuidado farmacêutico. Conclui-se que o movimento dos farmacêuticos em direção ao cuidado configura a lida com os medicamentos modernos enquanto um problema de saúde pública que demanda uma reforma nos fluxos de cuidado, ou seja, uma

reforma de infraestrutura do manejo de medicamentos pela biomedicina (Star, 1999). Com tal reforma, finalmente, a Farmácia poderia recuperar uma intimidade perdida com os medicamentos – atualizando algo da época de ouro dos apotecários.

Políticas de incorporação: participação social e ativismo na política de acesso a medicamentos no Brasil

Lucas Nishida (UNICAMP)

Este trabalho propõe uma análise do ativismo e participação social pelo acesso a medicamentos pelo SUS, focando principalmente em seguir a avaliação tecnológica em saúde (ATS) de um medicamento de alto custo para fibrose cística, o Trikafta, feita pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec). Eu argumento a partir da etnografia realizada que o ativismo (e a ATS de modo geral) podem ser conceitualmente abordados como políticas de incorporação. A partir dos múltiplos significados de "incorporar", as políticas da incorporação são caracterizadas por três dimensões. 1. "Tornar-se constitutivo de", definição que abrange tanto a participação social (o público se torna constitutivo da ATS e a linguagem biomédica e econômica se tornam constitutivas do ativismo), quanto o acesso a medicamentos (o medicamento se torna constitutivo do sistema de saúde e do corpo dos usuários). 2. "Ser registrado como uma corporação", que alude a uma dimensão de burocracia e corporatização, e a como expertise e a produção de evidências mediam as políticas de incorporação. 3. "Corporificar", que evoca uma dimensão material e requer uma abordagem situada e contexto específica. A política da incorporação é uma tentativa de pensar as novas relações entre ativismos, direitos, cidadania, burocracia, expertise e mercados farmacêuticos sem romantizar a perspectiva ativista, sem reduzir essas relações à cooptação, e sem negar as desigualdades que as constituem e os efeitos que elas geram.

Distinções regulatórias entre drogas, produtos e medicamentos: a Cannabis como uma tecnologia terapêutica no Brasil

Hellen Monique dos Santos Caetano (UFRN)

O uso da Cannabis em tratamentos de saúde ganhou destaque nos últimos anos, por meio das reivindicações de pacientes. Esse cenário, permeado por tensões e estigmas, pressionou a

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a debater, desde 2014, o status regulatório da Cannabis como uma tecnologia de saúde. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como as distinções regulatórias entre "droga", "produto" e "medicamento" se tornaram o eixo central para o debate sobre a regulamentação da Cannabis como uma tecnologia terapêutica no Brasil. Foram analisados os documentos produzidos pela Anvisa e outras instituições relacionadas ao debate, incluindo notas técnicas e resoluções, além de audiências públicas com foco na discussão sobre tecnologias de saúde, com ênfase nos argumentos apresentados sobre a Cannabis e os seus derivados. A análise evidencia que as distinções regulatórias surgem em meio a um espaço de negociação, considerando processos mais amplos que envolvem estigmas, controle e pressão social. As questões levantadas em documentos e audiências mostra que o debate vai além da discussão técnica e científica sobre o uso da Cannabis e de seus derivados como tecnologias de saúde. As classificações técnicas de "droga", "produto" e "medicamento" não são nomenclaturas neutras, mas categorias com implicações práticas no acesso às substâncias, que evidenciam, sobretudo, como decisões institucionais baseadas na "Ciência" impactam na vida cotidiana de pacientes.

Nuevas sustancias psicoactivas como ensamblajes contemporáneos. Análisis de definiciones y propuestas epistemológicas para su estudio

Rocío del Pilar Deheza (Universidad de la República), Marcelo Rossal (Universidad de la República)

Las nuevas sustancias psicoactivas (NSP) suelen definirse de modo inespecífico, acotado a unos pocos aspectos (estructura química, mercado y normativa). Este trabajo convoca a reflexionar sobre los hechos económicos, laborales, legales y culturales relativos a las NSP, ensamblajes contemporáneos entre contextos, sustancias, personas y otros actantes que construyen una ontología en la que unos y otros tienen capacidad agencial (Bennett, 2022; Duff, 2014). El objetivo es exponer la diversidad de definiciones y abordajes del fenómeno de las NSP en Latinoamérica, con foco en el Uruguay contemporáneo. Se analizan los discursos y racionalidades que estructuran las políticas públicas sobre NSP, al mismo tiempo que las acciones y tecnologías de gobierno puestas en práctica. Dialogan políticas definidas en el marco de la cooperación internacional (Sistema de Alerta Temprana en Drogas de Naciones Unidas, Programa

de Cooperación entre América Latina, el Caribe y la Unión Europea en Políticas sobre Drogas) con aquellas implementadas en el ámbito nacional. El período de estudio abarca los últimos quince años, cuando el tema cobró relevancia en Uruguay. La estrategia de investigación es cualitativa, a partir de técnicas como: análisis de fuentes documentales de organismos internacionales y nacionales; entrevistas semi-estructuradas en profundidad a actores clave (decisores políticos, funcionarios públicos, profesionales, académicos); observación participante en instancias con actores clave

Ozempic no Brasil: regulação, disputas sociotécnicas e aprendizados a partir da trajetória prévia dos fármacos anorexígenos

Lisa Helena Corrêa de Moura (UFRJ), Elaine Reis Brandão (UFRJ)

Este trabalho analisa a trajetória recente do Ozempic (semaglutida) e seus semelhantes no Brasil, com foco na atuação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias (Conitec) diante da ampliação do uso do medicamento como ferramenta de emagrecimento. Inicialmente aprovado para o tratamento do diabetes tipo 2, o Ozempic tornou-se um dos medicamentos mais vendidos do país em função de seus efeitos sobre a perda de peso, gerando debates sobre regulação, prescrição e possível incorporação no Sistema Único de Saúde (SUS). A investigação parte da comparação com a experiência da sibutramina — analisada durante minha pesquisa de mestrado — para refletir sobre os limites e tensões das políticas de regulação sanitária no Brasil. À luz de disputas sociotécnicas observadas em processos anteriores de incorporação de tecnologias no SUS para o emagrecimento, o trabalho discute como a emergência desses fármacos evidencia controvérsias em torno da segurança, eficácia e função social dos medicamentos para emagrecer, envolvendo saberes biomédicos, interesses comerciais e demandas sociais por saúde e aprimoramento. A análise considera documentos oficiais, notícias e debates públicos recentes, contribuindo para uma leitura crítica das escolhas institucionais que moldam o acesso, os sentidos do cuidado e as formas contemporâneas de medicalização do corpo.



A fluidez das substâncias usadas para aprimoramento cognitivo farmacológico: da coprodução de agenciamentos moleculares à carreira do usuário, a partir de sociabilidades digitais

Bruno Pereira de Castro (UFRJ)

Medicamentos, suplementos alimentares e substâncias sem estatuto regulatório definido têm sido utilizados por indivíduos saudáveis que buscam otimizar funções cognitivas, como memória, atenção e estado de alerta, em recurso ao chamado "aprimoramento cognitivo farmacológico". Ainda que a eficácia dessas intervenções possa ser questionada pela falta de consenso científico sobre seus possíveis benefícios, com os riscos associados, a disseminação dos chamados nootrópicos, smart drugs e cognitive enhancers tem crescido internacionalmente, principalmente a partir de ambientes digitais e mídias sociais. O mercado global de suplementos nootrópicos tem sido avaliado em torno dos US$ 6 bilhões, com estimativa de ultrapassar US$ 14 bilhões até 2034. Ao perseguir a divulgação de tais produtos, o WhatsApp - como plataforma que permite reunir pessoas em grupos de interesses específicos - se apresentou como campo propício para a investigação de práticas e interações relacionadas à disseminação e ao uso não convencional de substâncias controladas e/ou ao uso de substâncias com enquadramentos regulatórios nebulosos e que podem ter seu comércio considerado ilícito. Nesse sentido, é interessante notar como argumentos moleculares são acionados para justificar apelos farmacológicos que constituem a materialidade dessas intervenções, onde as experiências de uso configuram a carreira do usuário que pretende otimizar aspectos mentais a partir de uma normatividade cerebral e de mercado.

Fricções regulatórias: notas etnográficas sobre conexões globais, regulamentação sanitária e o cuidado medicamentoso caseiro

Luis Phillipe Nagem Lopes (UERJ)

Substâncias químicas ganham o estatuto de bens terapêuticos quando alçam um registro sanitário. É comum que esforços de homogeneização e padronização acerca desse registro sejam pensados de forma a permitir que tecnologias médicas trafeguem sem muitos desafios entre os países. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), no Brasil, e o Food and Drug Administration (FDA), nos Estados Unidos da América, por exemplo, possuem acordos de

confidencialidade de dados, que permitem o compartilhamento de informações comerciais confidenciais sobre medicamentos regulados, em diferentes fases de comercialização. Neste trabalho, descrevo, a partir dos antipsicóticos para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caso em que os esforços de globalização ganham outros contornos. Em diálogo com Anna Tsing (2004), procuro mapear a forma como as conexões globais e os fluxos de tecnologias ganham vida nas fricções, isto é, no encontro com o cotidiano. A partir de uma etnografia do cuidado medicamentoso com antipsicóticos para TEA, realizada com cuidadoras e pesquisadores, argumento que, na aspiração dos sonhos universais e globais de trânsito contínuo de mercadorias, residem as vicissitudes do cuidado caseiro. Descrevo etnograficamente as reverberações que os registros sanitários de medicamentos (ou a ausência deles) provocam no dia a dia do cuidado e como isso é negociado entre mercado farmacêutico, o Estado e o cuidado caseiro.

Sessão 02 - ST 24: Medicamentos, remédios, drogas e mais: composições contemporâneas - Ontologias e epistemologias do uso de substâncias

Coordenador/a: João Balieiro Bardy (PPGSA/UFRJ)
Debatedor/a: Jane Araujo Russo (UERJ)

É possível tornar um fármaco feminista?

Fernanda Mariath Amorim Wester (UNICAMP)

O possível posicionamento feminista dos fármacos anticoncepcionais já é bem elaborado, questionado e tensionado nas últimas décadas (Manica, 2003; Rohden, 2008; Rustoyburo e Ariza, 2022; Haraway, 2023). Talvez outro fármaco feminista seria o misoprostol, que é recomendado pela Organização Mundial da Saúde para realizar abortos de forma segura. Entretanto, Mateo (2024) explora as controvérsias no processo da co-construção da sua posologia, que também o posiciona, pelo menos, como contraditório.

A minha dissertação de mestrado é estruturada em torno da elaboração de uma série de podcast de ficção baseada em evidências científicas. Essa série de podcast, que é minha metodologia de pesquisa, é centrada em uma viagem pela célula, em um exercício figurativo

(Haraway, 1997, 2000, 2021; Costa, 2024). Uma das ciladas que encaro no percurso é o improvável-possível posicionamento feminista do Zolpidem.

Em 2013, é determinado, nos Estados Unidos, que a dose desse fármaco sedativo-hipnótico, utilizado para tratamento de insônia, seria diferente entre homens e mulheres. Mesmo essa decisão tendo controvérsias e inconsistências, o Zolpidem torna-se um marco na defesa da importância de considerar diferenças entre os sexos na pesquisa biomédica para melhora na saúde das mulheres. Analiso um recorte dessa discussão, com foco nas células-tronco e, a partir das células mesenquimais do sangue menstrual, discuto possíveis posicionamentos feministas entre os produtos farmacêuticos.

“O que são os desreguladores endócrinos?”: toxicidade ambiental e in/determinações onto-epistêmicas

Emília Braz (UFRGS)

À pergunta que intitula esta proposta, respondia que "desreguladores endócrinos (DEs) são substâncias químicas exógenas sintéticas que interferem com qualquer aspecto da ação hormonal", uma definição proveniente de documentos médicos. Para esta apresentação, proponho tratar essa pergunta como um ponto de partida para investigar etnograficamente as in/determinações onto-epistêmicas e as materializações dos DEs. Sem subscrever à doutrina do "mundo de um mundo" (Law, 2015), compreendo que as possíveis respostas resultam de diversas práticas de materialização. Consequentemente, tais materialização resultam em determinações onto-epistêmicas e efeitos no mundo distintos. Elenco duas situações etnográficas para investigar tais materializações e efeitos: uma entrevista ao podcast "Sem Groselha" no qual o discurso indutor de pânico é mobilizado para figurar os DEs como agentes de feminilização e um risco aos homens e à masculinidade, e uma videoperformance intitulada "Housewives Making Drugs", onde as personagens sintetizam o hormônio feminino de sua transição de gênero a partir da água da torneira da cozinha. Ao pensar com essas situações, objetivo evidenciar os emaranhamentos entre DEs e toxicidade ambiental presentes nos três registros mobilizados - médico, popular e artístico - com o objetivo de complexificar, sem necessariamente resolver, as in/determinações onto-epistêmicas que os DEs engendram e se atentar aos distintos efeitos que tais emaranhamentos produzem no mundo.



Antes do pôr do sol: revisitando a trajetória do medicamento T-DM1 após 10 anos

Luciana Dantas Müller da Ponte (IMS/UERJ), Rafaela Zorzanelli (Saúde Coletiva)

Pretendemos discutir sobre os processos atrelados à incorporação de biotecnologias no cenário da Oncologia no Brasil, através do estudo de caso do T-DM1/Kadcyla®, conjugado de anticorpo-medicamento desenvolvido para pacientes com câncer de mama metastático. O mapeamento de sua "trajetória fluida" envolve uma rede complexa de grupos de pacientes, médicos, indústria farmacêutica e agências regulatórias nas diferentes de seu "ciclo de vida" (VAN DER GESST et al., 1996). Essa trajetória inclui a "descoberta" da substância, sua relação com outras substâncias precursoras e "irmãs" no campo das inovações biotecnológicas para o câncer de mama, passando pelas condições estabelecidas pelos estados para a sua regulação sanitária, o marketing do medicamento até chegar a sua oferta e dispensação junto a um mercado de consumidores (HARDON & MOYER, 2017). No contexto brasileiro, há ser considerada ainda a etapa de incorporação do medicamento no sistema de saúde público. Apesar de ser proibida a propaganda direta a consumidores de medicamentos prescritos, identificamos como alternativa para divulgação local, uma petição pública online "Por Mais Tempo" (2015) que articulava grupos de pacientes e indústria farmacêutica. Assumindo o discurso "educativo" para público leigo e promovendo o valor social de esperança, essa campanha visava a ampliação da demanda local. Reexaminando a trajetória de incorporação desse medicamento 10 anos depois, como podemos avaliar os efeitos de tal estratégia?

A Ciência da Ayahuasca: conhecimento ancestral, práticas rituais e o futuro à luz da filosofia de Gilbert Simondon

Thiago Oliveira da Silva Novaes (UFF)

Em março de 2025, a prefeitura do Rio de Janeiro reconheceu as técnicas de cura de matriz africana como práticas de saúde complementar do SUS. A decisão durou 6 dias e foi revogada sob o argumento de que a "saúde pública é realizada baseada na ciência". O artigo tem por objetivo avançar nas discussões sobre conhecimentos ancestrais de plantas medicinais para tratamentos e cura espiritual, com ênfase na descrição das individuações dos agentes: sejam xamãs amazônicos ou mulheres curandeiras, médicos ou psiquiatras, o encontro da medicina natural com as doenças

da cidade guarda uma especificidade a ser mais bem compreendida. A pesquisa articula desde práticas egípcias, baseadas em literatura, ao trabalho de campo junto a um xamã peruano, mestre vegetalista, responsável por práticas rituais em um centro religioso em Areal, no Rio de Janeiro. Contrastando o conceito de cosmotécnica, associado aos saberes indígenas, ao de tecnicidade, voltado para o patrimônio genético da planta e seu meio associado, intenta-se apresentar o rendimento da filosofia de Gilbert Simondon para descrever relações e experiências situadas no atual renascimento psicodélico como fronteiras de uma guerra ontológica. Por fim, será problematizado o conceito de bem ambiental para abordar a possibilidade de patrimonialização, especulando sobre o futuro da Ayahuasca no Brasil.

Brasil: Nação psicodélica?

Pietro Benedito (UFU), Emilia Sanabria (CNRS)

Para o ST 24, apresentamos as reflexões do artigo Psychedelic Nation? (Benedito & Sanabria, 2024), no qual pensamos a deprovincialização (Ndlovu-Gatsheni, 2019) do Renascimento Psicodélico desde o Brasil. Com base em pesquisa etnográfica junto a laboratórios, conferências e atores chave no campo de pesquisa com psicodélicos no Brasil, respondemos à proposta de autores dos estudos de Ciência Tecnologia e Sociedade (Da Costa Marques, 2022; Cueto, 2014; Kreimer, 2022; Medina; Marques e Holmes, 2014; Anderson, 2002) para movermos a história da invenção e da inovação para o Sul, apresentando como a ciência psicodélica brasileira teve o potencial de construir um modelo de pesquisa outro que o modelo neoliberal de alto custo do Norte Global. Argumentamos que isso se realizou a partir de quatro movimentos importantes: 1. o marco regulatório da ayahuasca no país e seu sistema de inovação farmacêutica (Cassier e Correa, 2019); 2. o financiamento público dessas pesquisas majoritariamente realizadas dentro de universidades públicas; 3. a articulação da ciência psicodélica nacional com tradições da saúde coletiva, da medicina social, da reforma psiquiátrica e do ativismo de redução de danos; e 4. as alianças entre as religiões ayahuasqueiras e os laboratórios de pesquisa.



Entre medicamentos, drogas e fungos: Cogumelos psicodélicos como agentes ontopolíticos

Eduardo Baptista Prisco Paraiso (UERJ)

Como são classificados os cogumelos psicodélicos? Para alguns usuários e profissionais da saúde, são medicamentos; para outros, drogas. Há povos tradicionais que os consideram "medicina sagrada", enquanto alguns grupos os consideram "coisa do diabo". Para a indústria farmacêutica e parte da ciência biomédica, são a matéria-prima da psilocibina; para outros pesquisadores, são organismos vivos, dotados de agência e modos próprios de existência. Em meio ao chamado "renascimento psicodélico", diferentes grupos disputam as narrativas, formas de uso e classificações desses cogumelos. Partindo da premissa de que o debate sobre drogas não é pautado apenas pela natureza das substâncias, mas principalmente pelos interesses, valores e visões de mundo dos atores envolvidos, este trabalho investiga como os cogumelos atuam como agentes ontopolíticos (MOL, 1999), gerando fricções que desestabilizam dicotomias clássicas como: legal e ilegal, natural e sintético, terapêutico e espiritual. Para tal, foram analisados discursos presentes em documentos jurídicos, na mídia tradicional e nas redes sociais, que refletem as tensões da psicodelia contemporânea. E dão forma a uma complexa rede de híbridos e racionalidades capazes de produzir biosociabilidades que atravessam campos como o jurídico, farmacêutico, espiritual, e da saúde, podendo influenciar a opinião pública e fomentar novas políticas regulatórias.

"Santo Haldol®!": etnografia do uso de psicoativos por pessoas internadas em uma enfermaria psiquiátrica masculina

Túlio Maia Franco (UFRJ)

Neste trabalho, pretendo analisar etnograficamente os diversos usos (consumo e troca) de substâncias psicoativas por pessoas internadas em uma enfermaria psiquiátrica masculina. Na experiência de consumo narrada — especialmente de medicamentos psiquiátricos, café e cigarros —, a fronteira entre o uso medicamentoso (extensivo) e o não medicamentoso (intensivo) dessas substâncias é constantemente vazada (Vargas, 2008). Café e cigarros são utilizados pelos pacientes para conter os "efeitos colaterais" dos psicofármacos, numa espécie de uso terapêutico extraoficial dessas substâncias. Por vezes, os próprios medicamentos prescritos são comparados

pelos pacientes a drogas ilegais ou a seus efeitos alucinógenos, explorando-se os limites entre uso recreativo e medicinal. Além dos efeitos obtidos por seu consumo, café e cigarros alimentam um sistema de trocas no cotidiano hospitalar, constituindo uma verdadeira economia entre os pacientes. Enquanto os psiquiatras mobilizam o consumo de psicotrópicos como uma forma positiva de transformação dos pacientes em "outras pessoas", para muitos deles, os psicofármacos os transformam em "robôs" ou "zumbis". Explorar as diferentes tensões envolvidas no uso de substâncias por pacientes de uma enfermaria masculina pode revelar os agenciamentos socioquímicos que as pessoas em situação de internação psiquiátrica encontram para modular seu próprio tratamento.

Sessão 03 - ST 24: Medicamentos, remédios, drogas e mais: composições contemporâneas - Gestão, recusa e autonomia: práticas cotidianas e formas de uso

Coordenador/a: Luis Phillipe Nagem Lopes (Luis Phillipe Nagem Lopes)
Debatedor/a: Rafaela Zorzanelli (UERJ)

A recusa ao tratamento medicamentoso no Instituto de Psiquiatria da UFRJ

Luana Oliveira Clemente (UFRJ)

Este trabalho é fruto do mestrado em andamento da presente pesquisadora, representando parte focalizada da pesquisa mais ampla. Como objetivo do projeto como um todo, tem-se mapear as recusas expressas pelos usuários do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) diante dos diagnósticos recebidos e dos tratamentos propostos, bem como as práticas profissionais diante de tais recusas. No decorrer do trabalho, contudo, notou-se, por meio de entrevistas e observação participante, a prevalência das recusas às medicações psiquiátricas. Diante disso, intentou-se, aqui, explorar essa especificidade do campo. Como resultados preliminares, temos que tal recusa expressa um conflito a ser superado, por meio de estratégias muito específicas, mais ou menos coercitivas, de convencimento do usuário a ingerir os remédios. Até o momento, as estratégias mapeadas são: convencimento a partir da história pessoal (na qual eventos da vida são retomados para o usuário e reinterpretados conforme saber "psi"), convencimento a partir de ideia do bem-

estar que seria trazido por medicação, escambo e coerção. Importante salientar que, caso o sujeito não se entenda portator de um transtorno psiquiátrico, porém aceite a medicação, nenhuma dessas estratégias são convocadas. Assim, construir no sujeito uma ideia de si conforme o saber "psi" apenas se mostra necessário mediante a recusa medicamentosa, indicando para a centralidade de uma "adesão ativa ao tratamento medicamentoso" na instituição.

Relatos de uma (in)gestão autônoma de cogumelos: aproximações possíveis entre psicodélicos e a G.A.M

Yuri Patrick Oliveira Marrocoss (PUCSP)

Este estudo analisa 738 publicações do fórum r/Cogumelos_Brasil no Reddit para investigar as relações entre microdosagem de cogumelos mágicos e a gestão autônoma de medicação. Inserida nos contextos da Reforma Psiquiátrica e do Renascimento Psicodélico, a pesquisa busca compreender como práticas autogeridas com cogumelos emergem à margem do modelo biomédico tradicional, valorizando a agência do sujeito no cuidado de si. Utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), fundamentada na Teoria das Representações Sociais, que organiza dados qualitativos verbais em discursos-síntese na primeira pessoa, possibilitando reconstruir o pensamento coletivo sobre microdosagem a partir dos relatos online. Os resultados indicam que essa rede virtual de compartilhamento de recomendações, dúvidas e relatos pessoais, baseada em vínculos horizontais e cuidado compartilhado, legitima os psicodélicos como prática alternativa à medicação convencional, constituindo-se no principal banco de informações para interessados em microdosagem em um contexto legal e científico restritivo. Assim, o fórum oferece um espaço de co-gestão autônoma em saúde mental, trazendo os psicodélicos para o circuito do tratamento farmacológico de forma autônoma.

Cauim: a importância das bebidas fermentadas indígenas para a gastronomia brasileira.

Renato Augusto da Silva Monteiro (UFRJ), Nina Pinheiro Bitar (UFRJ), Cassandra Dalle Mulle Santos (UFRJ)

Ao pensarmos as bebidas como parte constitutiva do sistema alimentar, muitas vezes não reconhecidas, abrimos espaço para compreender a importância dos usos e das técnicas de

produção das bebidas fermentadas indígenas no Brasil, sobretudo, diante do que se tornou o problema da indústria da cerveja no país. Apesar de sermos um dos principais países produtores e consumidores de cerveja no mundo, os insumos (lúpulo e cevada) necessários para a sua produção são majoritariamente importados de países frios e subtropicais, sendo o gosto do brasileiro pela cerveja relativamente recente. Nesse sentido, ao olhar para a antropologia das bebidas indígenas, nos perguntamos: por que não nos tornamos o país das bebidas fermentadas de milho, mandioca ou frutas tropicais? O termo cauim é muitas vezes utilizado de forma genérica para designar as bebidas fermentadas alcoólicas produzidas pelos diversos povos indígenas no Brasil e consumidas em variados contextos. No caso dos tupinambá, por exemplo, os rituais de cauinagens ou beberagens eram intrinsecamente ligados à sua cosmovisão antropofágica. Neste estudo, propomos apresentar a importância dos usos ritualísticos e cerimoniais do cauim, bem como pensar as técnicas de produção, e adaptações, que permitam realizar uma releitura desse conhecimento para produção de bebidas fermentadas de milho e mandioca no contexto da gastronomia brasileira em uma perspectiva decolonial.

O Uso do Benzodiazepínico Clonazepam (Rivotril®) no Estado do Rio de Janeiro pela voz de seus usuários: um estudo qualitativo socioantropológico

Renata Gomes da Costa De Marca (IMS), Rafaela Zorzanelli (Saúde Coletiva)

De acordo com a ANVISA, o clonazepam é um dos psicotrópicos mais consumidos do Brasil, de formas diversas à prescrita, o que traz preocupações à saúde pública pelo potencial de abuso e reações adversas. Buscou-se investigar os sentidos atribuídos ao uso do clonazepam, por meio de entrevistas em profundidade, semiestruturadas, com 40 usuários adultos, com mais de um ano de uso, residentes no Estado do Rio de Janeiro, de 2015 a 2018. Foram coletados os dados sociodemográficos e abordados temas como motivos para o uso, formas de gestão, expectativas, efeitos (in)desejados, etc. As entrevistas foram transcritas e analisadas, construindo-se unidades de análise, tendo como principais achados: os usuários desenvolveram expertise sobre as dosagens; quando prescrito por um psiquiatra, havia frequente prescrição de antidepressivo associada; com o uso prolongado alterava-se a percepção sobre a capacidade de viver sem a substância; embora indicassem que o medicamento “não fazia o mesmo efeito de antes” ou “parava de fazer efeito”, escolhiam continuar com o uso; ainda que se reconhecessem como

usuários de longo-prazo, não se viam como dependentes. Os usuários personalizam o uso do medicamento indicando a construção de racionalidades distintas da racionalidade médica e o medicamento como fato social. Uma maior exploração tanto de dados de venda da substância quanto de pesquisas qualitativas que investiguem os fatores que contribuem para o uso crônico de benzodiazepínicos é necessária.

Redução de Danos e Emoções: teias de vínculo e acolhimento aos usuários problemáticos de drogas

Rodolfo Ferreira da Silva (PPGSA-UFRJ)

Após produzir uma etnografia em uma cena de consumo de crack (SILVA, 2024), tenciono avançar no estudo das emoções e subjetividades a partir do atendimento realizado na rede pública de saúde (SUS), com foco no trabalho dos CAPS e CAPS AD sob a perspectiva da Redução de Danos (RD).

Entendendo os CAPS como híbridos (Latour, 2019), observa-se a intersecção entre saberes médicos, práticas sociais, relações afetivas, políticas públicas, experiências subjetivas e tecnologias do cuidado. A RD, enquanto "espaço terapêutico", não opera com uma separação rígida entre o biológico e o social, mas justamente na articulação entre esses domínios, o que Bonet e Tavares (2007) definem como "espaço entre", percepções de corpo e visões de mundo diferentes que se tencionam e negociam constantemente.

O cuidado é pensado como um processo relacional, envolvendo dispositivos, instituições e práticas que articulam elementos formais e informais. Nesse contexto, destaca-se a importância dos encontros singulares entre profissionais e usuários, nos quais se produzem sentidos e efeitos terapêuticos. O cuidado surge na escuta, na abertura à alteridade, no reconhecimento do outro em sua diferença e na construção conjunta de estratégias de vida.

Destarte, busco refletir sobre as tecnologias de cuidado presentes na RD, a (re)construção de sociabilidade e subjetividades dos usuários, bem como o papel das emoções em sua dimensão micropolítica, incluindo debates sobre permissividade versus proibicionismo.



"¡Cómo le vas a negar el antibiótico!" La dispensa de antibióticos sin receta en farmacias de la provincia de Buenos Aires. Etnografiando disputas y saberes.

María Pozzio (CONICET)

En Argentina, se conoce como medicamento ético al prescripto por un profesional cuya dispensa debe realizarse sí o sí "bajo receta". En lo que respecta a la dispensa de antibióticos, sin embargo, esta reglamentación no siempre se cumple pues entra en tensión con nociones que configuran la profesión farmacéutica: la atención farmacéutica (AF) y el Uso racional de medicamentos (URM). A partir de un trabajo de campo etnográfico realizado "desde el mostrador" en farmacias oficinales de la provincia de Buenos Aires (PBA), fue posible entender el modo en que la dispensa de antibióticos sin receta se realiza de parte de farmacéuticas y farmacéuticos en el marco de estas dos grandes nociones: la AF y el URM. En esta ponencia, busco historizar brevemente la llegada de estas ideas a la Argentina, para luego describir y analizar el modo en que las mismas se actualizan en el cotidiano de farmacias de barrio de la PBA, donde las y los farmacéuticos encuentran en las nociones de AF y URM un pequeño margen de acción para poner en valor su saber profesional. En el marco de múltiples contextos encajados -la farmaceuticalización de la sociedad, la des-regulación de la venta de medicamentos, etc- esta ponencia permite reconstruir, a partir del caso de la dispensa de antibióticos, una situación cotidiana en una etnografía realizada "desde el mostrador". Así, veremos cómo la dispensa de antibióticos sin receta es "mucho más" que la venta de un fármaco.

Desafios teóricos e metodológicos da pesquisa de medicamentos

João Balieiro Bardy (UFRJ)

A presente proposta visa promover um debate em torno de dificuldades de natureza descritiva, teórica e metodológica que se apresentam para as pesquisas realizadas “a partir dos medicamentos” (Castro, Engel e Azize, 2013). A etnografia de medicamentos implica negociar fronteiras teóricas, técnicas e práticas entre categorias epistêmicas, regulatórias e descritivas; proponho aqui mergulhar na caixa preta destas negociações e como elas se estabilizam no discurso antropológico. Para tal, o texto se apoia no material de pesquisa de campo conduzida em conjunto com o Centro Municipal Ernani Agrícola (CMS/EA), localizado no bairro de Santa-Teresa no Rio

de Janeiro. O CMS-EA oferece serviços de atenção básica de saúde aos 40.000 habitantes do bairro e atua na promoção de saúde através da produção de diagnósticos precoces de doenças e distribuição de medicamentos entre outras atividades. O material coletado compila respostas dadas a um formulário de 25 questões que foi aplicado de forma indiscriminada a qualquer usuário do CMS que demonstrasse interesse em participar da pesquisa. Além destes dados, entrevistas, desenhos, mapas, bulas e receitas médicas ajudam a compor a sustentação empírica do texto. Através da mobilização de eventos, imagens e diálogos germinados nos encontros com usuários do CMS/EA o texto busca interpelar categorias analíticas a partir das categorias nativas do campo.



ST 25: MODOS DE EXISTÊNCIA QUE BROTAM NAS FRESTAS: NATUREZA E SOBRENATUREZA EM ALIANÇAS INSURGENTES

Coordenador(a): Uirá Felippe Garcia (UNIFESP), Olivia Maria Gomes da Cunha (UFRJ), Rogério Louvain Viana Filho (UFRJ)

Sessão 01 - ST 25: Modos de existência que brotam nas frestas: natureza e sobrenatureza em alianças insurgentes

Coordenador/a: Rogério Louvain Viana Filho (Museu Nacional/UFRJ)
Debatedor/a: Uirá Felippe Garcia (UNIFESP)

"Atender a los muertos": notas sobre relacionalidades mais-que-humanas no interior de Cuba

Juliane Oliveira Nunes (UFRJ)

No cenário de crise energética e do legado das plantations escravistas, esta pesquisa de doutorado em curso investiga as configurações familiares de afrodescendentes em Cuba. Apoiando-se no conceito de "relacionalidades" (Carsten, 2004), investigou-se como se 'faz parentes', com base em etnografia realizada entre novembro de 2023 e abril de 2025 em Perico, município rural fundado entre 1845 e 1850 para a produção açucareira e reconhecido como "un pueblo rico en culturas africanas". Lá, famílias guardiãs de heranças como Gangá-Longobá, Regla Arará, Ifá cubano, Palo Monte e Santería, destacam a centralidade das relações com os mortos, especialmente através das ancestrais Florentina Zulueta (fundadora da "rama" Arará) e Florinda Diago (Gangá-Longobá). Conceitos êmicos como "rama", "bambases" e "casa" organizam seus modos de compor vínculos, materializados em práticas descritas como "atender a los muertos" (alimentá-los, reverenciá-los, executar seus pedidos, ouvir seus conselhos etc.). Com efeito, propõe-se aqui pensar 'relacionalidades com os mortos' como objeto de análise para examinar como os conceitos acima citados operacionalizam a (des)feitura de laços, tensionando fronteiras entre noções tradicionais de religião e parentesco (Bongianino, 2020), ao passo que dicotomias

natural/sobrenatural se diluem (Viveiros de Castro, 2008) na produção da vida comunitária e cotidiana, na qual espíritos, santos, animais, plantas, terras e águas emergem como partícipes nessas relações.

Castanhas, suas árvores, seus mitos, com os Jamamadi de Massekury, do Alto Purus

Hugo Ciavatta (UNESP)

"Aqueles que voltaram são agora os Tanodeni. Aqueles que passaram, foram para a Terra Grande, para os campos. Na volta, os Jamamadi, na beira do Igarapé, acharam Watu, cortaram e comeram, e jogaram as castanhas dentro d'água". O trecho acima faz parte da nativa mítica "Watu" (ou castanha), dos Jamamadi ocidentais, falantes de uma língua Arawa (DIENST, 2014, 2016). A referência a este fruto/semente, junta-se às impressões de Tatiarabu Jamamadi, meu principal interlocutor e anfitrião durante o período de campo de tal narração. Caminhando pelas trilhas de Massekury, uma Terra Indígena não demarcada na região do Alto Purus, Tatiarabu destacava nossa passagem por algumas das árvores, por algumas plantas, como as castanheiras que havia naquela área. Um ano depois, ele escolheu uma daquelas castanheiras, mais próxima ao barranco do rio Purus, como seu túmulo. Portanto, seu sepultamento encontra no encerramento de Watu seu paradigma: como Tanodeni, Tatiarabu queria estar, também morto, aos pés de uma árvore de castanhas, perto também de um rio.

O objetivo da apresentação, desse modo, é abordar o mito Watu dos Jamamadi ocidentais de Massekury. Pensar com o mito as histórias dos Jamamadi na região, e especificamente, tratar como foram contados, destacando a história mítica no contexto da pesquisa. Com isso, mais do que a referência cosmológica para o túmulo de Tatiarabu, trata-se de pensar as relações de "terra" como um contraste às noções estatais.

Entre Natureza e Sobrenatureza: Territorialidade Encantada dos Kiriri do Acré

Maria Carolina Arruda Branco (UFSCAR)

Neste trabalho proponho refletir sobre o processo de enraizamento e reencantamento do território ocupado pelo povo indígena Ibiramã Kiriri do Acré, localizado na zona rural de

Caldas/MG desde 2017. Migrantes de Muquém do São Francisco/BA, os Kiriri constroem seu território a partir de vínculos profundos com seres outros-que-humanos, especialmente os Mestres Encantados e a Jurema, simultaneamente árvore sagrada, bebida ritual e encantada. A simbiose entre corpo, terra e cosmologia sustenta não apenas a ocupação territorial, mas também a produção de um presente vivido e de um futuro sonhado. A partir de uma abordagem etnográfica, investigo como o território, os corpos e os seres outros-que-humanos se atualizam em formas que desafiam dicotomias modernas e mobilizam afetos, memórias e resistências. Busco evidenciar como o povo Ibiramã Kiriri do Acré (re)existe em alianças que desestabilizam fronteiras entre natureza e sobrenatureza, política e encantamento.

Onirismo e historicidade a partir d'A queda do céu

Marconi da Silva Felinto Júnior (PUC-RIO)

O presente trabalho, partindo de uma interseção entre a teoria da história e a teoria antropológica perspectivista, propõe uma leitura da obra A queda do céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Preocupa-se, nesse sentido, em fazer juz ao modo pelo qual a conceitualidade do mundo yanomami se constrói a partir dos conceitos de utupë e xapiri pë, próprios à Sobrenatureza de sua vida metafísica. O esforço central do trabalho, tomando este fundo teórico-filosófico como sua chave de leitura, está em vislumbrar o sonho enquanto locus privilegiado da produção de conhecimento, da temporalidade e da historicidade para os Yanomami. Indica-se, assim, a compreensão do sonho menos como expressão subjetiva do que enquanto condição meta-histórica e da vida sociocomunitária do mundo yanomami.

Crise ecológica na Amazônia: natureza e sobrenatureza entre os Rikbaktsa

Gabrielle Cardoso Meneses (UFRJ)

De que maneira os Rikbaktsa, população indígena de língua Macro-Jê do sudoeste amazônico, pensam a crise ecológica? Como as pessoas deste grupo relacionam natureza e sobrenatureza? Entre os Rikbaktsa, a atual escassez de tubérculos nas roças é atribuída tanto ao avanço das monoculturas de milho e soja na região – que reduzem o habitat dos porcos-do-mato, levando-os a consumir os alimentos plantados pelas famílias – quanto à ação de espíritos malfeitores. Segundo os velhos, os mamíferos que consomem os brotos de mandioca e batata-

doce das roças não são animais verdadeiros (babata), mas animais que, com a saúde enfraquecida por conta da fome, ficam vulneráveis à ofensiva dos mortos: os espíritos que penetram o corpo dos mamíferos são, contudo, bem específicos. Eles são, majoritariamente, os espectros terrestres dos seringueiros que, em meados do século XX, deram início à exploração da borracha na área indígena. A relação dos Rikbaktsa com os estrangeiros foi traumática e hoje se atualiza de modo a afetar a saúde corporal dos vivos – mais especificamente, a segurança alimentar deles. Na tentativa de superar esta crise com os mortos, as pessoas buscam se aliar aos espíritos ligados à vitalidade da floresta: os espíritos pai do mato (morebe) e pai do vento (zopoktsazo). A hipótese é que, por meio dessa aliança, os Rikbaktsa conseguem restaurar parcialmente o equilíbrio ontológico em um território afetado pelo extrativismo e pela monocultura.

Desafiando a linha reta: rotas, trilhas e caminhos de uma retomada Guarani Kaiowá

Luisa Bahury Assis Lanna (Museu Nacional)

Entre os quilômetros 34 e 37, a estrada MS-386 beira a comunidade Guayvyry Yvy Pyte Y Jere, um território tradicional do povo Guarani Kaiowá retomado desde 2011. É uma linha reta, praticamente sem conversões e sem acostamentos. Por ela passam diariamente carros e caminhões em alta velocidade, máquinas agrícolas de grande porte, ônibus com viajantes e pessoas da comunidade, de bicicleta, moto ou a pé, pelas margens. Na retomada, outras linhas: trilhas, rotas e caminhos por onde as pessoas se movimentam e que são, eles mesmos, moventes - surgem e desaparecem à medida do uso. Linhas fundamentalmente diferentes - a estrada, network conectora; e as trilhas da retomada, meshwork reticulada do espaço habitado - elas compõem o desenho sobre o qual ensaio algumas reflexões. O texto parte deste mapa-rascunho: a linha da estrada e as linhas de todos os outros caminhos usados na retomada, à primeira vista, num plano estritamente concreto - o do chão onde estão desenhadas - mas não só: trilhas que vão de uma casa à outra, de cada casa ao seu banheiro, rotas ao campo de futebol, à escola, às roças, à parte do rio onde busca-se água, onde banha-se, à mata, ao o cemitério e, enfim, à própria estrada. Proponho uma aproximação entre as linhas e o movimento ao qual nos chama a atenção Ingold (2007) e um tema clássico da literatura Guarani, os caminhos, mas não aqueles da caminhada para

a terra sem males, e sim os caminhos cotidianos da vida em uma retomada que abrem fendas na plantation.

Sessão 02 - ST 25: Modos de existência que brotam nas frestas: natureza e sobrenatureza em alianças insurgentes - Sessão 2

Coordenador/a: Uirá Felippe Garcia (UNIFESP)

Debatedor/a: Olivia Maria Gomes da Cunha

Dendezeiros, guaiamuns e pescadores às margens da plantation

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundação Joaquim Nabuco)

O dendezeiro (Elaeis guineensis) é uma palmeira nativa da Costa Ocidental da África. É possível contar diferentes histórias sobre essa planta, no Brasil: umas ligadas à sua importância alimentar e religiosa na diáspora africana; outras à expansão agroindustrial em larga escala, substituindo florestas tropicais. Conto aqui um terceiro tipo de história, centrado nas alianças entre dendezeiros, guaiamuns (Cardisoma guanhumi) e pescadores artesanais. Guaiamuns são caranguejos semiterrestres que vivem em áreas alagadas nos manguezais do litoral brasileiro. Alimentam-se de folhas, frutos e material animal e têm uma relação histórica com comunidades pesqueiras, que os capturam para consumo e comércio local, compartilhando as paisagens que habitam. Na Reserva Extrativista Acaú-Goiana (PE-PB), os dendezeiros ocupam áreas limítrofes dos manguezais há muito anos, convivendo com guaiamuns, que apreciam se alimentar da polpa do dendê. Próximo a essas palmeiras, são comuns buracos dos caranguejos, e seus frutos são amplamente usados pelos pescadores como alimento nos caritós, os viveiros temporários dos guaiamuns. Com base na etnografia da assembleia formada por guaiamuns, dendezeiros e pescadores, em uma paisagem historicamente marcada por outra aliança, aquela entre colonizadores, a cana-de-açúcar e seu aparato tecno-político de exploração, proponho tensionar a ideia de "espécie exótica invasora", valorizando as ecologias insurgentes em paisagens arruinadas pela lógica da plantation.



Entre Natureza e Espírito: Relações Multiespécie e Modos de Habitar no Santo Daime

Frederico Romanoff do Vale (UFSC)

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado "Modos de existência na Ecovila São José: pelo equilíbrio nas relações humano-ambiente", que investiga práticas ecológicas e cosmopolíticas no interior de uma comunidade daimista situada em área de preservação ambiental em Florianópolis (SC). Vinculada ao ICEFLU, a Ecovila articula usos ritualizados da ayahuasca — compreendida como “planta professora” — com discursos ambientalistas e modos de habitar marcados por alianças multiespécies e insurgências sensíveis às materialidades da floresta, dos vegetais e das entidades espirituais. Dialogando com os estudos multiespécies, a antropologia da ciência e ontologias indígenas, a pesquisa explora formas de copresença e agência outras-que-humanas em contextos de ameaça ecológica. Considera, ainda, os desdobramentos geopolíticos do Antropoceno — incluindo Capitaloceno, Plantationoceno e Chtuluceno — como chaves analíticas para compreender disputas territoriais, conflitos infraestruturais e processos de re-existência. A etnografia se abre a modos de existência que emergem nas brechas do extrativismo e às ecologias ruderais que desafiam dicotomias entre natureza e sobrenatureza, político e cosmológico, humano e não-humano.

Encantaria Quilombola: concepção e defesa ontológica do território

Juliana Loureiro Silva (ABAETÉ)

Encantaria é uma dimensão invisível que tangencia o mundo material, no fundo dos mares e rios, em dunas e pedras, em matas e manguezais. É a morada dos encantados. Seres espirituais, os quais, muitos deles, viveram, mas não morreram, se encantaram. A Encantaria Quilombola é uma ontologia relacional que a engendra como espaço-tempo ontológico amefricano, vivida e significada pelos quilombolas.

O universo da encantaria é composto por muitos lugares encantados, que possuem seus donos. A ilha dos lençóis é de Rei Sebastião. As matas de Codó são dos Légua. Grande família espiritual que reinam os quilombos do Maranhão. A encantada Rainha Iná mora no fundo da baía de São Marcos. Para construir o porto de Itaqui foi necessário com ela negociar.



O Maranhão é uma terra de encantaria. Nos salões e terreiros de tambor de mina, terecô, cura e pajelança, convivemos com os encantados. São eles que cantam e narram suas mitológicas histórias, seus vínculos com diferentes famílias, territórios e encantarias, emaranhando ambientes e espaços geográficos e temporalidades históricas com o universo ontológico da encantaria.

O quilombo de Santa Rosa dos Pretos é um território ameaçado pelo corredor logístico do desenvolvimentismo e resiste a duplicação da BR133 pela força política de seus encantados. A partir da etnografia com os encantados, apresentarei as performances rituais e políticas que atualizam a ontologia amefricana e orientam a ocupação e a defesa territorial dos quilombolas.

A mata se levanta e a terra estremece: alianças com encantados no Parque Nacional da Chapada Diamantina

Paula Pfluger Zanardi (UFSC)

Este trabalho acompanha a relação do jarê com a paisagem a partir de uma operação de fiscalização do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em 2024, no Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA), que resultou na destruição de um terreiro e na remoção de um assentamento de caboclo. O jarê é descrito como candomblé de caboclo (SENNA, 1998) por ser resultante do encontro das matrizes africanas com as entidades nativas da região, os espíritos descendentes de indígenas. Pretendo compreender como a ação do ICMBio desconsiderou os vínculos entre corpos, paisagem, espíritos e práticas de cuidado que sustentam os modos de vida das comunidades jarezeiras. Há uma invisibilização da violência do ato que está expressa no processo de reconstrução do terreiro colocado em curso pelo ICMBio.

Em contraste, os assentamentos e caminhos trilhados pelos curadores apontam para alianças que desafiam a separação entre natureza e sobrenatureza. Essas alianças insurgentes — entre encantados, pedra, mato, terra e rios — não apenas resistem à simplificação ecológica, mas constituem formas de coabitação que não dissociam religião e natureza. Inspirada por Bispo dos Santos e pela noção de “terra como sujeito”, acompanho os efeitos do ataque espiritual e material aos terreiros e as mobilizações coletivas que dele emergem. Ao fazer emergir as fraturas do projeto moderno de preservação, o artigo reivindica modos de existência que se afirmam em alianças vivas entre mundos.



Tramas de ejé: construindo laços entre humanos e não-humanos no Ilê Asé Sòpònnòn

Ana Luísa Nardin Rezende de Abreu (UFMG)

Este trabalho investiga, a partir da etnografia no Ilê Asé Sòpònnòn, terreiro de candomblé ketu-nagô em Belo Horizonte, como se aprende a fazer parentes além do sangue consanguíneo, prestando atenção ao ejé, o sangue que corre nas folhas, nos animais e nas pedras sagradas. O ejé branco, presente na seiva das folhas da Mata da Baleia, o ejé vermelho, que pulsa no sangue dos animais sacrificados, e o ejé preto, que vibra nas pedras Otás, são forças vitais que atravessam os limites do terreiro, ativando vínculos entre reinos vegetal, animal e mineral. Guiado pelos ensinamentos do Babalorixá Eduardo de Omolú e da Ekedji Alessandra, observo como esses sangues criam alianças insurgentes entre humanos e não humanos, desafiando as dicotomias tradicionais entre natureza e cultura, humano e não humano. Essa cosmopolítica dos ejés revela modos de existência que brotam nas frestas do urbano e do sagrado, propondo formas de coabitação e cuidado que resistem à violência colonial, ao capitalismo e à crise ambiental. Assim, o terreiro se apresenta como um espaço onde aprender a fazer parentes significa abrir-se a outras presenças, escutando e respondendo ao sangue das folhas, dos animais e das rochas.

Culinárias cosmodivergentes na caatinga da Bahia

Gabriel Rodrigues Lopes (UFS)

Um dia na caatinga da Bahia pode inaugurar realidades indesejáveis para quem “come” coisas sólidas, líquidas ou etéreas de seres extra-humanos ou de humanos-mais-que-humanos. Se Caipora oferece piolho como alimento e o Bicho sua própria urina, o xamã dá sua palavra. Comer aqui não é um ato de manducação biológica, cultural ou simbolicamente orientada, mas um ato xamânico de transformação radical. Comer o piolho | licurí de Caipora, tragar a urina | fluído do Bicho ou ter suas “vistas” alteradas pela palavra do xamã (onde a realidade imediata se metamorfoseia à imagem prefigurada por este) indicam uma cozinha crua em que o sólido, o líquido e o etéreo são eles mesmos mediadores da transformação da cultura em natureza. É como se os caatingueiros da Bahia se recusassem não só a romper radicalmente essa relação (necessária em outros casos), mas necessitassem reatá-la, invertendo-a constantemente para não encerrar o que é e o que pode o humano – do mesmo modo em que se identifica um aliado (caatingueiro) ou

um estranho (povo da rua) pelo seu desejo e capacidade de comer buchada ou farofa de vaqueiro. Logo, a comensalidade (com Caipora), a urofagia (com o Bicho) e se envultar com oração forte (com o xamã) são culinárias cosmodivergentes para tornar o humano sujeito outro, isto é, para ativar outro ponto de vista no humano. Tudo isso será relacionado com o lugar | dom do nativo-etnógrafo na trama caatingueira dos dons, o mundo dos lapigados.

Sessão 03 - ST 25: Modos de existência que brotam nas frestas: natureza e sobrenatureza em alianças insurgentes

Coordenador/a: Olivia Maria Gomes da Cunha

Debatedor/a: Rogério Louvain Viana Filho (Museu Nacional/UFRJ)

Entre feitiços e ruínas – práticas cosmo-gráfico-políticas com comunidades de Bruxarias (neo)Pagãs no Brasil

Milena dos Reis Rabelo (UFSC)

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado dedicada à realização de uma etnografia das crises climáticas com comunidades de Bruxarias (neo)Pagãs no Brasil – em particular, nos estados do Piauí, Fortaleza, Bahia, Pará, e Rio de Janeiro. Entre as questões de análise das relações intrinsecamente ecológicas dessas coletividades, destaco os meios cosmo-gráfico-políticos pelos quais imagens outras são geradas para uma terra – como deusa, mundo, e aliada política – com variadas "zonas críticas" produzidas pelo novo regime climático (Arènes; Gaillardet; Latour, 2017). Inspirada por exercícios de "Gaia-grafia" (Arènes, 2022), elejo os processos de criação de sigilos mágicos – imagens gráficas de seres outros e seus atributos geontológicos – de enfrentamento e proteção em situações de crise, como prática que anuncia formas de desenhar "coisas no mundo" que "ampliam a visibilidade do sensível" (Kofes, 2020) para um cosmos relacional e responsivo que opera como um instrumento – ou feitiço, para utilizar a gramática (neo)pagã – que corporifica na arena política a presença de vozes que excedem exigências moderno-ocidentais para sua participação (Stengers, 2018). Trata-se de uma experimentação especulativa com coletivos extramodernos (Viveiros de Castro, 2016) que anunciam modos outros de habitar ruínas (Tsing, 2019) que não se estabilizam, ao contrário,

seguem em fluxo contínuo de emergência, desdobrando-se e redesenhando-se em frestas que escapam de qualquer forma definitiva.

Cosmologias contra a mineração

Isabella Drumond Rodrigues (centro de)

Esta apresentação parte de um esforço teórico-metodológico de revisão crítica da produção antropológica sobre a mineração, com ênfase nas ontologias relacionais e nas teorias indígenas da existência. Em vez de limitar-se a abordagens centradas na exploração do trabalho ou em impactos socioeconômicos, investiga-se como diferentes mundos se relacionam com os elementos terrestres — pedras, rios, solos, minerais — a partir de regimes de existência que não operam segundo a separação moderna entre natureza e cultura, vida e não-vida. Argumenta-se que a mineração, como operador e produto do capitalismo colonial e neoliberal, atua na consolidação dessa cisão. Ao revisitar etnografias clássicas e contemporâneas (como Nash, Taussig, Povinelli e de la Cadena), propõe-se a ideia de “mineralogias não capitalistas” ou "não ocidentais" — formas de conhecimento e relação com o geos que desafiam o monopólio ocidental sobre o que conta como existência. A escassez de descrições etnográficas atentas a essas concepções não indica sua inexistência, mas revela um desafio teórico-metodológico. Ao explorar essas perspectivas, o trabalho se alinha às propostas deste simpósio temático ao destacar modos de existência que brotam nas frestas do extrativismo, compondo alianças insurgentes entre humanos, os geos e territórios ameaçados

Urbanidades indígenas da antiguidade amazônica: caminho para a construção de outros urbanos possíveis

Luísa Pflueger de Farias (UFMG)

Nas últimas décadas, arqueólogos e antropólogos que pesquisam sobre a antiguidade da Amazônia vêm usando “cidade” para caracterizar assentamentos indígenas, como forma de enfatizar a complexidade da produção espacial de povos amazônicos pré-coloniais.

A dificuldade em conceber mundos para além do ocidental/colonial/capitalista, invisibilizou por muito tempo a complexidade dos espaços transformados pelas sociedades indígenas da antiguidade. Ao nomearmos esses espaços como cidades, criamos um paralelo com

uma forma de organização que é reflexo e produto do sistema sócio-econômico que a gerou. A cidade como apogeu da civilização pressupõe que outros povos que, por qualquer motivo, não chegaram a essa forma de organização social e espacial, são menos "desenvolvidos", um retrato do passado.

Poderíamos então falar de outra definição de urbanidade, um urbano sem cidades? Não seria a arqueologia das ocupações indígenas da antiguidade uma janela para um outro futuro urbano, interrompido pela colonização? um urbano sem centralidades, sem Estado, sem a domesticação total da natureza, sem mesmo a concepção de uma natureza apartada do ser humano? Procuro tomar a produção espacial dos povos indígenas da antiguidade como forma de conceber o próprio espaço em si. É urgente compreender os mundos que produzem outras formas de transformar espaços, entendê-las a partir das próprias perspectivas indígenas, sem recorrer ao anacronismo da comparação com o que conhecemos enquanto cidade e urbanidade.

Enfrentando a hidra capitalista: Análise dos processos de construção de autonomias e resistência ao colonialismo na Costa Verde do Rio de Janeiro

Marina de Barros Fonseca (UFRJ)

Como construir rotas de fuga para os labirintos criados pelo colonialismo, que engolem territórios sob a forma de políticas extrativistas? Este ensaio apresenta os primeiros achados da minha pesquisa de doutorado, que investiga os processos de resistência ao avanço do colonialismo — com a roupagem atual de neoextrativismo e grandes projetos imobiliários — sobre os territórios de ocupação tradicional na Costa Verde do Rio de Janeiro.

O foco recai sobre comunidades impactadas por empreendimentos imobiliários de grande escala, como as de Ilha do Araújo, Saco do Mamanguá e Paraty-Mirim. A partir dessas experiências, busco compreender como se constroem formas de autonomia e resistência territorial frente à ofensiva sobre a terra, o mar e os modos de vida tradicionais.

A pesquisa também revisita a centralidade histórica das plantations, que, além de impulsionarem a economia colonial, moldaram estruturas sociais no pós-abolição e consolidaram economias racializadas nos territórios em que se enraizaram (MCKITTRICK, 2013). Entendendo a memória como fundamental na constituição dos territórios, identidades e caminhos coletivos em direção ao bem viver.

Ao longo do ensaio, discuto também as disputas em torno do uso e ocupação de Áreas de Proteção Ambiental. Assim, este texto oferece um exercício de síntese de uma pesquisa em andamento, que busca compreender os métodos de resistência territorial e suas contribuições para escapar da hidra capitalista.

Cada eu que digo é outro - Modos de Composição e Abertura de Espaços em um Movimento de Moradia no Centro de São Paulo

Camila Correa Felix (UFBA)

Esta proposta consiste na sistematização de ideias, fruto do trabalho de campo realizado junto ao Movimento de Moradia da Região Centro (MMRC), entre 2022 e 2024. Inspirada na afirmação de Roger Bastide (1958) a respeito do candomblé na Bahia, a pesquisa não descreve os Movimentos e as ocupações de moradia como instituições, ou mesmo movimentos sociais, e sim como "sistema de participações" entre prédios, moradores e lideranças. Isso porque a noção de participação como presença, operacionalizada no campo da pesquisa, instaura modos de abertura e torna palpável a experiência temporal implicada nesses processos. A moradia das famílias na ocupação é uma espécie de vínculo político constituído pela gestão de espaços e seus materiais.

Uma ocupação, muitas vezes, é feita para que uma mulher possa criar seus filhos. Em uma dinâmica dual, "eu pedi pra eles um espaço e eles me deram", torna-se possível, no interior do Movimento, a circulação de uma força, condição e efeito da produção de pessoas e coletivos. As noções de relação e de criação desdobram efeitos para a política e para o parentesco. A liderança de Movimento atua como "propiciador de ações", "que anda junto", "tal qual um chefe clastriano" (Garcia, p. 113, 2015), o caminhar junto é o princípio da coletividade. Ao mesmo tempo, os espaços são solicitados como meios de diferenciação entre eu e o outro. O Movimento político na ocupação torna tangível a diferença como matriz na composição dos espaços e da luta por moradia.



A cidade emerge do axé: Mapeando os encontros entre terreiros e a cidade de Belo Horizonte

Fabiany Silva Ferreira dos Santos (UFMG), Bianca Zacarias França (UFMG), Beatriz Natiele dos Reis Sabino (UFMG), Kayke Vinicius Costa Silva (UFMG)

Este trabalho resulta do nosso envolvimento, desde 2023, com o projeto "Cartografia e Ecologia das Práticas Afro-diaspóricas em Belo Horizonte", que tem como objetivo mapear os territórios afro-religiosos da cidade, compreendendo-os como práticas sociais e não apenas técnicas. As práticas religiosas funcionam como mapas que ampliam a percepção sobre os espaços urbanos. Esses territórios envolvem os terreiros, suas conexões com outros grupos, instituições e práticas, além dos mapas cosmológicos que ligam entidades divinas a rituais. Como afirma Juana dos Santos (2002), "os limites da sociedade egbé não coincidem perfeitamente com os limites físicos do terreiro" — incluem rios, matas, encruzilhadas, cemitérios. Em Belo Horizonte, o espaço público também compõe o corpo das casas de axé, como exemplifica a Praça 13 de Maio, que acolhe há décadas celebrações aos Pretos Velhos, tornando-se um espaço sagrado. No entanto, os terreiros enfrentam disputas com o poder público, moradores e empresas de mineração, como no caso do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango e sua luta pela retomada da Serra do Curral. Outros, como a Associação Pai Manoel de Aruanda (Lagoinha) e o Centro de Caridade Força no Caminho (Venda Nova), enfrentam desafios impostos pela urbanização e pela desigualdade. Mapear esses territórios é também reconhecer a resistência, a memória e a continuidade das práticas ancestrais afro-diaspóricas na cidade.



ST 26: MODOS DE FAZER, MODOS DE LUTAR: COCRIAÇÕES EM CORRESPONDÊNCIA COM QUILOMBOLAS, INDÍGENAS E COMUNIDADES DE TERREIROS

Coordenador(a): Zoy Anastassakis (UERJ), Renata Moreira Marquez (UFMG), Raquel Gomes Noronha (UFMA)

Sessão 01 - ST 26: Modos de fazer, modos de lutar: cocriações em correspondência com quilombolas, indígenas e comunidades de terreiros - Aldeias, cidades, terreiros

Coordenador/a: Renata Moreira Marquez (UFMG)

Debatedor/a: Isabel Casimira Gasparino (Reino Treze de Maio)

"Uma casa feita para cair" Jaraguá: desaprendendo com o morro

Rodrigo Quintella Messina (ESCOLA DA CIDADE)

A chamado dos guarani mbya da Terra Indígena do Jaraguá, alianças com os Juruá (não-indígenas) vêm sendo construídas por meio de mutirões, cursos, manifestações e vivências que atravessam fronteiras e aproximam saberes, corpos e mundos distintos. Esta pesquisa relata algumas dessas ações e relações, especialmente entre a arquitetura e a antropologia, perguntando: como o morro do Jaraguá e os guarani mbya disputam os sentidos da cidade de São Paulo que está por vir? Como arquiteto, procuro especular respostas práticas e teóricas aos desafios do Antropoceno e proponho modos de aprender, desaprender e reaprender com o Jaraguá e seus povos. Como exemplo, apresenta-se uma "Uma casa feita para cair", dos guarani mbya da aldeia yvy porã no Jaraguá, em que é necessária a constante renovação da sua arquitetura. Junto com essa renovação, deveria vir a prática de ensino para as gerações por vir sobre o cuidado para com a casa de reza, bem como as tradições guarani mbya. Assim, para os guarani mbya, dar manutenção à casa é dar manutenção à cultura, ao corpo, ao espírito. Fazer casa é fazer gente. Diferente de como aprendi, a casa, como coisa "viva", vai junto com os guarani mbya. O que se

faz numa ordem reverbera na outra, isto é, o que está em questão é um princípio de correspondência entre coisas e pessoas, um modo de relação e ação, portanto, bastante distinto daquele de minha formação. Se fazer casa é fazer gente, que tipo de gente queremos fazer ao fazer nossas casas?

Modos de pesquisar e fazer arquiteturas em co-presença Xakriabá

Lucas Carvalho de Jesus (UFMG)

Desconcertos, divergências e momentos de "não-saber" atravessaram os modos de pesquisar e fazer arquiteturas com o povo indígena Xakriabá ao longo dos últimos anos. Longe de serem obstáculos, essas situações nos obrigaram a "desacelerar", observar e pensar: como fazer pesquisa e arquiteturas estando em "co-presença" de todos os seres participantes das nossas construções coletivas? Estar aberto ao "desconcerto epistêmico", a aprender com as divergências e a "não-saber" o que fazer, não é entendido aqui como um sinal de fraqueza e sim como uma abertura fundamental para construir junto. Esta comunicação parte de um compromisso com o encontro, o cuidado e o fazer compartilhado, para discutir um método de trabalho ancorado no aprender com os deslocamentos, pausas e improvisos que emergem da "co-presença". A partir de uma pesquisa etnográfica mais ampla, que investiga os modos de construir e aprender na Terra Indígena Xakriabá, práticas cocriativas são mobilizadas demonstrando que fazer em "co-presença" exige resistir a apresentação de respostas prévias, diminuindo e transformando os ritmos e os modos de produção das pesquisas e arquiteturas "co-laborativas".

Manejo coletivo da autoconstrução originária – Lições indígenas

Thiago Magri Benucci (UFMG)

Proponho compartilhar o projeto de uma tese em construção que brota de encontros com diferentes povos e trajetórias. Uma tentativa de costurar fios de experiências anteriores, mas também que ocorrem no presente, enquanto trabalho em projetos de publicações e arquiteturas comunitárias com os povos Yanomami, Munduruku, Guarani Mbya e Krahô. Trata-se de uma forma engajada de trabalho antropológico e uma forma indigenista de trabalho arquitetônico.

Minhas referências são os saberes, práticas e trajetórias de vida, narradas pela oralidade e também pelas "oralidades impressas". São as antropologias indígenas e a crítica indígena levada

à sério. Assim, experimento "sair da teoria e priorizar a trajetória", pois como defendia o mestre quilombola Nego Bispo, "a trajetória precisa sustentar o discurso, senão o discurso não tem sentido".

Desses encontros, germinaram ideias que, nos termos da filósofa Isabelle Stengers, só poderiam nascer em um contexto de "aprendizagem situada". Deles trago lições de ética e de vida com as quais desenho proposições e estratégias. Ideias relacionadas ao "manejo coletivo da autoconstrução originária", segundo proposição de Casé Angatu. Esse é o caminho que esse texto percorre, ao menos por enquanto: a crítica indígena ao "peso da cidade", nos termos de Sergio Yanomami, é o princípio; a suficiência, a esquiva, a resistência e a retomada são o meio; e o manejo – proposição teórica-pragmática – é o fim, ou o começo.

Imponderáveis etnográficos e a recusa à interlocução: (co)produção de conhecimento em um terreiro de Candomblé Nagô em Maceió

Matheus Winicius Silva Alves (UFAL)

Este trabalho explora as práticas de (co)criação de conhecimento e os desafios da interlocução etnográfica a partir de uma pesquisa de mestrado em andamento que investiga os aspectos político-sociais, processos rituais e a tradição de conhecimento em um Terreiro de Candomblé Nagô localizado na região lagunar de Maceió, Alagoas. Nos primeiros contatos, ao apresentar o projeto de pesquisa ao Orí Egbé (Pai de Santo) do Ilê Axé, fui confrontado por sua recusa em ocupar o lugar de "interlocutor" ou "informante". Essa atitude, longe de ser um obstáculo, constituiu um pacto metodológico que subverte a relação assimétrica tradicionalmente estabelecida entre pesquisadores universitários e comunidades tradicionais. Pai Van, líder descendente de uma conhecida linhagem de terreiros nagô em Maceió, é um agente político-religioso ativo, engajado na luta e combate ao racismo religioso e na visibilidade do culto nagô. Nesse contexto, a pesquisa não se desenvolve sobre Pai Van ou sobre o terreiro, mas em colaboração com sua comunidade, que se posiciona como atores ativo e produtores de conhecimento. A correspondência e a aliança são fortalecidas pela minha própria identidade como candomblecista, o que estabelece liames de um fazer comum e um reconhecimento pautado em princípios cosmológicos e espirituais. A (co)criação de conhecimento emerge, portanto, como um processo de co-aprendizado contínuo, onde o fazer etnográfico é compartilhado entre pares.



Tecendo Saberes e Sabores: Etnografia Participativa e Decolonização Epistemológica em Conceição das Crioulas

Márcio Soares dos Santos (UFPB), Robson Xavier da Costa (UFPB)

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no sertão de Pernambuco, é um território onde os fios da resistência, da memória e da criação se entrelaçam cotidianamente. Reconhecida por sua luta histórica pela terra e por seus saberes tradicionais – como a cerâmica, o bordado e a culinária –, Conceição das Crioulas tem se afirmado também como um lugar de produção de conhecimento, desafiando os limites impostos pelo saber acadêmico hegemônico. Os livros Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (volumes I, II e III) emergem dessa experiência coletiva e representam muito mais do que registros etnográficos: constituem-se como práticas de partilha de mundos, escritas plurais que cruzam fronteiras entre pesquisa, arte, política e ancestralidade. Resultado de encontros entre moradores da comunidade, pesquisadores/as e artistas, os livros exemplificam uma metodologia de coautoria e de valorização das epistemologias quilombolas. Este estudo tem como objetivo analisar a experiência de produção desses livros à luz de uma abordagem antropológica colaborativa e decolonial. Esses volumes foram produzidos por meio de oficinas e encontros realizados na própria comunidade de Conceição das Crioulas, com a participação de moradores locais, lideranças quilombolas, artistas, professores/as e pesquisadores/as ligados a universidades brasileiras e portuguesas, especialmente à Universidade do Porto.

Modos de fazer das comunidades de terreiro para pensar a Decolonialidade Arro-brasileira

Eduardo Oliveira Miranda (UEFS), Giovani Florencio Borges (UFRJ)

Estruturando-se nos ensinamentos de Lélia Gonzalez, que afirmam a junção dos povos originários com os povos das diásporas africanas enquanto uma estrutura civilizatória chamada Amefricanidade, este resumo apresenta a Decolonialidade Afro-Brasileira como fruto dos ensinamentos dessas diásporas em terras brasileiras e um tomar de posse das epistemologias negras soterradas pelas caravelas. A expressão “Decolonialidade Afro-Brasileira”, elaborada nesta produção, se estabelece em caráter inédito dentro da Decolonialidade fecundada em diversos

países da América Latina, ao reivindicar o lugar central do território baiano, nordestino e brasileiro como chão de ser, saber, viver e compreender os corpos-territórios que o constituem. O artigo busca evidenciar a existência da Decolonialidade Afro-Brasileira, fruto dos grupos subalternizados que participaram de atos de insurgência no processo de invenção do Brasil, com ênfase nos valores civilizatórios afro-brasileiros. Dessa forma, apontamos algumas perspectivas conceituais para fortalecer a Decolonialidade Afro-Brasileira: Epistemologias dos Odus; Giro de Iansã; Corpo-território Decolonial; Abebê das Insurgências; Solidariedade Epistêmica. Estes campos conceituais são inventados a partir dos itans sobre os orixás cultuados nas casas de matriz africana no Brasil. Essa estratégia vislumbra o enfrentamento aos epistemicídios ocasionados pelas colonialidades advindas dos projetos de civilização eurocentrados.

Entre o quilombo e o terreiro: alianças afro-diaspóricas na cidade e os modos de fazer território

Daniel Henrique de Menezes Dias (UFMG), Ana Luísa Nardin Rezende de Abreu (UFMG)

Este trabalho propõe refletir sobre os cruzamentos entre dois importantes territórios de resistência afro-diaspórica localizados na regional leste de Belo Horizonte: o Kilombo Família Souza, no bairro Santa Tereza, e o Ilê Asé Sópónnòn, terreiro de candomblé da nação ketu-nagô situado no bairro Paraíso. Apesar de distintos em sua organização e fundamentos, o primeiro reconhecido como quilombo urbano e o segundo como casa de culto de matriz africana, compartilham práticas ancestrais que envolvem o cuidado com as folhas, o cultivo da terra e a realização de festas religiosas e culturais. A partir de uma escrita comprometida com a vivência no Ilê Asé Sópónnòn e com práticas acadêmicas comprometidas com modos de co-etnografar, buscamos compreender como quilombo e terreiro elaboram estratégias de resistência e reexistência, articulando espiritualidade, memória e cuidado com o território. As festas de São Cosme e Damião e a Festa Junina, celebradas pelo quilombo desde a década de 1940, e os xirês do Ilê, realizados desde os anos 1990, são analisadas como expressões da continuidade e reinvenção de tradições afro-brasileiras. Valorizando práticas cocriativas e alianças entre saberes tradicionais e acadêmicos, o texto propõe respostas ético-políticas aos desafios enfrentados por comunidades negras urbanas. Ao reconhecer vínculos geográficos, afetivos e ancestrais entre

esses territórios, contribuímos para o debate sobre modos de pesquisar, resistir e existir em companhia

Sessão 02 - ST 26: Modos de fazer, modos de lutar: cocriações em correspondência com quilombolas, indígenas e comunidades de terreiros - Narrativas, arquivos, redes

Coordenador/a: Zoy Anastassakis (ESDI/UERJ)

Debatedor/a: Emerson Pires Menezes (PPGPAT/ COC/ FIOCRUZ)

Imaginando juntos: criação compartilhada de narrativas visuais no norte de Moçambique

Eduardo Viana Vargas (UFMG), Justino António Cardoso (Independente)

Esta apresentação exibe e discute o trabalho colaborativo que venho realizando no norte de Moçambique a respeito do Corredor de Nacala e dos modos de existência e resistência das populações locais em parceria com pessoas que se reconhecem etnicamente como makuas. Especialmente, este trabalho aborda a pareceria em curso com Justino Cardoso, notável artista gráfico da região com quem tenho trabalhado nos últimos anos. Justino não tem sido apenas um guia e um interlocutor incontornável a me introduzir e ensinar sobre os modos de vida makua e a complexa história da região, mas também um autor/artista parceiro das práticas de produção de conhecimento e de expressão colocadas em jogo no curso da pesquisa. O trabalho aborda as exposições que realizamos juntos, como a intitulada Comboio d´Olhos, que circulou pelo Brasil e por Moçambique e que reúne desenhos de autoria de Justino e fotografias de minha autoria, e a intitulada Ohitthuna Amakhuwa, ou Resistência Makua – a arte gráfica de Justino Cardoso que, com minha curadoria, será realizada na Grande Galeria do Centro Cultural da UFMG em agosto deste ano, bem como os trabalhos mais recentes, como os desenhos comissionados que fez sobre o Corredor de Nacala e as imagens que estamos produzindo juntos sobre locais e situações marcantes da existência makua, imagens que consistem em fotografias que realizei com câmeras estenopéicas em locais e situações indicados por Justino e que, após impressas, foram povoadas por desenhos de Justino.



Compondo outras histórias com coleções etnográfica

Julia Sá Earp de Castro (UFRJ), Francy Fontes Baniwa (UFRJ)

Nesse trabalho propomos apresentar o projeto de Curadoria de Francy Baniwa no Projeto de Cooperação Técnica Internacional "Salvaguarda de Línguas Indígenas Transfronteiriças", produzido em uma parceria UNESCO-Museu do Índio, intitulado "Vida e Arte das Mulheres Baniwa: Um olhar de dentro para fora" . Enquanto equipe buscamos apresentar as etapas do projeto e os desdobramentos de uma metodologia de requalificação e ampliação das fichas catalográficas implementado por Francy em parceria com seu pai, seu irmão, sua Tia Dona Carol além de outras colaboradores. Neste processo, ao longo de dois anos, Francy buscou parceiras, antropólogas e amigas não indígenas ligadas ao audiovisual para atingir seus objetivos de expandir as percepções dos objetos Baniwa que compõem a sua coleção no Museu dos Povos Indígenas, alargando descrições, inserindo palavras de seu povo. Nosso objetivo é apresentar juntas um trabalho que vem sendo construído em parceria, elaborando visualidades e metodologias de compreensão dos objetos para além de suas materialidade, conectados aos territórios as pessoas e a seus gestos.

"Quem vê cara não vê ancestralidade": arquivos fotográficos e memórias insurgentes em Belo Horizonte

Priscila Mesquita Musa (UFMG)

Belo Horizonte, cidade planejada no fim do século XIX, erguida sobre o ideário de modernidade-colonialista, aliou as imagens técnicas ao urbanismo para criar uma normatividade visual presente em parte representativa das imagens oficiais encontradas em seus arquivos históricos. No embate empreendido com os arquivos pela busca por imagens históricas de Belo Horizonte que contassem histórias sabidas, mas não arquivadas nas caixas-fortes das instituições, o trabalho exercita e discute o trânsito entre saberes e arquivos. Por meio da pesquisa em 8 arquivos e 2 museus de destinação pública e com a interlocução e colaboração de Isabel Casimira (rainha conga do Reinado Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e de Minas Gerais), Júlia Ferreira (matriarca do Quilombo dos Luízes), Mana Coelho (foto-documentarista de Belo Horizonte e região metropolitana) e Valéria Borges (referência comunitária da favela Pedreira Prado Lopes) – companheiras de pesquisa que compartilharam seus acervos pessoais e

comunitários, seus olhares e saberes – elaboro os percursos nos arquivos intitulados Emboscadas, Desvios, Movimentos e Transvisualidades para discutir os modos hegemônicos de ver, as cosmovisões e as memórias e imaginações insurgentes. Sobre, com, contra e através da fotografia, propusemos, coletivamente, um pequeno acervo de narrativas dissonantes e modos de vida que se atravessam e nos possibilitam imaginar cidades potenciais que transvisualizam a fotografia, o arquivo, a cidade e a história.

Experiências de co-realização em "A Rainha Nzinga Chegou" e "Reino Treze de Maio, Histórias e Memórias Narradas por suas Rainhas, filme e livro

Júnia Torres (UFMG), Isabel Casimira Gasparino (Reino Treze de Maio)

Isabel Casimira, junto ao irmão Antônio Cassimiro, rainha e capitão mestres da tradição banto-africana dos Reinados de Manganá em Belo Horizonte, ministraram curso no Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais instituído pela UFMG em 2015, experiência de ensino e pesquisa pluriepistêmica. Isabel Casimira, exerce atualmente a função de Rainha de Congo em seu Reino e também possui o cargo de Rainha do estado Minas Gerais. Junto à Rainha Isabel, dirigimos, no contexto da pesquisa de doutoramento em Antropologia Social, um filme documentário intitulado "A Rainha Nzinga chegou" (2019) que propôs a travessia reversa (como a definiu a rainha) em direção à Angola, África, dos mestres Isabel e Antônio, em uma ação de pesquisa compartilhada e documentação audiovisual, empreendida por nós nas regiões de Pungo Andongo e Mbanza Kongo, no norte do país, lugar de antigos reis e rainhas. Associada a imagens de arquivos gravadas durante dezesseis anos de convivência junto ao "território astral" do Reino Treze de Maio, a documentação da viagem deu origem ao documentário co-dirigido pelas autoras dessa proposta. Em 2025, lançamos novo resultado de pesquisa colaborativa, dessa vez em suporte livro: "Histórias e Memórias do Reino Treze de Maio", publicação cuja autoria é da pesquisadora Rainha e a organização é da pesquisadora antropóloga. Pretendemos partilhar reflexões a partir de tais experiências de cocriação, incluindo meios de difusão no campo da pesquisa em Antropologia.



Alianças editoriais pataxoop: práticas cocriativas no projeto Saberes Indígenas na Escola

Paulo Roberto Maia Figueiredo (Magistério Superior UFMG), Paula de Souza Carmo Lobato (Cosmopoliticas Editoriais), Felipe Carnevalli De Brot (Instituto Tomie Ohtake)

Esta apresentação pretende refletir sobre os modos de produção coletiva de livros e materiais gráficos na aldeia pataxoop Muã Mimãtxi (MG), no contexto do projeto Saberes Indígenas na Escola. A partir de uma parceria entre a comunidade e nosso coletivo de pesquisadores, foram realizadas duas oficinas em que se construíram, de forma compartilhada, as bases de um plano editorial comunitário para 2025. Nesse processo, a edição foi compreendida não apenas como etapa final, mas como território de negociação entre formas distintas de narrar, ensinar e cuidar.

Ao propor uma edição com — e não apenas sobre — os Pataxoop, buscamos práticas que deslocam os processos editoriais de uma função instrumental ou ilustrativa, para que se tornem espaços de escuta, tradução situada e invenção coletiva. Cada publicação nasce de decisões tomadas em roda: o que dizer, como dizer, para quem, em que formato, com quais imagens, com quais palavras — e, também, com quais silêncios.

A pergunta que atravessa essa experiência é: como sustentar processos editoriais em que os modos indígenas de narrar o mundo não sejam enquadrados, mas possam guiar o próprio fazer gráfico? Ao trazer a edição como prática situada, esta apresentação propõe que oficinas e publicações possam operar como dispositivos pedagógicos, políticos e cosmológicos — capazes de fortalecer alianças, renovar as formas escolares e ampliar as possibilidades de autoria e escuta no contexto das lutas indígenas por educação, território e memória.

A arte como elo: cocriação entre territórios na Teia dos Povos-MG

Mariana Angelis Ferreira (UFMG)

O trabalho proposto visa refletir sobre as alianças artísticas, ou a arte como elo, entre territórios e comunidades que estão junto à terra (ou lutando por ela), tais como os quilombos, aldeias e ocupações. Para essa reflexão, trago a experiência da Teia dos Povos que vêm se construindo em Minas Gerais.



A Teia dos Povos é uma aliança entre diferentes territórios, comunidades e grupos, no campo e na cidade. Trata-se de uma confluência que reúne indígenas, quilombolas, ribeirinhos(as), sem terra, sem teto e muitos outros (chamados núcleos), juntamente com educadores, estudantes e coletivos (que são os elos), atuando em teia - nacional e regionalmente. O princípio que rege essa articulação e seus passos é a busca pela autonomia dos povos, principalmente por meio da terra e do território - mas também da educação, espiritualidade e modos de vida.

Em Minas, vem se cocriando, nestes moldes, desde o início de 2023. A fim de pensar como essas alianças se tecem também por meio da arte, proponho pensar a criação do Boi do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, que nasce da confluência entre o kilombo e o Boi do Concórdia, do Reinado 13 de Maio, também localizado em Belo Horizonte.

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de Doutorado em andamento na Escola de Arquitetura da UFMG, e que também está vinculada à minha atuação enquanto elo-designer junto à Comunicação da Teia dos Povos-MG.

Ide em comunhão: caminhadas na mata do quilombo de Croatá, em Januária, no Gerais

Gleydson Vicente Mota (UFMG)

No Croatá, quilombo ribeirinho ao Rio São Francisco, em Januária, no Gerais, o território é moldado pelas águas. O correr do rio dita não somente a paisagem, mas a organização social e a mobilidade dos viventes. Quando o rio está na baixa, é tempo de pescar. No tempo das águas é intenso em mobilidade. Quando as águas recuam e deixam o lameiro, é o momento de plantar, de cuidar da vazante. Este correr da vida diz das pessoas humanas, mas também impulsionam a circulação dos animais, a germinação de frutíferas e a regeneração da vegetação.

Território em disputa, por décadas sofreu com invasões e grilagens por parte de fazendeiros, que promoveram o desmatamento para formação de pastagens. Em resposta, a comunidade tem mobilizado processos de retomada: reconduzindo áreas degradadas ao uso coletivo, recuperando a vegetação nativa e reafirmando sua permanência.

Foi nesse contexto que, a convite do Sr. Arnaldo e Enedina, lideranças deste território, realizamos caminhadas pela mata e seus caminhos de rio. O convite surgiu do carinho mútuo pelas

plantas. Caminhamos para coletar folhas e cascas de árvores que comporiam uma prensa botânica comunitária.

A caminhada foi também um gesto de pesquisa, entendendo o caminhar como modo de escuta, de presença e de construção de sentido. É nesse deslocamento que o conhecimento se faz, relacional e partilhado, nos rastros das águas, sentindo o espírito da mata. Este texto apresenta as impressões do caminhar compartilhado na mata do Croatá.

Sessão 03 - ST 26: Modos de fazer, modos de lutar: cocriações em correspondência com quilombolas, indígenas e comunidades de terreiros - Desenho, vida cotidiana, cocriação

Coordenador/a: Raquel Gomes Noronha (UFMA)
Debatedor/a: Daniel Henrique de Menezes Dias (NPGAU/UFMG)

Temporão em dois tempos: aprendizados do fazer em companhia das águas e seus habitantes

Aline Furtado Franceschini (UFMG), Gleydson Vicente Mota (UFMG)

No tempo das águas de 2022, o jogo Temporão foi distribuído em escolas e pontos de cultura São Franciscanos. Em um tapete e nos cartões postais que o acompanham, o jogo convida para conhecer o território do Rio São Francisco e seus afluentes.

Somos acompanhados nesta pesquisa por pessoas humanas que são barranqueiras, plantadoras de água, entre outras, mas também abóboras, buritis, cachorros, gameleiras, minas d'água e outros seres-rio que não humanos. Em um primeiro momento, o texto pretende contar sobre o processo de construção do jogo Temporão, que foi desenvolvido por um grupo de seis pesquisadoras, três de nós em Belo Horizonte e outras três no território. O jogo, que inicialmente tinha como proposta acontecer a partir de visitas ao território, se adaptou devido às impossibilidades de deslocamentos por causa da pandemia da COVID-19.

Agora, é prevista uma nova tiragem deste trabalho e neste segundo tempo, nossa proposta é revisitar esta produção e, a partir de seus desdobramentos, discutir os desafios de um co-trabalho, onde pessoas e mundos tão diferentes se encontram. Seja na tentativa de trazer os mais-que-

humanos para um jogo humano, ou na produção coletiva entre pesquisadores, o mesmo fazer em companhia que traz diversidade, explicita as diferenças e impossibilidades de uma construção em companhia. Percebemos que este modo de fazer explícita diferenças entre nós, desta maneira, neste texto pretendemos discutir os limites e possibilidades do fazer em companhia.

A Cozinha das Tradições como território de saber: cocriando com mestras e mestres ancestrais

Emerson Pires Menezes (Fiocruz), Marcelo da Paz Rocha (Fiocruz), Danielle Theodoro Canicio (UFRJ), Nina Pinheiro Bitar (UFRJ)

A Cozinha das Tradições (CdT) é uma iniciativa que celebra e valoriza a cultura alimentar de povos e comunidades tradicionais do estado do Rio de Janeiro. Foi construída a partir do mapeamento de mestras e mestres de cozinhas ancestrais em todo estado, e culminou na criação de um espaço instalativo na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ), localizada na Lapa, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Além de um coletivo organicamente gerido, composto majoritariamente por mulheres afroindígenas, é hoje também um projeto de extensão. Desde 2024, pesquisadoras e estudantes têm se reunido às mestras e mestres da CdT que residem no Rio de Janeiro, para uma série de atividades. Temos feito atividades nos equipamentos da cozinha instalada no quintal da Esdi, nos territórios onde as mestras e mestres vivem e atuam, bem como em outras instituições acadêmicas. Nesses espaços, atuamos com oficinas de plantio, alimentação, debates e vivências, proporcionadas pelo encontro desses saberes ancestrais. Pretendemos neste trabalho apresentar as atividades que temos realizado e trocar experiências sobre como tais saberes ancestrais podem ser incluídos e dialogados com saberes acadêmicos/universitários.

Quilombo do Salgueiro: patrimônios imateriais como práticas germinantes às crianças, herdeiras dos saberes ancestrais

Marcelo da Paz Rocha (Fiocruz), Emerson Pires Menezes (Fiocruz), Danielle Theodoro Canicio (UFRJ)

O quilombo do Salgueiro é uma comunidade tradicional, na cidade do Rio de Janeiro, que comunga com muitas referências culturais distintas, mas singulares no seu conjunto: Caxambu do

Salgueiro (Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil); Folias de Reis; Maculelê; Capoeira e Samba. São saberes e fazeres que remetem às ancestralidades que habitaram esse quilombo urbano, uma das primeiras ocupações do Costão da Tijuca que, inclusive, dão continuidade às práticas que as antigas pretas velhas e pretos velhos já faziam à época em que, nestas encostas, plantam café e cana-de-açúcar quando eram mantidos escravizados pelos senhores portugueses que os mantinham sob cativeiro. Tais práticas se somam a outros fazeres, igualmente ancestrais, mas que se manifestam nos modos de cozinhar, nas práticas de plantar e colher para essa cozinha tradicional. E não só às cozinhas se prestavam as PAMAs (plantas ancestrais medicinais e alimentícias), mas como este próprio nome as designa, às práticas medicinais que são reconhecidas nesse território. Portanto, é desta forma que pretendemos apresentar este trabalho, recontando como temos mantido vivas essas formas germinantes às nossas crianças – herdeiras desse território ancestral e quilombola, trocando informações com outras pessoas estratégicas dentro da academia.

Cosmogramas africanos: cartografias de reexistência

Carolina Noury (Esdi/UERJ), Marina Sirito de Vives Carneiro (Fiocruz)

Diante das estratégias de apagamento impostas pelo colonialismo, a cultura diaspórica, como a cultura de terreiro, emerge como forma de resistência e reconstrução coletiva. A diáspora marca uma perda de referências identitárias e de mundo, sendo a coletividade o caminho para reconstituí-las. Nesse processo, a cultura não se apoia no indivíduo, mas na força do comum. O chão dessas experiências — feito de memórias, rituais e práticas — conecta esse chão que pisamos com aqueles chãos do outro lado do Atlântico. Como afirma Luiz Rufino, trata-se de uma pedagogia das encruzilhadas, em que saberes são vividos, cantados, dançados e partilhados. O terreiro, entendido como forma atualizada do quilombo, é um espaço de recriação do viver em comum, articulando alianças, cuidado e resistência nas práticas coletivas e na relação com a t(T)erra. Os cosmogramas africanos, como os pontos riscados, os vèvè do vodu haitiano e as firmas do Palo Monte em Cuba, também operam como cartografias capazes de refazer outros chãos. Conectam a ancestralidade e o tempo presente e futuro, o material e espiritual, estruturam ritos e gestos cotidianos como formas de reexistência que encarnam uma ética de cuidado, relação e presença. Reunir essas práticas na pesquisa é um gesto ético e político. O terreiro como

quilombo, os cosmogramas como mapas de reexistência e a escrita como aliança nos convocam a estar com — e não apenas falar sobre — aqueles que resistem à devastação colonial.

Especificação e processo de desenvolvimento de uma plataforma web para cartografia dos terreiros em Belo Horizonte

Alan Jovane Vilaça (UFMG), Rogério Brittes Wanderley Pires (UFMG), Núria Manresa Camargos (Prefeitura de Belo Horizonte)

Na pesquisa "Cartografia e ecologia das práticas religiosas afro-diaspóricas em Belo Horizonte", construímos um website com camadas sobrepostas de informação (narrativas, registros audiovisuais, mapeamentos colaborativos) para representar “a Belo Horizonte dos terreiros”. Em vez de localizar casas religiosas em mapas pré-existentes, a pesquisa quer ver a cidade da perspectiva dos terreiros, mapeando conexões entre espaços, trajetórias e histórias de pessoas, entidades, divindades, saberes e práticas dos povos de axé. Um experimento imagético que tensiona a cartografia hegemônica registrando modos de habitar, experienciar e se relacionar dessas comunidades com o território urbano, suas águas, matas e demais seres mais-que-humanos. Nossa apresentação descreve algumas fases da pesquisa, dando atenção a dois elementos. Um é o dilema entre produzir uma cartografia mais experimental, que obvie as formas dissidentes de espacialidade expressas pelos povos de terreiro, ou ater-se a mapas mais tradicionais, o que permitiria ações mais engajadas na luta por políticas públicas. O outro trava diálogo com a engenharia de software, demonstrando que o desenvolvimento do site vai além de especificar e atender requisitos: busca um software alinhado aos objetivos da pesquisa, que dialogue com as epistemologias dos terreiros. Assim, o processo de desenvolvimento torna-se um exercício de adaptação crítica das práticas convencionais de especificação de requisitos de software e programação.

Friccionando fronteiras: designantropologia na construção de políticas outras

Imaira Portela de Araujo Medeiros (UERJ), Imaira Portela de Araujo Medeiros (UERJ), Luiz Claudio Lagares Izidio (UFMA), Adson Pinheiro Queiroz Viana (UEMG)

Inspirados pelo Design Anthropology, há mais de 10 anos o Grupo de Pesquisas [omitido para revisão] desenvolve no Maranhão projetos para a construção de materialidades com grupos

produtivos locais, vinculados à produção artesanal, aos territórios ancestrais e à terra. Embora nossas referências teóricas tenham se iniciado no Norte Global, os desafios enfrentados em campo — distintos daqueles vividos por democracias de bem-estar social — nos exigem uma postura aliada à luta contracolonial. Para Nêgo Bispo (2023), os saberes tradicionais de seu povo não foram colonizados, portanto, não há o que decolonizar: há que se combater. Ele propõe, então, friccionar as fronteiras entre "diversais" e "colonizadores". Assumimos a fronteira como categoria de pensamento/ação, território de disputa e movimento, para propor um design de/na fronteira, que desafia as lógicas cartesianas de projeto e abre espaço para ações orientadas por outras cosmogonias, materialidades, temporalidades e ontoepistemologias. Assim como nos instigam Despret (2021) e Tsing (2021) a pensar com polvos e fungos, nos disponibilizamos a pensar com o corpo, barro, bactérias, chuva, um rio assoreado, a morte de um ente querido. Neste fluxo, apresentaremos parte de nossas pesquisas envolvendo grupos de artesãs, movimentos sociais, um centro de referência para economia solidária e um projeto de desenvolvimento de biotecnologia para regeneração de práticas artesanais e tradicionais em cerâmica junto à comunidade criativa.

Designantropologia no Brasil: uma aproximação

Manuela d Albertas Gomes de Carvalho (DESIGNER)

Este artigo almeja refletir com a investigação, apresentada como dissertação da mesma autora, de como tem se dado, no Brasil, encontros entre design e antropologia, em sua associação ao que podemos denominar de designantropologia (IZÍDIO, FARIAS, NORONHA, 2022, p. 5), ou design anthropology, em inglês, que resultam de uma série de práticas de correspondência entre esses campos do saber. A pesquisa evidencia a capilaridade que a abordagem tem no Brasil, tendo o LaDA (Laboratório de Design e Antropologia - ESDI/UERJ) e o NIDA (Núcleo de Inovação em Design e Antropologia - UFMA) como seus principais núcleos de produção. Assume uma diversidade de em sua nomenclatura - abordagem, subcampo, filosofia, entre outras - na medida em que entende DA em constante reformulação e movimento, mas com existência consolidada no Brasil como modo indisciplinado de produção de conhecimento. Modo este engajado em desconstruir formulações genéricas que marcam a origem do design moderno - desenvolvimentista e homogeneizador -, disposto a refletir e construir por meio de práticas radicalmente situadas e atentas às relações hierarquicas de poder existentes em nossos territórios.



ST 27: MUNDOS DAS ÁGUAS: EMARANHAMENTOS E AGENCIAMENTOS EM TEMPOS DE CRISE

Coordenador(a): Eliana Santos Junqueira Creado (UFES), Luiz Felipe Rocha Benites (UFRRJ), Winifred Knox (UFRN)

Sessão 01 - ST 27: Mundos das águas: emaranhamentos e agenciamentos em tempos de crise

Coordenador/a: Winifred Knox (UFRN)

Debatedor/a: Luiz Felipe Rocha Benites (UFRRJ)

A flúvio-epistemologia espiritual em tradições religiosas da Tanakh, em Oxum e povos do grupo Tukano Oriental

Gabriel Diniz Gruber de Oliveira (USP), Emanuely Miranda Nogueira Rangel (UNIR)

A partir de Stengers (2017), Gebara (1997) e Carneiro (2005), este trabalho começa observando como a ciência universaliza a razão como única forma possível de conhecimento, fundando uma perspectiva desgastada e violenta sobre as existências e epistemes não ocidentais. Para escapar disso, defendemos a necessidade de honrar a espiritualidade como forma legítima e potente de pensar.

Segundo bell hooks (2020), o despertar espiritual envolve o amor por seres que partilham tempo e lugar conosco. Interessando-se por desviar de violências epistêmicas, este trabalho busca se conectar com os rios, investigando suas potências sagradas e decoloniais em três tradições religiosas: Tanakh a Bíblia, povos do grupo Tukano Oriental e Oxum.

Na primeira das espiritualidades, argumentamos o papel dos rios no que tange à resistência política e fertilidade imaginativa como ferramenta contra as violências sociais. Para os povos Tukano Oriental, decidimos nos atentar à relação dos rios com suas origens como um território-mítico que assegura a identidade. Na espiritualidade africana e afro-brasileira de Oxum, os rios propõem uma forma de reencantamento e confluências existenciais.

Buscando escutar os rios (Krenak, 2022), este trabalho percebeu que eles aparecem, nas tradições religiosas estudadas, como seres que cocriam possibilidades de vida conosco. Isso nos leva a experimentar uma epistemologia que se esforça para desviar de colonizações, que nos coloca em relações e que honra espiritualidades.

"Se dar no mar": reflexões em torno da maritimidade junto a pescadores embarcados do/no litoral sul do RS- Brasil

Gianpaolo Adomilli (FURG)

Como se torna pescador embarcado e de que modo poderíamos considerar a maritimidade - entendida como relação que se estabelece com o mar - a partir do viver em um ambiente atravessado pelas águas? Partindo dessas duas questões que se complementam, busco elaborar algumas reflexões sobre a noção de maritimidade, retomando parte da etnografia de minha pesquisa de doutorado realizada junto a uma comunidade pesqueira. Assim, trato de pensar a maritimidade relacionada a processos de aprendizagens de pescadores embarcados em suas práticas cotidianas. São aprendizagens que ocorrem através da experiência, de forma visceral, no ambiente marítimo-costeiro. Esse processo diz respeito ao desenvolvimento de novas habilidades através do engajamento na vida embarcada. É por esta via que busco apresentar especialmente a dimensão do enjoo, vivenciado pelos embarcados quando estão no mar, e que seria, portanto, uma dessas manifestações referentes à maritimidade. Os limites relativos ao espaço do barco, causando certo "confinamento" em grupo, e a alteridade radical deste deslocamento, propiciaram uma grande intensidade de vivencias junto à tripulação, em um "devir" embarcado. As noções de maresia que busco apresentar nesse contexto, se constituem enquanto alguns desses atravessamentos do/no ambiente. A expressão nativa "se dar no mar" passa pela relação com o enjoo, revelando de que forma os corpos são afetados e o que isso nos elucida sobre a noção de maritimidade e de se tornar embarcado.

(In)finitas águas do mundo: uma visita à terra do gelo

Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)

Em uma breve estadia um tanto quanto impensada na Islândia, em um período de reflexão sobre perdas as mais variadas, uma antropóloga encontra-se com engajamentos aquáticos em que

a água emerge como pura e potável, em torneiras e em corpos d'água. E, ainda, como dádiva em restaurante vegano frequentado por turistas internacionais. Essa estadia permite pensar em como rios são tratados em seu país de origem, explorando um certo contraste, mesmo que cauteloso, dadas as próprias dinâmicas aquáticas metamórficas, com um rio de nome Doce que foi assolado por um crime-desastre causado por mineradoras e seus parceiros. A normalização de (certos) desastres nesse período chamado de Antropoceno será pensada à luz de diferentes contextos etnográficos, referências bibliográficas e análises documentais.

Entrelaçamentos mais-que-humanos: o caso do Rio Botas

Carolina Santos da Silva (UFRRJ)

O presente trabalho tem como intuito analisar o impacto das mudanças climáticas nas relações dos moradores do município de Nova Iguaçu-RJ, mais especificamente no entorno do Rio Botas, a poucos quilômetros do centro do município. O Rio Botas apresenta margens degradadas e com alto índice de poluição, possuindo casas com fundação no leito do rio, despejo de dejetos in natura e desvios em sua rota.

O Rio Botas atravessa diversas cidades da Baixada Fluminense, possuindo 25 km de extensão e cerca de 20 afluentes que cortam os municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo e Queimados. O período de chuvas na região comumente se concentra entre os meses de novembro e abril, agrupando cerca de 75% do volume das chuvas do ano.

Com as anomalias causadas pelas mudanças climáticas, eventos extremos são cada vez mais frequentes, ocasionando grandes períodos de seca seguidos por chuvas intensas que acarretam alagamentos, proliferação de doenças e convivência com outros entes mais que humanos, comumente chamados de "pragas urbanas". As enchentes em Nova Iguaçu não são apenas um fenômeno climático, mas refletem uma complexa teia de desigualdades sociais, raciais e ambientais. Assim, pode se tornar um ponto chave para discutir as camadas de exclusão que operam na distribuição espacial urbana bem como as relações mais-que-humanas que se estabelecem nessa paisagem.



Sessão 02 - ST 27: Mundos das águas: emaranhamentos e agenciamentos em tempos de crise - Mineraloceno

Coordenador/a: Luiz Felipe Rocha Benites (UFRRJ)

Debatedor/a: Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)

Águas como sujeitos de direito: os casos do Rio Doce, Rio Lage e as Ondas de Regência-ES

Amanda Kapiche Brito (UFES)

Apesar dos inúmeros engajamentos existenciais que as águas mobilizam para além da sobrevivência dos seres vivos na Terra, ainda não parece ser suficiente para o reconhecimento delas como sujeitos de direitos, de modo a observar todos entraves que permeiam essa discussão em território nacional, até mesmo os que envolvem contexto de crimes-desastres, como o caso do rompimento da barragem da Samarco em 2015. Em meio ao cenário de indeterminações acometidas pelas fraturas ambientais e coloniais, as histórias dessas águas e seus cursos confluem nessa luta colaborativa. Sendo o Rio Doce invadido pela enxurrada de rejeitos de mineração, o qual buscou ser reconhecido como sujeito em 2017 por meio do documento protocolado pela Associação Pachamama, o Rio Lage, localizado em Rondônia, como o primeiro rio a ter seu reconhecimento como sujeito de direito validado em território nacional e as ondas de Regência-ES, na foz do Rio Doce, sendo as pioneiras mundiais no reconhecimento das ondas como seres vivos. A partir da análise dos documentos referentes a essas defesas efetivadas com e pelas águas, esse estudo visa tecer reflexões baseadas na legitimidade da teia de relações sociais, afetivas e políticas que ultrapassam a exclusividade humana e a exploração de recursos, de modo a possibilitar horizontes de fazer-com outras existências mais que humanas.

Um rio que resiste : transformações das relações entre a comunidade de Regência (ES) e o Rio Doce após a catástrofe de Samarco (2015)

Juliette Woitchik (UCLouvain Saint-Louis Bruxelles)

Em 2015, o Rio Doce, no Brasil, foi palco de um dos maiores desastres de mineração do mundo. Além do evento em si, as pessoas que vivem às margens do rio estão se perguntando como

poderão continuar a viver diariamente em uma área que agora está contaminada com metais pesados. O que aconteceu com o rio para as pessoas que estão familiarizadas com ele?

A partir da perspectiva de uma antropologia "além do humano" analisarei as maneiras pelas quais esse desastre transformou o rio doce e seus componentes, ameaçando a multiplicidade de relações que a comunidade de pescadores de pequena escala de Regência (Espírito Santo) tinha com seu rio e forçando novas (re)composições sociais e territoriais. Enfatizarei o poder destrutivo da catástrofe e o "silenciamento dos mundos" que ela provoca, ao mesmo tempo em que mostrarei como certas relações resistem a ela, embaralhando as cartas em uma situação em que tudo parece ter sido decidido com antecedência.

Ser-rio entre as catástrofes do Mineraloceno

Everton Jubini de Merícia (Prefeitura de Contagem)

Os desastres criados pela indústria extrativa-mineral podem mobilizar uma extensa e complexa trama composta por seres humanos e outros viventes, cujas vidas moldam e são moldadas com e pelos rios. A partir de uma abordagem multiespécie, neste texto procuro descrever e refletir sobre ligações sensíveis possíveis entre sujeitos diversos e o rio Gualaxo do Norte que foi severamente atingido em 2015 pela lama de rejeitos oriunda da barragem de Fundão, de propriedade das mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton. Entrelaço narrativas sobre episódios que vivenciei enquanto assessor técnico às vítimas do crime em Mariana, obras (áudio)visuais, cartografias e arquivos. Ao combinar tais práticas de aprendizagem, é possível observar outras socio-espacialidades que se constituem sobre a memória e a história da mineração neste território – da colonial à neoextrativista - e que excedem os próprios limites físicos em torno do curso d'água – expandido para o Atlântico Sul. Agências múltiplas deste ser-rio, diante das incessantes catástrofes da mineração, põem em perspectiva uma outra política de visibilidade sobre sujeitos outros-que-humanos apartados das ações de reparação, através da qual a terra incógnita do futuro pode ser imaginada não a partir de um desejo projetivo e controlador que vislumbre o recentramento do homem e a reestruturação do poder, mas de mundos habitados por outras "gentes" enquanto força capaz de liberar o mundo por vir das ruínas do presente.



O que os organismos podem nos dizer sobre contaminação/reparação? Uma reflexão sobre recalibrar as ferramentas da antropologia para nos equipar ao estudo de paisagens arruinadas

Gabrielly Merlo de Souza (UFES)

A Antropologia tem sido convocada a olhar para o design não intencional das paisagens. Entre outras coisas, essa noção chama atenção para o descentramento do humano nas histórias que contamos. As histórias humanas seriam tão relevantes quanto as histórias não humanas: "é aqui que a curiosidade e a imaginação entram em jogo" (Tsing, 2023). Nos estudos voltados para impactos socioambientais e desastres ecológicos – isto é, o nosso mundo no Antropoceno –, o olhar para o design não intencional nos leva a histórias de perturbação em que humanos e não humanos são autores e vítimas. Em minha pesquisa de pós-doutorado, tomo como evento crítico o crime-desastre da Samarco, ocorrido em 2015 no município de Mariana (MG), o qual analiso a partir de estudos de ecotoxicidade das águas e do solo. Entre os levantamentos, um ponto chama minha atenção: a ação dos fungos micorrízicos arbusculares como agentes de melhoramento das condições físicas dos solos. Entendendo tal agência como "respostas" dos organismos às ecologias antropocêntricas, este trabalho tem como proposta apresentar o universo dos fungos micorrízicos e sua complexidade micelial na gestão tecnocientífica do meio ambiente. Como pensar com os fungos pode ser um modo de pensar as ecologias de distúrbio? Como a escala de perturbação, a materialidade dos ambientes vivos e seus organismos se intercalam com essas questões? O diálogo interdisciplinar e interespecífico impõe tanto limites quanto possibilidades nesse debate.

Transição energética e os rompimentos de barragem - Agenciamento das águas entre ODS e mineração

Bianca de Jesús Silva (UNICAMP)

Entre os anos de 2015 e 2019, ocorreram os rompimentos das barragens de rejeitos de mineração de ferro no Sudeste brasileiro, que evidenciaram uma série de problemáticas atreladas à atividade de extração mineral no país. Os rompimentos promoveram transformações de diversas ordens nos territórios atingidos, dentre elas, a gestão hídrica, comprometendo os rios Doce, Paraopeba, o oceano Atlântico e os sistemas de abastecimento das casas de pessoas atingidas. Nesse sentido, compreende-se que a dimensão voltada para os usos múltiplos das águas se torna

um agenciamento importante para analisar os efeitos da atividade minerária no Brasil. Inserido nessa discussão, busca-se analisar como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU e as discussões sobre a transição energética podem ser pensados diante dos problemas associados aos usos múltiplos das águas em contexto de desastres. Sendo assim, esta proposta problematiza a extração de minerais críticos, tendo como referência o Atlas Mapeando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na Mineração, de 2017, que indica o setor como estratégico para a transição energética, em contraste com o ODS 6 - Água Potável e Saneamento. O argumento central do paper é explicitar como a mineração pode ser compreendida como uma alternativa infernal, em que implicações desses regimentos se apresentam nos crimes-desastres, que mobilizam questões sobre acesso às águas, escassez hídrica e emergência climática, como consequências da mineração.

Sessão 03 - ST 27: Mundos das águas: emaranhamentos e agenciamentos em tempos de crise - Modos de vida(s) e trabalho

Coordenador/a: Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)
Debatedor/a: Winifred Knox (UFRN)

Águas da Baía: entre casas, mangues e marés

Maria Marcelina Cardozo Teixeira Azevedo (PPGAS/MN/UFRJ)

Guiada pelos manguezais e pelas marés do Rio Paraguaçu, Recôncavo Baiano, este trabalho explora os ritmos e os movimentos dos viventes, humanos ou não, bem como as águas da Baía do Iguape. Nessa baía, as águas, regidas pelas luas e ventos, determinam os tempos e os ritmos de diferentes seres e paisagens. Os ritmos do caminhar, pescar e mariscar de meus interlocutores da comunidade pesqueira e quilombola São Francisco do Paraguaçu (Cachoeira-BA) nos conduzem aos seus espaços de trabalho e às relações que se constroem nas marés e nos manguezais, estes de agência própria, que interagem, à sua maneira, com as experiências vividas pelos demais seres ali habitam.

Os múltiplos usos da água, tanto materiais quanto simbólicos, estão intimamente conectados ao engajamento das pessoas e às suas experiências sensoriais com o ambiente. Desse modo, por meio das atividades realizadas por meus interlocutores na Baía do Iguape do Rio

Paraguaçu e inspirada em Olivia Cunha (2022), proponho uma reflexão sobre a importância da água, elemento essencial à vida na terra, embora esta, a terra, seja frequentemente centralizada em debates sobre mudanças climáticas. Esta discussão visa redirecionar nossas perspectivas humano-centradas e terrestres para as vidas intra-humanas e demais seres das águas, nos atentando às ontologias submersas como condição de possibilidade no plantationceno.

Manguezais em transformação: análise das memórias de pescadoras e catadoras de caranguejo em Magé/RJ

Emily Vieira Ferreira (UFRRJ), Luiz Felipe Rocha Benites (UFRRJ)

Os manguezais, ecossistemas amplamente presentes na paisagem mageense, têm sofrido diversas transformações ao longo dos anos. Essas mudanças são causadas tanto pelos vazamentos de óleo, que arruínam as paisagens, quanto pelas novas formas de percepção e relacionamento estabelecidas por legislações ambientais. Este trabalho ocupa-se em analisar como a degradação ambiental afetou sobremaneira as relações socioambientais desenvolvidas às margens da Baía de Guanabara. Refere-se a uma tentativa de refletir, a partir das impressões de mulheres aposentadas da cata de crustáceos e da pesca, a modificação das relações decorrente do comprometimento da vida marinha. Reconhecendo o manguezal como uma paisagem viva, busca-se também pensar a memória das interlocutoras a partir de sua dimensão coletiva, estabelecendo conexões temporais entre suas assimilações e diferentes práticas de cuidado geradas por essas mudanças. Conclui-se que, a deterioração da biodiversidade que coabita os manguezais de Magé provoca transformações nas relações multiespécies, alterando suas formas de perceber e se integrar a essa paisagem danificada.

Plantar água, plantar florestas para construir oásis florestais em territórios tradicionais

Paulo Dimas Rocha de Menezes (UFSB), Janaina Almeida da Costa (Grupo Ambiental Natureza Bela), Guilherme Brant Drumond Soares (NATUREZA BELA)

A crise climática, rumo ao colapso criado pela “Hidra Capitalista”, traz um desafio nunca enfrentado pelas humanidades — talvez. Em 1977 Ab’Sáber registrou em mapa os “Domínios Naturais da América do Sul”, a paisagem morfoclimática e fitogeográfica do continente há 13.000

anos do presente, quando famílias originárias já viviam aqui. Se o futuro é ancestral, o mundo por vir pode ser semelhante ao de seus primeiros habitantes: caatinga expandida ao sul até a Guanabara, à leste até o mar, com refúgios florestais de biodiversidade, em zonas úmidas cercadas de semiárido, no Sul da Bahia. Ali, hoje, povos indígenas, comunidades tradicionais e assentamentos rurais já notam a terra mais seca em seus plantios, o avanço da estiagem sobre as estações das águas, os incêndios florestais recorrentes. Nesta parte da Mata Atlântica, acostumada com chuvas bem distribuídas ao longo do ano, assistem a trombas d'água concentradas, que carreiam solos, destroem plantios e isolam comunidades nas enchentes. Os encantados avisam, as ciências concordam: estará pior em muito pouco tempo. A construção de oásis em territórios tradicionais, ilhas de terras umedecidas e florestas sociobiodiversas, é uma visão a ser compartilhada entre os povos em luta por terra e território da região. Ao testar técnicas do cerrado e semiárido para retenção de chuvas no solo e nos lençóis freáticos, uma retomada Pataxó experimenta plantar água para replantar suas agroflorestas ancestrais, as florestas de seu futuro.

Contaminações cruzadas: invasores peçonhentos e águas envenenadas em práticas de comunidades pesqueiras tradicionais de Icapuí (CE)

Guilherme Henrique Vasconcellos Leonel (UFSC)

O presente trabalho, parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, propõe observar as escolhas técnicas (Lemonnier, 1993) e os modos de produção da paisagem em contextos de invasão biológica, tendo como caso particular a presença do peixe-leão (pterois volitans) no litoral nordestino e sua relação com as marambaias — recifes artificiais feitos artesanalmente por pescadores locais com objetos como pedaços de carro, eletrodomésticos e tonéis usados de agrotóxicos. Ocupando o topo da cadeia alimentar nos ecossistemas invadidos, o peixe-leão, espécie predadora exótica e peçonhenta, torna-se envenenado pela paisagem costeira cearense ao concentrar em seu corpo altos índices de metais pesados que são liberados no ambiente marinho pelos materiais usados na produção desses recifes e contaminam as espécies das quais ele se alimenta. Assim, pensando as marambaias como modos tecnodiversos (Hui, 2020) de produção da paisagem, este trabalho pretende refletir sobre como estes recifes artificiais simultaneamente invertem os pólos da relação de envenenamento entre humanos e peixes-leão e complexificam os modos de manejo da invasão biológica ao tornar a carne dos pterois volitans imprópria para

consumo; e quais são as técnicas, ferramentas e possibilidades de devir-com (Haraway, 2023) que emergem nas práticas de pescadores, pesquisadores e gestores ambientais para habitar essas diversidades (duplamente) contaminadas (Tsing, 2022).

Trajetos do Sistema de Abastecimento de Água (SAA): a água como um meio relacional de humanos e mais que humanos em comunidades indígenas Mbya Guarani em Santa Catarina

Bruna Cobelo Pinelli (UFSC)

Nesta pesquisa penso a água como meio para um movimento relacional interespécies, atuando dentro de uma rede de seres humanos e mais que humanos. Dessa forma, participa das relações com outrem, reage, é transformada e produz relações intrincadas com outros significantes. Aspiro, assim, pensar nos efeitos que a água gera dentro do Sistema de Abastecimento de Água (SAA) nas comunidades indígenas Mbya Guarani, a Tekoa Vy'a e a Tekoa Pira Rupa, ambas localizadas em Santa Catarina. A investigação abrange as diferentes formas de acessos e disponibilidades nas aldeias, considerando como e por quem esses recursos são geridos, além de identificar os sujeitos envolvidos nos seus usos e desusos. A partir do SAA compreendo o papel dos objetos técnicos e das infraestruturas que se encontram em ação nestes trajetos da água, como tubulações, torneiras, filtros, bombas, proteção de nascente etc. Observando desde o manancial até a distribuição final para casa dos moradores das aldeias. Me preocupo em analisar: quais os cuidados com a água neste trajeto? Qual a função dos Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) e das mulheres neste caminho? Quais agentes mais que humanos que se encontram neste percurso? Água? Canos? Caixa d'água? Bactéria? Coliformes? Pedras? A proposta é observar a vida social da água, capaz de gerar uma rede de relações e cuidados. Como também permite uma reflexão sobre os desafios e problemas sociais vinculados ao saneamento indígena contemporâneo.



ST 28: PEDRA, PLANTA, BICHO, GENTE… COISAS: ENCONTROS DA TEORIA ATOR-REDE COM AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Coordenador(a): Viviane Fernandez de Oliveira (UFF), Raphael Vianna (UFRRJ), Edilaine Albertino de Moraes (UFJF)

Sessão 01 - ST 28: Pedra, planta, bicho, gente… coisas: encontros da teoria ator-rede com as ciências ambientais - Pedagogia & TAR

Coordenador/a: Viviane Fernandez de Oliveira (UFF)

Encontros de doutorandos em ciências ambientais com a antropologia dos objetos de Bruno Latour: desafios e recursos vivenciados na elaboração dos relatos

Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (UERJ), Fátima Teresa Braga Branquinho (UERJ)

Sabemos o que caracteriza uma tese de doutorado é a dedicação dos doutorandos em atender a todos os critérios para a elaboração de um texto dessa natureza. Contudo, para os que escolheram a Teoria Ator-Rede (TAR) como um caminho epistemológico para "acionar outras sensibilidades ecológicas que nos permitam escutar, dialogar e refletir sobre as consequências da crise ecológica global" (IX ReACT), fazer antropologia de objetos técnicos e científicos e escrever um relato arriscado, é desafiador. O que significa assumir a ação de humanos e não-humanos? A partir de que sinais podemos perceber o tempo em espiral? Quais são as dificuldades de abandonar a noção de tempo linear? O que essa noção tem a ver com a noção de revolução? Como rever o modo como realizamos nossas práticas científicas e passamos a observar a realidade de forma lenta, sem categorias prévias e sem conclusões apressadas? Como realizar uma prática científica que admite que o "social" não é o que explica, mas o que precisa ser explicado? Como estabelecer diálogo entre "outras formas de saberes, oriundos de culturas heterogêneas" (CAPES) como postura epistemológica? Considerando que as respostas a essas questões são os principais desafios enfrentados por doutorandos que cursaram disciplinas sobre TAR, ministradas desde 2012, o

objetivo deste trabalho é descrever os recursos, estratégias, modos de superação de desafios, desenvolvidos por pesquisadores do campo da antropologia das ciências e das técnicas.

Plantas, vírus, pessoas, tecnologias, educação… o que a cartografia de controvérsias do terrário nos diz sobre a composição de um mundo comum?

Florence Mendez Casariego (UERJ), Fátima Teresa Braga Branquinho (UERJ)

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de tese que tem como objetivo principal contribuir para a compreensão da sociedade científica e técnica da qual fazemos parte a partir da descrição da atividade prática de elaboração do terrário, realizada pelos estudantes de graduação da UERJ durante a pandemia da COVID-19, na disciplina "Ciência e Educação em Ciência" (ministrada em 2021). Propomos neste trabalho a explanação da cartografia do terrário, utilizando como abordagem teórica e metodológica a Teoria Ator-Rede (TAR), ou Actor-Network Theory (ANT) em inglês, proposta por Bruno Latour (2021; 2020; 2017; 2016; 2012; 1994), que nos convida a redefinir a noção de "social" a partir da compreensão da indissociabilidade entre humanos e não-humanos, sujeitos e objetos, sociedade e natureza, natureza e cultura, constituem e sustentam a realidade social. Na elaboração da cartografia das controvérsias, buscamos mapear e descrever as associações entre os elementos híbridos que compõem a prática científica, que ocorre no emaranhado de controvérsias, colaborações, traduções, desvios e constantes negociações. Te convidamos para viajar pela cartografia de controvérsias do terrário partindo da pergunta inicial: Quais as pistas mapeadas sobre as associações entre os atores híbridos da rede heterogênea do terrário nos proporcionam ferramentas para pensar na composição de um mundo comum?

Entre leis, flores e sementes: Um estudo das práticas pedagógicas no território ancestral da Tekohaw Aldeia Marakanã

Vivian Fraga da Fonseca (Instituto de Educação Carlos Pasquale), Viviane Fernandez de Oliveira (UFF)

A pesquisa descreve à luz da Teoria Ator Rede (TAR) os agenciamentos promovidos pela lei 11645/08, que trata da história e cultura indígena na rede de ensino, com foco na formação de professores do Instituto de Educação Carlos Pasquale. De acordo com as práticas pedagógicas

escolhidas, reconhecemos que o atendimento à lei pode conectar, ou interromper, os territórios indígenas, evidenciando os limites da referida lei. A cartografia desta controvérsia permite rastrear a cadeia de associações entre atores humanos e não humanos – saberes, território, cosmologias e instituições– que constituem formas de existência e conhecimento. As experiências vivenciadas entre estudantes na Pluriuniversidade indígena Aldeia Marakanã — escuta dos pajés, ciclo de conversas, reconhecimento do território ancestral, identificação de espécies medicinais, pintura corporal como regate identitário, uso de flores e sementes no artesanato traçado entre a natureza e memória, plantio de árvores nativas na recuperação do solo, além de práticas de teatro crítico — retomam a relação entre os indígenas e a terra. Ao problematizar os limites da educação escolar, herdeira do pensamento moderno e da própria lei em questão, a pesquisa aponta a construção de uma ecologia de saberes que inclui diversos actantes: plantas, sonhos e ancestralidades, como agentes de conhecimento. Propõe-se uma educação como prática de liberdade, que desafia as fronteiras modernas e convoca um novo modo de existir e aprender em rede.

Redes de cuidado entre espécies, saberes, rios: por uma outra educação ambiental

Adriana Maria Loureiro (UFRRJ), Fátima Teresa Braga Branquinho (UERJ)

Este trabalho propõe um encontro entre a teoria ator-rede, na figura de Bruno Latour, e as cosmologias indígenas evocadas por Ailton Krenak, especialmente na noção de “futuro ancestral”. Atravessando esses diálogos, emergem elementos não-humanos como dádiva e linhagem — como em Minha mãe me deu um rio, do poeta Manoel de Barros —, sugerindo que os vínculos entre pedra, planta, bicho e gente não são metáforas, mas práticas de existência. A proposta parte de observações e diferentes experiências ligadas às ciências ambientais para refletir sobre práticas de cuidado entre espécies e saberes. No lugar da separação moderna entre natureza e cultura, aponta-se para alianças e modos de vida que insistem, resistem e (re)criam mundos apesar do colapso. Tecendo ciência, poesia e cosmopolítica, o trabalho aposta na escuta do outro – a partir de textos escritos por indígenas em uma licenciatura intercultural – como gesto de recomposição possível do mundo por uma educação ambiental que escape da dicotomia e hierarquização, características comuns ao que vem sendo praticado e que não nos impediu de chegar à crise. Aprender com os

indígenas pode ser uma forma de sobrevivermos, afinal, como bem nos afirma Krenak, esses povos resistem há mais de quinhentos anos.

Quem é responsável pela Educação Ambiental? Uma análise por meio da Teoria Ator-Rede

Caio dos Santos Mendonça Bastos (UENF), Aline Chaves Intorne (IFRJ)

A Educação Ambiental desempenha um papel cosmopolítico ao promover a integração entre atores humanos e não-humanos no que diz respeito à conservação da natureza e o desenvolvimento sustentável. Pesquisas mostram que 67% dos brasileiros afirmam que a escola deve ser a principal responsável pela Educação Ambiental das crianças. Por outro lado, o Censo Escolar de 2024 revelou que 34,2% das escolas brasileiras (61.959 escolas) não desenvolvem nenhuma ação nesta área. Algumas controvérsias são apresentadas sobre o tema, como, de um lado há defensores de que a escola é o principal meio onde se deve sensibilizar os atores humanos sobre as emergências ambientais em curso. De outro, existem os que defendem que a sensibilização deve acontecer igualmente em todos os setores da sociedade. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo debater as diferentes perspectivas relacionadas a cada lado da controvérsia apresentada, evidenciando os atores, os meios, as referências e os demais instrumentos envolvidos nela, à luz da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour. Logo, é possível fazer a seguinte indagação: as escolas, sozinhas, são suficientes no processo de sensibilização ambiental? Se não, por que são tão responsabilizadas? Por mais que as escolas sejam uma peça fundamental, outros atores como governantes, comunidades, legislações, entre outros, devem ser levados em consideração como partes relevantes deste quebra-cabeças.

A força da juventude como agência política de novas epistemologias nos territórios

Gisele Moura Camargo (sa), Heloisa Tozato (USP)

A juventude, especialmente negra e periférica, emerge como sujeito político central na produção de epistemologias territoriais de resistência às mudanças climáticas. Longe de ser apenas vítima, atua na criação de soluções radicais a partir de suas realidades (Camargo, 2021). Sua ausência nos espaços hegemônicos, como problematiza Kilomba (2019), denuncia uma

exclusão epistêmica que é tensionada pela potência de sua agência. A partir da Teoria Ator-Rede, proposta por Latour (2012), compreende-se que suas ações se organizam em redes que conectam humanos e não humanos, saberes ancestrais, tecnologias sociais, arte e ciência cidadã. Tais práticas produzem justiça climática enraizada nos territórios (Krenak, 2019). Laclau (2005) reforça que essa atuação é eminentemente política, articulando disputas simbólicas e narrativas que descolonizam o futuro. Ancorado nos pressupostos dos Estudos Culturais Ambientais, este trabalho defende que reconhecer a centralidade dessas juventudes implica superar abordagens tecnocráticas e excludentes, abrindo espaço para processos de participação genuína, nos quais as juventudes não sejam apenas consultadas, mas efetivamente co-produtoras de soluções políticas e epistêmicas. Como reforçam Tozato e Silva (no prelo), trata-se de incorporar esses sujeitos como agentes transformadores das políticas públicas territorializadas, capazes de inaugurar novas formas de habitar o mundo em meio à crise civilizatória contemporânea.

Uma conversa sobre o ensino de química: diálogos com Bruno Latour e Paulo Freire

Roseantony Rodrigues Bouhid (IFRJ)

O presente artigo tem por objetivo o relato da experiência da autora como professora de um curso de especialização em ensino de ciências e o desenvolvimento de um diálogo entre Bruno Latour e Paulo Freire, referenciais teórico metodológicos adotados para a condução da disciplina de tópicos especiais no ensino de química. Apesar da química estar presente em muitos processos e produtos de uso diário, é comum ouvir dos professores cursistas algumas reclamações sobre a disciplina química e a dificuldade de ensinar. Assim, surgem questionamentos: Por que muitos estudantes não gostam de química? Ou por que os estudantes de forma geral têm tanta dificuldade para aprender os conceitos químicos? Ou podemos reformular a pergunta: Como transformar a disciplina química em algo mais interessante para os estudantes(e para os professores)? A partir de um diálogo entre Latour e Freire, e também a partir dos questionamentos e observações das turmas da especialização, foram sendo construídas trilhas para a compreensão de como o ensino de química vem sendo construído. O conceito de purificação de Bruno Latour, que se refere à ideia modernista de separação entre fatos/valores, educação/política, ciências exatas/ciências sociais, foi convocado para a compreensão do conhecimento químico purificado. O método de

Paulo Freire, com sua ênfase na investigação, tematização e problematização do conhecimento, pode ser adaptado ao ensino de química

Sessão 02 - ST 28: Pedra, planta, bicho, gente… coisas: encontros da teoria ator-rede com as ciências ambientais - Técnica, Conservação & TAR

Coordenador/a: Edilaine Albertino de Moraes (Universidade Federal de Juiz d)

O uso das bombas de sementes como prática germinante à luz da Teoria Ator-Rede (ANT)

Tatiana de Araujo (UERJ), Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (UERJ), Viviane Fernandez de Oliveira (UFF)

Nendo dango, ou bomba de semente, é uma técnica de plantio e reflorestamento desenvolvida pelo microbiologista japonês Masanobu Fukuoka, pioneiro da agricultura natural. O método consiste em misturar argila, húmus (composto orgânico), sementes e água, formando pequenas bolinhas que, ao serem lançadas, simbolizam um paradoxo: um gesto aparentemente bélico que, em vez de destruir, busca restaurar e pacificar a terra. Nesta perspectiva, além de recuperar áreas degradadas, essa técnica permite restaurar o vínculo com a terra, a vida e os futuros possíveis. Este estudo busca analisar as bombas de sementes à luz da Teoria Ator-Rede (ANT), de Latour, como forma de mapear e relatar os entrelaçamentos entre atores humanos e não-humanos que compõem a rede sociotécnica de uma oficina com licenciandos em Ciências Biológicas do Consórcio CEDERJ/UERJ, do polo Nova Friburgo. Além de seu potencial germinativo, as bombas emergem como potencial mediadoras de diálogos, entre saberes científicos e tradicionais, e como resistência frente à crise climática. Assim, a técnica não só oferece uma alternativa prática para a recuperação, mas também se configura como um gesto político e poético, capaz de se apresentar como uma alternativa para "adiar o fim do mundo" e reconectar seres humanos e natureza. Portanto, esta abordagem transcende sua função agrícola, fazendo fazer e tornando-se um ato simbólico de regeneração, resistência, reconexão e esperança em meio aos colapsos ambientais.



Seguir as abelhas: contribuições da Teoria Ator-Rede e das abordagens multiespécies para uma sociologia da apicultura no semiárido brasileiro

Rebeca Hennemann Vergara de Souza (UFRRJ)

Este trabalho apresenta e discute a proposta metodológica de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a construção da autoridade científica e técnica em torno das abelhas africanizadas no Brasil, com especial atenção às práticas e negociações no semiárido piauiense. A partir do referencial da Teoria Ator-Rede, articulado às abordagens multiespécies e à história ambiental, busca-se construir um percurso metodológico simétrico e sensível aos agenciamentos entre humanos e não humanos. A pesquisa combina análise documental e entrevistas para mapear redes de coprodução de saberes, imaginários sociotécnicos e práticas, considerando tanto as escalas institucionais quanto os modos situados de convivência com as abelhas africanizadas. Argumenta-se que seguir as abelhas permite tensionar fronteiras disciplinares, desestabilizar a dicotomia natureza/sociedade e propor uma prática de pesquisa comprometida com a crítica à hierarquização dos saberes e com a polifonia. O trabalho contribui, assim, para refletir sobre caminhos metodológicos que considerem a pesquisa como um processo de composição com os outros - inclusive os que voam.

Nichos e nexos: produção da paisagem e transformação da natureza em um contexto rewilding

Guilherme José da Silva e Sá (UNB)

A apresentação tem como objeto uma cadeia de intervenções na paisagem de uma localidade no nordeste de Portugal, no concelho da Guarda. Trata-se de relatar a sequência histórica de uso da terra numa sucessão de atividades que se iniciam com as formas de ocupação agropastoris; seu declínio resultando nas monoculturas do pinus e do eucalipto; o atravessamento da era da exploração / transformação do granito - abundante e exposto no solo a descoberto -; até a chegada dos projetos de rewilding que promovem a restauração ambiental partindo do cenário já degradado. Ao dialogar com as noções de conhecimentos procedurais e de contiguidade natureza-cultura serão apresentados exemplos de continuidade da percepção da paisagem e do desenvolvimento de designs articulados entre natureza e cultura localizados nas antigas práticas de trabalhadores rurais / pastoris e nas ações contemporâneas de biólogos engajados nos projetos

de restauro ecológico. Explora-se a polissemia dos nichos como uma arquitetura que consiste em delinear a paisagem e o relevo da região, mas também na recuperação dos nichos como conceitos de uma ciência ecológica posta em prática em favor da chamada produção de natureza.

Tecendo a rede dos estudos de conservação da biodiversidade

Joana Macedo (Refauna)

Uma mudança de paradigma lenta e tenaz se abateu sobre os estudos da conservação, o que era denominado Biologia da Conservação agora são Ciências da Conservação, e têm o entendimento que a interdisciplinaridade é chave para pensar e tentar resolver problemas híbridos, que estão imbricados na sociedade, na natureza, na política, nas ciências e na cultura. Ao iniciar os estudos sobre a relação entre os humanos e a fauna silvestre, o referencial teórico que utilizei foi baseado nas reflexões de Bruno Latour, que defende que não há separação entre natureza e cultura e que a realidade deve ser descrita como se apresenta, com suas controvérsias, disputas, acordos e subjetividades. Ao conversar com ribeirinhos amazônidas sobre onças-pintadas, escutei: as onças pesquisam. Fez todo sentido, assim como fez sentido a admiração pelo animal não impedir o abate. Ao trabalhar com os desafios de reintroduzir antas na Mata Atlântica, aprendemos como viabilizar essa empreitada, passando por questões técnicas, sociais, burocráticas, financeiras, políticas e ecológicas e acompanhamos o aprendizado de animais criados em zoológicos tendo que encarar as dificuldades da vida na floresta tropical: não é fácil. Etnografar a conservação da fauna ameaçada pode dar importantes contribuições para entendermos as relações que se estabelecem, não apenas entre os animais, seu ambiente e suas ameaças, mas também entre quem convive, quem pesquisa e quem advoga pela sua proteção.

Histórias de vida e redes de conhecimento: um estudo etnográfico com o grupo Mulheres da Articulação de Agroecologia Serramar

Stela Lina Magalhães Bergiante Ferreira (Centro Educacional Souza Poletti), Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (UERJ), Ricardo Tadeu Santori (Faculdade de Formação de Professores)

Este trabalho tem como objetivo descrever, através de histórias de vida, as redes de conhecimentos construídas por quatro mulheres que atuam como agricultoras familiares de base

agroecológica, pertencente ao grupo GT Mulheres da Articulação de Agroecologia Serramar. O grupo possui como foco a inter-relação agroecologia, feminismo, soberania e segurança alimentar e nutricional, e é formado por mulheres pertencentes aos municípios de Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Rio das Ostras, Macaé, Magé e Nova Friburgo (distritos de Lumiar e São Pedro da Serra). O percurso metodológico se pautou na pesquisa qualitativa, utilizando as narrativas orais obtidas por meio de conversas realizadas entre os meses de julho a setembro de 2022. Os resultados mostraram que estas agricultoras, ao narrar suas histórias de vida, descrevem uma rede sociotécnica que envolve sementes, plantas, ferramentas, cadernetas agroecológicas, quintais, cozinhas comunitárias, geleias, compotas, conhecimentos ancestrais ligados às práticas agrícolas, e tantos outros atuantes que, em sintonia com a natureza, constroem o que podemos chamar de práticas germinantes. O grupo representa um importante espaço de acolhimento, afeto, apoio, trocas de experiência e conhecimento para as mulheres ligadas às questões ambientais e de gênero. Os relatos revelam a riqueza da metodologia das histórias de vida como parte integrante dos estudos etnográficos, bem como a importância do debate sobre a agricultura familiar e a agroecologia.

Habitando paisagens: movimentos e temporalidades de javalis, lavouras e espécies nativas numa região do sul do Brasil

Sarah Faria Moreno (UFRGS)

Nesta proposta apresento alguns resultados de minha pesquisa de doutorado em antropologia já concluída (2019-2023) acerca da condição de praga dos javalis na região sul do Brasil. Parte da pesquisa se centrou na região de São Francisco de Paula – RS e contou com uma etapa de entrevistas com caçadores e com a gestora de uma Unidade de Conservação da região. Um dos entrevistados apontou um suposto embate entre caçadores/produtores rurais e a UC, tendo em vista que os javalis fogem da caça e se abrigam na área protegida, nominada por ele como "refúgio dos javalis" – uma vez que a UC conta com mecanismos próprios para a realização do controle desses animais e os caçadores não podem adentrar ali. O entrevistado também chama a atenção para os trajetos percorridos pelos javalis, mencionando que "é como se os animais tivessem um GPS em suas cabeças" criando rotas de fuga. Considerando esse cenário, busco explorar aqui dois tópicos: (1) as transformações na paisagem dessa região que propiciaram um

aumento da população de javalis, e os impactos causados por esses animais atualmente; (2) a percepção das pessoas sobre a inteligência e as ações desses animais, dialogando com a proposta do ST de pensar como podemos construir saberes com o(s) outro(s), isto é, quais conhecimentos podemos criar a partir das relações entre produtores rurais, caçadores, áreas de preservação ambiental, javalis, lavouras de milho e soja, dentre uma série de outros agentes presentes nessa paisagem.

As fotografias de árvores da Mata Atlântica e suas redes de atores

Hayna Gotô Wakisaka (UERJ), Hayna Gotô Wakisaka (UERJ), Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (UERJ), Marcelo Guerra Santos (UERJ)

A Impercepção Botânica é o contexto atual no qual uma parcela da população humana se encontra no desconhecimento da vida vegetal. A reaproximação requer uma escavação no subterrâneo das questões ambientais, pois o desenraizamento das dualidades sujeito/objeto, cultura/natureza pode revelar como esta compreende sua relação com os não humanos. Na ArteBotanica, a fotografia é um meio capaz de revelar essa indissociabilidade. Assim, assumindo as fotografias de árvores da Mata Atlântica como ator e obra, objetivou-se investigar a composição da rede em torno da fotografia e suas multiplicidades de processos contínuos, além de descrever a construção da obra, a partir da sua rede de atores, sob a hipótese de que tal construção reflete os modos de existência dos que compõem a rede. Para tanto, realizou-se uma etnografia digital, com 4 perfis de fotógrafos da rede social Instagram, os quais foram convidados a dar depoimentos sobre seus trabalhos. Observou-se que as fotografias relatam as histórias, memórias e conhecimentos empíricos que contribuíram para a construção da obra, bem como fazem-fazer os/com seus fotógrafos. Como bem nos propõe Latour ao falar sobre os seres de ficção: as fotografias também produzem seus autores e admiradores. Com isso, é esperado que a pesquisa contribua para a ampliação da sensibilização ambiental a partir de práticas germinantes, que incluam os saberes produzidos por atuantes – humanos e não humanos - que constroem mundos fora da academia científica.



Sessão 03 - ST 28: Pedra, planta, bicho, gente… coisas: encontros da teoria ator-rede com as ciências ambientais - Ecologia Política & TAR

Coordenador/a: Raphael Vianna

Cestarias, bordados e redes sociotécnicas: propostas metodológicas de práticas germinativas para construção do mundo comum

Nádia Cristina de Lima Rodrigues (SEEDUC), Fátima Teresa Braga Branquinho (UERJ), Viviane Fernandez de Oliveira (UFF), Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (UERJ)

A proposta do X ReACT "práticas germinantes", foi impulsionadora de vários pensamentos que se relacionam com a tese intitulada "No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/RJ - jamais fomos modernos: nem nós, nem eles", um estudo realizado com os Hervanos – comunidade localizada no município de Cachoeiras de Macacu –, à luz da Teoria Ator-Rede. Uma das reflexões da tese era de que a saída para as questões ambientais que atingem o planeta seria a composição de um mundo comum. Por conta disso, a semente desses pensamentos germinou e cresceu a partir da participação em uma aula de bordado, onde 13 pessoas se harmonizaram e, nas trocas de experiências e expectativas, tentavam encontrar a melhor maneira de bordar uma borboleta, orientados por experientes professoras. Nessa aula, percebemos que as manualidades podem ser práticas germinantes capazes de proporcionar trocas e interações entre diferentes cosmogramas. Assim, relacionando os Hervanos e suas diversas expressões manuais, propomos, neste trabalho, que as manualidades, tanto nas cestarias dos Hervanos quanto no bordado da borboleta possam constituir uma forma de interação e composição de um mundo comum que proporcione um "adiamento do fim do mundo". E que elas, as manualidades, sejam capazes de iniciar uma movimentação para um "local político", denominado de "Terrestre" por Bruno Latour, que propõe superar abismos dualistas a partir da crítica à "purificação da natureza" buscada pela ciência moderna.



Redes Sociotécnicas em Acari: Inundações, COR Rio e a Perspectiva Latouriana

Márcia Fernanda Taveira (Uerj)

As inundações no bairro de Acari, na cidade do Rio de Janeiro, refletem uma complexa rede sociotécnica em que fenômenos naturais, como chuvas intensas, interagem com processos humanos, como a urbanização desordenada, a precariedade da infraestrutura e as vulnerabilidades sociais da população local. A partir das seis cartas de Bruno Latour, repensamos a noção tradicional de desastre natural, compreendendo os riscos como construções sociotécnicas produzidas por múltiplos atores — moradores, gestores públicos, técnicos, ONGs e tecnologias — em constante negociação e controvérsia sobre causas e soluções. O Centro de Operações e Resiliência do Rio (COR Rio) exerce papel central ao integrar dados e acionar, em tempo real, as agências responsáveis. Ferramentas como o cosmograma permitem visualizar conexões entre humanos, instituições e tecnologias, identificando pontos críticos para intervenções eficazes. A circulação acessível das informações fortalece o protagonismo comunitário e democratiza a gestão dos riscos. Assim, a governança das inundações exige articulação entre ciência, tecnologia e sociedade para construir políticas públicas participativas que antecipem emergências e promovam resiliência adaptativa em contextos urbanos marcados pela complexidade socioambiental.

“Demarcação é mitigação!” Uma controvérsia que abre a cena cosmopolítica do carbono

Simone Benvento Mota (UERJ), Viviane Fernandez de Oliveira (UFF), Raquel Giffoni Pinto (UFF)

“Demarcação é mitigação!”, afirmam os movimentos sociais que se autodenominam “sem parte” em contraposição aos Estados-Nação da Conferência das Partes (COP). Por que precisam apresentar uma Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC) indígena, se a NDC brasileira coloca como um compromisso do Pacto pela Transformação Ecológica, o ordenamento territorial e fundiário? O Brasil vem se posicionando como um líder nas negociações climáticas, mas tem feito escolhas que comprometem sua imagem. Apesar da COP 30 acontecer no solo pluriétnico da Pan-Amazônia, os sem parte necessitam reivindicar e (a)firmar seu lugar no debate climático. Belém é um território de luta, em que a violência socioambiental e os riscos de empreendimentos

como a exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas viram apenas estatística. Porém, os dados que embasam as decisões políticas das partes são escrutinados, metrificados e precificados resultando na abstração do carbono como métrica para mitigação. Se os dados do MapBiomas sobre uso e cobertura do solo indicam que as terras indígenas perderam 1% de vegetação nativa enquanto as terras privadas perderam 28%, por que a demarcação das terras indígenas não é uma política climática e de biodiversidade? Por que os hectares de terras demarcadas não são emissões evitadas? A descrição desta controvérsia através da Teoria Ator-Rede faz emergir os direitos por eles reivindicados, em que a diplomacia como ação política contínua abre a cena cosmopolítica do carbono.

Três controvérsias hídricas na bacia do rio Guandu (RJ): ecologia política e humanidades científicas

Raphael Vianna (UFRRJ)

Pretendo apresentar as cartografias de três textos, dois publicados e um inédito. Os textos publicados são intitulados “Redes formais e redes informais de abastecimento: fundamento e fundação no rio Guandu, RH II, Baixada Fluminense (RJ)” (I), “Zonas Críticas e Ecologia Política: uma controvérsia no rio Paraíba do Sul (RJ)” (II). O texto inédito é intitulado “Geosmina brinca carnaval? Ensaio de humanidades científicas” (III). No texto I, procurou-se demonstrar que as técnicas estão dispersas coletivamente, a depender dos agenciamentos aos quais estão envolvidas, com ênfase para a hidrometração durante a concessão do serviço de saneamento básico. O texto II investigou a controvérsia envolvendo a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e o Refúgio da Vida Silvestre do Médio Paraíba do Sul (RJ), uma Zona Crítica em que humanos e não humanos compartilham histórias e ações que afetam a capacidade de habitá-la coletivamente. A controvérsia III ampara-se no itinerário de um composto, dos corpos hídricos às fantasias carnavalescas. Nesse percurso, as estações de passagem foram desde os enunciados científicos até os anúncios alegóricos, excursionando pelas vizinhanças atingidas, a mídia e a empresa estadual de distribuição de água: falou-se no carnaval da geosmina. Cada controvérsia tem uma cartografia correspondente. As cartografias serão apresentadas em um exercício de composição: montante, meio e jusante.



Entre redes e cuidados: controvérsias na gestão do risco climático a partir de uma perspectiva de gênero

Aline da Rocha Junqueira (UERJ), Fátima Teresa Braga Branquinho (UERJ)

Este trabalho investiga como práticas de cuidado atravessam e sustentam as redes de governança do risco ambiental e da adaptação climática em Juiz de Fora (MG), à luz da Teoria Ator-Rede (Latour) e das epistemologias feministas situadas (Haraway e Stengers). Entendendo o cuidado como ação distribuída, cotidiana e relacional, a pesquisa acompanha os modos como mulheres — moradoras de territórios vulneráveis, servidoras e gestoras públicas, e lideranças locais — operam mediações entre humanos e não-humanos (chuvas, mapas, leis, encostas, sirenes, normativas, afetos) na construção de respostas à crise ambiental. Utilizando diário de bordo, mapeamento de controvérsias e cosmoramas, o estudo propõe uma abordagem que recusa explicações generalistas e acompanha as associações que compõem a ação coletiva. Ao trazer o cuidado para o centro da análise, revela-se que a gestão do risco climático não é apenas uma questão técnico-institucional, mas um campo de afetos e políticas (uma vez que crise climática e prevenção de desastres encontram-se no centro do debate público. O cuidado aqui não é um suplemento, mas a própria tessitura da governança situada: um modo de fazer mundo que resiste às hierarquias de saber e reconfigura os sentidos de natureza, tempo e responsabilidade. A pesquisa aponta para a necessidade de uma ciência comprometida com o presente em risco, feita com e entre os corpos e territórios que sustentam a vida comum.

Sensoriamento Remoto como Linguagem: Mediando Conflitos e Relações Socioambientais na Costa Verde

Mateus Sayão da Silva (UFF), Milla Vicente Vieira (UFF), Silas Faria Luiz Júnior (UFF), Andre Luiz Belem (UFF)

O sensoriamento remoto pode ser compreendido como um ator sociotécnico que, em rede com satélites, softwares, analistas e territórios, participa da produção de informações geoespaciais. Através de imagens obtidas por processamento digital, é possível observar a Terra desde os anos 1970. A análise dessas imagens permite construir séries temporais, observar mudanças no uso do solo e viabilizar diagnósticos ambientais. Este trabalho propõe interpretar o sensoriamento remoto como ator em redes que articulam saberes técnicos, decisões políticas e

vivências territoriais. Em vez de tratar imagens como "fotografias", propomos entendê-las como inscrições digitais geradas por sensores, algoritmos, recortes espaço-temporais e, sobretudo, pelas dinâmicas territoriais de comunidades locais. A Costa Verde (RJ) abriga Unidades de Conservação e conflitos socioambientais envolvendo comunidades tradicionais frente a empreendimentos. Compreender o sensoriamento remoto como linguagem técnico-científica permite revelar vulnerabilidades como efeitos de interação entre normas, interesses econômicos e modos diversos de habitar o território. A Teoria Ator-Rede (Latour) e intersecções entre ciências ambientais e antropologia estimulam pensar o sensoriamento remoto como ferramenta e objeto epistêmico em conflitos mediados por tecnologia.

A enchente de 2024 e o Centro Histórico de Porto Alegre: A controvérsia na preservação dos centros históricos frente às catástrofes climáticas

Nícolas Mateus Macêdo Teixeira (UFPE)

A enchente de maio de 2024 em Porto Alegre, que elevou o Lago Guaíba à cota de 5,33m, tornou-se símbolo da maior tragédia climática da história do Rio Grande do Sul. Diante do colapso urbano e humano, o Centro Histórico da cidade se revelou um caso emblemático das vulnerabilidades dos territórios patrimoniais frente às mutações climáticas. Inspirado por Stengers (2009), o trabalho compreende a catástrofe não como evento isolado, mas como um processo híbrido enraizado em práticas sociais, políticas e econômicas que fragilizam a resposta institucional e aprofundam desigualdades. À luz da teoria das controvérsias de Latour (2016), a pesquisa parte da hipótese de que a enchente operou como uma prova, desestabilizando enunciados técnicos e políticos, sobretudo sobre a eficácia do Muro da Mauá, cuja suposta proteção ao Centro Histórico foi colocada em xeque. O artigo objetiva cartografar os discursos e atores envolvidos na reconfiguração do sentido do patrimônio urbano sob risco, revelando como a catástrofe desloca certezas estabilizadas e reinaugura debates sobre técnica, justiça e memória. Assim, propõe-se compreender a catástrofe como evento ontológico, que obriga a cidade a retornar ao estado de fala e reconstruir seus sentidos fundadores a partir do colapso.



ST 29: PENSAR O GÊNERO A PARTIR DE OUTROS MODOS DE EXISTÊNCIA

Coordenador(a): Helena Santos Assunção (IFMG), Juliana Miranda Soares Campos (IFMG), Sandra Benites (Funarte)

Sessão 01 - ST 29: Pensar o gênero a partir de outros modos de existência - Gênero, corpos e subjetividades em contextos indígenas e não indígenas

Coordenador/a: Sandra Benites (Funarte)

Debatedor/a: Joana Miller (Universidade Federal Fluminens)

Sobre a diferença de corpos e perspectivas de mulheres e homens entre os e as Suruwaha do Purus

Juliana Leide Marques Bentes Barreto (USP)

Esta apresentação visa trazer alguns apontamentos etnográficos sobre a centralidade das relações de diferenciação de gênero na sociocosmologia do povo indígena Suruwaha, habitantes da região do Médio Purus, na Amazônia Ocidental. A vida cotidiana dos Suruwaha é organizada pela divisão sexual das atividades e pela genderização de determinados produtos e artefatos. A diferença entre mulheres e homens é tão radicalmente manifesta na mitologia e nos rituais de iniciação que denota uma diferença de perspectiva, e ao mesmo tempo, sua importância para o estabelecimento de relações equilibradas e colaborativas. Me atentarei, em especial, ao ritual de iniciação feminina denominado pelos e pelas Suruwaha como zubuni taharu, “aquela que cobre seus olhos” que ocorre na ocasião da primeira menstruação. O primeiro sangramento menstrual é considerado tão perigoso aos homens que exige, da parte das moças, a necessidade de reclusão e uma dieta sem carne de caça obtida com flechas envenenadas. O olhar das moças e o cheiro do sangue é considerado letal aos homens, capaz de produzir eczemas e em casos mais extremos, torná-los desafortunados na caça. Em diálogo com outras etnografias sobre o tema da menstruação e o debate de gênero na etnologia amazônica (Overing 1986; Belaunde 2019), pretendo refletir

formas de articulação da diferença de gênero pelos povos amazônicos, em especial dos e das Suruwaha, que contestam os paradigmas de controle, dominação ou englobamento do feminino pelo masculino.

Ritual, perspectiva e diferenciação de gênero na Amazônia indígena

Julia Otero dos Santos (UFPA), Beatriz de Almeida Matos (PPGAS)

Essa comunicação é fruto do diálogo que as autoras vêm estabelecendo sobre o gênero na etnologia indígena ao longo de quase uma década. A interlocução se dá a partir de nossas etnografias, voltadas especialmente para dois grandes rituais coletivos, o Cuedënquido Isec matses (a visita dos espíritos cantores) e o Wayo 'at Kanã karo-arara (a festa do jacaré), cujos movimentos alternam entre pontos de vista masculino e feminino determinados pela relação com os espíritos que tomam parte nestes rituais. A análise do ritual, em conjunto com a "dissolução perspectivista dos dualismos" proposta por Tânia Stolze Lima (2008), nos mostra como a imagem da complementaridade de gênero, subproduto de uma concepção de totalidade, é deslocada com a inserção da noção de perspectiva no debate. Assim, a imagem de um dualismo complementar pode dar lugar a outra, de feição ternária e contra-hierárquica, na qual a perspectiva de um terceiro se faz necessária para a determinação do gênero. Nos casos aqui tratados, é a perspectiva dos "espíritos" que diferencia os gêneros.

“A natureza os guia com mais força que a lei”: uma reflexão sobre a criação histórica dos gêneros Tupi na crônica de Yves D'Évreux

Camila Becattini Pereira de Caux (UFRJ)

Esta apresentação parte da análise de um caso histórico de violência registrado em 1613 na costa do atual Maranhão: a execução brutal de uma pessoa possivelmente transgênero entre os povos Tupi do local, relatada por Yves d’Evreux em sua obra "Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614”. Ao ler a crônica como um dispositivo performativo, proponho refletir sobre o papel da escrita missionária na produção – e apagamento – das categorias de gênero entre os Tupi, examinando como os efeitos discursivos da evangelização operaram também como instrumentos coloniais na imposição de um binarismo conjugal funcional à lógica da conquista.



Todas nós menstruamos, mas a gente menstrua por motivos muito diferentes: seguindo a trilha de sangue das antropólogas em territórios indígenas

Clarissa Reche Nunes da Costa (UNICAMP)

Neste trabalho, apresento parte da minha pesquisa de doutorado: uma etnografia conduzida com antropólogas, centrada nas experiências menstruais durante trabalho de campo em território indígena. A análise confronta o "paradoxo da experiência menstrual" no ocidente — profundamente íntima e indizível — com epistemologias indígenas que a compreendem como: experiência eminentemente coletiva; caminho de memória e transformação; relação com o território e com redes de cuidado; e forma de comunicação, em que odores e fluidos dialogam com seres humanos e não-humanos (como rios, espíritos e animais). Menstruar em trabalho de campo, nesses contextos, desafia concepções ocidentais de gênero, expondo a colonialidade dos corpos, a medicalização dos ciclos e o imperativo do corpo único — branco, masculino — como modelo para a produção de conhecimento acadêmico. Afinal, assim como outros trabalhos nas sociedades capitalistas, o trabalho acadêmico é regido por princípios de produtividade. Essas experiências também tensionam os feminismos hegemônicos, inclusive os acadêmicos, ao evidenciar a insipiência de recursos estéticos que permitam às antropólogas expressarem seus corpos marcados de forma segura. Por outro lado, feminismos contra-hegemônicos atuam nas frestas das instituições acadêmicas, e em diálogo com as epistemologias indígenas, propõem "respeitar o sangue", ou seja, respeitar o pensamento das pessoas que insistem em produzir conhecimento acadêmico sem abrir mão de quem são.

Grupos de Mulheres como agenciamento para a produção de subjetividade e singularidade no devir mulher

Maria Cristina de Resende (UFRJ)

Partindo da provocação existencialista "não se nasce mulher, torna-se uma" (BEAUVOIR, 2016), o presente trabalho pretende abordar o quanto os modos de existência da mulher e das relações de gênero, preestabelecidos pelas normas ocidentais, tendem a diminuir sua potência de agir (SPINOSA, 2011) enquanto sujeito desejante, e como a produção de espaços de subjetividade e singularidade (DELEUZE, GUATTARI, 1995) pode se apresentar como caminho de

problematização e/ou novos rumos para que outros modos de ser e estar no mundo sejam possíveis para mulheres e/em suas relações.

Compreendendo que a transformação do sujeito é um constante devir (DELEUZE, 1995), pensar nesse caminho de um vir a ser, com toda a complexidade subjetiva, histórica, social e política em que a mulher está inserida, pede uma análise interdisciplinar por meio de campos como, por exemplo, a historiografia, a psicologia, a saúde da mulher, as práticas integrativas e complementares em saúde e os conhecimentos ancestrais tradicionais, que podem contribuir numa cartografia desses agenciamentos que convergem e a atravessam enquanto sujeito no mundo.

As articulações possíveis desses campos de conhecimento buscam um olhar para as raízes passadas, visando uma atuação prática e integrativa no cuidado da saúde física, mental e das demais camadas que compõem a mulher e suas possíveis cocriações de uma rede de novos significados para si mesma e suas relações

Sessão 02 - ST 29: Pensar o gênero a partir de outros modos de existência - Questões de gênero, raça, religião e performance

Coordenador/a: Juliana Miranda Soares Campos (IFMG)
Debatedor/a: Helena Santos Assunção (IFMG)

O gênero da honra: relações de gênero, família e conjugalidade no norte do Tocantins

Danler Garcia Silva (UFRGS)

O objetivo deste trabalho é apresentar as relações de gênero, a partir de relações conjugais e familiares, em um pequeno município localizado no norte do estado do Tocantins, que possui em torno de vinte mil habitantes. A partir de uma etnografia realizada com mulheres que vivenciaram experiências de violência conjugal, compreendeu-se a dinâmica das relações de gênero, conjugais e familiares locais. Para as mulheres, possuir um casamento e uma família é um legítimo e sagrado "projeto de vida", projeto que se alicerça em valores tradicionais acerca das relações de gênero, de família e de conjugalidade; isto é, em dádivas recíprocas acerca dos papéis familiares e conjugais, em que o homem deve garantir proteção e provisão à família, e a mulher, em contrapartida, deve corporificar a "mulher de família". As próprias mulheres, assim,

singularizam-se como “mulheres de família”, norteando as suas vidas ao homem, à família e à conjugalidade, de maneira que o universo masculino, familiar e conjugal se tornam os eixos que orquestram a biografia feminina, uma vez que contrair um matrimônio e possuir uma família é cultural e socialmente tido como um “desaguadouro natural” da vida da mulher. Assim, a estrutura dessa matriz conjugal-familiar tradicional e patriarcal se resvala à violência, tornando-se as mulheres, ao fim, coautoras, e não somente vítimas passivas, das relações e experiências de violência que sofrem.

Gênero pra quem? Cuidado, mulheridade e ocidentalização do olhar voltado aos territórios quilombolas do Vale do Jequitinhonha

Flora Rodrigues Gonçalves (Fiocruz)

As Comunidades Quilombolas do Córrego do Rocha (Chapada do Norte, MG) e do Córrego do Narciso (Araçuaí, MG) são territórios onde o protagonismo das mulheres quilombolas marcam suas lutas de resistência por direitos territoriais, sociais, culturais e de saúde. Tais comunidades promovem um bem viver orgânico e circular, onde os saberes tradicionais se atualizam e são coproduzidos com e a partir dos saberes tido como hegemônicos, fabricando práticas de saúde e de cura em interlocução com a ciência moderna. Essas práticas de saúde também são atualizadas a partir de seus processos de resistência: a falta de acesso à água, a políticas de saúde, ao intenso adoecimento mental e à insegurança territorial consequência da mineração na região. Nosso debate surge da criação do vínculo e do trabalho realizado há mais de 5 anos nessas comunidades, além do incômodo cada vez maior na/da absorção de categorias epistemológicas ocidentais em contextos contra-coloniais. Ainda que compreendamos as mulheres quilombolas como responsáveis pela fabricação territorial e atualização dos saberes e práticas de cura, vemos que muitas vezes o conceito de gênero, tal como arregimentado nas discussões pós-modernas, não faz sentido. Quais são os pontos de convergência e divergência? Como compreender o gênero a partir de um olhar culturalmente adequado?



Incorporação, transcorporealidade e dissidências de gênero: notas etnográficas

Bianca Arruda Soares (UFF)

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as possibilidades de vivência de gênero e sexualidade a partir do fenômeno da incorporação no contexto de uma religião de matriz africana. O conceito de transcorporealidade, desenvolvido por Strongman (2019), articulado com estudos queer e decoloniais (Preciado, 2002; Curiel, 2007; e Espinosa, 2015) e uma epistemologia afro-religiosa embasam a reflexão, entendendo a incorporação como uma prática dissidente/ de resistência ontológica e epistemológica frente às imposições coloniais de gênero e sexualidade.

A transcorporealidade, segundo Strongman, rompe com a visão moderna ocidental de um corpo autônomo, fechado e individualizado. Em vez disso, propõe-se um entendimento de corpo como um espaço de atravessamentos constantes, no qual coexistem forças espirituais, sociais, materiais e afetivas.

Partindo da experiência da incorporação para o entendimento da vivência do gênero e da sexualidade num contexto afro-religioso, observo como os médiuns vivenciam expressões de gênero e sexualidade que não se limitam aos binarismos homem/mulher ou hetero/homossexualidade. O corpo se torna canal para a manifestação de entidades cujas performances de gênero são muitas vezes contraditórias com a identidade de gênero atribuída ao médium. Este processo evidencia a materialização de uma subjetividade transcorpórea e fluida, que desafia as normatividades cisheteronormativas.

A Ascensão da Misoginia Digital: impactos do movimento Red Pill para as mulheres negras no Brasil pós-2018

Fernanda Pereira de Lima (UFGD), Anna Carolina Horstmann Amorim (UEMS)

Esta pesquisa versa sobre a ascensão da misoginia digital e discute os impactos do movimento red pill para mulheres negras no Brasil, com foco no período pós 2018. O movimento red pill é conhecido por promover e disseminar conteúdos de ódio ou aversão às mulheres na internet. As plataformas digitais vêm se consolidando como espaços privilegiados para divulgação desses conteúdos, o que levou o Congresso Nacional a reconhecer a misoginia como crime praticado na internet, conforme a Lei 13.642/2018. A pesquisa tem como objetivo compreender,

cientificamente, a ascensão do movimento red pill no ciberespaço, e como esse movimento (re) produz dinâmicas culturais colonialistas e suas implicações para as mulheres negras no Brasil, interseccionando gênero, raça, sexualidade e classe. A partir da etnografia digital e da observação participante, o ciberespaço será, ao mesmo tempo, campo e objeto de estudo da pesquisadora. Destacamos que no Brasil a misoginia figura como o segundo crime de ódio mais denunciado entre 2017 e 2022, indo de encontro com a ascensão da extrema direita no país e o crescimento de grupos e movimentos que promovem discursos de ódio, que impactam mulheres brasileiras, suas conquistas e, em especial, atentam contra as mulheres negras, já que tais grupos coadunam discursos misóginos com discursos racistas e xenofóbicos. Logo, compreender tais dinâmicas sob uma perspectiva antropológica torna-se uma tarefa urgente e imprescindível.

Corpos em tradução: performatividade de gênero para além de natureza e cultura

Éter Monteiro Mesquita Marques (PUC-RIO)

Este trabalho tem como objetivo a ampliação da noção de performatividade de gênero, de modo a compreendê-la enquanto um processo contínuo realizado por agências humanas e não-humanas, abarcando regimes de saber-poder, dispositivos tecnológicos e entidades orgânicas como os genes, hormônios e órgãos. A motivação desta discussão surge do contato que tive pesquisando grupos da comunidade virtual Redpill, que defendem uma concepção de sexualidade baseada em um forte determinismo biológico. Tal contato me fez perceber que é preciso articular as ciências da natureza de modo a contestar posicionamentos deterministas e promover um olhar mais dinâmico e plural sobre a materialidade dos corpos. A partir dessa perspectiva, promovo um diálogo entre os estudos sociais da ciência e a teoria queer, analisando como sexo e gênero são produzidos em redes sociotécnicas que articulam atores biológicos, semióticos e políticos. Busco compreender como as redes científicas estabilizam e contestam categorias de sexo e gênero em um mundo marcado pela produção biotecnológica da subjetividade e pela proliferação de agentes incapazes de serem enquadrados no dualismo moderno que separa radicalmente a natureza da cultura. Busco explorar as limitações de explicações dualistas e encontrar caminhos teóricos que abram portas para uma concepção mais integrada da relação entre corpos, gênero e processos de subjetivação.



Disputas de Sentido e Memória: Uma Abordagem Feminista e Ator-Rede na Análise da Institucionalização de Mulheres com Doenças Mentais no Brasil

Flora Fernandes Lima (UFRJ)

Este trabalho relata a experiência de pesquisa de tese, voltada à análise da institucionalização de mulheres com transtornos mentais no Brasil, por meio de abordagens etnográficas, micro-históricas e feministas, inicialmente no Instituto Municipal Nise da Silveira. A investigação reconhece as instituições e suas documentações como atores ativos, fundamentando-se na perspectiva ator-rede de Bruno Latour, que atribui agência às estruturas e arquivos na construção do conhecimento. Utiliza-se também pressupostos de Donna Haraway para desconstruir verdades absolutizadas, valorizando múltiplas vozes na interface entre corpo, gênero e práticas de cuidado, entendendo as psiquiátricas como tecnologias que intervêm sobre os corpos, moldando identidades. Reconhecendo que a pesquisa envolve aspectos subjetivos e a própria implicação da pesquisadora, adota uma postura ética e reflexiva, considerando o envolvimento político no processo analítico. Essa abordagem permite uma leitura crítica sobre redes de atores, discursos e objetos culturais, ampliando as possibilidades de representação das práticas institucionais e políticas públicas relacionadas às mulheres com transtornos mentais no Brasil, contribuindo para uma compreensão mais complexa das experiências e resistências nesse campo.

Sessão 03 - ST 29: Pensar o gênero a partir de outros modos de existência - Transgeneridade, não-binariedade e movimentos sociais

Coordenador/a: Helena Santos Assunção (IFMG)

Debatedor/a: Juliana Miranda Soares Campos (IFMG)

Porque não músculos em vez de cortes e hormônios? O conforto pelo desconforto trans de uma ontologia não-binária sob a colonização cisgênera da existência corpórea

Aoi Berriel Pereira (UFRJ)

O que acontece quando pessoas outras do comum à antropologia assumem o protagonismo de fazer análise? Esse movimento expande olhares e provoca a área em conhecimentos deixados

de lado em historicidade desta ciência. Neste trabalho, partindo dos sentimentos da pessoa-autora e das pessoas pesquisadas, novos caminhos são pensados sobre o conforto. Em vez de pensar o conforto como um sentimento de estagnação, como utilizado para denunciar o comodismo de quem está na hegemonia, a ideia de conforto é elaborada por uma pessoa negra de pele clara, gorda e transgênera não-binária que busca seu conforto. E, ao mesmo tempo, investiga atletas transgêneros de fisiculturismo que estão buscando seu conforto na experiência transgênera-corporea. A musculação e hipertrofia associada à masculinidade cisgênera é recuperada ao contexto humano e inaugura um resgate da sua forma: a possibilidade de utilizar a hipertrofia, o aumento de músculos, para fabricar formatos que visam a produção de conforto na estabilização do sentido de si corporificado em gênero com músculos, gordura e água. Desta forma, abre-se um resgaste de desenvolvimento corporal humano para além da destinação cirúrgica-médica atribuída pela cisgeneridade na produção do corpo-transgênero em avanço diante da colonização cisgênera da forma de ser transgênera. Para isto, o conforto é assumido como algo que não é dado, mas buscado, investigando caminhos de conforto de corpos desconfortáveis, elucidando contextos sociais-corporais.

O corpo trans na saúde coletiva no Rio de Janeiro: perspectivas de profissionais de saúde no atendimento de pessoas trans

Sérgio Mascouto Gonçalves (PUC-RIO), Daniel Szwarcfiter Cunha (UFRJ), Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (UFRJ)

O trabalho busca analisar criticamente o quanto certos serviços públicos de saúde, após a Reforma Psiquiátrica e a clínica ampliada, são capazes de responder adequadamente aos desafios e problemáticas presentes nos atendimentos de pessoas trans. Diante disso, o trabalho toma como objeto de análise um serviço público de saúde do Rio de Janeiro, o Instituto Municipal Philippe Pinel (IMPP), bem como uma ONG de suporte à população LGBTQIA+, o grupo Arco-Íris. Metodologicamente, o trabalho se valerá de entrevistas semi-estruturadas com funcionários do serviço de saúde e da ONG; Para o tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, empregou-se a teoria fundamentada. Com isso, o trabalho se propõe a discutir questões que dizem respeito a: transfobia institucional, construção da identidade de gênero de pessoas trans e impasses éticos e políticos da internação. Da categorização realizada, selecionou-se as categorias “Adornos” e “Uso

de Pronome" para exposição. Dessa forma, pretende-se contribuir na reflexão visando à construção de políticas públicas mais inclusivas e consonantes com a diversidade de gênero existente. O trabalho foi devidamente aprovado no Conselho de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro sob o número DAAE 83267124.1.0000.5279.

Mulheres Trans E A Política: Uma Análise Das Relações De Gênero No Campo Político Parlamentar

Wanderlei Souza Abreu (UFC)

Essa pesquisa trata-se de uma análise sobre a população trans e candidaturas políticas, em específico mulheres trans em suas trajetórias políticas, suas narrativas desde o processo de candidatura, campanha eleitoral, suas eleições, as atividades em seus mandatos e as relações estabelecidas por mulheres trans no parlamento. Nessa investigação apresento as relações de poder institucionais e os reflexos no campo do gênero, pretendo através deste texto identificar como a produção cultural do corpo condiciona as funções sociais, e estrutura as relações sociais em instituições governamentais dentro do campo da binaridade de gênero. Base metodológica, análises documentais e bibliográficos a respeito de narrativas de pessoas trans no campo político e entrevistas fazendo uso da história oral, para apresentar a narrativa delas diante de suas vivências políticas. Para a discussão teórica utilizo como base referencial, Foucault (2013) a respeito das relações de poder que regem as normas sociais, Goellner (2012) e a produção cultural do corpo, Butler (2006) e o seu conceito de performatividade, Louro (2012) e a classificação dos corpos "normais" e os "diferentes", Goffman (2012) o estigma aplicado nas transgressões de gênero. Os autores citados irão contribuir na perspectiva de analisar o contexto que esses corpos estão inseridos e identificar no decorrer da pesquisa as disputas que são travadas socialmente no campo do gênero. Contextualizo, por tanto essas relações no campo parlamentar.

Gênero e Tabus da Intimidade: Existências Dissidentes, Sexualidade e Trabalho Sexual Online nas Redes Digitais

Sales Ruan Silva Alves (UFPB), Karina de Lima Lopes (UFPB)

Esta etnografia investiga performances de gênero de produtoras/es de conteúdo adulto em plataformas digitais, enfocando relações entre humanos e não-humanos que as tornam possíveis.

O gênero é produzido na interação entre corpos, câmeras, algoritmos, telas e espectadores. A produtora é coproduzida por dispositivos técnicos e lógicas de engajamento, assim como o desejo do assinante é mediado por telas, dispositivos móveis e circuitos que conectam corpos distantes.

Com base em etnografia digital, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observação de publicações de produtores/as de conteúdo adulto. O objetivo foi compreender as relações entre produtores/as e assinantes, considerando como essas interações são mediadas e performadas por tecnologias e interfaces digitais.

Ancorado em feminismos contra-coloniais e na teoria da performatividade (Butler, 2015; Lugones, 2008), concebe o gênero como prática relacional e instável entre humanos e não-humanos. Tabus sexuais, enquanto sistemas classificatórios (Douglas, 1992; Rubin, 2014), são tensionados desafiando normas e mobilizam corporalidades dissidentes e formas desviantes de desejo e existência.

As relações de gênero não se restringem a humanos, mas se produzem com materialidades técnicas que modulam desejo, afeto e visibilidade. O trabalho sexual digital revela como tais relações são atravessadas por dispositivos técnicos, desestabilizando fronteiras entre corpo, máquina e desejo, e ontologias do gênero.

A Construção do Movimento Lésbico no Brasil: uma interlocução com a Articulação Brasileira de Lésbicas

Nathália Carneiro da Cunha Prados (UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo abordar as dinâmicas emocionais e a estrutura do movimento social lésbico no Brasil, com enfoque na Articulação Brasileira de Lésbicas. O trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado na qual a partir de uma breve etnografia foi possível analisar as dinâmicas e percalços na construção do movimento lésbico no país, observando como os diferentes tipos de organização social presentes como, por exemplo, movimento negro, mulherismo, diferentes formas de feminismo, dentre outros, se unem na articulação e proposição de políticas públicas para mulheres lésbicas no país. Nesse sentido, eixos como religião, educação, saúde e política são pensados em uma perspectiva plural, abrangente que converge diferentes marcadores sociais no desenvolvimento de novas tecnologias de organização política, com objetivo de avançar nas garantias de direitos de mulheres lésbicas na

sociedade brasileira. Nesse sentido são analisadas, portanto, novas formas de organizações sociais e novas formas de se pensar o feminismo, em interlocução com categorias sociais distintas como classe, religião e raça.

"Pane no CIStema": as experiências da não-binariedade de gênero na visibilização e desestabilização de dualismos

Nina Wettreich Goldbach (UERJ)

O presente trabalho, suscitado por explorações iniciais no bojo da pesquisa de mestrado, tem por objetivo geral investigar as experiências da não-binariedade de gênero. Diante da interpelação feita por tais experiências, bem como das questões que estas colocam para o sistema binário, dual, de sexo-gênero, a investigação guia-se a partir das seguintes perguntas norteadoras, enquanto objetos de inquietação e reflexão: como as experiências da não-binariedade de gênero se relacionam com o sistema sexo-gênero já instituído? Mais ainda, o que elas fazem com este sistema? Quais desestabilizações promovem e que outras estabilizações forjam? Tendo tais questionamentos como balizas, o trabalho se dirige ao campo virtual, online, para encontrar pistas, por meio da análise das enunciações de pessoas não-binárias, em suportes diversos como produções acadêmicas, ativistas, artísticas, pessoais, em redes sociais e todas as fronteiras impuras entre tais meios. A partir do material analisado, pretendo apresentar a hipótese incipiente de que, diante da pergunta "o que as experiências não-binárias fazem com o sistema binário, dual, de sexo-gênero?", percebe-se que tais experiências, através de intervenções biotecnológicas sobre os próprios corpos, visibilizam e desestabilizam alguns dos dualismos fundamentais que alicerçam o sistema supracitado, como: aqueles entre natureza e cultura, interior e exterior, essência e aparência, mente e corpo, humano e não humano e, até mesmo, com e sem gênero.



ST 30: PLANTATION, PLANTATIONOCENO, AGRONEGÓCIO E RAÇA

Coordenador(a): John Cunha Comerford (UFRJ), Luciana Schleder Almeida (UNILAB), Igor Thiago Silva de Sousa (MECILA)

Sessão 01 - ST 30: Plantation, plantationoceno, agronegócio e raça - Sessão 01 - Coordenador/a: Luciana Schleder Almeida (UNILAB)

Debatedor/a: Gabriel Holliver Souza Costa (UFRJ)

Febres e mosquitos: racializações e encontros mais-que-humanos na colonização da “fronteira” amazônica

Renata Barbosa Lacerda (UFRJ)

Como interpretar um projeto de conquista e de colonização da floresta amazônica a partir de um mosquito? Parto dessa indagação, inspirada pela literatura sobre Agronegócio, Antropoceno e Plantationoceno e em etnografia realizada no Sudoeste do Pará desde 2013. Nessa região, a colonização impulsionada pela ditadura empresarial-militar foi rememorada como fruto do trabalho dos autodenominados “pioneiros”: “colonos sulistas” brancos, por vezes descendentes de imigrantes europeus do Sul do país. “Sulistas” levaram consigo familiares, conterrâneos “conhecidos”, plantas, cachaça, porcos, galinhas e, quando tinham maiores “condições”, gado bovino e máquinas. “Pioneiros”, ao performarem a expansão do "progresso" na “fronteira”, valorizando a masculinidade branca (Almeida, 2024), narraram encontros imprevisíveis com outros modos de ser (ônticos), de humanos e não humanos (Tsing, 2019). Encontraram populações que racializaram: povos indígenas como os Kayapó; ex-seringueiros; garimpeiros do ouro; caçadores etc. (Lacerda, 2023). Encontraram ainda desde onças (Bemerguy, 2024) ao mosquito Anopheles, vetor do protozoário que transmite a malária — obstáculo à ocupação da Amazônia no início do século XX (Cunha, 1909). Ao passo em que causou mortes e febres elevadas, a malária foi também provocada por “febres” que aumentam o desmatamento: a de “abertura de terras” e dos garimpos de ouro, atividades que atualizam o habitar colonial, expresso pela plantation e mineração (Ferdinand, 2022).



Agricultura de precisão, operações de drones e a mão-de-obra especializada do agronegócio no oeste da Bahia: algumas notas de campo

Roberta Brandão Novaes (UEFS)

Neste trabalho proponho uma discussão sobre um segmento de trabalhadoras e trabalhadores do agronegócio que tem sido definido como uma mão-de-obra especializada; um segmento de trabalhadores e trabalhadoras que não são trabalhadores ditos "braçais", e dos quais se demanda, em princípio, alguma escolarização. Esses trabalhadores possuem alguma formação que lhes permita lidar ou aprender a lidar com a tecnologia, maquinário e transportes usados na produção do agronegócio. Demanda-se também que saibam lidar e executar uma gestão que se pretende mais moderna (ou assim se declara) na lógica produtiva do agronegócio.

Os dados da etnografia em elaboração aqui apresentados foram produzidos a partir de trabalho de campo nos municípios "oestinos" Riachão das Neves e Barreiras, como são referidos aqueles da região oeste da Bahia. Durante a pesquisa em campo, me foram descritas algumas das ocupações ou atividades que representam aquele segmento que nos interessa compreender: operadores de drone, tratoristas, revendedores, representantes comerciais, operadores agrícolas de colheitadeira e plantadeira, pilotos de avião e profissionais de manutenção de aeronaves agrícolas, gestores, coordenadores de campo, técnicos de segurança, entre outros exemplos.

A pesquisa em andamento é relativa ao Projeto "Entre idas, vindas e expulsões: os movimentos populacionais na chamada última fronteira agrícola, o MATOPIBA", com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Identidade e diferença como práticas de mundo: A reconstituição da identidade étnica Mura nas fronteiras do plantationceno

Marco Tulio Alves Costa (USP)

O Povo Mura, autointitulado caboclo, vive à beira do rio e nele espelha suas sociabilidades, identidades, seu cosmos e sua temporalidade. Ao longo do século XVII, na recusa ao controle da plantation colonial, acolheram indígenas de diversas etnias, figurando como espaço étinico alternativo. Contrapunham o modelo civilizatório da agricultura e dos aldeamentos à ocupação livre e itinerante dos domínios da floresta amazônica.

Apesar dos esforços de "incorporação" e "aculturação" – persistentes na política indigenista do século XX –, os Mura renovaram sua capacidade de reafirmar taticamente a coesão de sua identidade étnica. Nos anos 1980, passaram a ingressar crescentemente na economia de mercado e nas cidades. Com o vigor da criação de uma nova ordem democrática, mobilizaram o etnônimo Mura para agregar os interesses de uma ampla rede de sociabilidade que perpassa Terras Indígenas e centros urbanos.

Entre 2008 e 2024, um megaempreendimento de mineração de potássio instaurou cisões no seio da identidade étnica Mura. Este trabalho parte da concepção de que essa identidade é construída por meio do contato e do contraste, da busca por aquilo que é produtivo para demarcar diferenças. Assim, investiga a constituição da identidade étnica Mura, como forma de mapear os embates cosmopolíticos e compreender como diferentes ontologias — Mura, Estado, agronegócio, potássio, floresta, desenvolvimento — se reconfiguram nas fronteiras plantationcênicas.

Narrativas hegemônicas do agronegócio: análise do discurso de Ricardo Salles na Expoingá 2024

Natalia Wingeter de Souza (UEM)

As feiras agropecuárias se apresentam como vitrines do agronegócio, reunindo exposições de maquinários, insumos agrícolas e demais tecnologias voltadas à agronomia e pecuária. A Expoingá, realizada pela Sociedade Rural de Maringá, celebrou em 2024 a sua 50ª edição. Em comemoração a este marco, o tema foi definido como "O elo entre tradição e inovação", com o objetivo de exaltar os avanços e inovações da agropecuária, sem perder de vista o reconhecimento das origens e tradições do homem do campo. Para investigar as conexões entre tradição e inovação no rural, foi realizado um estudo etnográfico, visando localizar os conteúdos presentes nos pavilhões, praças e centros, bem como mapear as relações entre público e exposições, relações de consumo, trocas, produção e reprodução de informações.

Este trabalho apresenta um recorte das observações de campo na Expoingá 2024, com foco na realização do AGROJUR - Congresso de Integração de Direito e Agronegócio, tendo como palestrante principal o atual deputado federal e ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles (NOVO-SP). Sendo assim, busca-se aqui investigar como os elementos ideológicos e de poder

que sustentam as narrativas hegemônicas do agronegócio se manifestam no discurso de Salles, identificando suas estratégias discursivas. Por fim, será refletido sobre o significado da presença de Ricardo Salles na Expoingá e o que suas falas e sua participação representam dentro desse contexto.

Sessão 02 - ST 30: Plantation, plantationoceno, agronegócio e raça - Sessão 02

Coordenador/a: Igor Thiago Silva de Sousa (MECILA)
Debatedor/a: Renata Barbosa Lacerda (PPGAS/UFRJ)

Algodão no Vale do Itapecuru, capitalismo e escravidão na transformação da paisagem Maranhense

Gabriell Soeiro Araújo Avelar (UFMA)

No início do século XIX o porto de São Luís, no Maranhão, se consolida como um dos principais pontos de desembarque de escravizados nas américas em função de sua inserção no mercado atlântico via economia do algodão, determinando tanto o perfil etnodemográfico do povoamento da colônia como as lógicas de apropriação e transformação dos espaços ligados a produção da cotonicultora para exportação. A reprodução dessas unidades produtivas algodoeiras baseadas no intensivo trabalho escravo e indigena se da em especial na região do vale do rio Itapecuru, principal via de conexão das regiões internas com a cidade de São Luís. A transformação desse espaço em função da demanda do mercado europeu se da na aplicação de técnicas de manejo e gestão agrícolas que produzem um perfil e resultado de ocupação singular. O trabalho tem o objetivo analisar o perfil da lavoura de algodão maranhense no início do século XIX conectando escravidão e capitalismo para entender a lógica de apropriação do vale do rio Itapecuru por essas unidades produtivas algodoeiras escravocratas. Nossa análise demonstrará como o caso maranhense oferece contribuições para o debate sobre as plantations escravistas do século XIX e dentro de uma perspectiva de longa duração do capitalismo atlântico e da divisão internacional do trabalho podemos perceberemos que a atual realidade ainda é marcada por uma série de continuidades e permanências no que diz respeito as questões agrárias, sociais, ambientais e econômicas.



Plantantionceno sem plantation... na cotonicultura escravistas no Maranhão colonial

Luiz Alberto Alves Couceiro (SUNY)

O uso da mão de obra de africanos escravizados e de seus descendentes, nas colônias europeias nas Américas, estava em declínio até meados do século XVIII (Morgan, 1997; Blackburn, 1985; Novais, 1976). Contudo, encontrou novo impulso com as demandas geradas pelo consumo global de mercadorias, mormente o algodão, diretamente voltada para a Revolução Industrial (Tomich, 2011a, p.83; Beckert, 2015). A Inglaterra tinha, em uma das mãos, novos mecanismos de gerar produção industrial em larga escala; e na outra, a necessidade de obter frequentes quantidades cada vez maiores de algodão (Marx, 1968; Hobsbawm, 1979; Riello, 2013; DuPlessis, 2019). Os empresários da tecelagem encontravam esse produto, e ondepudessem fabricar fios longos e resistentes (Lakwete, 2003). Para viabilizar sua demanda, o governo inglês e capitalistas têxteis visaram a combinação entre formas de trabalho baratas já conhecidas e o incentivo a novas áreas de cultivo (Tomich, 2011b). A interpretação de 30 mil documentos se dará em diálogo com autores(as) que recentemente vêm buscando interpretar a expansão do capitalismo industrial por meio de conceitos como antropoceno, capitaloceno (Moore, 2015), Chthuluceno (Haraway, 2015) e plantationceno (Haraway e outros, 2016; Davis e outros, 2019), propondo agenda de investigações ambientais em que não somente a espécie humana é levada em consideração, mas outras formas de existir e de vida nos ecossistemas e biomas afis, não-humanos, objetos e artefatos (Tsing, 2015).

Alternativas radicais: a “contraplantation” como teoria e prática da vida cotidiana no Haiti

Miguel da Cruz Almeida Rocha (UNICAMP)

Muitos haitianos – na diáspora, nas grandes cidades e na área rural – percebem-se em diversos momentos como herdeiros de um movimento revolucionário permanente e mantenedores de um sistema de conhecimento e de um mundo social “contraplantation” (Casimir, 1981). Isso envolve a relação que esses sujeitos mantêm com o mundo biossocial e a paisagem ao redor, e com a própria história, que brota nos roçados, circula nos mercados e permanece viva na memória das pessoas. Este trabalho explora a potancialidade teórica e prática da “contraplantation”, que

julgo ser um aporte específico haitiano para o debate sobre a máquina da "plantation", suas relações com o racismo, a ameaça ambiental e a história do colonialismo. Sabe-se que os territórios do Caribe constituem o lócus de uma "plantation" pervasiva, que gera em seu rastro histórico dinâmicas e problemas socioeconômicos. Mesmo assim, parece que algo vital da experiência cultural caribenha mantém-se em vigor total a despeito dessa grande estrutura. Nesse sentido, o Haiti é emblemático. Argumento que o país, por sua própria existência enquanto nação independente, sobretudo negra e camponesa, e apesar de suas contradições internas, tem oferecido ao mundo ao longo dos séculos uma contribuição particularmente potente que será o centro deste trabalho: o desafio de uma vida social, política e ecológica efervescente e fugidia, fundamentada na criação de alternativas radicais à "plantation" enquanto modo de exploração da vida e da paisagem.

Moda, Raça e plantationoceno

Verdi Lazaro Alves Vilela (UFSC)

Neste artigo, proponho discutir os discursos do slow fashion, especialmente na sua abordagem da sustentabilidade, ao analisar as negligências em relação às questões raciais. A partir dos debates sobre raça e suas intersecções com o conceito de plantationoceno (MIRZOEFF, 2017; HARAWAY, 2016), apresento uma análise de como a moda, enquanto fenômeno de imposição universal, ainda não incorporou de forma não reducionista as discussões raciais, mantendo os padrões do racismo estrutural. Destaco que, embora o slow fashion proponha alternativas de produção mais éticas, o conceito de "justo", central para o movimento, ainda se mostra limitado frente às questões raciais. Discuto como a modernidade capitalista, com sua lógica de exploração dos corpos negros e de extrativismo da "natureza", continua moldando práticas e valores no [c]sistema (VERGUEIROS, 2016) de moda colonial. Ao integrar teorias antropológicas da raça com os estudos sobre o plantationoceno e a Moda, argumento que, para que o slow fashion se torne verdadeiramente TRANSformador, é urgente que incorpore uma abordagem antirracista.



Quilombo do Grotão: caminhos para a titulação do território

Mariana Ayodeli Bezerra Ferreira Franco da Silva (UFF)

Conheci o quilombo do Grotão ouvindo menções e reconhecendo o nome pela mobilização cultural antes mesmo de pisar no território em que se firmaram. Em 2023, fui convocade junto dos meus colegas de pesquisa, buscar caminhos jurídico-políticos para viabilizar a titulação do território do Grotão, comunidade quilombola localizada na cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a pergunta-problema deste trabalho deseja responder quais são as condições de possibilidade para a titulação do Quilombo do Grotão a partir dos entes municipal e estadual.

Portanto, a pesquisa discute questões teóricas que passam por três eixos: a espacialidade, o direito e o colonialismo; para insurgência de discussões sobre propriedade privada, usos do espaço e afetações, atravessamentos na construção da racialidade da comunidade e desafios a partir do enfrentamento dos mecanismos burocráticos para aquisição de direitos. Para isso convido Santos (1996) tratando sobre espacialidade, Marés (2021) para trazer diálogos e modos de pensar a propriedade privada e Queiroz (2022) nos guiando a partir do conceito de hermenêutica senhorial, a fim de compreender as lógicas racistas na fundação dos aparatos burocráticos. A trilha metodológica do trabalho é baseada em entrevistas, observação participante das principais mobilizações da comunidade e proposta de atividades de reconhecimento territorial e elaboração de cartografias contra-coloniais do espaço-território.



ST 31: RELAÇÕES SOCIOTÉCNICAS EM MUNDOS BOTÂNICOS E VEGETAIS

Coordenador(a): Jacqueline Stefanny Ferraz de Lima (UFMG), Vanessa Parreira Perin (UFSCAR)

Sessão 01 - ST 31: Relações Sociotécnicas em mundos botânicos e vegetais - Economias das práticas e arranjos vegetais

Coordenador/a: Jacqueline Stefanny Ferraz de Lima (UFMG)

Debatedor/a: Vanessa Parreira Perin (UFSCar)

Arranjos botânicos: como o sistema agroextrativista das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas integram e criam a paisagem na Serra do Espinhaço, Minas Gerais

Maria Lua Vieira Lara (USP)

Este trabalho deve consistir na apresentação da pesquisa de mestrado da autora, que propõe uma etnografia dos usos do fogo pelas comunidades apanhadoras de flores, povos tradicionais da Serra do Espinhaço, Minas Gerais. Essas comunidades têm como principal atividade a panha, isto é, a coleta de flores sempre-vivas, cuja dispersão e maturação é promovida através da queima das áreas campestres. Essas famílias encontram na venda in natura dessas flores uma fonte renda, mas também um modo de vida particular que implica em incursões entre o alto e o baixo da Serra, em muito ditada pelos ciclos de vida das flores. Sem a possibilidade de apresentar dados etnográficos, tendo em vista que o trabalho de campo está reservado para o segundo ano desta pesquisa, esta apresentação deve trazer para a discussão as pautas que têm sido publicamente levantadas pelas comunidades apanhadoras de flores: a sua participação na paisagem da Serra do Espinhaço e sua responsabilidade com relação a biodiversidade local de flores sempre-vivas. Com isso, pretende-se discutir como a antropologia da técnica em interface com a antropologia da vida pode oferecer aportes teóricos e metodológicos para compreender a relação entre o sistema agroextrativista local

e a pirodiversidade, ou seja, a diversidade de organismos e paisagens resultante de interações com regimes de fogo.

Entre monocultivo de café: una etnografía sobre la vida campesina entorno a la planta del café en la Merced- Caldas, Colombia

Maria Paula Saldaña Parra (UFRGS)

Este escrito se sitúa en La Merced, un municipio del departamento de Caldas, Colombia. Nos ubicamos en una de las zonas rurales que integran el Paisaje Cultural Cafetero, reconocido por la UNESCO como patrimonio de la humanidad. Entre las montañas de la cordillera y los valles de los ríos, los campesinos han construido historias junto con la planta del café y las laderas. Las relaciones entre los campesinos, las montañas y las plantas del café han sido, históricamente narradas desde el Estado colombiano, por las dinámicas de la economía y la producción, por las prácticas de uso del suelo (propiedad y manejo), y por la selección de las plantas según su rendimiento, todo ello impulsado por la demanda mundial del grano y por la implementación de políticas neoliberales. La narrativa etnográfica de este trabajo se centra en las experiencias de los campesinos, construidas y relatadas desde los minifundios con plantas de café, que en conjunto configuran el monocultivo que se expanden por las montañas. La planta de café, como especie, actúa como un agente activo en estas narrativas: marca el tiempo y transforma las relaciones ecológicas, políticas y sociales. Sus monocultivos modelan montañas y ecologías locales; su grano conecta a los campesinos (caficultores) con los mercados de compra y venta; y su comercialización sostiene federaciones, cooperativas, elecciones y formas de representación.

Os Jeitos de Fazer Azeite de Dendê Artesanal

Rafael Camaratta Santos (UFRJ)

O azeite de dendê, ingrediente essencial na culinária afro-brasileira, sobretudo baiana, carrega consigo séculos de história, técnicas e sentidos culturais. Este texto busca documentar e refletir, com base em observação etnográfica, o modo artesanal de produção do azeite de dendê a partir de duas experiências observadas no Baixo-Sul da Bahia. Em ambos os casos, mais do que uma técnica, o “fazer azeite” é uma prática profundamente enraizada em relações sociais, saberes ancestrais e no trato cuidadoso com o tempo e com a matéria. A produção artesanal do azeite de

dendê revela-se como um fazer complexo, que articula força física, conhecimento técnico e sensibilidade. Trata-se de um saber que ultrapassa o domínio prático: é sensorial, histórico e coletivo, transmitido oralmente e vivido no cotidiano das comunidades. A riqueza desse processo não reside apenas no resultado final — um azeite denso, avermelhado e intensamente aromático —, mas no próprio percurso: o ritmo da roça, o cheiro da lenha queimando, o calor da água, o som cadenciado do pilão. Registrar esses modos de fazer é reconhecer e valorizar um patrimônio cultural que resiste à padronização industrial e segue alimentando corpos, memórias e afetos. Mais que um produto agrícola, o azeite de dendê é um elo simbólico e material entre passado e presente, entre heranças africanas e a contemporaneidade.

"Esse é baru temporão". A economia feita por mulheres nas mexidas com o cerrado

Jacqueline Stefanny Ferraz de Lima (UFMG)

"Esse é baru temporão", ouve-se no caminhar junto às mulheres no sertão das veredas - em especial, nas localidades rurais no noroeste de Minas Gerais onde esta pesquisa é realizada, atenta aos engajamentos políticos e econômicos das mulheres com o cerrado. Busco, especificamente, ouvir, entender e escrever etnograficamente o trabalho realizados por mulheres agricultoras rurais na colheita (ou na "panha"), quebra, torra, armazenamento, transporte, venda e comercialização de castanhas do Baru, bem como suas atuações em transações junto às cooperativas da agricultura familiar que, por sua vez, miram os mercados nacionais e internacionais de negociação das oleaginosas. Pretendo nesta comunicação, depois de duas incursões recentes a campo, pensar e discutir coletivamente as particularidades das conexões entre a economia feita por mulheres com seus territórios, os possíveis atravessadores e intermediários, e o mercado global, prestando atenção aos saberes, às tecnologias, às relações mais que humanas e às temporalidades implicadas na formação dessa rede de transações econômicas bastante díspares. Sem perder de vista que as mulheres no cerrado mineiro, muitas vezes, apresentam resistência ao aderir à troca puramente mercantil, insistindo em seus modos locais de manejo da castanha do baru, seus conhecimentos tradicionais e uso de tecnologias geracionais.



Sessão 02 - ST 31: Relações Sociotécnicas em mundos botânicos e vegetais - Mundos agrícolas, suas tecnologias e classificações

Coordenador/a: Vanessa Parreira Perin (UFSCar)

Debatedor/a: Jacqueline Stefanny Ferraz de Lima (UFMG)

A semente e o descarte: Uma análise etnográfica sobre práticas de controle para a produção do corpo-semente de soja em uma sementeira no Paraná

Tui Xavier Isnard (UNICAMP)

A partir de uma etnografia realizada em uma sementeira em Santo Antônio da Platina (PR), o presente artigo pretende descrever e analisar as práticas operadas pelo agronegócio para a produção da semente de soja. As sementeiras ocupam um papel crucial na cadeia de produção da soja, multiplicando as sementes elas viabilizam as plantações em largas escalas. A diferença dos campos de grão, os campos de sementes operam sobre parâmetros de purificação. Ao tentar conter as possibilidades de contaminação entre diferentes cultivares e espécies, os campos de sementes, os laboratórios de averiguação e as máquinas de classificação nos permitem conhecer as práticas que constituem o que é o corpo-semente e o corpo-descarte. Esse artigo visa pensar os manejos nos três ambientes (campo, laboratório, classificação) para discutir noções como domesticação, controle e im/pureza. Tendo em vista que a noção de semente não é universal nem estabilizada, pretendo focar no conceito êmico de semente no contexto do agronegócio.

Transformações sociotécnicas vegetais: uma proposta de investigação etnográfica da pupunha e a influência da Embrapa nos horizontes tecnológicos agrários do Brasil

Israel Martins Araujo (UNB)

O presente artigo propõe a investigação etnográfica de práticas de “transformação tecnológica” mobilizadas por instituições agrárias públicas no Brasil. Como ponto de partida, concentro-me na análise documental da atuação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) – instituição pública amplamente influente nos horizontes agrários do país, do pequeno ao grande produtor – por meio de seus “pacotes tecnológicos”, entendidos como conjuntos de práticas que alteram, transformam e reconfiguram circuitos produtivos, inclusive

vegetais, na criação de redes sociotécnicas específicas em nome de "avanços" e "melhorias produtivas". Para melhor enquadrar a reflexão, exploro preliminarmente um caso específico: a disseminação do cultivo da pupunha — originária da Amazônia — para outras regiões do país, a partir de ações e lógicas promovidas pela instituição. A análise se desdobra em uma reflexão sobre o encontro entre empresa, pessoas, economia, vegetais, ecologia e técnica, em sua acepção antropológica, como eixo central para compreender transformações técnicas nos mundos agrários. Entendo haver um campo frutífero para pensar antropologicamente relações entre tecnodiversidade, práticas de "melhoramento" genético, noções particulares de tecnologia e os vínculos entre indivíduos vegetais e outros seres — especialmente humanos — para além de percepções tecnofóbicas ou tecnofílicas.

"Plantar Alga": sobre o cultivo de uma espécie não nativa de alga em Florianópolis/SC

Gabriel Luz Siqueira de Aquino Vieira (UFSC)

No mestrado fiz campo numa fazenda marinha de cultivo da alga Kappaphycus Alvarezii em Florianópolis. Aqui, esse trabalho é realizado por nativos da região, sendo eles pescadores, familiares de pescadores, e estagiários, que estão ali por um tempo determinado. Após o processamento delas, é obtido tanto carragenana quanto um extrato, que pode ser usado como biofertilizante para cultivos como o da soja. A reprodução é destacada, pois essa espécie cresce com uma média de 3% à 7% ao dia e, em condições ideais, pode chegar a 10%. Com isso, seu ciclo dura entre 30 - 45 dias e é possível fazer quatro ciclos por ano. Essa espécie não é nativa da região, vindo da região marítima entre a Indonésia, as Filipinas e a Malásia e já houveram denúncias de que seu cultivo teria causado danos em locais como a Índia e o Havaí, mas isso é algo debatido, alegando que seriam linhagens diferentes (Reis; Góes; Bastos, 2007; Chandrasekaran et al., 2008; Projeto Algicultura, 2024; Araújo, 2013). O cultivo em Santa Catarina começa em 2020 e tem resultados expressivos: na safra de 2022/2023 a produção chega a 330,35 ton., em 2023/2024, o resultado é 1154,09 ton., com média de 15 - 20 ton. por dia (Epagri, 2020; 2024; Santos, 2024). Apesar de serem chamadas assim, algas não são plantas e são um grupo quase impossível de categorizar (Bicudo; Menezes, 2006). Assim, como pessoas nativas de

Florianópolis estão lidando com os potenciais de escalabilidade e feralidade (Tsing, 2019; 2015) dessa não-planta?



ST 32: SABERES NA ENCRUZILHADA: RESISTÊNCIAS, MODOS DE SOBREVIVÊNCIA E NOVAS PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DE OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

Coordenador(a): Humberto Manoel de Santana Júnior (CEFET/RJ), Maysa Mayara Costa de Oliveira (Universidade Federal do Norte do Tocantins)

Sessão 01 - ST 32: Saberes na encruzilhada: resistências, modos de sobrevivência e novas perspectivas na construção de outros mundos possíveis - CORPO; GÊNERO E CUIDADO

Coordenador/a: Humberto Manoel de Santana Júnior (PPRER/CEFET/RJ)

Debatedor/a: Maysa Mayara Costa de Oliveira (UFNT)

Confluências para adiar o fim do mundo: narrativas de mulheres indígenas e quilombolas, da Ilha de Marajó e Paraíba, no contexto de crise ambiental.

Rovanne Rodrigues Dantas (UFPA)

O pensamento racionalista colonial-moderno-eurocentrado sistematiza os elementos estruturais da crise ambiental, promovendo o epistemicídio e a colonialidade da natureza. Diante desse cenário, os ecofeminismos do Sul emergem como movimentos que alargam horizontes, imaginando outras formas de vida e relação com a Terra. Nesse sentido, este trabalho busca romper com lógicas hegemônicas ao aproximar narrativas, práticas e saberes de mulheres indígenas e quilombolas da Ilha de Marajó (PA) e da Paraíba. A partir de uma abordagem etnobiográfica — que inclui conversas não estruturadas, observação participante e pesquisa bibliográfica —, articulam-se experiências enraizadas no território e no corpo como formas de resistência e construção de outros mundos possíveis. Desse modo, ancorado numa perspectiva ecofeminista decolonial, o estudo evidencia como essas mulheres constroem técnicas de viver, cuidar e resistir que, mesmo plurais, convergem em práticas cotidianas de cura, memória e regeneração. São saberes insurgentes, situados em encruzilhadas entre natureza, espiritualidade,

comunidade e política. Portanto, a pesquisa contribui para um conhecimento científico decolonial, encarnado e blasfêmico, sustentado na práxis utópica dos feminismos (Messeder, 2020). Assim, essas narrativas, construídas a partir de corpos-territórios em diálogo com a terra e a ancestralidade, revelam possibilidades de reencantamento do mundo e de imaginação de futuros possíveis diante da crise ambiental.

Sementes de outros futuros: práticas de cuidado e arranjos cosmopolíticos na construção social do bem nascer

Nayara Rudeck Oliveira Sthel Cock (UERJ), Bruna Evangelista Rosa (UERJ)

Em um país onde o nascimento se tornou um campo de violações e disputas, a assistência ao parto ainda opera sob lógicas coloniais e racistas. É urgente pensar em outros modos de cuidar. Este trabalho propõe um deslocamento: pensar em saberes como sementes, assumindo o cuidado como forma de semeadura de mundos. Com inspiração etnográfica e feminista, aproxima-se das demandas de direito das parteiras tradicionais, refletindo: como criar espaços de coexistência entre o paradigma biomédico e os arranjos cosmopolíticos do cuidado tradicional? Inspirar-se nas sementes é insistir na dimensão afetiva do cuidado: em alianças com um mundo vivo. Nos atentamos às redes de raízes entrelaçadas no solo que lembram que a política do nascimento é também política de terra, memória e resistência. Pensar o parto é pensar o mundo – e seus possíveis renascimentos. Assim, somos convocadas a abrir caminhos para que diferentes saberes coexistam. Ver o nascimento como disputa implica reconhecer que cada corpo carrega um enraizamento político e epistêmico. As práticas de cuidado gestadas nos territórios são formas legítimas de conhecimento, ancoradas em cosmologias onde o nascer está ligado a uma rede viva de relações com a terra, a água, as plantas e as comunidades. Trata-se de legitimar saberes não como resquícios, mas como potências de futuros possíveis. Em tempos de colapso, preservar as sementes é projetar futuros e cultivar alianças para o reflorestamento dos mundos.



Corpos em Transe: Transgeneridade, Liderança e Resistência nas Religiões Afro-Brasileiras

Állicka Cardoso Sabino Belisario (UFSCAR)

Este projeto investiga terreiros de Candomblé Ketu e Umbanda Omolokô como encruzilhadas de saberes, onde genealogias iorubanas e banto-nagôs dialogam com matrizes indígenas, espíritas e católicas, sem se diluírem. Inspirado no conceito de confluência (Santos, 2015), entende-os como rios de conhecimento que se encontram e geram tensões produtivas. Nesse cenário emergem as experiências de mulheres negras e pessoas transexuais, desafiando saberes coloniais. Com apoio da interseccionalidade e de epistemologias decoloniais, a pesquisa analisa como gênero, raça e sexualidade se articulam nos terreiros, criando formas de resistência. O Candomblé Ketu preserva rituais codificados, enquanto a Umbanda Omolokô acolhe biointerações (Santos, 2015) entre orixás, caboclos e pretos-velhos. Essas biointerações revelam modos de existir onde corpos dissidentes encontram pertencimento. A metodologia envolve etnografia comparada em solares urbanos de São Paulo e observação participante, acompanhando a circularidade do espaço ritual e a diluição entre viver e morrer. A análise articula interseccionalidade, epistemologias afrocentradas e antropologia das religiões, mostrando como práticas rituais tornam-se tecnologias de resistência. Desvelam-se cosmopolíticas em que figuras como Oxumarê e Pombagira questionam tabus e abrem caminhos para corpos dissidentes, evidenciando que, na encruzilhada dos saberes afro-brasileiros, germinam possibilidades de habitar o mundo de outras formas.

A Rua Incorpora; Moleques, Entidades e o Corpo-ponte

Jennyfer Nayara Alves Felicio (UFMG), Kayke Vinicius Costa Silva (UFMG)

O trabalho propõe uma análise antropológica da rua como entidade viva, dotada de autonomia, sensibilidade e poder de transformação. Não a vemos apenas como espaço físico, mas como território simbólico, ativo na formação de subjetividades e estilos de vida, especialmente entre jovens negros e periféricos, muitas vezes rotulados como "moleques". Marginalizados socialmente, esses jovens participam e são atravessados por dinâmicas espirituais, estéticas e políticas promovidas pela rua. Dialogamos com cosmologias afro-brasileiras, especialmente com entidades da Umbanda como Exu, pra pensar a rua como encruzilhada e reencantamento do

mundo. Essas entidades, associadas ao movimento, riso e contestação, tensionam visões dominantes sobre espiritualidade e ancestralidade. Ressaltamos que a maioria dos corpos que vivenciam e mudam esse território são negros — oriundos da exclusão, mas também de profunda criatividade e força ancestral. A rua, nesse contexto, é lugar de transição — do caos à reinvenção da vida. Sua arte marginal, como pixação, dança ou música, reafirma a persistência de quem resiste. Propomos o conceito de molecagem para nomear essa ética e estética de adaptação criativa, materializada no corpo que dança, dribla e improvisa. O "moleque de rua" é mais que um tipo social: é um processo de transformação contínua. Pensar a molecagem como rito é reconhecer a pedagogia própria da rua: cuidado, coletividade e esperança como estratégias reais de sobrevivência e criação de mundos.

Confluências na saúde e a criação de novas perspectivas de cuidado

Giovana Gabriela Santos Malta (UNEB), Luísa Lopes Oliveira de Sousa Ribeiro (UNEB)

O objetivo da pesquisa é demonstrar como o modelo hegemônico da concepção de saúde ocidental suprime outras formas de percepções, impedindo uma "confluência" entre os saberes. A Metodologia se baseia em uma revisão literatura, tendo como eixo focal teórico as obras de Marly Marques da Cruz (2011) no tocante a saúde e Antônio Bispo dos Santos (2023), sobre o conceito de confluência. Diversas concepções de saúde-doença foram produzidas ao longo de nossa história. Destaca-se que a partir da revolução científica do séc.XVII, o pensamento cartesiano influenciou fortemente o modelo de saúde que ficou conhecido como hegemônico ocidental - biomédico, o qual traz uma visão reducionista do corpo e do cuidado. Em contraponto a essa concepção, o documentário Flor do Moinho (2020), retrata uma benzedeira de uma comunidade quilombola no interior de Goiás, cuja prática era fundamentada em saberes ancestrais, promovendo o cuidado e saúde na sua comunidade. No entanto, Flor era constantemente invisibilizada pelo sistema de saúde vigente que é fruto do pensamento eurocristão colonial monoteísta dos "humanistas" que segundo Bispo (2023, p.15), têm a "necessidade de sintetizar o orgânico", desconectando-o da natureza. Nesse sentido, cabe superar essa visão fragmentada do corpo que anula outras percepções para permitir a confluência entre os saberes e a criação de novas perspectivas na saúde.



"A gente não é lixo, a gente recicla o lixo!": resistências de mulheres catadoras em Jardim Gramacho

Bárbara Oliveira de Morais (FAETEC), Valéria Pereira Bastos (PUC-RIO)

O presente estudo expõe os principais resultados da pesquisa conduzida no âmbito do doutorado, envolvendo mulheres catadoras de materiais recicláveis no sub-bairro de Jardim Gramacho (Duque de Caxias/RJ). Esta localidade é caracterizada por uma trajetória histórica de abandono, estigmatização e injustiça socioambiental, uma vez que abrigou por mais de três décadas o maior lixão da América Latina. Com base em uma abordagem qualitativa, fundamentada no materialismo histórico-dialético e nas contribuições de autores e autoras não hegemônicas, como Kilomba, Gonzalez, Lugones, Fanon e Akotirene, analisamos como os marcadores de gênero, raça, classe, geração e território se atravessam na configuração de um trabalho precário, racializado e invisibilizado. A partir de entrevistas com 13 catadoras, a maioria mulheres negras, destacamos narrativas significativas que denunciam as múltiplas formas de opressão, revelando estratégias cotidianas de resistência e reinvenção da vida. O conceito de corpo-território foi mobilizado para compreender como essas mulheres enfrentam as desigualdades às quais estão expostas e em como tecem outras possibilidades de existência a partir dos saberes locais, dos vínculos comunitários e do trabalho com os resíduos, diante da colonialidade que persiste em torná-las descartáveis. A pesquisa buscou ressaltar que os saberes forjados nas encruzilhadas da vida, são fundamentais para imaginar mundos alternativos, habitáveis e plurais, a partir das margens.

Trânsitos políticos das quentinhas da Cozinha Ocupação 9 de Julho (SP)

Keytyane Verônica da Silva Medeiros (Outros)

Este artigo reflete sobre cenas etnográficas vivenciadas junto à Cozinha Ocupação 9 de Julho, do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), em São Paulo, nos primeiros meses de 2023. Derivado de uma dissertação que analisa práticas de trabalho e cuidado na Cozinha, o texto foca na iniciativa “Lute Como Quem Cuida”, voltada à produção e distribuição gratuita de marmitas para pessoas em situação de vulnerabilidade. O objetivo é discutir duas cenas emblemáticas durante a entrega das refeições: uma envolvendo a percepção de doadores sobre cuidado e doação, e outra protagonizada por um pastor evangélico que distribui as refeições e não possuí vínculo

com o projeto político do movimento por moradia. Antes de se aliar ao movimento por moradia, o pastor e sua igreja realizaram parcerias com empresas multinacionais durante a pandemia. O artigo contrapõe duas concepções de cuidado: uma ligada ao trabalho das "ajudas" com viés normativo e moralizante (Araújo, 2018), realizado pela igreja e pelos agentes comunitários, e outra centrada em alianças e confluências que sustentam modos de existência e resistência nesta comunidade da Zona Leste de São Paulo e desvinculados do trabalho formal do cuidado. A análise revela articulações entre o movimento por moradia, igrejas e lideranças comunitárias, formando uma ampla rede de apoios materiais e políticos.

Sessão 02 - ST 32: Saberes na encruzilhada: resistências, modos de sobrevivência e novas perspectivas na construção de outros mundos possíveis - NARRATIVAS; IDENTIDADES E APAGAMENTOS

Coordenador/a: Humberto Manoel de Santana Júnior (PPRER/CEFET/RJ)
Debatedor/a: Maysa Mayara Costa de Oliveira (UFNT)

Olhar em Disputa: Imagens, imaginários raciais e a luta por narrativas

Giselly Martins da Horta (UFF), Bruno Almeida (UERJ)

Este trabalho analisa como fotografias constroem imaginários raciais, comparando a obra colonial de Christiano Jr. e Alberto Henschel (século XIX) com a contemporânea de Christian Cravo. O objetivo é demonstrar que imagens são vetores de opressão e resistência, moldando relações raciais.

No século XIX, a fotografia de Christiano Jr. foi instrumentalizada como ferramenta de um olhar colonial, contribuindo para a fabricação dos "tipos pretos", conceito debatido por Marina Feldhues (2013). Essas imagens objetificavam e desumanizavam, naturalizando a violência e justificando a escravidão ao reduzir indivíduos a meros "objetos" e mercadorias visuais. Contudo, Cunha (1988) destaca que, mesmo sob coerção, um sutil "olhar escravo" podia emergir, revelando agência e resistência, constituindo para além da opressão vivenciada no período colonial e nos dias de hoje.

Ao aproximar Cunha (1988) e Tina Campt (2017) através das obras dos fotógrafos citados, realizamos uma análise visual crítica para questionar estereótipos que persistem do período colonial na contemporaneidade. Investigamos como composições, luzes e poses controlam narrativas, objetificando. Assim, as imagens se tornam campos de batalha simbólicos na luta por reconhecimento, liberdade e identidade.

Rio de Janeiro entre o diurno e o noturno - O cotidiano macumbeiro durante o pós-abolição (1888 - 1930)

Gustavo Machado Cantisani (UCL)

A presente pesquisa busca fundamentar a formação do Rio de Janeiro enquanto uma cidade macumbeira/feiticeira. Tendo em vista que a maior pujança do que se marca na literatura enquanto "macumba carioca" é justamente no período reconhecido como primeira república que tem inicio em 1888 com o fim da escravidão até 1930 com o inicio do movimento politico encabeçado por Vargas, é neste recorte que ancoro minha analise. Desta forma, penso haver neste tempo histórico uma divisão presente na cidade carioca que é cindida em dois mundos - de um lado a cidade noturna habitada em maioria por africanos, negros e seus descendentes marginalizados e perseguidos - de outro lado a cidade diurna a "París Tropical", gerida e pensada pela elite carioca, uma cidade que se pretendia europeizada, higienisada e mordernizada. Minha pesquisa se situa nesta linha porosa que divide essas duas cidades. Busco apresentar como as macumbas e os macumbeiros vivem uma cidade noturna que reinventa a todo tempo os "espaços vazios" dotando-os de vida, enquanto a cidade diurna se projeta para apagar a outra.

Charlatões, criminosos, madraços e exploradores: uma análise discursiva sobre as práticas de cura no período de modernização do Rio de Janeiro

Roberta Calixto (UERJ)

O presente trabalho é parte de uma tese de doutorado em sua fase de finalização e sua investigação se dá na encruzilhada entre modernidade, raça e saúde, na busca por construir alternativas a esse sistema-mundo no qual nos encontramos. Partindo da abordagem da Análise Cartográfica do Discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), a produção do córpus que ora apresento se concentra em textos produzidos pelos jornais A Noite, Correio da Manhã e Jornal do Brasil e

o Paiz, entre os anos de 1890 e 1919, disponibilizados publicamente pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O período escolhido coincide com a chamada "modernização do Rio de Janeiro", quando vigoravam as legislações higienistas e também os códigos 156 e 157 do código penal de 1848, que criminalizavam o espiritismo acusando-o de "charlatanismo" e o "exercício ilegal da medicina", o que gerou uma perseguição às práticas de cura afrobrasileiras que, no período imediatamente anterior eram amplamente difundidas e legalizadas no país. As análises que ora apresento se concentram nos conceitos de nomeação (BISPO, 2023; CHARADEAU, 2005 de des-memória discursiva (PAVEAU, 2013) para apresentar as disputas discursivas baseadas na nomeação como uma importante contribuição da linguagem para a produção e manutenção do violento processo de modernização e seus efeitos de sentido de apagamento dos processos de subjetivação existentes na cidade do Rio de Janeiro no período pré-moderno.

Èsù/Exu em trânsito: sobre reinvenção, gênero e um apagamento transatlântico

Tassia Menezes Oliveira (UFRJ)

A pesquisa trata de observar as transformações que Èsù, entidade do panteão iorubá, sofreu a partir das movimentações transatlânticas (Matory 1998) que permitiram a construção de novas "identidades" no Brasil. Remoldando-se enquanto Exu, busca-se compreender as motivações que fizeram com que a divindade se modificasse, perdendo um aspecto que se mostra relevante em território iorubá, que é sua característica atrelada ao feminino (Ogundipe 2012, Alexandre 2023, Falola 2013, Oyèwùmí 2023). Partindo da perspectiva do que Sodré (2017) chama de "trânsito entre dois planos", o interesse da investigação é refletir sobre o "duplo vínculo" (Wirtz 2004) que se manifesta entre os gêneros e os espaços agenciados por Èsù/Exu como consequência de um processo colonizatório decorrido em território brasileiro.

Diante destes fatos, o objetivo da pesquisa é investigar como o esquecimento de parte relevante da constituição da divindade pode ser reflexo de uma percepção moderna e universalizada que demoniza e simplifica uma compreensão complexa. A associação direta de Èsù ao Diabo, como consequência de uma tradução colonial e missionária como "Satanás, o Maligno" (Falola 2013) parece ser uma das portas para o entendimento do apagamento de uma das principais características da divindade: a ambiguidade. Ao ser assumida enquanto o mal,

exclui-se a contraditoriedade e a neutralidade que a definem. No entanto, seria possível aprisionar em conceitos aquilo que habita o "entre", que vive no trânsito?

ENCRUZILHANDO O PRETUPIGUÊS: tramando caminhos para a invenção e reencantamento de sujeitos pujantes no mundo.

Caroline Palmier Quintanilha (UFRJ)

Lélia Gonzalez (2020) encontra no português falado no Brasil marcas das diversas línguas africanas, conceituando enquanto pretuguês, onde este revela o que a colonialidade tenta: a presença da herança africana. Proponho aqui caminharmos junto com Lélia, mas a partir de uma epistemologia exúmica, convido andarmos por outros territórios onde iremos tecer a conjuntura brasileira pela herança que na verdade é afroindígena e sua linguagem vivida é o pretuguês+tupi. Esta pesquisa se propõe a oferecer narrativas sobre processos de subjetivação e construção de identidades a partir do pretupiguês, onde língua-linguagem-corporeidade-territorialidade são encruzilhados. A questão que delinea-se por conseguinte é compreender como o pretupiguês, desafia a hegemonia imposta na colonialidade e possibilita outras formas de expressões e narrativas da confluência entre povos originários, comunidades tradicionais e de terreiro. A investigação é feita através do suporte literário, juntamente, caminharemos com a escrevivência a qual evoca a memória de uma vivência singular, ao mesmo tempo que coletiva e ousa tomar o lugar da fala e reconstruir a história do Brasil. Em conclusão, visando que as passagens dos afetos estão fechadas pelo colonialismo, é com o senhor das encruzilhadas que caminharemos para termos nossos caminhos abertos. O cruzo, nos permeia como metodologia para possibilitar encruzilhar os saberes ancestrais com outras formas de produção de conhecimento.

Identidades transnacionais: a experiência de mulheres latino-americanas na Coreia do Sul

Nathália Nunes Carneiro (USP)

Este trabalho apresenta parte da discussão da pesquisa de mestrado em andamento "Estrangeiras na Coreia do Sul: Percepções e identificações nacionais e regionais". Ao explorar a encruzilhada de saberes e trocas culturais ocasionadas por contextos migratórios, este estudo busca analisar as possíveis reconstruções identitárias de mulheres latino-americanas que

migraram para a Coreia do Sul (ROK). Por causa do avanço da globalização capitalista e do acelerado processo de desenvolvimento da Coreia do Sul, o país se tornou destino de incontáveis migrações internacionais, com 5,17% de sua população sendo estrangeira. Dentre esses estrangeiros, os latino-americanos compunham um total de 6,285 migrantes até 2019 (Shin, H., 2019). Somado a isso, a disseminação da Onda Coreana (ou Hallyu) na América Latina despertou o interesse de inúmeras mulheres latinas pela nação sul-coreana, tanto como um destino turístico quanto migracional. Entretanto, apesar dos debates e estudos em torno de identidade nacional e transnacionalidade terem aumentado na ROK, os discursos nacionalistas de pureza e homogeneidade étnicas ainda são predominantes. A partir disso, algumas das questões que surgiram foram: A identificação delas enquanto latinas é reforçada ou diminuída? Quais relações elas estabelecem com o entorno? Que alternativas elas criam para lidar com as dificuldades enfrentadas em terras estrangeiras? De que forma categorias como gênero, raça, etnia e classe afetam a vida e as percepções delas?

Na encruza do segredo: cultura afro-brasileira e tecnologias digitais

Emilly Fátima Ferreira de Lima

Procuro refletir neste trabalho sobre como a tecnologia impacta a maneira como vivenciamos e compartilhamos a cultura afro-brasileira. Ritos e práticas baseadas na oralidade, que formam boa parte da cultura afro-brasileira, como o Maracatu e o Jongo, não operam na mesma lógica acelerada e efêmera da dinâmica digital e capitalista. Para a cultura afro-brasileira, o Segredo - ou AWÔ, para os nagô - se configura como uma dimensão fundamental. Isso porque o AWÔ possui uma dimensão estruturante nas relações de grupo, nas dinâmicas de comunicação e também na distribuição do Axé. Na era do excesso de informação, no qual as tecnologias digitais fazem presença constante, corremos o risco de banalizar saberes ancestrais ao transformar o segredo em espetáculo e o mistério em conteúdo a ser consumido. Dessa forma, as tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que possibilitam uma difusão dessa cultura afro-brasileira e o fortalecimento de laços identitários entre pessoas negras, também podem contribuir para seu apagamento simbólico, por meio da homogeneização estética, massificação de conteúdos e esvaziamento de sua ancestralidade. Portanto, frente aos avanços tecnológicos, fica o questionamento: qual é a relação entre o “exposto” e o “segredo” na comunicação das

manifestações culturais afro-brasileiras? A estratégia de sobrevivência talvez seja aprender a gingar entre um e o outro (não na mesma medida).

Sessão 03 - ST 32: Saberes na encruzilhada: resistências, modos de sobrevivência e novas perspectivas na construção de outros mundos possíveis - TERRITORIALIDADES; ESPAÇO E RESISTÊNCIA

Coordenador/a: Maysa Mayara Costa de Oliveira (UFNT)
Debatedor/a: Humberto Manoel de Santana Júnior (PPRER/CEFET/RJ)

Bordas e desbordas: por uma etnografia do pós-socialismo na tríplice fronteira entre Albânia-Kosovo-Macedônia do Norte

Uarda Murati (UNICAMP)

Este trabalho tem como objetivo analisar a reconfiguração política, econômica e social na tríplice fronteira entre Albânia, Kosovo e Macedônia do Norte, com foco nas relações intersubjetivas cotidianas. A região escolhida — entre Tetovo, Prizren e Kukës — é majoritariamente habitada por albaneses, com minorias servas e macedônias. O estudo abrange desde o período pré-revolucionário, passando pelos regimes socialistas albanês e iugoslavo, até o pós-socialismo, considerando eventos como a independência da Macedônia (1991), a guerra do Kosovo (1998) e a criação da Open Balkan (2018). Utilizando a abordagem de Rogers Brubaker e Gábor Basch, o projeto foca na prática cotidiana das identidades nacionais e nas formas como os conacionais e grupos étnicos distintos interagem apesar das fronteiras políticas, buscando entender os impactos das transformações políticas e econômicas nas relações sociais locais.

Ruralidades metropolitanas: outras formas de habitar o mundo

Uriah Ferreira de Almeida (UFRRJ)

Este trabalho investiga as estratégias de reprodução socioeconômica dos agricultores familiares em um assentamento rural de São Gonçalo (RJ), destacando a pluriatividade e a multifuncionalidade da agricultura como formas de adaptação às transformações do rural em contexto metropolitano. Inseridos em um espaço de encruzilhada, os agricultores mobilizam

práticas que lhes permitem resistir ao avanço urbano, à desvalorização da agricultura e à precarização das condições de vida. O assentamento é interpretado como um "cruzo" — lugar de encontros, reinvenções e hibridismos entre saberes, temporalidades e práticas. Nesse território, os agricultores reconfiguram cotidianamente suas formas de habitar, resistindo à invisibilização social e às pressões da urbanização, tornando-se sujeitos ativos na formulação de alternativas de vida. O estudo propõe o reconhecimento dos territórios rurais metropolitanos como espaços dinâmicos, marcados por disputas, negociações e potência política. São territórios produzidos pelas ações de seus sujeitos, que ressignificam o uso do solo, produzem lógicas próprias de povoamento e afirmam modos inventivos de viver. O trabalho aposta na potência política e epistemológica desses territórios híbridos, concebendo-os como campos de saberes em movimento, nos quais se constroem novos modos de habitar e se abrem caminhos para imaginar outros mundos possíveis.

Territorialidades sagradas em uma metrópole: dinâmicas ecológicas do povo de santo em Belo Horizonte

Rubens Alves da Silva (UFMG), Breno Trindade da Silva (UFMG), Nilmar Augusto Barcelos Chagas (UFMG)

Este artigo propõe uma reflexão sobre a percepção e o enfrentamento do racismo por parte de grupos religiosos afrodiaspóricos na contemporaneidade, com base em resultados preliminares da pesquisa “Cartografia e Ecologia das Práticas Religiosas Afrodiaspóricas em Belo Horizonte”. A investigação tem promovido um diálogo fecundo com diferentes lideranças de terreiros situados em áreas periféricas da capital mineira, buscando compreender como experiências de discriminação, dinâmicas urbanas e transformações ambientais afetam a presença e a prática dessas religiões no espaço urbano. A questão racial emerge como eixo central nas narrativas coletadas, revelando como o racismo estrutural molda cotidianamente as formas de ocupação territorial e de afirmação identitária das comunidades de terreiro. Ao mesmo tempo, evidencia-se a persistência histórica do chamado “povo de santo” na resistência, reinvenção e atualização de suas práticas, mesmo diante de pressões simbólicas, institucionais e materiais. Os dados indicam uma ampliação significativa do repertório religioso afrodiaspórico em Belo Horizonte nas últimas décadas, o que reforça a pertinência de se discutir como esses grupos têm negociado seus espaços

de atuação e que estratégias – individuais e coletivas – vêm sendo mobilizadas no enfrentamento ao racismo. O artigo busca contribuir, pois, para o debate antropológico sobre religiosidades negras urbanas, territorialidades e formas contemporâneas de resistência étnico-racial.

Comida de axé como saber ancestral: resistência, religiosidade e memória na Casa Omolokum, Pequena África do RJ

Iva dos Santos Pereira Braga (UFF), Rani Aurore Juliano (UFF), Bárbara Oliveira de Morais (FAETEC)

Na região da Pequena África, território de memória e resistência negra no Rio de Janeiro, este estudo investigou a Casa Omolokum como espaço de articulação entre comida ancestral, religiosidade afro-brasileira e práticas de reexistência. Inspirando-se pela noção de saberes em encruzilhada (Santos, 2015), o trabalho analisa como a culinária de matriz africana se constitui como prática identitária e simbólica de enfrentamento ao apagamento histórico imposto por projetos urbanos coloniais e desenvolvimentistas. A pesquisa se valeu de uma abordagem quase-etnográfica, com observação participante, entrevistas informais, registros de campo, fotos e vídeos. O restaurante, inserido no Circuito de Herança Africana, revelou-se como território de axé, onde alimentos, símbolos e memórias se entrelaçam na construção de pertencimentos afro-diaspóricos. A comida de terreiro é carregada de fundamentos religiosos, cosmogonias africanas e saberes ancestrais de corpos negros em luta. A partir do cardápio, da ambientação e da escuta de seus anfitriões, identificamos que a comida é veículo de espiritualidade, afeto, resistência e transmissão de saberes, inclusive antirracistas. Assim, a Casa Omolokum, junto ao entorno da Pedra do Sal, reescreve a história negra por meio da comida de axé, conectando corpos, territórios e memórias, ao propor outras formas de habitar o mundo.

A dimensão territorial da cultura através do Terreiro de Iemanjá Ylê Ashé Yemowá Abê no bairro da Fé em Deus em São Luís - MA

Tauanda Sousa Braga (UEMG), Luísa Pflueger de Farias (UFMG)

"A cultura dentro da Fé em Deus é o tempo todo em movimento, quando não é o Boi da Fé em Deus, é o Terreiro de Iemanjá. Todo mundo vem, parece assim, aranha… formiga num formigueiro" (Mãe Dedé de Boço Có, 2024).

A frase dita pela Yalorisha Mãe Dedé do Terreiro de Iemanjá Ylê Ashe Yemowá Abê coloca a cultura no bairro Fé em Deus, localizado no Quilombo Urbano da Liberdade, em São Luís do Maranhão, como sendo a causa maior que movimenta, reúne e atrai pessoas para o bairro, assim como formigas em um formigueiro; e como uma aranha tecendo uma teia as prende e cativa. Clifford Geertz, em "A Interpretação da Cultura", se interessa por redefinir o conceito de cultura e o papel que ela desempenha na vida social. Ele defende um conceito essencialmente semiótico, assumindo a cultura como teia, "acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu".

Apresentamos o conceito da dimensão territorial da cultura desenvolvido por Daniela Sandler, onde cultura e território são inseparáveis: "a cultura deixa de ser um fator externo que pode afetar o urbanismo, e passa a ser uma força integral à formação do espaço urbano". Na sua visão, é principalmente nas periferias que a cultura atua como agente na produção da cidade. Como bairro inserido no Quilombo Urbano da Liberdade, a Fé em Deus se encontra em um contexto onde cultura e território são indissociáveis, e a luta por direitos muitas vezes se constroi a partir de seus agentes culturais.

A cozinha feminina negra como Comunicação, Linguagem e Esperança

Debora Rios de Souza (Museu Nacional / UFRJ)

Preparações e temperos podem se relacionar a uma identidade. Também a linguagem, pode habitar e/ou interpretar o mundo, recusando o silenciamento ou a morte.

A expertise e a oralidade, podem ser separadas da ciência, mas continuar como conhecimentos; "mesmo que queimem a escrita (...) Mesmo que queimem os símbolos (...) Não queimarão a ancestralidade." (SANTOS, 2015, p.46) Superar um discurso autoritário requer um novo discurso (FREIRE, 1924)

Cozinha é expressão. Cozinha é linguagem. Alimentação envolve aspectos biológicos, porém, contextos econômicos, sociais, políticos e culturais também estão associados aos alimentos.

Montanari (2004) diz, assim como a língua falada, o sistema alimentar transporta a cultura. Para Lévi-Strauss (2013) "a cozinha é articuladora das categorias natureza e cultura e; expressa

linguagem. DaMatta (2012) equaciona simbolicamente a mulher com a comida e o doce com o feminino.

Bloch (2015) conecta a fome e as necessidades que se desdobram a partir dela. A fome como o impulso de autopreservação mais evidente do ser humano.

Freire (1992) entende que a humanidade é formada por indivíduos da esperança capazes de criar outros futuros. A esperança mobiliza para a alegria e também cria a "raiva" diante das condições que negam a sobrevivência.

A Fome é Esperança e Cozinha, e Cozinha e Linguagem são universais; este artigo se propõe a analisar a Cozinha Feminina Negra como uma Linguagem de Comunicação e Esperança.

Entre pistas enterreiradas de fazer-ser-estar e a reinvenção do porvir: pensando ciência a partir dos terreiros

Giovani Florencio Borges (UFRJ), Mariana de Castro Moreira (UFRJ), Eduardo Oliveira Miranda (UEFS)

Esta pesquisa objetiva cartografar práticas de produção de conhecimento contra hegemônicas, com base em epistemologias enterreiradas, de modo a ampliar o campo de debate nas ciências sociais sobre formas outras de conhecer, aprender e produzir saberes-mundos. Em algumas áreas das ciências sociais, críticas às bases eurocentradas têm evidenciado como saberes e práticas coloniais ainda delineiam o atuar desses campos. Nesse sentido, o hegemônico caminha em direção à homogeneização da diferença, descartando a singularidade e a potência da alteridade. Entretanto, com resistência, esse processo parece não dar conta da multiplicidade de mundos que constituímos, como nos lembra Nego Bispo e Ailton Krenak. A ciência moderna, construída sobre a subalternização de outras formas de saber, reivindica o monopólio da verdade e da racionalidade como aponta Muniz Sodré no livro "A verdade seduzida" (1986). No entanto, ela é apenas uma entre outras possibilidades de estar no mundo. Autores como Latour, Anzaldúa e Haraway têm nos apontado que a ciência inventa mundos, não os descobre. A partir do território terreiro, a oralidade, a corporalidade e as redes relacionais (saberes entre agentes humanos e não humanos) parecem nos oferecer pistas práticas de produção de conhecimento e de mundo que nos dizem da artesania de outras futuridades. Sustentamos também perspectivas como a contra colonialidade, a encruzilhada e a cartografia para traçar caminhos metodológicos sensíveis ao corpo-território.



ST 33: TÉCNICAS DO FAZER JUNTO: ESCRITAS COLETIVAS E PESQUISAS ENGAJADAS

Coordenador(a): Chirley Rodrigues Mendes (UFNT), Ana Cecília Oliveira Campos (UFSCAR), Gabriela Acerbi Pereira (UFRB)

Sessão 01 - ST 33: A Escrita de Nós: Experiências do Fazer Junto

Coordenador/a: Chirley Rodrigues Mendes (UFNT)
Debatedor/a: Ana Cecília Oliveira Campos (UFSCar)

Etnofabulação e escritas coletivas: experiências de pensar e fazer junto no Coletivo Panelinha Audiovisual

Luz Mariana Blet (UFSC), Éder dos Santos Braz (UFSC), Jeferson Vieira (IFSC)

Este trabalho apresenta a experiência do Coletivo Panelinha Audiovisual, que, desde 2023, mobiliza a escrita antropológica para além do individualismo acadêmico, propondo uma criação epistemológica, estética e política que tensiona os limites da universidade e a reivindica como território de produção de conhecimento para corpos historicamente periféricos: pessoas pretas, mulheres, mães e LGBTQIA+. Inspirado na escrita de Conceição Evaristo (2005) e nas reflexões de Lélia Gonzalez, afirmamos a potência de uma antropologia feita em coletivo, enraizada em corpos, memórias e imagens insurgentes.

Neste contexto, propomos a noção de etnofabulação, conceito em construção coletiva, criado partir do curta É preciso aprender a voltar para casa (2024). A obra articula performance, corpo e imagem como estratégias para fabular memórias visuais enterradas, tensionando a própria possibilidade de narrar a experiência afro-diaspórica. A etnofabulação aparece como um caminho para fabular imagens e histórias que não se encontram materialmente no território, mas existem na subjetividade, na oratória e no pertencimento de pessoas racializadas e periféricas. Fabular é recusar que a falta de materialidade limite a possibilidade de compartilhar outras histórias. Inspirado pela etnoficção de Jean Rouch e pela fabulação crítica de Hartman (2019), o curta constitui um exercício de busca identitária e inscrição do corpo negro na antropologia, não como objeto, mas como sujeito de sua própria narrativa.



A Escrita de um "Nós" a partir de Nós

Luiza Costa de Souza (UFRJ)

O poder da produção de conhecimento e de determinar quem são os “Outros”, por muito tempo ficou detido a um “Nós” particular, branco, masculino-heteronormativo e europeu, um estatuto que foi auto-concedido, e que a partir de si definiram-se como referência da condição de humanidade. Assim, estavam também, criando propositalmente, a desumanização desses “Outros”. A vista disso, busco com este trabalho pensar uma forma feminino-negra-coletiva de construir antropologia, a partir de Nós, que fomos estigmatizadas como “Outros”. Compreendo que neste processo subvertemos esse estatuto e nos construímos como um legítimo “Nós” a partir de Nós. Proponho, então, refletir sobre como mulheres negras tecem este olhar e material contra-hegemônico na produção científica e, também, explorar como a partir disso podemos construir novas formas de vidas para nós, que vão além da colonização branca. Esta análise parte das experiências compartilhadas em entrevistas de pesquisa com minhas três colaboradoras, somadas às minhas próprias vivências. Com um debate alicerçado na Epistemologia Feminista Negra (COLLINS, 2019) e no conceito do escrevivências (EVARISTO, 2020), discuto nesse trabalho a produção de saberes e as novas narrativas contadas por esse “Nós”, enquanto mulheres negras. Busco contribuir com a diversificação da disciplina e com a ressignificação humanizada das nossas identidades, através do entrelaçamento das nossas experiências e da escrita, de um eu que reverbera em um Nós.

Memórias em movimento: a experiência de escrita coletiva de memórias do Museu Sankofa da Rocinha

Camila Maria dos Santos Moraes (UNIRIO), Marina Leitão Damin (UNIRIO), Antônio Carlos Firmino (UNIRIO)

Este trabalho é um relato sobre a escrita e produção coletiva do site do Museu Sankofa Memória e História da Rocinha. Um museu a céu aberto, do tipo percurso que se materializa durante visitas medidas por moradores organizados no Museu. No percurso, conhecemos a história de luta por direitos pelos moradores desta favela, no entanto, o Museu não conta ainda com uma sede para exposições, e, portanto, produzem exposições temporárias e intervenções artísticas pela favela, de modo a demarcar sua existência. Diante da necessidade do coletivo de

criar um site e impulsionados por um edital de financiamento foi feito um esforço coletivo entre moradores da favela e universidade, a partir do capital de rede (Freire-Medeiros e Lages, 2020) nutrido pelo coletivo do Museu ao longo de anos de atuação. Para tanto, nos colocamos em movimento conforme Buscher e Veloso (2018) propõe. Nos movemos com o coletivo do Museu pela Rocinha, em reuniões presencias e virtuais; realizamos gravações; fizemos fotografias; pesquisamos no acervo entre documentos, fotografias e textos. Nos comovemos com histórias contadas em entrevistas ou conversas na rua e nos movemos por impulso de um edital para cocriar o site do Museu. Por fim, discutimos como no processo de escrita coletiva do site que reúne uma exposição de longa duração, acervo, projetos e um guia para visitantes houve uma produção e seleção de objetos digitais mediadores de memória (Van Dijck, 2007).

Conversas de varanda: entrelaçamentos de cuidado e memória com a mãe do corpo

Rafaele Cristina de Souza Queiroz (UFAM)

Apresento reflexões etnográficas e escrevivências ancoradas nas “conversas de varanda” no Purupuru, território ribeirinho do Amazonas onde vivo, e que há pouco tempo comecei a descrever a partir do que a academia me atribuiu com as formações: o lugar de pesquisadora, atualmente doutoranda em Antropologia Social, mulher negra em escrevivência com minhas semelhantes. A varanda espaço de escuta, afeto e memória é aqui proposta como metáfora e método etnográfico. Entre as partilhadas durante as pesquisas de campo, começamos a falar sobre a “mãe do corpo”, saber ancestral transmitido entre mulheres, que se localiza no umbigo e é vital para o equilíbrio do corpo e da vida. Quando descentralizada, a mãe do corpo indica desajustes que atravessam tanto o organismo quanto o ambiente e a espiritualidade. Quando descentralizada, a “mãe do corpo” anuncia desajustes que afeta o corpo com dores e desconfortos. A descentralização da “mãe do corpo” também pode ser lida como um sintoma das emergências climáticas contemporâneas, revelando os impactos das transformações ambientais nos modos de viver, alimentar-se e cuidar. Escrevivo a partir das mãos que me moldaram e das várias conversas de varanda conversas de casa de farinha, de roça. Minha escrita é encarnada, este texto é, assim, um gesto de reconexão entre corpo, território e memória, e uma proposta de antropologia afetada

pelas escrevivências das minhas semelhantes e comprometida com os saberes que sustentam a vida de onde vim.

Afeto e memória: narrativas em um livro de receitas sobre mulheres da minha família

Julia Mendes da Silva Souza (UERJ), Felipe Grassine de Oliveira (UERJ)

Esta escrita intenciona pensar nas relações da autoetnografia e etnografia familiar a partir do meu projeto de conclusão de curso em Design, onde desenvolvo um livro de receitas afetivas, construído a partir de conversas com algumas mulheres da minha família que fazem e fizeram parte da minha trajetória de crescimento e desenvolvimento de forma bastante significativa. São mulheres que cuidaram de mim quando criança e cuidam até hoje, que são tão mães minhas quanto minha própria mãe biológica, e marcaram presença na minha vida com gestos de cuidado, ensinamentos e, principalmente, com sabores e aromas que ficaram impregnados na minha memória. A partir dessas conversas, coleto receitas e também as lembranças e sentimentos que cada prato carrega. Aqui, usarei o design como uma ferramenta de registro, memória e preservação desses fragmentos de afeto — essas histórias que percorrem gerações, muitas vezes de forma oral, e que na construção deste livro podem permanecer e ser celebradas.

Sessão 02 - ST 33: Terra, Território e Saberes: entre Memórias, Conexões e Articulações Coletivas

Coordenador/a: Ana Cecília Oliveira Campos (UFSCar)
Debatedor/a: Gabriela Acerbi Pereira (UFRB)

Conexões costeiras sudeste - reescrever o sudeste como território a partir de pesquisa colaborativa

Cristiana Losekann (UFES)

A costa sudeste do Brasil é permeada por conflitos socioambientais e fundamental para a discussão das mudanças climáticas. Os inúmeros empreendimentos de infraestrutura e desenvolvimento da região ocupam o cerne do debate sobre emissões de gases de efeito estufa,

mas também afetam as múltiplas vidas e modos de viver. Pensando nesse contexto, desenvolvemos uma série de oficinas virtuais, presenciais e um ato público marítimo visando conectar associações, comunidades locais, movimentos sociais, cidadãos, ONGs, pesquisadores e comunicadores que atuam na região. O projeto faz parte de uma investigação da Rede Climatizando, com o apoio do CNPq e FAPES, que investiga o processo de climatização das pautas socioambientais. Um dos objetivos das oficinas foi apresentar resultados preliminares da pesquisa e discutir proposições futuras. O encerramento foi realizado com uma Nadada na Baía de Vitória/ES. Trabalhamos com metodologia que temos desenvolvido em caráter de extensão universitária caracterizada como arena públicas, baseadas conceitualmente na filosofia pragmatista de John Dewey. Essa proposta sugere que as pessoas exponham as suas posições, ideias, incertezas, de maneira argumentativa ou através da expressão estética, emocional e espontânea. Na React queremos refletir esse projeto a partir dos debates da pesquisa colaborativa, analisando efeitos das decisões metodológicas no conteúdo trabalhado, resultados e relações estabelecidas entre pesquisadores e atores não-acadêmicos.

Criações coletivas de cura e memória: enredando microfenomenologia, mariscagem e escrita etnográfica

Ana Carneiro Cerqueira (UFESBA)

Reflito sobre o lugar da antropologia nas oficinas intituladas “Conversas de cozinha: criações coletivas de cura e memória”, que elaborei e realizei junto com lideranças da Associação das Marisqueiras e Pescadoras de Belmonte, no extremo sul da Bahia, e com uma pesquisadora da área da microfenomenologia. Como fazer, da etnografia, uma ferramenta de conhecimento utilizável pelas marisqueiras na defesa de seus modos e meios de existência? Visando a criação colaborativa de um acervo compondo o repositório digital do CEDOC Memórias do Sul da Bahia (CFCHS/UFSB), as oficinas basearam-se - a um só tempo - em práticas terapêuticas e artefatos narrativos. A relação entre antropologia, mariscagem e microfenomenologia foi sendo tecida através dos desenhos abstratos, colagens, textos escritos e narrações orais que elas criaram ao ser instigadas a produzir uma memória da experiência de seus corpos. A mexida com os mariscos na criação de filhas(os) e de aliadas(os), assim como o deslocamento entre o campo e o gabinete no exercício da escrita etnográfica, e como a autoanálise microfenomenológica, produzem saberes

que têm um caráter prospectivo: inscrevem o passado na matéria do presente com intuito de produzir efeitos futuros sempre atravessados por incertezas. Se tais práticas de conhecimento são irredutivelmente distintas, a aliança entre elas torna-se possível com base nessas prospecções criadoras.

Cecinepá: articulando cosmovisões em saberes-sensibilidades-laços

Jonathan Fenile de Castro (UNICAMP)

As chamas do mundo moderno revelam-se uma dádiva ao pensamento antropológico dado proporcionarem uma rara perspectiva sobre os modos como se fazem e sustentam mundos. A proposta de nomear a desastrosa era geológica atual como "Antropoceno" indica uma cosmovisão fundada na separação entre humanos e natureza pela qual aqueles podem conhece-la e dominá-la, responsabilizada por Krenak (2024) pelo incêndio em que estamos. Assim, o presente em ruínas convida a se pensarem novos mundos. Latour (2004) atende propondo a composição de um mundo comum a partir do "Princípio de Falseabilidade de Stengers-Despret", uma alternativa à epistemologia dos Modernos que mobiliza ideias de Isabelle Stengers e Vinciane Despret para superar a cisão entre propriedades primárias e secundárias do mundo, assumindo que a sensibilização do corpo o constrói ao mesmo tempo em que constrói o mundo a que ele é sensível. Já Haraway (2023) enseja um mundo tentacular pautado na construção de saberes, práticas e mundos inevitavelmente coletiva e distribuída entre os mais diversos seres. Este trabalho em andamento visa compor com tais ideias uma prática coletiva de criação de saberes-sensibilidades-laços enquanto articulações das cosmovisões de seus praticantes, humanos ou não, que, figurados em marinheiros, estes devem traçar num mapa o caminho percorrido para concluir a tarefa, resultando numa etnografia cruzada e coletiva que sensibiliza seus corpos, transforma seus mundos, e entrelaça entre si seus destinos.

Transcrições Insurgentes: Relato Etnográfico do Conflito Sociambiental e silenciamento epistêmico no Conflito Minerário da Bocaina (BA)

Thalisson Luiz Maia Santana (UFBA)

Este trabalho apresenta um relato etnográfico do conflito socioambiental nas comunidades quilombolas da Bocaina e Mocó, em Piatã (BA), região estratégica da Chapada Diamantina

ameaçada por projetos minerários. Inseridas em unidades de conservação e berço de nascentes de três bacias hidrográficas, essas comunidades enfrentam a intensificação da mercantilização da natureza, reflexo das reformas liberalizantes e do avanço do neoextrativismo. A pesquisa parte do desafio epistemológico de representar povos tradicionais que não escrevem sobre si mesmos, evitando reforçar o colonialismo cognitivo. O protagonismo das mulheres da Bocaina subverte essa lógica, ao articular saberes locais e ciência acadêmica na produção de laudos técnicos e ações de resistência que resultaram na suspensão das atividades minerárias. Suas práticas expressam uma crítica viva ao extrativismo, uma epistemologia encarnada do Bem Viver e uma ferramenta contra o epistemicídio. Assim, a etnografia pactuada com os sujeitos da luta torna-se ato político, instrumento de denúncia e resistência frente à omissão do Estado. Mais que registro, ela é trincheira onde cada nascente defendida anuncia um futuro possível.

Fabulando passados e presente com minha avó: histórias e vivências sobre terra e território entre o interior e o litoral da Paraíba

Maria Clara Vieira da Sila (UFMG)

Leonilda Maria da Silva (Nem de Zé) e José Luiz da Silva (Zé de Nem) casaram-se em 1964. Se conheceram em Santa Rita/PB, após minha avó fugir da fazenda São Geraldo, em Serraria, buscando estudar e morar com os tios — promessa que nunca se cumpriu. Desde cedo, trabalhou cuidando de crianças, até fugir novamente para casar. Vó Nem é costureira, cozinheira, agricultora e muito mais.

Após a morte de Zé de Nem, vieram à tona memórias emaranhadas de infância, lugares, e histórias não oficiais. Zé era agricultor e construtor, e juntos plantaram a casa onde viveram, em Barra de Gramame (João Pessoa), hoje um espaço de resistência em meio à destruição urbana.

Em uma dessas memórias, Nem e Zé participaram da retomada de terras do MST, na Fazenda Maraú, hoje Assentamento Canudos, em Sapé/PB. Cruzando dados com o INCRA, os nomes aparecem como projetos de assentamento, embora poucos registros oficiais existam. Esta proposta de texto é uma pesquisa coorientada por Leonilda Maria da Silva. Foi preciso deslocar o olhar para conseguir aproximar-se e começar a pesquisar junto. Compartilhar experiências entre a universidade, os territórios que transito nas pesquisas e trabalhos que participo, e meu próprio território, comum à minha avó, têm criado uma rede de trocas. Após fugir para estudar em outro

estado, retornar vem acompanhado de um processo de aproximar. Minha pesquisa com minha avó também está na própria vivência, enquanto escuto.

Do luto à luta: as tendas de cuidado como dispositivo de memória e resistência indígena entre mulheres Pataxó Hã Hã Hãe

Olivia von der Weid (UFF), Bianca Arruda Soares (UFF)

O trabalho compartilha a experiência cocriativa das Tendas de Cuidado, dispositivo estético-político de memória, espiritualidade e resistência coletiva entre mulheres Pataxó HãHãHãe e aliadas. Após o assassinato da Majé Nega Pataxó HãHãHãe, em 2024, o luto se torna força relacional que sustenta a continuidade de sua presença e legado. Em vez de silenciamento ou ruptura, emerge uma prática viva de resistência entre mulheres, que transforma a dor em ação política e faz da memória um gesto de cuidado, reinscrevendo a presença da Majé, agora em encantamento, em ações que fortalecem vínculos comunitários e a luta por justiça.

Montadas em eventos de mobilização de 2024 e 2025, as Tendas são espaços de honra às mestras dos saberes tradicionais, ancoradas em redes de confiança e compromisso com a terra e a luta indígena. Nelas, práticas de cuidado, cura e espiritualidade se entrelaçam com denúncias, articulação política e estratégias contra as violências que incidem sobre seus corpos e territórios. Constituem, assim, tecnologias coletivas de reexistência, onde o luto se traduz em prática relacional e ética, reafirmando os modos de mulheres indígenas de fazer comunidade e manter a presença daquelas que continuam a agir no mundo por meio dos vivos. Nessa co-etnografia situada e implicada, o espaço da Tenda opera uma pedagogia encarnada de alianças. É uma pesquisa feita com os territórios, uma experimentação ética que nos convoca a entrelaçar modos de fazer, lutar e sonhar outros mundos.



Sessão 03 - ST 33: Metodologias Engajadas e Modos de Co-Criação: Produzindo Narrativas e Antropologias Outras

Coordenador/a: Gabriela Acerbi Pereira (UFRB)

Debatedor/a: Chirley Rodrigues Mendes (UFNT)

Uma antropologia engajada é aquela em que também se dança junto.

Ana Clara Ribeiro Prado (UFGD)

Fazer germinar uma pesquisa antropológica no contexto da pandemia de covid-19 foi um imenso desafio uma vez que tudo que era seguro ser feito, ia na contramão do desejo de fazer uma pesquisa partindo da coletividade. Entretanto, com o início da vacinação, retornar às ruínas do que sobrou – de nós e do mundo, começou a ser possível e a coletividade que tanto ansiava durante os meses de pesquisas bibliográficas, veio à tona de maneira intensa e vibrante juntamente com a juventude indígena. Movida pelos encontros e alianças estabelecidos outrora, passei a acompanhar os estudantes indígenas na Universidade Federal de Goiás no cumprimento da agenda nacional de mobilizações indígenas nos anos de 2022 e 2023. Durante esses encontros, para além da óbvia e amplamente etnografada ação política ameríndia, pude perceber que a "festa" é uma estratégia importante para a manutenção da guerra, pois quando se luta junto, também se dança junto e que o convite para "se encontrar mais tarde e dançar forró no inferninho" era não só, um convite para o descanso depois de cumprir uma agenda intensa de atividades. Era também um espaço para construir relações, alianças possibilidades de trabalho, onde a conversa não tinha roteiro e os encontros eram possíveis; foi no chão vermelho de Brasília que a pesquisa e as alianças encontraram terreno fértil para germinar.



Métodos, narrativas antropológicas e jornalismo literário: intersecções entre o fazer e a escrita etnográfica no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto

Bruna Vieira de Oliveira (UFSCAR)

O presente trabalho aborda métodos colaborativos de pesquisa das ciências sociais aplicados à antropologia e apresenta as intersecções entre as narrativas etnográficas e o jornalismo literário, como campos diversos do saber que podem se concatenar como dispositivos textuais complementares na construção e escrita de uma etnografia sob as perspectivas documental e de campo, sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (1926-1937). Este coletivo cearense autossustentável era liderado pelo beato José Lourenço, com base na religiosidade, cooperação e agricultura. Após pressão da Igreja Católica e de latifundiários, foi destituído pelo Estado de forma violenta. O objetivo é identificar a aplicabilidade dos métodos participativos estudados, no caso específico do Caldeirão, escolhendo o mais adequado para o propósito narrativo. Para tanto, fez-se uma análise comparativa dos métodos de estudo-ação (Bonilla et al., 1972) e co-labor (Cadena, 2024). Foi realizada revisão de literatura a partir dos autores: Araújo (2004), Cordeiro (2004), Gomes (2009), Lima (2013), Lopes (1991), Nascimento (2015) e Sousa (2012), que apresentam versões historiográficas do Caldeirão; Ingold (2011; 2016) e Peirano (2014) que se debruçam sobre o trabalho etnográfico; Belo (2013), Lima (2009) e Pena (2006), que tratam do jornalismo literário; Vale (2018; 2019) e Oliveira (2017), com exemplos de textos da antropologia e do jornalismo, respectivamente.

Política de drogas, autonomia e cuidado': vozes dissidentes e metodologias engajadas na antropologia antiproibicionista a partir da experiência de Florianópolis

Bruna Soares Overbeck (UFSC), Larissa Teixeira Pires (UFSC), Nicolas Roberto Quadros (UFSC), Kellyn Gaiki Menegat (UFSC)

A presente proposta trata-se de nossas experiências enquanto integrantes da equipe do projeto “Política de drogas, autonomia e cuidado: contribuições do feminismo antiproibicionista em perspectiva antropológica”. Esta, é.uma pesquisa colaborativa financiada pela Wenner Gren Foundation for Anthropological Research e articulada pelo Laboratório Universitário de Políticas, Direitos, Conflitos e Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (LUPA/UFSC), em

parceria com a Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas (RENFA) e com supervisão da professora Flavia Medeiros (ANT/UFSC). O projeto foi iniciado no ano de 2024 em Florianópolis, e, sob a perspectiva do feminismo antiproibicionista, tem por objetivo analisar os fluxos e sentidos articulados por mulheres e pessoas LGBTIAPN+ cujas existências são atravessadas pelo controle repressivo e violento da "guerra às drogas", compreendendo quais são as estratégias e os modos de gestão e produção de autonomia coletiva e individual dessas pessoas. Para tanto, utiliza-se a etnografia articulada à metodologias participativas, como diários de campo coletivos, oficinas de agroecologia, justiça não reprodutiva, cartografia social, direitos humanos, redução de danos e corpografia. Também dialoga com pesquisadoras que atuam na interface entre tecnologia social, antropologia e ativismo, refletindo sobre como metodologias engajadas e coletivas podem transformar não apenas as políticas de drogas, mas as próprias práticas acadêmicas.

Entre lentes e dados: cartografando o reconhecimento facial a partir da produção cidadã de dados

Thaís Gonçalves Cruz (UERJ), Thallita Gabriele Lopes Lima (UFRRJ)

Este trabalho parte do avanço de sistemas de reconhecimento facial na segurança pública e sua relação com a emergência da quantificação pela sociedade civil como forma de disputa narrativa. Os softwares de reconhecimento facial, longe de serem neutros ou autônomos, são operadores sociotécnicos que se enredam em infraestruturas materiais, normativas e afetivas instaurando modos específicos de ver, distinguir e governar. A partir da experiência do projeto Panóptico, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), investigamos como práticas de produção cidadã de dados podem tensionar esses arranjos e produzir formas alternativas de intervenção e visibilidade. Mobilizamos referenciais dos Estudos de Ciência e Tecnologia, do feminismo de dados e das epistemologias situadas para compreender os dados como materializações de mundos possíveis. Dialogando com autores como Haraway (2016) e Barad (2007), tratamos os sistemas de vigilância algorítmica como agenciamentos que performam o real e produzem efeitos ontoepistêmicos. O trabalho se desdobra em experimentações metodológicas que envolvem cartografias críticas, epistemologias colaborativas, escritas coletivas e construção de contra-dados, não como respostas finais, mas como gestos políticos que tornam visíveis os conflitos que sustentam a governança algorítmica.



Narrativas Pessoais – Tatuagem como ferramenta de encontro e narrativas de identidade

Aísha Rios Duarte (UERJ), Felipe Grassine de Oliveira (UERJ)

A tatuagem é uma prática ancestral presente em diversas culturas, que vai além da estética, e tem servido como forma de comunicação, expressão espiritual, pertencimento e registro histórico. Ao longo do tempo, seus significados evoluíram, e hoje ela é reconhecida como arte e instrumento de afirmação identitária. O design, ao se integrar à tatuagem, torna-se uma linguagem visual íntima que expressa emoções e narrativas diretamente no corpo. Nesse contexto, o designer precisa considerar não só a estética, mas também a anatomia e o movimento corporal, criando uma arte viva que dialoga com quem a carrega. A ilustração é central neste projeto, pois atua como meio de expressão e narrativa tanto no design gráfico quanto na tatuagem. Ao ser marcada na pele, ela se transforma em parte da identidade da pessoa, carregando significados, memórias e emoções que vão além da estética. A partir de encontros com diferentes pessoas, o projeto busca traduzir suas histórias em ilustrações autorais, que serão aplicadas como tatuagens. Fundamentado na ideia de que narrar é um ato de subjetivação e que o corpo pode ser suporte para memória, identidade e afeto, a proposta explora o potencial simbólico e permanente da tatuagem como arte íntima e social. Por meio da escuta ativa e da criação compartilhada, este trabalho pretende construir uma experiência de coautoria e aprofundar o entendimento do design como mediador entre subjetividade e imagem.

Efeitos de sentido na representação de angolanos: uma análise do manual da 5ª classe de língua portuguesa de angola

Danilo da Silva Rodrigues (UFBA)

Este trabalho investiga efeitos de sentido produzidos pela representação dos angolanos em enunciados no manual da 5ª classe de Língua Portuguesa usado em Angola. É desdobramento de uma monografia, cujos resultados apontaram uma representação estereotipada e homogeneizante do continente africano em um livro didático utilizado em escolas públicas de Salvador/BA. Outras pesquisas (Almeida, Rodrigues, 2014; Bonfim, Félix, Jesus, 2019; Borges, Mendes, 2017; Castro, Miguel, 2019; Costa, 2020; Maciel, Santos, 2020; Monteiro, 2018; Oliva, 2003, 2014; Ribeiro, Menegassi, 2008; Silva, 2011) também mostram o livro didático como ferramenta ideológica que

reforça estereótipos sobre populações negras e mantém a sub-representação de afro-brasileiros, afrodescendentes e africanos, mesmo após as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Tais dados reforçam a importância de investigar representações étnico-raciais em materiais africanos, considerando paralelos com o Brasil. O estudo inscreve-se nos campos dos estudos coloniais (Césaire; Dussel; Fanon; Mbembe; Rodney), decoloniais (Costa; Grosfoguel; Torres), e nas teorias da representação (Foucault; Hall; hooks), do discurso (Foucault; Pêcheux; Orlandi) e dos efeitos de sentido (Fernandes; Possenti; Orlandi). Resultados iniciais indicam que sentidos se movem e que o colonialismo português, como fenômeno histórico, deixou marcas visíveis em discursos atuais, com materialidades que perpetuam imaginários coloniais e inferiorizam os angolanos.



ST 34: TECNODIVERSIDADE, CRIAÇÕES DE MUNDO E RECRIAÇÕES ENTRE SERES

Coordenador(a): Lucas de Mendonça Marques (USP), Beatriz Demboski Búrigo (UFSC), Gabriel Guarino Santanna Lima de Almeida (USP)

Ser criança também é criar mundos: encontros e suas transformações técnicas

Taynah Alves Soares (UFSC)

A presente proposta de trabalho se origina a partir das reflexões teóricas suscitadas pelo meu projeto de doutorado que tem como foco as crianças na pesca artesanal da tainha em Santa Catarina. Toma-se como ponto de partida o status da criança enquanto sujeito ativo (James; Prout, 2001) nas interações que estabelece com o mundo, podendo se relacionar com ele de maneiras distintas ou não dos adultos. Em seu encontro com a pesca e seus instrumentos técnicos, ambientes, humanos e mais-que-humanos, a criança também é capaz de interagir com a atividade de forma particular ao adquirir os conhecimentos técnicos necessários por meio de um trabalho criativo a partir de toques, olhares, etc. (Ingold, 2000). Ainda que o ambiente e os instrumentos sejam os mesmos, as crianças podem dar origem a uma diversidade técnica em sua utilização ao, por exemplo, criarem possibilidades de brincadeiras a partir de canoas e redes (Côrrea; Fernandes, 2017; Medaets, 2020) ou ao reconhecerem que têm seu próprio "jeito de pescar" (Cardoso; Souza, 2011, p. 171). A pesca pode, assim, adquirir um status particular para elas que pode ou não estar ligado ao trabalho e que é tanto um ponto de encontro com os adultos quanto um espaço de transformação da técnica. Versada no saber-fazer (Di Deus, 2017) da atividade, a criança cria mundos e os compartilha com os adultos.



Sessão 01 - ST 34: Tecnodiversidade, criações de mundo e recriações entre seres - Proposições e especulações cosmotécnicas

Coordenador/a: Lucas de Mendonça Marques (USP)

Debatedor/a: Thiago Oliveira da Silva Novaes (Faperj/UFF)

Tecnoantropologia em trânsito: recepção, disputas e legitimação da subdisciplina no campo antropológico brasileiro

Emerson Lopes Barbosa (UFCG)

Esta proposta apresenta uma investigação em andamento no doutorado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, com o objetivo de compreender a formação da Tecnoantropologia como um subcampo emergente da Antropologia no Brasil. A pesquisa utiliza uma abordagem etnográfica e documental para analisar as dinâmicas de recepção de autores estrangeiros associados à Tecnoantropologia, explorando os circuitos de circulação e tradução de conceitos, além das lutas simbólicas em torno de sua institucionalização e legitimação nos contextos acadêmicos brasileiros. Inspirada no campo da Antropologia das Ciências e das Tecnologias, a análise enfoca os embates epistemológicos, as redes de mediação e as tensões entre a globalização do saber e a resistência local. Questiona-se como disciplinas se transformam em objetos de disputa e invenção política dentro da própria antropologia. Ao compartilhar este ensaio teórico inicial, a pesquisa visa fomentar o diálogo com pesquisadores(as) do campo, refletindo sobre as fronteiras, apropriações e deslocamentos que caracterizam a constituição de novos domínios disciplinares e epistêmicos, especialmente em contextos marcados por assimetrias na produção de conhecimento. Essa investigação não só contribui para o entendimento da Tecnoantropologia, mas também para as discussões mais amplas sobre a dinâmica da produção acadêmica e suas implicações sociais e políticas.

Simondon e a Alquimia

João Gabriel de Oliveira Moraes (UFMT)

Simondon, na conferência Forma, Informação e Potênciais, se refere à necessidade de se pensar uma energética capaz de dar conta dos processos de tomadas de forma, e opõe este esforço

aos morfológicos. Este esforço poderia se inspirar nos Alquimistas: na obra alquímica, à dissolução e isolamento da Liquefactio sucedem o Albefactio e depois a Cauda Pavonis. Diz Simondon: "Se for possível generalizar este esquema e torná-lo mais preciso pela noção de informação, pelo estudo da metaestabilidade das condições, então se poderá almejar fundar a axiomática de uma ciência humana sobre uma nova teoria da forma" ILFI p. 607.

O tema da Alquimia é também discutido longamente nos cursos organizados em Sur la Technique. Simondon argumenta que o esforço dos alquimistas era sobretudo o de preservar um caráter transdutivo entre os diversos campos técnicos e científicos; de pensar uma comunicabilidade entre operações entre campos diversos; Em Naissance de la technologie, uma historicidade da transdutividade é proposta, que vai do hermetismo à mecânica, e então à cibernética.

Gostaria de apresentar os documentos históricos que Simondon discute e mostrar como sua visita aos fornos e aos alambiques é interessante para uma filosofia da técnica. Pretendo enfatizar a sua discussão do lugar da sublimação alquímica nos processos de análise: Simondon sugere um paradigmatismo destas operações de destilação no pensamento e uma analogia técnica profunda desta operação na constituição da filosofia.

Lugar-criação, cosmopolítica e técnica: composição musical com subtração

Paulo Oliveira Rios Filho (UFSM)

Este trabalho propõe uma leitura da composição musical como um fazer situado em uma zona povoada por corpos de naturezas diversas—humanos, não-humanos, sonoros, técnicos, intensivos. A partir de diálogos com a antropologia e com a filosofia, explora-se a noção de um fazer-música enquanto processo complexo de mediação entre as vozes desses diferentes corpos. A obra musical não seria mais o resultado de uma série de decisões tomadas por um sujeito sobre um aparato de coisas, materiais e técnicas mais ou menos inertes, mas ela própria a trajetória aberta de disputa de pontos de vista entre os corpos em um lugar-criação. Assim, podemos seguir Smetak (1981), ao perguntar: "Qual a atitude a ser tomada agora pelo músico? Cruzar os braços?" Atrás de respostas, primeiro trago as ideias de aliança, simbiose e diplomacia, numa leitura de Deleuze/Guattari, Viveiros de Castro e Stengers, para abrir algumas janelas teóricas no horizonte da criação musical; e, por fim, alguns exemplos práticos de processos composicionais próprios,

inspirados por Goldman (2009) quando este analisa como no Candomblé as coisas são feitas por subtração, a partir de um mundo já pleno em si mesmo. Com isso, buscamos compreender a resposta de Smetak ao seu próprio questionamento, qual seja: "que ele [o músico] se levante e ande, plantando os sons por ele emitidos [...] que consiga plantar a árvore da música, abatida na selva, dando proteção aos seres que procuraram a sua sombra… equilibrando a ecologia."

Cosmotécnica e Eficácia: problemáticas da hibridização da Medicina Chinesa com o paradigma biomédico ocidental

Nabylla Fiori de Lima (MHBL), Gilson Leandro Queluz (UTFPR)

Este trabalho discute os desafios práticos e filosóficos de ressignificar tecnologias a partir da teoria da cosmotécnica de Yuk Hui e sua relação com o conceito de eficácia, tendo como exemplo as implicações dessa teoria na inserção da medicina chinesa no contexto ocidental. Partindo da ideia de que não há noção de técnica universal, Hui propõe que toda técnica está enraizada em uma cosmologia específica, sugerindo a possibilidade de dissociar a cibernética da cosmologia ocidental para ressignificá-la em outros contextos, configurando uma relação libertadora na interação entre humanos, máquinas e natureza. Essa operação permitiria o desenvolvimento de tecnologias mais alinhadas com os ritmos e valores de diferentes culturas, desafiando o modelo tecnológico hegemônico ocidental. No entanto, nos questionamos: até que ponto é possível transformar uma tecnologia e desvinculá-la de sua origem cosmológica sem perpetuar os problemas que acompanham essa origem? A medicina chinesa, enquanto cosmotécnica, expressa uma cosmologia própria, baseada em princípios filosóficos chineses. Ao ser incorporada ao Ocidente, muitos desses fundamentos foram desconsiderados, adaptando-se ao paradigma biomédico dominante. Ao explorar essa hibridização, refletimos sobre os limites e as possibilidades de reinvenção tecnológica diante de deslocamentos cosmológicos, contribuindo para o debate sobre tecnodiversidade e sobre múltiplas formas de relação técnica entre humanos, mais-que-humanos e o mundo.



Redes comunitárias, autonomia digital e conectividade em territórios tradicionais

Milena Cramar Lôndero (UFPR), Vitória Santos (UFRJ)

Em meio a desigualdades estruturais no acesso à tecnologia, as redes comunitárias de internet surgem como alternativas para a promoção de conectividade significativa, da autonomia comunitária e do desenvolvimento local, especialmente em territórios historicamente marginalizados. Este artigo discute as redes comunitárias como expressões de transformação digital centrada nas comunidades, destacando sua dimensão sociotécnica e o papel fundamental da autogestão na construção de infraestruturas digitais. Com base em dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil e em contribuições do Grupo de Trabalho sobre Redes Comunitárias da ANATEL, analisa-se a presença majoritária dessas iniciativas em quilombos, aldeias indígenas e áreas ribeirinhas - especialmente nas regiões norte e nordeste do país, bem como os desafios enfrentados nas esferas econômica, técnica, de governança e sociopolítica. Ao articular abordagens etnográficas e técnicas, propõe-se uma leitura das redes comunitárias como formas de tecnodiversidade e cosmotécnica, que tensionam concepções hegemônicas de tecnologia e produzem modos próprios de relação entre pessoas, territórios e infraestruturas. Por fim, defende-se a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades locais e que reconheçam essas experiências como formas legítimas de criação técnica enraizada em contextos socioculturais singulares, sem impor os modos de ser e pensar dos grandes centros urbanos.

Sessão 02 - ST 34: Tecnodiversidade, criações de mundo e recriações entre seres - Tecnodiversidades em operação

Coordenador/a: Gabriel Guarino Santanna Lima de Almeida (Métis/USP)
Debatedor/a: Beatriz Demboski Búrigo (PPGAS/UFSC)

A arte de fazer boi: cosmotécnicas boieiras

Vitor Sampaio Soares (USP)

Neste trabalho, busco refletir sobre as relações entre criação, técnica e cosmologia no contexto de uma celebração afro-brasileira. Para isso, parto de uma etnografia que realizei durante

a festa do bumba meu boi no município de Cururupu, no litoral ocidental do Maranhão, centrando-me nos distintos processos de feitura que compõem essa manifestação. Tomo como fio condutor a confecção do boi — artefato central da festa — para investigar como saberes manuais, gestos e materiais se articulam na produção de uma figura animalizada e socialmente atuante. Entendo que essa animalização não se restringe à forma conferida pelos artífices responsáveis por dar ao chamado "boi bandido" seu impacto visual e sua potência performativa, mas diz respeito também a uma condição de existência virtual presente no universo boieiro. Uma vez construído, o boi percorre a cidade, sacralizado pelo rito batismal, desestabilizando a ordem cotidiana por meio de seus gestos coreográficos, suas transgressões e da mobilização coletiva que provoca ao seu redor. Ao dialogar com a noção de tecnodiversidade (Hui, 2020), proponho compreender a feitura do boi como um atravessamento técnico e cosmológico, no qual festa e trabalho se entrelaçam numa dinâmica de recriação mútua entre os seres envolvidos e o mundo. Sugiro, assim, que os modos técnicos e performáticos do boi expressam uma cosmologia própria, que pode ser pensada nos termos de uma cosmopolítica boieira.

Tecnodiversidade ameríndia, algumas notas sobre uma tecnologia não antropocêntrica

Bruno Nascimento Huyer (USP)

Este trabalho navegará em histórias de surgimento de algumas técnicas ameríndias a partir de fontes bibliográficas e material etnográfico coletado por mim junto a dois povos falantes de línguas Tupi, os Wajãpi e os Mbya-guarani, para, como exercício preliminar e prospectivo, investigar a possibilidade de esboçarmos princípios de uma cosmotécnica ameríndia.

A partir dos mitos de origem dos desenhos kusiwa, dos utensílios produzidos pelos homens com arumã (tipiti, peneiras, abanos, etc.) e pelas mulheres com algodão (redes, tipoias, e vestuários), no caso Wajãpi, e a partir da origem do fogo culinário, no caso Mbya-guarani, investigaremos alguns princípios ameríndios de técnicas que, ainda que sejam dominadas pelos [atuais] "humanos", não são a eles imanentes e, como no caso de seus próprios corpos, seu domínio parece instável.

Ao que tudo indica – em um mundo com pouquíssima ênfase, ou quase ausência, de noções como invenção ou criação ex-nihilo – estaríamos diante de uma tecnologia sempre originada de

fora, ou, como Viveiros de Castro apontou, em diálogo com Yuk Hui, um mundo onde "na origem de toda tekhnē, há mētis, astúcia", e que para mantê-la em domínio "humano", depende-se da memória constante dos mais velhos e da repetição contínua pelas novas gerações.

Casas-cosmos: sentidos de criar e de habitar o mundo entre os Suruwaha

Lucas Timóteo de Oliveira (USP)

A partir de pesquisa etnográfica junto aos Suruwaha, povo de língua Arawá, habitantes de um território do vale do Rio Purus (AM), este trabalho propõe uma investigação sobre os modos de se fazer casas – chamadas uda – e os sentidos de habitá-las para esse povo. Os uda são locais onde se realizam tanto atividades cotidianas quanto a celebração de momentos importantes da vida, como o nascimento, as festas e a morte. São habitações coletivas constituídas de uma base, feita de esteios dispostos em geometria circular, sobre os quais é instalado um teto cônico. A feitura do uda pelos Suruwaha é um processo complexo que envolve diferentes etapas e uma multiplicidade de relações entre humanos, mais-que-humanos e ambiente. Considerando a proposta de Yuk Hui de que toda técnica traz consigo noções particulares de cosmos, ou seja, implica uma cosmotécnica, levanto uma questão: de que modo o processo de construção e os sentidos do habitar o uda entre os Suruwaha – em que casa e cosmos estão mutuamente implicados – suscitam uma ideia de criação, que pode afetar concepções sobre cosmos e sobre técnica? Neste trabalho, proponho conceber os uda como casas-cosmos, uma vez que se constituem a partir de um referencial "cosmocentrado": situada no centro do universo, o uda congrega em si o cosmos todo e, a partir dele, todo o cosmos se estrutura. Esboço, por fim, a ideia de que a casa-cosmos suruwaha, mais do que uma tecnologia de/para habitar/residir, é um modo-relação de criação de mundos.

Tramas quiméricas: um estudo etnográfico sobre as artes do trançado no Museu de Etnologia e Arqueologia da UFMT

Viviane Sara Contareli de Oliveira (UFMT)

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado em andamento, com o tema central as artes trançadas presentes nas coleções do Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso (MUSEAR/UFMT). Busca refletir sobre as relações

possíveis entre a variabilidade material, os saberes técnicos de produção das peças e seus múltiplos atravessamentos cosmológicos. Parte-se da taxonomia proposta por Berta Ribeiro (1985), usada como categorias de classificação do inventário do museu, mas também entende o fazer técnico como pensamento incorporado e relacional (Ingold, 2013). Ao tomar o acervo como campo etnográfico, as coleções são entendidas não como repositórios de objetos mortos, mas como espaços em constante fluxo de memórias, alteridades, agenciamentos e negociações. Teoricamente, destacam-se as discussões propostas por Els Lagrou (2007), que orientam a leitura da técnica como uma forma de ver e sentir o mundo expressa no ritmo e estética como dimensão sensível do conhecimento cosmológico que guia a produção indígena, à partir da ideia de quimera abstrata (2013), em diálogo com Carlo Severi. Compreendemos o trançado não apenas como produção artística, dada sua base técnica (Boas, 2014) e capacidade de agenciar relações (Gell, 2018), mas como uma arte cosmopolítica e relacional, cujas tramas entrelaçam visível e invisível numa tessitura ontológica de saberes estéticos e cosmológicos, evidenciando vínculos entre artes, humanos, não-humanos e ambiente.

O tempo que a coisa dá. Devir estético-afetivo e différance na construção de máquinas de tatuar

David Moura Martins (UNB)

Samambaia Sul, Entorno do Distrito Federal. Carlos Belarmino, o Jabá, se dedica há mais de duas décadas à feitura –à mão– de máquinas e artefatos destinados à prática da tatuagem comercial/profissional. Recentemente –isso só se daria no início desse milênio– observamos a pervasão do grande capital e, por consequência, dos modos de produção industrial no meio – estes, por vezes, com ímpeto de destruição de singularidades pela instauração de consumo de massa (Stiegler, 2004), de descodificação do socius e dos corpos (Deleuze e Guattari, 2010[1972]) e de separação [alienação] o trabalhador da intimidade, do entendimento e do engajamento sensível – e, consequentemente, estético, se entendermos estética como aisthesis – com os meios técnicos a que se associa (ver Simondon, 2020[1958]). Este trabalho propõe pensar a construção à mão –por vezes chamada de artesanal– de máquinas de tatuar como modo de adiar, de contornar – pelas margens – a commoditização da tatuagem, instituindo outros ritmos, outros tempos – emergentes da interação entre gestos e matéria –, estes, diversos da lógica esquizofrênica, calculativa [à

serviço de uma Gestell (cf. Heidegger, 1954), de um enquadramento que Hui (2020) traduziria por composição] e desterritorializante do capital. Talvez –talvez– essa técnica, ancorada no sensível, se aproxime do axioma heideggeriano tekhne qua poiesis [usualmente traduzida por produção], ou de uma cosmotécnica [?] que opere na produção de diferença, de différance.

Cosmos, técnicas e criações em cosmologias indígenas e científicas

Maria Borba (USP)

Este trabalho pretende investigar o conceito de cosmotécnica, tal como proposto por Yuk Hui (2016), à luz da forma como a noção de cosmologia é compreendida em universos ontológicos distintos: o da cosmologia científica contemporânea, através dos trabalhos do cosmólogo Mario Novello (2010, 2018), e os de sistemas de pensamento indígenas, a partir da etnografia do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro sobre os Araweté (1986), povo tupi da Amazônia. Se a cosmologia científica articula aspectos interdependentes de um mesmo mundo (local e global) em busca da estabilidade máxima para que ele possa continuar existindo, e a imagem de cosmologia que emerge da etnografia Araweté é aquela que só se constitui na medida em que a diferença entre universos ontológicos distintos (o do “eu" e o do “outro”) seja a maior possível, de que maneira pode ser possível pensar a relação entre ordem cósmica e ordem moral em cada um desses sistemas de pensamento? Diante das diferenças existentes entre eles, e que envolvem a produção de diferenças em mundos inanimados e animados (povoados) respectivamente (Borba, 2023), este trabalho pretende refletir sobre as criações de mundo e de si que estão em jogo em cada um deles perseguindo a seguinte questão: se toda técnica carrega consigo uma certa noção de cosmos (Hui, 2020), que técnicas (e noções de técnica), estariam implicadas nas concepções de cosmos por eles apresentadas?



Sessão 03 - ST 34: Tecnodiversidade, criações de mundo e recriações entre seres - Composições e “coaprendizagens” mais-que-humanas

Coordenador/a: Beatriz Demboski Búrigo (PPGAS/UFSC)

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (UFSC)

A vida social dos plásticos: uma etnografia na praia do Porto da Barra em Salvador-Bahia

Elena de Medeiros Batista (UNICAMP), Elena de Medeiros Batista (UNICAMP)

Essa proposta de pesquisa visa etnografar as relações entre plásticos e humanos na praia do Porto da Barra, em Salvador, Bahia,e seu entorno. Por meio da observação participante,entrevistas semiestruturadas e o uso de recursos audiovisuais,busca-se mapear e reconhecer os diversos sentidos sobre como nos relacionamos com os plásticos.A proposta consistirá em desfazer categorias pré-concebidas sobre os plásticos que muitas vezes condicionam as interações ao funcionamento desses materiais e,em paralelo,investigando sobretudo a partir de uma literatura recente do campo dos estudos do parentesco,as relações de aliança e parentalidade possivelmente estabelecidas com eles. Sendo assim,pretendo articular esta discussão a partir de três eixos interligados. Inicialmente,abordo a perenidade da vida útil dos plásticos e os múltiplos sentidos que assumem no cotidiano da Praia do Porto da Barra,destacando sua interação multiescalar. Em seguida, busco compreender como o plástico, enquanto material resíduo e mutável, estabelece relações de intimidade e contaminação com humanos e não-humanos. Por fim,discuto como os plásticos engendram as tramas de poder contemporâneas, atuando como agentes na produção de vidas menos-que-humanas e mais-que-humanas.Sob a hipótese de que a experiência só é possível de ser compreendida –e valorada–pela vitalidade entre ser e matéria, considero que o modo como são estabelecidos usos e percepções sobre os plásticos intervêm nas formas de sociabilidade instituída.



Entre técnica e política: a formação do cão-guia como tecnologia assistiva e ator político no Brasil

Rafaela Damasio Castilho (UFMG)

Esse trabalho se propõe a explorar os processos de transformação do cão-guia em uma tecnologia assistiva a partir do conceito de cosmotécnica (Hui, 2020). Em um sentido latouriano (Latour, 2012, p.75), poderíamos dizer que tanto o cão, quanto o humano guiado, são atores dentro de uma rede de relações. Tais espécies companheiras compartilham naturezasculturas (HARAWAY, 2022) na formação destes cães como tecnologia assistiva em uma constante 'prática de antropo-zoo-gênese' (Despret, 2011, p.10) na qual a domesticação interespécie envolve o treinamento de cães - e humanos - baseado em confiança e cuidado mútuo de toda a rede interespécie envolvida na formação dos cães-guia.

Esse cão, como tecnologia assistiva passa a exercer um papel político dentro de uma cosmopolítica (STENGERS, 2018) nacional que faz refletir sobre a necessidade da ampliação do número de cães-guia no Brasil. Segundo a União Nacional de Usuários de Cães-Guia (UNUCG), há pouco mais de 200 cães-guia em serviço atualmente no Brasil. Esse número é ainda mais alarmante ao constatarmos que segundo os dados do IBGE de 2022, existem aproximadamente 6 milhões de pessoas com dificuldade para enxergar no Brasil, sem contar as pessoas sem deficiência que podem vir a se tornar pessoas com deficiência visual. O trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla de mestrado que pretende compreender a história, a formação, a atuação, e as questões político-sociais, que envolvem o cão-guia em sociedade.

“Avamunha!”: os Orixás dançam seu conhecimento durante o xirê

Julia Aparecida Rodrigues da Silva (UFSCAR)

“Contar os mitos, cantar a cantiga e dançar seus ensinamentos” durante o xirê, momento em que os filhos e filhas de santo dançam e entoam uma sequência de cantigas própria a cada divindades daquele terreiro, o momento de aprendizado e vivência na religião é apreendido pelo corpo que dança em roda seguindo o ritmo do atabaque que realiza a marcação de quem/como é o Orixá. Esta pesquisa tem por objetivo compreender o processo de aprendizagem da coreografia, a letra e ritmo musical que representa cada Orixá/Vodun bem como esses elementos contam sua história (itan) e como o corpo de cada filho ali imposto corporifica a deidade que lhe foi destinada

a seu ori. Partindo de uma etnografia em um Terreiro de Umbanda Traçada na cidade de São Carlos, SP, cuja ritualística do candomblé é de nação Ketu com algumas prática em Nagô, o exercício proposto aqui é compreender os processos em que os mitos dos Orixás germinam com a dos filhos de santo nesse imbricamento que é a técnica-saber-religioso na qual os mais velhos ensinam os mais novos a sequência das danças e cantigas nessa pedagogia de terreiro se ensina sobre o Orixá: as cantigas ensinam quais histórias? Como o corpo apreende o Orixá? Quais são as dificuldades de se aprender certo ritmo? Quais mitos se contam pela dança?

Pirofilia espectral: relações sensoriais mais-que-humanas ao fogo

Kuai Shen Auson Ortega (Universidade de Lisboa)

A energia do fogo é indisciplinada. Num planeta rico em oxigénio, de temperaturas crescentes e mudanças climáticas turbulentas, os fogos surgem subitamente de forma biótica e abiótica por meios humanos ou não humanos. As energias dos incêndios florestais multiplicam-se num multiverso de padrões imprevisíveis, induzindo mudanças nas terras em todas as dimensões sociais, culturais e ecológicas. Particularmente em locais propensos a incêndios, como a Portugal e, nomeadamente, o Brasil, os incêndios estão enredados em histórias coloniais de recuperação. Essas narrativas são avaliadas e geridas através de visões e epistemologias hegemónicas que desvalorizam práticas fundamentadas e imaginários indígenas.

Para promover discursos mais-que-humanos e práticas descoloniais nos estudos críticos do fogo, tem de ocorrer uma mudança de paradigma. O fogo, não como devastação, mas como energia intra-ativa (Barad 2014) mas-que-humana (Pyne 2021), deve ser revalidado através de uma pluralidad sensorial. Espécies pirofilicas detectam o espectro eletromagnético do fogo através das lentes e sentidos animais. Inspirado pela percepção sensorial dos animais resistentes ao fogo, este artigo elabora uma relação diferente com as energias do fogo, que procura alinhar-se com as ontologias enraizadas do povo Xerente no Cerrado, por meio da reutilização de métodos de visão computacional e ecoacústica.



A Tessitura do Olhar: Videomonitoramento, percepções e dinâmicas sociotécnicas em uma universidade pública federal

Karina de Paula (PPGA-UFF)

Esta pesquisa etnográfica investiga a complexa inserção de sistemas de videomonitoramento em universidades públicas federais brasileiras. Analisa-se como tais dispositivos, enquanto fatos técnicos, agenciam percepções de segurança e direito, (re)criando mundos no cotidiano acadêmico. Investiga-se a constituição dessas tecnologias como infraestruturas sociotécnicas, desvelando as tecnopolíticas inerentes à sua adoção – desde a modernização como 'campus inteligente' até as disputas sobre vigilância, patrimonialização e os usos subversivos. Exploram-se eventos críticos, como o encobrimento de câmeras durante protestos ou a instalação não autorizada de dispositivos, como chaves analíticas para compreender as tensões entre agendas de segurança e as demandas por acessibilidade e qualidade de vida, materializadas nos projetos 'Monitora UFF' e 'Campi Inteligentes: Acessibilidade e Mobilidade com Cidadania'. Adotando a abordagem de "seguir a câmera", a pesquisa desvela como esses artefatos técnicos se tornam parte da infraestrutura e do patrimônio universitário, reconfigurando espaços, relações e percepções, para além de sua função ostensiva de vigilância. Busca-se, assim, contribuir para o entendimento dos processos de adoção tecnológica, das ambiguidades da segurança e da coprodução da vida universitária na era da digitalização.



ST 35: TERRA VIVA, TERRA LIVRE: RETOMADAS, MOVIMENTOS E ALIANÇAS CONTRACOLONIAIS NO TEMPO DAS CATÁSTROFES

Coordenador(a): Ana Paula Massadar Morel (UFF), Joelson Ferreira de Oliveira (UFBA), Roberto Romero Ribeiro Junior (UFMG)

Sessão 01 - ST 35: Terra viva, terra livre: retomadas, movimentos e alianças contracoloniais no tempo das catástrofes - T/terra e território

Coordenador/a: Roberto Romero Ribeiro Junior

Debatedor/a: Ana Paula Massadar Morel (UFF)

Direito à Terra: Desafios do Quilombo Sacopã Frente à Especulação Imobiliária

Luiza Moreira Cabral (UERJ), Liza Casemiro Cruz (UERJ), Ana Beatriz do Nascimento Oliveira (UERJ)

Este trabalho pretende, a partir da análise da trajetória de vida e luta do Quilombo Sacopã – protagonizada por seu líder Luiz Sacopã, que possui 50 anos de liderança e 83 anos de idade –, destacar a importância da existência, resistência e preservação de quilombos urbanos, bem como os desafios enfrentados por essas comunidades perante à especulação imobiliária e às dinâmicas das infraestruturas urbanas. A pesquisa ainda tem como objetivo discutir a importância do território como parte intrínseca da identidade quilombola, considerando seu papel material e simbólico na configuração sociotécnica do espaço urbano.

Por meio da trajetória de Luiz Sacopã – filho do homem que demarcou o território nesse estudo, analisado a partir de entrevistas com Luiz e levantamento documental –, visamos trazer à tona o debate acerca da importância de modos de vida distintos, ainda que em bairros majoritariamente ocupados por mansões e condomínios de luxo no Rio de Janeiro, subvertendo a ideia de que esse espaço não pode ser ocupado também por quilombos e favelas. Com isso, a

pesquisa busca evidenciar que, diferente do que os especuladores trabalham em prol, a Zona Sul é e pode ser mais ainda um lugar de culturas diversas, e não somente uma região socioeconomicamente favorecida com uma homogeneidade cultural, racial e de classe.

Territórios: modos de fazer T/terra

Eric Silva Macedo (FGV-EAESP)

Tomando como ponto de partida o filme "O Território" (Alex Pritz, 2022), o trabalho mapeia equivocações a respeito das noções de território e terra no contexto de invasões, retomadas e resistências em Terras Indígenas na Amazônia. São investigados os diferentes sentidos implicados nos termos, tanto em usos cotidianos — tomando como exemplo personagens do filme —, como técnico-analíticos, em disciplinas como a antropologia e a geografia. Debruçando-se sobre a diferenciação de Bruno Latour entre territórios constituídos de "fora para dentro" e "de dentro para fora", busca-se compreender como modos particulares de traçar território resultam em diferentes formas de fazer/produzir a terra (ou a Terra), e vice-versa. Em especial, o trabalho interessa-se por práticas recentes envolvendo o uso de tecnologias digitais como ferramentas de defesa por povos indígenas diante de invasões e ameaças.

Resistindo a redução-extração minerária, articulando futuros ancestrais a partir da relação com a terra: Uma análise da expansão da mineração do lítio e suas resistências no Vale do Jequitinhonha

Thiago Barbosa (Universität Leipzig)

A extração do lítio—mineral tido como "estratégico" para a chamada transição energética—promete reconfigurar o território do Vale do Jequitinhonha, mas não sem graves efeitos sociais e ambientais. Este artigo analisa várias articulações discursivas que buscam reduzir territórios à sua disponibilidade de elementos minerais, bem como a resistência popular contra essa redução mineral-elementarista. Ele examina como um discurso geológico-mineiro no atual contexto (pós-)colonial–neoliberal tem promovido uma ideia essencializante de dependência mineral e incentivado a renomeação da região do Vale do Jequitinhonha como "Vale do Lítio", ambos a serviço da expansão da mineração. Com base em pesquisa etnográfica, o artigo explora como atores indígenas, quilombolas, e de outras populações tradicionais no Vale do Jequitinhonha

têm resistido a essas estratégias de abstração e extração mineral e, em contrapartida, têm articulado suas próprias visões de futuros sustentáveis desde suas perspectivas de ancestralidade e relacionalidade com a terra. Pensando junto com atores dos povos Pankararu e Aranã Caboclo de Araçuaí, o artigo analisa como o cuidado com as plantas e árvores se torna um canal de imaginação construtiva de um futuro em terra retomada e reparada. Por fim, reflito sobre a importância de se pensar possíveis futuros a partir de cosmovisões locais, para além da (também necessária) problematização do futurismo hegemónico do desenvolvimento sustentável.

Nutrir a terra, regenerar a vida: coexistências, extinções e ressurgências nas retomadas katxuyana e kahyana

Luísa Gonçalves Girardi (UFMG)

Diante das catástrofes socioambientais que ameaçam as terras indígenas e seus modos de existência plurais, esta comunicação propõe-se a refletir sobre os movimentos de retomada vividos pelos Katxuyana e Kahyana, povos (-yana) originários dos rios Katxuru e Kahu, na Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana, ao norte da Amazônia. Atenta aos ciclos de constituição, extinção e ressurgência de seus lugares, busco lançar luz sobre a centralidade de conexões multiespécies no cultivo contínuo de refúgios de vida compartilhada. Tais conexões dão a ver práticas que não apenas resistem ao esvaziamento ontológico promovido pelo projeto colonial e desenvolvimentista, mas também forjam alianças cosmopolíticas que sustentam a habitabilidade em paisagens devastadas. A comunicação convida, assim, a pensar com os povos da floresta modos de nutrir a Terra por meio de teias de cuidado capazes de regenerar a vida no tempo das catástrofes.

A cura e a luta: lutas indígenas e reimaginação política

Andressa Lewandowski (UNILAB), Julia Otero dos Santos (UFPA), Marcela Stockler Coelho de Souza (UNB)

Nesta comunicação, tentaremos conectar, exploratoriamente, algumas experiências etnográficas a partir de duas ideias que têm circulado em discursos contemporâneos: 1) diante do ecocídio, a Cura, incidindo sobre a ideia de cuidado, importante no debate sobre a catástrofe ecológica e a reinvenção dos comuns. O fraseamento indígena em termos de cura da terra insiste

na continuidade entre territórios e corpos, e nas dimensões física e metafísica da destruição. Nossa hipótese é de que as formas de "cuidado" são parte integral de uma socialidade em que habitabilidade e contra-hierarquia sustentam-se mutuamente: uma política do parentesco e da consideração. b) Diante do genocídio, a Fuga, onde encontramos, primeiro, o tema da mobilidade e do deslocamento como ação política, como modo de constituição de lugares e mundos capaz de fugir à heteronomia do "contato"; segundo, a noção de resistência, que queremos tensionar a a partir da alternância característica da política indígena entre o utilizar-se e o exceder dos dispositivos institucionais e jurídicos garantidores de direitos, da recusa permanente da determinação heteronômica da sua socialidade pela cidadania. Nosso objetivo último é, desta maneira, submeter certas imagens (re)correntes da política à pressão da política indígena de modo a renovar problemas descritivos, analíticos e epistêmicos insistentes na abordagem antropológica.

Sessão 02 - ST 35: Terra viva, terra livre: retomadas, movimentos e alianças contracoloniais no tempo das catástrofes - Arte contracolonial, imaginação política e memória

Coordenador/a: Sueli Maxakali

Debatedor/a: Roberto Romero Ribeiro Junior

A imaginação política como arma artística

Gustavo Henrique Torrezan (UFMG)

A pesquisa analisa a intersecção entre prática artística e resistência quilombola por meio do trabalho Ontem hojesempre Mamuna, realizado em parceria entre o artista-pesquisador e a líder quilombola Nildilene Diniz da Silva, a Pichuíta. A obra foi desenvolvida durante uma residência artística no Maranhão, articulando espaços independentes de arte e comunidades quilombolas em conflito com a Aeronáutica Brasileira. A proposta central do trabalho é explorar a "imaginação política" como estratégia de subjetivação e luta territorial, materializada na criação simbólica de um "Estado Quilombola de Alcântara" por meio do lançamento de uma satélite-estrela à estratosfera através de um balão metereológico. O gesto, carregado de simbolismo, figura como colocar uma nova estrela no espaço, estas que representam os Estados nacionais na bandeira

brasileira. Com isso, colaborar subjetivamente na resistência ressignificar tecnologias e discursos do opressor. A produção do trabalho incorpora práticas quilombolas, como a relação política com os encantados, e as cosmopolíticas que compreendem o território como unidade indissociável de espaço-tempo, orientada por relações mais-que-humanas. A repercussão da obra, integrada ao acervo do MASP, reforça a potência da arte como aliada tática e simbólica na luta por justiça territorial e epistemológica sendo uma ferramenta contra-colonial que soma para conquistas concretas, como a oficialização da posse de terras aos quilombolas de Alcântara.

Nós complexos terrestres: alianças incomuns no Antropoceno

Alyne de Castro Costa (PUC-RIO)

Partindo da ideia de que a política ontológica é uma questão de compromisso com e para um mundo de muitos mundos, o que entendo como uma aposta especulativa na mutualidade e na interdependência, pretendo explorar as possíveis consequências cosmopolíticas de levar a sério o modo como povos indígenas e tradicionais, mas também coalizões populares em prol da Terra, se apropriam e subvertem os modos de vida e de conhecimento impostos pelo chamado "Ocidente". Isso resulta em composições de um "nós complexo", como propõe Marisol de la Cadena, capaz de afetar o modo como concebemos a relação entre "nós" e "eles" e de abrir espaço para alianças inauditas. Talvez pudéssemos chamar esses experimentos de “composições do (in)comum”. Para isso, invocarei três intercessores: o líder quilombola Nêgo Bispo, o antropólogo tukano João Paulo Lima Barreto e Mestre Joelson, da Teia dos Povos, uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas de todo o Brasil.

Aldear a Política: Acampamento Terra Livre e movimento indígena

Gabriel Hardt Gomes (USP)

O Acampamento Terra Livre (ATL) é atualmente a maior mobilização do movimento indígena brasileiro. Sendo realizado uma vez ao ano, o evento completou em 2024 duas décadas de existência e contou com a presença de mais de 8 mil participantes e de duas centenas de povos.

Entendendo o movimento indígena brasileiro como aquele que articula as diferentes ações e estratégias locais, regionais e nacionais dos povos indígenas (Baniwa, G. 2007, p. 128), esse trabalho busca desenvolver, a partir da etnografia dos ATLs de 2024 e 2025, a hipótese da

importância do evento para a aliança entre os povos originários na luta pelos seus direitos e na construção de um grande "nós, povos indígenas" (Gibram, 2021).

Em especial, o trabalho busca seguir as pistas de Gibram (2021), destacando os aspectos do acampamento como uma festa, onde se come junto, festeja, há anfitriões e trocas, e como uma grande assembleia indígena.

Baobáxia: apropriação tecnológica e construção de memória na Rede Mocambos

Rafael Gonçalves (Unicamp), Antônio Carlos dos Santos Silva (Casa de Cultura Tainã), Larissa Medeiros de Andrade (UFRJ), Vincenzo Tozzi (UFRJ)

O Baobáxia (BBX) é um acervo multimídia e descentralizado criado e mantido pelo Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento Digital da Rede Mocambos e utilizado por diferentes comunidades indígenas e quilombolas do Brasil. O objetivo deste trabalho é fazer uma apresentação do BBX de uma perspectiva sociotécnica, tendo em vista sua construção no encontro de ativistas da cultura digital e da luta afro-indígena, e com ênfase nos processos de apropriação tecnológica e criação de memória nas comunidades. O nome "Baobáxia" aglutina as palavras "Baobá", árvore africana que representa a memória coletiva, e "galáxia", remetendo ao universo do sonho, da busca por novos futuros possíveis. Visando ser uma galáxia de memórias, o BBX estende práticas ancestrais de comunicação e compartilhamento, como o tambor, para tecnologias digitais contemporâneas. Tais práticas são reforçadas pela presença física de data centers em territórios como a Casa de Cultura Tainã (em Campinas) e a aldeia Wede'Rã (terra indígena Pimentel Barbosa), criando uma rede digital descentralizada e de acesso eventual à internet que mobiliza os membros da comunidade a participarem dos processos de construção tecnológica. O BBX é fruto de uma aliança entre quilombolas, indígenas e ativistas da cultura digital engajados na criação de tecnologias não apenas de resistência às violências coloniais e capitalistas, mas principalmente que vislumbrem a criação de mundos alternativos, que sejam, eles próprios, "mais do nosso jeito".



O que contam os caminhos das águas? Pensando a partir de experiências artístico-pedagógicas entre México e Brasil

Alice de Lima Nin Ferreira (Universidad Nacional Autónoma de México)

Frente a renovada ofensiva extrativista por Abya Yala, este trabalho parte da criação coletiva de um material artístico-pedagógico chamado “Cartas D'água”, uma experiência política, artística e pedagógica realizada entre México e Brasil. A partir dessa experiência se elabora a importância de dar-se conta da interdependência ecológica, em especial a interdependência com corpos de água, para retomar a autodeterminação dos povos e a construção da vida em comum.

Por isso pedagogias de retomada, por sua capacidade de reproduzir a vida comum, em oposição a lógica de valor capitalista, percorrendo diferentes escalas e caminhos de interdependência entre seres humanos e mais-que-humanos. As Cartas D'água, por tanto, nos contam sobre essas pedagogias reconstrutoras, seus caminhos e relações, situados, particulares, diferentes (e antagônicos) a aqueles propostos pelo capital. Mas também nos contam, a partir das águas, sobre como o capitalismo reorganiza a trama de interdependência, tentando sua relação ontológica com a reprodução da vida na terra.

Se é certo que tornar vulnerável o pensamento é uma condição para a aprendizagem, só aprendemos, e ensinamos, quando nos tornamos vulneráveis juntos, conectando nossas práticas buscadoras, fazendo da educação e da pedagogia lugares que cultivam sensibilidades e linguagens comuns. Ponto de partida para “poner el pensamiento en estado de rebelión” (Silvia Cusicanqui), quer dizer, ponto de partida para “caminhar perguntando” (EZLN).

Retomada da imagem: Poéticas e políticas de uma arqueologia visual indígena

Leonardo Nascimento da Silva (Museu Nacional)

“O que falaram de nós? O que falamos por nós? Que imagens de nós?” Essas são questões presentes em uma das telas expostas em “Retomada da imagem“, projeto de pesquisa, documentação e criação artística realizado pelo Museu Paranaense, entre junho de 2021 e janeiro de 2022. Com coordenação dos artistas indígenas Denilson Baniwa e Gustavo Caboco, a mostra surgiu da vontade do museu de revisar seu próprio acervo etnográfico. Assim, ao empregar a ideia de “retomada", esta pesquisa busca compreender a produção de sentido por meio das imagens,

uma vez que as artes visuais são, atualmente, ferramentas fundamentais para os indígenas expressarem suas demandas por terra, território e bem viver; e, sobretudo, para demarcarem subjetividades e concepções políticas contra o Estado e contra toda forma de monocultura. Nos últimos anos, a ideia de "retomada dos arquivos" — no sentido polissêmico de ambos os termos — tem-me inspirado como uma importante metodologia de trabalho para refletir sobre a produção de artistas e coletivos indígenas. Se os povos tradicionais têm proposto a constituição de alianças que nos ajudem a sair do estado trágico em que nos encontramos, pretendo, a partir do acompanhamento da trajetória de artistas indígenas, assim como da pesquisa em museus de arte e ciência, refletir sobre as noções de "imagem" e "imaginário" como formas de conhecimento capazes de contribuir para a elaboração de uma nova imaginação antropológica.

Sessão 03 - ST 35: Terra viva, terra livre: retomadas, movimentos e alianças contracoloniais no tempo das catástrofes - Pedagogias contracoloniais

Coordenador/a: Ana Paula Massadar Morel (UFF)
Debatedor/a: Joelson Ferreira de Oliveira

Pedagogias insurgentes no contexto das retomadas de terra e território

Priscila Fazio Rabelo (UFPB)

Este trabalho busca compartilhar algumas práticas pedagógicas insurgentes a partir da perspectiva tecida por mestras e mestres no contexto de retomadas de terra e território. Por meio de uma abordagem antiespecista, busco também destacar outros seres além do humano na tessitura dessas práticas demonstrando como as alianças interespécies têm sido fundamentais na construção da autonomia pedagógica dos povos contracoloniais.

Se, por um lado, estamos diante de um contexto marcado pela violência propagada por um habitar colonial, escravagista, ecocida, cosmofóbico e pela precariedade global (Ferdinand, 2022; dos Santos, 2023; Tsing, 2021), por outro lado, também estamos diante de um contexto marcado pelas retomadas de terras e territórios (Ferreira e Felicio, 2021; Andrade, 2021). Essas retomadas, para além da terra, acontecem nos sonhos, nas relações ancestrais, nos modos como aprendemos

e ensinamos e como rememoramos ou concebemos tempo e espaço (Martins, 2021). Como nos lembra o mestre Nêgo Bispo, práticas educativas tecidas por pedagogias insurgentes de povos afro-indígena têm desde o início da colonização, contribuído para preservação de um modo de vida e um saber orgânico, biointerativo e confluente. No atual contexto neocolonialista, essas práticas pedagógicas têm sido fundamentais na criação e preservação de refúgios de habitabilidade de uma pluralidade de seres. Essas práticas são tecidas a partir de uma aliança cosmológica com seres não-humanos e mais-que-humanos.

Teia dos Povos, cacao cabruca y la disputa de la narrativa

Nahikari Santano Urkidi (UNICAMP)

En una época llena de discursos sobre el fin del mundo, se convierte en estratégico traer al frente narrativas que nos hablen de resistencias y de otros posibles futuros. En este marco se inserta el proyecto de reforestación de 400.000 hectáreas del sur de Bahía con cacao cabruca y Sistemas Agroforestales liderado por la Teia dos Povos. La expansión de este proyecto nos ayuda a pensar sobre la construcción de otros mundos posibles, sobre la no escalabilidad, la necesidad de diversidad y la premura de hacer otro tipo de ciencia. A medida que el fascismo ofrece una posibilidad de mundo realista, aceptando que el 'bienestar social' no va a ser para todo el mundo, urge fortalecer narrativas colectivas que sean tan atractivas y realistas.

Florestania e Futuro Ancestral: geopolítica contracolonial em tempos de catástrofes

Othon Pantoja Oliveira de Azevedo (UFRJ), Mariana Carraca Pinto da Costa (UFRJ)

Em um cenário marcado por múltiplas catástrofes (climáticas, políticas e ontológicas), este trabalho propõe refletir sobre a florestania como expressão de uma política contracolonial. Inspirada por práticas como as de Chico Mendes e por movimentos contemporâneos de comunidades tradicionais, a florestania articula territórios e saberes entre campo, floresta e cidade, promovendo alianças insurgentes contra a devastação promovida pelo "povo da mercadoria". A crise climática, entendida aqui como herança e continuidade da colonialidade, evidencia a necessidade de uma geopolítica da diferença enraizada no Sul Global, mas também de uma virada contracolonial mais radical e relacional. A noção de metacidadania ecológica e o conceito de

futuro ancestral, presente nas cosmologias de Krenak e Kopenawa, ampliam o horizonte político da resistência territorial e epistêmica. A arte indígena contemporânea — como nos trabalhos de Daiara Tukano — é aqui considerada não apenas como expressão estética, mas como cosmopolítica da florestania. Ao propor a indigenização e aquilombamento das cidades, busca-se ativar práticas territoriais que reencantem o mundo e multiplicam refúgios. Esta reflexão busca contribuir com o debate sobre como viver e resistir no tempo das catástrofes por meio de alianças entre humanos e mais-que-humanos (para além de Natureza e Cultura), ancestralidade e futuro, floresta e cidade.

Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I: a vivência de uma educadora construindo possibilidades de práticas educativas anticoloniais em duas escolas de diferentes territórios

Érica Aragão Menezes (UFF)

O presente trabalho versará sobre práticas educativas anticoloniais, em duas escolas de classes populares, uma de Japeri e outra da capital do Rio de Janeiro, através da metodologia Sociologia da Imagem, de Cusicanqui (2021), utilizando como recurso fotografias, curta-metragem, documentário e música, para apresentar os povos indígenas por uma visão não fantasiosa e estereotipada e propor interpretações e narrativas sociais que permitam às crianças descobrirem sentidos não censurados pela língua oficial. Com o objetivo de apresentar a escola, enquanto território em disputa de práticas de retomada a partir de outras perspectivas, que não a do colonizador, em que o Brasil apareça, enquanto um país formado por vários povos, que, ainda hoje, lutam pelo direito a terem suas culturas, línguas e modos de vida não só respeitados, mas, também, "viver como irmãos de todos", conforme, a Comunidade da Área Indígena Ocoi (1986), apoiados na metodologia (auto)biográfica, de Bragança (2018), a pesquisa concluirá, como a construção de uma exposição fotográfica de pessoas indígenas, de diversas etnias e em diferentes espaços da sociedade, na Escola Municipal de Educação Infantil José Severino de Souza, e, as práticas, através de música e curta-metragem de Kaê Guajajara, de fotografias e de documentário a partir do tema formação do povo brasileiro realizadas em turma de 4º ano da Escola Municipal Presidente João Goulart, ofereceram perspectivas de compreensão crítica da realidade às crianças.



Nova História: a produção artística e acadêmica Baniwa e a construção de uma ciência contra-colonial

Gabriele Ulrike Heuberger (UFSCAR)

Desde a invasão portuguesa ao atual território brasileiro o Estado se mostra comprometido com o terricídio e o cosmocídio das populações indígenas, compromisso esse evidenciado pelas constantes iniciativas governamentais interessadas em minar as garantias constitucionais dessas populações, tais como a tese do Marco Temporal, que mantém e atualiza a mentalidade colonial em relação aos direitos territoriais indígenas. A História Tradicional, em colaboração com o Estado, resume a trajetória histórica das populações indígenas do Brasil à dominação imposta pelo processo colonial, sustenta uma política de marginalização dessas populações, além de perpetuar uma racionalidade colonial que considera essas sociedades inferiores e incompatíveis com a lógica moderna ocidental. Desde a década de 1970 as populações indígenas Baniwa, aliadas a outras etnias indígenas localizadas no alto Rio Negro, no estado do Amazonas, se articulam a favor de seus direitos e da sobrevivência de seus princípios cosmológicos. Surgem então intelectuais, pesquisadores e artistas Baniwa importantes para o movimento indígena emergente. A atual pesquisa, em estágio preliminar de desenvolvimento, tem como objetivo a análise êmica das produções intelectuais e artísticas contemporâneas de autores Baniwa, como Denilson Baniwa entre outros, buscando identificar diferentes formas de discursos decoloniais e subversivos que possibilitam uma reavaliação crítica da história eurocêntrica tradicional.

Territórios em disputas: retomadas e conservação da biodiversidade na Mata Atlântica no Sul da Bahia.

Laila Thomaz Sandroni (UNB)

Este trabalho tem como objetivo comparar dois conjuntos diferentes de soluções sobre os melhores caminhos para a conservação da biodiversidade presentes em um território específico da Mata Atlântica brasileira, no sul da Bahia. Analisamos especificamente três instâncias administrativas interconectadas: a Terra Indígena Tupinambá de Olivença, a Reserva Biológica de Una e o Refúgio de Vida Silvestre de Una. Mostramos que diferentes perspectivas sobre o que significa preservar a natureza se destacam nesse território. Estas estão entrelaçadas com relações de poder que destacam a desigualdade na legitimidade de diferentes grupos na tomada de decisões

para a governança ambiental. Mapeamos as causas e soluções para a degradação da biodiversidade propostas por duas narrativas contrastantes: a perspetiva indígena baseada nas retomadas e o ambientalismo institucionalizado de base científica ocidental desenvolvido por agências estatais e organizações não-governamentais que trabalham com projetos de conservação na região. Esperamos equalizar essas perspectivas contrastantes que são comumente vistas em termos hierárquicos. Concluímos defendendo a gestão de combinações de diversos conjuntos de conhecimentos e o pluralismo nos esforços de conservação que levam em conta as relações de poder subjacentes.